Printed by BookCrafters,
P.O.Box 613
Chelsea,Michigan,48118
USA

Published by the Author.

All correspondence must be addressed to:

H.SALVADOR
"The Hedges"
4901 Lawndale Drive 320
Greensboro, NC, 27455-1905
USA

DIREITOS DE REPRODUÇÃO (Copirraite)

Reprodução deste livro ou parte dele, é proibida , salvo se autorizada por escrito, pelo Autor. Reprodução em Portugal e no Brasil poderá ser autorizada, por escrito, pelo Autor,isenta de honorários e direitos.

OBSERVAÇÕES

1. Alguns vocábulos de línguas estrangeiras foram indevidamente acentuados, para ajudar o leitor não conhecedor de tais línguas, na correta pronúncia.

2. Alguns acentos da nossa língua foram apostos manualmente, dado que a língua inglesa (felizmente!) é desprovida de acentos, e assim são seus instrumentos tipográficos.

3. Também devido a problemas tipográficos, a separação de vocábulos nos fins de linha nem sempre é correta.

4. A acentuação dos vocábulos pode ser imperfeita, pois em tantos casos não há concordância de opinião sobre a matéria, nem mesmo entre seus expertos.

5. Malgrado todas as revisões do texto, erros puramente tipográficos podem ter fugido à atenção e não foram corrigidos.

ACERCA DO AUTOR

Hélio Salvador nasce em S.Paulo, no sudeste do Brasil, em 22 de julho de 1928. Neto de imigrantes pobres, vindos da Emília-Romagna - Região(Estado) do norte da Itália - chegados ao Brasil no fim do século XIX.

. Com doze anos incompletos, em 1940, inicia a trabalhar. À noite, estuda no "Ateneu Graça Aranha", diplomando-se Contador. Em 1943, com quinze anos, faz sua primeira "grande viagem", indo de trem, sozinho, a várias cidades do Estado do Rio Grande do Sul, onde permanece três semanas e tem "confirmada sua vocação pelas viagens".

Nos anos imediatamente seguintes à II Grande Guerra, freqüenta o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva do Exército(CPOR). De 1947 a '56, atraido pela música clássica, estuda piano, harmonia e composição com o maestro Nagib de Assiz. Durante o mesmo período trabalha em Bancos e ganha experiência em certos aspectos da atividade; o que terá relevante importância na procura dos seus meios de subsistência no exterior.

Em maio de 1958 deixa o Brasil, e pelos sucessivos trinta e cinco anos, visita mais de cinqüenta países, em alguns deles também trabalhando.

Finalmente, encontra um merecido repouso no sossego de uma pequena cidade do Estado norte-americano da Carolina do Norte.

Os cinqüenta capítulos destas "Notas" lembram observações e experiências feitas durante suas viagens.

SUMÁRIO

Capítulo		Página
	Prefácio	19
I	Zhong-Guò; objetivo e filosofia da viagem à Europa em 1958; incerto e desconhecido; "Conte Biancamano";Missionário Salesiano; chegada em Lisboa.	35
II	Volta da Terra; Emile Zolá; Wolfgang Goethe; sonhos; música clássica; temperança.	44
III	Ciro e Dario; Pérsia; mercenarismo; Machiavelli; influência dos artistas gregos.	49
IV	Países e cidades; característica dos povos; rios célebres.	53
V	Marselha; tavernas; Legião Estrangeira;Richard Pocke; Vale dos Reis;Howard Carter; Lamarck.	58
VI	Novo Egito; Segmund Freud; visão das Pirâmides; Lago Nasser; navegação no Nilo ; Backchish; Lex Iulia Municipalis;trânsito em El-Qahíra; Cidade dos Mortos.	63
VII	Conquistadores do Antigo Egito; Iksandariyah; Alexandre Magno; "Escola de Alexandria"; Inquisição; especializações.	72
VIII	Museu das Antiguidades do Cairo; Tutankhamen; múmias; Ramsés II e Tutmósis III; Dinastias; mitologia egípcia; desenho mental das Épocas e da História; reconstrução dos anos e datas; calendários; Akhnaton e Ankhsen; túmulos egípcios; Rosetta; Daoud El-Pashá; "apko"; Museus egípcios de Berlin e Turin.	77
IX	Berlin; Hitler e Stalin; Humanismo;crueldade na antiguidade; Machiavelli; Fernando e Isabel de Espanha; Granzotto; Voltaire; Viena; Beethoven; Albert Speer;depressão econômica dos anos '20/30; Simon Wiesental.	109
X	Espanha; Andaluzia; Francisco Franco; pensão em Madrid; estação de Atocha; touradas; Lourdes; castelo medieval; Bordeaux.	124
XI	Paris; embaixada do Brasil; patrícios e plebeus; Pigalle; Azevedo de Assunção;via	

Capítulo

gem ao leste europeu; o hebreu de Wanisa; comércio de perfumes; Bancos suíços; Les Halles; Diáspora; guetos; la Seine; rue de Baunne. 131

XII Consulado URSS; Les Invalides; túmulo de Bonaparte; turistas em Paris; DDR; Berlin; monomento soviético; Madame G.; "caffoni". 146

XIII Polônia; "kielbassa"; Copernicus; Chopin; Karol Woytila ; URSS; Nastia V.; servos das glebas; Dostoevsky; Bolchoi; Kremlin; convento Aleksandr Nevsky; moradias em Moscou; antiga Nizni Novgorod; Leningrad; Ermitage; Kiev; Odessa e Yalta; Palácio Livadía. 158

XIV Praga; Franz Kafka; pensões em Praga e Budapest; tabernas; Áustria. 179

XV Velhos "relatórios": Ucrânia, Grécia, New York, Cedar Springs, Cumboto, Messejana ; Rosa de Maia. 183

XVI Música clássica; compositores. 194

XVII Primeira viagem à Inglaterra; invasões da antiga Roma; trabalho em restaurantes; vida em Londres. 203

XVIII Dundee, na Escócia; "casa fantasma"; Hotel Invercarse; "imagem" do Brasil; família da média burguesia; Sir Basil Roderick. 215

XIX "República Popular de Mukambebe". 230

XX Itália; Giulia Cacciari-Bortesi; "pré-história"; viagens na antiguidade; Cruzadas; Catarina de Medicis; lembranças da infância e adolescência; primeira viagem à Itália. 236

XXI Bologna; "maffia", "camorra" e "nhânghetta"; classificação dos países europeus; turismo na Itália. 270

XXII Liverpool; grandes transatlânticos; "Hubert"; volta ao Brasil; aprendendo uma nova profissão; cartografia e orientamento marítimo; YMCA; ilhas no Mar das Caraíbas; Belém do Pará. 285

XXIII Segunda partida do Brasil; no interior do Amazonas; Iquitos, no Peru; "Valiente"; tempestade em alto mar; primeira chegada nos Estados Unidos. 301

Capítulo — Página

XXIV Berlin; "relatórios" dos anos '60. 308

XXV Antiga Grécia; filósofos. 315

XXVI Europa; inverno, espaço e fartura. 331

XXVII Estados Unidos da América; Colombo, Cabral e Vespucci; adenda com sugestões a novos imigrantes. 341

XXVIII Holocausto. 395

XXIX Abril em Chicago, New York e Londres. 405

XXX Louises e Habsburgs; Palácio de Versalhes; Maria Antonieta; Madame du Barry; Revolução Francesa; Palácio de Schönbrunn; Joseph Ignace Guillotin; Napoleão. 415

XXXI Guatemala; seringueiras; Panamá; Cacique Carujaro; México. 441

XXXII Viena. 450

XXXIII S.Luís do Maranhão; África do Norte; Tunísia; mundo Islamítico; predestinação e fatalismo; Sahara; Casbah. 455

XXXIV Hotéis. 483

XXXV Segunda viagem à URSS. 499

XXXVI Renascença: a Igreja do seu tempo; Protestantismo. 509

XXXVII Índia; Nepal; línguas antigas ; cremações ao ar livre; Taj Mahal; Gandhi; Rio Ganges; animais; cores. 529

XXXVIII Viagem com a família P. 559

XXXIX Greensboro, North Carolina, USA. 573

XL China; Darwin; "Beagle"; teoria da evolução através da seleção natural; formação dos países; Tratado dos Portos; Gengis e Kubiai Khan; Confucius; Mandarins. 577

XLI China; antigos e modernos valores em confronto; ginástica nas ruas; trens chineses; Partido Comunista Chinês; população chinesa; uniformes militares; Marco Polo; aldeia agrícola; "Gong An"; restaurante em Beijing. 588

XLII Pekim; Grande Muralha; "Pasteurela Pestis"; nomes na China; Guilin; homem Giganpotéticus; cozinha chinesa. 605

XLIII Zhong Guò; vida econômica do povo. 619

XLIV Hong Kong; Macau. 625

XLV "Apartheid", segregação, racismo. 631

XLVI Tailândia. 641

Capítulo		Página
XLVII	Japão; Tokio; "gueichas";hotéis,"ryokans" e "cápsulas";modernos Kamikases;Templo de Shinko-In.	645
XLVIII	Alaska; Sibéria;terceira viagem à Rússia.	662
XLIX	Seriedade no Brasil.	685
L	65 anos; memórias.	690
	Cidades e países visitados.	703
	Composições célebres.	708
	Filogenia do Homem.	713

PREFÁCIO

Estas "Notas" são endereçadas aos jovens.
Nelas eles encontrarão simples referências a um pouco
de tudo. História, aventuras, costumes, viagens, reli -
giões, economia, curiosidades, filologia, artes, estóri-
as, filosofia, literatura, ciências, arquitetura...e tam
bém, algumas das misérias e riquezas deste nosso pequeno
mundo. Não necessariamente e não em todos os casos,dis-
postas sob separados capítulos, ou na ordem progressiva
das minhas viagens. Mas propositadamente dissipadas por
todo o livro,e aparentemente sem conexão entre elas; dei
xando ao leitor - provocado numa série de ocasiões - a
tarefa de espremer a essência da mensagem que tento dei-
xar.

Nada há de comercial na publicação deste livro.
Meu intento ao escrevê-lo, não foi outro que aquele de
registrar observações, idéias,impressões e experiências.
Algumas das quais ligadas a fatos históricos, ou a fatos
pessoais que precederam estes trinta e cinco anos de via
gens; mas de uma maneira ou outra, parte da mesma experi
ência.

No acima citado intervalo,muito foi superado pela His-
tória. Aquele processo maravilhoso, jamais interrompi -
do, do qual cada um de nós - pequeno, grande, rico ou
pobre -, participa desde a mais remota das Eras.
O muro de Berlin. A primeira viagem do homem à Lua e
as duas naves espaciais "Voyager",explorando o nosso sis
tema planetário e perdendo-se no infinito. A existência
das duas Alemanhas. A transformação política na União
Soviética, seguida da extinção desta e da criação,no seu
território, de Estados independentes. O início do fim
da segregação racial na África do Sul. O despertar da
consciência ecológica. A intensificação do terrorismo po
lítico. O movimento estudantil e das classes menos favo-
recidas, na Europa, em 1968. O aparecer de uma nova e
mortal moléstia no homem(Aids). A ditadura no Brasil. A
sucessão dos Papas; cinco deles, cada um com a própria
filosofia na direção dos destinos da Igreja. A prolifera
ção do uso das drogas; no passado "privilégio" de pou -

cos. A vulgarização do homem no pensar, no vestir-se, no "politicar", no sexo, nas atitudes e comportamentos; nas escolas e universidades, e na riqueza; estendendo a muitas oportunidades e decretando uma pausa na divisão das classes, e talvez dos seculares tabus. A desintegração da família do seu modelo tradicional,principalmente nos países desenvolvidos do ocidente. O fim do autoritarismo como meio de impor idéias, regulamentos e leis. O despertar dos direitos , das regalias e do submerso poder político nos países produtores de petróleo. O nascer do "novo" Japão e da "nova" Alemanha, como potências economicas de primeira grandeza, e sob certos aspectos passando de vencidos a vencedores do último conflito mundial.

São todos exemplos de fatos existentes ou ocorridos durante estes trinta e cinco anos. Nestas "Notas",todavia, o leitor encontrará muitas observações como originalmente escritas. Eventualmente não mais representando a realidade do presente.

•

Várias da páginas que seguem este Prefácio foram rascunhadas em diferentes partes do mundo, em épocas diversas e sob as mais variadas circunstâncias. No convés de um navio, dentro de um vagão ferroviário,na praça de uma cidade, no quarto de um hotel, dentro de um avião, na cadeira de uma praia, nas casas e pensões onde morei. Dentro de um taxi, nos restaurantes, nos locais onde trabalhei, nos "shopping centers", nos intervalos de concertos. Nos salões de museus e bibliotecas, nas arquibancadas de estádios,nas salas de espera de médicos e hospitais, nos intervalos de reuniões de negócio, nos prados e jardins.

Acontecia que somente uma palavra fosse anotada, a fim que me fizesse lembrar de um fato, talvez corriqueiro e sem importância, mas que dizia alguma coisa do homem e das coisas que o circunda.

Somente um inveterado observador poderia passar trinta e cinco anos, como um moderno andarilho,nesse longo e às vezes tortuoso processo ! Sem bolsas de estudo, sem empregos públicos, sem viagens pagas pelo nosso Governo ou por entidades a ele ligadas. Sem a proteção ou favores de outros. Sem o auxílio de familiares. Em países estra-

nhos, e nos primeiros anos desta minha longa aventura, com os bolsos vazios, seriamente preocupado de como pagar a próxima refeição - ou de filosoficamente passar sem ela ! -, ou de como pagar o abrigo da noite que não demoraria a chegar. Unicamente movido por uma irresistível ânsia de conhecer o novo, e de fazer face ao incerto e ao desconhecido. Em suma, um eterno curioso, procurando "descobrir", através de um processo pouco ortodoxo, e fora do seu nativo ambiente, alguns dos mistérios da vida. Que são muitos e na sua maioria insondáveis, pois assim é a natureza do ser humano e das coisas que o circunda.

E malgrado aquilo que possa ter sido o esforço, o prazer da curiosidade, a disposição instintiva e intelectual; assim como a natural tendência à observação e a leitura dos livros, terminamos nossos dias sabendo infinitamente pouco. Tal é a complexidade dos problemas e do inteiro processo. Como se analisando uma simples gota d'água do oceano, tivéssemos a pretensão de conhecê-lo na sua imensidade.

Foi ao ser humano - principalmente ao chamado "homem da rua" -, a quem dirigi minha curiosidade. E através dele, procurar compreender aquilo que o circunda. Pouco ortodoxo, anacrônico e estranho método ! , pois a tendência generalizada é justamente a oposta.

Lembro-me de ocasiões na Europa dos meus primeiros anos, quando me fiz passar por cego, ou surdo-mudo, para sentir como um meu semelhante, naquele continente,reagia diante destas calamidades. Ou misturando-me aos "charlies" nos parques de Londres, ou aos "clochards" sob as pontes do rio Sena, ou aos "barboni" nas cidades italianas, ou aos semi-índios da América Central, para ouvir estórias e dramas daqueles que as "leis" da sociedade isolam e ignoram.

Mas não foi somente dele, como indivíduo, que a minha curiosidade ocupou-se. Quanto vi e observei nos cinqüenta e tantos países visitados ! Quanta riqueza e quanta miséria material e espiritual ! Quantos grupos de todos os extratos sociais que nascem e desaparecem, naquele imenso caldeirão onde fervem ilusões, lutas, remorsos,ambições, projetos, objetivos, intrigas,amor e esperanças! Na grande maioria dos casos, terminando a vida sem tê-la verdadeiramente conhecida. Apenas como parte de um universal processo biológico, e nada mais além disso. Ignorando o curioso mundo que os circunda, com as suas belezas naturais, com as suas artes, com a sua complexa His-

tória, e com a sua profunda filosofia. Esta,às vezes simplesmente concentrada numa sinfonia ou numa flor.
Cito um dos grandes do passado, pois são palavras de intenso e profundo significado, e que certamente dizem mais que uma simples mente especulativa como a minha, poderia jamais dizer. Foram ditas nos dias que precederam sua morte:

> "Não sei o que outros pensarão, mas a mim parece ter sido somente um menino que brincou na areia de uma praia, e de tanto em tanto divertiu-se descobrindo conchas um pouco diferentes de outras; enquanto o grande oceano da verdade, todo ainda ignorado, estava diante de mim".

Sir Isaac Newton (1642-1727)

Mas pergunto: quanto realmente conhecemos do mundo externo, isto é, daquele mundo que está além do nosso próprio corpo e da nossa própria mente...arrogantemente assumindo que destes conhecemos alguma coisa ?
A resposta poderia ser: conhecemos somente aquilo que indicam nossos sentidos. Aquilo que não sabemos, porém , é se estes nos revelam realmente tudo. Um mistério que o homem talvez terá dificuldade em resolver !
Mas será este um mistério absoluto ?
Na longa história do ser humano e das coisas que o circunda, o homem foi sempre "vítima" da ilusão, da propensão...e tantas vezes da arrogância, de pensar que a descoberta do novo, nos campos da política, da vida social, artística, psíquica, ética, científica e religiosa, não pudesse ser ultrapassada. Todas as divisões cronológicas da História foram sempre aproximativas. Às vezes puramente convencionais. Somente estágios sucessivos de um processo ultra-secular. A história dos antigos povos da Mesopotâmia(Assírios e Babilônios)dá coesão ao pensamento filosófico grego. Este renasce, modifica-se e adapta-se àquele da Roma dos Césares e da Bizâncio dos Basileus, sofrendo similar transformação durante a escuridão da Idade Média !
Igualmente nos séculos da Renascença e do Humanismo, e destes ao período das especializações, passando por aquele grande episódio da História que foi a Revolução Francesa(1789-1799). A revolução industrial do fim do

século XVIII ao fim do seguinte, pensa também ter revelado o novo. Também o novo das revoluções proletárias e do fascismo, nas suas respectivas e diversas formas, prepotente e ilusioriamente indicando o "fim do processo".
Sob o aspecto filosófico dessas pseudo-divisões, o homem estabelece **limites**, os quais, àqueles contemporâneos a cada um daqueles "passos", parecem inexpuguináveis.Talvez esquecendo-se que a mais natural das necessidades espirituais da espécie humana,é aquela de continuamente liberar-se da ignorância. Da sua própria, da natureza desta e das coisas e fatos que a circunda.
Ligada à ilimitada e inarredável capacidade do homem - e consequentemente à ilimitada "descoberta do novo" - está também a sua contínua "evolução através da seleção natural". Continuamos lendo que o homem-de-hoje (Homo Sapienz-Sapienz) chegou ao "**limite**" da sua evolução ! Mais uma vez iludidos que tal condição seja "definitiva"e não possa ser evoluida ou ultrapassada. Esquecendo-se, também, que assim talvez pensaram aqueles das fases anteriores da mesma evolução,e assim possivelmente pensarão nossos sucessores, mesmo se o homem-futuro poderá,ele mesmo, "governar" sua própria evolução.(Ver "Filogenia", no final deste livro).

•

Postulado universalmente reconhecido,é aquele que o homem aprende daquele que o antecedeu, ou que vive contemporaneamente a ele, o qual também aprende dos seus antecessores ou dos seus próprios contemporâneos. Mesmo as mais audaciosas e temerárias descobertas,em todos os campos da vida humana ou cósmica, têm raizes no passado.Daí a importância da História na bagagem espiritual e cognoscitiva dos jovens !
O descobrimento de "alguma coisa" é um misto de "instinto" e de "método", baseado em precedentes experiências, o que, a rigor, significa ainda História. E não existem exceções a esta regra, assim como não existem **limites** à descoberta do novo. Em suma,o homem herdou,e continua herdando, um remoto método de pensar. e somente estendendo o conhecimento previamente adquirido(e é ainda a História, na sua mais ampla interpretação.que a ele dá essa faculdade !), pode e poderá construir o novo.

Podemos, porém, ter presente que a descoberta do novo não deve necessariamente ter a ver com fatos ligados à ciência ou ao mundo cósmico. O novo está perenemente presente em fatos comuns e corriqueiros da vida. Simples e insignificantes como os exemplos que dou em seguida.

Uma das mais preciosas, espetaculares e famosas heranças arqueológicas da antiguidade - mesmo se pouco agradável ao olfato ! -,é a "Cloaca Massima"(sic),ainda parcialmente em uso na Roma dos nossos dias. Trata-se da rede subterrânea de esgotos construida no tempo dos Tarquinios, portanto velha de 2.500 anos. O mais famoso daqueles reis de Roma - cinco séculos antes do nascimento de Cristo e da Roma Republicana e depois Imperial - foi Lucius Tarquinius Superbus(534-510 A.C.). A "Cloaca Massima" liga ainda a área das principais ruínas romanas,onde o centro da antiga Roma estava situado - hoje dentro do triângulo formado pelo Anfiteatro Flavius (conhecido como Coliseu), a "Domus Aurea"(sic) (ruínas do palácio de Nero), e a atual"Piazza Venezia" - com o centro"moderno" da cidade.

A "Cloaca" é uma das tantas bizarrias arqueológicas!

O que há de mais baixo e humilde que uma rede de esgotos ? Não obstante, nos seus 2.500 anos de vida por ela passaram "parte" dos impérios, dos Papas,das guerras,dos invasores de Roma, dos reis, dos homens famosos e dos séculos também. Enfim, parte da História.

Com sua humildade, corre ainda silenciosa, pacífica e sinistra, e talvez um pouco orgulhosa ! , de ter servido tantos! Imperturbada pelos seus vinte e cinco séculos de vida. Hoje recebendo visitantes que a vêm admirar, como se aqueles esgotos tivessem,depois de tantos séculos,sofrido uma metamorfose... de esgotos a uma coleção de pedras preciosas ! e tudo novo ao visitante.

Há também exemplo do novo na descoberta das grutas de Lascaux, na Dordogna, no sudeste da França,mostrando desenhos da Era Paleolítica (Idade da Pedra). Descoberta feita por acaso,em 1940, quando algumas crianças, na procura do seu cão, foram levadas pela curiosidade a penetrar numa caverna das montanhas da região. Notando desenhos nas paredes e tetos, avisaram o professor quem, com uma lanterna, viu então uma espetácular parada de pinturas feitas cerca de 15.000 anos antes, por " artistas da pré-História".

Quantas "Lascaux" existem ainda à mercê da curiosidade do homem, na sua eterna procura do novo ?

Dou também um exemplo recente de como o ser humano,com

cada descoberta, pensou ter chegado a **limites** que a ele pareceram definitivos. Se fizermos um salto ao mundo arcaico e chegarmos aos séculos dos filósofos gregos(VIII-III A.C.), portanto um intervalo relativamente curto, em relação à existência da vida neste nosso Planeta, sabe - mos que muitas daquelas teorias punham já **limites** à capacidade do homem. Não seria necessário lembrar aquilo que o insignificante ser humano realizou desde então ! Movido pela necessidade e mais ainda, pela curiosidade do novo; mas acima de tudo, por aquele instinto natural de livrar-se da ignorância. Derrubando monstruosas barreiras que pareciam inexpugnáveis. Não obstante, como o exemplo seguinte, escrito pelo mais exímio dos físicos-teóricos do século presente, encontramos traços que indicam,ainda uma vez, **limites** à capacidade do homem.

Diz Albert Einstein(1879-1955) no capítulo onze do seu "Uber die spezielle und Allgemeine Relativitätstheorie", escrita em 1916, e que pode ser traduzido como "Exposição Divulgativa da Teoria da Relatividade": ... e para velocidades ainda maiores, a raiz quadrada resta imaginária. Disto posso concluir que na Teoria da Relatividade, a velocidade "C"(com "C" ele refere-se à velocidade da luz no vácuo, ou seja 300 mil quilômetros por segundo), é uma velocidade **limite**, a qual não pode ser igualada ou ultrapassada".

Assim, se **ao contrário** do acima, pensamos que,de fato, não possa haver **limite** às realizações do homem, podemos concluir que ciências, artes e todos os outros campos de conhecimento,continuamente representam nada mais que "**conhecimento presente,sem definitiva certeza ou limite**".

*

Os viajantes foram, são e serão numerosos neste nosso mundo. Juntamente com a prostituição, com o furto e com a intriga, eles formam o quarteto das mais antigas "atividades" que a nossa espécie conhece. Cada uma com suas genuínas ou fantasiadas justificações. Nem sempre imorais, pois a verdadeira moral é vocábulo "comprido", flexível, complexo e controverso, e raramente ao nosso alcance. Também o mais pio dos seres humanos,a contas feitas, é um pecador, e o menos imperfeito deles, não está isento de ambivalência e diletantismo.

Naturalmente que há uma grande diversidade entre via -

jantes. Ela explica-se, em parte, com a diversidade dos territórios visitados. As nossas Américas, universo do "moderno", do simples e do pragmático. A Europa, berço da História ocidental, das artes, das ciências e das guerras. O mundo Árabe-Muçulmano, encarnação do enigmático, do fatalismo e fanatismo religioso; no passado temido e odiado; mas ao mesmo tempo, responsável pela transmissão à Renascença, da cultura clássica(grego/romana), e consequentemente, aos nossos dias. A África negra, onde a superstição, a ingenuidade e a dança, imperam ainda neste fim do nosso segundo milênio. O sub-continente Indiano, com o seu "homem filosófico", capaz de mentalmente transformar a mais terrível das misérias, num "dom divino". A Santa Madre Rússia, onde, desde os tempos mais remotos, o homem louvou, e tantas vezes glorificou, tiranos e potentes; como se a aceitação daqueles fizesse parte da própria cultura. Os povos amarelos do extremo Oriente, misteriosos, reverenciosos, complexados e também patrões de uma milenária cultura, onde a capacidade - ou a qualidade - de raramente dizer "sim" ou "não", mas de tergiversar, faz parte da "forma mentis".

Diversidade e mais diversidade ! e sem limite na sua imperfeição !

Outra causa dessa diversidade entre viajantes, está ligada à natureza mesma das viagens. Não é o mesmo país, nem o mesmo homem, nem o mesmo que o circunda, que cada um de nós vê, sente ou interpreta. Dependendo se somos missionários, conquistadores de terras, estudantes, artistas, arqueólogos, militares, inventores, jornalistas, comerciantes, pilotos, esportistas, diplomatas, turistas ou simples curiosos, como foi meu caso.

Dentro do quadro psíquico da nossa vida, porém, talvez escondido no seu cantinho mais sombrio e menos proeminente, em todas as categorias de viajantes está aquele desejo - explícito ou camuflado...às vezes inconsciente - de livrar-se da ignorância das coisas que os circundam. Inestimável e irresistível é a aspiração do ser humano de chegar a uma explicação do mundo em que vive.

A curiosidade, portanto, traduz-se simplesmente no tentativo de liberar-se da ignorância. Faz parte da nossa natureza psíco-física. Da criança que gatinha pelo chão, ao jovem que imagina a companheira de escola ou trabalho despojada da roupa, ou vice-versa; ao adulto que ao tomar posse da nova casa, caminha de um cômodo a outro; ao arqueólogo que escava o local onde outrora existiu uma ci-

dade; ao astronauta que vai ao espaço; ao pedestre que observa um incêndio; ao cientista concentrado diante do microscópio. São todos atos de curiosidade, como se o ser humano fosse guiado à procura do novo. Assim são também as viagens.

Lembro-me da estória ouvida de um velho engraxate português que encontrei, muitos anos atrás, parado diante do meu hotel em Badajoz, na Espanha. Badajoz é uma cidade pouco distante da fronteira portuguesa, onde o domínio árabe-muçulmano da Idade Média, deixou sólidas tradições e costumes. O sultão Abd al-Rahan teve, no século XI, naquela região da Espanha, seus palácios e haréns, gozando também da funesta reputação de "massacrador em nome de Allah". O velho engraxate contava-me que seu sonho tinha sido viajar pelo mundo, mas depois de 46 anos, por mil motivos, tinha chegado somente a Badajoz...a quinze quilômetros de onde havia nascido. Mas tinha "descoberto" Badajoz ! Um pequeno "cômodo" da nossa grande "casa". Como nos trinta anos que foram aqueles dos últimos do século XV aos primeiros do seguinte, quando a humanidade viu seu "universo" engrandecer, em proporções difíceis de serem imaginadas pelo homem dos nossos dias. Com as descobertas de Colombo, Vespucci, Cook, Vasco da Gama, Pizarro, Cabral, Fernão de Magalhães(conhecido hoje como Magelan) e do formidável Hernan(Fernando)Cortez, que em 1519, desembarca no México e inicia a primeira conquista organizada nas Américas.

*

À parte o nosso inato e natural egoismo, temos obrigação de ajudar outros a ver e compreender o que há de extra-ordinário na vida. A música clássica, os quadros famosos, a poesia, a escultura, a arquitetura, o teatro sério, os bons livros, a correta observação nas viagens, as montanhas, vales e lagos. O mundo cósmico. A neve e o mar. A mudança das cores nas folhas do outono e o desabrochar das flores na primavera. São todas coisas que o homem não pode jamais ignorar. E não pode ser privilégio de poucos; nem o maior ou menor poder econômico de cada um, a nos impedir de "sair-do-túnel" da ignorância. Quase sempre é a nossa atitude mental, dominada pelo receio do novo, do incerto e do desconhecido. Tantas vezes

virtualmente "cegos e surdos" por todo o arco da vida, diante das maravilhas deste nosso mundo !

Que vida é finalmente a nossa se tudo que há de extraordinário ao nosso redor, neste pequeno mas fascinante Planeta, é ignorado,mascarado ou permitido que seja obliterado pela luta do dia-a-dia ?

Que vida é finalmente a nossa, se tudo que mostramos aos nossos filhos, aos nossos alunos e às novas gerações em geral,é de como defender-se das pequenas e grandes calamidades psíquicas e materiais às quais estão sujeitos?

Sem a eles mostrar, despertar a curiosidade e estimular o pensamento às verdadeiras e supremas maravilhas deste nosso mundo ! Fazendo "nascer o extraordinário" naqueles cuja vida é "ordinária" ! Mostrando que há um outro mundo; aquele contemplativo, acima do ordinário, do comum, do vulgar e banal. Abrindo a eles perspectivas novas e de vital importância, na compreensão desta mísera meia-dúzia de decênios que constituem a vida de cada indivíduo... mesmo se ela não vale muito... mas é tudo que temos !

•

Pouca importância foi dada nestas "Notas" ao correto uso da nossa difícil língua, a qual pouco conheço. Sujeita de tanto em tanto a alterações gramático/ortográficas difíceis de serem seguidas no exterior, onde ela é imensamente e injustamente desconhecida e ignorada. A isto podemos acrescer as contínuas divergências entre os nossos lexicólogos e gramáticos.

Palavras e expressões estrangeiras foram aqui eventualmente aportuguesadas. Seja porque não conhecia e não conheço equivalentes na nossa;seja porque certos vocábulos e expressões(em todas as línguas) podem perder o exato sentido quando traduzidos. Como traduzir,ou como dar correta, intrínsica e fiel interpretação, na nossa língua,a "anzi" e "magari" do italiano;a "odds" e "get"do inglês; a "plutôt" e "voilà" do francês; a "Beobachter" e "Aktiengesselschaft" do alemão; a "raiz" do árabe; a "namastê" do híndi, ou a "bucadgí" do chinês ?

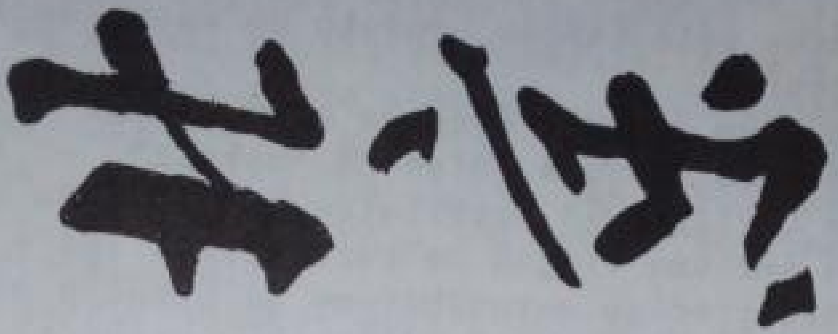
Similar dificuldades naturalmente encontramos no caso oposto, quando certos vocábulos e expressões da nossa, dificilmente encontram fieis equivalentes. À dificuldade podemos juntar também as "expressões idiomáticas" , os

GIULIA CACCIARI-BORTESI (1863-1949)

1958 - 1993 ---- Itinerário aproximativo das viagens.

I

PEQUIM - "Beijing" para os chineses, e na Ideografia:



Escrevo parte destas longas "Notas" do "Zhong-Guò", ou "Chung-Kuò", segundo a pronúncia. Representação fonética da ideografia chinesa e, conseqüentemente, de como os chineses chamam a China. Da mesma forma que chamamos o nosso país de Brasil, e não Brasilien, como chamam os alemães; ou Brèsil, como chamam os franceses; ou Brazil , como chamam aqueles que usam a língua inglesa.

Mas o nome China (pronunciado "tcháina"), não é inteiramente desconhecido aqui. A natureza do homem é tal,que diante de uma barreira como é a língua chinesa - mesmo se ele é analfabeto ou desprovido de muita escola -, é orientado a assimilar e usar um meio de comunicação que funcione. Sem o qual,pode em certas situações restar um marginal. Entre aquelas do ocidente, a nossa pouco conhecida língua portuguesa é uma barreira menos densa,mas aflita da mesma problemática. Assim como são a Húngara, a Polonesa, a Holandesa e tantas outras, com a diferença que os povos destes países, têm maior familiaridade com as chamadas "línguas internacionais de comunicação",como são inglesa, francesa e alemã.

A língua inglesa é a segunda no Zhong-Guò.

*

Trinta e cinco anos atrás eu deixava o Brasil com destino desconhecido.De conhecido,havia somente aquela grande vontade, amadurecida durante a infância e adolescência, de viajar pelo mundo, usando o único "instrumento" que a falta de meios e experiência consentia: a "bússula do instinto". Um meio pouco ortodoxo, e sob certos aspectos, extravagante, mas sem alternativas na época.

Durante os anos que seguiram o fim da II grande guerra, outro fator associou-se àquela vontade: um sentimento de desilusão de certas coisas que via e sentia no nosso Brasil; das quais eu, não obstante e paradoxalmente, fazia parte, pois também produto do mesmo ambiente e da mesma cultura.

Mas não eram somente aqueles os motivos. Queria conhecer e assimilar alguma coisa da "matriz" - a Europa -, de onde a civilização brasileira herdou tudo ou quase. E não podia ser uma viagem de turismo,com ida e volta marcadas. Era preciso mergulhar-me de corpo e alma, durante longos anos, nos países daquele continente, onde o homem ocidental tinha atingido - através dos séculos -, um alto grau de civilização. Ou pelo menos aquilo que usualmente chamamos tal.

Nem os Estados Unidos seriam uma alternativa, pois a contas feitas, estes eram também outra "filial", como o Brasil, mesmo se muito mais avançados materialmente. Mas sempre uma "filial" eram. Carentes,como o Brasil, de uma profunda e ultra-centenária perspectiva histórica, como acontece com todos os países novos.

Anos depois, quando para os Estados Unidos imigrei, à procura de meios que garantissem um futuro conforto, e aos poucos fui analisando a filosofia de vida do seu povo, assim como suas tradições e história, senti confirmação que eles não poderiam ter substituído a Europa,naquilo que procurava em 1958. E assim,o primordial objetivo não poderia, de nenhuma forma, ter sido satisfeito.

Viajar pelo Oriente - depois de ter "descoberta" a Europa -, era na época um sonho com menos de zero possibilidades de realizar-se.

*

Em 1958 eram raras as viagens transatlânticas por avião. Viajei com um navio italiano chamado "Conte Biancamano",de 24 mil toneladas, que partindo de Buenos Aires,

fazia escalas em Santos - onde embarquei -, e sucessivamente em Dakar, no Senegal - antiga colônia francesa na costa ocidental da África. E depois em Funchal, nas ilhas da Madeira. Finalmente, Lisboa, onde pela primeira vez, pus pés na Europa.

Hoje, pensando retrospectivamente,posso dizer que aquela foi uma viagem como nenhuma das tantas que fiz nestes trinta e cinco anos. Meu companheiro de cabina no "Conte Biancamano", era um missionário da Ordem dos Salesianos, fundada por Don Bosco(1815-1888). Homem de grandes virtudes e imensa cultura. Tinha passado os precedentes vinte anos no Chaco; região do Paraguay, onde a miséria, o clima impérvio e a falta absoluta - na época -, de um mínimo de conforto, o poderiam bem fazer Santo ! Era o retrato da serenidade. De alguém que tinha realizado o seu sonho, e que regressava à sua terra, no Vêneto, Região no norte da Itália.

À noite, quando voltava para a cabina,o encontrava sentado no seu leito; perdido na leitura. A sua figura de homem experiente e bom, num mundo onde aparentemente prevalecem egoísmo e maldade, ficou impressa na minha memória. Com ele,durante os quinze dias que aquela travessia do Atlântico durou, trocava sempre uma palavra. Ele contava-me da sua infância, da sua vocação, dos anos de seminário no Lázio (Região da Itália onde está Roma); dos vinte anos dedicados às populações do Chaco; sem recompensa além da satisfação de ter servido outros.

Na noite que precedeu a nossa chegada em Lisboa, fizemos uma longa caminhada juntos pelo espaçoso convés. A brisa quente dos trópicos já tinha, há tempo, cedido àquela do hemisfério norte. O oceano parecia agitado.Nada mais via-se ao redor além do reflexo,na água, das luzes do navio.

Ele parecia preocupado com meus planos de "descobrir"a Europa usando a "bússula do instinto". Dizia-me que "durante o longo inverno europeu, todas as portas fechavam-se". No sentido que seria difícil suplantar aquela estação sem meios adequados.

Apesar dos treze anos que a Europa de então separava-se da última grande guerra, a vida no "velho continente" era difícil. Mais ainda para um novo chegado, ignorante das línguas e costumes, e com escassos conhecimentos de como procurar meios de subsistência. A minha reação às palavras do missionário, foi que teria resistido a tudo, pois o meu temperamento não permitia alternativas. Diante das adversidades, parecia crescer em mim aquela força

e aquela coragem que sempre me acompanharam. Pensava e penso que o homem aprende, principalmente,através da própria experiência e dos próprios erros. Os ensinamentos recebidos dos nossos parentes,primeiro,e depois ou concomitantemente nas escolas, são sim contributos importan - tes. Não obstante, é dos próprios erros e da própria experiência que podemos construir a "armadura "necessária para enfrentar um mundo feroz e nem sempre generoso.

De homem vivido,o missionário ouvia minhas palavras,refletindo no rosto um misto de pena e admiração. Possivelmente lembrando que também ele tinha atravessado o Atlântico e enfrentado mil dificuldades.

Na manhã seguinte, o tocar dos sinos - sempre presentes nos navios -,anunciava "terra à vista".Estávamos nas proximidades da foz do Tejo, que nascendo nas montanhas do centro-leste da Espanha, termina seu curso ao sul de Lisboa.

Na pequena capela ao pé do convés-maior, era praxe que antes de tocar terra, o capelão rezasse Missa, e muitos foram aqueles que assistiram a cerimônia:

INTROIBO AD ALTARE DEI,
AD DEUM QUI LAETIFICAT JUVENTUTEM MEAN...
ORATE, FRATES !
HOC EST ENIN CORPUS MEUM,
ITE MISSA EST, DEO GRATIAS !

O som das palavras do capelão misturava-se com o forte bater das ondas nos lados do navio. Tinham-se acabado para mim, as noitadas na sala de danças e,por alguns anos,também as fartas e contínuas refeições!

Depois de Lisboa, o "Conte Biancamano" prosseguia para Barcelona, na Espanha; Cannes, na França e finalmente,Gênova, na Itália. Vinham-me à memória os fatos da travessia Gênova-Santos feita por minha avó materna,61 anos antes,em 1897, no porão do "Conte Rosso", tomada quarenta e um dias. Lá, segundo Giulia Cacciari-Bortesi, a pro - miscuidade, a falta de adequados serviços higiênicos; a reduzida alimentação e a febre, encarregavam-se de interromper o sonho daqueles que viam no Brasil, uma nova esperança. Ela contava que depois de uma sumária cerimô - nia religiosa, eram jogados ao mar,embrulhados em velhos lençóis.

Mesmo se estávamos em junho - fim da primavera na Eu - ropa -, viam-se nuvens baixas que confundiam-se com a água do oceano. Através delas, à leste, ao longe,as terras do Algarve e do Baixo Alentejo, regiões no extremo sul de Portugal. Em seguida , estávamos navegando no Tejo. O mesmo Tejo onde navegaram Cabral, Vasco da Gama e tantos outros célebres navegadores dos séculos XV e XVI.

Apertos de mão, despedidas, promessas de notícias, e o bom salesiano desapareceu naquele mundo de gente rumorosa e apressada de ver, embaixo, no cais do porto de Lisboa, parentes e amigos,e com eles trocar os tradicionais gestos de alegria.

Debruçado sobre a plataforma do convés, com minhas duas malas ao lado e pronto para o desembarque, olhava tudo aquilo com emoção e esperança. Sabia ter deixado um "mundo" para trás, e estava para entrar num outro. Completamente diferente, desconhecido,incerto e fascinante. Sentia que tinha chegado um momento solene; uma mudança definitiva. Estava começando alguma coisa de absolutamente nova ! A realização de um sonho velho de trinta anos, destinado - como visto em seguida -, a durar outros trinta e cinco...ou mais.

Não era certamente a mesma sensação de quem viaja com um programa feito, com os necessários meios financeiros, conhecendo de antemão onde vai,quanto tempo a viagem durará, e que num determinado dia, finalmente, volta à rotina no Brasil. Ou fica por uma temporada no exterior,estudando ou trabalhando num dos nossos Consulados,Embaixadas ou agências dos nossos Bancos.

Mas era justamente aquela sensação do incerto e do desconhecido que enchia-me de coragem.Teria sido difícil então e me é ainda difícil hoje,transmitir aquilo que senti quando desci as escadas que ligavam o "Conte Biancamano" ao cais do porto de Lisboa.

O avião é certamente mais rápido,mais prático e (hoje) menos custoso,mas não poderá jamais substituir os prazeres que uma viagem transatlântica,num grande navio,oferece. Escreve Samuel Longhorn Clemens, chamado Mark Twain (1835-1910): "...até a nossa personalidade sofre os efeitos de uma atmosfera que não é aquela da nossa casa nem de um hotel".

Mas uma longa viagem marítima nos leva também a refletir seriamente sobre aquelas feitas, no passado, por James Cook(1728-1779), ou por Alexander von Humboldt(1769-1859), ou por Charles Darwin(1809-1882), cujas explorações contribuiram enormemente ao progresso da Geografia, da Geologia e da Biologia.

*

O Portugal que iria conhecer,estava sob os efeitos da ditadura de Antônio de Oliveira Salazar. Economista, homem sério e conservador; solteirão de poucas palavras e de uma extrema modéstia. Um daqueles providenciais personagens políticos da História, destinados a "pôr ordem em certos sistemas"!

Também as formalidades da famigerada PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), e da Alfândega, faziam parte daquela minha chegada em Lisboa. Era um Portugal, que malgrado aquilo de negativo que uma ditadura sempre produz, dava a impressão de ordem,de disciplina e de respeito. Pequeno, pobre, mas cheio de dignidade.

A sua história - além da potência que representou,quase com exclusividade, durante parte dos séculos das descobertas -, inclui também a sua independência de Castilla, e sucessivamente de uma Espanha unificada, a partir do século XII. Inclui também uma segunda independência, da mesma Espanha, em 1640. Independência ainda uma vez perdida durante o Império Napoleônico. Finalmente, a partir de 1811, novamente livre.

Mesmo se Lisboa é uma cidade portuária, as quais são tradicionalmente sujas, não via-se um pedaço de papel jogado nas ruas, nem uma parede com escritas; nem tão pouco um gramado que não fosse meticulosamente cuidado.

Não distante do cais, na margem direita do Tejo, estava a Torre de Belém,um marco medieval, de onde,diz a lenda, partiram Cabral e Vasco da Gama, no século XV.

Para nós brasileiros, e mesmo para aqueles que não são

descendentes de portugueses - como é meu caso -,a primeira chegada em Portugal, via marítima,tem um efeito todo especial. É talvez a lembrança da nossa História que faz apertar o coração,como se voltássemos para "casa" depois de quase 500 anos !

Lembro-me que uma vez desembarcado, pousei minhas malas num modesto hotel. Em seguida, fiz uma longa caminhada pelo centro da cidade: Terreiro do Paço,Praça dos Restauradores, ruas Augusta, da Prata, do Ouro, dos Condes, Almeida Garett, do Carmo, Mouraria, Chiado e outras ruas e praças da zona do Rossío. Davam-me a impressão de estar no antigo centro do Rio. Quase o mesmo estilo de construções, o mesmo cheiro saindo dos empórios e quase as mesmas fisionomias, com a diferença que ali, em Lisboa, não via-se gente de cor.

*

Na antiga cidade de Alfama - assim chamava-se Lisboa no passado -, e na cidade dos Alfacinhas(assim chamam-se seus habitantes),havia um ar quente, pesado e imóvel. No Rossío, que no tempo era a sua praça-sala-de-visitas, paravam "Mercedes" dos anos '30, com "chauffeurs" regateando clientes para uma volta da Europa. Com eles falava, notando um disfarçado sorriso, de quem o sotaque brasileiro divertia !

Como eram diferentes aqueles portugueses! Que simpatia e que amabilidade !

Nas ruas que do Rossío levavam ao Bairro Alto, onde estavam concentradas as "casas do fado", e a vida noturna da cidade, via-se um correr de antigos e pequenos edifícios coloridos. Em frente, o Teatro de Dona Maria II, na sua arquitetura dos 1700, sem pretensão. No centro da praça,canteiros bem cuidados e limpos,em volta dos quais senhores da burguesia davam seus passos.

Sentado num banco de pedra, lembro-me ter puxado conversa com alguém; comportamento que mantenho ainda. Um meio de fugir do isolamento ao qual o estrangeiro está sempre sujeito. Falava-se de tudo, mas logo entendi que a mim cabia responder um sem número de perguntas ! Sobre o Brasil; das fortunas que ali faziam-se rapidamente;dos descendentes dos escravos que davam-se aos brancos; do nosso estranho sotaque; da reputação de sermos um povo pouco dado às economias, e assim por diante. Quando o as

sunto era endereçado à política (aquela de Portugal, naturalmente), de repente caía o reposteiro, e voltava-se ao silêncio. A ditadura assim impunha, mesmo se o interlocutor fosse estrangeiro.

Naquela tarde visitei o Mosteiro dos Jerônimos, um edifício do fim dos anos 1400, que ali já estava quando Cabral descobriu o Brasil. Nele está o túmulo de Vasco da Gama. Ao lado do Mosteiro, o Museu das Carruagens usadas pelos reis e rainhas de Portugal. Visitei também uma igreja ao lado do cais do Sodré, escondida entre velhos casarões que sobreviveram ao grande incêndio de Lisboa do meio do século 17, mas que seus sinos a faziam presente.

O tocar dos sinos exerceram em mim grande atração. Apaixonado pela música clássica, o som dos sinos representa também uma forma de música. Dá uma sensação de serenidade. Na Europa - e isto naturalmente percebi nos anos que seguiram -, não passa dia em que, qualquer lugar estamos, os ouvimos tocar. Dizem os entendidos de coisas da Igreja, que na antiguidade, o sentido que o tocar dos sinos dava, podia ser posto nestas palavras:

Laudo Deum, Populum Voco,
Congrego Clerum, Defunctum Ploro,
Pestem Fugo, Festa Decoro

(louvo Deus, chamo o povo; reúno o clero, choro os mortos; afugento as pestes, animo as festas)

*

Devia ter caminhado horas e acabei sentando numa "tasca" - como os Alfacinhas chamam os pequenos e modestos restaurantes -, naquele estilo que somente em Portugal encontramos. Caldo verde, cesta de pão, garrafa de vinho verde - saboroso, forte e generoso -, batatas e bacalhau cozidos n'água de sal; azeite de olivas; e um prato de arroz-doce precedeu o cálice de Porto, oferecido pela casa. A conta - lembro-me ainda -: 26 Escudos, iguais a um US Dollar daquele tempo.

Quando preparei-me para sair, o garçom correu à porta, e com a gentileza daqueles portugueses que nem sempre havia encontrado no Brasil, a abriu e agradeceu com uma série de reverências, dizendo: "...Vossa Excelência volta amanhã, sim !". Persiste ainda em Portugal, malgrado todas as transformações destes últimos decênios, o hábito de usar a expressão "Vossa Excelência".

Tinha sentido na minha caminhada e na atmosfera da "tasca", certas passagens dos romances de Eça de Queiroz: "O Primo Basilio", "A Cidade e as Serras", "O Crime do Padre Amaro", "Os Maias".

De volta ao hotel, onde havia anteriormente deixado as malas, o porteiro da noite procurava sufocar uma altercação entre dois borrachos. Dizia o porteiro, no seu sotaque de Lisboa, que é diferente daqueles de Coimbra, do Porto e do Vigo: "...deixe-o homem...é um ignorante notório..escreve ainda "sapato"começando com "c" cedilhado!" Os dois borrachos, de braço dado, cheirando forte de vinho, arrastavam-se em direção do Terreiro do Paço.

Tinha sido minha primeira noite na Europa. A primeira das milhares que o destino - sorrateiramente! - preparava para o futuro.

Durante aquela minha primeira passagem por Lisboa, visitei também Sintra, Cascais, Estoril e Queluz. Pequenas e interessantíssimas cidades na sua vizinhança . No Palácio estilo barroco desta última, parei alguns minutos diante das velhas mobílias de uma das suas salas, levando o pensamento ao Brasil. Ali, em 1798, tinha nascido o nosso primeiro Imperador: Pedro I.

Aquela minha primeira viagem à Europa não incluía "mochila" nas costas ou jeans "rasgados" no joelho! Mas malas, paletó e gravata. Não penso ter sido, e não sou ainda, grande amante dos informalismos! Mas num mundo onde o processo de vulgarização caminha a passos largos, devo fazer parte dos antiquados, sem porém disto fazer-me um drama !

Com todo o respeito que possa ter pelas modas que surgiram desde então, penso que nestes últimos decênios tudo vulgarizou-se tanto, que não mais é possível distinguir-se entre "novas modas" e o decadente; ou entre aquelas e o mau gosto e o desmazelo.

Com os poucos meios que tinha à disposição naquele 20 de maio de 1958 - partida de Santos -, eu não podia jamais esperar que um dia, no futuro, minhas viagens me levassem também ao Oriente, e a completar a volta da Terra. E ainda menos, que fossem, finalmente, em companhia da Diva. Namorada desde julho de 1950, e sempre namorada e esposa, em New York, desde fevereiro de 1964.

*

Desde menino refutei aquele "limite" que os alemães chamam "BROTBERUF"; ou seja, um trabalho, uma profissão - e mesmo a vida no seu todo -, endereçados somente a ganhar o pão, o teto e o conforto que vai com este tipo de existência. A idéia de um tal modo de vida me rebelava e indignava, mesmo reconhecendo que nele estão muitos dos fatores de uma moral à qual o homem está, queira ou não, intrinsicamente ligado. Agora, varando a porta da velhice, ainda me rebela e indigna.

Quando tenho ocasião de falar aos jovens, minha tendência é de ressaltar e aconselhar uma visão ampla da vida; a mais ampla possível. Recolhendo sem preconceitos, o aparentemente bom e o aparentemente negativo de cada lado da nossa estrada. Aprendendo a não surpreender-se com aparentes absurdos, e de duvidar com freqüência da verdade, pois ela nunca é pura ou simples. Lembrando-se que do mais cretino e do mais cruel dos homens, há também e sempre, algo para ser aprendido. Projetando o pensamento e as ações no futuro. Não somente naquele futuro que poderia ser a meta final, mas no futuro imediato. Aquele intimamente ligado à realidade do presente. De tomar riscos, mas principalmente, de não temer o novo, o incerto e o desconhecido, pois são nestes que estão os melhores momentos da vida. E é deles que aprendemos as melhores lições. Aquelas que realmente contam !

E aos jovens dou dois exemplos: o fato que o grande astrônomo e matemático Johannes Kepler(1571-1690) traficou em horóscopos, não invalida suas observações cósmicas sobre o movimento de translação da terra(em forma elíptica e não circular). E o fato que Molière(1622-1673) tivesse uma amante em cada bairro de Paris, não diminue também seu valor como grande dramaturgo !

*

"É preciso viver sempre indignado", dizia Emile Zolá, o grande pensador francês do século passado. No meu pequeno, com todos os problemas que isto traz, a indignação foi para mim um elemento constante. Infeliz aquele que perde a capacidade de indignar-se ! E assim, desde a adolescência, nunca renunciei àquilo que considero uma forma de eterna juventude - não física naturalmente !

Mas com a minha indignação, com a minha personalidade inquieta, atormentada, controversa, solitária e tantas vezes misantrópica, escandalizei muitos nestes anos pelo mundo. Aqueles que vivem dentro de idéias pré-constituidas; aqueles que o receio do novo, do incerto e do desconhecido, os fechou num mundo pequeno como a própria sombra.

Mas tal personalidade cria poucos amigos! E se não sempre impede a sua criação, subseqüentemente os afasta.

Sinto falta deles com tristeza.

Um dos meus escritores preferidos é Wolfgang Goethe (1749-1832). Dele li o que há de mais significativo, como "Faust", "Wahlverwandshaften", que pode ser traduzido por "Afinidades Eleitas, ou Escolhidas", e o "Jovem Werther". Obras-prima da literatura de todos os tempos. Desta últi

ma, transcrevo estes parágrafos:

"...tudo aquilo que pude descobrir da história do jovem Werther, recolhi com cuidado. A ele não pode-se negar admiração pelo seu destino. E você, caro leitor, que pode ter sofrido como ele - por culpa da tua sorte, ou por culpa tua -, e que neste livro procura conforto, faça dele um seu amigo...se outros não tenha encontrado".

•

A viagem que agora faço pelo Oriente, não é uma "volta da Terra" como tantos têm hoje a possibilidade de fazer, saindo quase "a frio" da terra natal. Os decênios de experiência nos cinqüenta e mais países visitados,permitem uma visão particular desta parte da Terra. Não há aqui espaço para explicar todo o fruto daquelas passadas experiências, mas com um pouco de imaginação, o leitor poderá traçar um quadro aproximativo.

Voltando o pensamento ao passado, lembro-me de um episódio ocorrido há mais de quarenta anos, na velha confeitaria Viennense, em S.Paulo.

Tinha então 22 anos !

Entre as promessas que os jovens podiam fazer às namoradas, dizia à Diva "que um dia faríamos a volta do mundo juntos". Eram palavras que tinham um relativo significado naqueles tempos.Faziam parte de um romantismo são e maravilhoso, que infelizmente muitos dos jovens de hoje desconhecem. Preocupados com coisas mais "sólidas" e tantas vezes fáceis, ao limite de uma volta ao pré-histórico. Ao completo domínio dos instintos sobre a razão e sobre o bom senso.

No meu coração, aquelas palavras representavam um sonho. E a vida é feita de sonhos ! Daqueles que os americanos chamam "day dreams". Os nossos objetivos,as nossas ambições, as nossas fantasias. De tudo,naqueles dias,era a música sinfônica o primeiro dos meus sonhos.

Apesar dos anos que passaram-se, a música de Vivaldi, Monteverdi, Corelli, Bach, Haydn, Mozart, Berlioz, Beethoven, Schubert, Tchaicovsky, Strauss, Wagner, Dvorak, Debussy e tantos outros, continua sendo para mim,companheira de sempre. Sonhos que se realizam e sonhos que,ir

realizados, levamos dentro do coração, quando fazemos a nossa realmente última viagem.Aquela que nos leva de volta à natureza e que, pela primeira vez, nos dá uma serenidade absoluta.

•

Nada, ou quase nada, é impossível na vida, se temos a força e a coragem - depois de cada uma das nossas próprias e inevitáveis Waterloo's -, de "levantar-se", "recolher os pedaços", e "continuar", observando sempre uma regra fundamental que praticamente nasceu com o homem. Aquela de evitar os extremos nos pensamentos e nas ações, fazendo sempre apelo à temperança.

Poucos de nós, Latinos, todavia, temos essa faculdade. E isto explica, também, o porquê de estarmos sempre "um passo atrás" dos Anglo-Saxões(no ocidente) e dos Japoneses(no oriente). Ambos "frios", "calculistas", pouco dados às improvisações, e menos ainda, vítimas de emocionalismos. É certamente uma nossa marcada desvantagem antropológica !...mesmo se tantas vezes compensada pelo fato de termos dado ao mundo grandes artistas. E aqueles da Renascença são os mais evidentes exemplos.

Geralmente aos extremos fazemos recurso, tantas vezes inconscientemente,mesmo se reconhecemos que nas relações humanas - e tudo, finalmente, reduz-se a elas ! -,somente a parcimônia nos pode levar ao sucesso.

Mas não bastam somente força, coragem e temperança ! É necessário ser um observador atento e flexível na compreensão do dia-a-dia, "forjando" continuamente a capacidade de aceitar a rapidez das transformações do momento histórico que estamos hoje atravessando. Processo posto em movimento nos últimos cinqüenta anos; inédito desde que o homem deu seus primeiros passos.

Aqueles que são incapazes de desligar-se das raízes dos próprios preconceitos e ficam potentemente a eles ancorados, assim como incapazes de dominar o receio que naturalmente têm do novo, do incerto e do desconhecido, estão destinados ao desespero. Muitas vezes à desmoralização. Aqueles que apavorados pelo desconhecido e pelo incerto, refugiam-se atrás do emprego ou da atividade autônoma na terra natal, rodeados de "tudo aquilo" que possam eventualmente oferecer, podem não ter, a contas feitas, melhor sorte. Frágeis pára-ventos,atrás dos quais

escondem-se.

Quantos conheci neste mundo afora, que diante dos primeiros obstáculos "entregaram os pontos" e abandonaram os sonhos da infância e da adolescência. Deixando-se levar por circunstâncias nem sempre escolhidas. E quando para eles a vida chegar no seu inevitável ocaso, poderá prevalecer diante da mente, quase que somente uma longa lista de sacrifícios feitos e ocasiões perdidas.

O nosso é um mundo estranho e complicado, e assim é cada ser humano. Estranha mistura de razões e paixões formam os ingredientes da nossa biografia.

A "história" de cada indivíduo é um misto de escolhas e sortes; de coisas que não queríamos; de coisas que queríamos e felizmente conseguimos; de coisas que queríamos mas não conseguimos ter.

Na sua essência, foi esta, como tantativamente descrita nas páginas destes dois primeiros capítulos, a bagagem filosófica e espiritual que levava para a Europa naquele vinte de maio de 1958.

III

Nos primeiros anos '60, passei meses lendo sobre o tempo de Ciro II e Dario I, reis da antiga Pérsia - hoje Irã -, durante os séculos que precederam as invasões de Alexandre Magno(356-323 A.C.).Morava então em Liverpool, na costa ocidental da Inglaterra.Muitas das minhas horas eram dedicadas à grande e sortida biblioteca da cidade.

A leitura era concentrada nos volumes que tratavam das guerras, dos costumes, da mitologia, das religiões,do poder político e econômico de certas famílias, as quais cunhavam também a própria moeda. Da compra e venda de escravos - brancos,ex-soldados do inimigo,habitantes das cidades conquistadas -; da concorrência comercial no mundo Pan-Helênico(Atenas,Corinth,Tebe,Delfi,Rodes,Êfeso e Sparta). Macedônia e outros centros de poder na península Balcânica e Ásia Menor, no tempo sob forte influência do Império Persa.

Chamou-me a atenção um dos problemas do mercenarismo. Tratava-se das conspirações feitas por aquelas cidades-estado , para a conquista, a pagamento, dos melhores soldados e comandantes, não importando de qual cidade-estado viessem. Não eram raros os casos em que uma daquelas cidades-estado,oferecendo melhor recompensa aos mercenários,provocava um desequilíbrio no exército adversário , pouco antes que uma guerra - muito freqüentes na época- tivesse início. Deve também ser lembrado, que participar às guerras, era uma das principais, senão a principal,ocupação do homem de então. Mas o sentimento de patriotismo não era claro; a atração pelo dinheiro, sim.

Os conceitos de sentimento nacional e de patriotismo , como os conhecemos hoje, não foram praticamente "descobertos" que a partir do fim do século XVIII, com a Revolução Francesa. Antes dela, eram as nobres dinastias que contavam; mais que o território, que o povo e que a cultura deste. Uma cidade-estado ou um país, pertencia aos seus soberanos; onde estavam,estava a "justiça" e os "direitos civis". Tradicionalmente, ambos precários.

Exemplo citado por H.H.Osten, no seu livro "Die Welt der Perser"(O Mundo dos Persas), historiador moderno, especializado naquela fase da antiguidade, era que Clearco de Eradéa, um Spartano encarregado por Ciro II de recrutar mercenários, havia sido eliminado. Tinha sido incapaz de convencer seus homens - aqueles que ele mesmo havia recrutado -, de continuar uma das tantas guerras. Era o tempo das colheitas e entre estas e a guerra em curso, os mercenários escolheram as primeiras, pois melhor remuneradas, abandonando armas e campo de batalha. Voltando assim ao "statu quo ante bellum"(ao estado pré-bélico).

Diversas línguas modernas ainda ligam soldados ao dinheiro. Do antigo "solidu,soldo" (Latim para dinheiro), temos "soldado", "soldier", "soldat".

Dois mil anos depois da Antiga Pérsia, durante a Renasença, Nicolò Machiavelli(pronuncia-se"maquiavelli")(1469-1527). Secretário dos Senhores da cidade-estado de Florença; gênio do pessimismo político e ao mesmo tempo, arguto tecelão das teorias que regem suas tramas,ainda nos nossos dias, escrevia no seu livro "Merconariis Militibus"(Exército de Mercenários), usando o Latim vulgar : "Os mercenários constituem uma ameaça às cidades-estado que servem. Também às liberdades civis. A utilização deles,priva a cidade-estado da possibilidade de desenvolver sua própria defesa e o senso cívico dos seus homens!"

Machiavelli conhecia bem o problema ! No seu tempo, aquilo que é hoje a Itália, era uma série de cidades-estado, cuja defesa era confiada a mercenários. Cada uma delas, na pessoa do Duque, tinha a segurança confiada aos famosos "Condottieri". Contratados por períodos que variavam entre um e cinco anos, estes encarregavam-se de recrutar soldados; de armá-los e de construir casernas fora das muralhas das cidades. Não foram poucos os casos que um "Condottiere" terminou por subjugar o Duque e tomar posse da cidade-estado.

Sob certos aspectos,o problema do mercenarismo é ainda de grande atualidade; na Itália, na China, no Brasil, em todo lugar, onde a população, através dos "modernos Duques"(políticos), confia à "força pública" a defesa do nosso patrimônio ! Um elemento alheio ao nosso próprio núcleo, e que naturalmente pagamos - através dos impostos -, como eram pagos os originais mercenários da antiguidade !

•

Aspecto interessante do arcaico mercenarismo, eram as conseqüências sociais e culturais do fenômeno.Esculturas do tempo do Império Persa, ainda hoje existentes, mostram a influência de artistas gregos, ex-mercenários,inseridos naquela civilização. Muitas dessas esculturas estão expostas no Museu Nacional da Grécia, em Atenas, o qual visitamos nos anos passados. Em alguns casos,são as próprias inscrições nas "tábuas" de pedra - estas também disponíveis -, que confirmam a citada influência.

Uma das tantas "atrações" - "vendidas" bem aos candidatos ao mercenarismo por Clearco de Eradéa e outros - restava na promessa de viajar, de conhecer outras terras,outros povos e costumes.Como nos dias de hoje fazem as nossas Agências de turismo !

> "Saindo progressivamente do túnel da ignorância, o homem, na descoberta do novo , procura oportunidades. Normalmente de uma forma pacata. Às vezes com agressividade; outras com violência".
>
> Feodor Dostoevsky(1821-1881),no seu livro " O Jogador".

•

Mesmo se muitos séculos passaram-se do tempo da Antiga Pérsia e das "polis" da Antiga Grécia,a atração pelas viagens resta basicamente a mesma, pois o homem não perdeu sua atração pelo novo e pelo desconhecido; com a diferença que na antiguidade - e sob as circunstâncias acima citadas - ,as possibilidades de voltar à própria terra, eram um tanto menores que podem ser hoje ! Em suma,o"homem da antiguidade"continua vivendo dentro de cada um de nós,tendo sempre encondido dentro de si,aquela "semente" que o quer fundamentalmente nômade. É uma realidade que refutamos de reconhecer e aceitar, pois o conforto da vida moderna e contemporânea - principalmente da Renascença em diante -, não deixa, na grande maioria dos casos, espaço para alternativas.

Quando lia a lista dos passageiros dos navios ingleses em rota de turismo(no tempo que trabalhei para a B., em Liverpool, e depois no norte/nordeste do Brasil e Peru), a primeira coisa que chamava a atenção, era a idade dos

mesmos. Em média, 65 anos! Na grande maioria dos casos,e
ra a primeira viagem que faziam através dos oceanos.

Muito tarde ! Seria preciso iniciar com 30 anos,ou me
nos ! Ou "arranjar" um "método" de ter o tempo e os me-
ios de quando temos 65, combinando-os com o estusiasmo e
a energia dos trinta ! Tão difícil quanto determinar o
sexo dos anjos. O ideal seria "nascer"com 60 anos, usar
os meios à disposição que normalmente temos naquela ida-
de para viajar, e depois, com vinte anos, quando não há
experiência, nem meios, nem problemas familares...aposen
tar-se !

Mas não existe somente a "descoberta do mundo", com os
seus prazeres e as suas desilusões ! Mesmo durante o tem
po em que a condição de nômade era a condição normal, o
núcleo familiar, com seus problemas e suas alegrias, era
onde o homem encontrava a necessária serenidade, sem a
qual a vida não tinha senso.

IV

Fui um sentimental e um saudosista inveterado.

Assim são aqueles para quem a História,o passado e su-
as tradições, as quais somente lentamente cedem à influ-
ência do presente, têm na vida uma parte importante.E re
conhecer e interessar-se pela História, nas suas grandes
linhas, é meio seguro para enfrentar e conhecer o presen
te. Quando encontro alguém bastante paciente para ouvir
minhas peripécias pelo mundo, há curiosidade, principal-
mente se jovem, para quem os anos 1940 e '50,podem pare-
cer tão distantes como o tempo de Augusto e Tibério.

Uma das perguntas que não faltam, é:" - qual o país e
qual a cidade que mais gostei?"

O país seria aquele hipotético, formado daquilo que en
contramos de bom em cada um, sem distinção da localiza -
ção geográfica, da raça principal do seu povo, do regi-
me político, da natureza do território,dos costumes, das
artes e leis; e sem distinção da filosofia que rege a so
lução dos problemas dos seus habitantes. Em suma, qual -
quer país pode ser ideal...se temos a capacidade de igno
rar sua parte ruim e juntar-se à boa ! A mesma psíco-quí
mica da natureza humana, onde a parte boa e generosa vi-
ve ao lado da crueldade e do egoismo,formando um todo cu
ja fronteira desconhecemos. Entre aquilo que pode ser
normal e aquilo que pode ser patológico no homem.

Conhecer um país inclui sempre a nossa capacidade de
"curiosar"; com as nossas "antenas" sempre prontas para
captar o máximo dele. Não somente nos salões dos hotéis
ou dentro dos ônibus que nos levam ao famoso"sightseen",
mas no contato com o povo, e dele possivelmente aprender
quanto ignorantes somos da sua terra e da sua cultura.

Nesse campo, o Norte Americano, grande viajante destes
tempos modernos - sempre excessivamente preocupado com
os riscos que o físico possa correr! -, tem a reputação
de transferir-se de um Hilton a outro; em geral vendo ,
observando e aprendendo pouco do povo do país visitado.

Não certamente todos, mas observação válida para gran-
de parte deles ! Célebre é a estória de um casal de Ame
ricanos, que voltando à própria terra, depois de uma lon
ga viagem no exterior, descrevia aos amigos os dezesseis

Hiltons por onde tinham passado!

Um novo país deve ser visto com ardor e paixão. Se possível, enamorando-se dele ! Fazendo freqüentemente recurso ao nosso independente espírito de observação.

Para um sentimental como eu, sofri muito quando chegava o momento de "fazer as malas". Sentia que deixava lá um pedaço da minha vida. Tinha lágrimas nos olhos pensando em todas aquelas pequenas coisas, que no momento damos pouca importância, mas que ficam dentro de nós, como uma "marca" que não podemos jamais cancelar. Assim foi quando deixei a Espanha, a França, a Inglaterra, a Escócia,a Tunísia, a URSS,a Itália e o nosso querido Brasil. Mas a verdade, porém, é que as coisas nos parecem sempre melhor quando as estamos deixando!

Aquele hipotético país ideal, todavia, teria também resolvido um célebre problema que afeta quase todos os estrangeiros nele residentes. A adaptação dos últimos à filosofia, aos costumes e ao modo de vida do país hóspede, ao invés de esperar - e às vezes prepotentemente "exigir"! -,que os 25,50,100 ou 200 milhões dos seus precedentes habitantes, adaptem-se aos deles !

Assim são os países.

Que dizer das cidades ?

Se voltarmos os nossos olhos à antiguidade,sabemos que quando inteiras populações abandonavam uma terra para procurar outras - como freqüentemente aconteceu na história do homem -, certamente não chegavam ao destino na sua totalidade. Prescindindo de outros motivos, tais como perdas naturais ou devidas ao ataque de animais , continuamente acontecia que grupos parassem no caminho, formando pequenas comunidades, enquanto a massa prosseguia. Muitas das cidades existentes nos nossos dias,foram produto desse processo.

Uma cidade, se nela moramos por algum tempo, pode deixar uma marca ainda mais sensível na nossa memória. Como no jovem que conquista as graças de uma nova namorada ! A marca daquela ânsia do próximo encontro, na espectativa de saber mais sobre ela: um bairro, uma taberna, uma catedral, uma ponte, um museu, um edifício histórico,uma torre, uma biblioteca. Não é a mesma sensação, em todos os casos,de quando deixamos uma cidade dentro do país no qual vivemos em permanência.

Particularmente na Europa, bastam poucas horas de viagem e temos diante dos olhos um mundo completamente diferente. Podemos dizer, sem erro, que é uma marcada peculiaridade daquele continente. Variações na arquitetura , nas línguas, nos costumes, na cozinha, no dinheiro,no modo de vestir , na própria filosofia de vida, para nada dizer do aspecto físico do povo,podem ser facilmente notadas. Sobre o físico dos Europeus, é interessante notar que regra muito generalizada,mas repleta de exceções, é que a estatura aumenta à medida que vamos do sul ao norte daquele continente,enquanto a pigmentação da pele diminue. Também a maturidade sexual diminue do sul ao norte, e a precoce maturidade sexual, segundo os antropólogos,impede o desenvolvimento da estatura. Se tomarmos , por exemplo, dois homens de dois extremos da Europa (um Siciliano, no sul, e um Sueco, no norte), temos: o primeiro com pele muito pigmentada(escura), com precoce maturidade sexual, e conseqüentemente de baixa estatura. O segundo, com pele pouco pigmentada(clara), com tarda maturidade sexual e de alta estatura.

*

Se foi triste deixar um país,mais triste ainda foi deixar uma cidade. Assim foi quando deixei Madrid, ou Dundee, na costa oriental da Escócia. Ou Tunís, no norte da África; Londres, New York, cidade do México,Milão. Ou Paris, onde passei os melhores e os piores momentos destes trinta e cinco anos; lembranças que fazem-me agora evitar aquela belíssima cidade. E o faço com tristesa, pois Diva tem por ela especial predileção.

Na verdade, sempre pensei que nunca deixamos uma cidade. É ela que nos deixa !

Mas todas as cidades podem ser bonitas, e todas podem ser feias, dependendo da parte da nossa própria história que a elas juntamos.Aquela que cada um de nós acaba construindo durante a permanência. Às vezes involuntariamente. E a única comum característica entre as cidades,é de nada ter um comum!

Cada uma com a própria personalidade.Vestida de sol ou neblina.Banhadas por aqueles rios que a História fez célebre, como o Thames, em Londres; "la Seine", em Paris ; "il Têvere", em Roma; o Vístola, em Varsóvia; os Hudson e East, em New York; o Moldava, em Praga;o Spree, em Berlin; o Tejo, em Lisboa; o Nilo, no Cairo; o Moskva, em Moscou; o Danúbio, em Budapest e Viena; o Isar, em Munique; o Ganges, em Benares; o Potomac,em Washington; o Se

mida, em Tokio ; o Reno, em Bonn e Colônia;o Neva,em St. Petersburg; o Whangpoo, em Shang-Hai e o Elba, em Hamburgo.

•

Ligado aos países e às cidades, podemos também dizer , que mesmo se cada ser humano é um mundo em si , existem certas características comuns que são peculiares aos povos. Podem parecer superficiais e sem importância, mas não são. Algumas delas facilmente reconhecíveis.

A vocação pela disciplina, a inabilidade de conviver com a imperfeição, o método e a preocupação pela eficiência nos alemães. A indiferença pela marcha do tempo nos árabes. O "ritmo sonolento" dos centro-americanos. A prolixidade nos italianos, e a natureza triste, malgrado o estilo bombástico pelo qual são conhecidos. O espírito prático e direto dos americanos do norte, e aquela capacidade que têm de trabalhar em "time", afastando-se tanto quanto possível dos individualismos. A tendência dos brasileiros, a qual pode ser qualidade,mas nem sempre,de enxertar assunto sério com humorismos; talvez dando evasão a camuflados desencantos e pessimismos. A atitude filosófica dos indianos ao enfrentar as misérias da vida . A astúcia e a frivolidade nos gregos. A modéstia, o pessimismo e o complexo de inferioridade que têm os portugueses no contexto da Europa. A falta de "espírito prático" nos eslavos. A índole servil e a capacidade dos extremo-orientais de não refletir no rosto as emoções , pois o sentimento e a dor, segundo eles, são considerados privados. O fleumatismo nos ingleses e escandinavos. A atitude individualista nos espanhóis. O complexo de superioridade nos argentinos de extração européia,face aos demais Latino-Americanos,os quais são pejorativamente por eles chamados de "los negritos";da mesma forma que muitos brasileiros de extração européia, vêm pejorativamente bolivianos, equatorianos e mesmo os nossos compatriotas do norte/nordeste. A xenofobia nos suíços. A arrogância nos franceses,pois sempre conscientes da história da França e dos seus grandes homens: Carlos Magno, Napoleão, Lamartine, Baudelaire, Racine, Descartes, Berlioz, Pasteur, Richelieu,Robespierre, Danton, Rabelais , Victor Hugo, Emile Zola, Diderot, Maupassant, Montesquieu, Balzac, Flaubert, Pascal, Comte, Moliére, Dumás ,

Lafayette, Proust, Corneille, La Fontaine,Voltaire e Russeau. O último, lançando a "semente" da Revolução Francesa, com seus livros "A origem da iniguaidade entre os homens"(1755) e "Contrato Social"(1762).

Arrogância sob nenhum aspecto justificada, mesmo se devemos reconhecer que no tempo de Charlemagne(Carlos Magno, 742-814 D.C.),para dar um exemplo, uma grande parte da Europa - aquela que é hoje parte da Alemanha,da Áustria, da Hungría, da Tchecoslováquia, Suíça e Polônia,assim como os países escandinavos(Suécia,Dinamarca,Noruega), e os povos da antiga Caledônia(hoje Escócia) -, era ainda habitada por tribos nômades de bárbaros,algumas antropófagas.

Enfim, cada povo procurando penalizar outros por defeitos que talvez ele mesmo possui.

Mas a História é o mais perigoso dos "produtos" saídos da mente humana!

Ela faz sonhar e sofrer os povos.

V

Entre aquilo que visitei nestes anos, há o "bas-fonds" de Marseille(Marselha), no sul da França. Mal-afamado em toda a Europa até o início dos anos '60, principalmente devido à constante presença dos soldados da Legião Estrangeira, cuja sede, na época, era em Sidí-Bel-Abbés, na Argélia. Partindo do norte da África, onde a Legião tinha suas bases e quartéis, Marselha era o ponto natural de reunião dos Legionários durante as longas folgas.

A travessia do Mediterrâneo, por mar, de Tânger (cidade chamada Julia Traducta quando capital de uma Província da Antiga Roma), toma dia e meio. Para Marselha , o Legionário levava a vontade de rever o "solo pátrio" , que pátrio nem sempre era, pois 90% dos Legionários eram de nacionalidade outra que francesa. Uma certa porcentagem dos Legionários era constituida de foragidos da justiça de outros países; ou homens atraidos pelo romantismo e pelas aventuras que a Legião podia proporcionar... ou faziam parte da fantasia dos candidatos. Nela podiam passar o resto da vida, renovando os contratos.

Eram esses Legionários que infestavam o "bas-fonds" de Marselha naqueles anos. Não havia, na Europa, outra cidade com tal concentração de casas de jogo clandestinas(onde era "proibido" ganhar!); tabernas, onde a fumaça do tabaco fazia de barreira entre uma mesa e outra. Somente o som do acordeão, instrumento muito popular no sul da França, "ligava" a clientela. Criminalidade, bordéis, alcoolismo, monstruosas brigas entre bandas, e dinheiro falso, completavam o quadro.

As tabernas, na Europa, foram sempre locais na parte baixa de um edifício, geralmente velho de séculos, com pouca claridade externa, e localizado nas áreas populares das cidades. O ambiente dava um gostoso senso de intimidade, e cada um dos seus clientes comportava-se da maneira que bem entendesse. Eram frequentadas, principalmente, por homens das classes modestas, onde a etiqueta e os bons modos, eram tão raros quanto o dinheiro que carregavam nos bolsos. Mulheres raramente faziam parte da "selecionada clientela". A presença delas era quase sempre limita-

da à criadagem. O "trabalho" incluia um sorriso, se um cliente, movido pelo álcool, encompridasse um braço!

Mesas eram toscas e naturalmente sem toalha.

Aquelas juntas aos muros eram divididas por repartições que pareciam compartimentos de vagões de velhos trens ainda em uso na Europa nos anos '60. Havia também um par de recintos especiais - providos de mesa, cadeiras e sofá -, geralmente isolados do resto do ambiente por pesadas e gordurosas cortinas. Estas garantiam a "privacy" do cliente e da sua companhia. Uma propina ao garçom o afastava do recinto.

Nos longos invernos, era a lareira à lenha ou a carvão "coke", que fornecia o calor. A ela estavam ligados tubos de cobre contendo água ou vapor; correndo ao lado dos muros. As tabernas, desde os tempos mais remotos, foram ponto de reunião nos países de clima frio, onde, durante as horas do dia descutiam-se negócios, política, religiões e problemas familiares. Nas horas noturnas, as quais tinham fim de madrugada com o trabalho dos "saiôts", os quais levavam para fora(como pouca cerimônia!)os borrachos, a atmosfera era ao invés de divertimento. Com música e com desamparadas "borboletas" que procuravam uma palavra doce, ou uma promessa. Ambas quase sempre rarefeitas com as primeiras luzes de um novo dia !

Os viajantes eram figuras que nas tabernas não faltavam. Deles ouviam-se as últimas novidades de outras terras; peripécias do mau tempo, projetos de novas viagens a terras desconhecidas; remédios feitos com milagrosas ervas, e assim por diante.

A Bíblia, no Velho Testamento, Genesis 19:24 e 25, conta "que as cidades de Gomorrah e Sodoma tinham sido destruidas pelo céu, devido aos pecados dos seus povos". Marselha, cidade fundada pelos gregos no IV século A.C., podia merecer similar destino!

*

Um Posto de Recrutamento de Legionários existia também em Joinville-sur-Pont, às portas de Paris. Uma vez fui sondar o ambiente, dando evasão à minha eterna curiosidade por tudo. Lembro-me que a única exigência que praticamente contasse para o ingresso na Legião, era passar uma "prova de habilidade física". Não um exame sobre a condição física ! Sim, havia também este, mas em segui-

da, o candidato, em calção de ginástica,entrava num rin-
gue, onde via-se frente a dois tipos bastante robustos, cujas tatuagens e marcas de antigas feridas, eram já o "cartão de visitas". Espécie de modernos gladiadores, os quais punham a vitalidade e resistência do candidato a ulterior prova. Assisti uma destas, feita com um jovem dos seus vinte anos,também ele robusto. Era um austríaco de Graz.Chamava-se Karl Heinz.Digo "era e chamava-se"porque depois dos dez minutos no ringue, o pobre jovem deve ter passado semanas recuperando-se! Anos depois,quando eu morava na Tunísia, escrevia-me um amigo de Paris, dizendo que a Legião havia,finalmente, adotado " métodos de ingresso menos rudes".

Lembro-me também, que se o candidato passasse aquela prova, era admitido sem mais formalidades. Inventava um novo nome, não precisava mostrar documentos ou descrever seu passado. Era fotografado, assinava contrato por cinco anos(como faziam os "condottieri" na Itália renascentista!), e depois de algumas semanas de prática, era embarcado para o norte da África.

*

Para ficar no assunto de ambientes "pesados" e também na África, faço um salto para trás, citando parte daquilo que um viajante inglês escreveu, em 1743, a respeito do Vale dos Reis, no Egito. Richard Pocke era seu nome e o livro chama-se "Description of the East"(descrição do Leste ou do Oriente), que é um dos clássicos dos viajantes do passado. Mas antes de transcrever as palavras de Pocke, quero lembrar o seguinte ao leitor: o Vale dos Reis, em árabe chamado "Beban al-Mallok",a 670 quilômetros ao sul da cidade do Cairo, é uma das maravilhas arqueológicas do Antigo Egito. Lá, muitos Faraós foram embalsamados e postos nos túmulos durante o período das várias Dinastias. Em 1922,setenta e um anos atrás,o túmulo do Faraó Tutankhamen foi ali descoberto pelo time de Howard Carter e Lord Carnarvon. Em 1988,quando visitamos o Egito, o Vale dos Reis foi naturalmente incluído na nossa viagem. De todos os Faraós que reinaram no Antigo Egito, Tutankhamen(1371-1352 A.C.), foi um dos menos importantes e menos conhecidos. A História e os séculos , mas principalmente devido à descoberta de Carter, o fizeram o mais famoso. Tudo estava ali...grandioso,rico e

imóvel...3282 anos depois da sua morte !

Nos próximos três capítulos, lembro coisas do Velho e do Novo Egito.

*

É Pocke que faz uma primeira realística e interessante descrição dos tempos, por assim dizer modernos(1743), do Vale dos Reis, onde o túmulo de Tutankhamen foi,179 anos depois, descoberto. Transcrevo parte dela:

> "O Sheik nos fornece cavalos e armas.
> Diante de nós, um deserto cheio de pequenas colinas de granito.
> Dezenas de cavernas - as quais abrigavam antigos túmulos de Egípcios comuns, os quais viviam no tempo das Dinastias -, passavam diante dos nossos olhos. Tudo era silêncio e tudo dava a impressão de vazio,numa zona onde milhares de anos atrás, estava um dos centros do antigo e poderoso Egito.
> Deixando os cavalos ao largo, entramos numa das cavernas, profundamente cavada nas rochas de granito, onde habitavam em grande profusão, os chamados "ratos das cavernas". Cegos,pois a vista, naquela permanente escuridão, não lhes era necessária. Com a ajuda de tochas, avançamos dezenas de metros. O fogo e a luz das tochas punham em movimento milhares de morcegos. O nosso pensamento ia aos escravos,que na antiguidade,tinham ali trabalhado.
> Nas nossas costas, o silêncio foi quebrado com a caída de terra e pedras do teto, que à primeira vista, poderiam impedir a nossa volta ao mundo dos vivos.
> Contra a parca luz que ainda penetrava do exterior, misturada com a poeira que a caída tinha levantado ao ar,estava a silhueta de um grupo de homens.Como fantasmas.Talvez ofendidos pela nossa irreverência por aqueles que ali tinham sido mumificados no passado.
> Depois dos primeiros momentos de estupefação,rendemo-nos conta que eram homens vivos. Seriamente intencionados a levar tudo aquilo que tínhamos

carregado para dentro da caverna: armas, tochas, dinheiro,roupa que vestíamos, objetos pessoais . Mandados pelo Sheik ? Bandas de ladrões do deserto ?
Semi-nus, sobre os cavalos, voltamos à base".

As noites no "bas-fonds" de Marselha, dois séculos depois da visita de Pocke ao Vale dos Reis, não ofereciam melhor perspectiva !

•

Os ratos cegos nas cavernas do Vale dos Reis, fazem-me lembrar de uma afirmação de Jean Baptiste Pierre de Monet, conhecido como Lamarck(1744-1829), e precursor de Charles Darwin.
Diz Lamarck:

"...nenhuma fronteira definitiva pode ser erguida entre uma espécie e outra.E é improvável que uma fronteira possa conservar-se fixa.
Quem, vendo pela primeira vez um Spaniel, um Lebreiro ou um Buldogue, certamente pensará tratar-se de espécies diferentes.
Na verdade, eles têm uma origem comum.
A diferença nos traços de cada uma dessas raças, foi produzida pelo homem, através da criação selecionada.
Na natureza,todavia, variações como estas foram também produzidas,e o fator que as originou, foi o "meio ambiente".
As espécies conservam características constantes até que o "meio ambiente" modifica-se".

VI

Também do Masr, nome com o qual seus nacionais chamam o Egito - assim como os chineses chamam seu país de Zhong Guò -, lembro alguma coisa,e este é o primeiro dos seus três capítulos. Mas antes de lembrar o Antigo Egito, será preciso dizer alguma coisa do novo; e o novo e presente Egito, mesmo sendo o mais importante e evoluído dos países árabes do norte da África, é uma catástrofe!
Muito pode ser "aprendido" lá em materia de indisciplina, de falta de ordem e de senso cívico... tão raros como um padre entre os Quakers !
Mas o Egito é riquíssimo de História e de monumentos arqueológicos, e isto basta para atrair a atenção de centenas de milhares, os quais trazem através do turismo e das comissões arqueológicas,a moeda forte que o país tanto precisa. Com um número sempre crescente de estudiosos, a Egiptologia afirmou-se no campo das pesquisas históricas e humanísticas, como um quase exclusivo "laboratório".
Não obstante o pouco espírito de ordem e organização , algumas coisas funcionam relativamente bem no Masr. Tudo que é ligado ao turismo, por exemplo, o qual é ativo somente durante o outono e inverno(Outubro-Abril), pois o intenso calor do resto do ano afasta os visitantes. O turismo, os direitos de passagem pelo canal de Suez e a exportação de algodão (dizem ser de boa qualidade, pois de fibras longas),formam o trio principal das fontes de renda externa. Sua vida econômica é ligada a estes três fatores, e mais, naturalmente, às centenas de milhões de Dollars recebidos como "ajuda" dos USA(os quais terminam nos bolsos dos políticos!)para que o Egito funcione como "ponto de equilíbrio" no sempre explosivo Oriente Médio.

•

Poucas sensações sentidas nestes anos foram iguais àquela da nossa chegada ao aeroporto de Heliopólis, nas

proximidades da cidade de El-Qahíra,a qual conhecemos no ocidente como Cairo. Dentro do avião da Egyptair que nos leva de Milão ao Cairo, lembro-me de um episódio velho de bem mais de meio século. Estamos nos primeiros meses de 1937. Eu, menino de quase 9 anos, freqüento o segundo ano do Grupo Escolar "João Kopke", nas imediações do ex-Palácio dos Campos Elyseos, em S.Paulo.

A professora é Dona Maria Genta. Alta, magra, enérgica e com a reputação de "brava". Ela explica alguma coisa na lousa. Eu, desatento, folheio um livro de História... à procura de imagens ! Vejo aquela das Pirâmides do Egito. Talvez é o início de um sonho posteriormente transformado em realidade !

Aproximando-se em-pontas-de-pé da minha carteira, Dona Maria Genta toma meu livro. Fecha-o.Faz-me levantar e ir na frente da classe. Os companheiros ensaiam um sorriso. Estendo a palma de uma mão. Ela bate forte com a "régua do castigo"; três, quatro, cinco vezes. Choro de dor e vergonha. Manda-me de volta à carteira. Debruço sobre um braço estendido. Choro ainda.

Agora, mais de meio século depois, as Pirâmides (em árabe chamadas Al-Ahram), estão assim perto ! Assim como está o Nilo(em árabe chamado Bahar el-Nil). Um sentimento "incubado", em estado latente, por tanto tempo, parece encontrar agora sua solução !

Diz Segmund Freud(1856-1939) na sua "Introdução à Psicanálise:

> "...a única coisa que realmente conta na nossa vida psíquica, são os sentimentos. As forças psíquicas ganham importância pela capacidade que têm de despertar sentimentos escondidos no nosso sub-consciente".

*

Durante estes trinta e cinco anos de viagens, quando a mim mesmo perguntava "qual o fato que me havia causado maior espetáculo",a imagem de uma tempestade no Mar das Caraíbas, em 1963, voltava sempre à memória. "Não verei outra vez espetáculo assim impressionante e extraordinário", continuava a repetir. Dela conto alguma coisa num sucessivo capítulo.

A viagem ao Egito reservava, porém, espetáculo talvez

mais impressionante !

Tínhamos chegado no Cairo quando a noite andava avançada. O nosso grupo partia, em seguida, do aeroporto, com onibus de turismo, em direção do hotel. Tinham sido seis horas de vôo(Milão-Cairo) e mais duas horas de esperas várias. O avião da Egyptair, no aeroporto de Milão talvez esperasse que alguma personalidade egípcia embarcasse ! Os nossos precedentes anos na Tunísia, nos tinham ensinado que isto era "praxe"entre os povos árabes e não somente entre eles ! 250, 300 pessoas que esperavam a chegada do "figurão", que sossegadamente bebia seu café no bar do aeroporto, rodeado dos famosos "puxa s...s". Também a nossa Varig uma vez reservou-me uma "surpresa", fazendo descer passageiros para dar lugar a alguns generais brasileiros de volta à pátria, sem algum respeito por outros. Típicas atitudes que infelizmente encontramos com freqüência entre os povos de países em desenvolvimento. São coisas que a mim e imagino a tantos outros, fazem perder o bom-humor.

Mas voltando ao ônibus que nos leva ao hotel nos arredores do Cairo: hotel luxuosíssimo e moderno, construido nas imediações das três grandes Pirâmides, as quais distam doze quilômetros do centro da cidade. Digo "grandes" pois no Egito existem dezenas delas, de menor dimensão , chamadas "mastabas". Estas são menos conhecidas e em adiantado estado de deterioração.

Lembro ao leitor, que houve tempos na antiguidade quando a construção de pirâmides esteve "na moda".Foram construidas também no Sudão, na Etiópia, na Grécia, Índia,México, Tailândia. Podemos também ver uma em Roma, no bairro de San Paolo (20 metros de altura).

Sabíamos que as famosas Pirâmides de Keops, de seu filho Kefren, e de Mikerinos, estavam nas imediações do hotel, mas a escuridão da noite nos impedia de vê-las.

Dormi três ou quatro horas, que é o máximo que consigo fazer de uma só "puxada", acordando na primeira madrugada, quando a claridade iniciava dar o ar da graça. Puxei a cortina e vi aquele espetáculo das sonhadas, por mais de meio século, Pirâmides do Egito !

Não distavam mais que um quilômetro do hotel. A maior delas(Keops), mede 137 metros de altura, e cada lado do seu quase perfeito quadrilátero, 232 metros. Juntamente com a Grande Muralha da China, são os maiores monumentos que a nossa espécie jamais construiu. Obras primas da técnica da engenharia na antiguidade.

Aquela meia luz da madrugada,dava às Pirâmides um colo

rido todo especial. Espetáculo extraordinário ! Daqueles que, como a citada tempestade em alto mar, ou como as cachoeiras do Niágara, ou como os Alpes, ficam na memória pelo resto dos nossos dias ! As Pirâmides do Egito foram, na antiguidade, uma das chamadas sete maravilhas do mundo; foi a única que sobreviveu aos nossos dias.

*

"Antes do Antigo Egito e dos seus homens, nasce o Nilo. E com o Nilo e a fertilidade do seu limbo, cerca de 20.000 anos atrás, nasceram as condições de vida associativa". Assim diz a História.

Sem o Nilo, o Egito seria um vasto deserto, e no deserto não poderia ter-se desenvolvida a civilização das Dinastias, assim como a sua ultra-milenária história. Somente 6% do território do Masr (Vale do Nilo), é habitado. Pequenas tribos de nômades estão, não obstante, espalhadas pelo deserto. Mas o Nilo, longo 6.671 quilômetros, dos quais 1.200 em território egípcio,depois de milhares de anos, não é mais aquele que mesmo nós, homens modernos, ficamos conhecendo através dos livros.Nos anos 1950/60, isto é,depois da revolução de 1952 que levou os generais Naguib e Nasser ao poder - a mesma revolução que "convidou" os colonizadores ingleses a deixarem o país -, vieram os soviéticos, os quais construiram a represa de Aswan. Chamada em seguida Lago Nasser, quase na fronteira com o Sudão. Nós o visitamos quando fomos à Núbia ver o Templo de Ramsés II(1304-1237 A.C.), em Abou Simbel, no extremo sul do país. Através da produção de energia, tal represa(largura máxima dez quilômetros; comprimento máximo 500 quilômetros),deveria incentivar a industrialização do país. Todavia, num país pobre de artesanato como é o Egito dos nossos dias, tal industrialização ficou praticamente no papel.

Regulando o influxo de água na parte do Nilo que banha o Egito, a represa fez, ao contrário, descontinuar o natural fenômeno das inundações, as quais,depositando limbo nas suas margens, impedia o avançar do deserto, e fertilizava o terreno às margens do rio; única região agrícola do Masr.

Pergunta-se se isto não era sabido antes da construção da represa de Aswan ? A resposta pode ser que a construção da represa "era uma questão de prestígio nacional"

e os políticos e as revoluções nos países em desenvolvimento, em tantos casos, precisam de coisas grandiosas... mesmo se para nada servem!

*

A navegação turística pelo Nilo faz parte"obrigatória" das visitas ao Egito. Ela é importante porque, juntamente com a paisagem e o conhecimento que o turista deve ter - superficial que seja -,da história do Nilo e do Antigo Egito, produz sério motivo de reflexão. Às vezes um pesadelo !...quando para gente como eu chega a hora das refeições no navio. Não é o movimento deste que pode virar o estômago,mas o tipo de alimentos (e talvez a pouca higiene!) disponíveis. Do mesmo problema sofri na Índia e China. Devo ter sido um viajante para quem a completa satisfação do paladar teve sua importância !

Os navios que fazem a navegação pelo Nilo têm aproximadamente 50/60 metros de comprimento,com vários andares ; salões, bar, restaurante e naturalmente cabinas confortáveis; banheiro individual incluido. Transatlânticos de pequena dimensão. Ao lado deles,como constante companhia navegam as "felucas"; pequenos barcos à vela. São do tipo que os antigos egípcios usavam milhares de anos atrás. Podemos vê-los desenhados ou esculpidos nos milenários monumentos.

O programa fluvial,durando diversos dias, consiste em parar nas localidades de interesse histórico/arqueológico. E aqui estamos falando de ruínas de construções que podem ter dos dois aos quatro mil anos.Muitas delas absolutamente intatas,como se tivessem sido construidas recentemente. Uma vez atracado nos improvisados portos, os guias nos acompanham,dentro de charretes ou ônibus - às vezes quilômetros distantes -,e na descida somos virtualmente "atacados" por uma pletora de vendedores ambulantes e pelos chamados "camel Hertz"(combinação entre camelo e a Hertz!).

Ofertas destes "serviços" e a venda de bugigangas não são feitas de maneira civil. Trata-se de verdadeiro assalto; cada vendedor puxando o potencial cliente de lado e falando ao mesmo tempo. Sair inteiro de tal agressiva concorrência é já alguma coisa !

Necessário é ser mestre de "diplomacia" e às vezes de ...rudez para livrar-se deles. Tais comerciantes incluem

crianças que pedem o famoso "backchiche"

•

"Backchiche", que na gíria da língua árabe significa propina - ou mais precisamente,"propina imotivada" -, é o primeiro vocábulo que aprende-se na terra dos ex-Faraós ("Faraó" significando "grande casa" na arcaica língua egípcia). Um estrangeiro, quando parte do Egito, foi, durante sua estadia, certamente "backchichado" ao estremo! Mas pedir o "backchiche" no Egito, não é aquela ação sutil e disfarçada que notamos em certas partes dos países do sul da Europa, na América Latina ou Ásia. No Egito, pedir o "backchiche" carrega uma grandíssima dose de agressividade. Aberta e sem inibição. Quase vergonhosa. Mas não para seus habitantes, que vêm no "backchiche" um complemento necessário à baixa receita. Se a "cultura" do "backchiche" é assim abertamente exposta em tudo aquilo que tem a ver com o turismo, pode-se imaginar como o resto funciona ! Como funcionam, por exemplo, as repartições do governo, com uma intricadíssima, lenta e ineficiente burocracia !

Anos antes da nossa visita ao Egito, alguém contava-me que em certas ocasiões, até para a compra de selos postais, era preciso desembolsar o "backchiche".Caso contrário...não havia selos ! Enfim, sem o "backchiche" nada move-se no Egito. Com ele todas as portas abrem-se...mesmo aquelas que a moral e o bom senso dizem que deveriam ser mantidas fechadas !

A nossa experiência foi naturalmente limitada a hotéis, restaurantes, museus, Mosques, monumentos, transportes, guias e outras coisas do gênero, mas foi bastante para mostrar a importância do "backchiche"neste país, o qual naturalmente não tem,absolutamente,exclusividade!

Exemplos são freqüentes e somente um caradura, o qual não se comova com a fisionomia de um rosto pedinte,ou de uma mão estendida,não intende a pressão do "backchiche". Se ele não é dado, o homem, a mulher ou a criança ficam na nossa frente, imóveis como uma múmia !

Uma ocasião, numa pequena cidade às margens do Nilo,tomei, sozinho, uma charrete. Elas funcionam como táxi. O preço contratado partia de 50 Libras Egípcias(L.E.). Depois da necessária "discussão", chegava a 5 L.E. ! Quando dispensei a charrete, o charreteiro correu atrás de mim pedindo o "backchiche" para o cavalo(!), o qual, já ensinado pelo homem, olhava para trás, com "ar" de quem pedia alguma coisa! Descasquei uma banana,a enrolei numa nota de 25 Piastras(fração da L.E.),e dei ao cavalo. No dia seguinte vi o charreteiro sentado à beira de uma calçada, ao lado da charrete. Pensei que talvez esperasse o cavalo fazer suas necessidades e assim recuperar as vinte e cinco Piastras!

Tenho aversão e antipatia pelo uso das propinas e pelos pedintes em geral, e freqüentemente me aborreço diante de certas situações. Talvez pelo fato que nada na vida consegui sem sacrifícios.

Nada é feito ou conseguido no Egito sem o"backchiche". Pedir uma informação na rua e um desconhecido, a menos que seja pessoa de certa distinção - coisa rara entre os pedestres neste país -,comporta necessariamente o "pagamento" do backchiche. A mim parece impossível imaginar o Egito sem o "backchiche", assim como é impossível imaginá-lo sem o Nilo. O "backchiche" é uma "tradição nacional" no ex-país dos Faraós.

•

Uma das coisas que muitos turistas observam com divertimento, é o trânsito nas cidades egípcias, principalmente mas não exclusivamente, em El-Qahíra. Pergunta-se por que investem dinheiro em sinais, luzes e guardas!...pois pouco é respeitado. Quem chega primeiro passa...ou encontra-se com outro, que pensava ter chegado primeiro.A Lei física de Newton sobre a "impenetrabilidade dos corpos" parece não aplicar-se nestes territórios !

A História nos conta que foi em 40 A.C.,durante o Triunvirato, na Antiga Roma, que uma Lei regulando o trânsito, chamada "Lex Iulia Municipalis",aplicada aos habitantes das cidades e províncias romanas, tinha sido aplicada também no Egito; então uma das províncias. O fator tempo pode ter pouca influência, pois mais de dois mil anos passaram-se e o trânsito no Egito continua catastrófico. Em comparação, aqueles do Rio, Roma, cidade do México, S.Paulo e outros, por mais indisciplinados sejam, obedecem uma certa lógica, coisa que absolutamente não acontece no Egito. Guardas de trânsito em todas as esquinas, mesmo naquelas onde o mais ignorante na matéria conviria não ser necessário. A pobre personalidade,

a falta de autoridade com os motoristas;os uniformes mal arranjados - às vezes usando tênis ou chinelo -,fazem do guarda de trânsito egípcio, uma figura puramente simbólica. Mais ou menos importante como um poste de luz !

Eles "apitam" aos motoristas indisciplinados - que são obviamente todos -, ou correm atrás dos mesmos, mas tudo fica em gestos e infinitas discussões, e acabam abraçando-se à moda árabe. Ou correm atrás dos vendedores ambulantes ou charretes, e quando os conseguem apanhar, tem início uma nova interminável discussão. E depois... mais um abraço.

Enfim, tudo isto faz parte de uma marcada característica dos povos árabes: aversão à disciplina e à ordem. Tudo é feito superficialmente e na base da improvisação. Mas não é exclusividade deles ! Todos os povos do Mediterrâneo e adjacências - uns mais outros menos -, sofrem da mesma insuficiência. Expressão máxima desse comportamento ou dessa filosofia de vida, encontramos na política desses países, onde tudo pode ter vinte e sete significados e nada é reto e preciso.

Mas há outra verdade que não pode ser contestada !

Os povos do Mediterrâneo e suas adjacências - árabes , gregos, turcos, italianos, palestinos, franceses do sul da França, espanhóis(do sul) e portugueses -, malgrado a falta de disciplina,malgrado o espírito confusionário, malgrado a falta de organização e o constante apelo à improvisação, são em geral de índole boa . Infelizmente , continuam todos "jogando" na "segunda-divisão", pois a primeira é reservada aos anglo-saxões e extremo-orientais, os quais são duros, práticos, disciplinados, organizados, frios e pouco emocionáveis... para quem as coisas do coração têm somente relativa importância.

Mas a aparência dos guardas de trânsito egípcios,assim como de todo o pessoal fardado visto no país, nos leva também a outra reflexão: como poderiam estes militares ter jamais ganho uma guerra contra Israel ?

•

Se há um acidente de trânsito - coisa freqüentíssima nas ruas do Cairo -,e insignificante que seja, é motivo para uma tremenda aglomeração. Todos falam e gesticulam ao mesmo tempo. Junto dessas aglomerações, as quais incluem condutores de Mercedes, Fords e Volvos último modelo, pára também o homem com a carrocinha puxada a burrico. Esta é deixada no meio da rua e seu condutor participa à discussão. E quem tem "razão" é sempre o mais importante dos presentes,mesmo se não diretamente envolvido no acidente. Dá uma ordem em voz alta; os demais abaixam a cabeça e continuam a marcha. É neste ponto que tem início o"segundo ato"do"show"! pois o burrico da carrocinha, deixado à própria mercê e não incomodando-se com as desesperadas buzinas, comeu a fruta da carroça do ambulante parada diante dele !

Ao lado do acidente pode estar um hotel de grande luxo com egípcios ricos que entram e saem sem pagar atenção àquele "outro mundo" do qual, para todos os efeitos, não fazem parte. Salvo quando chega o período das eleições , mesmo se o voto nestas terras vale pouco... muito pouco!

Gratitude é uma virtude rara na vida política !

Termino este capítulo dizendo que o Cairo é uma cidade grande, como tantas neste mundo afora. Caótica, mas rica de história, de arqueologia, de templos e de curiosidades. É a maior do continente africano e também do Oriente Médio.

Em El-Qahíra vimos aquilo que os egípcios chamam" Cidade dos Mortos". Trata-se de dezenas de quarteirões usados como Cemitério Muçulmano. Sobre os túmulos, parentes e amigos constroem modestas casas,parecendo sofisticadas favelas. Lá as famílias vão passar o período das festas religiosas muçulmanas ou, em alguns casos, moram em permanência, resolvendo assim o sério problema da moradia.

A nossa antecedente longa permanência na Tunísia, nos havia de certo modo preparado a esta visita ao Egito. Os tunisianos , assim como argelinos, ambos tão árabes como os egípcios, são mais humildes e menos pretensiosos.

Aceitam o fato que o norte da África tem ainda muitas léguas a percorrer antes de passar do "quarto" ao "terceiro" mundo. O nosso Brasil, sob tantos aspectos, pode parecer um "relógio suíço", quando comparado com esta área !

E creia o leitor que isto não é exagero.

Além da sua arcaica civilização(Dinastias) e posteriormente ao período mais importante desta, o Egito é também conhecido pela presença no seu território, de quatro entre os mais célebres conquistadores da antiguidade:Dario III, rei da Antiga Pérsia, hoje Irã; Alexandre Magno, da Macedônia,hoje parte da Grécia e Juguslavia; Gaius(Caio) Júlio César e finalmente, Bonaparte. Cada um deixando no país sinais que o passar do tempo não consegue apagar.

Com suas antigas, magníficas e até hoje insuperadas construções, o Egito foi uma meta importante das conquistas. O Vale do Nilo deveria ser uma "idéia fixa" dos conquistadores do passado. Talvez uma questão de prestígio!

Também a "moderna" arte musical lembra o país dos Faraós, com as óperas "Aida" de Verdi; "A Flauta Mágica" de Mozart e "Thaís", de Massenet.

A nossa viagem ao Egito incluiu, entre outras, a cidade de Alexandria, no delta do Nilo. Em árabe, é chamada El Iksandaryia. Fundada pelo grande conquistador Macedônio no quarto século antes de Cristo, foi subseqüentemente capital do Egito por mais de mil anos.Histórica e culturalmente, sua principal cidade. Mas Alexandria do Egito, não foi a única à qual o nome de Alexandre foi dado. Na Turquia, no Afganistão, na Antiga Pérsia, na presente União Soviética, no Paquistão e na Índia, outras cidades foram chamadas Alexandria. Algumas conservam ainda o nome. Alexandria do Egito,porém,não é famosa por ter sido fundada por Alexandre, pois este, juntamente com os seus invencíveis exércitos,conquistaram, no século IV A.C.,todos os territórios que praticamente contavam no mundo de então. E assim, podemos assumir, fundar cidades com seu nome era somente um fato de rotina.

Lembro ao leitor que naquele período da antiguidade , com exceções da Roma monárquica, e naturalmente da Grécia, a maior parte da Europa estava mergulhada em florestas, habitadas por homens bárbaros, morando ainda em cavernas, com antropófagos fazendo parte das populações.

Foi a chamada "Escola de Alexandria" (escola no sentido de dogma, doutrina,sistema), que fez aquela cidade célebre. Nela ensinaram os mais eminentes sábios da época: entre eles, Arquimedes(287-212 A.C.) e Euclides(330-260 A.C.), que são considerados, juntamente com Pitágoras de Samos, os maiores matemáticos da antiguidade.A geometria que conhecemos hoje, por exemplo, é ainda baseada naquela de Euclides,mesmo se foi somente no início da Era Moderna, que tivemos a verdadeira conquista dos infinitos horizontes da matemática, com a álgebra e a geometria analítica. Por aproximadamente 500 anos(de 300 A.C. a 200 D.C.), Alexandria foi o principal centro de cultura do mundo então conhecido. É importante lembrar que antes do polonês Nikolai Kopernik(1473-1543),ou Copérnico, como o conhecemos , a astronomia, por exemplo, era ainda baseada naquela que tinha sido herdada daquela "Escola". Portanto, por cerca de mil anos "sem nada de novo nesse campo do conhecimento". Mas a "Escola de Alexandria" não foi importante somente pelas suas teorias e descobertas.Ela representa o primeiro real e prático passo na "ação de divórcio" - mesmo se tímido e incompleto -,entre a ciência e o mundo místico-religioso.Ela representa, também, o início da "especialização", da qual lembro alguma coisa mais adiante.

Não foi porém o passo definitivo naquele "divórcio" , pois a humanidade precisou esperar os séculos da "especialização" propriamente dita(triunfo do método experimental), para que a ciência tentasse caminhar com suas proprias pernas. Independente da influência, da ingerência, do controle dos misticismos e das religiões; liberando-se,paralelamente, e sob determinados aspectos, também da submissão à filosofia.

Assim era na antiguidade. E assim, caro leitor, é ainda hoje em tantas regiões deste nosso planeta, onde o homem ainda considera o resultado de "dois mais dois", ou as marés, ou os eclipses, como atos divinos !

Num sucessivo intervalo que podemos estimar em cerca de 1700 anos,por duas vezes aquele início de "independência" das ciências,atribuido à "Escola de Alexandria",foi posto a risco. Primeiramente, durante o Império Romano, a partir do segundo século D.C., sob Trajano e Adriano , quando Roma teve sua máxima expansão territorial. Sucessivamente, nos séculos da Idade Média que precederam a Renascença. Mas não foi tudo ! A resistência àquele"divórcio",esteve também marcadamente presente naquilo que os antigos Latinos chamaram"Inquire Into",e que conhece-

mos por Inquisição, a qual teve início já durante a deca
dência de Roma. Foi um processo que com maior ou menor in
tensidade, durou até séculos recentes. Nem sempre uma ex
clusividade dos povos que adotaram o Cristianismo, mas é
neste que os efeitos da Inquisição são principalmente co
nhecidos pois envolveram homens e civilizações importan-
tes. Tempos de intolerância, de perseguições e de obscu-
ridade. Convém lembrar que também as mulheres, na tradi-
cional figura da "strega"(bruxa, feiticeira), paradoxalmen
te pagaram sua porção de perseguições, torturas e martí-
rios durante a Inquisição. Quando, para evitar persegui-
ções por parte da Igreja e dos seus zelantes, elas nega-
vam dedicar-se à bruxaria, eram postas à prova e condena
das sem apelo. Conta-se que um potente eclesiástico do
sul da Alemanha, no século XI - daqueles cuja santidade
não era certamente um privilégio ! -, conhecia um método
infalível para determinar se uma mulher era ou não "stre-
ga". Era mergulhada viva num caldeirão de água fervente
por quinze minutos. Em seguida, ele fazia experimentar o
"caldo" para saber se devia ou não ser condenada !

*

Os ensinamentos da "Escola de Alexandria" e o relativo início do "divórcio" entre ciências e filosofia-misticismo religioso, nos levam a refletir assim: um universo finito, fosse ele esférico ou não; sem ou com a Terra no seu centro, podia ser pensado como um "Universo feito pelo Criador". Ao contrário, se pensado como infinito - como demonstrado pela ciência -, não podia absolutamente satisfazer o Cristianismo. Muito menos o Cristianismo dos tempos de Copérnico, Galilleo e outros, os quais, pelas suas convicções, muitas vezes acabaram nas masmorras ou perderam a cabeça. Outros ainda, aqueles menos célebres que podiam ter menor impacto sobre a opinião da massa, tinham suas propriedades confiscadas; perdiam os direitos civis ou eram exilados. Como sabemos, a Inquisição foi uma página sinistra e amarga na história do Cristianismo. Muito pior, pois mais cruel e mais longa que o recente Holocausto dos hebreus, ao qual dedico um capítulo mais adiante nestas "Notas".

Cito S. Bernardo(1090-1153), abade de Clairvaux, na França: "Fides suadenda, non imponenda" (a fé dever ser

resultado da convicção e não imposta pela força).
Uma visita à cidade de Alexandria do Egito, nos faz refletir sobre tudo isto.

*

Das "especializações", posso certamente lembrar ao leitor que seu embrião já pode ser tracejado durante a "Escola de Atenas"(anterior àquela de Alexandria), da qual também lembrarei alguma coisa no capítulo sobre os filósofos gregos.
Embrião interrompido, re-instaurado, interrompido ainda, até que quinze e mais séculos depois da "Escola de Alexandria", com Paracelso, Copérnico, Galileo, Kepler , Descartes, Bacon, Newton, Lagrange, Darwin, Morse, Lavoisier, Volta, Ampére e tantíssimos outros, a "especialização" toma, definitivamente, o lugar do pensamento filosófico-religioso, naquilo que concerne as ciências. Com as idéias, teorias e ensinamentos destes homens, houve uma fratura profunda entre as ciências e a ordem espiritual (filosófica/religiosa). Da grande e importante "nebulosa" da antiguidade, quando a tudo foi dado uma explicação mística, à "especialização", através da exploração de cada segmento das coisas do Universo.
Lembro ainda, que aquele grande processo de progressiva segmentação, continua nos nossos dias; aparentemente inarredável. Podemos vê-lo e senti-lo em pequenos fatos da nossa vida, não diretamente ligados às ciências, mas não de menos, característicos. E disponíveis também ao menos erudito dos homens. Na medicina, na mecânica, na restauração, na engenharia, nas escolas, na política, nos canais televisivos, onde cada um especializa-se em alguma coisa(notíciais, esportes, religiões, condições atmosféricas, modas, julgamento nos tribunais, artes, cinematografia, aventuras, documentários, história), não tratando de outros assuntos fora daqueles em que especializam-se.

O médico não é mais "médico", mas larintologista, ou oculista, ou internista. O mecânico não é mais "mecânico" mas mecânico de carburador, ou de freios ou de carroçaria. O restaurador não é mais "restaurador", mas restaurador de maças italianas, ou da cozinha francesa ou daquela síria. Tudo é continuamente segmentado ! E o "especialista" ficou sendo uma tradição universal ! O cérebro

homem "fac-totum"(do Latim: "fazedor" de tudo), ou eclético(do Grego: "ekleticós", reunião de sistemas diversos); aquele homem que "de tudo sabe um pouco mas de cada pouco pode saber mesmo pouco", está destinado à extinção ! Ninguém o quer ! Também nos países em desenvolvimento, mesmo se nestes, felizmente,ele ainda conserva alguma "chance" de sobreviver nesta última década dos século vinte.

VIII

Neste último capítulo sobre o Egito,gostaria de refrescar a memória do leitor sobre um assunto fascinante,possivelmente levando-o, temporariamente, de volta aos bancos de escola.

De tudo que sabemos do Antigo Egito, Tutankhamen - Faraó durante a XVIII Dinastia(1555-1305 A.C.) -, é um dos assuntos mais interessantes, e assim o escolhi para o final destas "Notas" sobre o Egito.

Não há substituto para o imenso material que pode ser visto,lido e estudado a respeito e relativo ao túmulo de Tutankhamen. Tanto no Museu das Antiguidades do Cairo,como nas bibliotecas do mundo inteiro. Penso, porém,que alguns leitores destas "Notas" não têm tempo para longas dissertações; outros não têm paciência. Outros ainda,têm um limitado interesse. Assim é que lembro coisas sobre Tutankhamen(1371-1352 A.C.) de forma sumariada,esperando que possam satisfazer a curiosidade de todos. Certamente refrescando a memória dos menos jovens.

Aqueles que se propõem de explorar as origens da cultura e da História da nossa espécie, encontrarão sem falta no caminho, além dos antigos povos da Mesopotâmia(Assírios e Babilônios , nas proximidades dos rios Tigris e Eufrates, hoje Irak); além da antiguidade clássica(Grécia), do poder de Roma e do Cristianismo primitivo, também o Antigo Egito.Deste último,faço um sumário das suas principais épocas.

As primeiras notícias referem-se àquele período da pré história que vai, aproximadamente, do ano 4.000 ao 3.000 antes de Cristo, portanto, entre cinco e seis mil anos longes dos nossos dias. Sucessivamente, temos as trinta e uma Dinastias,aproximadamente do ano 3.000 a 330 A.C., isto é, um intervalo de 2.670 anos. Segue o período Persa/Helenístico, entre 330 e 30 A.C., quando o Egito foi dominado pela Pérsia,por Alexandre Magno e pelos reis Tolomeus. Em seguida, por 425 anos -do ano 30 A.C. a 395 da nossa Era -, o Egito foi dominado pela Antiga Roma, a qual foi sucedida, de 395 a 641,por Bizâncio(depois Constantinópolis e hoje Istambul, na Turquia). Finalmente, a

partir de 641 D.C., isto é, do tempo do Profeta Mohamed (570-632 D.C.), temos o período árabe do Islamismo. Esta última é ainda a religião oficial do Egito, mesmo se não a única [75% são Muçulmanos, 20% Cristãos Jacobitas(ou Cristãos Ortodoxos Coptos) e os restantes 5%, adeptos de outras religiões].

•

Se os antigos egípcios tinham uma característica singu lar que os distinguia, por assim dizer, de outras civili zações - característica que teve papel importantíssimo na ligação entre passado e presente -,foi aquela da "con servação da vida depois da morte". Um conceito que se traduz também numa série de imagens mitológicas (a lógi- ca do mito): o chacal, a vaca, a serpente, o touro,a pan tera, o falcão, o Sol, a Lua,assim como a combinação fi- gurativa entre homem e outros animais.

Para os antigos egípcios, a "criação" do homem era a primeira etapa. A vida propriamente dita, a segunda. E a morte, somente uma sucessiva etapa da vida, mas não fi - nal, pois segundo eles, a vida continuava,infinitamente, de outra forma. Não no sentido visto pela teologia que rege as religiões, mas uma "vida inteira e completa".Daí o motivo porque era posto nos imensos túmulos dos Fara ós, todo o necessário à "sobrevivência eterna": alimen - tos, toalhas, lençóis, móveis, material para a toalete , roupas, assim como "servidors", representados por estatu inhas em cerâmica. Em alguns casos, os servidores dos Faraós foram deixados, vivos, dentro dos túmulos.

Com a descoberta destes, uma grande parte do material, praticamente intato depois de milhares de anos,foi trans ferido ao Museu das Antiguidades do Cairo, assim como a diversos Museus da Europa, onde pode ser visto e admira- do.

Não sei qual a sensação que outros visitantes do Egito tiveram,mas a minha, diante de um pedaço de pão, de uma peça do vestuário, ou de um móvel, todos velhos milhares de anos, foi grandíssima; senti-me transportado a épo - cas remotas.

Como descrito nos parágrafos acima, esta é a estrutura dos conceitos que deve ser entendida, para que entendi - dos sejam o túmulo de Tutankhamen, assim como de tantos

outros Faraós do antigo Egito. Em suma, a "vida na pos- teridade" era uma preocupação constante, a qual pratica- mente tinha início com a "criação"de cada indivíduo.E se refletimos por um instante, chegamos à conclusão,que sob certos aspectos,aquele objetivo dos antigos egípcios,foi conseguido !...pois a nossa imaginação diz, que salvo im previstos, a múmia de Tutankhamen, para dar um exemplo , continuará existindo por milhares de anos no futuro; tal vez eternamente.

•

Quando, na antiguidade, o homem começou a habitar fora das florestas tropicais - cujas estações atmosféricas não são definidas -, ele estabeleceu-se em regiões onde iniciou a primitiva agricultura. As exigências desta -a primeira ocupação "econômica" depois da caça,à qual o ho mem organizou-se -, incluiam um "calendário" que indi - casse os períodos justos para semear e colher.

Calendários e datas fazem parte da história da humani- dade e penso ser necessário,lembrar aqui,alguma coisa do assunto. As datas, aproximadas que sejam, são importan- tíssimas na criação do desenho mental que nos permite comparar e analisar os fatos da História.Sem um claro de senho mental delas, ariscamos de nos perder na confusão dos séculos; inabilitados a compreender e mentalmente re construir a evolução da mesma História.

O mesmo aplica-se, por exemplo, às artes, que da nossa História fazem parte, como fazem parte as guerras de con quista, a fundação das cidades, as descobertas, as migra ções, o nascer e a decadência dos Impérios, e assim por diante. Penso, que quando um jovem, no seu desenho men-
tal das épocas e datas,confunde os tempos da Oliver Crom
well com aqueles da rainha Victoria; ou o tempo dos pin-
tores impressionistas(Monet,Renoir, Pissaro, Cezane, Van
Gogh e outros) com aquele de Piero de la Francesca,ou Ra
fael. Ou os tempos da Idade Média com aqueles da Renas -
cença. Ou de Vivaldi com Stravinsky; ou uma construção
em estilo Liberty com uma de estilo Gótico; ou as escul-
turas de Donatello com aquelas de Riace; ou a música de
Gluck com aquela de Debussy - em todos os casos acima ci
tados marcadamente diferentes -, ele está perdendo um im
portante anel de ligação. Pode ser incapaz de fazer uma
reflexão séria e serena de fatos **presentes**, aparentemen-

te sem relação com o passado. E tenho visto muitos des - tes senhores ! Às vezes com diplomas universitários.

*

Quando pensamos,por exemplo,em datas relativas a fatos que precederam o nascimento de Cristo - isto é, anterio- res à Era Cristã, a qual teoricamente teve início no Ano Um do nosso calendário -,a primeira pergunta que nos po- de vir à mente é a seguinte: "...como foi possível refe- rir-se a uma data como "100 antes de Cristo", quando no tempo em que o fato ocorreu não era possível prever o nascimento de Cristo ?

Os anos A.C.(antes de Cristo) foram naturalmente " re- construidos" posteriormente por historiadores e estudio- sos da matéria. Na complexidade dessas "reconstruções" , foi preciso aceitar uma margem de erro, a qual é todavia insignificante quando pensamos que a nossa espécie vive sobre a Terra - considerando as mais conhecidas e re - centes fazes da evolução -,há cinco milhões de anos.Con- siderando também que a nossa civilização teve início em ca. 5.000 A.C,quando assume-se que naquele pedaço de ter ra entre o Cáucaso(montanhas no sudoeste da URSS)e o Mar Negro, o homem iniciou a arar a terra.

Foi principalmente durante a baixa Idade Média,isto é, nos arredores do ano 1.000, que o processo de reconstru- ção teórica das épocas e datas, começou a tomar o impul- so e a seriedade que merecia. Não limitando-se, porém , aos anos "antes de Cristo", mas também àqueles "depois", tendo como ponto de tentativa partida, entre outros, o Ano Um.

Não foi um processo simples; nem sempre definitivo.Até estes nossos dias, muitíssimas datas e épocas, como ten- tativamente reconstruidas, permanecem indefinidas. Dou três exemplos entre centenas que existem: 1)Péricles, na Antiga Grécia: nasce em 495 ou 493 A.C.? 2) o início do processo de democracia, na mesma Grécia: desconhecido ! 3)a fundação original da cidade grega de Neapolis (hoje Nápoles, na Itália), significando "nova cidade": em 550 ou 450 A.C. ? Não conhecemos,ainda, resposta definitiva a tais interrogações.

Acresce ainda o fato que durante a Renascença(aproxima damente entre 1350 e 1600),aquele processo de "reconstru

ção" sofreu inúmeras modificações, como produto de novos estudos. Igualmente, várias alterações no calendário fo- ram feitas através dos séculos, as quais contribuiram a falsear certas datas reconstruidas. Nos últimos 2.000 a- nos, duas correções do nosso calendário são principalmen te conhecidas. A primeira, no tempo de Caio Júlio César (precedentemente ao nascimento de Cristo),com a introdu- ção do calendário Juliano. A segunda, no tempo de Papa Gregório XIII (1502-1585 D.C.),durante a Renascença.Esta última produziu o calendário Gregoriano. Aquele que é u- sado hoje, principalmente, mas não exclusivamente,em to- do mundo. Portanto, quando dizemos que uma personali- dade da antiguidade nasceu, por exemplo, dia 2 de agosto de 315 A.C., esta data é muito relativa no caso quizésse mos comparar aquele dia, aquele mês e aquele ano, com o 2 de agosto do ano corrente. Mesmo a data do descobri - mento do Brasil -21 de abril de 1500 -, não mais corres ponde ao 21 de abril dos nossos dias !

A risco de parecer prolixo - um dos meus tantos defei tos -, a conhecida história das correções dos calendá - rios pode ser sumariada assim: como sabemos, Caio Julio César(102-44 A.C.), foi também estudioso de astronomia e procurou corrigir o arcaico calendário Romano(ano Lunar: 355 dias), considerado impreciso. Estabelecido por Numa Pompilius(715-672 A.C.),e cujo início partia de 753 A.C. (ano da presunta fundação de Roma). A correção do calen dário feita por César , estabeleceu, ao invés, um a- no de 365 dias a 1/4(um dia suplementar cada 4 anos),mas sempre iniciando em Março - mês que representa, no hemis fério norte, o início da primavera - e terminando em Fe vereiro.

Martius, Aprilis,Maius e Iunius eram assim os primei- ro quatro meses do ano. Os sucessivos eram Quinctilis , Sextilis, September, October, Novembre e December. Este último grupo (de Quinctilis a December), representando do quinto ao décimo meses do ano. Januaris, que tinha to mado o nome do Deus Giano da mitologia Grega, era o déci
mo-primeiro. Februaris(Fevereiro), o último mês do ano.
Aquela reforma do calendário feita por César,estabele-
ceu, também, que o quinto mês(Quinctilis), fosse chamado
Giulius(Julho), em sua homenagem. Posteriormente, no ano
8 A.C.,também o sexto mês(Sextilis) do então novo ca -
lendário, foi chamado Augustus(Agosto), em homenagem ao
imperador Ottaviano Thuricus, chamado Augustus.
Mesmo se mais próximos da realidade cósmica, os cálcu-
los astronômicos feitos no tempo de César resultaram er-

rados, pois refletiam um excesso de 11 minutos e 15 segundos por ano, malgrado fossem necessários cerca de 130 anos para somarem um dia. No século XV da nossa Era,tal diferença tinha atingido nove dias, segundo alguns; dez, segundo outros.

Foi então Gregório XIII, Papa em Roma, com a publicação do "Romanii Calendari Restituti Explicatio", que deu a"palavra final" (ou temporariamente final),à reforma do calendário. Ou pelos menos ao calendário corrente nos nossos dias. As teorias da Relatividade de Einstein trazem uma insignificante correção,mas não é aqui o caso de ulteriormente dilatar esta descrição.

Os cientistas chamados por Gregório XIII ao Vaticano , no século XVI,"encurtaram" o comprimento teórico dado ao ano solar. De 365,250 dias, ou 365 dias e 1/4 - como tinha sido estabelecido por César cerca de 1600 antes - a 365,242, reduzindo assim o citado excesso. Estabelecendo também que o último ano de cada século, fosse isento de ser Bissexto(29 de Fevereiro),a menos que tal último ano de um século, fosse exatamente divisível por 400. Exemplo é o nosso ano 2.000,o qual normalmente deverá ser Bissexto(1992,1996,2000,2004,etc.),e sendo exatamente divisível por 400, não está sujeito à acima citada exceção.

O "Calendarii Explicatio" de Gregório XIII estabeleceu também outras duas coisas. Primeira: que para sanar a antiga diferença acumulada durante os precedentes séculos (desde a reforma de Júlio César),nove dias fossem adicionados ao novo calendário(Calendário Gregoriano),para que este, no próximo 22 de março(1583),refletisse a exata data do Equinócio Invernal. ("Equinócio": posição intermediária da Terra, na sua circunvalação ao redor do Sol(entre os Solistícios de Inverno e Verão).Segunda:que o citado adicionamento de nove dias, fosse feito em outubro (1582)transformando automaticamente o dia 6 daquele mês, em dia 15. É interessante notar que muitos povos,na Europa sub-populada do século XVI, com massas altamente ignorantes (pensar que em média, somente um em cada 500 homens, e uma em cada 2.000 mulheres,eram capazes de ler; o dobro destes números aplicando-se a quem sabia escrever), com a possível exceção dos Hebreus, que desde os mais remotos dos tempos obrigaram suas crianças a aprender a ler o Talmud),revoltaram-se contra a reforma do calendário de Papa Gregório,alegando que "nove dias tinham sido a eles roubados"(!).

O Calendário Gregoriano não foi porém adotado em todos

os territórios do Ocidente ao mesmo tempo, isto é, a partir de 1582. As cidades-estado naquilo que são hoje Itália, Portugal, Espanha e França - áreas tradicionalmente Católicas Apostólicas Romanas -, o adotaram imediatamente. Outras cidades-estado da Europa o adotaram posteriormente. Na Suécia, por exemplo, foi adotado 171 anos depois; na Rússia foi adotado 335 anos depois, com a criação da União Soviética, em 1922. No nosso Brasil, assim como em outras regiões do "mundo novo",o calendário Gregoriano foi adotado(para não dizer imposto!), pelos respectivos colonizadores(mesmo que em Portugal e Espanha).

Não menos interessante foi a influência do novo calendário sobre certas datas religiosas, principalmente nas religiões Grego-Otodoxa e Anglicana, chamada Episcopal , mas este assunto foge também ao objetivo destas "Notas".

*

Voltando à reconstrução das datas, existem muitos exemplos práticos de tal processo. Cito alguns, os quais poderão ajudar a compreensão do problema ao leitor menos atento e interessado aos fatos da História e do calendário.

<u>Primeiro exemplo</u>:Ottaviano Thuricus(Augustus)era imperador de Roma há 27 anos quando Cristo nasceu(A).Seu padrasto(Júlio César)faleceu com 58 anos(B).Augusto foi eleito imperador pelo Senado 17 anos depois que César foi assassinado(C).Pergunta: em que ano nasceu Júlio César? Resposta: em 102 A.C. Aparentemente simples aritmética, como mostra o esquema abaixo:

Ano	Número de anos	
102 A.C.	....	Ano reconstruído.Nascimento de Júlio César.
	(B)58 anos.....	Anos conhecidos.Tempo de vida de Júlio César.
44 A.C.	....	Ano reconstruído.Morte de Júlio César.
	(C)17 anos.....	Número de anos conhecido.
27 A.C.	....	Ano reconstruído.Início do Império de Augusto.
- - - - - -	- - - - - - - -	- - - - - - - - - - - -
1	(A)	Nascimento de Cristo. Também

"reconstruido" e sujeito a controvérsias, como visto em seguida.

14 D.C.................. Morte de Augustus.

<u>Segundo exemplo</u>: Este refere-se às épocas estimadas em que a domesticação do cão(Canis Familiaris) e do gato(Felis Catus) ocorreram.

Nas pinturas(1) encontradas em cavernas; nos objetos, como a cerâmica(2)encontrados em ruínas e escavações feitas por arqueólogos através dos séculos; nas gravuras(3) feitas nos monumentos da antiguidade, em parte ainda hoje existentes no Egito, Grécia, França,Itália, assim como em outros países daquela área do mundo; em todos esses indícios do passado, as épocas quando pintadas(1), quando fabricadas(2), e quando gravadas(3), são conhecidas. Para a finalidade deste exemplo, não é nem útil entrar em detalhes e explicar como tais datas são conhecidas.

O fato é que em todos os três casos(1,2,e 3), o cão aparece sempre ao lado do homem,enquanto o gato, até uma determinada época,aparece ao lado dos animais caçados(cenas de caça: atividade que durante milhares de anos foi uma das principais, senão a principal, para a sobrevivência do homem).

Assim é que usando um processo de eliminação,foi possível determinar, com bastante aproximação, quando o gato foi domesticado, ou seja, a partir de 1600 A.C.,ou cerca de 3.600 anos atrás. Quanto ao cão - e aqui não usando somente 1,2 e 3, mas também através dos fósseis, pois vamos a Era bem mais remota -, ele parece ter sido domesticado por volta de 10.000 A.C., ou seja, há quase doze mil anos atrás.

Quando a "voz do povo" diz que "o cão é o maior amigo do homem", ela não reflete somente um sentimento empírico(baseado na experiência), mas nela há também um fundamento histórico/biológico. Não é portanto excluido, que segundo as teorias da evolução de Darwin, no ano 10.000 da nossa Era, isto é, cerca de 8.000 anos na nossa frente(quando o gato terá um tempo de domesticação igual àquele que o cão tem hoje),ele poderá gozar do mesmo"prestígio" que o cão. Isto pode parecer fantasmagórico, mas somente um distante futuro - do qual certamente não faremos parte ! -, dirá a última palavra.

<u>Terceiro e último exemplo</u>: Quando visto com os olhos dos historiadores e pesquisadores que viveram nestes nossos últimos séculos, o ano do nascimento de Cristo é outro exemplo da precariedade de certas datas da antiguidade. Ao mesmo tempo, é outro exemplo do contínuo processo de "reconstrução".

Como sabemos, todos os quatro Evangelhos(parte do Novo Testamento), os quais tratam da pessoa, de parte da vida,mas principalmente dos ensinamentos e dos milagres de Cristo - ou sejam, os Evangelhos segundo Matheus,Marco, Lucas e João -, são obscuros no que diz respeito à vida de Cristo, antes dos seus trinta anos de idade.Ao leitor destas "Notas" que leu os Evangelhos nada há de novo nisto.

Além daquilo que é diretamente ligado ao nascimento de Cristo, somente Lucas - em pouquíssimas linhas - refere-se a episódios relativos ao tempo em que Cristo tinha doze anos.(Lucas 2:39 a 51).(Para aquele leitor que não conhece os Evangelhos:"2" significa o Capítulo e "39 a 51" os parágrafos do mesmo Capítulo).

Assim é que comparados com as esparsas notícias sobre os primeiros anos de Cristo; comparados com as raras e esparsas referências aos seus ensinamentos durante aqueles primeiros anos, os Evangelhos falam longa e detalhadamente sobre os seus últimos anos, e sobre os seus últimos dias. Com isto indicando a importância que o primitivo Cristianismo deu à sua Paixão e Morte. Em suma,os Evangelhos dedicam-se muito à descrição de Cristo como Imagem Divina, mas pouco à vida de Cristo como ser humano.

Marco e João não fornecem detalhes sobre o nascimento e infância de Cristo.Os dois outros Evangelistas(Matheus e Lucas), iniciam as respectivas narrações com um muito conciso sumário dos seus primeiros anos,sem porém - similarmente a Marcos e João -, mencionar o ano do seu nascimento. São os últimos três anos da vida de Cristo, isto é, aqueles que vão do seu batismo por João(Batista), até a cruxificação,que formam núcleo e periferia dos quatro Evangelhos. Tudo praticamente concentrado em aproximadamente três anos !...e nenhuma das acima quatro principais fontes religiosas de informação(Evangelhos), manifesta-se a respeito do ano do seu nascimento.

Aos historiadores modernos(dos últimos dois ou três séculos), restou então fazer apelo a uma "reconstrução histórica" dos fatos, ou seja, basear-se em fontes(independentes) da época de Cristo, cuja documentação foi passada de geração a outra, e de um século a outro,até chegar

aos nossos dias. Não trata-se aqui de "pedaços de papel" originais, velhos dos tempos em que as acima citadas fontes e os Evangelhos foram escritos, mesmo se tantos destinuam chegando,como resultado de novas descobertas, às mãos dos historiadores. Mas também da traspassação, através dos livros, a qual, em palavras simples, significa re-escrever e re-interpretar os fatos da História. Exemplos, entre muitos, de documentos originais da antiguidade, são os chamados "Scrolls", encontrados em 1947 em cavernas da antiga Judéia(Mar Morto);ou papiros do antigo Egito, escritos em épocas que antecederam,de muito, o nascimento de Cristo. Dos últimos,lembro alguma coisa mais adiante, neste capítulo.

Algumas das acima citadas antigas fontes "independentes" de informação (Evangelhos excluidos), as quais nos ajudam a tentar interpretar,com aproximação,o ano do nascimento de Cristo, são os hitoriadores da Antiga Roma , Gaius Plinius Cecilius(62-113 D.C.),conhecido como "Plínio, o Jovem", e Lucius Annaeus Séneca(4 A.C.-65 D.C.),e também,Tito Livio(59 A.C.-17 D.C.),com seu livro "Ab Urbe Condita Libri", título usualmente traduzido por "História de Roma"(os dois últimos:contemporâneos de Cristo).

Quando, por exemplo, os fatos históricos descritos por Plínio e Tito Livio,são combinados e conjugados com as palavras dos quatro Evangelhos, o resultado é,segundo os historiadores modernos, que Cristo, na realidade, nasceu quatro anos antes. Isto é, no ano 749 do antigo calendário Juliano. Ano que representa o 749ésimo ano da fundação de Roma. E não, em 753, ao qual corresponde o "Ano Um" da nossa Era,como estabeleceu o teólogo do século VI da nossa Era, Dionisius Exeguus. Este estabeleceu,também, a data de 25 de dezembro, a qual, diga-se de passagem, não mais corresponde ao 25 de dezembro de hoje(correção do calendário de Gregório XIII, no século XVI).

Procurando evitar aqui ulteriores detalhes e apelando à simplificação do problema, vou direto à interpretação dos citados historiadores modernos, os quais aceitam o nascimento de Cristo em 749, e não em 753, e para este fim, preparei o gráfico seguinte:

<u>Anos, como os conhecemos hoje:</u>	<u>Representando</u>:
753 A.C......	"Ano Um" do antigo calendário Romano(calendário sucessivamente modificado por César e chamado calendário Juliano). Ao mesmo tempo,ano considerado como aquele da presunta fundação da cidade de Roma.
4 A.C......	<u>Ano 749</u> do antigo calendário Juliano,ou 749 anos depois da fundação de Roma. Ao mesmo tempo: <u>ano da morte do rei Herod</u> (37-4 A.C.), <u>rei da Judéia</u>.
1 D.C......	<u>Ano 753</u> do antigo calendário Juliano,ou 753 anos da fundação de Roma.Também considerado o "Ano Um" do presente calendário Cristão(Calendário Gregoriano). Temos neste ano(753 do calendário Juliano e ao mesmo tempo "Ano Um"do presente calendário Cristão), a Incarnação de Cristo(ato que Deus fez-se homem).

Os quatro anos(<u>de 749 a 753</u> do antigo calendário Juliano, os quais virtualmente correspondem ao intervalo entre 4 A.C. e o"Ano Um"da nossa Era), revelaram-se importantes aos historiadores modernos para a tentativa determinação do ano do nascimento de Cristo. Isto explica-se pelo fato, que segundo aquilo que está implícito nas citadas fontes "independentes"(Plínio,Séneca,Tito Livio)os quais, repito,viveram naqueles anos, Cristo nasce <u>durante</u> o reinado de Herod(possivelmente durante o último ano do seu reinado: 749, ou 4 A.C.),e segundo aquelas mesmas fontes, " não mais havia reinado de Herod,rei da Judéia, em 753, ou "Ano Um" da nossa Era". Convido o leitor destas "Notas" a estar atento e não confundir o último, com Herod, rei da Galiléia.

A Igreja nada disto aceita, ou melhor, mantem-se silenciosa(como em tantas outras coisas que podem ofuscar seu poder político/religioso). E isto é fato normal, pois assim é sua natureza. Esta lhe dá a faculdade de encontrar e interpretar "respostas" nas entrelinhas; faculdade naturalmente negada aos laicos.

O "olho frio" do historiador e do pesquisador laico,to

davia, deve apegar-se a fatos e números, sem ceder ao aspecto místico/religioso das questões. Deve, por conseguinte, dar o devido crédito às fontes independentes da antiguidade, como foram Plínio, Tito Livio, Séneca e outros. Acresce ainda que se dermos crédito ao fato que Cristo nasceu em 749(ou 4 A.C.), e não em 753(ou "Ano Um"), ele foi cruxificado com 37 anos e não com 33, como diz a Igreja.

Mas as dúvidas não podem ainda ser postas a repouso ! pois nem os próprios Evangelhos são uniformes nos seus relatos, quando referem-se ao rei Herod.

Dou alguns exemplos que o leitor poderá verificar, ele mesmo, quando lendo os Evangelhos:

1. <u>Do Evangelho segundo Matheus</u>(2:16): "...Herod manda matar todas as crianças com dois ou menos anos ... mas com a morte de Herod(2:19)... José é tentado levar seu filho(Cristo) de volta do Egito a Israel... (2:22)mas sabendo que Archeleus, filho de Herod, é o novo rei da Judéia..."

   Segundo a acima citação, o rei Herod deve ter falecido quando Cristo tinha aproximadamente entre um e dois anos.

2. <u>Do Evangelho segundo Marco, porém, encontramos</u>:"...(6:14)o rei Herod soube dos milagres de Cristo".

   Lendo os precedentes parágrafos deste capítulo(6:1 a 13), é evidente que Cristo era então adulto. Estara o Evangelho segundo Marco referindo-se a Herod, rei da Galiléia ? Não sabemos.

3. <u>E do Evangelho segundo Lucas</u>: "...(23:6) Pontius Pilatus pergunta se o homem(Cristo) é da Galiléia...e estando a Galiléia sob a jurisdição do rei Herod... o manda de volta a Herod...quem estava em Jerusalem naqueles dias".

   Também aqui, tendo Cristo confrontado Pilatus somente quando adulto, é evidente no texto acima, que o rei Herod era ainda vivo na ocasião. Mas qual deles ? Herod, da Judéia ou Herod Antipas, rei da Galiléia ?

4. <u>E ainda do mesmo Lucas</u>: "...(3:1)no décimo quinto aniversário do reinado de Tiberius, quando Pilatos era governador(Romano)da Judéia... o rei Herod da Galiléia...".

   O imperador Tiberius foi aquele que seguiu Augustus(falecido em 14 D.C.). Se somarmos quinze anos a 14 D.C., chegamos ao ano 29, e se assumirmos que o "Ano Um" (como diz a Igreja) representa o ano do nascimento de Cristo, então, na acima citada ocasião(4.), Cristo tinha 29 anos e o rei Herod era ainda vivo.

Acresce ainda: mesmo tomando em consideração que a passagem do tempo possa ter tido um certo efeito na memória (dos Evangelistas), pois os quatro Evangelhos, segundo todas indicações foram escritos em épocas diferentes; com toda probabilidade escritos em lugares diferentes(talves um em Antioch, outro em Smyrna; outro em Jerusalem e outro ainda em Roma), como poderiam todos os quatro evangelistas pecar no mesmo erro, inferindo-se ao fato que Cristo nasceu durante o reinado de Herod ?... mesmo se potencialmente contraditórios entre eles quanto ao ano da morte de Herod; como mostrado nas citações acima ? Ou então terão Plínio e Tito Lívio, que foram contemporâneos daqueles anos, errado escrevendo que em 753(Ano Um) "não mais existia o reinado de Herod" ? Ou terão errado os evangelistas devido ao lapso de tempo passado entre a escritura dos Evangelhos e os acontecimentos em si ? ... e a falta de uniformidade entre seus relatos, como lembrado anteriormente, parece dar força às dúvidas !

Em suma, devemos ter presente que a ordem que existe hoje nas datas não existia absolutamente na antiguidade. Eram os homens de poder que "ditavam o número" que um determinado ano deveria tomar. Os faraóe do Egito, os reis da Assíria, Babilônia e Pérsia; Alexandre Magno, os Césares, Carlos Magno, os Khans da Mongólia, os imperadores da China, e até a nossa recente Revolução Francesa, com seus meses de Brumario, Messidoro, Termidoro, etc., costumavam fixar, independentemente, eles mesmos, como "Ano Um" o ano da instauração do próprio poder.

Em certos casos, diversos "Anos Um" eram fixados, em épocas diferentes, nas regiões então conhecidas da Terra, mas poucos sobreviveram à ditadura do tempo.

Enfim, o ano exato do nascimento de Cristo,é apenas ou tro exemplo da precariedade das datas da antiguidade. E- xemplo também do contínuo processo de "reconstrução" das mesmas.

Igualmente,a "ditadura" das datas não foi estranha às Américas(pré-colombiana); Incas(Peru/Colômbia/Equador)e aos Mayas/Astecas(América Central). Quando no México,Gua temala e Peru, via freqüentemente nos museus e nas ruí - nas a céu-aberto, referências à "ditadura" das datas na- quelas civilizações.

É também verdade que o "mundo", na antiguidade,era"mui to maior"(sob o aspecto imaginativo), daquele que conhe- cemos hoje. O problema das inexistentes ou lentas comu- nicações,assim como a indiferença que existia por aquilo que acontecesse fora das imediações, faziam o mundo ain da maior. O resultado é , que visto com os olhos do ho mem moderno, havia grande confusão na questão das datas.

Quanto aos calendários, temos ainda diversos funcionan do simultaneamente; o Gregoriano(aquele que usamos no O- cidente), o Maometano, o Eclesiástico, o Hebreu, o Chi - nês, o Indu e outros, mesmo se na área das atividades e- conômicas e financeiras, o nosso calendário é usado in - ternacionalmente.

É também interessante notar que a determinação das da tas na antiguidade, já mostrava uma das tradicionais ca- racterísticas da nossa espécie:o individualismo.Por que, por exemplo, no século IX D.C., Irene, imperatriz de Bi- zâncio, devia aceitar o "ano" imposto por Carlos Magno , ou vice-versa, mesmo se ambos viviam na mesma época ? A determinação do número dado aos anos era uma "questão de prestígio pessoal dos potentes".Quase como no dia do nos so próprio aniversário, quando podemos ter a sensação de estarmos no centro de mundo !

Quanto a determinação dos meses, no citado processo de "reconstrução", a base,em muitos casos,foram as naturais estações do ano,principalmente nas regiões onde são bas tante fiéis aos efeitos da circunvalação da Terra.

Dou agora um exemplo de como um mês em que um fato da antiguidade occoreu,pôde ser "reconstruido" com bastante precisão, e aqui, depois deste longo lapso a respeito de datas e épocas, volto a Tutankhamen.

Na sala do sarcófago daquele Faraó, foram encontradas, em 1922 - intatas ! -,guirlandas e um maço de flores , hoje conservadas e mostradas no Museu das Antiguidades

do Cairo. Naturalmente secas, mas num estado -incrível!- bastante bom para permitir a identificação,mesmo se mais de 3.200 anos tinham-se passado ! Tratava-se de flores selvagens que não tinham - mais incrível ainda ! -,per dido inteiramente a cor. Tanto as guirlandas como o ma- ço de flores, eram compostos de "alivos"(Centaurea Depe- pressa) e de "ninfa azul"(Nymphaea Coerulea), as quais , através dos elementos sexuais de todas as plantas, conti nuam brotando no Vale dos Reis, onde o túmulo de Tutan - khamen foi encontrado. Essas flores selvagens aparecem no Vale dos Reis em Março/Abril(até os dias de hoje).con seqüentemente, a múmia de Tutankhamen,com muitíssima pro babilidade, foi posta no túmuo durante esses meses.Março e Abril, porém, como nome de meses, não existiam na épo- ca. Existiam obviamente as estações do ano(fim do inver- no e início da primavera no hemisfério norte, onde o Egi to encontra-se), as quais correspondem a esses meses.

A solução do problema(mês)quando Tutankhamen foi posto no túmulo, foi assim encontrada.

Insisti sobre a questão das épocas e datas da antigui- dade, pois há sempre muita desconfiança a respeito, como se a determinação das mesmas,fosse sempre produto da ima ginação ou de decisões superficiais. Não é / foi absolu tamente assim em todos os casos.

Acresce o fato que visitar o Egito sem uma preliminar revisão da matéria -, isto é, sem ter presente um dese- nho mental das épocas e datas -, equivale a perder 80 % dos benefícios que tal visita possa trazer.

Vamos ver agora,em poucas palavras, quem foi Tutankha- men. Antes, porém, quero lembrar,além do seu túmulo,três outros magníficos túmulos que visitamos no Egito. Aquele do Faraó Tutmosis III, chamado Menke Perre,1504-1450 A. C., ao qual chega-se através de subidas e descidas sobre escadas improvisadas, feitas pelo homem moderno,para ser vir o turismo. Arranjadas ao melhor entre as colinas de granito do Vale dos Reis.Diversas salas compõem este tú- mulo. As pinturas e decorações no teto e nas paredes la- terais de cada sala(a maior delas medindo aproximadamen- te 10 x 12 metros), estão ainda intatas depois de milha res de anos. A sensação de estar ali dentro,soterrado pe lo granito, é indescritível !

Visitamos também aquele de Ramsés II(1304-1237 A.C.),o mais famoso dos Faraós, descoberto em 1881, depois de 31

séculos. E finalmente, o grande túmulo-templo (dimensão de um quarteirão) de HAT-SHEP-SUT(1479-1457 A.C.),em Dar al-Bahari, que foi uma das duas rainhas do Antigo Egito reinando no lugar usualmente ocupado por Faraós.

*

Antes de subir ao trono do Egito,Tutankhamen foi um jovem do povo, não pertencente à nobreza, mesmo se com toda probabilidade filho ilegítimo de seu antecessor e Faraó reinante, Amenophis IV, chamado Akhnaton. Uma das esposas deste foi a famosa Nefertiti.

Tutankhamen foi um Faraó relativamente recente comparado,por exemplo, com alguns dos seus mais célebres antecessores, como foram os construtores das três grande Pirâmides na necrópole de Giseh.

Como foi possível, depois de aproximadamente 3.200 anos,determinar a eventual parentela entre Akhnaton e seu sucessor, Tutankhamen ?

A máscara cobrindo o rosto da múmia(da língua egípcia: Mumiâh, ou cadáver embalsamado e ressecado) de Tutankhamen, permitiu a determinação de muitas similaridades com Akhanaton na aparência somática.

Casando-se com ANKHSEN, filha deste, Tutankhamen sucedeu o último no trono do Egito. Quando casaram-se, é estimado que a menina tinha entre 9 e 10 anos; Tutankhamen entre 12 e 13. Seu reinado durou aproximadamente seis anos. Faleceu quando tinha entre 18 e 20 anos.

Como foi possível determinar, em 1922/24 (época do descobrimento do túmulo pelo time de Howard Carter) a idade aproximada com a qual Tutankhamen havia falecido ?

Aqui também a explicação não é superficial !

Certas partes da nossa estrutura óssea unem-se quando temos aproximadamente 16 anos de idade(aqui chamada "A") outras unem-se com aproximadamente 18("B); outras ainda com 20 ("C"). No exame da múmia de Tutankhamen ficou acertado que as uniões "A" e "B" tinham sido consumadas; não a "C", porém. Foi assim determinado que Tutankhamen faleceu entre 18 e 20 anos.

Diz Howard Carter, num dos seus escritos, comentando a descoberta, em 1922,dos cômodos que formaram o túmulo do faraó Tutankhamen,cuja múmia foi ali posta mais de 3.200 anos antes:

> "...creio que a maioria dos arqueólogos-escavadores tenha provado um senso de temor, quase embaraço,penetrando nos cômodos fechados e sigilados por pias mãos,muitos séculos antes.
>
> Por um momento, o tempo, fator da vida humana, perde seu significado.
>
> Mais de 3.200 anos passaram-se de quando um pé humano pisou pela última vez naquele solo onde agora nos encontramos. O mesmo ar que respiramos dentro destes cômodos; o mesmo ar,ali por milhares de anos,é aquele que respiraram aqueles que puseram a múmia a repouso.
>
> O fator tempo anula-se.
> Sentimo-nos intrusos..."

Como é universalmente sabido e como o leitor verá nos modestos desenhos e descrições que preparei,os quais são mostrados nas páginas seguintes,o túmulo de um faraó não era um "buraco na terra" ou um túmulo como conhecemos hoje. Tratava-se de um conjunto de cômodos cavados nas rochas, ou edificados acima do nível do terreno,como foram as pirâmides de Keops, Kefren e Mykerinos; construidas aproximadamente 1200 anos antes de Tutankhamen.

A intenção motivando a peculiaridade das construções desses antigos túmulos nos poderia levar a fazer uma longa reflexão a respeito da fé religiosa relativa à "eternidade individual do homem" - como praticada durante aquela fase da antiguidade -,comparada com aquela do Cristianismo primitivo, mas isto seria prolongar ulteriormente estas já longas "Notas".

Quero todavia citar Edward Gibbon(1737-1794),considerado o melhor dos historiadores sobre a Antiga Roma,do seu livro "Declínio e Queda do Império Romano", podendo servir para elucidar uma parte do problema. Diz Gibbon:

> "...a Igreja continuava a aumentar a aparência externa enquanto perdia a pureza interna. Durante o tempo de Diocleziano(Imperador Romano no III século D.C.), o aparato do Estado escondia uma massa de Cristãos que procurava conciliar o interesse da vida presente com aquela de uma vida eterna. É preciso fazer uma reflexão para confortar-se da perda de ilustres personagens que poderiam merecer mais que a História trouxe aos nossos dias. Personagens que com o estudo e inteligência purificaram-se das superstições e passaram o tempo na procura da verdade...".

*

Inscrições e papiros encontrados nos vários túmulos faziam referência ao nome de Tutankhamen, mesmo se ele tivesse sido um dos menos importantes e menos conhecidos faraós. Havia todavia existido e era natural que arqueólogos se interessassem da descoberta do seu túmulo no Vale dos Reis.

Não era naturalmente empresa simples ou fácil ! Fa-

zer escavações nas rochas do Vale dos Reis, na esperança que, ao acaso,fosse ali encontrado,era quase como ganhar a loteria. Poderia estar a 100,200,500 metros distante, numa direção completamente diferente. Assim é que a 80% a descoberta foi atribuida a um golpe de sorte. Mas como foi possível ler os hieróglifos fazendo referência a um Faraó chamado Tutankhamen ?

No século XIX, um arqueólogo e egiptólogo francês chamado Jean François Champollion(1790-1832), conseguiu decifrar, depois de quase dez anos de pesquisas, a famosa "pedra de Rosetta"(dimensão 71 cm. x 1,14 cm.), encontrada durante a invasão Napoleônica do Egito. Rosetta(em árabe Rashid), é uma cidade egípcia na costa do Mediterrâneo, a 60 quilômetros a leste de Alexandria. Naquele pedaço de pedra do II século A.C., estava gravado um "decreto" em três línguas: Hieróglifos,Copto e Grego, tendo assim sido possível decifrar os primeiros. Não foi como se hoje tivéssemos, lado a lado, um texto em alemão e outro em português ! A coisa foi bastante complicada. Primeiramente porque os textos em Grego e Copto eram escritos em formas arcaicas. Segundo, porque, como sabemos,cada língua tem um modo particular de construir as frases. Terceiro - e esta foi a maior dificuldade -, porque os hieróglifos não são "letras",mas símbolos.No capítulo sobre a Índia,lembrarei outras coisas sobre as antigas línguas.

De toda forma, depois que os hieróglifos foram decifrados,o mundo ficou conhecendo mais sobre a civilização do Antigo Egito, que durante os precedentes 2.000 anos !

A "pedra de Rosetta" é hoje conservada no British Museum, em Londres, e lá, no começo dos anos '60, fui vê-la de perto.

*

Como anteriormente lembrado, o túmulo de Tutankhamen foi descoberto em novembro de 1922, pelo time dos arqueólogos Howard Carter e Lord Carnarvon,portanto somente 71 anos atrás. O lugar foi a necrópole de Tebe,na margem esquerda do Nilo. Ela está onde os historiadores modernos chamam "Vale dos Reis". Na outra margem do Nilo, está a pequena cidade de El-Uqsor(Luxor).

Por que, entre todos os túmulos de Faraós até hoje descobertos,aquele de Tutankhamen transformou-se no mais fa

moso e objeto de tanta curiosidade ? Foi o único, desco
berto nos tempos modernos, praticamente intato, e conten
do imensa quantidade de ouro e pedras preciosas. Não há
explicação coerente para justificar o fato que esse túmu
lo não tenha sido completamente violado na antiguidade ,
como foram os demais.Talvez aquela parte do Vale dos Re
is ficou sob as águas do Nilo por longo período, e a sua
localização perdida por 3.200 anos. Convido o leitor a
pensar por um instante, aquilo que 3.200 anos represen -
tam! Impressionante. Quase como se fechássemos nossa ca-
sa para ir à praia; "voltássemos" depois de 3.200 anos e
encontrássemos tudo intato... com a provável diferença
que possivelmente não deixaríamos aquela riqueza expos -
ta! Mas é preciso lembrar do grande valor artístico,cul
tural e histórico do que foi encontrado em cada uma das
salas do túmulo de Tutankhamen, fazendo do valor extrín-
sico do ouro e das pedras preciosas,um fato irrelevante.

*

No Museu das Antiguidades do Cairo, o qual também visi
tamos, são conservadas múmias de alguns entre os mais cé
lebres personagens do Antigo Egito. Aquela de Tutankha-
men, todavia, é conservada dentro do sarcófago que está
no seu túmulo, no Vale dos Reis. A visão de algumas mú-
mias dos Faraós, é proibida ao visitante comum do Museu.
Nos foi explicado que o governo do ex-presidente egípcio
Anwar Es-Sadat,decidiu de as banir da visão pública,pois
foram tantas vezes objeto de atitudes pouco respeitosas
por parte da "categoria" de turistas, descrita num dos
próximos capítulos. Há porém uma promessa que tais mú -
mias voltarão a ser expostas ao público num futuro próxi
mo. Apresentadas de uma maneira adequada.
No Museu Egípcio de Turin, na Itália, o qual também vi
sitamos diversas vezes, estão expostas várias múmias,as-
sim como uma vasta quantidade de material encontrada nos
túmulos. Se uma viagem ao Egito pode ser difícil e custo
sa, o Museu Egípcio de Turin é sem falta, juntamente com
aquele de Berlin(Staatlich Museum), segundos ao Museu do
Cairo. Quem vai ao norte da Itália (Turin,Milão,Gênova),
ou Berlin,e não visita um destes Museus, certamente per-
de uma das melhores coisas que podem ser vistas.

*

Em palavras simples, múmia Egípcia significa " o corpo
humano tratado e sucessivamente enrolado em faixas de te
cido de linho branco"(faixas largas de aproximadamente
20 centímetros), as quais faziam toda a volta do corpo .
Cada múmia era enrolada com dezesseis camadas de faixas.
Por que o número "dezesseis", resta um mistério !
Depois de retirados alguns orgãos, como tripas (estas
conservadas em vasos de alabastro,ainda hoje disponíveis
e mostradas nos citados Museus), fígado, rins,massa cere
bral(os egípcios pensavam que era o coração que tinha as
funções do cérebro); o cadáver era deixado de molho em á
gua de sal por 70 dias.As banheiras usadas para esse fim
podem também ser ainda vistas no Cairo,em Berlin e em Tu
rin.
As razões pelas quais as múmias conservaram-se bem por
tantos séculos, foram a ausência da interferência da luz
e do ar, pois tudo era muito bem fechado; assim como o
clima seco da região. O tipo de "produto químico"possi-
velmente usado pelos embalsamadores, resta um mistério.
À medida que as citadas faixas eram enroladas no cadá-
ver, pedras preciosas e outros pequenos objetos de ouro
eram depositados entre elas. No caso de Tutankhamen, o
rosto foi coberto com um máscara de ouro(belíssima !),re
produzindo seus traços naturais. No corpo nu, foram dei
xados colares,braçaletes e outras peças que usava quando
vivo; tudo encontrado, intato, quando as faixas foram de
senroladas antes da autópsia feita em1922/4, e tudo ex -
posto no Museu do Cairo. Parar hoje diante de múmias, a
alguns centímetros de distância - fechadas em vitri -
nas -, e olhar a parte onde as faixas foram desenrola -
das, produz sensação que não pode ser facilmente descri-
ta.

*

Alguns Faraós deixaram grandes monumentos(as pirâmides
por exemplo), dentro dos quais estava escondido o túmulo
propriamente dito. Numa das três pirâmides da necrópole
de Giseh - aquela de Kefren -, é permetido ao visitante
entrar e percorrer baixos corredores que levam à câmara
mortuária. Alguns desses corredores levam a becos sem
saída, hoje devidamente obstruídos para evitar que algum
turista desprevenido, lá perca-se.
Tudo era feito para despistar os ladrões de túmulos.

Era o valor daquilo que era deixado dentro dos últimos , que estimulava os saques. Segundo pesquisas, os túmulos eram em geral violados entre os seus primeiros anos. próprios encarregados da proteção,eram corrompidos, Os brando somente a múmia desprovida de todos os valores. so - parentemente, o túmulo de Tutankhamen escapou a esse A - cesso ! O estado do material encontrado em 1922 nas pro las, indicava , porém, que algumas delas foram parcial sa - mente violadas, mas o material re-arranjado(grosso modo) - e o túmulo novamente fechado. Aqui também não são hipó teses, mas certezas, às quais as várias comissões de ar queólogos chegaram. Em suma,sempre no túmulo de Tutan - khamen, foram roubos feitos às pressas, sem muito tempo para procurar tudo. O lenço(ou pedaço de linho)encontra do no chão de uma das salas, depois de 3.200 anos, contendo aneis de ouro, é prova que houve agitação por parte dos saqueadores, pois teria sido fácil escondê-lo no corpo e carregá-lo fora do túmulo. Felizmente, os sa ques foram limitados a ante-câmara, ao anexo e a sala do tesouro. A sala onde estava o sarcófago e as caixas on- de, dentro da mais interna, encontrava-se a múmia , não foi violada. O anteriormente citado maço de flores ficou sobre o sarcófago por mais de 3.200 anos. Talvez ali pos to pela jovem esposa Ankhsen ! As fotos que tentei repro duzir no fim deste capítulo, podem dar melhor idéia da- quilo que venho descrevendo.

•

Papiros encontrados no túmulo de Ramsés II, hoje manti dos no Museu do Cairo,descrevem,em detalhe, a descoberta de furtos e condenações dos ladrões, citando nomes,"ocu pação" e pena imposta. Tudo traduzido dos hieróglifos pa ra as línguas modernas. Um desses papiros descreve a es tória de um "mudir"(prefeito) da cidade de Keneh,chamado Daoud el-Pasciá, e faz referência à sua interessante re- putação de "homem generoso" ao condenar ladrões de túmu- los. A descrição do papiro diz que "el-Pasciá deixava ao condenado a "escolha"entre 1)ter a cabeça cortada com uma espécie de machado, e 2)que a cabeça fosse torcida e despregada do resto do corpo".Como ulterior prova da sua "generosidade", el-Pasciá dava um "apko" ao condenado(in tervalo de tempo que corresponde aproximadamente a seis das nossas horas),para que ele pudesse refletir,com cal

ma e serenidade... sobre a própria escolha. Pergunto se uma versão menos extremista de um el-Pasciá,pudesse ser útil à sociedade moderna ! quando os atentados ao nosso patrimônio, encontram sempre o beneplácito de alguém !

Não obstante as penas infligidas por el-Pasciá e ou - tros, os roubos nos túmulos continuavam. A atração de to do aquele ouro e pedras preciosas era irresistível. Nem mesmo Anubis, Deus dos Defuntos na antiga mitologia egíp cia, representado por um chacal - geralmente esculpi- do em madeira e revestido com lâmina de ouro; presente em cada túmulo -, era bastante potente para afastar os ladrões. Muitos Anubis são mostrados nas vitrinas dos an teriormente citados Museus.

Gostaria de concluir este longo capítulo sobre o Egito - o qual penso seja interessante,principalmente quando têm-se a oportunidade de ver e sentir a história de to - dos esses fatos de perto -,com a seguinte observação : projetada a riqueza encontrada no túmulo de Tutankhamen aos túmulos dos Faraós de grande poder e prestígio, como foram os construtores das grandes pirâmides, a pergunta vem natural: - Quanta riqueza foi posta nos túmulos dos últimos e depois desaparecida por obra daqueles que exer ciam - e exercem ainda -, a segunda mais antiga "ati- vidade" que o homem conhece ?

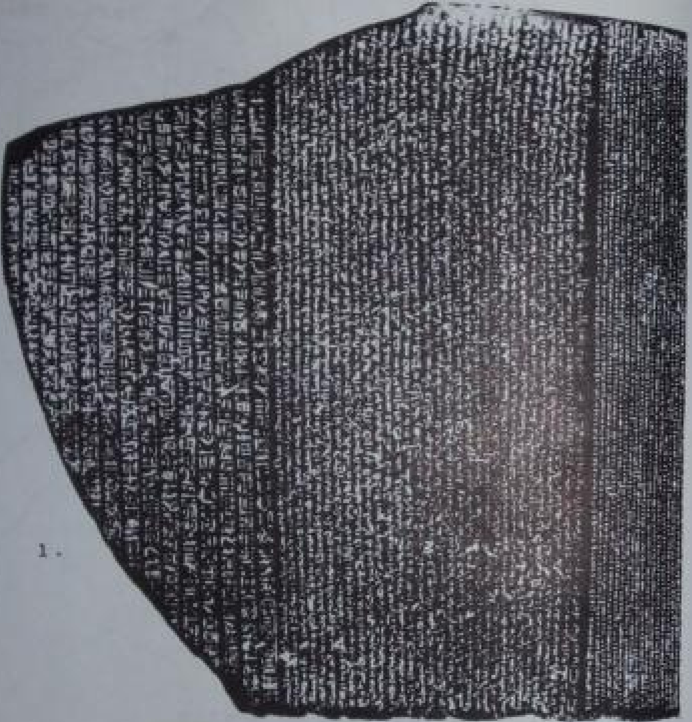
Enfim, apesar das grandes mudanças de temperatura en - tre dia e noite - característica climática dos desertos - ; da "precisão" nos horários; da dieta baseada na car- ne de ovelha,que desgostamos tanto quanto gostamos daque la de porco; da falta de higiene nos ambientes que nos circundavam (e aqui temos sempre a "desvantagem" de com- parar questões de higiene com aquela dos USA, mas princi palmente com aquela da Suiça),foi uma viagem que não era mesmo possível perder.

1.Suíça 5.Iuguslavia 9.Tunísia 13.A.Saudita
2.Áustria 6.Bulgária 10.Argélia 14.Itália
3.Hungria 7.Mar Negro 11.Síria
4.Romênia 8.Grécia 12.Jordânia

Notar: Alto Egito é onde o Nilo inicia a entrar no Egito. Baixo Egito, onde ele desemboca no Mediter.

1.Canal de Suez
2.Mar Vermelho

Notar: Importância do Nilo. A necrópole de Tebe era a ocidente dele , pois é no ocidente onde o sol "morre".



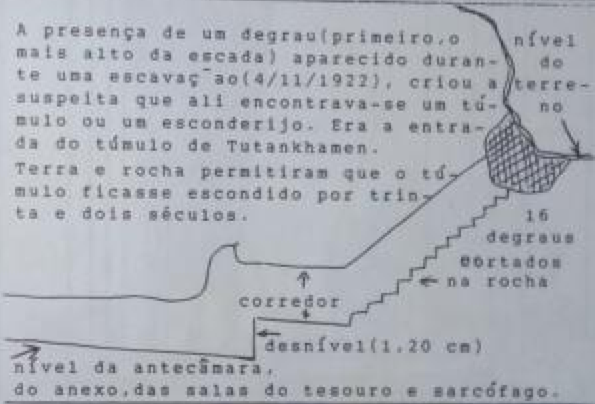
"Pedra de Rosetta"(decreto do II século antes de Cristo). 1. Hieróglifos
2. Egípcio/Copto/Tolomeu
3. Grego

2. e 3. escrituras 'silábicas'.
1. escritura 'simbólica'

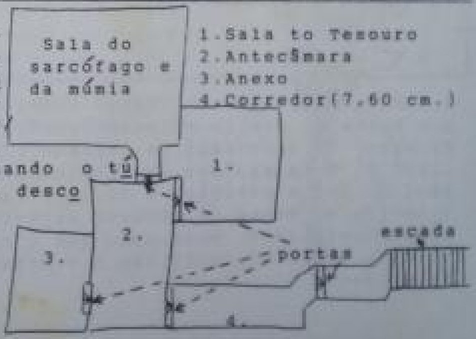
"PLANTA DO TÚMULO DE TUTANKHAMEN"

A presença de um degrau(primeiro,o mais alto da escada) aparecido durante uma escavação(4/11/1922), criou a suspeita que ali encontrava-se um túmulo ou um esconderijo. Era a entrada do túmulo de Tutankhamen.

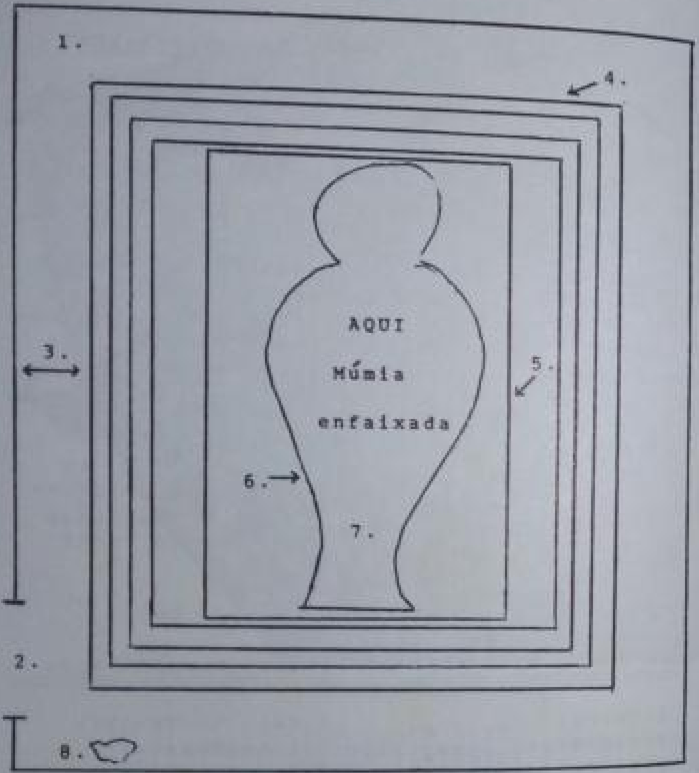
Terra e rocha permitiram que o túmulo ficasse escondido por trinta e dois séculos.



4.Corredor completamente obstruido c/ terra e rocha quando o túmulo foi descoberto.



Detalhes da Sala do Sarcófago e Múmia de Tutankhamen (1.)



2. Entrada da Sala 3. Espaço entre as criptas e a rocha 4. Quatro criptas(madeira revestida de ouro) 5. Sarcófago de granito rosa(2,70 x 1,50) 6. Três ataúdes de ouro(um dentro do ou tro) 7. Nesta posição, o maço de flores ainda colorido 8. Resto de reboque deixado por operários-pedreiros, mostrando que o pouco espírito de ordem e disciplina dos orientais era já evidente !

Múmia de Tutankhamen dentro da mais interna das caixas (1922). Rosto coberto com máscara de ouro, chegando até a altura da flexa. Altura do Faraó: 1,68 cm.

Maço de flores encontrado sobre o sarcófago. Quem o pôs ? Sua mulher, a jovem rainha ANKHSEN ? Estas flores n~ao estavam inteiramen te descoloridas depois de mais de 3.200 anos !

Necropole de Giseh, onde estão as três grandes Pirâmides, Egito.

Berlin, cidade da antiga Prússia, hoje parte da Alemanha, é também lembrada nestas "Notas". Lá fui pela primeira vez quando em viagem para a União Soviética, em Abril de 1959.

Durante minha adolescência, ouvia os comentários dos adultos a respeito dos maciços bombardeios feitos sobre a cidade pela RAF(Royal Air Force), depois que a Luftwafe não era mais capaz de oferecer resistência aos ingleses. Isto a partir do outono europeu de 1943. E até o fim da II Grande Guerra na Europa(Maio de 1945), Berlin ficou constantemente sob bombas incendiárias, as quais deixaram apenas um magro e triste esqueleto da cidade. Rica da sua famosa Universidade, dos seus teatros, museus e bibliotecas; estas contendo documentos da antiguidade que não poderão ser jamais substituidos.

Nos últimos meses daquela guerra, entre novembro de '44 e abril de '45, justamente quando o frio na Europa é mais intenso - principalmente em áreas afastadas do mar, como está Berlin -, seus habitantes queimaram os próprios móveis para proteger-se. Cães, gatos, ratos e tudo que mexia-se, terminava os dias nas panelas. A Alemanha tinha-se transformada num Estado digno das barbáries da antiguidade.

*

Durante os quatorze anos que seguiram-se, isto é, de '45 a '59, quando lá fui pela primeira vez, pouco tinha sido reconstruido. As divergências entre Aliados(França, Inglaterra e USA), que administravam a parte ocidental de Berlin, e o governo da DDR(DeutscheDemokraticRepublik, comunista) - o qual administrava a parte oriental -, era um dos motivos que punham freio à sua reconstrução. Assim era a Berlin que visitei em abril de 1959.

Mas não era somente a visão dos terrenos baldios, dos edifícios semi-destruidos e abandonados, cujos habitantes tinham desaparecido - ou pelos efeitos da guerra, ou nas

câmaras a gás dos campos de concentração. Ou aquela vi -
são dos muros provisoriamente construidos, na frente de
espaços cheios de entulho, com avisos dizendo: "Atenção!
Perigo de bombas latentes". Daquele resto de Berlin do
fim dos anos '50, havia muito sobre o que refletir.

Resto de uma guerra que realmente tinha tido início em
Branau-am-Inn, Subúrbio número 219, no centro norte da
Áustria, onde em 20 de abril de 1889, nascia Adolf Hie -
dler, ou Huttler e finalmente Hitler. Filho de uma domés
tica de nome Klara Polzl. O pai de Hitler, Alois,era en
tão pequeno funcionário da Alfândega Austríaca; faleceu
quando Adolf era menino, naufragado no álcool. Família o
riginária de isolados centros de pobreza, que eram as zo
nas florestais austríacas entre o Danúbio e a região da
Tchecoslováquia chamada Boêmia-Morávia,onde a prática do
incesto era comum.

Não têm-se notícia que entre aquelas populações,alguém
tenha jamais saído da original pobreza espiritual e eco-
nômica. Hitler havia quebrado uma "tradição" velha de sé
culos ! Isto, naturalmente,foi sabido"a posteriori",quan
do ele foi nomeado,em janeiro de 1933, pelo Presidente a
lemão Von Hindenburg, Kanzler(Chanceler,ou Primeiro Mi-
nistro) da Alemanha.

Na antiga e célebre Abadia Beneditina de Lambach, na
sua nativa Áustria, o menino Adolf que na época tinha no
ve anos,cantava no coro e ajudava Missa como coroinha .
Quando adulto, ele costumava lembrar " como toda aquela
magnificência arquitetônica e artística da Abadia, assim
como o cerimonial da Missa cantada, o tinham impressiona
do".Talvez fosse o primeiro indício da veneração pelo
grandioso, pelo dramático e talvez pelo cataclísmico. O
domínio militar da Europa e parte da Ásia; o processo de
purificação da raça Ariana; a eliminação do homem inferi
ormente concebido(UnterMenschen :sub-humano), como para
ele eram o Hebreu,o Cigano e o Eslavo.

Todos nós conhecemos o que foi o holocausto do período
nazista. E para aqueles que enqueceram, ou são muito jo-
vens e não sabem desta parte da nossa História, lembro
parte dele num sucessivo capítulo destas "Notas".

Devemos porém ter presente, que a História da humanida
de tem uma longa lista de situações barbáricas similares
àquela do nazismo, ou piores. As guerras de conquista e
as tiranias, através dos séculos, ressaltaram a cruelda-
de de personagens potentes do passado: Felipe II(382-336

A.C.),pai de Alexandre Magno, na antiga Macedônia; impe-
radores romanos, como Gaius(Calígula),Cláudio e Nero; al
guns dos primeiros sucessores do profeta Mohamed; os
khans da Mongólia; Ivan IV, O Terrível(1530-1584 D.C.)na
Rússia; César Bórgia(1475-1507 D.C.) na Itália; Catarina
de Medicis(1519-1589 D.C.)na França; Felipe II(1527-1598
D.C.) na Espanha; o Regime do Terror, durante a Revolu -
ção Francesa, são alguns exemplos. A crueldade por par-
te dos potentes era considerada na antiguidade, como "fa
to normal" e aceita como necessária para manter ordem e
disciplina. Os chamados "direitos humanos" em voga nos
nossos dias são naturalmente "novidades" do século XX.

Cito Nicolò Machiavelli, no estranho estilo literário
dos séculos XV e XVI, usando a chamada "parlata volgare"
(língua do homem-da-rua),em contraposição ao Latim clás
sico da época, requerendo aqui atenção na leitura:

> "Deve, portanto um Príncipe não importar-se com a
> infâmia dos crueis, para ter os súditos seus uni
> dos e em fé; porque, com pouquíssimos exemplos ,
> será com mais piedade que aqueles, os quais, por
> muita piedade,deixam continuar desordens, nascen
> do ocasiões de assaltos; pois estes ofendem a u-
> niversalidade interna, enquanto aqueles exercíci
> os que partem do Príncipe, ofendem um caso parti
> cular".

No tempo de Machiavelli, assim como nos séculos vizi -
nhos, uma solução como a acima nada tinha de extraordiná
rio ou escandaloso. Continua Machiavelli: "...bom políti
co é aquele que sabe mentir. Grande político, é aquele
que acaba acreditando nas próprias mentiras".

Para lembrar ao leitor destas "Notas", exemplo da sem-
pre presente crueldade do homem, e da metamorfose exerci
da pelo fator tempo sobre aquela, podemos ir a um passa-
do relativamente recente: a Espanha dos séculos das des-
cobertas(XV e XVI), então,juntamente com Portugal, "su -
per potências".

A unificação da Espanha, ou de algumas das suas regi -
ões, como a Andaluzia,Castilla, Aragona, Catalunha, de -
pois que liberaram-se do domínio árabe-muçulmano (tarda
Idade Média; infante Renascença), criou um longo período
de intolerância racial e religiosa, fomentada pela nobre
za Católica espanhola, contra os hebreus. Contra aqueles
hebreus que mantinham a própria religião; ou contra os

Hebreus que para evitar perseguições, tinham-se convertido ao Cristianismo. Tais classes de Hebreus pertenciam a famílias ricas,e tinham o monopólio das melhores profissões - não por escolha ou por proteção dos potentes , mas porque melhor habilitados - , inclusive aquela tanto invejada e odiada de "coletor de impostos em nome na monarquia espanhola".

Na Espanha dos séculos XV e XVI, sob a máscara da Inquisição, estava o ódio, as perseguições e tantas vezes, também os assaltos às casas e negócios dos Hebreus;assim como o abuso das suas mulheres e o sacrifício dos seus filhos. Massacros dos mais horrendos que a História da Europa registrou. Iguais ou piores daqueles cometidos pela Alemanha nazista. Não obstante, hoje, cinco séculos depois, conhecemos Isabel, a Católica, rainha de Castila de 1474 a 1504, e seu marido,Fernando de Aragon, como personagens "importantes e generosos" daquela época. Inclusive como financiadores das viagens de Colombo ! Das perseguições e dos massacres daqueles soberanos de Espanha, hoje ouvimos pouco ! Isabel e Fernando foram transformando-se, através da metamoforse exercida pelo tempo, de crueis a heróis ! Aqueles atos barbáricos ficaram perdidos nos séculos e na História.

Outro exemplo, dos muitos que existem, sempre devidamente documentados,foi a batalha de Verden, em 782 D.C., no centro sul da Alemanha de hoje, quando os soldados de Charlemagne(Carlos Magno) decapitaram cerca de 2.000 saxões. Estes,para evitar tal massacre, deviam jurar à fé Cristã; coisa que não fizeram. Quanto às mulheres e filhos daqueles martires, foram vendidos como escravos.

Hoje, Carlos Magno, rei dos Francos entre 768 e 814 D.C., é conhecido como um dos heróis da nossa História.Foi também feito Santo !

Tudo isto não justifica,absolutamente, as crueldades e perseguições do nazismo,mas mostra como o fator tempo, aquele grande e perene "remédio para todos os males", pode transformar atos de barbárie em atos de glória...e vice versa ! E assim, penso, será necessariamente naquilo que concerne Hitler. Posso ver impresso nos livros do século XXV, nos computadores e em outros meios de comunicação que o homem continuará a criar, a estória de um grande lider da "antiguidade", chamado Adolf Hitler, que durante o século XX, conquistou territórios grandes como aqueles conquistados por Alexandre Magno ou Júlio César! E as suas atrocidades...tomarão lugar num segundo plano.

É a História que continua a tecer suas tradicionais en-

tranhas, num suceder-se de novas interpretações da mesma História, as quais acabam nas páginas de novos livros, e assim sucessivamente. A mesma História que, como lembrado anteriormente, tem a faculdade de transformar tiranos em heróis, idiotas em gênios, generosos em avaros e vice versa.

Escreve G.Granzotto na sua excelente biografia de Carlos Magno: "...o homem, com suas paixões e com seus complexos; com seus atos de heroismo e crueldade: com seus momentos de otimismo e pessimismo, tem um ponto de encontro que resta válido através do tempo e da História:"não muda". Assim é que somos hoje, sob estes aspectos, contemporâneos também de Carlos Magno".

Cito também François Marie Arouet, chamado Voltaire (1694-1778 D.C.), o qual diz:

> "Le temps, qui seule fait la réputation des hommes, rend à la fin leurs défauts respectables".

> [o (passar do) tempo, que sozinho faz a reputação dos homens, rende no fim seus defeitos respeitáveis].

*

Mas voltando a Hitler: rebelde nas escolas que frequentou em Linz (cidade no norte da Áustria), Hitler encontrava dificuldade em seguir um estudo sistemático,que segundo ele, "lhe era imposto". Mesmo se inteligente e dotado de uma exceptional argúcia, foi sempre um aluno difícil. Com 18 anos,em setembro de 1907, transferiu-se a Viena. Na época, também capital do então Império Austro-Húngaro, onde morou nas chamadas "Mannerheim".Espécie de dormitório público,muito comuns na Europa daqueles anos e menos comuns,mas sempre existentes, na Europa de hoje.

Em Viena, Hitler tentou por diversas vezes ingressar , como estudante, na Academia de Belas Artes, mas sem sucesso. Aqui temos uma das tantas aberrações da História e do comportamento humano ! Se Hitler tivesse sido admitido naquela Academia,talvez seu destino teria sido outro, e possivelmente o nazismo e a II grande guerra evitados. Mas a História descreve fatos; raramente os prevê !

Na mesma Viena, ele morou cinco anos. Vivia dos poucos

"Shillings"(moeda austríaca, ainda hoje em uso), que sua mãe punha à disposição, assim como da pintura de quadros e cartões postais. Mesmos postais de hoje, com a diferença que ao invés de fotografias, eram pintados à mão, com vistas das cidades. Passava os dias nas mesas dos cafés, incapaz de adaptar-se a um trabalho normal, porque tudo que era sistemático o revoltava.

Por alguns meses, em Viena, e como exceção à regra, trabalhou como ajudante de pedreiro. Seus ex-companheiros de trabalho, lembravam, quando Hitler já era"Kanzler"da Alemanha, "que Adolf era um moço solitário, taciturno e introverso; comia separado dos outros; tratava os colegas de Sie(pronuncia-se "zi", na língua alemã significando senhor), ao invés do mais apropriado Du(você); e suas idéias eram a eles incompreensíveis".

Abro um parêntese, como mera curiosidade, para citar um fato sobre Viena e sobre os vienenses. Estes têm ainda hoje a reputação de manter um complexo de superioridade com os estranhos à cidade, como foi Hitler, e como cem anos antes dele, tinha sido Beethoven, nascido em Bonn, na Alemanha, mas para ali imigrado. Quando Jerônimo Bonaparte, irmão de Napoleão, foi por este "feito rei"da Westphália(uma Lande(Estado)da Alemanha de hoje), ele convidou Beethoven a transferir-se para Kassel; cidade da mesma Westphália, e ali assumir a prestigiosa posição de "Mestre de Capela da Corte", resolvendo assim a precária situação financeira do gênio de Bonn. Preocupados com sua possível partida de Viena, o Principe Kinsky e outros nobres austríacos, ofereceram ao mesmo um contrato que até hoje conhecemos como "oferta que não pode ser refutada", no sentido que a compensação era alta.

Ludwig van Beethoven(Bonn:1770-Viena:1827)escreve numa das suas cartas ao amigo e violinista Franz Clemens; carta que pode ser vista na sua casa natal, a qual visitamos diversas vezes:

> "...aceitei a oferta... mesmo se aceitar os vienenses me é sempre difícil. Não existem palavras bastante fortes para os definir".

•

De Viena, em maio de 1913, Hitler, com 24 anos, migrou para a Bavária - então um Estado independente, localizado no sul da Alemanha de hoje -,onde continua sua vi-

da de artista falido. Desenhando, pintando postais e quadros, alguns dos quais sobreviveram as destruições das duas grandes guerras, aparecendo ainda hoje em exposições da Europa. Morando em fétidas "casas-de-cômodos"(em alemão chamadas Mannerheim), obrigado a mudar-se freqüentemente, pois incapaz de pagar o aluguel.

Durante os meus anos na Europa e quando em München(Munique), fui procurar a Osteria(Restaurante)Bavária, na Bratwrustglockstrasse, onde, no tempo de Hitler, serviam saborosos doces(seu "fraco" gastronômico), e era freqüentada por ele. O edifício ainda existe. Foi um dos poucos daquela cidade que salvaram-se dos bombardeios.

Numa segunda fase, em Munique, a partir do fim da primeira Grande Guerra(1914-18), à qual Hitler participou como "Schultz"(soldado), e em seguida como "Rottenfuhrer"(cabo), e foi condecorado com a Cruz de Ferro - condecoração raríssima para aquela categoria de militares -, Hitler começou a dar-se à agitação política. Seu objetivo era o "Lebensraum", palavra que pode ser traduzida como "espaço vital(para o povo alemão)". Agitação que o levou, 14 anos depois - juntamente com o "Nazionalsozialistischedeutschearbeitpartai" (Partido Nacional Socialista Trabalhista Alemão), abreviado como NSAP e conhecido como Nazi Partei(pronuncia-se "partai") - , ao governo da Alemanha, em janeiro de 1933.

Como tentativamente lembrado nos parágrafos acima, este é o retrato de Adolf Hitler até a tomada do poder, como aprendemos da imensa literatura que na Europa existe a respeito; escrita nos anos que sucederam a II Grande Guerra, assim como do livro por ele mesmo escrito, ditado a Rudolf Hess, chamado "Mein Kampf"(minha luta).

Era também a reflexão que eu fazia caminhando pelas ruas e praças da semi-destruida Berlin, em 1959, quando o famoso muro que hoje separa a cidade, não existia e havia livre circulação. À parte a questão moral, Hitler foi uma das figuras mais importantes do século XX, e por isto merece ser objeto da nossa curiosidade.

Isto também, porque este "nosso século XX", foi em si extra-ordinário, mesmo se mais pelos fatos dramáticos e tristes, que por aqueles de natureza oposta.

As duas grandes guerras, a revolução Bolchevista de 1917, a crise econômica do fim dos anos '20 e início dos '30; o massacre de seis milhões de Hebreus nos Lager(campos de concentração) de Treblinka, Dachau, Buchenwald , Auschewitz-Birkenau, Berger-Belsen, Mauthausen, Sobibor, Maidanek e Theresinenstadt; a "comunização" da China; as

guerras da Coréia,Vietnã e Golfo Pérsico; o uso da bomba atômica sobre o Japão e o potential uso daquela de hidrogênio; a "popularização" da droga e o aparecimento da Aids. Portanto, penso que não nos podemos muito orgulhar de termos vivido neste século XX ! Não de menos, foi um século historicamente importante.Dentro de sete anos ele passa à História, e com ele desaparece também o segundo milênio da Cristandade.

•

Dando evasão à minha curiosidade, em anos relativamente recentes, na Itália, procurei fazer uma pesquisa para reconstruir a ascendência de Hitler(anexo), a qual parece dizer alguma coisa das relações familiares que produziram um homem por tantos versos cruel, intolerante e revoltado. Não obstante, possuidor de uma grandíssima inteligência e de um sólido talento político. Um gênio-demagogo. Principalmente face àquilo que diz respeito ao comportamento, à personalidade, às emoções e às reações dos povos germânicos.

Mas a retórica-demagógica, como prova de inteligência, não foi tanto venerada na Antiga Grécia, com Demostenes e Arístole, chamado pelo povo de Platão ?!

Do livro "Jornal de Spandau" de Albert Speer, arquiteto pessoal de Hitler e depois Ministro dos Armamentos, e seu confidente, transcrevo:

> "..não fui o único a ter sucumbido à magia do seu tratamento. Políticos de renome foram também vítimas do seu "charme": Hindenburg, Simon, Lloyd George, Mussolini e tantos outros. Hitler não fazia somente vibrar a sensibilidade das massas ; exercia uma poderosa influência em cada indivíduo. Conhecia os problemas e as esperanças dos seus interlocutores. Talvez Hitler não tenha sido um grande estadista e certamente não um grande estratega, mas sem dúvida foi um psicólogo como jamais encontrei. Imagino que a História o lembrará sob este aspecto".

Hitler foi um homem, que por vias legais(eleições),mesmo se manobradas por uma política de intrigas (e aqui, como lembrado num dos precedentes capítulos, a influên -

cia dos"escritos"de Machiavelli é evidente !),passou das "Mannerheim" ao domínio absoluto de um povo culturamente sofisticado, como são os germânicos,mas que ao mesmo tempo, sempre teve(e tem ainda, segundo aquilo que penso) , grande predileção pelo "homem forte", pelo guia(Fuhrer), pelo autoritário; por aquele personagem a quem deve "obedecer". São características dos germânicos e isto inclue naturalmente,alemães, austríacos, suíços, holandeses e outros. Um Hitler,e tudo aquilo que ele representou,penso seria pouco provável, no século XX, num país desenvolvido, onde o racional e o bom senso prevalecessem sobre a " necessidade" de ter um "dominador", e onde aquela maníaca aspiração pela ordem e pela disciplina(que são importantes quando não maníacas !), fosse moderada.

Iosif Vissarionovich Dzugasvili,primeiro chamado Soso, depois Koba e finalmente Stalin, malgrado suas perseguições, crueldades e crimes tenham estado "à altura"de Hitler - e quem leu sobre os "processos" na URSS entre os anos 1937 e 38 conhece a crueldade de Stalin(cinco milhões caídos na "engrenagem" do NKVD(depois KGB) - teve o mérito, quando durante a conferência de Yalta (cidade na Criméia, às margens do Mar Negro, que também visitei nos anos passados), de insistir sobre a divisão da Alemanha, a qual foi finalmente atuada. Se assim não fosse , possivelmente outros Hitlers teriam aparecido !

Crédito precisa também ser dado ao Cardeal de Richelieu(1585-1642) que foi, segundo a História, o primeiro a insistir sobre a divisão dos territórios que hoje formam a Alemanha.

Ambos, Hitler e Stalin, aplicaram com cinismo, as normas políticas de Machiavelli. Mas não tiveram exclusividade, pois as vemos ainda e as veremos no futuro !

No meio da década dos '80, fui dos Estados Unidos à Alemanha(Frankfurt-am-Main), fazer uma auditoria numa organização que os americanos lá tinham. Uma noite,fui convidado à casa de alguém que dava uma pequena recepção . Conversando com um grupo de pessoas,algumas delas exaltavam as qualidades de um acionista americano a eles ligado.Diziam em coro: "...é um homem de autoridade e que comanda seus subordinados com vigor...". Senti naquelas palavras, assim como em outras ocasiões, a confirmação do grande amor dos germânicos pela imposição da autoridade.

Há também um fator histórico e importante que não pode ser ignorado. Vamos de volta ao Humanismo da Renascença Italiana,cuja influência passa pela França e ganha a In-

glaterra, deixando isolados os povos germânicos.Talvez a faita da assimilação do Humanismo da Renascença pelos últimos, constitue uma das raízes do sucesso de Hitler.

Não pode-se ter dúvida que os germânicos são povos de temperamento inclinado à obediência, polarizando sempre as atitudes; intolerantes e vítimas de um exagerado legalismo. Em palavras simples:extremistas. Incapazes daquele médio-termo tão necessário à convivência pacífica entre os membros da espécie humana. Não pode nem deve ser regra generalizada, mas é uma marcada característica daqueles povos.

Dizia o nosso ex-Presidente Getúlio Dornelles Vargas , nos anos '30: "...as leis... ora as leis !" Denotando com isto que elas existem e devem ser observadas , mas não de maneira robotizada.

Não para uma grandíssima maioria dos germânicos, porém !

Lembro-me de uma observação feita por um amigo,em Karlshure, anos atrás. Dizia ele: " os germânicos esperam a luz verde para atravessar as ruas, porque a Lei assim diz... não pelo temor de serem atropelados !".

No outro extremo, naturalmente, temos os povos dos chamados "terceiro e quarto mundos",onde tantas vezes imperam bagunça e falta de seriedade. E aqui voltamos ao outro dos sempre perigosos extremos !

*

Patrão de um carisma excepcional e de uma capacidade extraordinária no manipular as emoções da massa, Hitler foi uma figura sem igual na História do homem moderno.

Diversos fatores que existiram entre o fim da primeira grande guerra e a tomada do poder(jan.'33)pelo homem de Branau-am-Inn,são de vital importância na compreensão do "fenômeno" Hitler. Primeiro e acima de tudo, a humilhação imposta a Alemanha(ou República de Weimar, como era então chamada) pelo Tratado de Versalhes. Como elementos secundários mas de igual importância: a crise econômica dos anos que sucederam a acima citada guerra, crise grandemente motivada pelas pesadas dívidas; a ameaça do comunismo, que em outubro de 1917 tinha levado a Rússia aos extremos e às conseqüências conhecidas. Aquela "droga" que o povo alemão precisa em continuação (extrema disciplina, ordem e domínio), completou o quadro. É preciso

também reconhecer que a depressão econômica americana do fim dos anos '20, alastrou-se praticamente ao mundo inteiro, privando de trabalho entre 20 e 30 milhões de homens; empobrecendo os Bancos e o Tesouro das nações, assim como as famílias. Turbando os líders políticos e ajudando a conquista do poder por homens como Hitler.Aquela grande catástrofe econômica não destruiu somente coisas materiais, mas também a moral do povo. Encheu de medo a gente ordinária. O senso de comunidade enfrequeceu-se, e cada nação procurou proteger-se contra outras,e cada classe social contra outras. Milhões de vítimas olhavam em volta para achar alguém, ou alguma coisa, a quem dar culpa. Ao mesmo tempo, alguém que lhes tirasse fora da desordem. Em nenhum outro país desenvolvido do Ocidente, a degradação foi maior que na Alemanha. Hitler representava o personagem talhado para pôr ordem no sistema.

Diz Simon Wiesenthal no seu livro"Justiça, não vingança":

> "...outro dos erros foi aquele de não ter impedido as condições sociais que facilitaram a conquista do poder pelo nazismo. Um povo que reduz-se à miséria e desocupação que imperou na Alemanha dos anos '20, estava disposto a aceitar trabalho também de um Hitler".

*

Penso que a promiscuidade é uma das tantas "filhas" da ignorância. Duas das suas "irmãs", são a pobreza e o degradar do estado espiritual e físico do homem. E a ignorância, encontrada neste mundo afora em tal "quantidade" que faria levantar os cabelos do mais calvo dos homens,é uma "mãe" extremamente orgulhosa de suas "filhas", protegendo-as como nenhuma outra poderia jamais fazer !

Exemplo que assisti de perto,por alguns meses, no passado, dizia respeito às populações das serras que estão no nordeste do Peru (parte dos Andes),nas vizinhanças da fronteira com o Brasil. Não longe das margens do Solimões, que mais a leste, funde-se com o Negro e forma o Amazonas.

O cenário era uma maloca habitada por peruanos que tinham,há poucas gerações, abandonado a cultura indígena propriamente dita, e viviam, por assim dizer, num mundo "similar ao nosso".Neia habitavam vinte ou mais pessoas.

todas pertencentes ao mesmo grupo familiar,onde o incesto era um fato corrente e normal. Não tratava-se de luxúria,mas de dar evasão, dentro da maloca,a um instinto natural, "com quem calhasse". Sem a mínima preocupação se a "partner" fosse a mãe, irmã ou filha.

Lembro-me que juntamente com um etnólogo peruano - que na ocasião fazia um estudo sobre o comportamento daquelas populações -,notava com quanta simplicidade aquela gente enfrentava o problema do incesto. Se o produto daquelas relações,como era de esperar-se, fosse filhos mental ou fisicamente, ou ambos, deficientes ou retardados, para eles era somente um "capricho da natureza".

Não havia meios para a separação física;meios que a pobreza, juntamente com aquela outra "filha" da ignorância (a letargia), simplesmente não permitiam que existissem.

Diz Segmund Freud no seu livro "Tótem e Tabu":

> "...o mecanismo psíquico desse comportamento "matrimonial", tem origem nas Idades que precederam a monogamia. Também o chamado complexo de Édipo, presente em todas as crianças na idade pré-cônscio,tem uma posterior influência no comportamento do incesto".

Para o leitor destas "Notas" que esqueceu o significado do "complexo de Édipo", trata-se daquela tendência sexual-amorosa-competitiva que as crianças da idade pré-cônscio têm pelo genitor do séxo oposto. O "complexo de Édipo", como interpretado por psiquiatras e psicanalistas, é uma antonomásia e ao mesmo tempo um eufemismo da tragédia"Oedipus Rex",do dramaturgo grego Sóphocles(495-406 A.C.).

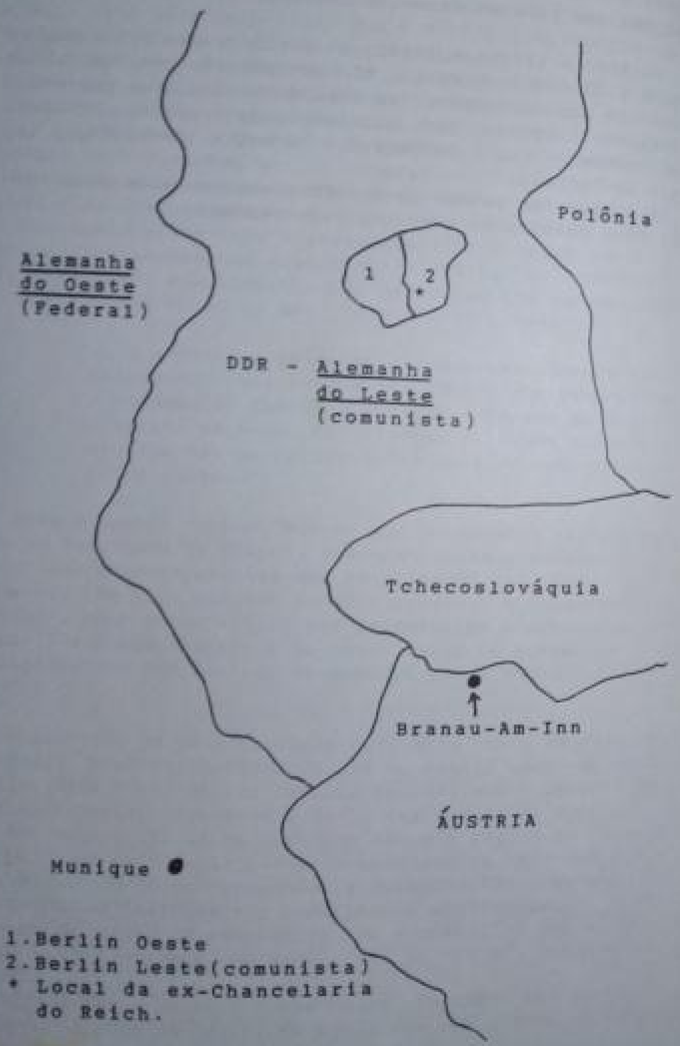
A situação de promiscuidade existente entre os Frankenbergers, Hiedlers,Schicklgrugers no centro norte da Austria, onde Adolf Hitler nasceu, não era,sob o aspecto do incesto, muito diferente daquela das serras do Peru !

Nos velhos livros de Cartório daquela região da Austria, onde eram registrados os nascimentos,raro que o nome do pai fosse mencionado(pois desconhecido); ou que os declarantes assinassem o nome(porque analfabetos). Três cruzes no lugar da assinatura era a praxe. E assim foi quando o nascimento de Alois, pai de Hitler, foi registrado.

Hitler foi o produto desse"modus vivendi". Não obstante,com 44 anos de idade, em 1933, ele era o Kanzler da Alemanha. Pátria de Kant, Goethe, Beethoven, Kepler, Wagner, Nietzsche, Bismarck, Einstein, Engels, Brahms,Marx. Alguns dos pilares da nossa cultura.

De todo o triste episódio da História que foi o nazismo e a II Grande Guerra, tinham sobrado aquelas ruínas que via aos dois lados das ruas de Berlin,onde passava , deixando a cidade. Indo na direção de Frankfurt-an-Oder, na fronteira com a Polônia,com um velho "Renault"que trazia de Paris.

A imagem das ruínas de Berlin transformou-se numa idéia fixa durante os anos que seguiram-se.



PARCIAL ÁRVORE GENEALÓGICA DE Adolf Hitler

(a partir de Maria Anna Schicklgruger)

1. Maria Anna, doméstica na casa dos irmãos Frankenberger.

2. Fica grávida de um dos irmãos Frankenberger. Não sabe do qual.

3. Casa-se com Johann Georg Hiedler. Desocupado. Dormem numa cocheira.

4. Trabalha como doméstica na casa de Johann Trummeschlager(1837), onde dá luz ao filho de um dos irmãos Frankenberger.

5. Seu filho é chamado Alois. É registrado somente no nome da mãe, Maria Anna.

6. Maria Anna confia seu filho Alois ao irmão do marido, chamado Johann Nepumuk Hutler(e não Hiedler), que o adota.

7. Alois Hutler passa a chamar-se Alois Hitler.

8. Com permissão do Clero, Alois casa-se com a própria prima(segundo outras informações: ela é sua sobrinha); uma doméstica chamada Klara Polzl, a qual tem sangue Hebreu. (Em 1936 , um oficial SS, pensando fazer alegre Hitler , então já Kanzler da Alemanha, faz uma pesquisa sobre seus antecedentes, a qual é interrompida por ordem de Hitler; talvez motivada pelo receio que as origens da própria mãe fossem conhecidas).

9. O quarto filho do casal Alois-Klara, é Adolf Hitler(1889-1945).

10. Adolf Hitler, com 56 anos, casa-se com Eva Braun, sua amante desde 1929(ou '30). O casamento tem lugar em 30.04.45 no"bunker"da Chancelaria do Reich,em Berlin(* no mapa), horas antes do suicídio do casal no mesmo "bunker".

X

O segundo país europeu onde pus pés foi a Espanha. Era a primeira visita que fazia a ele; outras foram feitas nos anos sucessivos.

Não menos que França,Inglaterra e Itália,a Espanha tem uma celebérrima história. Terra de um povo orgulhoso do seu passado. De gente altiva, prepotente,inconformista e poderosamente ligada às tradições. De espírito independente e altamente temperamental. E de um grande coração também.

Primeiramente chamada Ibéria pelos antigos gregos, foi durante o Império Romano re-batizada "Ispania Terraconensis",quando da antiga Roma foi uma província. País onde o Catolicismo foi sempre uma das fortes tradições do povo, durante a Renascença a Espanha deu quatro Papas.Dois à Igreja de Roma,ambos da família Borja(na Itália chamada Bórgia): Alonso, secretário do rei Alfonso V, depois cardeal e em seguida Papa Calixto III. Sucessivamente , seu filho ilegítimo, Rodrigo Bórgia,também este cardeal e depois Papa Alexandre VI;e pai ilegítimo de César e Lucrezia Bórgia. Infelizmente, ambos com reputação menos que brilhante como Papas,como lembrado mais adiante. Outros dois (Benedito XIII e Clemente VIII) foram dados pela Espanha à Igreja de Avignon,durante a Renascença.

Geograficamente e sob certos aspectos também culturalmente,ela separa-se do norte da África por somente poucos quilômetros(Estreito de Gibraltar). Durante a Idade Média essa proximidade estimulou e favoreceu as invasões árabes, duradas aproximadamente sete séculos, e não completamente extintas até a Renascença,quando a Espanha esteve sob os chamados reis católicos: Fernando e Isabel . Aqueles soberanos que juntamente com ricos comerciantes, patrocinaram as viagens de Colombo ao "extremo Oriente", via Ocidente,encontrando ao invés um novo continente,posteriormente chamado América. Também de Colombo lembro alguma coisa mais adiante neste livro.

Em tempos mais recentes, invertendo o processo das invasões árabes e favorecida pela mesma acima citada proximidade, a Espanha dominou alguns territórios da África norte-ocidental, inclusive áreas que formam hoje o Marrocos.

A influência das invasões árabes, malgrado hoje distantes cerca de 1.300 anos do seu início(711 D.C.),pode ainda ser sentida no sul da Espanha(Andaluzia). Nas cidades dessa região de Espanha(Cadiz,Málaga, Almeria, Sevilha , Córdoba,Granada), o estilo arquitetônico árabe prevalece nos antigos bairros.Tais construções são consideradas patrimônio nacional. Também os traços somáticos dos povos que hoje habitam a Andaluzia, são inconfundivelmente árabes. O mesmo acontecendo com a música e com os costumes. E uma grandíssima parte dos imigrantes espanhóis que encontramos nas Américas, são originários da Andaluzia.

Naquelas ao norte e a leste do rio Tejo(o mesmo em cujas margens está Lisboa, em Portugal), Catalonia, Castilia, La Mancha, Galícia,Aragon,Astúrias,Valência, temos a Espanha por assim dizer "européia". Ou pelo menos mais próxima culturalmente da Europa propriamente dita; inclusive naquilo que diz respeito à topografia do solo e aos traços somáticos do povo.

A Espanha que iria conhecer no fim dos anos '50,estava ainda sob a ditadura do Generalíssimo Francisco Bahamonde Franco, vencedor da Guerra Civil Espanhola (1936-38). Um-metro-e-sessenta de vitalidade tipicamente espanhola! Nascido em 1892, filho de um marinheiro; oficial do exército desde 1910, casado em 1923 com dona Carmem Polo. E pelos quase 40 anos que seguiram a Guerra Civil, Franco teve a Espanha aos seus pés. Adorado e odiado, ele manteve ordem e equilíbrio num país cujo povo, é por natureza prepotente e pouco disciplinável. Tarefa não fácil!

*

Aproveitando um lugar num ônibus de turismo que partia de Lisboa, atravessei as regiões portuguesas do Ribatejo e Alto Alentejo, chegando na fronteira espanhola,onde esperava-me a burocracia e as dificuldades que as ditaduras impõem. Controles e mais controles, como se Portugal e Espanha estivissem em estado de guerra ! Ambos sob regime ditatório,mas como sempre acontece sob tais circunstâncias, um suspeitoso do outro.

Em cada um dos lados de todas as estradas espanholas , viam-se soldados com fuzil nas costas.Caminhavam léguas, de um posto a outro. A Guerra Civil, terminada dezenove

anos antes, parecia estar ainda presente naquele contínuo movimento de militares. E os militares na Espanha daqueles anos,gozavam do povo um incontestável respeito e prestígio.Talvez mais aparente que real. Tinham precedência em tudo; nos elevadores, nas filas, nas calçadas, na subida dos vagões do metrô. Faziam parte de uma classe verdadeiramente privilegiada...e temida.

*

Depois de uma parada intermediária na cidade espanhola de Cáceres,prossegui no dia seguinte até o destino temporariamente final, que era Madrid. Durante aquela minha pouco ortodoxa aventura, quando chegava a qualquer cidade desconhecida, como era então Madrid para mim, a preocupação fixa era aquela de encontrar um abrigo. Em seguida, podia preocupar-me com outros problemas, mas encontrar um abrigo, nas condições em que viajava naqueles anos, era a primeira e mais importante providência a ser tomada. Um exercício desconhecido àqueles que fazem parte de viagens organizadas, ou que viajam com meios que permitem resolver facilmente tal problema.

Alguém havia-me indicado a"Pensão Coruña",na parte menos aristocrática daquela larga, arborizada e famosa avenida do centro da capital espanhola, chamada "Paseo del Prado". A pensão ocupava os dois últimos andares de um edifício bastante velho e pouco conservado. O elevador, como acontece ainda hoje em muitas cidades da Europa,era a pagamento. Uma vez nele entrado, fechava-se as portas manualmente; despositava-se a moeda no lugar apropriado e apertava-se o botão do andar. Nos prédios com mais de quatro andares, se o destino fosse o quinto, ou além dele, uma segunda moeda devia ser depositada. Caso contrário, o elevador tomava a direção do andar térreo. A descida era sempre gratis.

Nunca tinha visto no Brasil tal coisa ! Era certamente uma novidade. Mas gastar Dez Pesetas para aquele elevador da pensão, não era extravagância que estivesse então ao meu alcance ! Descansando na passagem de cada patamar das infinitas escadas, consegui finalmente transportar minhas malas à porta da pensão.

Uma graciosa senhora, com longas tranças, grandes brincos, um largo sorriso e com as maçãs do rosto exageradamente cobertas de ruge - como era e é de uso na Espa-

nha -, abriu a porta,e com ela fiz os necessários arranjos para a estadia. Mostrou-me o quarto e fez as costumeiras recomendações, contando-me também quem eram os demais residentes. O preço incluía todas as refeições, em horários que a primeira vista, pareciam estranhos: café da manhã às 10; almoço às 15 e jantar às 22. Assim eram e são ainda os horários das refeições na Espanha. Às nove da manhã, as ruas de Madrid estavam desertas, como se ainda fosse madrugada ! Das 22 às 3 da manhã estavam repletas de gente.

No mesmo dia iniciei minhas andanças pela cidade.

Madrid, cujo nome tem origem - como tantos outros na Espanha -, no árabe(Majrit),é cheia de vida. Meta de uma grande parte do turismo ocidental europeu,principalmente francês. E os preços, comparados com o resto da Europa (com exceção de Portugal e Grécia), são bastante convenientes. O dinheiro que havia trazido, porém,representando uma certa soma no Brasil de então, transformava-se em nada quando face aos preços da Europa. Mesmo ali na Espanha, onde eram sensivelmente mais baixos.

Este fato,durante todos estes anos fora do nosso país, e cada vez que tive oportunidade, foi motivo para conselhos a europeus e americanos para fazerem turismo no Brasil. Mesmo levando em consideração o custo da passagem, é sempre muito vantajoso a eles.Toda a América Latina,do México à Patagônia, é uma área onde o turismo a bom-mercado(para europeus e americanos), é ainda ignorado.

Mas voltando àquela minha primeira visita à Espanha,iniciei,em Madrid,a procura de um trabalho,pois sem o produto dele, minha sonhada aventura européia teria encontrado um triste e imediato fim. Uma família a quem um amigo de S.Paulo havia escrito uma carta de apresentação, ajudou-me na tarefa, procurando orientar-me num ambiente a mim desconhecido. Através das então sete linhas de metrô da capital espanhola(a primeira delas inaugurada em 1919),passei semanas indo de um lugar a outro. Finalmente, na estação ferroviária de Atocha,a qual serve o sul do país e o liga também a Portugal, encontrei um modesto trabalho. De chefe de departamento num Banco em S.Paulo, havia, em poucos meses, transformado-me em carregador de malas ! Coisas tão diferentes como compor música e diagnosticar apendicite ! Mas quanto feliz sentia-me de ter sido gratificado com um assim grande poder de adaptação !

Quando dispunha de tempo,caminhava horas e horas pela

cidade, procurando descobri-la tanto quanto possível. Naqueles primeiros dias em Madrid, lembro-me de ter sido parado, na rua, por um distinto casal de Espanhóis de Barcelona, perguntando-me uma direção !

Ri daquela cômica situação !

A curiosidade levou-me a ver touradas(na Espanha chamadas "corridas"), a grande paixão dos povos da península Ibérica(Portugueses e Espanhóis). Mas em Portugal, o espetáculo é menos cruel, pois trata-se somente de derrubar o touro, trabalho feito por meia dúzia de "toureiros".

Em Madrid, o custo da entrada incluía visita ao curral de trânsito, anexo à "Plaza de Toros", onde os ferozes animais aguardavam o início da função. Todos negros, trazidos da Andaluzia, incapazes de distinguir as cores(contrário da crendice), mas dotados de uma aguçada memória.

*

Algumas avenidas, praças e Portas de Madrid - as últimas, no passado, davam acesso às cidades, quando circundadas de muralhas -, são famosas em toda a Europa : Paseo del Prado, Plaza Mayor, Paseo de la Castellana, Gran Via de José Antonio Primo de Rivera, Puerta del Sol, Puerta e Calle de Alcalá, Calle de Goya, Calle Carranza, Plaza de Oriente, Plaza de España, Plaza de las Cibelles.

Em Madrid está também um dos mais importantes museus da Europa: El Prado, onde passei um inteiro dia. Entre suas coleções, aquelas dos célebres pintores espanhóis : Ribera, Velazquez, Murillo, Goya e El Greco. Este último, de nome Domenikos Theotokopoulos, nascido na ilha de Creta, passou a maior parte da sua vida na Espanha, e é universalmente reconhecido como pintor espanhol.

Da Espanha, atravessando os Pirineus, fui à França. Parei uns dias na cidade de Lourdes, localizada às bordas daquelas montanhas - justamente, os Pirineus -, que separam os dois países. Em Lourdes, por uma daquelas circunstâncias estranhas, mas que viajantes do meu "estilo" aprendem a aceitar, passei algumas noites na torre de um castelo - possivelmente da Idade Média -, transformado em depósito de mercadorias. A estória passou-se assim : conversando com um pequeno hoteleiro da cidade, e a ele fazendo sentir que não tinha meios para hospedar-me em hotéis, o simpático homem, talvez com pena daquele pobre

peregrino(!), consentiu que me arranjasse na torre do castelo, cujo espaço o hotel ocupava como depósito. Para compensar a cortesia(!), eu devia re-organizá-lo e assim foi feito. À noite, terminado o horário das refeições no hotel, ele deixava que me servisse da comida preparada, mas não consumida. Na ocasião, senti que aquela era uma situação que poderia transformar-se em "permanente", pois havia caído na simpatia do hoteleiro. E uma "situação permanente", um "gancho", era o que precisava naqueles tempos, pois assim poderia usá-lo como base para os futuros "saltos". Mas era preciso prosseguir para outras terras. Desafiar outras situações. Fazer face a renovadas experiências. Aquela ânsia na procura do novo, do incerto e do desconhecido, não dava-me paz.

Antes de partir de Lourdes, porém, fui diversas vezes ao Santuário, cuja atmosfera e o panorama geral da região , com seu sereno rio - e malgrado a intensa comercialização de objetos religiosos -, parecia um pedaço do Paraíso.

De Lourdes fui a Bordeaux, no sudoeste da França. Cidade rica de história, e região internacionalmente conhecida pela produção de ótimos vinhos: Medoc, St.Emilion, Sauterne.

Nas minhas viagens e nas minhas aventuras, Bordeaux foi uma etapa importante. Por razões que nunca encontrei racional explicação, lá ganhei ulterior dose de estímulo, entusiasmo e confiança. Nos anos sucessivos, cheguei mesmo a pensar que talvez tivesse sido um " presente de Lourdes"! Em Bordeaux, senti que o pior daquela minha pouco ortodoxa "introdução à Europa", tinha passado, e que as dificuldades que poderiam estar na frente, seriam vencidas. Lembro-me ainda, como um fato diante dos olhos, o quarto que ocupei naquela cidade do sudoeste da França . Estava localizado no último andar de um prédio, possivelmente do século XVII. Da sua janela, via outros edifícios com suas chaminés, sempre construídas de tijolo, fazendo parte da estrutura. Algumas com decorações; outras imitando a torre de um castelo. Era uma vista maravilhosa, parecendo uma pintura.

Sentado num banco de jardim de Bordeaux, comendo meia dúzia de bananas, as quais representavam as três refeições do dia - e cujo custo tinha completamente esvaziado meus bolsos -, pensava aos "meios disponíveis"... que não tinha !...para chegar até Paris.

Foi na cabina de um caminhão transportando barris de

vinho,que cheguei na capital da França no fim do verão
Europeu de 1958.

Hoje, passados trinta e cinco anos daqueles meus pri -
meiros tempos na Europa, pergunto: "...como foi possível
ter saído indene de uma assim desesperada situação ?"..
Talvez tão difícil como sair de um poço,sem o auxílio de
escadas ou cordas, agarrando-se com as unhas às suas pa-
redes!
Mas a mocidade tem segredos que a velhice não intende!

XI

Estas "Notas" seriam incompletas sem algumas observa -
ções sobre a minha viagem à República Democrática Alemã
(DDR),Polônia, URSS, Tchecoslováquia e Hungria.Aquela vi
agem ao leste Europeu, tive início em abril de 1959, ter
minando em setembro do mesmo ano. Incompletas serão sem-
pre ! pois seria impossível reconstruir todos os fatos
ocorridos nestes anos.

Notas e memória servem-me bem, fazendo-me lembrar que
foi no inverno Europeu de 1958/59(entre 22 de dezembro e
21 de março), que um dia, vagando pelas ruas de Paris,en
trei na Embaixada do Brasil. Na época localizada na Ave-
nue Montaigne, um "boulevard" largo e arborizado,que li-
ga o "Rond Point des Champs Élysées" às margens do rio
Seine(Sena). No tempo da Revolução Francesa(1789-1799),
tal "boulevard" era chamado"Alée des Veuves"(Alameda das
Viúvas).

Era uma visita que fazia com assiduidade.

No grande átrio da Embaixada, onde tanta gente pobre e
comum como eu,podia entrar livremente, havia sempre uma
coleção de jornais e revistas do Brasil. Ali encontrava
se gente de todas as"marcas" e "cores",passando horas na
leitura dos mesmos, ou trocando informações sobre coisas
de Paris. Jovens com bolsa de estudo, artistas falidos ,
aventureiros, jornalistas, banqueiros, turistas de passa
gem pela capital francesa, figurões da nossa política e
finança, eclesiásticos, "filhos de papai",bailarinas que
trabalhavam nos cabarets de Pigalle, e naturalmente, sim
ples curiosos como eu. Havia um elemento catalisador :e-
ram todos brasileiros.

Naquele ponto de encontro, parecia desaparecer,por en-
canto, diferença de classes. Aquela atitude de "sabe com
quem está falando",diluia-se.Não um fato estranho ou par
ticular aos freqüentadores da Embaixada do Brasil. Tinha
então a impressão - e depois confirmada nos anos se -
guintes -, que o "homem importante brasileiro", uma vez
em países desenvolvidos,considerasse Patrícios e Plebeus
(duas classes bem distintas na Antiga Roma) como iguais!
Uma nova atitude, espontânea, que o cidadão, importante
fosse, talvez aceitasse sem perceber.Transformava-se num

"falso-Zé-ninguém",como o"genuíno",que poderia estar sentado ao seu lado !

Ainda da "Teoria Psicanaiítica" de Freud:

> "...um número extremamente diferente de pessoas (classe social, cultura, raça) é exposto à fome. Com o aumento da ânsia para satisfazer essa básica necessidade,todas as diferenças(classe social, cultura, raça) tendem a desaparecer. E no lugar delas, aparece a manifestação uniforme de satisfazer a fome".

*

Durante os primeiros séculos do Império Romano, o título de Patrício era vitalício. A etimologia da palavra"Patrício",nos diz que a origem é "Pater"(pai); grau mais elevado e importante de um família(de então!).E a distinção mais "orgulhosa e perfeita"que possa ser encontrada na história da nossa civilização, era aquela entre Patrícios e Plebeus.Os últimos eram,como podemos chamar na gíria corrente,"Zé-ninguéns". O poder,a riqueza, os altos cargos civis,militares,políticos e eclesiásticos,estavam exclusivamente na mão dos Patrícios, os quais deviam também, preservar a "pureza do sangue". Casamentos entre Patrícios e Plebeus eram proibidos por Lei. Também por Lei os Patrícios tinham obrigação de conservar os Plebeus na condição de vassalos.

Não obstante,essa distinção entre as duas classes era incompatível com um povo livre como foram os antigos Romanos. E assim, os Plebeus mais ativos e ambiciosos acumularam riqueza, aspiraram honras,estabeleceram ligações com famílias Patrícias, e depois de algumas gerações, eventualmente, ganhavam,também eles,o título de Patrício.

Durante o tempo que precedeu a caída do Império, porém (V século D.C.), poucas famílias podiam ainda traçar o título de Patrício às suas origens, isto é,aos tempos de Augusto,Tibério,Cláudio,Vespaziano, Tito e outros.Quando Constantino, o fundador da cidade de Constantinopolis e primeiro Imperador Cristão de Roma,subiu ao trono (IV D.C.), restava pouco daquela distinção entre Patrícios e Plebeus.

Penso tenha sido um dos primeiros passos na direção do grande processo de vulgarização do homem; dos seus cos-

tumes, das suas criações e dos seus objetivos.

*

Aquela atitude de "igualdade" por parte do"homem importante" brasileiro, era fundada no simples fato que ali, em Paris, ninguém o conhecia. Ou para dizer com franqueza, ninguém o reconhecia como "homem importante". Aos olhos do porteiro do hotel, dos garçons, dos guias turísticos, dos proprietários das lojas,do motorista do táxi, o "figurão" brasileiro era somente "un client étranger " (um cliente estrangeiro). E assim,considerado como um comum mortal por todos, instintivamente, nele nascia uma personalidade temporariamente nova. Para seu bem e para a felicidade de todos !

Há uma regra social, que mesmo se não escrita, é realidade pura e simples. Nos países em via de desenvolvimento,como é o Brasil e tantíssimos outros, aquele quase vácuo que existe entre ricos e pobres - paralela e conseqüentemente entre "importantes" e "não" (ausência de uma verdadeira classe média), faz com que haja um "respeito especial" - quase uma submissão ! -, ao rico, ao potente,ao importante. Um "respeito especial"criado pelo citado vácuo e tantas vezes pela ignorância. Explica-se assim,por exemplo, o "respeito especial" que existe em países como o nosso,pelo oficial do exército, pelo banqueiro, pelo político, pelo potente em geral. Ao contrário,nos países onde a classe media é "verdadeira" (e não uma classe pobre vestida de média),presente e nutrida,aquele "respeito especial", de submissão, é na grande maioria dos casos, inexistente.

Lá mesmo em Paris,lembro-me ter uma vez conversado com um homem miudo e franzino,no seu elegante mas muito leve terno para o clima Europeu, que vagava pelo átrio da Embaixada. Dizia ele:

> "...sinto-me melhor em Manaus", com ar irônico,"lá sou conhecido e respeitado...aqui não sou ninguém !", e acompanhava aquela sua expressão de um sorriso sarcástico.

Era um tal de S. ,chamado no Amazonas "o rei das seringueiras". Homem riquíssimo,para quem, na sua terra, todas as portas instantaneamente abriam-se. Melhor o conhe

ci anos depois, quando meu trabalho me levaria àquela cidade perdida na selva;na época absolutamente sem luz elétrica nas casas e nas ruas; cada um com sua lanterna,procurando evitar os buracos nas ruas...que eram muitos !

•

No átrio da Embaixada do Brasil em Paris,uma grande mesa-de-centro fazia custódia a uma enormidade de jornais e revistas do Brasil. Ao redor, sentados em confortáveis e ricas poltronas(o prestígio de um país deve ser naturalmente mantido !), aquela gente de todas as "marcas" e "cores" lia e, ao mesmo tempo, discutia. Era um "espetáculo" que entre as 9 e meio dia, repetia-se das segundas às sextas, pontual e invariavelmente.

Via-se o senhor ex-Governador do Ceará, Juarez Távora, pessoa gentilíssima,com cuja família fiz uma volta da Europa,ocupando a "prestigiosa"(!) posição de motorista , guia e intérprete. Via-se o Dr.Humberto B.,um ricaço.Homem dos seus 35 anos na época,cujo pai o havia "despachado" à França, na esperança que,finalmente,"criasse juízo" e abandonasse as orgias do Rio. Tinha,porém,sido "batizado" pela local colônia brasileira,"le roi de Pigalle"(o rei de Pigalle),onde, para o desespero do "velho" B., e para a felicidade do "jovem", passava as noites em orgias mais longas e mais custosas daquelas do Rio!

Pigalle, para o leitor que lá ainda não foi, era então o principal"bairro de prazeres" de Paris,assim como Montparnasse e Montmartre eram aqueles dos artistas; Passy , Autéuil,Grenelle e Étoile, dos ricos; Saint Germain des Prés, dos filósofos, e o Quartier Latin, em geral,dos estudantes e dos pobres, onde eu morava na Rue de Baunne.

O "meu" era um prédio de três andares, que o ceder dos alicerces o tinha deixado torto(como era comum nas áreas ultra centenárias de Paris). Com paredes que chegavam a medir meio metro de espessura. Construido por volta dos 1600, isto é, cerca de 150 anos antes que Voltaire e Russeau botassem fora dos respectivos cérebros, as idéias que formaram a base teórica da Revolução Francesa.

A cem metros dele, na vizinha Rue de l'Université, número 371, tinha morado,em 1795, a "creola" da Martinica, chamada Marie Rose Joseph,sucessivamente Madame de Beauharnais; depois Imperatriz de França,chamada "Josephine"

por Bonaparte.

No átrio via-se também o estudante desesperado por não ter recebido fundos que os tios diziam ter transferido do Brasil a Paris, mas que a burocracia tinha, de algum modo, impedido a chegada. Via-se o velho senhor Assunção que em Paris morava há 32 anos. Lá tinha ido como estudante e lá tinha "caído" por uma francesa, casando-se,interrompendo os estudos, divorciando-se e acabando como porteiro de um modesto hotel-à-horas na zona da "Gare de Leste"(uma das tantas estações ferroviárias de Paris).

Antinolfo José Maria Azevedo de Assunção era um daqueles personagens que Checov, Victor Hugo ou Eça de Queiroz não deixariam fora de algum dos seus romances ! No seu quarto,mobiliado com antigas peças que ele havia adquirido aqui e ali, estava a nossa bandeira apoiada num grande mastro de metal.Nas paredes, os retratos de Duque de Caxias e Prudente de Morais. Tudo estava meticulosamente coberto de poeira. Daquela que não removida há anos, forma uma crosta!

Morava sozinho naqueles trinta metros quadrados. Tinha sido abandonado por todos, inclusive parentes no Brasil, dos quais não tinha notícias há 20 anos. Como Faust, no segundo ato da obra do mesmo nome de Wolfgang Goethe, o Assunção parecia ter vendido sua alma a Mephistópholes!

Quando o visitava, contava-me a estória da sua grande tragédia,que para ele era verdadeiramente grande. Contente de ter alguém que o ouvisse e esvasiasse com ele, um par de garrafas de um bom Chateau Leclerc. Para o Assunção, tudo havia encontrado fim num passado que para ele era remoto. Somente a bandeira do Brasil naquele canto cheio de poeira, parecia dar um resto de serenidade. Era a presença da Pátria,assim distante do seu mundo e assim perto dos seus sentimentos.

Falávamos de tudo. Fazíamos "projetos grandiosos". Sonhávamos com coisas que sabíamos de antemão serem impossíveis. Comprar um hotel ou um restaurante; embarcar num cargueiro indo na direção do Oriente; ganhar uma fortuna no Cassino de Monte Carlo ! Sonhar nada custava.

Anos depois, soube da sua morte.

Via-se madame G., também ela brasileira, que abandonando a família no Rio, procurava novos "contatos" na França. Terra, na época - e certamente não mais hoje - na vanguarda da liberdade. Digo "não mais hoje", pois na questão de liberdade, e principalmente a aceitação desta por parte das famílias,o Brasil certamente " não deve" -

segundo aquilo que sei -, mais nada a ninguém !
Infelizmente. Muito infelizmente !

Entre os "costumeiros" do átrio da Embaixada, havia também um homem inteligentíssimo, exímio orador e de uma contagiante simpatia. Era também patrão de poder no Brasil daqueles anos. Na França, todavia, somente um comum mortal. Tratava-se do proprietário dos então "Diários Associados" : o senhor José de Assis Chateaubriand, na ocasião - estimo hoje -, com seus 50 anos.

Era este ilustre personagem que numa manhã, também ele sentado naquelas ricas poltronas, onde Patrícios e Plebeus liam e discutiam notícias do Brasil(lembrar que naquele tempo não existiam os satélites, nem as comunicações rápidas que temos hoje), contava coisas da nossa política. Escândalos e misérias que poucos sabiam, ou fingiam não saber.

A natureza do ser humano é sempre a mesma ! Os segredos mais guardados foram sempre os mais excitantes de serem passados a outros ! Um modo de envolver-se em intrigas, ou deles tirar proveito, sem participar diretamente. A nobre e velha arte de saber e de passar novidades, cujo "ápice" era representado por uma bem determinada categoria, ali mesmo em Paris: "les concierges"(os porteiros), ou aqueles que têm a função ultra-centenária, de "guardar a porta". A função de "concierge" na França tomou a importância que tem hoje, durante a Revolução Francesa, quando cada um, além de porteiro, servia a última como espião ou delator.

Os "concierges" estavam e estão ainda presentes em cada um dos milhares de velhos edifícios que constituem a cidade de Paris, os quais a fazem magnífica e como nenhuma outra.

Por força das circunstâncias, os porteiros conheciam vida, morte e milagres de cada família-residente. E da vida, morte e milagres - como perene divertimento! -, construíam os mexericos... mesmo se não com exclusividade ! usando aquele pequeno músculo, capaz de elevar o ser humano ao pináculo da glória, e ao mesmo tempo, podendo afundá-lo no mais profundo dos abismos ! E a História é de tudo isto grande testemunha. E em Paris, não havia e não há edifício, antigo ou moderno, que não tenha seu "concierge", quem, juntamente com a família, mora invariavelmente no térreo.

Mais que "segurança", é uma espécie de "filtro-esnobístico" dos residentes do edifício. Anuncia a chegada de visitantes, distribue "le courrier" e naturalmente, mantém os residentes a par das novidades do "quartier". Enfim, é uma tradição nacional francesa !

Em seguida, porém, aprendi que em matéria de porteiros ninguém batia Moscou, pois além daquele na entrada, havia um em cada andar!

•

O senhor Chateaubriand contava também da sua recente viagem à URSS, país com o qual, na época, o Brasil não tinha relações diplomáticas. Ouvindo-o , tinha nascido em mim a vontade de tal viagem. "Su due piede"(sobre dois pés), expressão que os italianos usam para indicar alguma coisa repentina, uma minha viagem à URSS parecia impossível de ser realizada. Quase mais difícil que aquela recentemente feita entre o Brasil e a Europa. Havia uma série de problemas que deviam ser resolvidos. Entre eles , os necessários fundos, que para um homem pobre como eu , eram sempre motivo de preocupação. Às vezes de alarme ! Mas a atração pelo novo, pelo incerto e desconhecido, mexia dentro de mim aquelas misteriosas forças que podem transformar o impossível em possível !

Em Paris, ao redor do Natal de 1958, tinha conhecido um comerciante de perfumes que havia feito fortuna. Não obstante, mantinha uma vida simples e não sofisticada, como fazem habitualmente os hebreus. Dele ganhava comissões levando clientes, mas não era o bastante para enfrentar uma viagem à URSS; longa e custosa. Tal personagem era um ucraniano de Wanisa(Vannitza), cidade onde Hitler havia estabelecido, em 1941, um dos seus quarteis generais.

Alguns dos parentes do amigo de Paris tinham sido vítimas da guerra, e aqueles que dela sobreviveram, foram passados pelas armas, em 1943, pela Divisão SS-Galícia, formada de ucranianos, os quais, segundo Simon Wiesenthal , são super anti-semitas. Nesse "campo", sempre segundo Wiesenthal, os austríacos vêm em segundo lugar; os alemães em terceiro !

O citado comerciante de perfumes tinha chegado à França no fim da II Grande Guerra, com uma mala amarrada numa velha charpa; sapatos furados, calças remendadas, e um chapéu que tinha, dado o uso, perdido parte da aba. Ele tinha sua loja numa estreita ruela, na zona da Ópera, onde a maioria dos comerciantes do produto foram, aos pou-

cos,concentrando-se a partir dos anos da "belle époque".

A zona da Ópera, em Paris,é o tradicional centro da cidade. O teatro,construido por Charles Garnier,entre 1861 e'74,é um dos mais bonitos do continente,e tudo em volta dele reflete uma atmosfera do século passado. A avenida que parte da praça da Ópera(Avenue de l'Opéra)é na minha opinião uma das mais aristocráticas de toda Europa. Não é longa nem arborizada,mas os seus antigos edifícios, todos da mesma altura e estilo arquitetônico, com seus lampeões do século passado, é um presente para os olhos.Ela forma um triângulo com outras magníficas vias da capital francesa: uma é a Rue de Rivoli,que costeia o Palácio do Louvre - ex-residência dos reis de França, hoje museu -, e o Jardim das Tulherias. A terceira perna do triângulo é formada pelo Boulevard de la Madeleine e Rue Royale.Esta última, partindo da praça da Concórdia, termina na Igreja da Madeleine(Madalena); construção iniciada por Bonaparte, em estilo novo-clássico, com colunas e arcos imitando um templo grego-romano. No centro da praça da Concórdia está o famoso obelisco de Luxor(El-Uqsor),doado por Mohamed Ali a Louis Felipe, em 1831.

Durante a Revolução Francesa havia uma guilhotina armada "em permanência", na praça da Concórdia. Incluida na gente que ali deixou a cabeça, estava Marie Jeanne Becu, mais conhecida como Madame Du Barry(1743-1793); um tempo favorita de Louis XV. Du Barry, juntamente com sua mais célebre predecessora e favorita do mesmo Louis XV, Madame Jeanne Antoinette Poisson,Marquesa de Pompadour(1721-1764), exerceram grande influência na França.

Este parêntese sobre Mesdames Du Barry e Pompadour,faz me pensar em alguns dos fatos do mais importante palácio da Europa : Versailles(Versalhes),nas imediações de Paris. Alguma coisa dele e da sua mais famosa "inquilina", a ex-arquiduquesa austríaca Marie Antoinette, lembrarei num sucessivo capítulo.

*

Mas voltando ao nosso personagem de Wanisa, o estratagema do seu comércio era simples mas eficiente: " fazer descontos"! A ingenuidade do ser humano pode chegar a extremos dificilmente compreensíveis. Em matéria de fictícios descontos, então, ela chega ao auge !

Seus perfumes - absolutamente originais -,eram vendidos com 40+40% de desconto,às turistas latino-americanas, apressadas pelas ruas de Paris, as quais não queriam perder a oportunidade de carregar o máximo deles nas malas. Para uso proprio e para venda nos respectivos países. Como acontece em geral com os povos da América Latina, têm-se sempre um primo ou amigo que trabalha na Alfândega ! Aquelas clientes, apesar da dívida interna , da inflação, da negativa balança comercial e do caro Dollar nos respectivos países, arranjavam - e arranjam - sempre meios para viajar. É naturalmente um grupo relativamente pequeno em cada país: as chamadas "400 famílias" que estão sempre em movimento !

Tais clientes, juntamente com os perfumes,levavam para os respectivos países, os "cartões de visita"da loja.Distribuindo-os a amigos e parentes, com a espontânea recomendação que "em Paris ninguém fazia discontos assim altos !".

Mulheres, de um modo geral, são campeãs quando trata - se de divulgar tal tipo de notícia ! A psicologia feminina a serviço do comércio e dos seus "descontos".

Tratava-se de colombianas, venezuelanas, peruanas,chilenas, costarriquenhas, mexicanas; constituindo o grosso da clientela. Eram por nós chamadas "oritas", pelo hábito que têm de dizer "orita" faço isto, "orita" faço aquilo. Aquelas a leste dos Andes - argentinas, uruguayas e brasileiras, eram poucas -, talvez porque mais argu - tas, devido à influência das grandes migrações Européias - mas nem sempre indiferentes a atração daqueles 40+40% de desconto, que para tantas delas, significava 80%, ao invés do correto 64%.

Mesmo dando somente 64% de desconto, porém, não era fácil sobreviver naquele comércio selvagem, malgrado o fato,que igualmente às joias,são comércios que deixam larguíssimas margens. Monsieur(ex-Gaspadin)Fiodorvich, partia naturalmente de preços mais altos.

A clientela era fiel e voltava anualmente.É preciso dizer uma verdade sobre as mulheres Latino-Americanas que têm sangue índio, como são quase todas a ocidente dos Andes e América Central: elas são levadas mais pelas emo - ções que pela realidade das coisas. Os antigos egípcios, como visto no capítulo sobre aquele país, talvez não er - ravam quando diziam que a função do coração é pensar !

A serviço do Fiodorvich - e esta foi a fonte de renda que precisava para ir à URSS -,fiz numerosas viagens entre Paris, Básel e Genebra, na Suíça. Os trens na Europa,

principalmente na França, Alemanha e Suíça,funcionam muito bem. Precisos nos horários, limpos,com ótima comida a bordo. Eram viagens muito bem aproveitadas; sentado por grande parte do tempo no vagão-restaurante. Observando a vista das campanhas e saboreando a ótima cozinha francesa, e seus genuínos vinhos. O nosso estômago tem também seus direitos !... depois de tantas semanas de um quase forçado jejum ! Mesmo se privações eu já as tinha conhecido quando menino, portanto não me eram estranhas!

•

Depois das transações que fazia nos Bancos suíços, por conta e risco do amigo Hebreu de Wanisa,uma das minhas obrigações naquelas viagens,era contatar a irmã do mesmo. Senhora dos seus avançados sessenta anos. Reduzida mal pela idade, pelos sofrimentos da passada guerra e por aquele"laisser-faire",que tantas pessoas idosas deixam-se ir; não mais cuidando da saúde, do peso e principalmente da aparência.Típica atitude da mulher européia em geral; ao contrário daquela norte-americana,que não menos moça nem menos aflita pelos achaques da velhice, procura manter a forma física e uma aparência tratada.

Referida senhora morava nos arredores de Básel, e meu amigo de Paris não a via há quinze anos. Dos tempos que ambos viviam na URSS. Em Básel,a senhora morava num "gueto"de Hebreus, onde tudo indicava miséria. A ela, comissionado pelo irmão,levava peças de vestuário, compradas pelo mesmo nas imediações da praça da Bastille(Bastilha), em Paris. Na época, uma das zonas mais pobres e decadentes da cidade. Paraíso dos artigos de baixa qualidade e de baixo preço. Juntamente com o vestuário, ia a mensagem"que o comércio de perfumes deixava pouca margem"(!).

Penso que um dos segredos da vida é saber recolher de cada lado da nossa estrada, o aparentemente bom e o aparentemente negativo. Também do mais cretino ou do mais cruel dos homens, há sempre algo para aprender. Evitar a companhia ou a associação com cretinos e crueis,pode ser erro tão grande quanto aquele que, na juventude, fazemos nas escolas, evitando a presença nas aulas de matérias pelas quais não temos predileção.

Cito Goethe, o grande pensador alemão,de um de seus poemas:

> "...também o melhor dos homens acaba por habituar-

> se à crueldade...".

E Oscar Wilde,no seu livro "O Retrato de Dorian Grey":

> "...o homem não pode ser muito cuidadoso na escolha dos seus inimigos...".

•

Fiodorvich era um homem de pequena estatura,com a cabeça enterrada nos ombros; calvo,com grandes óculos de tartaruga, eternamente pendurados na ponta do nariz.Pálido, sempre sorridente. Tudo somado, um homem feio! Mas os milhares de anos da nossa História,nos dizem que foram feios os mais inteligentes deles ! Beethoven, o mesmo Goethe, Newton, Voltaire, Darwin, Pasteur e centenas de outros exemplos. Portanto, "feiura" no homem, pode ser sinal de inteligência !

Fiodorvich era amante dos bons livros. Tinha grande espírito para o humor e isto, talvez, fosse um elemento de ligação entre nós. Tínhamos criado uma mútua simpatia,a qual, a contas feitas,nada mais é que a mútua tolerância e aceitação dos mútuos defeitos e eventuais qualidades !

Íamos passar noitadas na zona de "les Halles", antigos mercados noturnos de Paris, construidos no meio do século XIX, hoje desaparecidos. Na época, localizados onde nos anos '70,construiram o "Centro Pompidou".

Comia-se sopa de peixe, que em Paris chegava durante a noite do não muito distante Canal da Mancha. Acompanhada das formidáveis e inigualáveis "baguettes".Eram pequenos e modestos restaurantes, geralmente localizados no primeiro andar de velhos prédios,que na época circundavam aqueles mercados. Lá havia uma atmosfera alegre e romântica, com música de acordeão e barris de vinho à vista. Tudo sistemado de uma maneira onde o divino e o profano misturavam-se magistralmente. Garçons usando aventais que tocavam o chão;como era então de moda na França. Senhoras elegantes,com a piteira pendurada no beiço.

Dos antigos freqüentadores daqueles locais, no século XVIII, saiu a "canaille"(canalha) que animou a Revolução Francesa, e que aplaudiu o "trabalho" da guilhotina. Uma fauna pouco recomendável !

Na carta endereçada a Luís XV, diz Voltaire em 1749:

> "...le centre de la ville(Paris),obscur,resserré ,

hideux; les rues etroites, infectes e sales...ra
présent le temps de la plus honteuse barbarie.."

(o centro de Paris,escuro,amontoado,horrendo; com
ruas estreitas, infectas e sujas...representa o
tempo da mais vergonhosa barbárie).

E Victor Hugo(1802-1885), cem anos depois, no seu ro-
mance "Os Miseráveis", lembra a "canalha" de Paris.

•

Sentados por longas horas no restaurante do mercado de
"les Halles", eu contava coisas do Brasil ao companheiro
ucraniano. Da sua grandeza territorial; da generosidade
do seu povo; da sua ingenuidade e bondade no tratar os
problemas da vida, e por isto - feliz ou infelizmente -
pouco atento às "armadilhas"que a vida continuamente nos
reserva; da nossa língua, sem igual nas Américas;das nos
sas grandes cidades; da corrupção como elemento fixo do
seu "modus vivendi",comum a todos os países em desenvol-
vimento.

Ele contava-me da fome e do frio que tinha passado em
1941, quando o exército alemão, invadindo a URSS, havia
semeado destruição na povoação onde morava. Falava-se a
bertamente dos Hebreus. Das suas virtudes, dos seus de -
feitos, dos seus problemas. Das características que são
mais evidentes neles. Da religião dos mesmos, a qual não
reconhece haja qualquer coisa depois da morte. Do tradi-
cional isolamento; do recente holocausto. Dos traços so-
máticos , inconfundíveis em alguns deles; da insistência
em ressaltar a identidade religiosa, acentuada pela dis-
persão pelo mundo, a qual eles chamam"Diáspora".Do força
do transferimento do seu povo de Jerusalem à Babilônia ,
por Nabucodonosor(IV séc.A.C.). Das funções tradicionais
por eles exercidas na sociedade européia durante sécu -
los, principalmente aquelas impopulares de coletor de im
postos e agiota. Dos passados séculos na Europa,quan-
do os Hebreus estavam sujeitos a impostos mais altos que
outros e da confiscação de bens. Da festa do Pasach(Pas-
sover),que comemora o Êxodo dos Hebreus do Egito durante
o reinado de Ramsés II. Do ano 3716 A.C., que para eles
representa o ano da criação do homem. Da "Reconciliação"
e do "Novo Ano", respectivamente chamados "Rosh Hannah "

e "Yom Kipur". Do "Bar-Mizwáh", ritual comemorando a mai
oridade dos meninos,ao completar treze anos. Das"leis re
ligiosas" que devem ser observadas na preparação dos ali
mentos(Kosher). Dos motivos que os fazem fortemente a -
traidos pelo ouro e dinheiro, pois eternamente persegui-
dos desde as Idades mais remotas; procurando neles prote
ção(e muitos Hebreus salvaram-se do holocausto "compran
do" a liberdade). Da condenação dos Hebreus pelos Cris-
tãos; injusta, pois Cristo, ele mesmo, nascido na terra
dos Hebreus, era também Hebreu. Assim como era Hebreu o
maior dos seus Apóstolos, Sha'ul, conhecido como Paulo.

Ouvindo as explicações do amigo de Wanisa, vinham-me à
memória palavras dos Evangelhos segundo Matheus e Marco:
Do primeiro(27:11): "..O Governador Romano da Judéia,
Pontius Pilatus, pergunta a Cristo: - "é Você o Rei dos
Judeus ?... e Cristo responde: "sou". Mesmo diálogo en-
contramos no Evangelho segundo Marco(15:2).

E sempre de Matheus(2:12): "...e pergutam os Reis Ma -
gos: ...nós vimos Sua estrela no Leste...onde está o re-
cém nascido Rei dos Judeus ?".

Temos também a inscrição que lemos sobre os crucifixos
(INRI), abreviação do antigo Latim(Iuesus Nazarenus Rex
Iudeorum),significando "Jesus de Nazaré,Rei dos Judeus".

De tudo isto, é evidente que nada há de extraordinário
na relação entre Judaísmo e Cristianismo.

A Fiodorvich eu contava a estória do velho Hebreu, que
rodeado,no solene momento da morte pelos parentes, estes
perguntaram qual era o seu último sublime pensamento e a
sua última nobre preocupação. A resposta tinha sido: " o
meu último sublime pensamento vai para aqueles três Dol-
lars e vinte centavos,que ingenuamente perdi 54 anos a-
trás. E a minha última solene preocupação é que agora ,
neste momento solene da minha morte, os vejo todos aqui
ao meu redor,dizendo palavras que vêm diretamente do co-
ração...e pergunto:quem estará neste momento cuidando da
loja !

Por sua vez, ele dizia que iria recomendar ao Rabino
Chefe de Paris, de mandar os Hebreus residentes fazer um
"curso de aperfeiçoamento" comigo !

Ríamos !

Tudo naquela atmosfera dos restaurantes dos "Halles"le
vava ao bom humor. Os garçons enchiam continuamente os
copos de vinho. O som do acordeão enchia os nossos ouvi-
dos. Alguns dançavam.Outros faziam discursos. Outros fa
ziam promessas às senhoras que iam procurar conforto emo

cional naquele ambiente sempre alegre, mas nunca vulgar.
Dos "Halles",quando a luz de um novo dia começava aparecer, fazíamos uma longa caminhada pela ilha do rio Sena, chamada St.Louis(Louis IX, 1215-1270, rei dos Francos durante as Cruzadas), a qual encontra-se praticamente no centro de Paris, ao lado daquela outra ilha chamada "de la Citè",onde está a catedral de Notre Dame.

Trocávamos idéias sobre os mistérios da vida;sobre os sacrifícios que ambos tínhamos feito na infância e na adolescência. Sobre os problemas que cada novo dia reserva ao homem. Sobre a força e a coragem necessárias para enfrentar o futuro, que sob qualquer circunstância é sempre novo, incerto e desconhecido.

Finalmente, despedíamos com a citação de uma máxima,como aquela de Publius Ovidius Naso(OVÍDIO); poeta da Antiga Roma, vivido entre 43 A.C. e 17 D.C.:

"...Ut desint vieres,tamen est laudanda voluntas".

(mesmo se falta a força, a vontade deve ser elogiada).

Em seguida, caminhando sozinho pelos cais do rio Sena, parava aqui e ali para conversar com gente que habitava, em permanência, dentro de barcos. Tinham uma vida interessante, despreocupada e com uma forte dose de boemia.

Tratava-se de famílias nascidas naquelas mesmas embarcações, as quais eram passadas de pai a filho. Depois de alguns dias ancorados às margens do Sena,em Paris, prosseguiam para outros portos no mesmo rio; ou através de canais,infiltravam-se pelo resto da Europa.

Alguns daqueles barcos mostravam avisos convidando passantes a participar de viagens. A pagamento, naturalmente.

Meio barato e interessante para conhecer a Europa.

Com o dia bastante claro,sob o sempre presente céu cinzento de Paris, eu voltava para "casa",na Rue de Baunne, onde a simpática madame de la Croix - a porteira -, nos seus maduros 70 anos, não deixava de "interrogar-me".Não havia malícia ou maldade da sua parte. A velha senhora queria conversar e talvez livrar-se da solidão. Com ela trocava algumas palavras,antes do merecido repouso.

Ela perguntava-me, com insistência(!), "porque eu pas-

sasse as noites fora ?". Respondia "que meu trabalho de astrônomo e observador das estrelas... assim exigia!"

Subindo as escadas que levavam ao meu quarto,ouvia sua interminável gargalhada.

XII

O Consulado da URSS em Paris (Consulados,grosso modo, tratam de questões administrativas; Embaixadas, de questões políticas), onde eu devia fazer os passos necessários para a obtenção do "Visto de Entrada" naquele país, estava situado num palacete de prestígio. Rodeado por suntuosos jardins,e guardado por elegantes grades de ferro, pintadas de ouro e preto. Era um dos chamados "palacetes dos Marechais", que juntamente com o Arco do Triunfo, estão localizados na parte mais alta e refinada da Avenida dos Campos Elyseos.

"Nyet!" foi a resposta. "Não damos visto a cidadãos de países com quem a URSS não têm relações diplomáticas" De fato, naquele tempo, Brasil e URSS tais relações não tinham.

Na margem esquerda do Sena, em frente do "Trocadero" e da "Torre Eifel",numa pequena praça ao lado dos "Invalides"(Inválidos) - uma enorme construção usada por Bonaparte como hospital para seus soldados -, havia uma Agência que tratava de "vistos"e afins. Uma daquelas organizações que conhecem truques e segredos, que são usados contra a famigerada "máquina burocrática". Um mal verdadeiramente internacional !

Dentro do recinto dos "Invalides", sob a cúpula de uma capela, está hoje o túmulo de Napoleão Bonaparte (1769-1821). Monumento de mármore cor rosa, construido pelo arquiteto italiano Ludovico Visconti. Os restos mortais do ex-Imperador de França, foram trazidos para Paris, da ilha de Santa Helena(costa ocidental da África),em 1840 , isto é, dezenove anos depois da sua morte.

•

Fui informado pela Agência que um "visto" poderia ser obtido, à condição que fosse "fora do passaporte". Explicaram-me,que caso fosse necessária a assistência das autoridades do meu país(Consulado ou Embaixada),durante minha permanência na URSS, não teria a quem recorrer,exceto ao país que lá representava o Brasil. Penso fosse a Suíça. Era um risco naquele tempo.

Em geral,os governos não aconselham seus cidadãos a viajar em países com quem não têm relações diplomáticas . É uma regra, porém, que com a distenção política que tem havido em anos recentes, foi aos poucos relaxada. Naquele tempo(1959), todavia, assim não era. No meu passaporte estava marcado, bem claro, "não válido para a URSS e China", assim como para outros países comunistas.

Depois de uma semana,tinha o "visto" nas mãos. Era composto de uma série de páginas com profusão de carimbos , fotografias, assinaturas, números e códigos. Podia ser confundido com o verbal de uma "Declaração de Independência" ! Com ele, uma folha listava coisas que não eram permitidas fazer na URSS. Procurei aquela que dissesse o que era permitido. Não a encontrei !

As "portas" do turismo na URSS, tinham sido abertas há pouco. Stalin tinha falecido seis anos antes.Tudo era extremamente burocratizado, difícil e lento. E os burocratas,com medo de fazer algo contrário à política do país. Na Sibéria havia ainda espaço para receber hóspedes !

O turista, não obstante, era um " necessário intruso " que para a URSS levava moeda convertível. Mas a URSS não era e não é o único país onde a necessidade de incrementar a entrada de moeda convertível, fez abrir as portas ao turismo. Conheci outros ! Onde não ficaria surpreso se visse um cartaz dizendo: "Caro turista...mande seus Dollars...mas fique no seu próprio país".

O visitante pode ser uma fonte de suspeita e de " maus conselhos" a povos opressos, ou que têm baixo padrão de vida. E os opressores e maus administradores, naturalmente não vêm com "bons olhos",a presença de gente que possa despertar a atenção dos primeiros !

Os Dollars, porém,foram e são sempre bem-vindos.

•

Com um bastante usado auto, então chamado "Renault Dauphine",eu teria que atravessar o leste da França,as duas Alemanhas e a Polônia, antes de atingir a fronteira da União Soviética. Uma enormidade de quilómetros. Quase um pulo no escuro para quem, como eu na época,pouca experi-

ência tinha em viagens daquele tipo.E certamente não car
regava uma fortuna nos bolsos.A volta para a França(como
e quando), era deixada à vontade da Providência !   Que
atração maravilhosa tinha eu naqueles anos pelo incerto
e pelo desconhecido !
É relativamente fácil para um estrangeiro, ir às ex-Re
públicas da URSS nos dias de hoje. Como parte de um gru-
po, ou individualmente,obedecendo um programa de "viagem
organizada". Trinta e cinco anos atrás, porém, as condi
ções eram bem outras. Se aquele velho "Renault" resolves
se "dar o prego" naqueles territórios por mim desconheci
dos, é possível que não estaria hoje, aqui na China, es-
crevendo parte destas "Notas" !   Não teria auxílio de
guias, excepto quando passasse a fronteira com a URSS,on
de a presença de um "acompanhador" era obrigatória. A ra
zão oficial desta exigência, era que "o estrangeiro pode
ria não conhecer língua e costumes, e assim teria difi -
culdades". A verdadeira razão, porém, era que certos paí
ses não querem que o estrangeiro "meta o bico" em coisas
que o governo local considera privada. Tradução: trans -
forme-se num espião !

*

Meu plano, em Paris,era procurar uma companhia para a-
quela longa viagem ao leste Europeu. Passei dias preocu-
pado com o problema. Não seria fácil encontrar alguém ,
de dia a outro, disposto a enfrentar custos, e que pudes
se dispor do necessário tempo. A "pesca" daquela compa -
nhia de viagem deveria ser concentrada num homem que ti-
vesse tempo e meios. Este era o objetivo. E o átrio da
nossa Embaixada em Paris, parecia oferecer as melhores
possibilidades.
E foi assim,que numa manhã de abril de 1959,debaixo de
um clima chuvoso, o velho e pequeno "Renault" partia,dan
do soluços !,carregando uma enorme quantidade de malas ,
maletas, malinhas, sacolas, caixas redondas de chapéus -
em uso na época -; levando também, muito ao contrário do
previsto, enfiada numa toalete de quem parecia ir exibir
se no "Moulin Rouge", a balzaqueana Madame G., ex-compa-
nheira de leitura dos jornais e revistas na Embaixada.
Também ela curiosa pelas coisas da URSS e dispondo de me
ios e tempo para a viagem.
Era uma senhora alta, bem temperada para seus anos.Ca-

belos grisalhos, pintados de ruivo. "Tailleur" à "Coco"
Chanel. Brasileira, mas de descendência francesa. Havia
sido educada num colégio da Suíça,nos anos da primeira
grande guerra. No Brasil, tinha deixado marido,duas fi -
lhas e netos. Como dizem na França,uma verdadeira "femme
du monde", ou seja, uma mulher que "não nasceu" para   a
família, mas destinada a ter uma vida livre e cheia de a
venturas... como o leitor certamente conhece muitas !
Na noite que antecedia minha partida,enquanto prepara-
va as malas, ouvia o amigo Costa - um pintor de quadros
com quem eu morava na rue de Baunne -, dizer no seu a -
cento de Coimbra: "...onde vais, homem ?...voltas já ao
Brasil ?"

*

Como descrever Paris e como descrever o dia-a-dia na -
quela maravilhosa cidade ? Talvez Edith Piaff, Maurice
Chevallier ou Mistinguett o poderiam fazer !   Mas para
mim, seria preciso escrever páginas e o resultado um fi-
asco ! De toda forma, alguma coisa de Paris já foi ante
riormente lembrada e outras serão lembradas mais adian -
te. Londres, Berlin, Madrid, Roma.New York,Tokio,Shang-
hai podem ser descritas. Paris é difícil !   Carlos IX,
rei da França e filho de Catarina de Medicis, dizia em
1568 : "Parisii non Urbs Sed Orbis" (Paris não é uma ci-
dade mas um mundo).
Segundo a História, a qual como sabemos está sempre su
jeita a interpretações, a área onde está Paris foi inici
almente habitada no primeiro século A.C., por uma tribo
Celta, chamada Parisii. Chamavam a área de Lutetia(pro -
nuncia-se Lutécia). Até hoje esta palavra é muito difun-
dida na cidade, usada para nomes de hotéis,restaurantes,
museus. Mas para termos Paris como cidade propriamente
dita, precisamos ir ao posterior domínio Romano, quando
em 360 D.C., foi reconhecida com o nome de "Parisea Civi
tas". Outrossim, os nomes Parisii,Parisea e Paris, vêm
originalmente da legenda Grega. Paris era filho de Pri-
am, rei de Troya. Raptando Helena, ele causou a guerra
de Troya entre Gregos e Troyanos.

*

É um pecado ver o turista que enfiado dentro dos costumeiros ônibus, "visita" Paris numa tarde ! Ou aquele que fica hospedado na cidade por dois ou três dias. A maioria dos visitantes, porém, não tem alternativas. Os programas das viagens organizadas são aqueles que conhecemos. Custos e tempo disponível são barreiras para muitos visitantes. Portanto, é melhor dar uma corrida d'olhos que não ver de uma vez. Mas é sempre um pecado. Paris é uma cidade onde há alguma coisa para ver e refletir em cada quarteirão; e onde uma importante parte da história ocidental moderna foi escrita.

Faz também pena ver gente que gasta dinheiro em viagens - comprando eventualmente o lugar num grupo, com sacrifícios e pagando em prestações -, e que pouco aproveita da experiência,pois não teve o cuidado de preparar-se (histórica e artisticamente), antes da partida, ficando assim alheia às explicações dos guias.

É também verdade que cada um de nós é tantas vezes limitado pelo próprio interesse. Existem portanto diversas "categorias" de turistas. Procuro lembrar aqui duas delas - as mais tristes de todas; quase sempre presentes nas viagens em grupo. E é impossível isolar-se delas !...pois pagaram a parcela como os demais, portanto gozam dos mesmos direitos. Aqui estão:"categoria" incluindo o visitante que chega sem saber se Paris está localizada nas imediações dos Pirineus(montanhas que separam a França da Espanha), ou pegada a fronteira da Alemanha; ou pergunta ao companheiro de viagem qual é a língua falada; ou quer ver a casa onde nasceu Napoleão; ou pergunta se a Bastilha era um palácio de Louis XV ou um convento de frades; ou acha a cidade "velha"; ou quer pagar a corrida de táxi com as Pesetas sobradas da passagem pela Espanha, ou com os Francos sobrados da passagem pela Suíça; ou não intende patavina daquilo que dizem os guias,pois nunca tomou o mínimo interesse pela História, e assim Diderot pode parecer o nome de um famoso jogador de futebol,e Victor Hugo o nome de uma grande fábrica de calçados !

Uma segunda "categoria", tão bem identificada pela palavra italiana "cafone",pode também fazer parte dos grupos de turistas. Os "cafoni" deixam a "marca" por onde passam, como um bando de gafanhotos quando senta sobre a gleba. O quarto ou apartamento que ocupam no hotel, é o "terreno" onde melhor demonstram suas proezas...e não somente na última noite que lá passam, mas continuamente.

Pela manhã, quando deixam o quarto, este tem o aspecto

horrível, como se durante a noite, uma violenta tempestade tivesse, catastroficamente, revirado tudo.Toalhas espalhadas pelo chão,cinzeiros transbordando sobre a mesa; carpets, lençóis e colchas queimadas pelo cigarro - ou sujas, pois usadas para uma lustradinha no sapato! Lavabo e banheiro em tal estado, parecendo que neles foi lavado um cavalo; luzes e TV acesas;janelas abertas enquanto funciona o ar condicionado; fortes batidas de portas às duas da manhã, como se fossem os únicos no edifício ; malas abertas e roupas espalhadas pelos quatro cantos.

Os "cafoni", justamente porque são "cafoni", não sabem que quando abandona-se o quarto ou o apartamento de um hotel,ou a mesa de um restaurante, deixamos nele, ou sobre ela, o nosso "cartão de visitas" !

Esta última "categoria",geralmente tem similares hábitos na própria casa ! Gente que nunca aprendeu ou aceitou que a ordem, a disciplina, a organização, o bom gosto, a educação, a limpeza, o respeito pelo direito dos semelhantes, são características do homem civilizado...o que o "cafone" pensa(!) ser. Em suma, a "cafoneria" é uma infeliz arte ! "Privilégio" de ricos,pobres,brancos, cristãos, hebreus, pretos e amarelos, pois ela nada tem a ver com tudo isto. É uma "categoria" tão antiga como o comum sabão, inventado pelos Tártaros no V século D.C. !

Das duas citadas "categorias", o leitor pode crer,existe uma enormidade de turistas. De onde vêm ?

De Parapipoca, da América Latina,da Alemanha,da Índia, da Itália, dos países árabes, de Portugal,da Inglaterra, da Austrália, dos Estados Unidos e assim por diante. Não têm "nacionalidade" fixa; vêm de todo lugar. Uma catástrofe verdadeiramente internacional!

*

Mas voltando à viagem ao leste europeu: passada a "Porte d'Italie", localizada no limite sul da ex-área urbana de Paris - uma das tantas Portas das muralhas que circundavam a cidade até a metade do século passado -,eu e Madame G. rodávamos por estradas secundárias,evitando as chamadas "routes nationales"(estradas nacionais),que na ausência de autoestradas - construídas na França nos últimos decênios -, absorviam o grande tráfego.

Meaux, Epernay, Reims(pronuncia-se "rance",com "r" gutural), Verdun e finalmente Metz(pronuncia-se "mê"),onde

encostamos na porta de um "dois estrelas". Os melhores
hotéis são aqueles de cinco estrelas; classificação usa
da em quase toda a Europa ocidental.

Na manhã seguinte, cruzamos a fronteira entre França e
Alemanha do Oeste, em alemão chamada BUNDESREPUBLIKDEUTS-
CHELAND(República Federal da Alemanha),onde estão os ter
ritórios mais ricos da Alemanha,incluindo a parte orien-
tal. Em Saarbrucken, tomando a direção nordeste,costea-
mos a Pearlzerwald (floresta de Pearlzer), chegando à ci
dade de Mainz, às margens do rio Reno, onde paramos por
um dia para visitar as ruínas dos castelos de Carlos Mag
no(séc.VIII e IX D.C.). Mainz é também a cidade natal de
Johann Gutenberg(1400-1466), aperfeiçoador da imprensa.

Juntamente com Aachen(Aquisgrana para nós), Tours e Or
leans - as duas últimas na França -, Mainz(Magonza pa-
ra nós),era uma das principais cidades do império de Car
los Magno(nome original Charlemagne).A vida e as conquis
tas deste célebre homem da Idade Média, aliado dos Papas
e adversário de Irene, imperatriz de Bizâncio, poderiam
ocupar muitas páginas, mas isto também não é o objetivo
destas "Notas".

A respeito de Carlos Magno, porém, cito somente uma ob
servação que fiz em Paris, lendo as inscrições de um tú-
mulo de setembro de 768 D.C.,localizado dentro da famosa
Basílica de St.Denís, onde também os reis de França têm
seus túmulos. Diz a inscrição: "Pepinus Rex Pater Caro-
li Magni"(Pepinus, Rei e pai de Carlos Magno), como se o
único mérito daquele grande rei dos Francos, fosse somen
te aquele de ter sido "pai de Carlos Magno" !

O posto de fronteira com a Alemanha do Leste(comunis -
ta) mais perto,estava a 200 quilómetros de Mainz. Como
freqüentemente acontecia durante a chamada"guerra fria",
tal posto estava fechado aos estrangeiros. Resolvemos,en
tão, tomar a direção norte, passando por Frankfurt-am-Ma
in(Frankfurt sobre o Rio Main), Marburg, Kassel, Gottin-
gen e contornando a floresta de Elmapp, chegando à outra
fronteira com a Alemanha do Leste.

Como há pouco visto, hoje a distenção entre o bloco co
munista e o ocidente,eliminou uma porção de problemas ,
que no passado incluiam atos de pura "rincha". A DDR, as
sim como a URSS, consideravam uma intrusão a entrada de
ocidentais em Berlin Oeste. Alguns anos antes, tinha ha
vido o caso da chamada "ponte aérea",entre a Alemanha O-
cidental e Berlin Oeste(que da Alemanha Ocidental não fa
zia parte; estando desde 1945 sob um estatuto especial).

A "ponte aérea" foi estabelecida pelos USA para suprir
de víveres a população de Berlin Oeste, pois a DDR tinha
fechado, no passado, todas as fronteiras, inclusive aque
la que estávamos para atravessar.

Na fronteira entre as duas Alemanhas,depois de uma lon
ga inspeção no "Renault" e revista minuciosa das malas ,
bolsos e carimbadas várias,nos foi dada uma folha com as
instruções que deveriam ser observadas na travessia
da DDR(aproximadamente 300 quilómetros).Elas incluiam:1)
não era permitido desviar-se das estradas indicadas ; 2)
não era permitido parar, excepto nos lugares indicados ;
3) não era permitido fazer fotos, nem conversar com pes-
soas eventualmente encontradas no trajeto. Aos lados das
estradas(incluindo uma Autobahn construida no tempo de
Hitler), viam-se torres de controle com soldados.

Eu havia notado que a atmosfera pesada, na fronteira e
nas estradas, havia causado desconforto e preocupações a
Madame G. Não era uma senhora com forte temperamento .
Tinha receio que pudesse acontecer "alguma coisa",e que
fosse impedida de voltar à França,ou, como dizia ela:"ao
mundo livre".

*

A Berlin daqueles anos foi parcialmente comentada ante
riormente nestas "Notas", e pela razão que o leitor verá
em seguida,minha companheira de viagem voltou para Paris
após alguns dias em Berlin, interrompendo assim sua via-
gem.

Uma tarde tínhamos ido à Charlottenburgelchaussé; gran
de avenida de Berlin Oeste, que liga o estádio - onde
as Olimpíadas de 1936 foram feitas, e onde Jesse Owens ,
o negro americano,havia ganho muitas medalhas, para gran
de desgosto de Hitler -, e a Brandenburgertor (Porta de
Brandenburg).

Na Chaussé - palavra francesa absorvida pela língua a
lemã, significando "calçada" -,havia um monumento cons
truido pela URSS logo após o fim da última guerra. Daque
la avenida sai também a famosa Unter den Linden, um bou-
levard arborizado; a mais elegante via de Berlin de an -
tes da guerra. A duzentos metros de onde ela inicia, es-
tava a Chancelaria de Hitler.

O citado monumento URSS,ficava,exceptionalmente,na par
te ocidental da cidade. Ocupava aproximadamente 50x50 me

tros,onde estavam expostos velhos tanks T-34 soviéticos, suspensos sobre plataformas de cimento armado.Faziam parte daqueles, que em abril de 1945,tinham entrado na cidade, decretando o último ato da II Grande Guerra na Europa. Atravessando diariamente o chamado"Check Point Charlie", entre as duas Berlins, um pelotão do exército soviético montava guarda no monumento.

Caminhando pelo mesmo,como faziam outros visitantes da cidade, Madame G. parou e, diante de um dos tanks, num gesto natural e genuíno, bateu com a mão na sua lagartixa. Talvez movido mais por um ímpeto da juventude que propriamente por falta de verniz - pois minha subseqüente experiência com os soviéticos foi em geral positiva - um jovem oficial do exército URSS que fazia parte do pelotão de guarda, no seu galante uniforme, nos repreendeu rudemente - que nada entendemos ! -, mas a sua atitude não deixava dúvidas. Possivelmente interpretando o gesto de Madame G., como crítica. Repito que naqueles anos havia uma atmosfera pesada entre ocidentais e o bloco comunista.

Foi a gota que fez transbordar a água ! Voltamos para o hotel e de lá acompanhei Madame G. ao aeroporto de Tempelhof, de onde ela tomou avião para Paris.

Meu destino era aquele de ir sozinho à URSS !

Dias depois,atravessei a parte leste de Berlin e o território leste da DDR, indo na direção da fronteira com a Polônia. Na altura onde o rio Spree cruza a estrada,sobre uma ponte que não tinha sido destruida pela guerra , o "Renault" parou e tive que buscar socorro em Frustenwalde; cidadezinha a alguns quilómetros de distância.Uma longa caminhada, pois a ausência de veículos, como em todo o território da Alemanha comunista,era também ali quase total.

No dia seguinte cheguei a Frankfurt-an-Oder (Frankfurt sobre o rio Oder), na fronteira entre a DDR e Polônia.Outras formalidades e outras inspeções me esperavam , mas com uma atitude menos rígida. Entre poloneses e alemães, ou melhor, entre eslavos e germânicos, há uma grande diferença de temperamento. A disciplina, a ordem, a organização, não são o forte dos primeiros !

Mas a respeito do famoso espírito de disciplina dos alemães(incluindo austríacos,suíços e outros germânicos), os italianos, sempre críticos da mesma(!), gostam de contar uma velha estória da primeira grande guerra(1914-18),

quando unidades dos dois exércitos, uma face a outra,estavam agachadas dentro das respectivas trincheiras.Dizem os italianos que um soldado alemão,sabendo que o nome Genaro é comum entre italianos, gritou do seu posto: - "Genaro!", na esperança que os Genaros, pondo-se em pé,servissem de alvo. A resposta dos Genaros foi: "Siii!", mas sem exporem-se. Então um soldado italiano gritou da sua trincheira: "Fritz!", e prontamente e com a tradicional disciplina, seis soldados alemães puseram-se em posição de sentido, respondendo "Yawol !", e servindo de alvo.

Re-visitando Paris, dezoito anos depois.

A Polônia é chamada Polska pelos seus nacionais. Aproximadamente oitenta por cento destes são Católicos Apostólicos Romanos, portanto país rival do Brasil nessa porcentagem. Traçam sua história desde o primeiro milênio da nossa Era. Seus territórios, "esmagados" entre dois gigantes - Rússia e Alemanha -, foram através dos séculos divididos e re-divididos como uma torta na mesa de "sete glutãos". Os demais europeus referem-se a ela com a menção pejorativa de "Polish Mess"(confusão polaca) e seus nacionais não gozam da melhor das reputações entre os primeiros,nem tão pouco entre os americanos do norte. Estes consideram poloneses - injustamente em ambos casos -, como alguns brasileiros consideram portugueses.

Justamente porque a Europa abriga vinte e cinco diferentes países, e dentro deles dezenas de nações,com diferentes culturas, tudo concentrado numa área geografica-mente pequena, ela foi e é uma espécie de "berço das rivalidades e das intrigas". Não somente expressas no número de guerras, mas também na atitude dos seus povos.

Nada de estranho nessas asserções ! Se hipoteticamente transferirmos habitantes de casas esparsamente localizadas dentro de uma grande área, para um edifício de apartamentos, as possibilidades de rivalidades e intrigas crescem consideravelmente. No caso oposto, diminuem !

Pouco disto é escrito ou pronunciado,mas cada nacional europeu sabe, no seu íntimo, o "lugar" que ocupa no contexto daquele continente. Como na organização de um circo,onde o domador de leões "vale mais" que aquele que limpa as jaulas. A mesma realidade encontramos dentro de um mesmo país - na Europa ou em qualquer outra parte. Se descermos ainda a "escala dos valores" - hipotética e efêmera seja -, também dentro das famílias o problema existe. O filho médico "vale mais" que o filho cobrador de ônibus; a esposa professora universitária "vale mais" que o marido professor de escolas secundárias. E assim por diante. São realidades difíceis de serem con-

testadas.

Consciente do "lugar" que ocupa, o ser humano "instintivamente" impõe-se sobre aqueles, que segundo essa lógica, estão na "escala inferior", ou, no caso oposto, paga a devida reverência através de atitudes e comportamentos tácitos ou explícitos.

Dentro do continente/ilhas que formam a Europa, são os alemães, ingleses e franceses que com ou sem razão, consideram-se "acima dos demais". Um segundo grupo, um degrau abaixo, encontramos belgas, holandeses, escandinavos, suíços e austríacos. Seguem italianos e espanhóis, e no fim da escala,portugueses,gregos e os nacionais dos países do leste europeu, os quais naturalmente incluem os poloneses.

Será um nacional da Alemanha mais inteligente e mais humano que um da Espanha ? Ou um francês mais que um grego ? Ou um inglês mais que um português ?

Absolutamente não, em todos os casos. Portanto,a questão da particular "reputação" de cada indivíduo ou de um povo, tem alicerces no vácuo ! Não obstante, tais diferenças "existem" na vida prática. Digamos que são outras das imperfeições da nossa espécie. Daquelas que pouco pode ser feito para saná-las, excepto através da hipocrisia !

*

A Polônia é terra de Nikolaus Copernicus(1473-1543),astrônomo,matemático e teólogo; dos músicos e compositores Frederick Chopin(1810-1849) e Ignace Paderevsky(1860-1941). É também terra de Karol(Carlos)Woytila, atual Papa; de Maria Sklodowska - depois madame Curie,quem,juntamente com o marido(Pierre Curie), descobriram o elemento químico Radium. Ambos ganhando o Prêmio Nobel para a Física,em 1903; sucessivamente, ela ganhando um segundo Prêmio Nobel(Química), em 1911. Mas de todos os filhos da Polônia, Copernicus é sem dúvida o mais célebre,mesmo se no seu tempo a repercução dos seus ensinamentos foi bem menor daquela posteriormente aceita e reconhecida. A religião era então o maior interesse do homem e esta é, por natureza, conservadora e cada progresso científico - como aquilo que era ensinado por Copernicus -, tendia a desmentir suas verdades.

Chopin, filho de pai francês e mãe polonesa,foi um re-

volucionário, compositor e exímio pianista; e pelas duas
últimas qualidades é conhecido. Foi parcialmente contem-
porâneo de Beethoven - tinha 16 anos quando o mestre de
Bonn faleceu -, e suas composições inserem-se no início
do período clássico-romântico da música.Esta influenciou
outros grandes do século XIX,como Schumann e Mendelssohn.

*

Entrando na Polônia não fui diretamente a Varsóvia(War
sawa para os poloneses), mas fiz um giro, visitando Mied
dzyrecz, Poznan, Lodz e Cracóvia. Esta última,capital do
país no século XVI,quando a Polônia era pejorativamente
considerada "parte da Ásia" pelos europeus do oeste, po-
dendo indicar que a presente reputação do país tem ve-
lhas raizes ! Mas esta reputação, todavia, não a impe
diu - obedecendo a tradicional agressividade dos euro-
peus -,de subsequentemente à morte de Ivan,O Terrível ,
invadir a Santa Madre Rússia,chegando até Moscou em 1584
e lá ficando dois anos. Bem mais que Napoleão ! cerca de
dois séculos depois.

Eu parava nas povoações que encontravam-se entre as ci
tadas cidades e ia meter-me no meio da gente, sem conhe-
cer uma palavra de polonês. Queria sentir de perto como
viviam; aprender alguma coisa dela usando a vista. Numa
daquelas aldeias, lembro-me que crianças miseravelmente
vestidas, descalças, com capotes que arrastavam-se pelo
chão de terra - os efeitos da última guerra estavam a
inda presente naqueles territórios eternamente pobres -,
rodeavam o "Renault". Um tipo de automóvel desconhecido
naquelas paragens. Eu falava português e elas polonês !
Curiosas, com os olhinhos escancarados diante do estra -
nho. Mas havia comunicação !
Penso que em tantos casos, não entendendo a língua do
interlocutor, o homem comunica-se melhor. São as pala -
vras, quando as entendemos e as "filtramos", que podem
ser causa de tantas divergências e de tantos mal-entendi
dos na nossa vida. Do vizinho de casa, ao colega de tra-
balho, aos diplomatas !

Mexia na cabecinha daquelas crianças maltrapilhas; da-
va balas e chocolates; procurava estabelecer um contato.
Em seguida, aproximaram-se alguns adultos; sorridentes,

dizendo coisas que naturalmente eu não entendia. Levaram
me finalmente para dentro de uma casa. Naquilo que chama
ríamos cortiço. Eram pobres e simples; trabalhavam,assim
imaginavo,nas indústrias de extração de carvão e ferro
da zona. Dentro da casa,um homem abriu a tampa de um ve
lho móvel e acionou um toca-discos; daqueles que ainda
funcionavam à manivela; com seu grande alto-falante,como
nos anos '20. Queriam mostrar-se amigos com alguém vin-
do de um outro mundo; de um mundo que certamente não co-
nheciam. Para aquela mísera e ignorante população, loca
lizar o Brasil num mapa-múndi, poderia ser tão difícil
quanto estabelecer quando o homem começa a envelhecer !
No disco estava gravado o hino nacional polonês,que lo
go reconheci. Procurei lembrar a eles que tinha sido com
posto por um coronel francês, durante as guerras napoleô
nicas. Em seguida, alguém puxou da gaveta de um móvel ,
o qual parecia ser uma "geladeira improvisada", meio me-
tro da famosa linguiça Kielbassa, e a posou sobre a me -
sa. Kielbassa é um tipo de linguiça mista(porco e boi),
contendo 80% de gordura, muito popular em toda a Europa
e também nos USA. Fui ao "Renault"e dele retirei um gar
rafão de vinho que havia comprado na Alemanha. Sentados
em bancos, formando uma roda - em cujo centro nada ha-
via -, cada um cortava com as mãos um pedaço da lingui-
ça e a comia com um gostoso pão preto, cozido pela dona
da casa, talvez quinze dias antes.
Cenário interessante aquele ! pois nenhuma palavra po
dia ser entendida entre eles e o hóspede. "Falávamos"com
expressões, sorrisos, gestos e olhares.

*

Em Varsóvia fazia minhas caminhadas, procurando apren-
der um pouco de tudo.Visitei o Conservatório onde Chopin
havia estudado com Josef Elsner, em 1826 e '27, e a Igre
ja de Santa Cruz, onde o coração do compositor é conser-
vado(o corpo está enterrado no cemitério Pierre Lachai -
se, em Paris). Lembrava-me do filme visto no Brasil por
volta de 1945, chamado: "...à noite sonhamos",o qual con
tava a vida de Chopin. Visitei também o ex-gueto dos He-
breus, famoso durante os anos da última guerra. Os gue -
tos foram sempre o típico abrigo dos Hebreus. A palavra
começou a ser usada a partir do século XVI, quando a an-
tiga República de Venezia(hoje parte da Itália), os obri

gava a fechar-se numa área isolada, chamada justamente "gueto", e a comunidade nele vivendo, chamada Kehilla. Es- colhido pelos Hebreus, ou imposto por outros, o "gueto" foi um refúgio durante séculos, e ao mesmo tempo, a "fortale za" deles; onde podiam amparar-se das vexações e humilha ções.

O passar dos séculos não mudou muito a situação. Eles tendem ainda a concentrar-se em determinadas áreas das cidades de todo mundo , formando modernos guetos. Rara- mente afastando-se deles para viver na campanha. Parado- xalmente, o mesmo acontece com Israel; um "grande gueto" rodeado por hostis vizinhos.

•

Minha próxima etapa foi Brest Litvok, na fronteira en- tre Polônia e URSS. Ali a inspeção foi muito rigorosa. De- pois da parte burocrática, dois funcionários da Alfânde- ga URSS, foram ao "Renault" e começaram o " processo de desmonta". A idéia que cada estrangeiro na União Sovié- tica é um potencial espião - idéia que continua a exis tir nos dias de hoje -, era evidente na atitude daqueles homens da Alfândega. Um deles explicava-se bastante bem em francês, língua que no tempo dos Czars (até 1917), era usada pela aristocracia russa. Ele continuava a pergun- tar, entre outras coisas, se eu trazia meias de senhora na bagagem (na época não existiam os "collants").

Nos meses seguintes, quando comecei a entender o "meca- nismo" de como as coisas "funcionavam" na URSS, compreen- di então o porquê de toda aquela prevenção contra a im- portação de meias de senhora!

Meias francesas, na URSS, podiam arranjar milagres !... num país onde tudo que vinha do estrangeiro era imediata mente glorificado ! pois na URSS existia somente o es - treitamente necessário... e de baixíssima qualidade. A vaidade feminina tem mistérios que o homem nunca compre- enderá completamente! E se comigo caregasse aquele "lu- xo", ser-me-ia certamente confiscado...e possivelmente u tilizado como "moeda de câmbio" pelos mesmos alfandegá - rios.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a qual é abreviada com CCCP (o "C" no alfabeto cirílico, introdu zido por um monge Bizantino no IX século D.C., correspon

de ao nosso "S"; o "P", ao nosso "R"), um Estado fundado depois da revolução de 1917, é um calidoscópio de raças, religiões, costumes e línguas; compreendendo quinze Repú blicas, além de várias Regiões Autônomas. A extensão do seu território corresponde a 2,64 daquele do Brasil (em milhões de quilômetros quadrados, temos: URSS 22,4, Bra- sil 8,5).

As cidades no trajeto entre Brest Litvok e Moscou esta vam nas Repúblicas da Byellorússia e Rússia. Referir-se à URSS como "Rússia" é naturalmente um erro, assim como é referir-se a todos os nacionais da URSS como russos . Russos são os nativos das duas acima citadas Repúblicas russas. Cada uma das Repúblicas tem sua cultura, pró - pria língua e próprias aspirações de independência. Os u crainos, por exemplo, têm uma longa história de idéias nacionalísticas. A aparência somática dos nativos de ca- da República pode também ser única. O domínio da URSS es tá naturalmente na mão dos russos.

Em Brest Litvok, isto é, na fronteira entre Polônia e URSS - cidade que entre 1921 e '39 pertenceu à Polônia - estava a minha espera uma senhora que deveria servir de guia e "acompanhadora" durante o trajeto até Moscou. E- ra "mamsee" Nástia(em russo, "mamsee", adaptação da pala vra francesa "mademoiselle"). Nástia é o diminutivo de Nastasia(ou Anastasia), nome muito comum naqueles terri- tórios.

Nástia era sim uma "guia", pois a sinalização nas es - tradas era péssima ou completamente inexistente. Ao mesmo tempo ela era também uma espécie de policial, para asse- gurar-se que eu me comportasse como o regulamento exigia. Tradução: não "espiar" aquilo que não devia ser espiado !

A Intourist, que ainda hoje é a Agência oficial de tu- rismo na URSS, da qual Nástia dependia, tinha através dos guias essa dupla função.

Uma vez chegados em Moscou - assim diziam "visto" e pa peis que trazia de Paris -, cessaria a necessidade da guia. Ou melhor dizendo, o "controle" seria feito atra - vés de meios mais discretos(!), pois muitíssimas vezes senti-me seguido, sem todavia estar absolutamente seguro disto.

Nástia falava italiano (a Intourist tinha e tem guias especializados em diversas línguas), e durante aqueles di as que viajamos juntos, fiz minhas mil perguntas. Pedia que ela tomasse notas no meu caderno, enquanto eu guia-

va. Ela o fazia com prazer, talvez orgulhosa de ver al-
guém tão interessado nas coisas do seu país. Das respos-
tas que recebia, porém, era preciso descartar a parte da
"propaganda" que todos nós, tantas vezes involuntariamen
te, fazemos quando contamos da nossa terra. Mas sentia
que havia uma "dose" especialmente preparada pelas auto-
ridades, para ser "vendida" aos visitantes! Célebre ca-
racterística dos países comunistas.

À Nastia perguntava muita coisa do tempo dos Czars, os
quais eram chamados pelo povo de"Batiushka"(Pequeno Pai),
e os habitantes destas terras parecem ter predileção pe-
la combinação de "poder e pátria" com os membros de uma
família ! Chamam o país de Santa Madre Rússia.

O título de Czar (adaptação do Latim César, assim como
é Kaiser, do alemão), foi oficialmente adotado em 1547
com a coroação de Ivan IV, posteriormente chamado "O Ter
rível". Foi suprimido 370 anos depois(em 1917) com a re-
volução que levou o regime comunista ao poder.

Perguntava também se era verdade que a mulher era na -
queles tempos relegada a um mero instrumento de prazer e
trabalho. Ela respondia em Latim : "...de terra nulla in
muliere hereditas est"(uma mulher não podia herdar ter -
ras). Naquela resposta estava dito tudo!! E a mulher so-
viética dos nossos dias,continua tendo poucos privilégi-
os. É ela que faz os trabalhos pesados, que ocupa-se da
família, que é tratada como um "apêndice" do marido; o
"super-homem" que sabe tudo e manda em tudo !

Nastia explicava também a função dos "zemstvo",uma es-
pécie de "Câmara dos Vereadores", criada pelo Czar Ale -
xandre II(1815-1898), em 1864, depois da reforma dos"ser
vos das glebas", os quais praticamente tinham os mesmos
"direitos" que os nossos antigos escravos. Nikolai Gogol
(1809-1852),no seu estupendo romance "Almas Mortas",des-
creve com grande maestria a vida dos "servos das glebas"
(chamados Almas) na antiga Rússia.

*

Se as estradas da Alemanha do Leste(DDR,comunista)eram
ruins, e as da Polônia ainda piores, aquelas da Byelorus
sia que ligavam Brest Litvok a Minsk, desciam ainda de
muitos graus ! Lembro ao leitor que trata-se de 35 anos
atrás e que a situação deve ter sido melhorada...mas não
muito, como pudemos observar na nossa segunda viagem ao

oeste da URSS, em 1988. Mas é preciso considerar que nu-
ma terra como aquela, com um inverno rigoroso e longo ;
com neve que uma vez virada gelo, provoca a ruptura do
asfalto,não era fácil mantê-las conservadas.Acresce o fa
to que havia pouquíssima circulação. Às vezes rodávamos
dezenas de quilômetros sem encontrar outro veículo, com
exceção das carroças puxadas a "loshao"(cavalos), e con-
duzidas por "muziks".

Nos campos que margeavam as estradas, viam-se os"batra
kis"(roceiro,campesino), puxando a enxada. Também algum
desfarçado "kulaki". Os "kulakis", até 1917, eram os pa
trões das glebas(sítios). Foram por decênios combatidos
pelo regime de Stalin, introdutor das "fazendas coleti -
vas", chamadas "colcos", as quais, como sabemos,deram re
sultados desastrosos.

Os "batrakis", no passado semi-escravos nas glebas, na
grande maioria analfabetos e ignorantes, ficaram famosos
quando, transformados em soldados,fizeram parte das for-
ças que invadiram a Alemanha no fim da II Grande Guerra.
Dizem os observadores da época, que os "batrakis"ficavam
fascinados, vendo, pela primeira vez, uma bacia-de-priva
da e a respectiva descarga d'água(acostumados a ver fos-
sas).Eles as confundiam com "máquinas de lavar batatas"!

Não faltavam também pelas estradas e campos, uma enor-
me quantidade de "sabakis"(cães vira-latas). Alguns per-
seguindo o nosso auto por uma centena de metros.

Convido o leitor a lembrar que estamos falando da mes-
ma União Soviética que tinha, dois anos antes, enviado o
primeiro instrumento ao espaço: o "sputnik" ! A políti-
ca e o "prestígio nacional" têm mistérios profundos !
Quase sempre em detrimento das necessidades básicas do
povo.

*

O julgamento que faço hoje daquelas estradas, como ex-
presso acima, não é naturalmente aquele que fazia na oca
sião, pois a "unidade de comparação" usada naquele tem -
po, não incluía as auto-estradas da Europa ocidental; e
principalmente,aquelas dos USA. Portanto, deveriam pare-
cer menos ruins que realmente eram !

A compra de "tarin" ou "benzin"(gasolina), era uma tra
gicomédia em si ! Nem sombra de estações de serviço...e

depois, para servir quem ?...naqueles territórios onde o veículo à motor era quase um ilustre desconhecido !

Mas para a compra da gasolina, era preciso chegar numa cidade(naquelas já indicadas nas instruções), e procurar o "starosta" (espécie de Prefeito Pretoriano na Antiga Roma, ou dos "vizirs" do Oriente !). Depois de um exame minucioso dos meus documentos, como se eu estivesse propondo a compra de um "segredo de Estado", o"starosta" preenchia um pequeno formulário, com carimbo e assinatura, fazendo-me também assinar, como prova de ter retirado tantos litros de "tarin". Nos endereçava, então,a um local fechado entre muros, onde, aberto o portão que dava acesso, o auto era encostado ao lado de uma velha bomba manual de gasolina. Certamente não mais recente que dos anos '20.

Similar situação com as refeições.Era preciso observar um determinado horário e esperar que a senhora Nastia anunciasse estar pronta, pois não era absolutamente questão de ir ao restaurante da Intourist sozinho. De toda forma, não havia outro onde um estrangeiro pudesse ir !

A primeira dificuldade, era localizá-lo. Em geral,dentro de antigos casarões,sem uma indicação na porta. Uma vez dentro, porém, depois de ter passado por dois "porteiros" vestidos em civil, os quais naturalmente faziam ao mesmo tempo a função de "mantedores da ordem"; e que naturalmente impediam a entrada do "comum Russo"(num país onde a Revolução de 1917 tinha sido feita para dar "igualdade" a todos !), via-se frente a um outro mundo !

Música com orquestra, gente que dançava. Comida e vodka ocupavam todo o espaço das longas mesas. E uma ornamentação estupenda; rica de lampadários e tapeçarias. Eram casas outrora habitadas por famílias ricas, que tudo perderam com o comunismo, mas que o próprio comunismo então usava com o mesmo fasto e com a mesma glória !

O ambiente parecia de festa de casamento. Não foi muito diferente em Moscou, mas lá,sentia-se o efeito da presença,na cidade,de centenas de estrangeiros(Embaixadas), que faziam uma atmosfera menos rígida.

Como anteriormente dito, é o estrangeiro,aquele UM ser humano, que deve adaptar-se aos 50,100 ou 200 milhões de habitantes do país hóspede, e não vice-versa.É uma lição que deve ser aprendida no "primeiro ano" da escola dos viajantes...e dos imigrantes também.

Devo dizer, porém, que aquelas aparentes dificuldades que encontrava na URSS, representavam muito pouco diante

da maravilhosa oportunidade e sensação de estar ali, naquela terra. Sentindo na pele tantas coisas que nem todos os comuns mortais como eu, têm a oportunidade de ver e sentir durante o inteiro arco da vida.

*

A etapa seguinte foi a cidade de Minsk, capital da Byelorússia. Nastia Vladimirovna era muito preparada e prolixa. A maioria das nossas visitas era ligada a acontecimentos da última guerra, mas visitamos também museus, um atelier de Icons (imagens sacras pintadas na madeira),um jardim da infância, ex-conventos e algumas aulas da universidade local.

Um dia assisti uma comemoração pública na praça principal de Minsk. Fazia parte das tradições - e talvez do folclore ! -, usar o peito dos homens coberto de medalhas. Alguns deles deveriam ter um quilo delas pregadas no paletó, parecendo vitrina ambulante de joalheria. Medalhas na URSS - como os "concierges" na França - são instituições nacionais !

Foi depois a vez de Smolensk,às margens do rio Dnieper, na República Russa,sempre viajando na direção de Moscou. Em Smolensk, aconteceu um fato curioso, que aqui relato para mostrar certos aspectos da URSS de então.

Chegamos ao hotel debaixo de uma forte tempestade, parecendo uma daquelas que nos anos seguintes viria no Amazonas e Peru. Nastia acompanhou-me à porta do quarto.Já tínhamos jantado nas proximidades, e eu planejava, após ter organizado minhas coisas,fazer uma caminhada pela cidade. Sempre fui um "maníaco" da organização - na minha própria casa, nos lugares onde trabalhei; em todo lugar. Foi assim que sobrevivi nestes anos.A posterior convivência com ingleses e americanos, a aumentou ulteriormente. Pouco invejo aqueles que não tiram tudo dos bolsos quando chegam em casa; aqueles que deixam contas, recibos e papeis espalhados pelos quatro-cantos. Aqueles que têm a capacidade de recolher-se sem organizar a jornada sucessiva; levantando-se na manhã seguinte à procura da camisa ou do par de meias...como se a noite representasse um intervalo infinito ! Aqueles que respondem os votos de feliz Natal...em fevereiro do ano seguinte.Aqueles que parecem viver no "mundo da lua". Lembrando-se dos afazeres e obrigações na última hora, e vivendo num

mundo de improvisações. E finalmente, aqueles que dizem
"não ter tempo", pois o tempo é "feito" por nós mesmos,
quando temos a capacidade de evitar perder muito dele em
coisas absurdas, e de separar o importante do ocasional.
E sei não ter muitos adeptos de tudo isto, mas o digo i-
gualmente !

"Não é possível", dizia Nastia à minha idéia de fazer
uma caminhada sozinho, no exterior do hotel. Ela não po-
dia acompanhar-me e nada adiantou tentar convencê-la do
contrário. Deixar um estrangeiro vagar por uma cidade da
URSS sozinho ? Impossível ! Poderá ver coisas que "não
podem ser vistas" !...ou talvez seja um espião disfarça
do de turista !

Olhando em seguida pela janela do meu quarto (primeiro
andar), o qual dava à rua, notei um homem dentro do seu
capote e chapéu que olhava para cima. O meu instinto di-
zia que era um policial, que ali estava para controlar o
movimento do estrangeiro. Talvez o único naquele pequeno
e modesto hotel.

A desconfiança - e nem sempre sem razão -, que cada
estrangeiro na URSS é um potencial espião,deve estar ra-
dicada no modo de pensar de cada habitante.E não é um fe
nômeno criado depois de 1917 ! Sabemos que já no tempo
dos Czars era assim,pois a Rússia nunca teve felizes ex-
periências com estrangeiros. A História nos diz, que a-
través dos séculos, ela foi invadida pelos Khans da Mon-
gólia, pelos Beys turcos, pelos suecos, pelos "Pan"polo-
neses, pelos capitalistas Anglo-Franceses; e mais recen-
temente, também pela Alemanha Nazista.

Não seria necessário lembrar que hoje a situação é di-
ferente; que houve um geral relaxamento nessa atitude,de
pois de 40 anos recebendo estrangeiros. Com novas gera -
ções nos postos de comando, e com uma certa distenção po
lítica, uma parte daquela velha mentalidade foi elimina-
da. Permanece , todavia, uma atitude de desconfiança ,
talvez acompanhada de um ultra-centenário complexo de in
ferioridade face aos ocidentais. E isto pudemos novamen-
te observar em anos recentes, quando voltamos à URSS.

*

A chegada em Moscou foi precedida de um "stop" obriga-
tório nos seus arredores. Uma espécie de fronteira den-
tro da fronteira ! Novo controle de documentos. Sempre

fixando o interessado nos olhos, e o comparando com a fotografia dos documentos, para ter certeza que tratava-se do mesmo.

Uma vez chegado ao "gostinitza"(hotel)Metropol, no centro de Moscou, o qual me tinha sido destinado em Paris , despedi-me da simpática Nastia e comecei, naquela mesma tarde, a explorar a cidade. A um par de quarteirões do Metropol, no qual vi pela primeira vez o sistema dos porteiros em cada andar(o comunismo nunca foi carente de duplos controles !),estavam o teatro Bolchoi(pronuncia- se "balchoi") e a rua Gorki, na época a "rua Augusta" da cidade. Na zona estava também o Museu Pushkin, onde todas as tardes faziam conferências em diversas línguas, sobre a história da URSS. Às margens do Moskva - rio que atravessa a cidade -,estava o Kremlin, Praça Vermelha e a ex-catedral de S.Basilio, transformada em museu depois da revolução de 1917. Na Praça Vermelha, estava a Glavny Universalny Magazin(GUM), grande loja do Estado; arquitetura fim-de-século, onde via gente precipitando-se sobre os balcões, como fosse o primeiro dia de liquidação !

Alguns dos edifícios do Kremlin de Moscou(muitas cidades da URSS tem seu próprio Kremlin, significando fortaleza,cidadela), podiam e podem ser visitados internamente. Lembro-me que uma das vezes que lá entrei, enquanto visitava uma das catedrais, ouvi um murmúrio que quebrava aquele produzido pelos quase silenciosos turistas.Era Anastas Ivanovich Mikoyan que guiava um pequeno grupo de personalidades; certamente estrangeiras. Mikoyan, como todo bom armênio, foi um dos poucos líders bolchevistas que sobreviveram às famosas "depurações políticas"de Stalin(1936-38).

O Kremlin é um conjunto de edifícios que inclue ex-catedrais(usadas pela religião ortodoxa russa no tempo dos Czars), repartições do governo, salas de conferência,museus e auditórios. Outros edifícios abrigam a alta burocracia Soviética. O poder. Aqueles que são "mais iguais" que os demais "iguais". Os "primus inter pares". Tudo dentro de um cinta triangular de muralhas.

A maior parte dos edifícios foi construida nos séculos 17, 18 e 19,mas existem mais antigos, como a ex-catedral da Anunciação(1489); a ex-catedral do Arcanjo Miguel (1509); a Torre de Ivan, construida durante o reinado de Boris Gudunov. Um lado das muralhas do Kremlin, costeia

a Praça Vermelha.Na parte central daquelas, foi construi
do,em 1929, um anexo, o qual abriga Lenin embalsamado.Fa
lecido em 1924. Também este anexo pode ser visitado.Pa
sa-se a um par de metros da caixa de cristal onde um dos
fundadores do comunismo na Rússia(juntamente com Trozki,
Stalin, Bukarin, Zinoviev e Kamenev), está exposto.
Todas as avenidas e ruas principais de Moscou, têm, no
centro, (entre linhas brancas pintadas sobre o asfalto),
uma faixa reservada aos "Zhiguli","Chaikas" e "Zils"(li-
musines) utilizadas pela alta burocracia. É proibido a
outros circular dentro daquelas faixas. Outra observação
do tráfego refere-se às "luzes". Somente com "duplas lu-
zes verdes" é possivel tomar as direções "frente", "es -
querda" e "direita". Uma só "luz verde", significa dire-
ção frente, unicamente.

•

Através de bilhetes comprados com a assitência da In -
tourist, fui um par de vezes ao Bolchoi. Teatro construi
do por Catarina II,A Grande - ex-princesa alemã Sophie
Anhalt-Zerbst(1729-1796) -, no estilo arquitetônico no-
vo-clássico; o "templo" da música e do balé na URSS. Lá
vi um balé("Petrouchka"), de Igor Stravinsky, e uma ópe-
ra("Príncipe Igor"), de Aleksandr Borodin.
Dentro do Bolchoi,era preciso transportar imaginação e
fantasia ao passado ! Imaginar o Czar e família ocupan-
do o camarote central, ainda conservado com todo o luxo
e decorações do tempo do Império.Imaginando também a cor
te circulando pelas salas e corredores. Homens nos seus
coloridos e galantes uniformes, acompanhados por damas u
sando ricos vestidos que arrastavam-se pelo chão.
Voltando à realidade do presente, porém, ali estava o
povo da URSS sob o comunismo. Sem gravata, muitos em man
ga-de-camisa. Mulheres que tinham tirado do fundo do baú
uma velha e apertada saia, para a ocasião.
Outro exemplo do processo de vulgarização da nossa es-
pécie !

•

Os povos de algumas das Repúblicas ocidentais da URSS

[Rússia(ocidental),Byelorússia,Georgia,Ukraina] são pa-
trões de uma grande e antiga tradição religiosa, despóti
ca e de sacrifícios. A personalidade destes povos geral-
mente guarda as características dos povos orientais: mis
teriosos, impenetráveis, imprevisíveis. São eternos estu
dantes de tudo, generosos, extremamente prolixos. Terras
de gênios da música, da pintura e da filosofia,mas prin-
cipalmente da poesia e da literatura. Têm a tendência a
estender o menor dos assuntos e dos problemas,a um ponto
de exaltação. Esta última característica reflete-se na
literatura.

Penso que,como é preciso ler Eça de Queiroz e Antéro de Quental para entrar na "alma" dos portugueses; ou Emile Zolá e Victor Hugo para entrar naquela dos franceses; Tolstoi, Pushkin, Gorki,Checov,Gogol e Dostoevsky,e mais recentemente, Pasternak, Ehrenburg e Yevtushenko, são os poetas e escritores mais representativos destas terras . De Dostoevsky, por exemplo - enchendo o tempo da minha crônica insônia -, li durante aquela viagem alguns dos seus romances: "Delito e Castigo", "O Idiota", "Humilhados e Ofendidos", "Os Irmãos Karamanzov".

Fyodor Dostoevsky(1821-1881) foi um mestre no transportar aos seus romances, a sua própria autobiografia; escolhendo comparsas que refletem, numa simplicidade extravagante, aqueles que ele mesmo representou na vida real. Anos depois, lendo "Vida e Arte de Dostoevsky", uma das suas biografias, encontrava traços dos seus personagens; assim como da sua vida desorganizada e da paixão pelo jogo. Dos anos de prisão na Sibéria; dos seus desenganos amorosos; da sua fé religiosa.

Mas penso que é a descrição, circunstanciada, que faz Dostoevsky do comportamento dos seus personagens, face aos problemas da vida, que dá forma à moldura dentro da qual é possível mover-se, para interpretar a mentalidade do povo russo. Ligada com grande força ao campo e seus problemas; ligada a um inato espírito de submissão ao potente. São características extensivas aos russos que passaram e aproveitaram seus anos de escola, assim como aos autodidatas. Todos parecem ser portadores de uma filosofia de vida extraordinária - no sentido de ser EXTRA - ordinária; fora do ordinário -, onde o materialismo,tal vez influenciado pela natural apatia dos eslavos, ocupa um lugar secundário na platéia. Naquele teatro onde o homem é protagonista e ao mesmo tempo espectador.

No "Idiota",por exemplo,cuja etimologia da palavra sig

nifica "particular", "diferente", "estranho", e não "idiota" na sua vulgar interpretação, Dostoevsky descreve a estória de um homem(Myskin) - uma espécie de moderno Parsifal -, que aparece em Petrograd durante um inverno. Dotado de uma inteligência primária, é incapaz de adaptar-se aos jogos do poder e violência que dominam a sociedade russa. A sua bondade é uma constante provocação ao mundo ao seu redor. Revoluciona, no seu íntimo, os conceitos que regem a sociedade constituida, ignora normas, supera os conflitos. Myskin é um desafio a um mundo que conhece somente valores materiais, mas que dele, ele mesmo faz parte; desafiando, portanto, si mesmo.

O romance tem um ritmo narrativo frenético; não conhece pausas. Em contraste com aquele lento e compassado de seus personagens.

Parando por alguns minutos diante do túmulo de Dostoevsky, no ex-convento Aleksandr Nevsky, quando da minha visita a Leningrado, pensava nos personagens que ele havia criado com tanta maestria, os quais continuarão vivos pelos séculos diante de nós.

*

Certamente os nativos de algumas Repúblicas ocidentais da URSS, não parecem ser povos que na vida prática, passariam por cima do cadáver do pai para ganhar poder e riqueza. Apáticos, pouco agressivos, pouco disciplinados, tantas vezes indolentes, e menos ainda práticos, no senso que para eles poder e riqueza têm valor relativo. Propensos a fazer recurso a um estilo de vida filosófico. E o comunismo, em vigor desde 1917, deu também "uma mão" a um temperamento que no povo já é natural.

Quando via todos aqueles insetos mortos nas vitrinas das lojas de Minsky, Leningrado, Moscou e Kiev, as quais tinham também uma aparência desleixada, mal arrumada e sem gosto. Quando sentia com quanta ociosidade, preguiça e pouco caso os clientes eram atendidos em locais públicos, como hotéis, restaurantes e cafés, dizia a mim mesmo: "este problema, que da formação psico-física destes povos faz parte, nunca poderá ser transformado ou melhorado pelo regime comunista".

Mas por que deveriam Diretores e empregados de lojas, restaurantes e hotéis, preocuparem-se ?! Eles deveriam

pensar: "...somos pagos pelo governo...haja ou não vendas e/ou lucro, o nosso salário está garantido !".

A isto, pode-se juntar: ...e não havia o patrão direto e imediato a quem dar satisfação !

Portanto, cada novo cliente representava um trabalho extra ! e este recebia o "tratamento adequado". Em suma, uma aproximação generalizada da atitude, notada em todo mundo, dos funcionários públicos. Com muitíssimas exceções, naturalmente.

*

Durante todo o tempo que fiquei em Moscou, tomava refeições no Hotel Metropol, onde estava hospedado. Com dois Rublos e 20 "kopecks", davam-me um grande prato de "strogonoff" com arroz. Era o prato mais volumoso do menu ! E estar com o estômago satisfeito para enfrentar os problemas - aqueles naturais e aqueles que nós mesmos criamos ! -, foi sempre para mim uma absoluta necessidade. Procurava não pensar na carne com a qual tinha sido feito o "strogonoff", mas o preço era conveniente ! Um meio copo de excelente vodka ajudava a digestão, e apagava o gosto de tudo. Fazia o estômago esquecer, rapidamente, o trabalho que deveria iniciar...às vezes longo e penoso !

Hoje Moscou foi invadida por novas casas de pasto, inclusive estrangeiras , mas em 1959, a escolha resumia-se aos restaurantes de hotéis e alguns poucos de alta classe. Dos últimos, o mais refinado chamava-se "Budapest", onde era preciso reservar com muita antecedência, ou ter um "pistolão" para arranjar um lugar: coisa que eu não tinha. Tais restaurantes eram freqüentados pelo pessoal de Embaixadas, ou por aqueles soviéticos que tinham poder.

A profusão de bares, sanduicheiros e petisqueiros que havia no ocidente, era absolutamente inexistente em Moscou, assim como em outra qualquer cidade do bloco comunista.

Alguém convidou-me um dia para visitar sua casa. Era um homem bonançoso e simpático. Todas as manhãs o via descarregar gêneros no hotel. Provoquei um contato, sem que ele falasse uma das línguas que conhecia e sem que eu conhecesse mais que seis palavras de russo ! Descarregada a mercadoria, levou-me no seu caminhãozinho de três rodas, para conhecer onde morava. Parecia feliz. Não deve-

ria ser com freqüência que tal oportunidade aparecesse. Contatos com estrangeiros eram raros. E quem os tinha, podia ser taxado de "traidor da pátria" !

Pessoa de uma simpatia exuberante. Na sua mente simples ele talvez pensasse que eu entendesse as estórias e fatos que, no trajeto, continuamente contava. Para não fazê-lo triste, eu continuava dizer "da", que em russo significa "sim". Ele ria muito. Eu ria da maneira que ele mesmo ria !

Depois de meia hora de trajeto, chegamos finalmente a um daqueles imensos edifícios construidos pelo regime - não altos, mas ocupando um inteiro quarteirão -, cujos aluguéis eram irrisórios...como eram também os salários ! Relativamente irrisório era também o conforto, se comparado com o ocidente. Apresentou-me a esposa, Olga. Mulher sorridente e simpática. Usava um grande lenço amarrado na cabeça. Tinha um imenso corpo, que visto com pouca luz, poderia parecer um guarda-roupa ambulante. Apresentou-me também as filhas: Ludmila e Anna, as quais olhavam-me com curiosidade. Talvez pensando "onde o pai tivesse encontrado aquele raro espécimem" !

Foi nessa visita que tive uma idéia de onde e como vivia o comum russo em Moscou. Todos os apartamentos daquele vasto edifício, eram dotados de dois quartos e uma pequena sala. A cozinha - grande como um salão para bailes -, era comum a toda a população do andar (uma por andar), onde cada inquilino tinha seu armário, e seu lugar nos quilométricos fogões. A atmosfera era alegre e simpática, com todas aquelas mulheres falando e gesticulando. Talvez quarenta ou cinqüenta delas.

Uma vez preparados os pratos, a dona de casa os levava, dentro de marmitas de louça, ao seu apartamento. Sobre a mesa deste, estava o tradicional samovar.

Para um ocidental, acostumado diferentemente, tudo parecia estranho, mas era o normal para aquelas famílias. Já tinham nascido naquele sistema, ou tinham vindo das províncias onde havia ainda menor conforto. Mesmo arranjo para os "ubornayás"(WC) e banho. Todos localizados numa extremidade do andar. Não muitos, porém! Nas primeiras horas da manhã, na sempre presente "fila", eram trocadas as primeiras notícias do dia. Com toalha numa mão e na outra algumas folhas de papel higiênico - igual ao usado no meu hotel -, cuja aspérrima superfície não distanciava-se muito daquela de uma suave lixa. Um tantinho mais abrasivo, foi aquele que encontramos na Sibéria ...

trinta e três anos depois !

Eram raríssimos aqueles que tinham estado no ocidente, ou tinham visto alguma coisa diferente daqueles arranjos habitacionais. O contato com estrangeiros não era absolutamente encorajado pelo regime. Os jornais (não havia ainda, nem no ocidente, TVs individuais, salvo casos raros) e outros meios de comunicação eram rigorosamente controlados, portanto a grande maioria da população não podia ouvir a respeito do conforto fora da URSS.

Pareciam felizes naqueles arranjos.

A História está repleta de exemplos deste tipo. O homem cria continuamente novas necessidades, iludindo-se que assim a vida será melhor. Somente cem anos atrás, ou talvez menos, famílias viviam sem um rádio e sem um telefone; há menos de 40, sem um aparelho TV. Passavam o tempo tão bem ou tão mal como passam hoje! Continuamente novas "necessidades" são "jogadas" no mercado e sem elas não podemos passar !

Como lembrei no início destas "Notas", é fenômeno relativamente novo; inédito desde que o homem deu seus primeiros passos. Se houvesse um "Prêmio Nobel" ao maior "criador de necessidades"(tantas vezes artificiais), os americanos do norte não teriam concorrentes ! E se houvesse outro Nobel para o povo, que com grande naturalidade (em tantos casos movidos pela ignorância) transforma o novo em "necessidade", também este deveria ser deles !

Com isto quero dizer que aquelas cozinhas e banheiros que via em Moscou, trinta e mais anos atrás, segundo modo de pensar do povo, não eram motivo de infelicidade e na verdade, nem de falta de conforto. Para eles a "necessidade" de ter uma cozinha e um banheiro dentro do próprio apartamento simplesmente não existia.

*

Aos domingos ia ao "Estádio Lenin" assistir partidas de futebol. Lokomotiv, Torpedo, Spartak, Dínamo eram alguns nomes de clube. Da assistência, toda sentada e composta, pois todos os lugares eram numerados, ouvia-se um murmúrio na ocasião de um gol. Acostumado com os gestos e banalidades que ouvia-se nos estádios do ocidente, aquilo parecia mais uma catedral !

Ia também ao Parque Gorki - tradicional parque de Moscou -, onde as famílias reuniam-se. Divertia-me vendo aquelas crianças coradas e rechonchudas acompanhadas das "babushkas"(avós), as quais ajudavam mães e pais naquela suprema arte, chamada "criar filhos".

Nos arredores de Moscou, numa zona cheia de bosques,estavam diversas "datchas"(geralmente casas de madeira,estilo rústico), onde homens importantes(políticos, cientistas, professores das universidades)passavam o fim de semana, ou moravam depois de aposentados. Era o único tipo de imóvel, como propriedade privada, que o regime permitia.

Procurava, quando possível,fugir dos tradicionais giros de turismo. Em Moscou,como em outras cidades onde morei ou visitei - URSS e fora -,queria sempre ver os bairros pobres. Entrar no pátio dos prédios, olhando às vezes para dentro dos apartamentos. Freqüentando tabernas do mais baixo calão; entabulando conversa com desconhecidos. Eventualmente a língua pode ser uma barreira, como era o russo, mas é interessante notar como o povo abre-se quando vê alguém que não fala a língua local. Calhava que eram "conversas" somente de gestos, risos e algumas palavras pescadas aqui e ali. Com a minha "antena" sempre pronta a captar alguma coisa de interessante.

Estas artimanhas eram e são meios para conhecer um povo.

Em junho daquele mesmo ano de 1959, fui a Gorki,antiga Nizni Novgorod; cidade a leste de Moscou, na margem esquerda do rio Volga, e onde, em janeiro de 1924, faleceu Vladimir Ulianov, conhecido como Lenin. Em julho, fui a Leningrado, antiga St.Petersburg e Petrograd, fundada pelo Czar Petr Alexiowitz(Pedro,O Grande, 1672-1725), onde dediquei um dia completamente ao museu Ermitage. Este encontra-se no ex-Palácio de Inverno da ex-família imperial. Construído em 1732, pelo arquiteto italiano Bartolomeu Rastrelli.

Com o "Louvre", em Paris; o "British Museum", em Londres; a "Galleria degli Uffizi", em Florença e o museu "El Prado", em Madrid, são os cinco mais completos da Europa.

Mas a contas feitas,quanto realmente representam estes e outros museus, quando pensamos que cada ano, dos milhões de vida deste nosso Planeta,os continentes e os mares foram habitados por animais e plantas que sucederam-se uns aos outros ? E se considerarmos mesmo o mais ri-

co dos nossos museus, que mísero espetáculo temos diante dos olhos !

Em Agosto fui a Kiev,capital da Ucrânia, fundada no século X D.C., e terra dos Cossacos. Soldados de um corpo de cavalaria, recrutados entre os povos,outrora nômades, das estepes do sul da "Pequena Rússia"(Ucrânia). No século III D.C., a Ucrânia, chamada na antiguidade "Pequena Russia", foi campo de batalha entre o exército do Imperador Romano Valeriano e as tribos bárbaras de Amala, rei dos Gothos.

A Ucrânia é terra de intensa fertilidade, atravessada por muitos rios navegáveis, incluindo o Dnepr, na antiguidade chamado Boristene. Cheia de grandes florestas;refletindo a generosidade da natureza.

Sua capital, Kiev, ex-capital de "todas as Rússias", é uma das cidades mais bonitas da URSS, e uma das que mais sofreram durante a última grande guerra. Imediatamente depois da revolução de 1917, arquitetos da "avant-garde" (Corbusier, May, Lisstzky),tinham influenciado sua arquitetura, com construções modernas para a época. Em seguida, sob Stalin - no fim dos anos '30 - a tendência foi voltar ao estilo neobarroco e conservador.

Foi Vladimir Svjatoslavic(pronuncia-se "esviatoslaviche"), chamado "Grande Principe pagão de Kiev", que em 988 D.C., convertendo-se, promoveu a fé Cristã-Ortodoxa em Kiev. Depois alastrada aos territórios da antiga Russia.

Em Kiev visitei muita coisa. Lembro-me da catedral Russo-Ortodoxa de St. Vladimir, assim como da Grande Porta de Kiev,a qual inspirou Modest Mussorgsky(1839-1881) na composição de uma das partes dos "Quadros de uma Exposição". Lembro-me também do local onde estava o hotel usado pelos nazistas,durante a ocupação,o qual foi feito explodir pelos ucranianos em setembro de 1941. Fato que resultou no massacre de Babi Yar, quando 33.000 homens, na sua maioria Hebreus, perderam a vida.

Em seguida fui às cidades de Odessa e Yalta. A última na costa do Mar Negro, na Criméia. Em Yalta,visitei o palácio Livadia,onde Churchill, Roosevelt e Stalin reuniram-se em fevereiro de 1945.

Hoje, cansado, com a saúde em pedaços, pergunto onde encontrava coragem e força que tinha naqueles anos,de ficar oito, dez horas por dia "batendo pernas".Tomando notas,lendo,observando e procurando aprender algumas coisas.

Da Criméia voltei novamente a Moscou, de onde, depois de algum tempo, iniciei a viagem de volta ao ocidente. Era já o mês de setembro. Era também o fim do frágil verão Europeu. E o fim de qualquer verão, foi sempre um grande alívio para mim ! O calor, a humidade no ar, os perni - longos e outros insetos, os quais na Europa vivem e perturbam somente durante os meses quentes, são coisas que podia e posso passar sem ! O outono, com o céu coberto, com as chuvas e os ventos do norte, era e é a estação que melhor adapta-se ao meu físico e ao meu temperamento.

Aquela viagem ao leste Europeu tinha sido uma experiência extraordinária ! Pensava que nunca mais voltaria àquelas terras, mas o destino nos reserva sempre surpresas. Vinte e nove anos passaram-se, e lá voltei com Diva. E quatro anos mais tarde, voltamos novamente. Desta vez visitando parte da Sibir(Sibéria).

No próximo capítulo, lembro coisas da viagem de volta entre a URSS e Paris.

XIV

No caminho de volta da URSS, visitei Praha e Pizen(respectivamente Praga e Pilsen para nós), cidades da Boêmia, região da Tchecoslováquia. Pilsen é conhecida pela boa cerveja. Em Praga fiz amizade com uma família, com a qual mantive correspondência por mais de vinte anos.

A capital da Tchecoslováquia é uma cidade fria, sonolenta e sinistra, mas a mistura dos seus diversos estilos arquitetônicos(Românico, Gótico, Renascente, Barroco e Liberty), é magnífica. Caminhar pelos suas estreitas ruas, sobre as ainda mais estreitas calçadas; costeando aqueles velhos edifícios, com fachadas ornamentadas por artistas da arquitetura, foi para mim um dos grandes prazeres daquela viagem ao leste europeu.

Praga é também terra de Franz Kakfa(1883-1924), um dos escritores mais contraditórios do nosso século. Seus contos e observações podem abrir nossa mente a visões e prospectivas desconhecidas; transportando-nos a mundos fantásticos.

> "...daquilo que carece para viver, trouxe comigo quase nada; somente a humana fragilidade comum a todos. Com esta, que sob certos aspectos é força poderosa, afrontei com entusiasmo quanto havia de negativo no meu tempo, ao qual senti-me muito perto; e que não tinha o direito de combater mas de representar".
>
> F.K.

*

Sempre na capital da Tchecoslováquia, visitei o cemitério Hebraico, que é uma das atrações turísticas da cidade, assim como é o cemitério Cristão de Gênova, na Itália. Também os cemitérios podem ser bonitos !

Assim era aquele de Praga. Lá caminhava observando a antiga arquitetura dos túmulos; alguns dos quais datados do século XVII; semi-enterrados, devido ao peso das

pedras e dos séculos. Nomes e datas gravadas na pedra ti
nham resistido ao tempo.Aqueles que os haviam feito cons
truir, já não existiam e assim tinham sido abandona-
dos. Destino de todos os túmulos ! Suntuosos ou mo-
destos,acabam sempre assim.São então os desconhecidos,de
pois que parentes e amigos já não existem,que param dian
te deles para ler as inscrições, procurando reconstruir
na fantasia, quem poderia ter sido o personagem que, 300
anos antes, tinha sido posto naquele úmido terreno.

Nos jardins que consteavam o rio Moldava, localmente
chamado Vltava, o qual separa a cidade de Praga em duas,
eu sentava nos bancos; imaginando o quê daquele rio, ha-
via inspirado Smetana na composição da maravilhosa peça
de música que é o poema sinfônico"Ma Vlast"(Minha Pátria)
do qual o "Rio Moldava" faz parte. Mas Smetana, juntamen
te com seus compatriotas Dvorak e Iannachek, foi grande
também na composição da música sacra.

Em seguida, foi a vez de Budapest, capital da Hungria,
país que é chamado pelos seus nacionais de Magyarorszag.
A cidade é dividida em duas pelo Danúbio; Buda e Pest,po
lítica e administrativamente unidas em 1842. Na antigui
dade, eram de fato duas cidades. O Danúbio, que tem sua
nascente na região de Freiburg, na Alemanha,e sua foz no
Mar Negro,é largo e imponente quando divide Budapest,qua
se dizendo: "cada uma do seu lado".
As primeiras notícias que indicam uma concentração de
habitantes naquela área, datam de 9 A.C., quando os anti
gos romanos lá construiram uma fortaleza.
Por onde não andaram os antigos Romanos !
A Hungria é também terra de grande cultura. Quase uma
"ilha" cercada pelos povos eslavos e germânicos. Seus ha
bitantes são muito ligados, histórica e culturalmente, à
Finlândia, no extremo norte da Europa. A língua-base é
chamada Finno-U-Garic. Falada, com variações, na Hun -
gria, Finlândia e também na Estônia. E o mais conhecido
dos seus homens é Ferenc Liszt(1811-1886), exímio pianis
ta e menos exímio compositor,mas conhecido também por es
ta última atividade. E o mais famoso dos pratos húngaros
é o "gullash"; e o Tokay (também nome de uma cidade da
Hungria), o mais famoso dos seus vinhos - doce e genero-
so.

Em Budapest aconteceu um fato curioso, já contado aos
meus familiares em outras ocasiões, mas que talvez possa

ser aqui repetido. Eu tinha tomado um quarto numa peque-
na pensão localizada num edifício de três ou quatro anda
res,na zona mais decadente da cidade. A proprietária cha
mava-se Maria Ostrowska. A placa pregada no portão dizia
"água corrente em cada andar",como prova que era de "pri
meira classe"(!). As paredes do edifício pareciam ficar
em pé de teimosas ! Datavam do meio do século XVII; coi
sa comum na Europa.
Naquela zona de Budapest não passavam naturalmente ôni
bus de turismo. O comunismo, mais que o capitalismo,toma
sérias precauções para não mostrar aos visitantes aquilo
que possa ser vergonhoso !
Lembro-me que onde Madame Ostrowska exercia com orgu -
lho seu negócio de alugar quartos,havia bazares sob o ní
vel da rua, aos quais descia-se através de escadas de pe
dra, partindo da extremidade das calçadas. Havia também
uma taberna onde o povo ia esquecer os desgostos da vi -
da. No fundo da taberna,um teatrinho improvisado e mais
que ordinário, funcionava para a distração dos clientes
e onde primeiro caía o herói e depois,de trás da cortina
ouvia-se o estouro do tiro!
Naquelas tabernas havia sempre música.Os húngaros subs
tituem aquilo que não têm, ou que perderam, com música !
O instrumento mais popular é o violino; o ritmo, aquele
cigano; doce e melodioso.Muito triste ou muito alegre.
Falta dinheiro:...música! Morreu um parente:...música!
A mulher fugiu com o amigo:...música!
Assim é o temperamento do povo húngaro.

Mas voltando ao fato curioso anteriormente citado: uma
noite, voltando à "renomada" pensão de dona Maria,uma po
lonesa que continuava a própria tradição de ser donas de
pensão - não somente na Hungria,mas na Alemanha,Áustria,
França -,notei que meu quarto estava em reboliço.Alguém
tinha feito uma "visita" no estilo daqueles que exercem
a segunda mais antiga atividade sobre a Terra! Meu capo-
te, o qual tinha sido comprado em S.Paulo,em 1957,na lo
ja Mappin(na época vendia boa qualidade)havia desapareci
do. Nestes anos sofri vários roubos mas aquele do capote
foi um dos piores.Na Europa custava uma fortuna e é peça
do vestuário que naquele continente não pode ser igno -
rada.
Dias depois,dentro do "Renault",vi um par de tipos ca
minhando numa rua costeando o Danúbio. Um deles vestia
meu capote! Não tinha dúvidas, pois modelo que não via
se na Europa. Escuro, comprido e com um largo cinto;

gola à Bonaparte. Uma centena de metros além deles, parei o auto. Fiquei ao seu lado olhando as rodas, numa atitude de quem tinha problema. Os dois homens vinham na minha direção, conversando e gesticulando. Via-se pela aparência que não pertenciam à aristocracia húngara ! Cabeludos, barba comprida. Com aparência daqueles que os italianos chamam hoje "paninari"(sanduicheiros).

A língua era uma barreira. Impossível uma comunicação que indicasse querer o capote de volta. Quando chegaram perto de onde estava, tirei do bolso uma nota de 100 Zlotys, a qual tinha trazido como lembrança da Polônia. Com ela na mão, arranjei-me para que eles entendessem a necessidade de subsituir uma roda, na esperança, que entre tempo, passasse um policial. Instantaneamente,vendo que ali havia dinheiro, puseram-se à disposição. Mas a primeira coisa que fez aquele que vestia meu capote,foi deixá-lo dentro do auto, enquanto iria trocar a roda.Fechei imediatamente a porta e procurei fazê-lo entender que o capote era meu. Os dois entreolharam-se e desapareceram num passo de corrida, entre os becos das proximidades. O capote tinha sido recuperado.

Naquele fato vulgar, pude talvez encontrar uma característica do povo. A pacífica reação dos dois " paninari" certamente não seria a mesma na Itália ou no Brasil!

•

De Budapest fui a Viena, na Áustria. Quando lá cheguei, fui hospitalizado por uma semana. A excelente cerveja de Pilsen fazia um efeito retroativo ! Foi a nota triste da inteira viagem ao leste Europeu.De Viena e dos vienenses lembrei alguma coisa anteriormente e outras serão lembradas num dos próximos capítulos. Quero porém acrescentar que Viena é uma das mais românticas e aristocráticas cidades da Europa. Lá,como no passado,pode-se ainda dançar ao som das valsas de Strauss e Lear. Ou freqüentar o bairro de Grizing, onde estão concentradas as casas onde os vienenses encontram, segundo eles,o melhor dos "psicanalistas"...na terra de Freud !...um copo de vinho branco, bebida tradicional da Áustria.

A Viena voltei em outras ocasiões.

XV

Nestes anos pelo mundo escrevi muitos "relatórios"(talvez duas centenas deles),os quais eram enviados aos meus familiares no Brasil. Senti sempre o prazer e a necessidade de comunicar a eles,aquilo que via e sentia. Queria que participassem das minhas impressões, dos meus pensamentos e das minhas experiências; fazendo-os assim parte da minha aventura. Foi uma preocupação constante e talvez, se dermos ouvido a Freud,produto do sub-consciente!

Recentemente passei em revista a cópia de alguns daqueles "relatórios", revivendo momentos alegres e trágicos, e selecionando alguns deles para este livro. Em parte os transcrevo:

<u>DA UCRAÍNA</u>... Uma vez estava sentado numa "isba"(taberna de campanha) de uma pequena povoação da Ucraína(uma das quinze Repúblicas da URSS), na viagem que fazia entre Kiev e a Criméia. Já fazia-se noite e um tal Ivanovich (a terminação "vich" significa "filho de", neste caso "filho de Ivan"; como no italiano temos Antonio fu Giovanni; o "fu" significando "filho de"), continuava a mexer com o"Renault",mas nada de encontrar o problema. Eu esperava o resultado a fim de poder prosseguir a viagem. A "isba" servia também comida. Simples. Dois pratos somente: sopa de repolho (tradição em toda a União Soviética, chamada "o mata-fome dos pobres") e arenques defumadas e salgadas.

Na mesa tosca e sem toalha, sentavam-se também dois homens desconhecidos. Sobre ela, a tigela de sopa quente , um filão de pão preto, uma travessa com arenques e uma garrafa d'água. Depois de cada duas colheradas de sopa, meus desconhecidos companheiros de mesa punham um pouco d'água dos respectivos copos, tomavam os copos na mão, e olhando para mim, faziam o tradicional gesto de "saúde". Mais duas colheradas, mais água nos copos e mais um gesto de "saúde". E assim até que a garrafa d'água ficou seca.

Como nossas respectivas línguas eram barreiras insuperáveis, eu interpretava aqueles gestos de "saúde" como se quisessem dizer: "...você, estrangeiro...bebe cerveja e

nós água... por que não nos oferece um pote de cerveja ?". Chamei a mulher que servia as mesas, e a fiz entender que queria oferecer cerveja aos meus companheiros. Ela trocou com eles algumas palavras. Em seguida, fez-me entender que "eles agradeciam, mas preferiam mais daquela água".E assim, veio ela e sentou sobre a mesa outra garrafa d'água.Meus companheiros ficaram extremamente alegres, e eu senti, que com meu gesto, os havia comovido.

Eram tipos de campanha, nos seus 50 anos, boné na cabeça enquanto comiam; mãos cobertas de calos,camisas não muito limpas, barba comprida de dias. Uma variante moderna dos personagens assim tão bem descritos por Gogol nos seus romances ! Num canto da "isba", um homem soprava uma pequena sanfona;instrumento típico daqueles territórios. O ar tinha virado uma massa de fumaça, e a gorda mulher continuava suas caminhadas entre as mesas.

Pelas duas da manhã, o "Renault" ainda lá jazia - imóvel como um cervo no laboratório de um taxidermista -, sem que o Ivanovich encontrasse solução ao problema. Mais uma garrafa d'água(a terceira) foi trazida, e meus companheiros continuavam a olhar para mim e a cada gole,fazer o gesto de "saúde". Eu pensava: "...com estas arenques salgadas, é compreensível que bebam tanta água! E com o meu gesto tinha ganho dois amigos . Três garrafas d'água (mineral e especial que fosse),não deveriam custar muito"

Pelas quatro da manhã, um trator encostou na porta da"isba", e meus companheiros fizeram as despedidas à moda ucraína. Abraços, beijos, apertos de mão e troca de palavras que nem eles nem eu entendiam. Como se partissem para a guerra e deixassem para trás,o mais caro dos amigos ...e somente depois entendi que tinham razões para tanta comoção ! Desapareceram pela estrada de barro que entrelaçava-se pelos campos a dentro. Campos infinitos,na sempre presente planície ucraína.

Olhando os restos das arenques e as três garrafas vazias d'água, tudo sobre aquela rústica mesa, pensei que seria hora de encerrar a noitada e procurar abrigo. Pedi a conta, e lá veio a senhora com um canto de papel de embrulho, onde lia-se:

1 bacia de sopa	1 Rublo
2 arenques	3 Rublos
cerveja	2 Rublos
e mais abaixo...	
3 garrafas de vodka	30 Rublos

Anos depois, em S.José da Costa Rica(América Central) conheci um ucraíno. Ele dizia que de fato, as garrafas de vodka vendidas nas campanhas,nem sempre levam etiqueta !

DA GRÉCIA... Em Atenas(Athinae para os gregos), fazíamos parte de um grupo de turistas,que uma noite foi visitar os restaurantes. Conosco, na mesa de um deles, sentava-se uma senhora(nos seus 70 anos)da África do Sul, onde a língua nacional é o Afrikaans(Indo Européia como o português, mas um ramo das línguas germânicas). O garçon iniciou a servir uma espécie de cuscuz à nossa simpática companheira de mesa. Ele punha uma colherada, uma segunda, uma terceira, e a senhora dizia na sua língua : "basta,basta". Isto, aos ouvidos do garçon grego, soava "mais,mais". E assim, o prato da velha senhora transbordou ! O caso foi motivo de risadas por parte dela, assim como de todos nós.

DE NEW YORK... Lembrando os dois precedentes episódios , ambos de natureza gastronômica,volta à memória outro dos anos passados. Nos meus primeiros dias em New York(início de 1964), ia tomar refeições na lanchonete da "Grand Central". Na ocasião a principal estação ferroviária da cidade. Uma noite, depois de ter pago por um prato de macarrão e de tê-lo carregado à mesa - cada uma isolada dentro de pequenas repartições (imagino pouco comuns nas lanchonetes do Brasil) -,notei que havia esquecido de apanhar guardanapos de papel.

Abandonando o prato sobre a mesa, caminhei uma dezena de metros onde os guardanapos estavam,sobre um balcão,à disposição dos clientes. Ida e volta deviam ter tomado 15 / 20 segundos. Na volta à minha mesa, com grande surpresa, vejo um dos "charlies"(mendigos), que faziam da estação lugar de reparo noturno, sentado e calmamente comendo "meu" prato de macarrão.

"Que desaforo", pensei. "Está bem que o homem tenha fome ...mas podia pedir...enfim...que atrevimento !"

Era um homem aparentando 40 anos. Capote velho e sujo.No pescoço, um "chale" que devia estar ali, sem ser removido, há meses. Barba e cabelo compridos.Abandonados à própria sorte.

Passado aquele primeiro momento de embaraço, sentei-me à

mesa, frente a ele. O homem não dizia uma palavra. Olha-
va-me sem mostrar a menor surpresa ou emoção. E continua-
va comendo "meu" prato de macarrão. Finalmente, termina-
da a refeição,levantou-se,deu duas palmadinhas no seu es-
tômago; olhou para mim com ar de quem "despedia-se",e de-
sapareceu pelos labirínticos corredores da estação.
"Que fazer !", pensei, "são coisas que acontecem...nada
mais resta que comprar outra refeição !".
Levantei-me e para minha bem maior surpresa... vejo meu
prato de macarrão sobre a mesa da repartição seguinte !
Frio e abandonado,como eu o havia deixado vinte minutos
antes".

<u>DA VENEZUELA</u>... Que devo contar de Cumboto, na costa o-
cidental da Venezuela ? Como comparar
a beleza destas praias e destas ilhas com aquela de Ar-
broath, na Escócia, ou de Furniev, no Mar Negro ?
Quando penso na marcha destes anos, nestes países, cida-
des, campos, rios, selvas, neve, museus, teatros, navios
e especialmente na gente que tenho encontrado, creio que
poucos dos pobres como eu têm desfrutado a vida de manei-
ra assim completa.
E o que restará no fim, quando faremos nossa última via-
gem ? Aquela que nos dará tranqüilidade absoluta !
Talvez restará aquilo que já existia antes e existirá de-
pois, na forma de uma força superior e sublime,que a nos-
sa pequenez nos impede, às vezes, de sentir.
A resposta a este enigma só a encontro na existência de
alguma coisa que transcende tudo. Alguns a chamam Deus.

•

Nesta clara madrugada em Cumboto, tenho o mar à frente,e
mais adiante, dentro dele, três pequenas ilhas - Canái-
ma, Capilla e Azuêtegui. O mar é de um verde transparen-
te e as ilhas, sem vegetação, têm cor de ouro. Ao meu la-
do, sentado também sobre uma pedra, um homem maltrapilho
repara redes sob o olhar angustiado de um cão.
São Don Chavez e seu "perro" Chorrito.
Será que Don Chavez, apesar de nascido em Cumboto e aqui
vivido seus 70 anos, notou e sentiu a beleza daquelas i-
lhas cor de ouro ? Não parece.
Ele conta-me que trabalha somente para o cão. E o"perro"

é tudo que lhe resta,além da lembrança de uma existência
de infinita miséria. "Quando o "perro" partir",diz ele,
"irei enterrá-lo na ilha e lá ficarei até que o sol e as
cobras me consumam também".
Já sem forças para escalar as pedras escorregadias, dor-
me sob elas e frita peixes fugidos das redes. E o Chorri-
to - como ele chama o magro cão -, cabisbaixo e incon-
formado com a sorte,vai à porta da única habitação exis-
tente - um pequeno e decadente hotel - e lá tem sua ga-
mela de restos. Junto da coleira, o hoteleiro prende um
reservatório d'água, e o "perro" vai de volta às pedras
levar o líquido ao velho. Pela água e pela comida dada
ao cão, don Chavez "paga" ao hoteleiro os"reales" que ga-
nha.
Neste pedacinho de mundo, encontro, vejo e sinto, a mes-
quinhez, a fidelidade, o carinho, a miséria, o amor,e no
fundo, a um simples movimento, meus olhos ganham a bele-
za deste verde do mar e destas ilhas cor de ouro.
Este é um outro reino; aquele que não passa nem desapare-
ce. É o reino que resta, que transcende. O reino que e-
xistia antes e existirá depois. Nele podemos sentir a
presença de Deus.
Que mais posso contar de Cumboto ?

<u>DE CEDAR SPRINGS,PROVÍNCIA DE ONTÁRIO,CANADÁ</u>... Os divór-
cios de
madame Lanescu - uma ex-prima-dona dos teatros de Buca-
rest - e de suas filhas Katty e Mildred, somam oito. E
à medida que novos maridos aparecem, o número de divór-
cios eventualmente aumenta proporcionalmente aos novos
matrimônios. A história das Lanescus é uma estória de di-
vórcios, e cada um dos ex-maridos contribuiu para a for-
tuna hoje acumulada por elas. O "investimento" feito pe-
las mesmas - sua excepcional beleza -,certamente ren-
deu ótimos dividendos ! É deles que as Lanescus vivem.

Nos Estados Unidos, como no Canadá - e na verdade em to-
dos os países onde a cultura anglo-saxã comanda -,o di-
vórcio,a contas feitas,é um grande negócio.Juizes,jura-
dos, testemunhas, detetives privados e advogados, depen-
dem muito dos desentendimentos, adultérios e outros fa-
tos que levam marido e mulher, dar fim a uma união supos-
ta permanente. Onde há dinheiro há divórcio; onde há mui-
to dinheiro há muito divórcio. Simples !
A legião de divorciados é grande nestes países, formando

uma "classe social" chamada "independente", cuja reputação, no que diz respeito a mulher, não é das mais brilhantes, mas nem tão pouco extraordinária ou dramática. Os maridos, imunizados pela natureza do próprio sexo, são aceitos na sociedade com as mesmas regalias de um casado ou solteiro. Enfim, divorciados e divorciadas - e respectivos filhos -, formam uma legião verdadeiramente numerosa nesses países, dando um substancial (e infeliz) contributo à dissolução da família...e a todos os seus inerentes problemas. Segundo estatísticas de 1988, dois em cada cinco habitantes dos USA/Canadá, contam com pelo menos um divórcio. Mais alta é a porcentagem em países como Holanda, Noruega, Suécia e Dinamarca. Que desastre !

•

Estou relaxado nesta poltrona do Hotel Alberta, na cidade canadense de veraneio chamada Cedar Springs. Saímos ontem para comemorar a inauguração da Vila Dodge; mansão de Madame Lanescu, quem, juntamente com suas filhas, promoveram esta caravana de amigos.
Dela faz também parte o simpático e maduro Barão Schultz - um velho austríaco dos 1800 -, o qual parece reduzido ao título e a um par de medalhas. "Bon-vivant" por excelência, o Barão dá-se crédito(!) por ter tido, durante sua longa "carreira", quatro esposas, seis dentaduras e vinte-e-seis amantes, somando ao todo, trinta-e-seis "peças de artilharia".
Aqui vem o Barão descendo as escadas, e pelo jeito, contará outra das suas estórias. Na verdade, eu o tenho animado com as minhas lembranças de Salzburg, do "Weltarmen - haus Restaurant" de Viena, e da minha "campanha" na URSS. Ambos nos divertimos relembrando fatos passados.
Conta o Barão, que em 1929 - durante a grande crise - ele conheceu Miss X. Ambos viajavam no mesmo trem noturno, entre Baltimore e New York. Ele havia prometido, que diante do sucedido durante a viagem, casar-se-iam assim que chegassem em N.York.
Houve confusão de piquetes-grevistas na chegada à estação de Grand Central, e o Barão, confundido por um deles, foi carregado pela polícia. Miss X, na confusão, acabou ficando com sua palheta na mão.
Na manhã seguinte, ele foi posto em liberdade. O paradeiro de Miss X era a ele desconhecido; como eram a ele des

conhecidos seu sobrenome e endereço.
Seis meses passaram-se, e o Barão já havia dada a promessa de casamento como nula. Um noite, porém, voltando ao seu apartamento, ficou surpreso de ver a palheta pendurada no trinco da porta. Com ela, um bilhete:

> "...caro Barão Schultz: estive a sua procura durante os passados meses. Finalmente, em Baltimore, a casa que lhe vendeu a palheta, informou-me do seu endereço. Hoje, estive a sua espera toda a tarde. Voltarei assim que possível. Despeço-me com toda a alegria de um futuro avô !".

O casamento do Barão Schultz e Miss X, durou onze meses.

Mas a estória contada pelo Barão, faz-me lembrar de um episódio da época dos Bonapartes. Em 1819, exilado na ilha de Santa Helena, na costa ocidental da África, Napoleão incluiu nas suas memórias, ditadas ao Conde Las Cases:

> "...quando da visita do Papa (Pio VII) a Paris, para a coroação do Imperador (ele mesmo, Bonaparte), em 1804, na catedral de Notre Dame, a Corte mostrou-se relutante se Josephine (sua esposa), deveria ser coroada Imperatriz durante a cerimônia ou se tal título seria automaticamente a ela conferido. O Primeiro Consul (o mesmo Napoleão, antes da coroação), mandou que se consultasse Joseph, seu irmão, futuro rei de Napoles e sucessivamente da Espanha."

O seguinte foi atribuido a Joseph Bonaparte:

> "...ordenar a coroação de Josephine, será um ato de mau gosto. Deixar que seu título de Imperatriz seja calcado naquele do Imperador, será justo, e mostrará ao mundo que a Imperatriz de França, tem algo que suas amantes não têm..."

As cinco últimas palavras da frase ("que suas amantes não têm"), quando ditas (não escritas) em Francês, não determinam o gênero. Isto é, não determinam exatamente se a intenção de Joseph Bonaparte foi fazer referência às amantes de Napoleão, ou àqueles de Josephine (ambos com uma sortida coleção!).
O quadro de Jacques Louis David (1748-1825), pintor fran-

cês durante o período da Revolução - e subsequentemente do Império -,hoje exposto no Museu do Louvre, em Paris , mostra a coroação de Bonaparte na catedral de Notre Dame. Pio VII cabisbaixo e depremido (Napoleão,contrariamente ao prometido, tomou a coroa das mãos do Papa e consumou sua própria coroação!). Tal quadro mostra também, em realce, Josephine, cuja expressão foi o motivo principal da pintura. Seu rosto expressa angústia, hesitação, insegurança e temor.

Cedar Springs, no Canadá,fica à beira do Lago Eire, a 75 quilômetros a leste da cidade de Detroit, no Estado americano de Michigan.

<u>DE MESSEJANA(CEARÁ)</u>... Ex-aluno do seminário Salesiano, catedrático de sociologia da Universidade do Ceará, e ex-grão mestre da Loja Maçônica do Cariri, o Dr.Antonino Reis é uma das personalidades mais interessantes que tenho deparado nestes anos. De Messejana, sob um sol berrante, sobre os chapeus de couro arrumados pela cabeça dos vaqueiros, quero registrar para a minha velhice, quanto aquele amigo me tem impressionado com a sua exuberante inteligência, tão própria da gente deste nosso Nordeste.

Conheci-o, apresentado que foi pelo "coronel da Torre" - como o chamávamos em Paris -, pelo tempo que gastava no Campo de Marte, admirando a Torre Eifel; hoje ainda Coronel, ex-Governador e sempre engenheiro,Virgílio Távora. Da sempre célebre hospitalidade do brasileiro (os suiças não conhecem os brasileiros !), nasceu o convite ao sítio do ex-grão mestre.

•

Messejana é uma aldeiazinha no sertão cearense, onde o mais covarde usa três facas e o mais valente,além delas, um coração aberto, franco e bondoso. Preocupa-me como pode esta gente com tantas armas à cintura, ser tão doce e passiva. Misturando-se com ela, usando dos mesmos métodos de expressão, bebendo a cachaça melada, é que podemos senti-los melhor. Mas Messejana é para o Dr.Reis um sedativo à dor da lembrança guardada do Cariri - região

no sul do Ceará. E dentro do Cariri,mais precisamente de sua terra natal,Juazeiro do Norte; célebre pelo "meu padrinho",como era chamado o falecido(em 1934) Padre Cícero.

Justamente por ser estudioso e conhecedor da vida, da fama e da glória do tão querido vigário, passou o Dr. Reis a ser um daqueles homens que o Ceará respeita; e de mim, ganhando aquela admiração que pensamos guardada para ninguém. Meu anfitrião fala com tal riqueza dos tempos de Cícero, Virgulino e do cangaço,que me tenho deleitado ouvindo-o. Assim é que apesar desta aldeia não estar na zona do Cariri, e conseguintemente de Juazeiro, posso imaginar com nitidez, certas passagens da vida e das coisas do vigário. Homem-mito do nordeste durante cerca de cinqüenta anos,Cícero foi um daqueles personagens que a lenda popular encarregou-se de fantasiar, citando-lhe diversas vidas. De fato, exceptuando-se os exageros que sempre geram da multidão, o homem de quem o nosso Dr. Reis fala com tanto entusiasmo, foi político, filósofo, chefe de cangaceiros, sociólogo, e na crença popular,um Santo. Mais que isto ! Um segundo Cristo.

As paredes do velho casarão de Juazeiro onde ele viveu , têm ainda, apesar de decorridos muitos anos da sua morte, que ser periodicamente limpas das mãos de milhares de crentes, vindos de grandes distâncias, numa incessante romaria.

Muitas estórias tenho ouvido e muitas parecem-me perfeitamente sensatas, dando ensejo a uma percepção aguçada dos tempos ciceranos. Da sua gente, da fé, do domínio do ancião sobre milhares de seres humanos. A força espiritual do Padre Cícero - muitas vezes transmitida através da típica figura da Beata Mocinha -; a maneira do seu desenvolvimento, as circunstâncias que a cercou; a época , a região e o tipo de homem envolvido, dão hoje oportunidade a certas reflexões e comparações com o sentido e o espírito que gerou a última Carta Encíclica. Lendo"Pacem in Terris" do nosso presente Papa e conhecendo pensamento e obra de Cícero,através de pessoa tão abalizada como o Dr. Reis, vamos traçando paralelos, classificando mistérios que há pouco pareciam intocáveis e,finalmente,distinguindo épocas,mas nunca o homem, nem seus ideais, nem tão pouco o caminho único que Cícero lhe mostrou. Portanto, aquele homem que João XXIII mostra agora através da sua Encíclica. Documento de transcendental importância e que não deveria deixar de ser lido, se temos alguma intenção de conhecer o tempo em que vivemos, além das coi-

de todos os dias.

*

A alguns três quilómetros a oeste de Messejana, visita-
mos - Dr. Reis e eu -, montados em éguas velhas, a co-
lônia de lázaros "Antonio Justa". Os capatazes, ao ve-
rem na baixada o casario, a igreja e o cercado, vão di-
minuindo a marcha dos animais e negam-se aproximar-se,
dizendo"que até o vento pode trazer a eles a peste".
Ficamos sós - o méstre e o aprendiz. E no passo lento
da Boneca e Catunda, cruzamos a pinguela do córrego
relativamente volumoso neste abençoado "inverno" - che-
gando à cancela batida sobre o terreiro fronteiriço à
Igreja. E como a colônia na realidade é uma "cidade", o
Dr.Reis mostra-me o improvisado hospital, o convento
das Madres, o armazem a a casa do médico. Tudo apresen-
tando extrema pobreza e praticamente sem a assistência
de estranhos.
Enquanto damos meia dúzia de passos, chama-me a aten-
ção o número de gente deformada, vítimas de estágios a-
vançados da moléstia.

> "...esta é a casa de quem lhe falei,Sr.Salvador.
> Nela mora Rosa de Maia. Batamos à porta..." diz
> o Dr.Reis.

Mas não é preciso. Ela abre-se, e detrás, uma criatura
sorridente nos faz sinal para entrarmos. O Dr.Reis à
frente; eu o sigo, mas sinto perder o equilíbrio. Não
sei se toco na porta,se estendo a mão à senhora,se sen-
to-me no banco,ou se aceito o café que vem em seguida.

> "...Rosa de Maia vive nesta colônia e neste mesmo
> chalet desde 1934. Ela é da minha terra - Juazei-
> ro.Criamo-nos e estudamos juntos",diz o Dr.Reis.

Enquanto este fala com Rosa de Maia, eu a tenho nos o-
lhos. Parece impossível que dentro daquele cubículo,
vivendo ao lado daquela gente em decomposição, esteja
vendo uma criatura de tal beleza. Apesar da distância
que a separa dos anos da mocidade. A estátua de Hono-
ré de Balzac(1799-1850), no "Quartier Latin",em Paris,
fora sem dúvida merecida !

Em seguida, o Dr.Reis pergunta se podemos ver seu marido e num acenar delicado, como uma flor balançada pelo vento, Rosa de Maia nos acompanha ao cômodo contíguo, onde vemos um homem cujo estado não convém descrever.
Ficamos alguns minutos em volta da sua cadeira.

> "...este é o Antonino...lembra-se dele,não é... e
> este senhor alto é sulista...veio nos visitar" ,
> diz Rosa de Maia ao marido.

Vagarosamente, ele levanta os olhos. Nem mais uma palavra é dita. Estávamos imóveis. Eu petrificado diante do monstro. Ela procura ajeitá-lo melhor na cadeira, usando de uma abnegação e de um carinho que só podem ser produtos de um amor verdadeiramente grande.
O Dr.Reis, com as mãos em feixe, parece dizer preces para que a morte o leve.
Voltamos então à pequena sala da entrada e despedimo-nos.
Rosa de Maia deixa que seu olhar nos siga até as estacas do terreiro.
Cruzando novamente a pinguela do córrego, Boneca e Catunda nos conduzem à união dos capatazes. Todos montados , esperando ansiosos pela partida.

Ouvi então do Dr.Reis, que Rosa de Maia casara-se em mil novecentos e trinta e três, quando tinha quinze anos, e que a moléstia se manifestara no marido ainda durante o noivado , mas o matrimônio tivera a benção do Padre Cícero. Desde então, durante quase trinta anos, Rosa de Maia tem sido um exemplo de abenegação e amor.O monstro que acabávamos de ver, para ela não existia. Ele ainda era o moço esbelto e valente do passado.
No fim de cada trimestre, e desde que vivem na colônia , Rosa de Maia é submetida a testes , e continua sendo a mesma que uma vez nasceu em Juazeiro - sã e perfeita.

Teria sido a benção de Cícero ou a criatura abnegada ?

Nisto eu vinha pensando, enquanto os capatazes mostravam o caminho de Messejana, entre o sol, os cactos e a poeira da paisagem nordestina.

*

(Por razões óbvias, alguns nomes nestes "relatórios" foram substituidos).

O que há de assim exceptional na música clássica(solista, sinfônica, coral e operística), que não encontramos nas demais artes ?

Seus estudiosos, expertos e críticos podem ter diferentes explicações, mas uma parece comum a todos: entre as diversas formas de arte, a música é a única que deve ser continuamente "refeita". Eu a chamo "arte dinâmica", ao contrário das outras, que são "estáticas". E assim,cada vez que torna-se disponível aos nossos ouvidos, provoca novas sensações. Então, sob este determinado aspecto , ela é sempre nova; deve ser re-descoberta e re-saboreada, como uma nova torta feita com uma velha receita !

O mesmo não acontece com as artes "estáticas",como são as visuais e plásticas (cinema, fotografia, pintura, escultura, arquitetura). À vista de uma pintura,de uma escultura, de um edifício,de um objeto artisticamente construido, ou de um filme, embora possam despertar impressões e sensações novas e diferentes, referem-se sempre a alguma coisa de estático no tempo e no espaço. Quando observamos uma árvore numa pintura, ou um rosto numa escultura, ou uma coluna, arco ou cúpula numa arquitetura,são os de sempre. Não é o mesmo com a música, e é por isto que ela é a mais extraordinária das artes. Somente a natureza, a mais suprema das artes,encontra na música uma séria concorrente !

A música, na verdade existente somente nas partituras, portanto em forma teórica - indicando uma sucessão/combinação de sons - deve ser continuamente "refeita", segundo a habilidade e a personalidade de cada interprete. E não é tudo ! À distância de anos, ou mesmo meses,pode ser diferentemente interpretada pelo mesmo interprete. Portanto nova.

Acresce outro importante fator que a faz constantemente nova, mesmo se menos significativo que os anteriormente citados. Trata-se dos meios que a ela dão vida: os instrumentos. Sempre sujeitos a novas técnicas,as quais podem criar diferentes sons a notas escritas séculos antes. Se tomarmos a partitura de um compositor do século

XVIII ao acaso - para dar um simples exemplo -,sabemos que as notas musicais escritas para os clavicórdios da época, produzem efeito diferente nos pianos modernos. O mesmo acontece com outros instrumentos: corda, sopro ou percussão.

Execução e interpretação podem também dar coloridos diferentes às notas musicais. Como sabemos, a diferença entre uma série de números e uma série de notas musicais,é que na primeira, um número é sempre aquele que é, não importa se o lemos rápida ou vagarosamente; ou se damos menor ou maior ênfase à leitura; ou se o somamos com o seguinte. O resultado será sempre o mesmo:2+3 é universalmente reconhecido como cinco. Talvez a filosofia nos possa dar resultados diferentes,mas não é aqui o caso de entrar nesse campo.

As notas musicais,ao contrário,além de terem, individualmente, valores diferentes no que concerne tempo de execução, estão sujeitas também ao específico "tempo de execução" da Ária, ou do Movimento, dos quais fazem parte : "alegro","cadenziato","andante","largo", etc.

Acresce que a execução das notas é ulteriormente "ditada" pela dinâmica: "forte", "piano","crescendo",etc. Não traduzo estas palavras da língua italiana, pois além de serem facilmente reconhecíveis, são universalmente usadas pelos compositores,sejam aqueles do passado como contemporâneos. E o leitor destas "Notas", presumivelmente terá estudado música nos anos de escola.

Curioso, mas nada fora do ordinário, eu ter notado numa vitrina de Yokohama, no Japão, a partitura de uma música clássica japonesa; estilo "fugato"(forma musical do período Barroco, baseada sobre uma severa elaboração contrapuntística de um ou mais temas), composta por Toru Takemitsu, na qual lia-se a indicação "Allegro ma non troppo". Este exemplo mostra que as indicações em língua italiana, foram e são usadas também pelos compositores de países onde a música clássica ocidental, chegou em tempos recentes.

Acresce ainda, que cada uma das anteriormente citadas indicações(tempo e dinâmica), que o solista, ou condutor de uma orquestra, encontra nas partituras, não podem ser interpretadas simplesmente e por exemplo, como a soma de 2+3=5. Mas deixadas à habilidade, à personalidade, e porque não, ao humor dos interpretes, mesmo considerando que o compositor já tenha dado as indicações de base.

Penso não seja necessário ter experiência no campo mu-

sical para aceitar o fato que tais indicações nada mais são que palavras. Quanto "forte" deve ser um "forte" ? Ou quanto "allegro" deve ser um "allegro" ?
É então o intérprete que determina os "limites".
Se é um solista, e como tal executando um instrumento sem combinação com outros, a determinação do "tempo" e da "dinâmica", além de obedecer a tradição empírica(baseada na experiência), depende dele.
Se é um solista que executa juntamente com uma orquestra(forma musical chamada "concerto"),além de obedecer a acima citada tradição, os "limites" estão à mercê dele e do condutor. Se trata-se de orquestra executando uma peça sem um específico solista(sinfonia,ouverture,etc.), é ao condutor que cabe indicá-los. Nos coros/solistas sem instrumentos outros que a voz humana(o primeiro instrumento que o homem conheceu), cabe ao maestro-de-coro fazer tais determinações.

Por todas estas razões e por várias outras,a mesma composição (mesma partitura,ou seja, aquele pedaço de papel onde a música está escrita), deve ser "refeita". Não é sem razão que em algumas línguas(mas não na nossa),a expressão "fazer música" é usada: (inglês: to make music), (francês: faire de la musique), (italiano: fare della musica), (alemão: machen Musik).

Espero que aquilo acima lembrado até aqui aos não-iniciados,possa ter dado uma idéia geral da extraordinariedade desta arte. Isto é, àqueles que embora amantes da boa música, nunca tiveram a oportunidade ou o interesse de saber alguma coisa mais além do som recebido.

*

Como possivelmente dito em alguma parte destas"Notas", nos doze anos que precederam meu voluntário "exílio" do Brasil, a música clássica exerceu em mim - e exerce ainda - grandíssima atração. Não é assim naturalmente com todos. Como acontece com a apreciação das artes em geral pode ser fortuna de poucos. Alguns as "descobrem" - uma ou mais delas -, em tenra idade. Outros na adolescência, como foi meu caso. Outros nunca. Outros ainda , nos

anos maduros. Nas minhas "peregrinações", soube de casos que enquadravam-se em todas as três categorias. Mas nunca é tarde demais !
Quando a "descobri", não era mais o caso de poder realizar algo de importante com ela.Iniciar o estudo de uma arte tão profunda e complexa como a música clássica aos 17 anos - idade em que devemos absorver tantas coisas ao mesmo tempo -, é já em si uma séria desvantagem. Se juntamos a isto o pouco tempo disponível para os interminéveis exercícios - e talvez uma possível inata carência de disposição à execução -, não tive outra alternativa que aquela de contentar-me com a parte teórica (história, contraponto, harmonia, formas e composição),e com a passiva parte de um simples ouvinte.
Também o aprendizado da teoria requer tempo, mas não a constante presença do instrumento,como acontece com o aprendizado prático.

Uma vez chegado à Europa, todo aquele latente interesse pelas artes, em geral - as quais representam sempre o produto do impulso criativo humano -, parece ter recebido uma "injeção de estímulo". Às vezes bastava ouvir os programas radiofônicos (os aparelhos de TV na Europa no fim dos anos '50 e início dos '60 eram raríssimos) para despertar curiosidade. Concertos de música de câmara(pequenas orquestras, geralmente sem a presença de instrumentos de percussão e sopro),em cidades como Paris e Londres, eram organizados constantemente. Concertos com a execução de solistas, de orquestras ou combinação de ambos, com exceção dos poucos meses de verão, estavam também à disposição do público durante todos os dias da semana.Na grande maioria dos casos, à baixo custo de ingresso. Eventualmente com entrada livre.
No Palácio Garnier,comumente conhecido como a Ópera de Paris, era também possível,mesmo se pendurado na mais alta das galerias, ver e ouvir uma ópera. Enfim, ouvir boa música na Europa,era somente uma questão de escolha e naturalmente de interesse. Nestes trinta e cinco anos, não perdi oportunidade de ouvi-la, e ao mesmo tempo,admirar a arquitetura interna de famosos teatros e salas de concerto: Covent Garden, em Londres; Carnegie Hall, em New York; alla Scala,em Milão; Salle Pleyel, em Paris ; Musikvereinssaal e o Teatro da Ópera, em Viena; Bolchoi, em Moscou; Liederhall, em Stuttgart; Consertsaal, em Berlin.

*

Entre as divisões históricas da Europa - geográfica, política, cultural, linguística, religiosa, econômica - podemos incluir também aquela musical.

Na península Ibérica - em Portugal -, a música clássica nacional, isto é,aquela composta pelos seus filhos, salvo raríssimas exceções pouco divulgadas e pouco conhecidas,é ausente do repertório internacional. Na Espanha, com Albeniz(1860-1909), de Falla(1876-1946) e outros menos conhecidos, a música clássica está estreitamente ligada à canção e ao folclore popular do país (fortemente influenciados pela música árabe, como resultado das invasões da Idade Média), carecendo também de um"timbre"internacional. O mesmo podemos dizer dos países escandinavos(Noruega,Suécia e Dinamarca) e Finlandia, com possíveis raras exceções compostas por Grieg(1843-1907) e Sibelius(1865-1957). Outro tanto para aqueles do leste Europeu, com Liszt, Dvorak, Iannacheck,Smetana,Kodaly; inclusive URSS, com Belakiev, Glasunov, Glinka, Khatchaturian, Mussorgsky, Rachimaninov e Rimsky-Korsakov. Exceção podemos encontrar na música de Tchaicovsky, o qual progressivamente afasta-se do folclore e cria uma música que enquadra-se num "timbre" internacional.

Na Itália, com exceção dos verdadeiros precursores da música sinfônica, como Monteverdi,Albinoni, Corelli, Vivaldi, Boccherini e Cherubini(séculos XVI-XVII-XVIII), o estilo operístico (comédia e drama acompanhados de música), prevaleceu sobre aquele sinfônico de uma maneira a não deixar dúvidas. E a grande influência do estilo operístico italiano sobre os compositores germânicos (alemães/austríacos) é incontestável.

Na isolada Inglaterra, com o seu grande filho-adotivo Frederick Handel(1685-1759), prevaleceu a música sacra, organística e coral. Na França, o estilo Barroco e aquele do período puramente clássico, com exceção de Berlioz (1803-1869), atrairam pouca atenção. Na mesma França,com Cesar Franck,Bizet, Debussy, Ravel e Saint-Saenz, a sua música clássica é mais ligada ao período do tardo romantismo,assim como às "escolas" do Impressionismo, Cubismo, Futurismo, Expressionismo, Surrealismo, etc. Isto é, mais que mostram, valem pela "impressão"que deixam.

Resta-nos então o mundo germânico, que é a verdadeira "pátria" da música clássica(sinfônica,coral,solista,operística), com os seus famosos gênios, universalmente conhecidos e continuamente interpretados: Johann Sebastian Bach(1685-1750), seguido de alguns dos seus familiares -

também eles exímios compositores -,todos conhecidos como os "cientistas da música". Introduzindo e observando rigorosos esquemas, regras e princípios (como aquela parte da física, chamada acústica, naturalmente nos favorece), e deixando aos futuros compositores uma inestimável herança. Joseph Hydn(1732-1809),o primeiro dos compositores clássicos vienenses,com uma incalculável importância na evolução da música instrumental, conhecido como o"pai da sinfonia", das quais compôs mais de cem. Wolfgang Amadeus Mozart(1756-1791), o gênio "del tavolino", capaz de compor, nos seus curtos trinta e cinco anos de vida, um imenso número de obras. Sentado justamente num "tavolino", sem a imediata presença de um instrumento, escrevia músicas usando a memória. Ele tinha o som das notas, as idéias, as combinações harmônicas, a resolução das dissonâncias, tudo enfim, à pronta disposição da sua estupenda memória. "Tavolino", da língua italiana, significa mesa ou escrivaninha. Mozart, de todos os mais conhecidos compositores, é talvez o maior deles como gênio. Uma espécie de "Albert Einstein" do século XVIII. Foi grande também no estilo operístico ("Don Giovanni","Le Nozze di Figaro","Cosi fan Tutte","Il Flauto Magico","La Clemenza di Tito"," Il Rapto del Serraglio"). Neste particular gênero, todavia, deve muito à influência da "escola" italiana, a ele introduzida por um dos seus mestres,Antonio Salieri(1750-1825). Ludwig van Beethoven(1770-1827);inovador a partir da sua maturidade. Do fim do seu tempo parte o período do romantismo. Suas primeiras composições(até a segunda sinfonia) sofrem ainda da influência de Hydn e Mozart, explodendo em seguida com sua verdadeira e própria música. Deixando ao futuro, potentes e magníficas obras: da terceira sinfonia(Heróica) à nona(Coral); passando pelas estupendas "quinta" e "setima"; cinco concertos para piano e orquestra e um para violino e orquestra; as "ouvertures" Egmont, Coroliano e Leonora; entre trinta e duas sonatas para piano e piano/violino, entre elas as conhecidíssimas "Valdstein", "Claire de Lune" e "Appasionata". Com temas assim extraordinários que nos fazem pensar como foi possível,usando as doze notas/semi notas do diapasão, construir aquelas combinações, melodias, dissonâncias, consonâncias e todo o resto. Beethoven também compôs uma Missa(Solemnis), tercetos e quartetos.

Em seguida, o mundo germânico nos deu Franz Schubert (1797-1828), nascido nos arredores de Viena, filho de um pobre professor de escolas primárias. Décimo segundo en-

tre dezenove irmãos e irmãs. Na infância sob condições e
conômicas extremamente difíceis, mas parte de uma famí -
lia com grande tradição musical. Em 19 de novembro de
1828, quando morre, é enterrado ao lado de Beethoven num
dos cemitérios de Viena, o qual visitamos nos anos pas -
sados, e do qual digo alguma coisa em alguma outra parte
destas "Notas". Schubert compõe inúmeras obras, entre
elas, nove sinfonias. A penúltima, escrita entre 1825 e
1828, chamada posteriormente "Grande", é trabalho que nen
hum comum mortal tem direito de acabar seus dias sem ou-
vi-la ! Um verdadeiro monumento à arte. A última, núme-
ro oito, conhecida também posteriormente como "Inacaba -
da", escrita em 1822, fica perdida entre a montanha dos
seus papeis. É encontrada 37 anos depois da sua morte. Ou
tro monumento, capaz de humanizar o mais cruel dos ho -
mens.

Durante o período romântico propriamente dito, a cultu-
ra germânica nos deu outros grandes: Mendelsshon-Bartol-
dy(também gênio do "tavolino") e Schumann, respectivamen
te em 1809 e 10, seguidos de Richard Wagner(1813-1883) e
Johannes Brahms(1833-1897), o grande clássico-romântico,
cuja música nos pode fazer sonhar.

Wagner, nascido em Leipzig(pronuncia-se "laipsigue") -
uma das mais características cidades da Alemanha, comple
tamente destruida durante a II Grande Guerra, mas graças
àqueias qualidades que não podemos negar aos germânicos,
reconstruida na sua arquitetura original -, e falecido
em Venezia, foi outro "monstro" da música clássica, dedi
cando-se ao gênero operístico("O Navio Fantasma","Lohen-
grin","Rienzi", "Walkirias","O Crepúsculo dos Deuses" ,
"Siegfried", "Os Mestres Cantores de Nürnberg", "Tristão
e Isolda", "Tannhauser", "Parsifal"). Com exceção das
respectivas "ouvertures", as óperas de Wagner não são de
fácil compreensão ao não-iniciado, nem necessariamente a
gradáveis ao ouvido. Difícil também a compreensão dos
respectivos "libretos", pois eventualmente baseados na mi
tologia:talvez com exceções de "Tannhauser"(poeta,1200-
1270) e "Rienzi" (Cola de Rienzi, quem, em Roma, na Ida-
de Média, queria re-instaurar a Antiga Roma).

Wagner é também o "inventor" do uso do "leitmotiv"(pro
nuncia-se "laitemotif")na música, o qual pode ser simples
mente explicado como um específico tema musical ligado a
cada personagem, e/ou a cada situação das suas óperas.

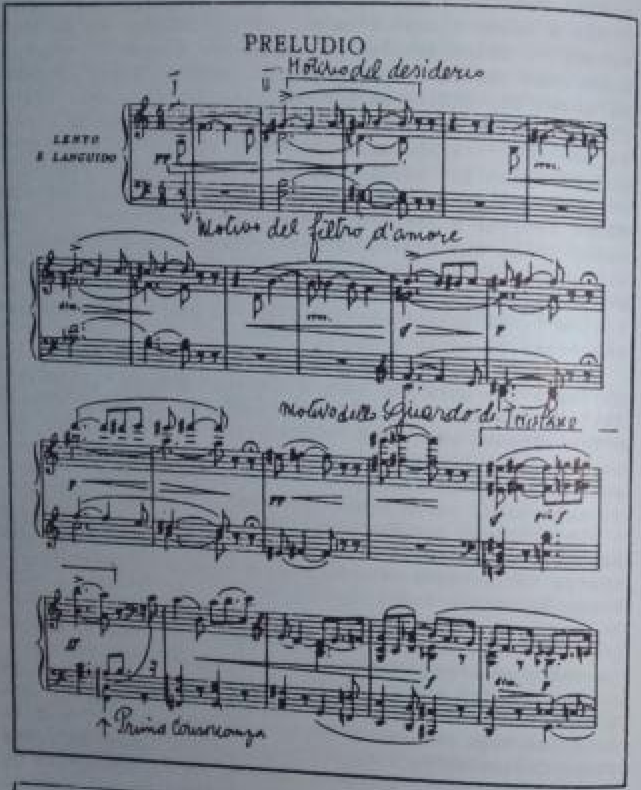
*

Seria empresa impossível e imprudente, querer incluir
nestas modestas "Notas" a história da música clássica.
Não é mesmo o caso ! Quero todavia lembrar ao paciente
leitor, e mesmo àqueles que dizem não dispor de tempo -
pois como lembrado anteriormente, este é "feito" através
da nossa capacidade de organizar-se -, que ouvir música
clássica é um dos grandes verdadeiros prazeres da vida. E
la nos pode transportar a um mundo sublime. Ela nos pode
dar energias que pensávamos perdidas. Ela pode despertar
os nossos sentimentos, criando também novos. Ela nos pode
fazer reviver a atmosfera dos séculos passados. Ela pode
fazer de um ser humano um ser verdadeiramente humano. E
ela nos pode dar aquelas sensações de paz, de harmonia ,
de equilíbrio e de beleza, que podem estar perdidas en-
tre as lutas pela sobrevivência. Ou que talvez pensamos
não estar ao nosso alcance.

Quanto tempo, durante estes nossos curtos anos de vida
perdemos nas mais variadas e absurdas formas de banalida
des! Com coisas e fatos que ao invés de elevaram o homem
o transformam num velho relógio, sem funções outras que
marcar horas ! Parando, adiantando, atrasando, enferrujan-
se e finalmente, fora de uso ! Enquanto a música clássi-
ca aqui está, neste mundo provisoriamente moderno, onde
a vulgarização dos costumes, das idéias, da técnica, das
escolas, das línguas e dos custos, abre suas largas por-
tas de fácil acesso a esta maravilhosa e extraordinária
forma de arte !

Seria injusto terminar este capítulo sem mencionar do-
is dos nossos compatriotas, infelizmente pouco conheci -
dos no Brasil - pois lá outros ritmos prevalecem! - mas
que na Europa e nos USA tem seu lugar entre aqueles que
deixaram algo de substancial aos amantes da música clás-
sica: Carlos Gomes e Heitor Vilas-Lobos. Lembro aqui tam
bém a nossa exímia pianista Guiomar Novais:todos mais co
nhecidos no exterior que na nossa terra.

Como um anexo a estas "Notas", listo uma série de com-
posições à discrição do leitor não-iniciado, na esperan-
ça que uma pequeníssima parte da sua atenção e das suas
disponibilidades financeiras, seja endereçada a um ga-
rantido meio de o fazer um melhor homem, ou uma melhor
mulher.



Parte da partitura (Prelúdio da Ópera "Tristão e Isolda" de Richard Wagner (1813-1883). Neste exemplo: três "leitmotiv"(motivos) que continuarão a apresentar-se durante o desenvolvimento da ópera.

XVII

A Inglaterra e a Escócia, juntamente com o País de Gales(Wales) e a Irlanda do Norte, formam o " Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda do Norte", abreviado com UK (United Kingdon = Reino Unido).

Apesar das naturais influências étnicas havidas através dos séculos, como aconteceu em todos os países, devido às migrações - um dos fenômenos mais antigos que a nossa espécie conhece -,os povos que habitam hoje estas ilhas são basicamente Anglo-Saxões. Ambos originalmente vindos de duas diferentes regiões daquilo que é hoje a Alemanha. Os Anglos do Scheleswig;os Saxões da Saxônia. Estes povos, até épocas relativamente recentes(tempo de Carlos Magno: VII-VIII séc.D.C.), viviam ainda dentro de cavernas ou habitações muito primitivas, nas imensas florestas daquelas regiões.

Os bombásticos Anglos e os taciturnos Saxões"formaram" "novas espécies": os fleumáticos ingleses e os explosivos escoceses, galeses e irlandeses. Os três últimos têm também uma forte componente Celta, povo hoje desaparecido, que na antiguidade habitou também uma faixa da Europa ocidental (Portugal, Espanha, sul da França) e o norte da África.

Quantos de nós, na adolescência e infante juventude,so
nham com a Gran-Bretanha através dos livros e dos filmes!
Tantas vezes restando somente sonhos... pois as circuns-
tâncias e o coração nos envolveram em situações que im -
pediram de os realizar.

Mesmo se ela perdeu, depois da última grande guerra, a
posição de lider no mundo, sofrendo o decíãio que repre
senta o início do fim dos grandes impérios - como acon
teceu com a Antiga Grécia, Roma, França napoleônica e um
dia, talvez não muito distante,acontecerá com os Estados
Unidos(que na etimologia da palavra, Império não é, mas
guarda muitas das características),a Gran-Bretanha e seu
povo continuam gozando de grande prestígio e conservando
grande atração.

Foi o último dos Impérios que conhecemos até os nossos

dias. Enfrentou o declínio com graça e respeito pelos súditos, deixando nas ex-colônias,uma cultura importante . Nas ex-colônias que optaram pela Commonwealth(textualmente: "riqueza comum" ou "bem-estar comum"), depois do declínio do Império, como Canadá, Austrália, Índia,Kenya e tantos outros, a cultura britânica continua viva na filosofia dos seus nativos,assim como nas instituições cívicas, na literatura e nos costumes. Portanto, como colonizadores (ou, segundo as más línguas:"imperialistas") mereceram sem dúvida nota alta! Talvez diferente dos conquistadores e colonizadores Latinos(Franceses,Espanhóis, Portugueses), os quais parecem ter-se preocupado,principalmente, de carregar tudo que era possível, para as respectivas madres-pátria ! O caso da colônia portuguesa de Macao, no extremo Oriente, lembrado mais adiante num dos capítulos sobre a China, é típico exemplo, ainda vivo, deste comportamento.

A Espanha não mereceu nota melhor ! (Filipinas e todos os países a ocidente dos Andes e América Central), com as possíveis exceções de Argentina e Uruguay, nações favorecidas com uma forte e constante migração de outros povos Europeus. Um pouco menos "egoista" a França, deixando nas ex-colônias(Tunísia, Algéria, Marrocos, Síria, Líbano e alguns territórios da África negra), assim como na Província Canadense do Quebec, uma não negligente dose de cultura. Outro tanto para a Itália, a menos importante colonizadora entre os Latinos modernos.

Mas terão sido Anglo-Saxões menos ambiciosos, vorazes, gulosos e ávidos que Portugueses e Espanhóis nas relações que tiveram com suas colônias ? A resposta é certamente "não". Mas a atitude, o comportamento, o "savoir faire"foram diferentes,pois diferentes são estes dos Latinos. E ser diferente, é uma das características da nossa espécie; a mais típica delas ! Se quizermos dar a tudo isto,uma "tradução" pouco diplomática e um tanto vulgar...e talvez exagerada,podemos assumir as seguintes hipotéticas situações: o patrão de uma fazenda,no século passado, é homem lido,preparado, de boa família,educado; trata os empregados com respeito e é capaz de obter o melhor deles,através da palavra e conselhos paternais,e naturalmente, é um voraz e ambicioso negociante. Quando parte, deixa entre os dependentes, uma herança de todos aqueles valores, a qual podemos aqui chamar "cultura".Esta, sob diferentes formas e em diferentes graus,continua a sobreviver. E este, grosso modo,seria o caso dos colonizadores Anglo-Saxões. O cenário oposto encontramos no

mundo Latino,e não é preciso aqui detalhá-lo, pois o conhecemos bem na nossa atitude prevalentemente individualística,onde o "eu,meu e o diabo com outros" está sempre na moda.Veja-se por exemplo a atitude que têm os Latinos ricos e potentes com seus dependentes e subordinados !

*

Membro do Tratado de Roma,de 1960,que deu vida à Comunidade Econômica Européia, a Gran-Bretanha é parte da Europa e ao mesmo tempo não é. Mantendo "distância"do Continente e referindo-se a este como se fosse um mundo à parte. Talvez pelo efeito daqueles trinta e cinco quilómetros de água do Canal da Mancha,que os separam dele. E desde um remoto passado,das invasões e da influência da cultura continental européia. Na verdade,é preciso irmos de volta ao primeiro século antes de Cristo, ou àqueles imediatamente sucessivos; ou ao domínio dos Normandos,em 1066,sob William(Guilherme),The Conqueror,para encontrarmos invasores destas ilhas.

A História nos conta que alguns dos sucessores de Júlio César e de Augusto,foram propensos a seguir o exemplo do primeiro(conquistador),ao invés de obedecer à política do segundo(pacificador). Aquele dos Antigos Romanos na Gran-Bretanha,foi um domínio que durou quarenta anos. Iniciado pelo mais tolo dos imperadores Romanos(Cláudio), continuado pelo mais agressivo(Nero) e concluído pelo mais titubeante(Domiciano). A presença de Legiões Romanas em Londres, então chamada pelas mesmas de "Londinium", parece, não obstante,ter-se estendida até o quinto século D.C.

Vestígios da presença dos Antigos Romanos e dos Normandos(Normandia:no continente,hoje parte da França), estão ainda presentes nas ilhas britânicas,principalmente na parte sul-oriental da Inglaterra e no País de Gales.Muitos deles visitei nos anos passados. Diz também a História que "no tempo daquelas conquistas as tribos bárbaras daqueles povos eram cheias de coragem,mas sem disciplina e principalmente, sem espírito de união". Podemos então pensar que eram incapazes daquela qualidade que séculos depois, "doaram" à sua grande colônia na América do Norte ! A qualidade de funcionar em "time". Coisa não fácil a nós Latinos(como lembrado acima), onde o individualismo é sempre o "Grande Imperador dos nossos destinos".

Fui um dos tantos milhões que sonharam e sonham de visitar ou viver naquelas ilhas. Mais que visitar,procurar integrar-se a uma cultura e a um povo tão diferente em tudo de nós Latino-Americanos. Procurando absorver o máximo possível: o aparentemente bom e o aparentemente negativo.

Fazendo um salto ao passado - e como prelúdio à descrição da minha primeira chegada na Inglaterra -,lembro que em S.Paulo,quando menino,em 1939,eram de moda os bondes "caradura". Engatados ao"bonde principal", carregavam as verdureiras que faziam as feiras de rua. Nos "caraduras" pagava-se "um tostão", ou 100 Réis(quando a nossa moeda era chamada "Mil Réis"). Um abatimento de 50% sobre a "fortuna"que custava o "principal": na época"200 Réis", ou "dois tostões". Lembro-me também,que para justificar a minha presença nos "caraduras", destinados às feirantes e portadores de grandes embrulhos,pedia emprestado às portuguesas - sempre vestidas de preto,com brincos de ouro ! -,um maço de flores ou rabanetes! Elas olhavam com pena aquele menino franzino e espigado, vestido de calças curtas, onde os remendos eram a regra ao invés de exceções; com um par de óculos remendados ao esparadrapo.

Quando aparecia o cobrador - portugueses,pois tinham a "exclusividade" em tal trabalho -, eu pagava o meu "tostão" com a tristeza de ver sair do bolso,tanto dinheiro. A poupança daquele "tostão", permitia, no fim da semana, a compra de um sanduíche, o qual tinha, além do pão, os "buracos" do queijo. Era mastigado pela rua,entre o fim do horário de trabalho e o início da escola noturna.

Sacrifícios e misérias que felizmente uma grande parte das novas gerações não conhece. Aquela que pode "exigir" dos pais,a motocicleta, e depois desta, o automóvel -...como um direito adquirido!

E aqui voltamos à Inglaterra.

Os trens que partiam da "Gare du Nord",em Paris, eram versão Européia dos "caraduras" do tempo do nosso Presidente e ditador Getúlio Dorneles Vargas. Serviam a costa norte ocidental da França. Supridos, na época, de vagões de "terceira classe". Bancos de madeira,modestos e nem sempre limpos, costeavam as janelas, deixando no centro, espaço àqueles que faziam o trajeto Paris-Calais em pé. Naquela cidade francesa do Canal da Mancha, fazia -

se baldeação aos pequenos navios que o atravessavam,depositando os viajantes no porto de Dover,na costa sul-oriental da Inglaterra. A travessia durava três horas, ou mais, dependendo das correntes marítimas e do vento. Pouco via-se do porto de Calais ou durante a travessia do Canal, assim como de Dover. Zonas constantemente aflitas de densa neblina.

Em Dover, depois de passada a Anfândega, tomava-se outro trem - correndo em binários mais estreitos e pela mão esquerda, como foram também os sistemas ferroviários introduzidos pela Inglaterra no exterior -, chegando depois de duas horas à estação ferroviária de "Victoria" , em Londres.

Sobre a questão da largura dos binários - para juntar algo mais às minhas sempre presentes observações!- é na parte ocidental da União Soviética onde a largura supera todos.Sério problema para as forças de ocupação alemãs durante a última guerra, pois seus trens não podiam ser usados para o transporte de soldados e materiais.

Foi assim a minha primeira viagem à Inglaterra.

Anos depois,quando o período das privações havia passado - por méritos dos Céus e meus -, hospedado com Diva no Hotel Hilton de Hyde Park,em Londres, lembrava-me daquela primeira viagem àquelas ilhas. Convencido,mais que nunca, que a vida é uma sucessão de paradoxos, os quais devem ser enfrentados com coragem e determinação - às vezes com agressividade -,jamais fazendo marcha-a-ré diante das desilusões e das dificuldades.

Outras viagens foram feitas à Inglaterra durante o anteriormente citado "período difícil". À procura de oportunidade que permitisse meios de subsistência , sem acabar debaixo das pontes do rio Thames,entre os "charlies" que as infestavam. Na volta de uma dessas viagens, no trem que ligava a estação de "Victoria" a Dover, conheci um moço da cidade italiana de La Spezia, na Ligúria, com quem, sucessivamente, mantive correspondência durante anos.Ele trabalhava num renomado hotel-restaurante de Londres, e estava voltando, para férias,na Itália. Com sua subseqüente ajuda, obtive uma "carta de chamada", dando-me direito de trabalhar no Reino Unido.

Primeiro em Londres, depois em Dundee, na Escócia, fiz humildes trabalhos durante 12 e 14 horas por dia; em horários que infiltravam-se pela noite a dentro. Às vezes maltratado, pois ignorante da língua, dos costumes e das

atitudes. Era o "preço" que devia pagar. E eu estava preparado a pagá-lo !

Em Londres, aluguei quarto na açoteia de uma velha casa de estilo Victoriano, na Denbigh Street; proximidades da estação de "Victoria". Zona pouco recomendável mas a baixo custo. Passava horas, quando as folgas permitiam, ouvindo os programas da BBC, com um dicionário na mão , procurando aprender a língua local, a qual não me era totalmente estranha, mas na vida prática,um novo fantasma. Escrevendo num caderno cada nova palavra aprendida.Fazendo traduções e versões; lendo o dicionário de fio a pavio; procurando gravar sons e acentos, os quais,entre o bom inglês da BBC e o "cockney" falado pela massa de Londres, pouca semelhança havia ! Quando cansava-me, debruçava-me à beira da janela, e apreciava, através da densa neblina, os pedestres, que rapidamente, transitavam pelas calçadas. Na esquina, semi-escondido pela neblina, um homem, seu violino e seu cachorrinho, pediam a piedade dos passantes.

Um dos meus trabalhos num restaurante de alta classe , arranjado pelo citado amigo de La Spezia,entre Picadilly e St.James, no centro de Londres,era aquele de ajudar o serviço de mesas. Com a penúria de empregados que havia - e há sempre -, nesse setor, na Inglaterra,pois os ingleses Anglo-Saxões (e não aqueles ingleses filhos de imigrantes), acham tais trabalhos degradante (!) - ,mesmo um inexperiente como eu, podia arranjar um lugar. Terminado o horário no restaurante,juntava-me à"banda"de Indianos na lavagem de pratos e panelas. À noite,entre 22 e 24, eram as horas "dedicadas" à limpeza dos banheiros. Tudo das segundas aos sabados.Uma espécie de escravo dos tempos modernos ! Contente, porém, com as Libras que no fim de cada semana, depositava num Banco. Talvez devido à pobreza da infância e aos sacrifícios da adolescência, fui um homem firme e teimosamente determinado no meu esforço,na procura do dinheiro. E absolutamente não o digo com vergonha ! Aquela minha miséria da infância e da adolescência - constantemente pensava -, a mim não pode e não deve voltar. Era uma determinação potente que carregava dos fios do cabelo às unhas dos pés.

O meu "título" (pois na Inglaterra todos tem"título"!) era "commís-garçon", ou aquele que ajuda o Garçon propriamente dito. Estes eram homens dos seus 50 e mais anos . No passado, tinham sido formados pelas Escolas de Hotelaria na Suíça ou França, e através dos freqüentes contatos com refinados clientes, tinham adquirido apropriadas atitudes. Na sua totalidade, eram não-Britânicos. Deve porém ser dito que a profissão(e a arte)de servir mesas na Inglaterra e na Europa em geral, é bem melhor reputada que nos países em desenvolvimento. Nos últimos - com possíveis exceções dos locais de alta classe -,é na maioria dos casos trabalho fortuito.

Naquele restaurante de Londres tudo era servido à francesa. Freqüentado pela "nata", habituada ao máximo de sofisticação. No átrio, viam-se fotos de personagens ilustres que tinham, no passado, freqüentado o local: Winston Churchill, Clement Atlee, Lord Mountbatten, Lawrence Olivier, Maurice Chevalier e outros cujos nomes fogem agora à memória.

Como o leitor sabe, servir à francesa significa trazer as travessas, e delas, do lado esquerdo do cliente, depositar os alimentos diretamente no prato, jamais deixando travessas sobre a mesa. Elas eram trazidas pelos"commís" sobre a mão espalmada e à altura da testa, para evitar que os efeitos de um repentino acesso de tosse - ou de um espirro -, pudessem depositar-se sobre a comida.Todas aquelas precauções e todo aquele "cerimonial" destinados a servir os olhos dos clientes !...pois nas cozinhas,poucos desses cuidados são naturalmente postos em prática .

Os vinhos, se servidos gelado, como requerem os brancos - com exceção dos Sauternes e aqueles produzidos às margens do Reno, na Alemanha -; ou à temperatura ambiente, como requerem os tintos, eram respectivamente depositados sobre apropriados"tools". Em baldes de prata (se brancos), ou dentro de cestos(se tintos).

As garrafas de tinto,sempre de procedência francesa ou italiana - pois nas ilhas britânicas a produção é praticamente inexistente, ou de baixa qualidade, devido ao clima - , eram trazidas com extremo cuidado das cantinas subterrâneas, pois devia ser evitado que o "depósito"que geralmente assenta-se no fundo das garrafas, se misturasse ao líquido.

Trazidas travessas e vinhos pelo "commís", o Garçom,no seu fraque, camisa branca engomada e gravata borboleta preta(para o serviço noturno); calça preta, paletó branco e gravata borboleta branca(para o diurno), servia os clientes com destreza e elegância. Formais como são os ingleses, tudo era observado. Se uma falta fosse feita , retribuíam com olhares pouco simpáticos,ou com delicadas

mas precisas observações. Debruçar-se sobre a mesa, ou apoiar mãos sobre ela, ou aproximar-se dos clientes com o corpo, ou intrometer-se na conversa dos mesmos, ou dizer banalidades(entre garçom e "commis"), eram consideradas faltas graves. Perder o lugar por ter incorrido em tais faltas não era raro.

Pratos de fina porcelana de Sèvres ou Limoges (cidades da França),apoiados sobre suportes de prata, eram jamais retirados até que todos os ocupantes da mesa terminassem a "course". Conscientes do fator tempo como são os ingleses, procuravam terminar a "course" juntos.

O "commis" entrava novamente em ação,tirando pratos,um por um,com máximo cuidado. Arranjando-os entre os dedos e sem jamais passar eventuais restos de um prato a outro diante dos clientes. E assim, sucessivamente com as demais "courses", que invariavelmente eram três: "hors-d'oeuvre", "prato principal" e sobremensa. Todas as "courses" com reduzidíssimas porções, pois os ingleses comem pouco ...mas bebem muito !

Se a toalha - impecavelmente branca - fosse manchada com uma gota de vinho(coisa rara mas possível), era imediatamente trocada, sem que o fundo da mesa fosse exposto aos clientes. Esta operação, feita pelo garçom, requeria técnica especial. Fazia parte dos longos anos de experiência, assim como dos ensinamentos recebidos nas Escolas de Hotelaria.

Terminada a refeição a mesa vinha completamente desocupada, com exceção dos cinzeiros - constantemente substituidos -,e de eventuais sobras de vinho. Em seguida, ao sinal do chamado "patron" - ou seja aquele a quem, entre os clientes caberia liquidar a conta -, esta era trazida devidamente dobrada, sobre uma bandejinha de prata. Jamais uma discussão a respeito do "deixa que eu pago".

Quem convidava cabia pagar. Ponto.

O garçom então agradecia e levava o dinheiro à "caixeira", uma velha matrona elegantemente vestida e mal-querida pela sua arrogância. Cartões de crédito eram raríssimos e não populares como nos dias de hoje.

Uma propina era deixada sobre a mesa.

Se desta fizessem parte senhoras,cabia ao garçom e"commis"(cada quatro mesas servidas por um garçom e um "commis"),ajudar o movimento das cadeiras, assim como acompanhar o grupo à guardaroupeira, ajudando os clientes no vestir dos capotes. Deixando o local, estes eram cumprimentados com reverências pelo "maitre-d'hotel".

Choferes, nos seus uniformes cinza e devidos quepes ,

encostavam os Bentleys, Rolls-Royces ou Jaguars.

Encerrado o dia de trabalho no restaurante,as propinas eram contadas pelo "maitre-d'hotel" e registradas num caderno fornecido pelo "Internal Revenue Service" (Impostos).Nomes e montantes recebidos eram anotados. O substantivo, ou o particípio passado "imposto"...vêm justamente do verbo "impor" !

Aos Garçons cabia 70% do total das propinas; aos "commis" 20%; os demais 10% eram acumulados e distribuidos à cozinha, um vez cada trimestre.

Naqueles anos a Libra,moeda que na Gran-Bretanha é cha
mada "Pound"(pronuncia-se "paund"e impressa por determi-
nados Bancos privados, e não por uma "casa da moeda") ,
era dividida em 20 "shillings". Cada um destes, por sua
vez, dividido em 12 "pence", ou "pennies",como chamam os
americanos. A "Guinea", no passado(até 1813), uma moeda
de ouro, não mais em circulação,compreende 21"shillings"
ou uma Libra e um "shilling". A "Guinea" é ainda usada,
não como moeda em si, mas como "valor". Certas lojas,res
taurantes e outros locais de luxo, indicam preços em"Gui
neas".

Não foi fácil familiarizar-me com toda essa estranha a
ritmética - hoje desaparecida com a introdução decimal
da Libra -, mas o valor do dinheiro, qualquer dinheiro!
é a primeira coisa que aprendemos num novo país... e ra-
pidamente !

•

O "mundo britânico", com toda a sua elegância, refina-
mento, sofisticação, esnobismo e arrogância(mais aparen-
te que real!),mas também com muita pobreza e ignorância,
era a mim desconhecido quando deixei o Brasil em 1958 .
Mas para um meticuloso - e quase maníaco ! - observador,
como fui em todos estes anos, os subseqüentes anos na Eu
ropa continental tinham-me ensinado lições,portanto, não
tive grande dificuldade para adaptar-me àquele trabalho,
àquelas exigências e àquelas regras de comportamento.

Nos dias de folga,passava parte do tempo visitando a ci
dade de Londres. Caminhando horas e horas.Se tivesse sê-
de e fosse um domingo, antes das cinco da tarde, o meio
era engulir a saliva, pois o inteiro país fechava suas
portas. Resultado da tradição e mais ainda,do puritanis-

mo religioso do seu povo. "Transmitido" também a muitas
áreas dos Estados Unidos,onde entre as seis da manhã e o
meio dia dos domingos, a venda de produtos alcoólicos é
proibida.

Voltando à Inglaterra: às cinco da tarde, quando os
"pubs"(abreviação de Public House,ou bares) eram re-aber
tos, era possível beber um copo de cerveja ou outra bebi
da alcoólica, mas não refrigerantes,pois os "pubs" refri
gerantes não vendiam; nem tão pouco comida.

"Pubs"na Gran-Bretanha são bares, onde naqueles anos ,
somente bebidas alcoólicas eram vendidas. Nada parecido
naturalmente com os bares que conhecemos, por exemplo,no
Brasil e mesmo na Itália.Eram completamente fechados,sem
portas ou janelas escancaradas à rua, e com pouca luz in
terna. Exigências do clima; sempre frio e nublado, e ra-
ramente um dia sem chuva. Daquela preguiçosa que parece
não ter fim !

Entrando num "Pub", havia um pequeno espaço onde cli-
tes escolhiam entre duas portas;dando acesso a dois dife
rentes salões. O primeiro, melhor decorado e mobiliado ,
onde as bebidas custavam mais e onde havia melhor servi-
ço e onde o ambiente era mais refinado. O segundo, mais
conhecido como "Workmen's Lodge"(salão para trabalhado -
res), servia as mesmas bebidas a preços reduzidos. Ambos
com forte cheiro de cerveja, servida naquele país sem ge
lo e sem espuma, mas a alta graduação alcoólica.

O exemplo da separação daqueles salões era e é indica-
tivo da separação das classes sociais, ainda fortemente
radicada no povo britânico.

No "Lodge",onde sentava-me, procurava descobrir, usan-
do a observação e o instinto,o drama que a fisionomia de
muitos dos seus habituais clientes escondia. Os "Pubs" e
ram "pontos de encontro", onde aquela gente passava gran
de parte do tempo; dominada pelos efeitos do álcool. Num
mundo de fantasias, e talvez esquecendo o drama do qual
faziam parte.

Quem eram ? De onde vinham ? Quem poderiam ter sido os
ascendentes daqueles ingleses reduzidos assim mal ?

Talvez aquele sentado no canto, com seu gorduroso boné
e um grosso e apertado paletó,poderia ser descendente de
um dos servidores de um rico comerciante,quando no trono
da Inglaterra sentava Victoria(1819-1901). Rainha por 64
anos, imperatriz da Índia, nascida no Palácio de Kensing
ton, em Londres. Casada em fevereiro de 1840 com o Prín-
cipe Albert(1819-1861); alemão da Saxônia. Aquele hipo-

tético rico comerciante, poderia ter seis cavalos,um co-
cheiro,um "maggiordòmo", três camareiras e uma cozinhei-
ra.O pessoal ao serviço doméstico,no meio do século XIX,
não faltava. No aglomerado de Londres, então com uma po-
pulação inferior ao milhão,bem 200 mil eram ocupados co-
mo domésticos. E se dermos ouvido às estórias, às biogra
fias, aos diários e documentos do passado, estaremos pro
pensos a pensar que a profissão de "doméstico", hoje pra
ticamente desaparecida no cenário dos países desenvolvi-
dos - e talvez não somente deles ! -, foi "inventada"
pelos ingleses.

*

Durante minha estadia em Londres, muitas noites foram
passadas em branco.Caminhando pela cidade e saboreando o
prazer da neblina, com o seu cheiro de carvão e fumaça .
Escondendo tudo que estivesse a mais de alguns metros de
distância. Durante aquelas caminhadas noturnas,passando
rente da entrada de edifícios, percebia um vulto mexer
se. Era um "Bob" de serviço, o qual cordialmente cumpri-
mentava e dizia algumas palavras sobre o clima. Este é
um dos assuntos preferidos dos ingleses ! Talvez porque
o mau tempo é assim constante, falando dele possa haver
melhora !

"Bob" é o nome com o qual a população de Londres chama
seus policiais fardados. Naquele tempo,não carregavam ar
mas e mostravam-se verdadeiros "gentlemen"com a popula -
ção. Grande parte desta tradição ainda persiste hoje.

Aquelas caminhadas noturnas eram um espetáculo maravi-
lhoso ! Passava pela Waterloo Bridge(Ponte de Waterloo)e
lembrava do filme dos anos '30, início dos '40, no qual
trabalharam Robert Taylor, a inglesa Vivien Leigh e a en
tão pouco conhecida Bette Davis. Sempre em Londres,lem-
bro-me ter visitado, entre tantas outras coisas, o Bri -
tish Museum; de ter assistido o içar(diário)da bandeira
no Palácio de St.James(a bandeira da Gran-Bretanha é com
posta de três cruzes sobrepostas sobre um fundo branco :
cruzes de St.Georges, St.Andrew e St.Patrick). Visitei
também o Albert Hall, onde assisti um concerto; assim co
mo o chamado "Monument", um alto obelisco erigido por
Charles II, rei da Inglaterra entre 1660 e 1685, para co
memorar os mortos do grande incêndio de Londres,em 1666;

a Torre de Londres(antiga prisão/fortaleza)onde foram sacrificados Thomas Moore e Anna Bolena(séc.XV/XVI); a catedral de St.Paul, construida por Christopher Wren(1632-1723); o Parque de Runnymede, a oeste da cidade,onde,segundo a História, King John foi forçado pelos barões ingleses a assinar,em 1215, aquela que até hoje é a constituição do país, chamada "Magna Carta".

Episódio cômico foi a compra de um "Austin", modelo 1934, de um iuguslavo que deixava a Inglaterra. Automóvel que pertencia mais a um Museu que à circulação. Mas os ingleses são conservadores ! A mim tinha custado 15 Libras.Chuva e mau tempo,sempre presentes,tinham que ser combatidos com as cortinas de lona que abaixavam-se do teto.

Um fim de tarde, mesmo em frente da praça onde estão o Parlamento e a Abadia de Westminster - a última construida em 1050 D.C., por Eduardo, O Confessor, e onde são ainda hoje coroados reis e rainhas da Inglaterra -,aquela peça de museu deu o prego.O contador mostrava mais de 300 mil milhas(cerca de 490.000 quilómetros). Talvez cansada de tantas milhas e de tantos patrões !

Tinha parado num trecho onde não era possível deixar passar outros. Uma fila formou-se atrás. Eram cinco e meia da tarde; escuro e com neblina,e quando o inteiro tráfego vindo da City, onde estão o Banco da Inglaterra e o centro financeiro de Londres, estava circulando.

Nenhuma buzina. Primeiro um, depois outros três ou quatro, desceram dos seus autos, com seus chapéus-côco,calças cinza listada e paletós preto,aproximaram-se e ajudaram a remover a velha carcaça. Cena de um filme de Chaplin, anos '20 !

Eu tinha aprendido outra lição.

XVIII

Uma "agência de colocamentos" do ramo da restauração e hotelaria,em Londres, procurava gente para trabalhar num hotel-restaurante de Dundee,na costa oriental da Escócia ... e eu estava pronto para novas experiências !

Conhecendo o trabalho de hotéis tão bem(!)quanto na época conhecia a língua inglesa(!),apresentei-me à pessoa que fazia a seleção. Era um homem imenso.Alto quase dois metros, com grande barba, a qual cobria boa parte do peito. Uma versão de Orson Wells dos seus últimos anos; ou de Charles Loughton, quando interpretou,em 1930, Henrique VIII(1491-1547), no filme do mesmo nome. Aquele Henrique VIII, rei da Inglaterra,que mandou eliminar muitas das suas esposas; entre elas, Anna Bolena, mencionada no capítulo anterior.

O meu interlocutor era um tipo agitado e pouco sorridente, como são em geral os escoceses, os quais são considerados pelos demais britânicos, como os "caipiras" do país ! Tipos rudes, explosivos, ligados a um território pouco acolhente, onde nem os Antigos Romanos quizeram aventurar-se !

Ele encontrava dificuldade em convencer candidatos a deixar Londres e transferir-se para aquele"fim-de-mundo" que era Dundee(pronuncia-se "dândi"). Sentado diante dele, ouvindo a descrição que fazia do trabalho e da mísera recompensa, o imaginava vestido com o "kilt"(saia que usam os escoceses). Devia ser pândego !

Eu queria porém viver uma temporada na Escócia. "Descobrir"aquela parte da Gran-Bretanha. Teria aceitado a oportunidade a qualquer condição.

*

A Escócia,antiga Caledônia, ao norte da Inglaterra, é terra de magníficos lagos, vales e montanhas; de um povo de origem Celta; facilmente inflamável como são os Latinos; cheio de vida, e com uma grande voltade de divertirse. E também de ingerir enorme quantidade de bebidas al

codílicas ! Ingleses, Escoceses, Irlandeses e Galeses, grandes amantes do álcool, podem dar idéia de povos que enchem as ruas de alcoolizados. Mas não é assim. Raramente via-se um.

Como há pouco visto, os escoceses não têm temperamento fleumático, como os ingleses. Estão sempre prontos a perder a paciência, como nós latinos. Glasgow é a maior cidade e Edinbourgh(pronunciada "edinbãra")sua capital.Uma das mais bonitas cidades da Gran-Bretanha.

A cidade de Dundee fica mesmo à beira do Loch Ness(Lago Ness), onde, segundo a lenda, vive um monstro que esporadicamente aparece.Há gente que jura por todos os santos que o monstro existe ! Alguns habitantes da área ofendem-se se a questão é posta em dúvida(!),e quando os escoceses ofendem-se, é sinal de barulho ! E o monstro é a única atração turística de Dundee. Nada mais, além dos ventos gélidos que sopram do norte; e da neve, nunca avara de mostrar-se durante grande parte do ano.

*

Para minha estadia, um quarto na casa de uma família que pertencia à baixa burguesia, tinha sido arranjado pelo hotel-restaurante. Uma cama, um velho armário,com portas que abrindo-se, pareciam cantar uma ária da ópera "Ifigenía" de Gluck; uma mesinha, cadeira,e no canto, a lareira, que era mantida acesa pela dona da casa; sem a qual, arriscava-se amanhecer congelado. Estranha casa e estranho casal aquele !

Nada ali tinha sido feito neste século,inclusive os donos da casa; nos seus avançados 70 anos, vestidos à moda antiga. Com costumes e hábitos que davam a impressão de estarmos frente a um perfeito par de fantasmas. O marido exercia a profissão de "Funeral Director"(Diretor Funerário). Seu trabalho incluia visitar famílias onde um dos membros estava em idade avançada. A nós latino-americanos pode parecer estranha tal atitude, mas nada de extraordinário naquelas terras. Quando via-se um "Funeral Director" entrar numa casa,com sua roupa e chapéu preto,ar lúgubre, sabia-se que ali alguém preparava-se para fazer a última viagem.

Sua mulher, uma senhora alta e curva,parecia nunca ter sabido da existência de um objeto chamado "pente". Usava

uma charpe preta,onde os esgadelhados cabelos assentavam-se e encontravam magistral repouso.

Quando tarde da noite voltavo, debaixo do frio,vento e chuva e caminhava entre aquela enormidade de móveis dos quais a casa era suprida; sob a luz que refletia da rua, procurando encontrar a porta do meu quarto,sentia-me também um fantasma ! Na escuridão, notava uma cortina mover-se. Talvez fosse a velha senhora detrás dela, assegurando-se que o hóspede não ousasse mexer em alguma coisa! Entre os móveis, os olhos brilhantes do Sweet, o gato da casa, também ele talvez desconfiado do estranho.

Pela manhã, a velha senhora esquentava uma caneca d'água para minha barba. Era um objeto histórico! Devia ter servido dezenas de outros pensionistas através dos tempos. Minha cama era altíssima, como de uso em alguns países da Europa; ficando o dormente mais perto do teto que do assoalho. E como era difícil sair de sob aquele grosso acolchoado de penas, fazendo as vezes de lençol e cobertor ao mesmo tempo. A casa, desprovida de um eficiente sistema de calefação, era uma perfeita geladeira. Água quente nas torneiras,somente aos sábados e das tantas às tantas.Alternativa para banhos era o"Public Bath" (Banho Público)onde contra o pagamento de "half-a-crown" (meia coroa), recebia-se um pedaço de sabonete e uma toalha. Os banhos públicos são ainda usados na Europa. Velha herança dos antigos Romanos, os quais os usavam como local de reunião. Nas ruínas de Pompéia e Herculanum,assim como em Roma, os podemos ver nos seus mínimos detalhes.

Como a Escócia daqueles anos parecia longe de tudo e de todos !

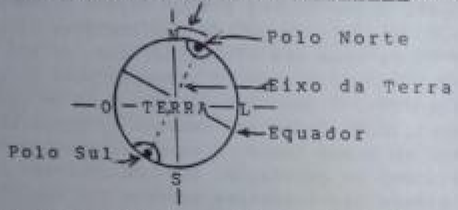
Nos dias de folga sentava-me numa confeitaria do primeiro andar de um velho edifício,localizado no pequeno centro de Dundee. Clara, uma exuberante garçonete trazia-me uma bandeja de ótimos doces e um bom pote de chá. Num canto, uma pequena orquestra exibia-se.

Ali ficava horas apreciando aquela concentração de gente vinda amparar-se do gélido vento que soprava no exterior. Logo consegui adaptar-me àquele sistema de vida.Tinha mais tempo para estudar a língua. Freqüentava a biblioteca local; fazia pequenas viagens para aprender algo da cultura do povo. Foi a Balmoral, Invercarse e Aberdeen, no norte do país; Arbroath, no centro;várias vezes

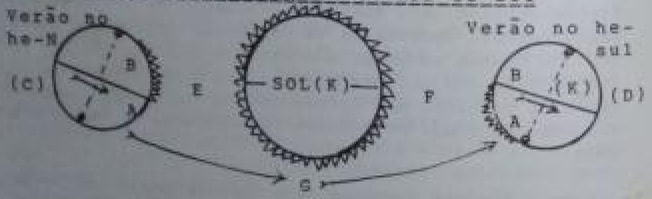
a Glasgow e Edinbourgh,no sul.

Durante grande parte do ano, o fraco sol de Dundee nunca desaparece completamente do horizonte(dia/noite).À semelhança que notamos, anos depois, no Alaska. Em Dundee e em outras cidades da Escócia,ele permanece no horizonte como uma "lua avermelhada". Mais ao norte do hemisfério, temos meses dia e meses noite, com intervalos que não são nem completamente dia nem completamente noite. Mas tudo isto não impede que a população durma durante a "noite" e esteja ativa durante o "dia" !

Permanente Inclinação do Eixo da Terra(23½ graus)



Circunvalação da Terra ao Redor do Sol



A = América do Sul
B = América do Norte
C = Posição aproximada da Terra em 3 julho.
D = Posição aproximada da Terra em 3 janeiro.
E = Distância da Terra ao Sol: aproximativamente 156 milhões de quilómetros.
F = Distância da Terra ao Sol: aproximativamente 151 milhões de quilómetros.
G = Velocidade da Terra ao redor do Sol: 32 quilómetros por segundo.
K = Diâmetro do Sol= 109 vezes aquele da Terra.

O Hotel Invercarse, de propriedade do homem alto e barbudo que havia conhecido em Londres,estava localizado numa colina que circundava o Loch Ness. Antiga residência de rica família do século passado; rodeada por esplêndidos jardins. O todo adaptado a hotel, mas a restauração era sua principal atividade. Um salão para danças havia sido construido como anexo ao edifício original, onde a boa sociedade da região reunia-se, e onde as boas festas de casamento eram feitas.

A cozinha, tipicamente francesa - e também servida à francesa -, era considerada uma das três melhores de toda a Escócia. O proprietário era um apaixonado da fina restauração.Tinha passado anos na França aprendendo a arte, com os melhores "chefs", e antes de voltar à Escócia, casara-se com uma francesa, também ela do ramo.

Imagino tenha sido um risco instalar um restaurante daquela categoria, numa região onde o povo é pouco sofisticado. Não habituado a certos refinamentos. Mas tinha sido um sucesso.

Em toda a região, a massa do povo era constituida de campesinos, criadores de carneiros, dos quais extraiam quase perfeita lã, usada em ótimas confecções,vendidas nas melhores casas da Europa.

Alguns dos habitantes da área, pertenciam a famílias tradicionais e ricas, com títulos nobiliários. Nelas havia "Lords" e "Commons", os quais representavam aquela parte da Escócia, respectivamente, na "House of Lords" e na "House of Commons", em Londres. Mesmo se os primeiros não tem poder político, ambas as "Houses"(casas)tem certa equivalência com o nosso Senado e Camara Federal dos Deputados.

"Lord", na Gran-Bretanha, é título usado desde a época feudal(Idade Média), e o seu antigo significado é "pessoa com grande poder". De fato, na língua inglesa corrente, a nossa palavra "Deus" pode ser traduzida por "Lord".

Nas sextas e sábados, as mesas do restaurante eram transferidas para a sala de bailes. Arranjadas com ricas toalhas, talheres e castiçais de prata, formando uma atmosfera clássica do século passado. O pessoal de serviço - nos seus fraques, sapatos lustrosos, camisas branca com abotoaduras dourada , e gravatas borboleta preta - era distribuido entre as mesas, numa "pose de altar". Esperando a chegada dos clientes.

O meu fraque, com relativa cauda... pois fraques naturalmente cauda têm ! , tinha sido comprado, usado, antes

de sair de Londres, de um velho e simpático Garçom chamado Tony Marconi. Também ele tinha um corpo grande e "desengonçado" como o meu. Caiu como feito sob medida !

As proprinas na Escócia são pouco generosas, pois conhecemos a reputação daquele povo ! Entre nós estrangeiros, contávamos anetodas sobre a tão comentada avarice local. Alguém lembrava da cerimônia de casamento de um rico escocês, o qual tinha insistido que fosse realizada no "chicken coop"(galinheiro)! para que as aves aproveitassem comer o arroz jogado nos noivos. Ou da senhora escocesa que havia criado caso com o carteiro, pois este, há dias, não trazia cartas endereçadas a ela. Avaros ? Os Avaros, povos que viveram às margens do Danúbio nos últimos séculos do primeiro milênio D.C., nada tinham a ver com avareza !

Uma minuta orquestra, com músicos usando também fraque; cada um com seu valente copo de "scotch" ao lado, mostrava habilidade na execução de velhas melodias. Naquelas festas noturnas, os clientes do sexo masculino, na sua maioria, usavam o "kilt". "Sainha" xadrez, onde a cor vermelha sobressai entre outras. Alguns deles, com vastas barrigas e peludos joelhos, eram objeto do nosso disfarçado sorriso. As senhoras, usavam longos vestidos e o melhor das joias. Algumas eram Ladies, título que podia ser adquirido independentemente, ou porque o marido era Lord . Ambos, Lords e Ladies, são títulos honoríficos conferidos diretamente pela Casa Real Inglesa.

•

Na cozinha, o pessoal era, como eu, estrangeiro. Exceção, um anão que media metro e dez, chamado Mister(Mr.) Tall(Sr. Alto !), o qual ocupava-se, juntamente com duas mulheres - também elas escocesas -, da lavagem do material. As máquinas de lavar louça, hoje empregadas nos restaurantes, não eram ainda em uso na Escócia.

Também os empregados da cozinha, os quais pertenciam a mais baixa "hierarquia" do ambiente(onde, como anteriormente lembrado, o povo é consciente das classes sociais) eram chamados de Mr., Mrs. ou Miss(senhor, senhora, senhorita). Chamar alguém pelo nome, sem as acima citadas prefações, não era e não é de uso na Gran-Bretanha. Oposto dos

norte-americanos, onde o uso dessas prefações pode ser interpretado ofensivamente.

Lugares nas mesas do salão-restaurante eram obtidos somente através de prévia reserva. A tradição, na Europa, é que os bons e refinados restaurantes aceitam somente clientes que tenham previamente reservado. Segundo essa tradição, somente restaurantes populares aceitam os chamados "passant"(aqueles que passam).

Um bar bem servido estava localizado na entrada do palacete. Era a principal fonte de renda do proprietário , pois os escoceses, como os demais britânicos, são "campeões" quando trata-se de ingerir uma enorme quantidade de bebidas alcoólicas. Lembro-me que nos vôos matutinos da British Airways, ao invés de oferecerem café ou chá , ofereciam bebidas alcoólicas(às 7 da manhã!). Este hábito pode ser notado também nos filmes ingleses ou americanos, quando o anfitrião logo oferece ao hóspede uma bebida alcoólica. E nestes presentes anos nos Estados Unidos, notamos outro fato que parece confirmar a grande atração que o "objeto copo" exerce sobre os Anglo-Saxões! Basta observar a saída matutina, de casa, da população , em geral. Em oito casos sobre dez, os vemos sair de casa com um copo(de plástico) na mão, contendo café... e com ele sobem no automóvel. Enfim, ter um copo na mão, parece ser uma tradição típica destes povos!

Segundo uma Lei de 1916, os "Pubs" podiam ser abertos ao público, em toda a Gran-Bretanha, das 11 às 14 e das 17 às 23. Tal Lei era intencionada a manter o povo afastado do álcool...pelo menos por algumas horas ! Quando aproximavam-se as horas que os "Pubs", por Lei , deviam cessar as atividades, os clientes que lá dentro estavam, passavam ordens para adicionais copos de bebidas. A Lei dizia que não era permitido "ordenar" depois daqueles horários, portanto tudo regular ! Alguns britânicos dizem que o constante mau tempo naquelas ilhas é a causa para tanto álcool. Mas os britânicos que conheci em países onde o clima era quente, não tinham hábitos diferentes ! Em 1976, depois de 60 anos, os horários dos "Pubs" na Escócia, foram ampliados : das 11 às 23, sem interrupção. O mesmo aconteceu na Inglaterra em 1988.

Era nesse tipo de cultura que eu, como descrito nas páginas deste capítulo, trabalhava na Escócia para ganhar o santo pão de cada dia. Meu "nome", "batizado" desde o primeiro dia, era "Mac" (ou Mc). Hélio ou Salvador eram para eles nomes impronunciáveis ! E "Mac" é nome muito

comum na Escócia: MacDonald, McForth, MacFord, McKenzie, McPherson e assim por diante. A sudoeste da Escócia, naquela ilha chamada Irlanda, outrora inteiramente parte da Gran-Bretanha, temos os O'Henry, O'Bryant, O'Connel. O'Hara, O'Toole.

Nas primeiras semanas, os dez ou doze companheiros de trabalho olhavam-me com curiosidade, examinando tudo como se eu fosse um objeto raro; talvez chegado de outro planeta. Mas eram simpáticos. Irritando-se, porém, quando eu insistia em saber qual peça do vestuário usavam sob o "kilt" ! Nunca tinham pessoalmente visto um brasileiro. Faziam absurdas perguntas. Tinha certeza que para alguns deles, o Brasil era somente uma terra de Índios e futebol. E os nossos bem-aventurados Governos - por mil razões que desconheço -, são super-campeões quando trata-se de NÃO mostrar o Brasil ao mundo, com as exceções do futebol, do samba, da praia de Copacabana, das mulatas semi-nuas e do carnaval.

Meus companheiros de trabalho nada conheciam - absolutamente nada -, da nossa terra. E isto, em si, nada tinha de extraordinário ! Igualmente, é possível que o leitor nada saiba de países como a Indonésia, Finlândia ou Belize. Uma exceção, porém: sabiam quem era Pelé. Tinha sido visto no campeonato do mundo de 1958, e os escoceses, como os ingleses - os últimos inventores do nosso futebol -, não são menos fanáticos deste esporte.

"Por que", perguntavam, "todos os brasileiros (jogadores de futebol) têm pele escura, ou são morenos, e você parece mais um escandinavo ?"

Um deles em particular, quem depois ficou amigo e com quem, sucessivamente, mantive correspondência durante anos, indagava "sobre as onças e os jacarés que existiam na América do Sul". Usando uma dose de sarcasmo, respondia "que de fato, durante a noite, onças e jacarés vinham fuçar as latas de lixo das nossas cidades...portanto, sair à rua era perigoso ".

Observavam-me com surpresa. "Será verdade ?"

Habituados ao "soft-humor" britânico e à ausência de malícia (que em nós latinos abunda !) , minha resposta os deixava embaraçados.

Devo aqui abrir um parentese para dizer que a reputação que nós, brasileiros, temos nos países desenvolvidos, criou em mim, nestes anos, um sério complexo. Contra ele continuo combatendo, mesmo se ultimamente consegui mode-

rar o sofrimento. A nossa reputação não é pior que aquela que têm, em todo mundo, árabes, indianos, negros de qualquer parte venham, latino-americanos em geral, com a possível exceção, entre os últimos, dos argentinos de extração Européia. Essa má reputação concentra-se num único problema : falta de seriedade. E nada podemos fazer além de procurar comportarmos com seriedade. Sobre o assunto, digo alguma coisa mais, num dos próximos capítulos.

Mas voltando a Dundee: o trabalho era pesado e a comida aos empregados racionada. Não por questão de economia, mesmo se os escoceses, juntamente com os ítalo-genoveses são taxados de avaros. Mas pelo fato que em toda a Gran-Bretanha, o comer não está no alto da escala das prioridades, mas o álcool sim !

Não completamente abstêmio, mas nem grande admirador das bebidas alcoólicas, a comida para mim vinha em primeiro lugar. À noite, ficava depois do horário, ajudando os afazeres da grande cozinha. Seu "chef" - um velho holandês cuja respeitável barriga não escondia preferências -, tendo encontrado outro(raro)"bom garfo", preparava, com sua prática de 40 anos de "forno e fogão", deliciosos pratos. Ficávamos os dois, um frente ao outro, sentados ao lado da rústica mesa da cozinha, saboreando pratos que para os escoceses nada significavam.

Quando o relógio de uma vizinha torre, dos tempos de Oliver Cromwell(1599-1658) tocava as duas da manhã, ele aviava-se ao seu quarto, na traseira do hotel; eu, depois de enfiar botas, capote, echarpe e boné, tomava o caminho de "casa". No trajeto, entre o hotel e a casa onde morava - cerca de meio quilômetro -, ia pisando a neve nas ruas estreitas e mal iluminadas, onde somente algum gato retardatário podia ser visto. Procurando mentalmente fazer um balanço do dia. Das lições que havia aprendido ; pois o homem só as cessa de aprender dez segundos antes de morrer...ou talvez menos !

No caminho, onde as já fracas luzes da rua pareciam ainda mais fracas, estava a ex-mansão de Sir Basil Roderick, no passado uma luxuosa residência. Com a morte do seu último parente, em 1955, ela tinha sido fechada. Como o governo local não tinha fundos para dar um destino àquela propriedade - a qual incluia suntuosos jardins -, tudo tinha sido abandonado, sem que ninguém ousasse fazer atos de vandalismo.

Os antigos povos Vândalos, habitavam territórios que hoje fazem parte do norte da Alemanha. Durante o século V

D.C., devastaram aquilo que é hoje parte da França e Espanha, chegando também em Roma,onde completaram a "tarefa" no já semi-decadente Império do Ocidente.As modernas enciclopedias definem "vândalos aqueles que por malícia ou ignorância, destroem os trabalhos artísticos ou propriedades públicas e privadas". E os mini-vândalos,categoria infelizmente sempre presente, são aqueles que jogam papeis nas ruas e praças; aqueles que escrevem nas paredes, muros e meios públicos de locomoção(como aconteceu durante a década dos '60 em New York, onde não havia vagão do metrô sem escritas e desenhos); aqueles que quebram bancos de jardins e cabinas telefônicas, como é sempre de uso no sul da Itália e em tantos outros países,onde o vandalismo faz parte da cultura da massa. É uma categoria deplorável. Não digo aquilo que penso dela, pois decidi que nestas "Notas" o uso de obcenidades deve ser evitado !

Também um pequeno cemitério fazia parte dos jardins da ex-mansão, guardando restos daqueles que no passado a tinham habitada. Túmulos datados a partir do início dos anos 1600, com suas perfeitas inscrições na pedra, podiam ser vistos e lidos por quem pela rua passasse. Em toda a Gran-Bretanha ter o próprio pequeno cemitério no recinto da própria propriedade, foi uma tradição que perde-se no passado.São vistos também ao lado das Igrejas e Templos, ou nos jardins públicos, outrora privados.Ou no meio dos prados, abandonados; tantas vezes semi-cobertos pela vegetação. Tradição também trazida para os USA pelos Anglo Saxões; temos um em New York, na Wall Street !

O cemitério como o conhecemos,por exemplo, no Brasil , na Itália,na Espanha,onde os túmulos são concentrados em determinadas e apropriadas áreas,é inovação que em certas partes da Europa teve início no século passado.

A citada mansão gozava da fama que nela "viviam fantasmas de homens e mulheres que no passado a tinham habitada". Ingleses e Escoceses sempre tiveram atração por fantasmas! principalmente em pequenos centros como era Dundee,onde talvez fosse o único assunto que poderia servir às conversações nas noites frias e lúgubres.

Não é sem motivo que estes povos fizeram e fazem tantos filmes sobre o assunto !

Quando passava em frente da ex-mansão de Sir Basil Roderick, às 2 ou 3 da manhã, ela estava semi-escondida pela neblina e pela escuridão da noite. Penso que os fan-

tasmas já tinham-se recolhido, pois tudo que via era uma ou outra coruja esvoaçando entre túmulos e árvores !

•

Um quarto bastante confortável, com banheiro anexo,foi minha segunda moradia na Escócia. Os donos da casa (marido, mulher e dois filhos adolescentes), todos muito gentís mas estreitos observadores da "privacy" - como é de uso naquelas terras -, convidavam-me, vez ou outra,para o tradicional "chá das cinco", o qual, para todos os efeitos, para os britânicos, é o nosso jantar.

Com o chá eram servidos sanduíches, pedaços de torta , biscoitos e havia também um cálice de scotch para rematar. O convite para o chá era para as terça-feiras, dia da semana quando a família recebia visitas. Isto também era de rigor. Cada família da burguesia recebia num determinado dia da semana, e das tantas às tantas. Apresentar-se para um visita fora do dia e fora do horário, era falta de tato e pior, de educação. Corria o risco de não ser recebido.

Também para os "cocktails" ou recepções em geral,e não somente na Europa, mas também nos USA, um horário para o início e fim, é sempre previamente estabelecido. Encerrado este, os anfitriões fazem o necessário, através de sutilezas e iniqüívocáveis atitudes,para avisar que a re-

união teve fim. E isto não acontece somente entre as chamadas classes altas.

Quanto diferente dos informalismos de tantos países ! Lembro-me da festa noturna onde conheci a Diva, em julho de 1950. Continuávamos a dançar enquanto alguns membros da família já exibiam-se em pijama pela casa !

Mas voltando a Dundee: calhava que um casal de idade avançada, amigo da família, fizesse parte da mesa. Na primeira vez, que descendo do meu quarto, notei a presença do mesmo, não houve troca de cumprimentos até que as devidas apresentações foram feitas. Apresentar uma pessoa em toda a Gran-Bretanha, é ato sério. Segundo as tradições, quem apresenta faz-se responsável diante dos apresentados. Formalismos praticamente desconhecidos nos países do mundo novo e em muitas partes da Europa também.

Sentávamos ao redor de uma mesa preparada com gosto e sem luxo. Como hóspede, a mim cabia ajudar o movimento da cadeira na qual a dona da casa sentava-se. Ela aceitava a gentileza com graça e a cortesia de algumas palavras.

Na verdade, à parte aqueles formalismos, eu faria as vezes de "embaixador" de um país que a eles era praticamente desconhecido. Era na minha pessoa, no meu comportamento, que eles viam o Brasil. Não haviam outros meios, além dos livros, que em geral, tratavam somente das coisas anteriormente citadas.

> "...o senhor...vindo de terras quentes, deve estranhar o vento e o frio destas paragens?!", perguntava o dono da casa, no seu estilo compassado, apertando os "erres", como o sotaque dos escoceses exige.

> "...é verdade...mas o clima da Europa já não me é estranho...e dou-me melhor com o frio", respondia, procurando as palavras no meu inglês ainda primitivo.

O chá era servido.

Mesmo naquele ambiente familiar, paletó e gravata eram "musts". Nenhuma pergunta que pudesse chegar ao limite de questões pessoais era feita. Tudo ficava em generalidades, mas eu podia ler nos olhos do jovem casal de filhos, a ânsia de saber " o quê aquele homem, vindo de tão longe, estivesse realmente fazendo naquela pequena cidade da

Escócia!

Nos países novos, onde a migração é constante, como são Brasil, USA, Canadá, Austrália e outros, ter contato com estrangeiros é fato comum. Não acontece o mesmo em certas regiões da Europa.

Antecipando a curiosidade do jovem casal de filhos, eu contava algumas das minhas façanhas.

Quando finalmente deixei o trabalho em Dundee e a casa onde morava, para voltar à Inglaterra(Liverpool), e daí iniciar uma nova "campanha"; aquela que me levaria, temporariamente, ao norte do Brasil e Peru, sabia que alguns tinham também aprendido das minhas experiências.

Durante os sucessivos anos, mantive contatos. Em seguida, devido às contínuas mudanças de endereço e interesses, as notícias cessaram.

E assim foi com tanta gente que encontrei nestes trinta e cinco anos; bons, cruéis, simpáticos, pernósticos, avaros, pedantes, ambiciosos, generosos, cordiais, cretinos, falsos, inteligentes, irracíveis, mesquinhos, egoístas e honestos. De todos procurando aprender alguma coisa. Procurando em cada indivíduo aquilo que havia de bom e positivo.

Muitos anos depois, voltei a Dundee para uma visita. Desta vez com Diva. Desta vez sentado numa das mesas do mesmo restaurante. E desta vez servido pelos ex-companheiros, os quais havia servido no passado. Todos contentes de rever o brasileiro das onças e dos jacarés !

Vizinhanças de Dundee, Escócia

XIX

Procurando o reconhecimento dos grandes países e de se
us nacionais,os pequenos(mesmo se grandes em território)
e seus nacionais, esperam fazer-se grandes em prestígio.
Fora das suas fronteiras, por exemplo,basta dar-se cor
rida d'olhos às listas telefônicas para a confirmação
deste fato.

"República Popular de Mukambebe",telefones...", ocupan
do um espaço na lista que custa muito,deixando aquele o-
cupado por países como França, Alemanha, Inglaterra, Es-
tados Unidos e outros, quase invisível ! Seguem três ou
mais números, os quais, na verdade, são de aparelhos lo-
calizados no exíguo espaço que o Consulado ou Embaixada
da "República Popular de Mukambebe" ocupa. Para os paí-
ses realmente importantes, um número basta ! Mas para
países como a "República Popular de Mukambebe" - hipote
ticamente perdida em alguma região da Ásia, África ou A-
mérica Latina -,ter diversos telefones faz parte do "es
tratagema do prestígio" !

Na mesma ordem de idéias,enquanto muitos dos países do
"primeiro mundo" não exigem "Visto" para turismo, este é
sempre exigido por aqueles do "terceiro" e "quarto",como
se lá fôssemos para levar dele, parte da corrupção,da mi
séria ou da desorganização.

*

Tumbaka Chenokê é funcionário de um dos Consulados, na
Europa,da "República Popular de Mukambebe". Tem mais tí-
tulos que um membro da família Real inglesa.Diz conhecer
diversas línguas e ser professor emérito da Universidade
do seu país. Explica que a exigência do "Visto" para tu-
rismo, é ligada ao fato que seu Consulado deve pagar alu
guel, salários e despesas, e que fundos do seu Ministé -
rio do Exterior,nunca chegam em tempo...às vezes,nunca..
dependendo sempre da"política interna",ou do último"rei"
"ditador" ou "presidente",que tomou as rédeas do poder ,
depois do mais recente golpe.

Além da receita dos "vistos", há naturalmente também a
questão do prestígio. Isto é, ver o "carimbo da pátria"
no passaporte do estrangeiro. E com a devolução deste ,
depois de alguns dias! (pois como internacionalmente sa-
bido, o funcionário público, não importa onde neste mun-
do, parece sofrer de um agudo problema de inércia e inép
cia,desde os tempos de Praximedes... felizmente somente
minoria deles), no qual um floreado carimbo foi aposto,
vem a recomendação para o uso da "linha aérea nacional"-
a AirMukambebe - a qual, segundo Tumbaka Chenokê,oferece
serviço de primeira ordem(!).

Na verdade, seus aviões - um sucessivamente a outro ,
pois há sempre um só em serviço! -, são aqueles já des -
cartados em outros países, por outras companhias, pois
considerados antiquados ou inseguros...ou as duas coisas
juntas. Das poltronas apertadas, ao cinzeiro que não a-
bre-se;da luz que funciona sim e não,às bolsas em frente
das poltronas,sujas, mostrando sinal de longo uso; das
toaletes que nunca foram perfeitamente limpas, às aeromo
ças que deixam, ao passar pelo corredor, a "fragrância"
de um suor "histórico".

*

Chega-se finalmente ao aeroporto de Chunkaribe, capi -
tal da "República Popular de Mukambebe". O primeiro con-
tato é com os policiais controlando passaportes; apondo
o carimbo de entrada e indagando "o motivo da visita",ou
outras perguntas, que sob aquelas circunstâncias,não fa-
zem algum senso. Passada essa primeira "peneira" vai-se
à procura da bagagem, na esperança que não tenha sida de
sembarcada,por engano,na escala anterior.

O "salão" das bagagens é o "retrato" da confusão. Mas
não é o único "retrato". Lá está, na parede, aquele gran
de do presidente Pikatuba, salvador da patria, protetor
dos pobres e pai da independência. Várias são as poses
do "grande estadista".Dezenas são as medalhas no seu pei
to,como se ele e a "República Popular de Mukambebe"tives
sem participado, juntamente com Banaparte, da batalha de
Austerlitz! Medalhas fabricadas na Europa, especialmente
para o presidente. Na verdade, à parte os freqüentes gol
pes, nunca houve lá uma guerra. Felizmente.

O pessoal da alfândega pede que a bagagem seja aberta.

e com mãos geralmente pouco limpas, mexe e remexe tudo,à
procura de alguma coisa que nem sabe o que é. No "pro-
cesso",põe de lado um dos maços de cigarros e uma cane-
ta "biro",vistos dentro da mala. Indicando que há um ma-
ço de cigarros a mais e uma caneta "biro" a mais, que o
permitido(!). E antes que o passageiro mostre surpresa e
indignação , o alfandegueiro enfia tudo precipitadamente
no próprio bolso.

Na saída do salão das bagagens, o turista é virtualmen
te atacado pelos carregadores - grande parte deles cri-
anças -,que se disputam o direito de carregá-las ao tá-
xi modelo 1948; pintado em diversas cores,com a mala tra
zeira amarrada com barbante. Com o taxímetro que natural
mente não funciona, e com o chofer que não conhece(!) o
único e mais importante hotel da cidade.
No trajeto,correndo a 100 quilómetros por hora, evitan
do poças e buracos, com uma só mão no volante, o bom ho-
mem oferece-se para os serviços de táxi que o turista po
derá precisar no futuro. Dá também seu cartão de visi -
ta e com este, a publicidade dos locais onde o visitante
poderá encontrar, nas horas noturnas, "divertimento" a
baixo custo(e a alto risco!). Ou, se prefere,"serviços a
domicílio".

•

O hotel é de construção relativamente recente,mas como
sempre acontece nestes países,as últimas caixas com o ma
terial de ornamentação(manilhas,lampadários,peças de ba-
nheiro) não chegaram em tempo da Europa, ou dos USA. Ou
não há técnico para instalar, portanto é jogado no terre
no baldio vizinho, na esperança, que no futuro,o "proble
ma seja resolvido"(!).
Se o aparelho de TV no nosso quarto não funciona, pois
as antenas que trazem som e imagens do vizinho Kapananga
caíram com a ventania; ou se a torneira da pia não abre-
se; ou a janela não fecha-se, chamamos o "reparador ge -
ral"do hotel, o qual de tudo um pouco entende. O traba-
lho deste é geralmente acompanhado das "históricas des -
culpas", feitas sob medida - no que eles são maestros!
pois há sempre uma razão, absurda que seja, para justifi
car cada deficiência. Finalmente, o homem põe-se em pé ,
com as ferramentas na mão...imóvel... até que o cliente

resolva dar a gorjeta, mesmo se este espera que para tal
serviço ela não é devida. Se é negada, a próxima chama-
da será sempre esquecida !

No restaurante do hotel,que é o único"comível"no país,
é preciso, antes de tudo, gratificar o "maitre", e suces
sivamente o garçom. Uma vez cumpridas estas "obrigações"
pode-se esperar um tratamento relativamente decente. Com
este, vem o "bilhetinho" sorrateiramente escorregado sob
os talheres ou copo, dizendo: "Se você deseja companhia,
telefone ao número...".

À noite, quando as ruas da cidade de Chunkaribe estão
desertas e é perigoso aventurar-se sem escorta, a "alta"
da "República Popular de Mukambebe" reune-se nos salões
do hotel. Visita "obrigatória" para pôr-se à vista ! Mi-
nistros dos 46 Ministérios , acompanhados das relativas
consortes e amantes, fazem "precisações" sobre a políti-
ca internacional(!). Comentam a última viagem feita à Eu
ropa ou USA (onde, pensamos nós estrangeiros...por expe-
riência, foram deixar o produto dos famosos processos de
enriquecimento...antes que percam o posto...ou antes do
próximo golpe de Estado !).

Se o visitante tem a má sorte de, improvisamente, pre-
cisar recorrer à assistência de um médico ou dentista,re
cebe imediatamente a melhor das recomendações de algum
membro da citada "classe alta":

"...excelente é o Dr.Xitombu ! pode ir tranqüilo
que você receberá o melhor dos tratamentos !"

A realidade mostra-se diferente ! Na porta do"médico"
ou do "dentista", lemos a placa: "Dr.Batu Xitombu, espe-
cialista em Moléstias Venéreas".
Lembro-me de um "dentista" que precisei consultar num
dos países do Mar das Caraíbas. Estava localizado no pri
meiro andar de um decadente edifício. Subir a escada que
levava a ele, era já um sério desafio! Os degraus,do pri
meiro ao último, tinham sido "batizados" pelo catarro e
sangue dos clientes que me haviam precedido. Deixo à ima
ginação do leitor o "grau higiênico" que imperava dentro
do consultório ! Apavorante.
Noutra ocasião, num outro país, cujo nome também evito
citar, o médico local, atendendo a pobre e ignorante po-
pulação, havia instituído uma "praxe" singular : dava a

mesma receita, reproduzida num velho "estencil",a todos. Assim, segundo o médico," ninguém podia reclamar de ter sido menos ou mais atendido". Paradoxalmente, talvez devido ao efeito da sugestão, todos voltavam na semana seguinte dizendo "sentir-se melhor" (!).

Mas voltando por um momento às precedentemente citadas visitas à Europa, ou USA,por aquela pletora de Ministros da "República Popular de Mukambebe". Lembro-me de um fato cômico que Diva e eu sempre comentamos, e que é representativo da mentalidade de certos povos.

Diva conta que uma vez,sentada num "salão de cabeleleiro", em Tunis, no norte da África, ouviu uma cliente tunisiana comentar, que tinha recentemente ido pela primeira vez à Europa, exatamente à Alemanha. Tal cliente,respondendo então à pergunta"se tinha gostado da Alemanha", saiu com o seguinte disparate; dito num tom sério,sem malícia ou ironia: "...gostei muito ! Imagine que lá encontra-se tudo..como se estivéssemos aqui na Tunísia"(!) Pensar que na Tunísia às vezes não encontrava-se papel higiênico,ou pasta de dente, pois o navio(da Europa) não tinha chegado !

Mas o exemplo de povos de países como este norte-africano, é somente um exemplo,pois existem muitos, que por patriotismo ou ignorância, ou pelas duas coisas juntas, são incapazes de reconhecer e aceitar o fato que vivem ainda no "terceiro mundo".

Outra célebre característica de povos de países como a "República Popular de Mukambebe", é a facilidade - como dizemos na gíria -, "de passar a bola a outros".Nas firmas e na administração pública, é tal a quantidade de Diretores, Vice-Diretores,Sub-Diretores, Assistentes de Diretores, que é difícil chegar àquele que finalmente deve fazer um trabalho, ou tomar uma decisão...e se finalmente a ele chegamos,descobrimos que está em férias !

Uma empresa estrangeira sabe de antemão, que na "República Popular de Mukambebe", nada pode ser obtido sem o tradicional"envelope",o qual deve ser necessariamente dado "cum grano salis"(Latim para "com precaução").

Isto, apesar da publicidade feita para atrair investimentos do estrangeiro, e para a relativa criação de luga

res para a faminta população.

O "envelope" deve ser naturalmente enchido de bilhetes de moeda convertível. A moeda local,sujeita à alta inflação e valendo zero no exterior, naturalmente não é aceita! O primeiro a recebê-lo é o intermediário;aquele personagem que conhece o Assistente do Assistente do Vice - Ministro. Em seguida - subindo a escala do poder -,outros envelopes devem ser distribuidos,até chegarmos àquele que finalmente, pode decidir de aceitar(!)um investimento no país... como se fosse um favor!

E uma vez organizada a empresa local, depois de mil peripécias...e cem envelopes, é o "chefe do pessoal" da empresa(personagem local e "chave"nestes países),que recebe "envelopes" dos candidatos e embolsa,ele mesmo, o conteúdo... caso contrário, não há emprego!

Ao pseudo-turista, que na verdade veio sondar as possibilidades de investir na "República Popular de Mukambebe", chega o momento de voltar à Europa ou USA, e levar consigo uma "imagem" de como mover-se, se e quando um investimento será feito.

No Aeroporto de Chunkaribe, nota com surpresa, que as fotos do homem forte do regime foram substituidas. Vem a saber que entretempo, o Presidente Pikatuba,enquanto viajando do exterior, foi destituido no vigésimo "golpe de Estado", e o novo "salvador da pátria", é agora Takarema Chibaré; general de grande prestígio; condecorado com 61 medalhas e pronto a eliminar(!) a corrupção, assim como a miséria do povo(!).

O avião da AirMukambebe, o mesmo e único da linha, levará o visitante de volta ao país de origem. No exterior do Aeroporto, ele lê ainda uma vez os grandes cartazes:

> "Benvindos à República Popular do Mukambebe. Presidente...(alguém não teve ainda tempo de inserir o novo nome).

São muitos neste mundo os países como a hipotética "República Popular de Mukambebe"!

Bem mais que um inexperiente viajante possa imaginar.

XX

Eu devia ainda usar fraldas quando comecei a ourvir falar da Itália...como um som que chega ao ouvido, sem que o possamos distinguir ou compreender. Uma "coisa" chamada Itália,foi desde então penetrando na minha tenra mente.

O que seria "Itália" ? Onde estaria aquela "coisa"chamada "Itália", da qual tanto ouvia falar ?

Posso ainda reconstruir na memória, depois de bem mais de meio século, o rosto, a voz e a personalidade daquela criatura de cabelos brancos,miúda de estatura,rápida nos movimentos, que foi minha avó materna.

Giulia Cacciari-Bortesi, classe 1863, devia ser uma maestra na arte da "propaganda"! Mas nela não havia malícia ou ma fé; ou intento de contar coisas, que para ela, não fossem o retrato da verdade. Como aquela verdade que vemos nos postais e documentários;tudo feito com o explícito propósito de exaltar a beleza das fontes, das praças, dos castelos, das ruínas, das cidades, dos panoramas, e talvez, também, as virtudes de um povo. A mesma verdade que vemos e sentimos quando pessoalmente presentes àqueles sítios, ou em direto contato com o povo, mas já menos colorida, nem sempre sob os melhores angulos : freqüentemente menos limpa, ou menos pura. E sempre menos romântica que os postais, documentários e contos deixam na nossa memória.

Mas quem não gosta de exaltar o nosso próprio país ou a nossa própria terra ! Eventualmente exagerando virtudes e suavizando defeitos !?

•

Giulia Cacciari-Bortesi(1863-1949) foi a sexta de oito filhos de uma família da cidade de Bologna,situada na Região(Estado) chamada Emilia-Romagna, no centro-norte da Itália. Era uma família onde a extrema pobreza, a fome, a ausência das escolas e a prematura morte dos filhos, eram tão comuns como as flores na primavera.

Giulia havia imigrado para o Brasil em fevereiro de 1898, quando tinha 35 anos incompletos, chegando em Santos, dia de S.José - 19 de Março.Ela contava o impacto que nela teve, assim como nos demais viajantes,de ver pela primeira vez, homens de cor. Nos precedentes dez anos, na sua cidade natal, a má sorte, a miséria, o frio, a promiscuidade, a falta de elementares regras higiênicas, as doenças contagiosas e o atraso da medicina de então, tinham levado do seu pequeno mundo, o primeiro marido(Amedeu Capelli), e os sete filhos do casal.

Tais catástrofes eram então comuns nas famílias de poucos recursos. Um casal dava-se por feliz se de uma dúzia de filhos, meia atingisse a maioridade. Mesmo se menos comum, essa elevada mortalidade infantil ocorria também em famílias onde recursos não faltavam. Morrer prematuramente era um acontecimento nem excepcional, nem terrível, mas simplesmente parte do inevitável destino que cada um devia esperar: para si e para outros. Não importando quanto querida fosse a vida daqueles que desapareciam. Normal era a pergunta nas conversas entre familiares ou amigos : "... quantos dos filhos sobreviveram ?".

Na metade do século XIX,a idade média do homem europeu era 40/45 anos. Num passado mais remoto - século XVI - por exemplo,a História nos conta que Henrique VIII da Inglaterra, falecido com 56 anos, "tinha vivido longuíssimos anos".

Giulia havia sobrevivido ao extermínio da sua família, através daqueles mistérios vitais,difíceis de serem explicados. O seu físico devia ser uma pequena fortaleza.

•

Nos primeiros anos da minha infância,passado o período pré-cônscio - quando as peças daquele grande e misterioso mosaico da vida começam a encontrar lugar na mente -, aquela "coisa" chamada Itália passou a ter um certo significado. Era um país como o Brasil. Muito longe, porém. Do outro lado dos grandes mares. Distante como poderia estar aquela "bola prateada" que via,à noite, em algum lugar do céu.

Chegaram depois os primeiros anos de escola, e com eles, de ouvinte passivo de Giulia, ao tempo das interrogações. Como fazem todas as crianças na chamada "idade das curiosidades".

Coisas e fatos das cidades de Bologna, Venezia, Parma, Réggio Emilia, Mântova, Stresa, Milão e outras, eram assuntos que em Giulia não encontravam avareza de palavras. Estas cidades ela havia visitado, indo de um lugar a outro através das modestas carruagens puxadas a cavalo,que na época eram o meio normal e barato de transporte. Mudando cavalos em cada "estação de posta",as quais funcionavam também como locandas e "punto di pasto". As refeições, sempre incluidas no preço da "parada",eram constituidas de prato-único("minestra"=sopa),pão e vinho.A carne que boiava na primeira,podia ser de suspeita proveniência ! Na Europa, alimento "de luxo" até nossos dias. Doce, como sobremesa, ainda hoje também um luxo em países onde a cana de açucar é inexistente,era raríssimo na mesa dos pobres(o açucar na Europa é extraido da beterraba). Frutas podiam rematar então as refeições, pois eram e são relativamente baratas na Itália, mas caríssimas na Europa central e setentrional (Suíça, Alemanha, norte da França, Bélgica, Holanda, Escandinavia).

Como exemplo da "comodidade" e da "higiene" que algumas daquelas "estações de posta"ofereciam aos viajantes, temos testemunhas deixadas escritas em diários. Muitas ! Bem mais que o leitor possa imaginar e ainda disponíveis nos museus, bibliotecas e Arquivos de Estado da Europa.

Attilio Brilli, no seu livro "Viagens pela Itália nos Séculos XVIII e XIX", transcreve uma anotação feita no diário de um desconhecido viajante daqueles tempos:

> "...a falta de higiene é nota característica das "estações de posta" à baixo custo. Na Locanda chamada "La Rosa", nas proximidades de Rovereto, pergunto ao empregado "onde está a latrina".Este responde "no quintal". E quando pergunto " em que lugar do quintal ?",este responde:"...onde você preferir !".

Não era raro que viajantes daqueles séculos carregassem a própria cama desmontável, lençóis, travesseiros e consideravel estoque de pedrinhas de cânfora,para afugentar pulgas e percevejos. Insetos praticamente desaparecidos na Europa dos nossos dias.

Visitando hoje Palácios e Castelos da Europa, presentemente com função de museu mas outrora habitados, podemos ver uma imensa quantidade de ricos móveis e ricas decorações, assim como uma infinidade de cômodos destinados às mais variadas funções. Mas banheiros,como os conhecemos, não os vemos ! Eram inexistentes no passado. E nos raríssimos casos onde existiam, eram escondidos detrás de paredes móveis, ou similares artifícios, pois considerados vergonhosos e obscenos ! Este é outro exemplo , se preciso fosse, dos "extremos" dos séculos passados e da antiguidade em geral: extremamente ricos-extremamente pobres ; banheiros escondidos-banheiros "em qualquer lugar do quintal"; exímios homens de letras-gerações sobre gerações de analfabetos ; homens com absoluto poder-homens sem nenhum. Na essência, é fácil de tudo isto depreender a inexistência da classe mais famosa(!) dos nossos dias: "a classe média".

Bacias, tinas e os chamados "vasos-noturnos" eram praxe, memo se, no caso daquelas luxuosas moradias, fossem revestidos de ouro e prata. Mas sempre bacias, tinas e "vasos-noturnos" eram ! Cabia então à numerosa criadagem – super-abundante e barata –,a retirada dos detritos e relativo transporte às fossas, geralmente localizadas nas imediações de Palácios e Castelos. No tempo de Henrique III (1207-1272), rei da Inglaterra, os cortesãos eram considerados efeminados devido ao fato de usarem garfo e "dentifrício" !

Mas não é preciso ir tão longe no tempo, para conhecer a carência de certas comodidades higiênicas que hoje, em certos países – ou em certas áreas de certos países – são consideradas como "direito adquirido". Dou um exemplo entre muitos que poderiam ser dados.

Na Inglaterra de hoje,assim como em diversas outras áreas da Europa,encontramos casas de famílias que não dispõem de um banheiro,como o conhecemos, por exemplo, na casa de famílias da média burguesia no Brasil. A higiene é feita dentro de um cômodo – preferivelmente no próprio –, usando uma toalha molhada, a qual é passada pelo corpo.

Para a eliminação dos detritos, é usado um cubículo na parte externa da casa, requerendo, no inverno, o vestir de um capote. Geralmente velho; vulgarmente chamado "the toilet's coat"(na Inglaterra);"le manteau à toilette"(na França) ; "il cappòtto da scárica"(na Itália).

O banho de corpo-inteiro é ainda um ato extraordinário em muitas famílias Européias. Tinas e bacias são comuns para esse fim, assim como os chamados "banhos públicos", a pagamento, visitados um par de vezes por mês.

O leitor não deve, porém, chegar a conclusões apressadas ! pensando seja uma praxe generalizada. Não obstante, muitas dessas situações existem na Europa.

Estendendo ulteriormente o assunto, lembro-me dos hotéis de "quarta categoria" que freqüentei na França no fim dos anos '50... pois os mais "basilares princípios de economia" assim ditavam !

Como regra corrente e geral na Europa, o local onde pode-se tomar um banho(banheira/chuveiro) é separado do W.C. Dois cubículos à parte. Isto vale para hotéis e residências. O local para o banho (dentro da banheira,pois o chuveiro não existia nos acima citados modestos hotéis), estava localizado no último andar do edifício. Fechado naturalmente a chave pelo porteiro ! Quando um cliente, o qual normalmente usava a pia do quarto para sua higiene diária, decidisse que precisava de um banho de corpo inteiro, ele dirigia-se ao porteiro. Este mantinha um caderno-marca-horas e verificava os horários disponíveis:

> "...vamos ver se é possível hoje",dizia ele com ar de quem podia conceder o privilégio de mostrar a múmia de Tutankhamen. "...às quatro está prenotada Madame Dubois; às quatro e meia,Monsieur Didon ...posso prenotar o senhor para às 5...".

Se o cliente aceitava aquele horário, o porteiro continuava:

> "...são 200 Francos com direito ao uso de uma toalha... ou 150 sem ela...".

Detrás do seu pequeno balcão, ele então gritava à arrumadeira que vagava pelas escadas:

> "...o senhor tal prenotou o banheiro para as 5...".

Se no átrio daqueles pequenos hotéis estivessem outros hóspedes - onde sentavam-se para ler jornais -,estes olhavam discretamente o "novo candidato ao banho". E talvez pensassem: "...o que terá acontecido ? ...estará doente ?... tomar banho ? ...hummmm". Na melhor das hipóteses,com o grito do porteiro à arrumadeira,o "mundo" ficava sabendo que o pobre homem, às 5 da tarde,tomaria um banho !

Para o leitor brasileiro destas"Notas"e para tantos ou-

tros povos de países tropicais, que nascem e morrem sem jamais por pés fora deles, e cujo hábito de"entrar sob o chuveiro" é coisa absolutamente normal e diária, aquilo que venho de relatar parecerá cômico ! Devemos, porém, ter presente dois fatos: primeiro, o clima frio da Europa teve e tem uma relação com os hábitos higiênicos locais. Eventualmente difíceis de serem aceitos e compreendidos em regiões onde o clima é prevalentemente quente. Posso garantir por experiência, que sob temperaturas baixas (10 - 20 graus abaixo de zero), temos menor atração pelo chuveiro, ou pela freqüência que é usado nos países tropicais. O segundo fato é óbvio: uma pessoa limpa,pode sempre arranjar-se sem um banho de corpo inteiro (na maneira que conhecemos no Brasil).

*

Mas voltando às viagens da antiguidade, um dos mais espetaculares "tipos de viagens" foram naturalmente as Cruzadas. A primeira delas organizada por volta de 1095 por Papa Urbano II. Por quase dois séculos, enormes massas humanas viajaram da Europa à Palestina - território que hoje inclue Israel -, para liberar a Terra Santa dos Muçulmanos. Inteiras aldeias, em muitas áreas da Europa, fechavam suas portas, e às vezes queimando tudo, punham-se em marcha, em direção de Jerusalem.

Um antigo"cronista"daqueles tempos deixou escritos que podem ainda ser vistos e lidos. Incrível é a quantidade de documentos que nos foram transmitidos da Antiguidade. Tantíssimos deles perdidos por séculos em Bibliotecas e Arquivos de Estado, eventualmente "descobertos" de tanto em tanto.

O nome daquele"cronista"era Gilbert Nolent. O ano era 1097. Diz Nolent:

> "...nada mais comovente que ver estes pobres diabos que põem ferradura nos bois,que os amarram às suas pobres carretas, sobre as quais arranjam as miseráveis bagagens, assim como os filhos menores ....e vão na direção de Jerusalem..."

Aquelas massas humanas, levando com elas toda a pobreza e ignorância do mundo de então, cada vez que viam uma aldeia no trajeto, pensavam ter chegado a Jerusalem. Al-

guns participantes daqueles miseráveis exércitos improvi
sados,nutridos somente de um elementar misticismo,degene
ravam em bandos de aventureiros ou terroristas. Ou ban -
dos de mendigos. Somente a roupa que vestiam;uma espécie
de camisola feita com pano grosso e áspero - que hoje
chamaríamos "pano de saco" -, com uma grande cruz borda-
da no peito e nas costas, indicava que eram ex-Cruzados.

O trajeto para atingir a Terra Santa, da Europa, varia
va segundo o ponto de partida, ou segundo as épocas.A ma
ioria daqueles "viajantes" preferia chegar, via terra ,
até as imediações de Constantinopolis(hoje Istambul) .
Em 1204, eles saquearam a basílica de Hágia Sophia, rou-
bando ouro, prata, castiçais e tudo mais que tivesse al-
gum valor comercial.

Em seguida, atravessando o Bósforo,e ainda uma vez via
terra, chegavam em Jerusalem ou nas suas proximidades.As
sim era a "via crucis" dos Cruzados pobres.

Os grupos de Cruzados com maior recurso,prestígio e po
der, como foram por exemplo aqueles liderados por Felipe
Augusto, rei de França, ou Ricardo Coração de Leão, rei
da Inglaterra; ou Frederico Barbarossa, Imperador do Sa-
cro Romano Império, viajavam via marítima.Eram os únicos
que chegavam à Terra Santa intatos, ou quase. Alguns da
queles potentes, assim como outros que das Cortes faziam
parte, eram acompanhados das respectivas e numerosas a
mantes, como era de moda e "aceito" na época. Não muito
diferente de certos "managers" dos nossos dias, os quais
carregam a secretária nas "viagens de negócio" !

O objetivo das Cruzadas - dos pobres e ignorantes que
faziam o longo trajeto a pé; e dos ricos e potentes que
usavam o conforto dos navios -, era de liberar Jerusa -
lem do Islamismo,cujos Emirs consideravam "terra deles".
Entre os últimos, o famoso Salah el-Saladin(1138-1193) .

Não é demais lembrar que a antiga Palestina foi e é u-
ma terra de disputas. Mesmo depois de passados 900 anos
das Cruzadas, o problema resta inteiro nos nossos dias!

Mas gostaria também de lembrar ao leitor, outra céle -
bre viagem dos séculos passados. Mais recente naturalmen
te que as Cruzadas. Trata-se daquela feita pela formidá
vel Catarina de Medicis(1519-1589),esposa de Henrique de
Orleans, rei de França, nos decênios que seguiram a des-
coberta do Brasil.

Catarina, nascida na então República de Florença, den-
tro daquilo que é hoje a Itália, pertence à família Medi

cis. Dois dos seus antecessores(Lorenço, O Magnífico e
Cósimo) ficaram famosos pela proteção dada às artes, na
Renascença, e pelo poder exercido sobre aquela cidade-es
tado.

Com 14 anos, Catarina "é dada" em matrimônio ao filho
de Francisco I. Falecido este,e com a coroação do seu fi
lho - Henrique de Orleans -, esta italiana da mais cé
lebre família de banqueiros que a Europa produziu - até
a subseqüente chegada dos Rotschilds -,é coroada rainha
de França. Com a prematura morte do marido, é ela que pe
los sucessivos trinta anos, guia os destinos do país.

Mas Catarina de Medicis não foi a única italiana na
história de França . Depois dela, tivemos Maria de Medi-
cis, esposa de Henrique IV(século XVII), e o Cardeal Giu
lio Mazarini, localmente chamado Jules Mazarin, regente-
de-facto da França por dezoito anos.

Todos esses italianos mais ou menos odiados pelos fran
ceses. Ganhando já a reputação que os italianos,com ou
sem razão, têm ainda hoje onde quer se estabeleçam: tra-
balhadores, bons pais de família, inteligentes,mas pouco
sérios nos negócios e muito"astutos",no sentido pejorati
vo desta última característica.

*

Os detalhes da viagem de Catarina através do Reino, fa
zem parte dos diários deixados pelo embaixador da então
República de Venezia, em Florença; tal de Girólamo Bren-
tone,ainda conservados na Biblioteca Nacional de França,
em Paris.

Parte deles são transcritos por Jean Orieux, no seu li
vro "Catarina de Medicis, uma italiana no trono de Fran-
ça". (Entre parêntese,algumas minhas próprias observa -
ções, para ajudar o leitor menos atento aos fatos da His
tória):

<u>Novembro, 1563</u>
"...como apresentar ao povo, seu filho, Carlos IX
(filho de Catarina e Henrique de Orleans), herdei
ro do trono, senão fazendo uma longa viagem atra-
vés do Reino ? Catarina decide que este é o meio
(pois não havia outros).
Carlos IX usa parte do Castelo, em Paris,onde uma
centena de servidores ocupam-se dos mais variados

afazeres.Os demais filhos de Catarina(menores)são
confiados a governantes, instrutores,professores,
capelães e "médicos". Ela os vê raramente.E quan-
os vê, confunde nomes e fisionomias.
Da corte dos filhos menores, fazem também parte a
nões e palhaços, com função de os divertir. A ma-
nutenção destes custa enormemente, pois tratados
como cortesãos e assistidos por muitos servido -
res.

Os preparativos da viagem são longos. Suas Da -
mas de Corte, ocupam-se das providências. A repu-
tação destas não é límpida, mas o comportamento
das mesmas é severamente controlado.Atenção a não
ficar grávida ou provocar escândalos ! Caso con-
trário, Catarina as envia aos Conventos, onde ter
minam seus dias.

A gestão da Casa Real de França comporta uma imen
sa despesa. Centenas de domésticos espalhados pe
los vários castelos. O pessoal das cozinhas é ex-
tremamente importante, pois os festins têm parti-
cular interesse político.Aos cozinheiros,nos seus
vários graus, juntam-se os fornecedores, chamados
"officiers de bouche"(oficiais de boca), encarre-
gados do aprovisionamento da cozinha Real.

Catarina mantém uma coleção de selecionados cava-
los,pois destes dependem as viagens. A pletora de
domésticos, funcionários, secretários, músicos,as
trólogos, parentes, parasitas e cortesãos, é dis-
ciplinada em forma rigorosamente hierarquica; ciu
mentos dos próprios privilégios e prerrogativas .

Janeiro,1564

"... dia 24, Catarina, seu filho Carlos IX e a Cor
te, deixam Paris. Péssima estação para empantanar
se, com seu enorme cortejo, através de itinerári-
os cheios de lama, neve a água.(Isto não é extra-
ordinário. O clima não tem grande importância na-
quele tempo).
Com suas "bagagens", Catarina leva também o Cons
lho Real, composto de 36 membros. Cada um acompa-
nhado de esposa ou amante...ou ambas. Um exército
em marcha!(ou uma "viagem" em forma de exército).

Março,1564

"... em cada aldeia ou cidade que passa, o cortejo
é instalado no castelo local, ou em casas, cujos
habitantes são expulsos sem cerimônia.(Nada de ex
traordinário também nisto! Exatamente o que a ru-
de massa do tempo,ignorante e dura,esperava de um
soberano). Riquíssimas festas são organizadas pe
la Corte itinerante. Bailes estupendos,com másca-
ras, segundo o custume italiano,pois Catarina não
esqueceu Florença. Ela, sempre vestida de preto.
Luto pela morte do marido, falecido anos antes.
É extremamente gorda.

Nenhum soberano Europeu, antes de Catarina, parti
cipou a uma viagem assim longa,cansativa e lenta;
devido ao meio de transporte, ao estado das " es-
tradas"(verdadeiras trilhas pelos campos),e ao pe
rigo de assaltos. Numerosas aldeias e cidades da
França recebem, pela primeira vez, a visita da so
berana e da Corte. A longa fila de carruagens, ca
valeiros e mulos de carga, cobre diversos estádi-
os(medida da antiguidade).

Abril,1564

"... tudo move-se com lentidão paquidérmica(elefan
tes são ainda usados em certas partes da Europa
como meio de transporte). Nas carruagens de Cata
rina, viajam também, além do filho, Carlos IX, di
versas Damas de Corte. A carruagem da soberana é
grande quanto um quarto; pesadíssima. Tapeçada de
veludo verde; acentos e travesseiros bordados em
ouro. Puxada por seis cavalos e conduzida por qua
tro cocheiros. Seguindo sua carruagem, estão ou -
tras duas, transportando 64 caixas(baús) revisti-
das de couro, e com pregos de ouro. Nelas Catari-
na faz transportar uma parte das suas roupas e jó
ias. Uma cama especial de madeira,revestida de or
namentos em ouro, é usada pela(corpulenta) sobera
na. Bacias de prata para a toilete e aparelhos de
jantar em ouro e prata (a louça, como conhecemos
hoje é pouco usada na época), fazem também parte
da bagagem. Outras carruagens transportam móveis
e utensílios(impossível confundir com um piquenl-
que !)

A população das aldeias e cidades (as últimas den

tro das muralhas), fica encantada com esta parada de riqueza, mesmo se o número de mendigos supera aquele dos outros habitantes...
E assim por diante...".

A viagem através da França de Catarina de Medicis,e de seu filho, Carlos IX, herdeiro do trono, dura 24 meses. As cidades onde a peste(então comum) impera, são evita - das pelo cortejo real.

•

Antes de prosseguir com o assunto principal deste capí tulo - a Itália, e aquilo que sobre ela ouvia de Giu - lia Cacciari-Bortesi - ,vamos ver o que diz o resto da minha própria memória. Ou "pré-história".

Quero aqui relembrar fatos da minha infância que não foram esquecidos, os quais, sob certos aspectos, continu am tendo efeito sobre minha personalidade,assim como,pen so, naquela de cada uma das outras "crianças de rua" dos anos '30.

"Pré-história", como usada aqui, é expressão que encon tramos com frequência nos livros de psicanálise de Seg - mund Freud (1856-1939). Em forma sumariada, a "pré-história" de um indivíduo, segundo Freud, é aquele perío do da "primeira infância"quando o subconsciente "capta" tudo, ou quase tudo, nem sempre deixando traços na memó- ria. Toda a sua teoria dá justamente grande importância àqueles nossos primeiros anos de vida. Muitos dos fatos que são "captados" pelo subconsciente naquela idade, fi- cam por assim dizer "enterrados" - às vezes por todo o arco da vida -, sem nos darmos conta da existência.Even tualmente condicionando nossos comportamentos e atitudes na idade adulta. E se cremos nos ensinamentos de Freud, devemos também aceitar o fato que na nossa vida psíquica, existem processos ou tendências dos quais nada sabemos.

Gostaria também de lembrar ao leitor destas"Notas",que Freud, durante os seus longos anos de trabalho como psi- canalista (em palavras simples: ramo da medicina ligado ao tratamento das desordens mentais), conseguiu estabele cer, acima de tudo, três fatos: 1) a existência de uma vasta e contínua atividade psíquica do subconsciente, is

to é, fora e independente da nossa consciente atividade mental; 2) modos e formas que tal"subterrânea atividade" reflete-se na nossa vida consciente e, finalmente; 3)que os sintomas de certos distúrbios psíquicos, desaparecem quando trazidos (justamente através do tratamento psica- nalítico)do subconsciente ao consciente,ou seja,a trans- formação em consciente daquilo que era inconsciente.

•

Da parte da nossa "pré-história" que não foi,porém,"en terrada" no subconsciente, portanto domínio da memória e portanto fonte de experiência - a qual nos deve ajudar, cada novo dia, a evitar "tropeções"! -, quanto realmente pode ser ainda lembrado ?

Muito, se temos a paciência e o desejo de "cavar"naque les anos do nosso remoto passado. Tantos pequenos e gran des fatos,que aparentemente insignificantes, formam par- te importante daquilo que normalmente chamamos "experiên cia ativa". O mais precioso tesouro da existência de ca- da indivíduo...se a sua capacidade mental é bastante lú- cida e realística, para usá-lo com proveito, em cada no- vo minuto de cada novo dia.

A mais remota das minhas lembranças - talvez do ano 1930 ou '31 -,é aquela de ver-me nos braços de meu pai (1898-1970), numa velha "térrea" da rua Helvetia número 23,em S.Paulo,desaparecida com a abertura da Avenida Rio Branco, nos anos '50. Nos seus braços, enquanto ele cami nhava pela nossa cozinha, da qual faziam parte um gigan- tesco fogão a lenha, estilo século XIX, e um armário gu- arnecido de redes de metal,fazendo as vezes da "geladei- ra"(!), eu tirava o chapéu da sua cabeça e o enfiava na minha. Meus pais riam.

Os homens então usavam, na sua totalidade, um chapéu ! geralmente de feltro durante o nosso ameno inverno;de pa lha, cor creme,com uma larga e vistosa fita azul-marinha de gorgorão, durante os demais meses. Um homem sem cha - péu parecia vestido à metade ! Cumprimentar uma dama na rua,incluia o levantar do chapéu da cabeça. Pequenas for mas de educação e bom gosto desaparecidas neste nosso a- gora vulgarizado e moderno mundo !

Con ígua à nossa modesta casa, existia outra, do tipo "alta burguesia", habitada por uma rica família. Rodeada

de jardins e circundada de altas grades,que naqueles tem
pos protegiam contra intrusos e ladrões.Daqueles não ma-
is "em uso"hoje,pois antiquados.Contentes se o resultado
de uma "operação", fosse uma gorda galinha ou uma peça
do vestuário esquecida no varal. No lado interno daquela
casa da "alta burguesia", e além das suas altas grades ,
havia vegetação abundante, que tendia a expor-se à rua.
E aqui está outra das minhas remotas lembranças.
Juntamente com meu irmão - 16 meses mais jovem -,tirá
vamos algumas folhas e fingíamos vendê-las um ao outro .
Na mão de Giulia, nossa avó materna,depositávamos outras
folhas, as quais representavam o "troco".
Ela nos olhava com carinho.

Ao cair das tardes, o "programa" era esperar a chegada
do "luzeiro". Homem com uniforme pardo e distintivo da
companhia canadense chamada "S.Paulo Light & Power Co.".
Com um bastão comprido par de metros, ele providenciava
o acender dos lampiões a gás-de-rua; como era então ilu-
minada a relativamente provincial cidade de S.Paulo. Ele
trocava algumas palavras com os residentes. Fazia sua
profética "previsão do tempo";comentava os intrépidos e
raros automobilistas que viajavam a 40 quilômetros por
hora. E depois, seguia ao próximo lampião, e com outros
trocava as mesmas palavras, talvez modificando a "previ-
são do tempo"...pelo aparacer de uma nuvem no horizonte
...e assim pelo resto do caminho.
Também a passagem dos bombeiros - cuja estação não e-
ra distante, e a única da cidade -,fazia parte dos "exci
tantes" episódios diários daqueles anos da nossa infân -
cia. Pintados de vermelho, como foi sempre tradição no
Brasil (de amarelo em tantos outros países), tinham há
pouco um motor no lugar dos cavalos. Viajavam à "extraor
dinária"velocidade de 50 quilômetros por hora. Junto do
motorista, o mais graduado da"tripulação" acionava um si
no, o qual fazia as vezes da sirene que conhecemos hoje.

A partir das quatro da manhã,era inevitável acordar-se
com o ruído das carrocinhas a duas rodas; puxadas a bur-
ro, que faziam a entrega do pão nas residências. Cente -
nas delas circulavam então pelas ruas de S.Paulo.Suas ro
das de madeira, guarnecidas com fita de aço, passando so-
bre os paralelepípedos, faziam um tremendo barulho.Raras
as ruas asfaltadas. Eram conduzidas por portugueses. A-
lém do barulho das rodas, eles trocavam palavras em voz
alta. Eram os "despertadores"gratis da época ! Não ne-

cessitavam corda ou reparos ! E eram infalíveis.

A "caderneta" da "venda" (precursora dos super-merca -
dos), era outra "tradição" dos pobres como nós. Nelas e-
ram anotadas as compras, e uma vez por mês, o cliente"pe
dia a soma" e pagava, ou dava um sinal ! Este sempre a-
ceito com benevolência pelo comerciante,o qual presentea
va o "bom cliente" com um pacote de marmelada, ou biscoi
tos. E assim, o "crédito" existia!...malgrado os gran -
des cartazes pregados nas prateleiras, dizendo: "Crédito
somente àqueles com mais de 90 anos, devidamente acompa-
nhados dos avós".

Em 1934, ou por aí, quando eu tinha 6 anos, meus pais
fizeram um "salto de qualidade", alugando uma casa a 50
metros do então Palácio dos Campos Elyseos, habitação o-
ficial do senhor Governador do Estado. Figura então sim-
bólica, nomeada do Rio, pelo criador do Estado Novo;o ga
úcho Presidente Getúlio Dorneles Vargas.
O bairro dos Campos Elyseos era então considerado
um dos mais elegantes da cidade, mas já no início da sua
decadência. Nele moravam as duas mais ilustres famílias
de S.Paulo; os Prados e os Prates, ambas com títulos no-
biliários. Os Matarazzos eram considerados "nouveaux ri-
ches"(novos ricos)."De moda" começavam a ser os futuros
Jardins, zona ainda parcialmente descampada. Para ter-se
idéia de como eram(12 anos depois, por volta de 1946 !),
os alunos do CPOR, do qual eu fazia parte, iá iam fazer
exercícios de tiro !

Os ônibus que serviam os Campos Elyseos eram os mais
"modernos" de S.Paulo. Tinham sido comprados, usados,mas
em bom estado, dos Estados Unidos.Partiam do Largo de S.
Bento, atravessavam o Viaduto de Santa Efigênia, rua de
Santa Efigênia; percorriam parte da então estreita rua
Duque de Caxias , e finalmente as então ruas Visconde do
Rio Branco e Barão do Rio Branco, hoje desaparecidas. De
viam ser seis ou sete ao todo. Não havia dois iguais en-
tre eles: modelo, tamanho, cor...tudo diferente. A cada
um deles, nós crianças, tínhamos dado um apelido.. e os
considerávamos "nossa propriedade privada" ! Todos os
veículos em circulação no Brasil: ônibus, automóveis,ca-
minhões e tratores, eram então importados dos USA ou
Europa. Viam-se alguns automóveis que possivelmente não
são mais vistos no Brasil de hoje: Isotta Fraschini,Lam
borghini, Bugatti e Alfa-Romeo.

Para nos ajudar no aprendizado da leitura, meu pai trazia aos sábados, a "Gazetinha";jornalzinho com figuras e estórias para crianças, publicado pela então prestigiosa "A Gazeta" de Casper Líbero. Havia também em circulação o "Suplemento Juvenil", mas considerado por meus pais "avançado" para nossa idade...pois as figuras podiam mostrar uma mulher de maiô !

Um batalhão italiano das"Camice Nere"(Camisas Negras), enviado pelo "duce"(do Latim Dux, significando Duque, ou aquele que vem depois do rei)Benito Mussolini(1883-1945) visitando S.Paulo e o Palácio do Governo, foi um acontecimento importante daqueles anos. Marchavam ao"passo de ganso" e ao som da banda que exibia-se com músicas "aprovadas" pelo regime do ditador "fascista"(do Latim:Fasce=Grupo). Alguns dos nossos vizinhos, adeptos daquele regime, também vestidos de "camisas negras", acompanhavam o batalhão pelas ruas de S.Paulo. Durante meses não falou-se de outra coisa. Era o assunto preferido das salas. Senhoras da burguesia,com seus chapéus que mais pareciam ventiladores virados do avesso,guarnecidos do sempre presente véu - os quais tinham a disfarçada função de esconder as rugas, mais a tácita de evitar que algum Don Juan se atrevesse a beijá-las ! -, com suas combinações "provocantemente"deixadas aparecer por alguns milímetros, bisbilhiotavam sobre aquele "grupo de missionários" enviado pelo Duce.

O nosso Presidente-Ditador Vargas era grande admirador de Mussolini e dos seus programas sociais. Na verdade , muitas das Leis e programas ainda hoje em vigor no Brasil(Carteira de Trabalho, férias, Institutos de Previdência) foram copiados do regime fascista italiano. Não funcionavam e não funcionam bem ainda hoje na Itália,e penso que no Brasil não tiveram melhor sorte ! Mas foi um tentativo para"por ordem no sistema";para a proteção dos dependentes, e para evitar abusos dos empregadores,que eram muitos e freqüentes.

Isto leva-me a abrir um parêntese e comentar este último assunto, pois penso ter ganho experiência em outros países, e poder fazer as devidas comparações. E a primeira pergunta que pode-se fazer,é a seguinte: "... por que em países como Estados Unidos , Inglaterra, Alemanha e outros, similares exigências e organizações são inexistentes ou funcionam rezoalvelmente bem,com serviços rápidos e na maioria dos casos, eficientes, enquanto o mesmo

não acontece nos países de cultura essencialmente Latina ? A resposta poderia ser: Primeiro, porque tais serviços nos países de cultura Latina são "maquinosos"e complicados,pois assim é a nossa "forma mentis"(oposto dos Anglo-Saxões que são práticos e diretos). Segundo,e esta é a parte realmente importante, porque nós Latinos - empregados e empregadores -, temos a mentalidade das malandragens, das espertezas,dos abusos e a firme convicção e esperança, que no fim da conta,o mais esperto prevalece. Repito que isto não é naturalmente "privilégio" dos Latinos(espanhóis, portugueses,italianos, sulistas da França e toda a América Latina),pois gregos, árabes, indianos e outros participam da "grande festa".

Em todas essas áreas, os empregadores, podendo, abusam dos empregados; estes, numa espécie de "lei de compensação", retribuem a dose. Penso também, segundo minha experiência,que parte desta diferença de comportamento entre Anglo-Saxões, de um lado, e Latinos,árabes, indianos,gregos do outro, pode ser explicada pelo fato que os últimos são, por temperamento e cultura, litigiosos, conflituosos, dando sempre a impressão que a "felicidade inclui a criação de casos". O fator econômico em si,não parece tomar parte do problema, pois também nos países Anglo-Saxões há desemprego, eventualmente em porcentagens tão grandes como nos demais.

*

Voltando à minha "pré-história":

Também a visita à América do sul do Zepelin "Hindenburg", comprido 146 metros, foi um grande acontecimento. Lembro-me vê-lo sobrevoando, a baixa altitude, o Palácio dos Campos Elyseos.

O "escândalo" do bairro era aquela moça espigada, no tempo com cerca de 25 anos, não bonita, mas que hoje chamaríamos "exuberante",que aos sábados partia sozinha ao Guarujá; na ocasião uma ilha semi-deserta, onde, segundo o vozerio, encontrava-se com o noivo. Seus pais, pessoas conservadoras dos "bons costumes", pareciam ser os primeiros a sofrer do embaraço, mas nada havia a fazer.

A estupefação dos "tempos modernos", era também dedicada a outra moça, a qual atrevia-se a subir sozinha(!) na "baratinha" do namorado. "Baratinha" era chamado um pe-

queno automóvel de dois lugares - modelos 1928/34 -,mui
to em uso naqueles anos pelos chamados "don Juans",suces
sivamente "promovidos" a "play-boys". Mas aqueles do pas
sado, mesmo se miravam sempre os eternos e naturais obje
tivos, tinham "classe".Comportavam-se como pessoas civis
e vestiam-se de maneira respeitosa.Tratavam as damas com
deferência, e se não tinham muitos anos de escola,fingi-
am pelo menos de ter. Que catástrofe estes novos " con -
quistadores" do fim do século XX ! Nem o "título" mere -
cem, pois nada mais há para ser conquistado !

Em 1936, ano da Guerra Civil Espanhola e da invasão i-
taliana da Abbissínia(hoje Etiópia), na costa norte-ori-
ental da África, eu com 8 anos e meu irmão com 7, inici-
amos a freqüentar o Grupo Escolar "João Kopke", também
nas imediações do Palácio dos Campos Elyseos. Lá passáva
mos meio dia sob vigilância e rigor hoje obsoletos nas
escolas em geral.

As recomendações dos nossos pais eram diárias,que pelo
efeito da repititividade, talvez tivessem menor eco."Não
arrastar os pés", "não perder o lápis ou a régua", "não
chutar bola com o 'sapato da escola'", e assim por dian-
te. Uma recomendação,porém,nunca a ouvimos! Aquela de e-
vitar os vendedores de "droga", hoje tão comuns na porta
das escolas como eram então os vendedores de amendoim.

Crianças descalças era regra. Poucas as famílias po-
bres como a nossa que podiam permitir-se a compra de sa-
patos para "uso corrente". Somente na escola e nos pas -
seios domenicais eram usados.

De volta da escola uma refeição nos esperava. "Não gos
to" ou "não quero" eram expressões proibidas por minha a
vó materna, a qual ocupava-se dos afazeres da casa. Suas
receitas eram "famosas"para nós,crianças. Nascida e cria
da naquela região da Itália onde come-se melhor até ho -
je, chamada Emilia-Romagna, ela tinha levado ao Brasil -
na sua memória -,muitas daquelas especialidades.

Era uma mulher com forte temperamento(o qual pode ser
"lido" na fisionomia,mostrada nas primeiras páginas des-
te livro); no meio da década dos trinta com 70 ou mais a
nos; ancorada a uma concepção simples e prática da vida;
dona de energia a toda prova, ela dominava seu "entoura-
ge".

Uma média de dez moças eram empregadas por minha mãe

na confecção do vestuário feminino. O "atelier" ocupava
parte da casa da rua Barão do Rio Branco número 35, e a
relação hoje existente entre empregadores e empregados e
ra desconhecida naqueles tempos. Rigor absoluto.

Mais de uma vez, cada meio dia, sair do "atelier" para
usar o banheiro, era motivo de olhadas pouco simpáticas
da contramestra. Papel higiênico, como conhecido hoje ,
simplesmnte não existia na casa de pobres como éramos
nós. Da mesma raridade sofria o bidê. Também na Europa a
té os primeiros anos depois da II Grande Guerra, com ex-
ceção da França, o bidê foi um ilustre desconhecido. Nos
Estados Unidos, por incrível que pareça, é raríssimo ain
da nos dias de hoje.

Chamar uma empregada ao telefone - um luxo na época e
motivo de orgulho para as famílias que o tinham ! -, po-
deria justificar-se somente em casos de absoluta emergên
cia. "Números" telefônicos de S.Paulo eram compostos de
uma palavra(ou abreviação desta) e quatro números: Cen -
tro 5756, Lapa 2899 ou Brás 2235. Alguns, encastrados na
parede, funcionavam ainda à manivela,a qual,acionada,cha
mava a telefonista,que por sua vez completava a ligação.
Outros eram automáticos,permitindo ligações diretas. Tam
bém estes nas paredes, ou em casos raros, "de mesa". Ir
à casa do vizinho, ou do amigo, para "fazer uma ligação"
era hábito corrente. Para evitar aborrecimentos, as famí
lias que o tinham, usavam artimanhas. A mais comum era a
viso pregado no exterior da porta de entrada: " Telefone
não funciona", afugentando com antecipação prospectivos
usuários! Outro ardil era a instalação de um interruptor
que acionado, desligava os fios.

Mastigar durante o horário de trabalho era considerado
falta de respeito pela contramestra, assim como ausentar
se "por doença". Considerado "falta grave"(!)e o dia au-
tomaticamente deduzido da "paga". Férias ? Desconhecidas.
Nos sábados, dia que geralmente precedia a entrega das
confecções, era de uso o chamado "serão", prolongando-se
até altas horas da noite...sem pagamento de extraordiná-
rio, naturalmente! "Serão" é um neologismo da palavra i-
taliana "sera"(noite),aportuguesada, segundo alguns gra-
máticos, no início do século.

No fim do mês, a "paga" das empregadas era feita sem
formalidades; sem recibos e sem dedução de impostos.
As moças que com o recebimento da "paga" decidissem in
terromper a "relação de trabalho", simplesmente não mais
apareciam. Um pedido formal de demissão não e-

ra de uso. Nas firmas constituídas, as relações com seus dependentes eram mais formais, mas não muito.

Mas aquela "de facto" ou pseuda-exploração dos dependentes, não acontecia somente, e em geral, no Brasil. Na mesma época, meninos de 8 anos trabalhavam 10 horas por dia nas minas de carvão da Inglaterra, Bélgica e França. Os patrões mais "generosos" davam a eles, segundo os jornais, um copo de leite diário para limpar os pulmões !

Os "direitos" e as mais variadas formas de proteção social - embora "no papel" desde o fim da Revolução Industrial - existiam justamente somente "no papel". Sou tentado pensar que foi depois do fim da II Grande Guerra (1945) que começaram a representar um fato. Mas isto nos países desenvolvidos , pois em muitos daqueles em desenvolvimento,estão ainda na mais tenra infância...

Não pode-se dizer que a produtividade dos dependentes, no passado, malgrado todos os rigores, fosse maior que a presente. Ou que o trabalhador daqueles anos fosse mais consencioso. A diferença está na figura do "patrão", ou do "chefe"(muito amenizada nestes últimos decênios), os quais não somente comandavam o dependente, mas em tantos casos, também os membros da sua família ! No Prefácio destas "Notas",cito o fim do autoritarismo como meio de impor idéias, e este é um exemplo.

*

Meu pai tinha passado anos ligado ao esporte e aos campos de futebol, como "amador", pois o professionalismo não era então de moda. Paradoxalmente,ele foi um fumante inveterado(Oceânia/Aspazia,marcas de cigarros populares na época). Começou sua carreira esportiva em 1917 - com 19 anos - jogando em Curitiba, onde tinha nascido. Em 1919 foi "trazido" para S.Paulo,onde jogou diversos anos no então "Palestra Itália"(hoje Palmeiras). O nome "Palestra Itália" foi mudado para Palmeiras em 1941 ou 42 , quando o Brasil declarou guerra à Itália. Com a mudança do nome, também a cor vermelha do uniforme foi abolida , pois com o verde e o branco, formavam as cores da bandeira italiana.

Ele foi diversas vezes campeão Paulista e por duas vezes, campeão nacional com a seleção de S.Paulo.Dele,meus familiares,no Brasil,conservam diplomas e medalhas. Infelizmente,aqueles eram tempos em que o prêmio por uma par-

tida ganha, podia ser um "bilhete de cinema" ou um "carnet" de passagens de ônibus !

Juntamente com aquilo que aprendi de minha avó materna, foi dele que "herdei" tantas pequenas lições que ajudaram-me sobreviver nestes trinta e cinco anos.

*

Os divertimentos preferidos das crianças pobres daqueles anos, incluíam: coleção de figurinhas vendidas embrulhadas em "balas"; partidas de futebol, usando botões e bolinha feita de "papel alumínio" das carteiras de cigarro; correr pelas calçadas empurrando um velho pneu, e naturalmente o futebol de rua. Um bola de couro ou borracha eram objetos raros,pois custosas. Somente uma coleta entre as crianças podia, uma ou duas vezes por ano, servir às partidas. De uso corrente eram bolas feitas com meia de senhora. Enchida de jornais,virada e revirada,da combinação meia-jornal "nascida uma bola"... perfeita também para machucar os descalços pés! Os trechos de rua escolhidos para nossas partidas, eram aqueles mais tranqüilos, onde famílias da alta burguesia tinham suas grandes e luxuosas casas ajardinadas, e cujos filhos jamais misturavam-se com as "crianças de rua",como éramos nós . Quando a gritaria passava do limite, proprietários daquelas casas chamavam a "rádio patrulha".Palavras que em si nos faziam tremer.

Eram automóveis dos anos '20 e '30, pintados de preto, com dois ou mais "guardas civis". Vestidos com uniformes de flanela azul-marinha. Na mão carregavam um porrete de madeira. Tinham aparência de"seres humanos civilizados"! Eram quase como os "bobs" ingleses. Brancos, altos, bem barbeados. Que catástrofe os policiais brasileiros vistos recentemente na TV ! Estavam dando "caça" a bandidos numa favela; com revolver na mão. Difícil distinguir os policiais dos bandidos !

Outro exemplo do processo de vulgarização do homem!

Voltando aos anos '30 : uma vez descidos da "rádio patrulha", os policiais procuravam nos cercar, fazendo ameaças de nos mandar ao Reformatório. Outra palavra que nos apavorava ! Mas nada disto acontecia. Passado o susto, a partida recomeçava, até que as mães se apresentassem com gritos de: "..para dentro !". Soados, com

pernas e rosto cheios de poeira - como nos velhos filmes de James Cagney ou Charles Chaplin -, a chegada em casa geralmente incluía uma surra... a qual naturalmente fazia parte do esperado "pacote" !

A convivência com o sexo oposto, no Brasil, era tabu. E não somente entre nós, "crianças de rua", mas também entre aquelas privilegiadas. Meninos que misturavam-se com meninas - numa cultura "machista" como é a Latina - eram taxados de "maricas". E isto faz-me lembrar dos colegas italianos de trabalho, nos restaurantes da Inglaterra e Escócia, os quais continuamente criticavam(!)ingleses e escoceses, por empurrarem carrinhos de crianças, ou carregarem cestas com compras, pois considerados "trabalhos femininos"(!!!).

Também as classes nas escolas eram "hermeticamente" segregadas. Uma "tradição" e um comportamento absolutamente errados por parte dos adultos de então. Em muitos casos trazendo conseqüências desastrosas àquelas gerações, quando nos seus anos maduros.

O "assunto sexo", na presença de crianças, era então fora de cogitação. Aquilo que a natural curiosidade nos ensinava, "aprendido" através de subterfúgios, era sempre produto de informações que pouco tinham a ver com a realidade. Não era raro ouvir dos companheiros - às vezes com dez ou mais anos de idade -, que a "cegonha" tinha trazido um novo irmão. Nós olhávamos para o céu e para o teto das casas, mas de cegonhas não havia sinal ! "Elas vêm durante a noite... quando vocês estão dormindo", diziam os adultos.

Sei que no Brasil de hoje, depois de mais de meio século dos meus tempos, pelo menos um pouco daquela "pureza infantil" ainda existe. Não é assim nos USA e principalmente na Europa, onde crianças de 10 anos conhecem os "fatos da vida" melhor que muitos adultos. Vítimas também da confusão que inicia a criar-se nas tenras mentes, quando se interrogam(tantas vezes não deixando traços na memória e conseqüentemente dando vida a um trauma psíquico), sobre a "função" das várias companheiras(os) do pai ou da mãe(ambos com uma longa série de divórcios). Na grande maioria dos casos motivados pela imaturidade do sexo masculino. Assim dizem as estatísticas. Elas também dizem que nos USA, neste 1993, as crianças filhas de pais divorciados superam as demais.

Lembro-me de um fato ocorrido no fim dos anos '30, quando tinha onze anos, ou quase doze. Minha mãe havia-me

encarregado, juntamente com um vizinho - um par de anos mais velho -, de entregar uma confecção na Praça da República, esquina da rua 7 de Abril. Apartamento de um edifício na época considerado o mais bonito da cidade; talvez em pé até os dias de hoje. A cliente era uma atriz italiana de teatro. Mulher dos seus 40 anos, a quem fazíamos entregas com prazer, pois ela nos dava um copo de gasosa ou coisa parecida. O trajeto entre nossa casa e a Praça da República incluía a passagem pela rua dos Timbiras, onde na época estavam concentradas as chamadas "casas de tolerância", autorizadas pela Polícia. Como evidente, havia um entra-e-sai permanente de adultos.

Atraídos pela curiosidade, meu companheiro e eu entramos numa delas e fomos imediatamente enxotados, mas não sem notar a presença daquelas infelizes, semi nuas, sentadas numa sala. De volta à minha casa, fomos diretamente relatar o fato a meu pai, dizendo "ter visto uma aglomeração de gente que estava socorrendo(!)senhoras que tinham sido despojadas dos vestidos". Meu companheiro devia ter 13 anos; eu onze ou doze!

A "pureza" daqueles tempos incluía também meninas. Não raro vê-las brincando com bonecas, mesmo se com 14 anos!

*

Meu "guarda-roupa", ou seja aquela "coleção" de roupas de uso corrente e "domenical", era constituído do absoluto mínimo: uma peça! Eventual rasgo significava esperar que o remendo fosse feito, pois não havia substituto. Quando o remendo no tecido original tornava-se muito visto-so, uma "placa" de outro tecido era costurada sobre ele.

A compra de um terno(normalmente de segunda mão) , o qual consistia de paletó com cinto postiço na parte posterior, como era "de moda", e de uma calça curta, era acompanhada da célebre frase do hebreu da rua José Paulino a meu pai: "...senhorrr..seu filho está vestido pelo resto da vida!". Era quase uma verdade! pois uma nova compra estava anos na frente.

Uma palavra da língua inglesa(bond), significando título de empréstimo, feito pela "S.Paulo Light & Power Co". tinha sido aportuguesada para "bonde" (veículo correndo sobre trilhos). "Chocá-los" significava economizar 200 Réis ! Escolhidos eram os bondes cujo cobrador ves-

tia calça branca. "Calça-branca" eram chamados os empre-
gados da "Light",durante o período de aprendizado. Com e-
les era possível estabelecer um "diálogo"!, enquanto que
com os veteranos portugueses bigodudos, ariscava-se le-
var um dolorido puxão de orelha ou uma bofetada.

Por volta de 1938, meus pais compraram sua primeira ca-
sa, na rua Dr.Carvalho de Mendonça,251,por "50 Contos de
Réis". O "MilRéis" era então a moeda nacional. Um "Conto
de Réis" correspondia a 1.000 MilReis, ou a um milhão de
Réis. Notas de"Conto"não andavam nas mãos de pobres como
nós. Era uma pequena fortuna ! Ambos "MilRéis"e"Conto"
são expressões trazidas de Portugal, onde ainda hoje u -
sa-se "Conto" para 1.000 Escudos.
No Brasil daqueles anos não havia naturalmente a infla-
ção conhecida em decênios mais recentes. Um US$Dollar va-
lia então "18 MilReis", e por muitos anos a cotação man-
teve-se inalterada. Eram tempos em que a nossa população
vivia modestamente,como é justo que seja,num país pobre;
com uma grande massa ignorante(embora cada um pensa ser
mais sabido que outro !); com componentes étnicas pouco
menos que perfeitas;com um clima que não convive bem com
o trabalho e a produtividade; e malgrado tudo isto, com
um povo que continua iludido que "o Brasil é rico"! Que
talvez seja "no papel", mas não na realidade das coisas.

Dos tempos da nossa nova moradia - distante 300 metros
da Praça Marechal Deodoro, em S.Paulo -,lembro-me de do-
is fatos que refletem os primeiros passos que todos nós,
cedo ou tarde, damos nas áreas da "economia" e do "mar -
keting"(!). O primeiro foi a construção de uma "caixa de
engraxate" e a relativa procura de clientes,que eram ra-
ros...e a concorrência feroz. Não tive sucesso, e a cai-
xa terminou seus dias no fogão a lenha da nossa cozinha.
O segundo tentativo foi aquele de "empregar" meu irmão -
como há pouco visto, dezesseis meses mais jovem, e na é-
poca com 8 anos. Aquela "iniciativa emprenditorial" con-
sistia em "estacioná-lo" em frente da farmácia do bairro
e esperar que o farmacêutico o enviasse fazer entregas.
A "soma das gorjetas"que ele recebesse(segundo meu diabó-
lico plano !), seria dividida entre nós(!). Foi um segun-
do fiasco.

A segunda grande guerra tinha começado na Europa dia 1
de setembro de 1939, com a invasão da Polônia pela Ale-
manha. No ano seguinte(ou talvez em 1941), alguns navios

de carga brasileiros foram afundados nas nossas costas ,
por submarinos alemães. Alemanha e Itália nada tinham
contra o Brasil.Eram afundados porque carregavam matéria
prima para os Estados Unidos. Mas isto levou o Brasil, a-
pesar da distância que o separava do centro do conflito,
a declarar guerra àqueles países. Subseqüentemente,tam-
bém ao Japão. Todos parte de uma Aliança chamada "Eixo".
O governo Vargas decretou o uso de "coupons" para com-
pra de certos gêneros alimentícios,como açucar,farinha ,
carne, assim como de outros produtos de consumo; gasoli-
na incluida. Um "coupon" dava direito, a cada família ,
a tantas gramas de um produto por semana. Aqueles que ti-
nham parentes ou amigos fora das grandes cidades, haviam
meios de suprir a mesa com certa fartura.As classes van-
tajadas tinham meios para comprar aquilo que precisavam,
a alto preço, no "mercado negro".
Devido ao racionamento da gasolina, os motores dos pou-
cos automóveis em circulação, tinham sido adaptados ao u-
so do famoso "gasogênio". Tratava-se de um aparelho para
a produção de gás,através de fornalha a carvão encastra-
do na parte posterior dos veículos. Estes transformavam-
se numa espécie de "locomotiva" ! Sujavam as ruas. Dei-
xavam fumaça e cheiro no ar. Generavam uma potência redu-
zida(20/30 quilômetros por hora), e freqüentemente para-
vam. Via-se então o automobilista tirar os"ferros"do por-
ta-malas, enfiar as luvas - e às vezes macacão - e ten-
tar pôr a fornalha novamente em movimento.Outro meio qui-
lômetro e o cenário repetia-se. Ouvia-se adultos comen -
tando onde comprar o melhor carvão.

Naquele início da década dos '40,a atmosfera vivida pe-
la população era de "tempos de guerra".Temia-se a cha-
mada Quinta Coluna, assim como espiões e delatores.Falar
em língua que não fosse o português-brasileiro,era seve-
ramente proibido. Aqueles que falavam o português de Por-
tugal, ou o Espanhol, não estavam isentos de suspeitas ,
pois aqueles países, na época, respectivamente sob os di-
tadores Salazar e Franco, tiveram um grande "flirt" com
fascismo e nazismo. Meu pai contava de um casal de ale-
mães, surpreendido falando a própria língua dentro de um
ônibus, e da relativa detenção por policiais em civil.
Sair fora da área da cidade de residência, se estran -
geiro, requeria prévia obtenção de "salvo conduto",emiti-
do pela Polícia. Difícil de consegui-lo e sujeito a uma
infinidade de interrogações. Nas saídas de S.Paulo (es -
tradas e rede ferroviária) controles eram feitos.Para as

viagens que fazíamos periodicamente a Santos, era necessária a obtenção daquele documento para minha avó materna, de nacionalidade italiana.

Em 1943, sob pressão dos Estados Unidos, o governo brasileiro mandou uma força expedicionária à Europa, como contribuição ao "esforço de guerra". Centenas de jovens brasileiros, carinhosamente chamados "pracinhas", morreram nas batalhas de Monte Cassino, no sul da Itália. A FEB - como era chamada nossa força expedicionária - era comandada pelo general Mascarenhas de Morais; absorvida na Itália pelo general americano Mark Clark.

Em fevereiro de 1940, com onze anos e seis meses, tive meu primeiro emprego. Repito ao leitor que destas barbaridades não conhece: onze anos e seis meses !

Era preciso ajudar as despesas da casa. Meu pai me havia prometido trabalho na "Western Union", como entregador de telegramas, e eu sonhei meses com tal possibilidade, a qual ficou somente no sonho. Ele arranjou-me então lugar de "office-boy" num escritório situado na rua de S.Bento,em S.Paulo; localizado sobre a então famosa loja "A Tropical"...em liquidação desde 1914 !

Segundo ele,o verdadeiro motivo do emprego naquela tenra idade, era começar a sentir os sacrifícios que a vida impõe quase perpetuamente. De fato, muitas das lições aprendidas naqueles anos, têm ainda grande utilidade nos dias de hoje. Meu trabalho consistia de limpar as diversas salas,cobrar alugueis de casas na zona do Brás,e nos "momentos de repouso",carregar embrulhos...às vezes mais pesados que eu! Lembro-me de uma "trágica" cobrança de aluguel na rua do Gasômetro. O inquilino, homem dos seus 50 anos,com jeito de carregador de caminhões e com grandes tatuagens nos braços, vasta barriga e voz de trovão; aproveitando do infante-cobrador, depois de ter-me ameaçado, soltou-me um cão atrás. Corri alguns quarteirões antes de liberar-me dele. Na volta ao escritório, o "patrão" passou-me um "sabão" por não ter recolhido o aluguel! Mas alguma coisa boa também acontecia! Uma noite sonhei com o número 8849. Jogando "no bicho",ganhei uma "fortuna",cortada pela metade pelo "chalet",que aproveitando ainda da inexperiente criança, disse que o "nove" não estava bem feito(!),e assim contentei-me com metade!

Para arredondar o salário, havia arranjado um bico na rua Bresser. Casa de um negociante de bijuterias, onde

colava pérolas a clips de brincos. Lá passava meus domingos. No fim do dia, recebia "4 MilRéis". Suficientes para duas entradas de cinema. Naqueles onde, além dos dois filmes principais, mostravam dois desenhos, dois jornais e uma comédia !

Os últimos bancos dos cinemas faziam as vezes dos automóveis e dos motéis de hoje. Lá sentavam-se casais de namorados, mais atentos aos mútuos carinhos que à tela.Com o aproximar-se do chamado "lanterninha",o qual tinha também a "função" de "manter alta a moral", voltavam a comportar-se. Não era raro ouvir-se um "lanterninha" dizer: "...para fora!", pois os tinha surpreendido no meio de um beijo !

Aos sábados,o horário de trabalho era igual aos demais dias. Se por generosidade o patrão me dispensasse às cinco, era motivo de grande alegria.

Meu primeiro salário mensal foi de "60 MilRéis",aproximadamente três US Dollars daqueles tempos. Líquidos,pois não havia deduções ou impostos, excepto nas grandes firmas. Eu o entregava intato e sagradamente a meus pais.Pecado mortal atrever-se a fazer uso antecipado de parte dele. Depois de contado e re-contado,um tanto me era devolvido para o pagamento das passagens de "bonde".Evitar o uso destes, e conseqüentemente caminhando quilômetros, fazia também parte do "plano econômico". Era suficiente para alguma "extravagância",como a compra de um"doce mil folhas", ao qual até hoje não resisto à tentação !

Todas as tardes, por volta das dezesseis,o patrão mandava-me ao Largo do Paysandu comprar dois sanduíches no mais elegante e exclusivo bar da S.Paulo de então. Chamava-se "Ponto Chic" e servia os famosos "baurus"(novidade na época), ao preço de "400 Réis" cada. Pão de farinha especial, pois o pão no Brasil foi sempre ruim; borrachudo e de cor cinza, e isto percebi depois que conheci o pão comum da Europa e USA.

Naquele trajeto de quase um quilômetro, entre a rua de S.Bento e o Largo do Paysandu, eu pensava se um dia, no futuro, poderia gastar "400 Reis" para a compra de um daqueles apetitosos sanduíches. De volta ao escritório, o menino de calças curtas, camisa que era trocada uma vez por semana, e meias que o suor dos pés e a poeira tinham transformado em objetos sólidos, punha o pacote de sanduíches sobre a escrivaninha do patrão. Através da fresta da porta, escondido e envergonhado, apreciava,com água na boca, o homem comer.

Sacrifícios,misérias e privações de um passado que não

pode ser esquecido. E às vezes objeto de uma irracional e injustificável revolta, quando vejo tantos jovens de hoje com todas as suas exigências e regalias,as quais podem, felizmente, em muitos casos, ser satisfeitas pelos pais.

A partir de 1941, com treze anos, comecei a cursar escolas noturnas.Terminado o horário de trabalho às 18,freqüentava aulas de datilografia no Largo de S.Francisco.A datilografia, segundo os adultos, "ajudava fazer progressos" ! Processadores de dados e palavras, e suas terminais,sobre cada mesa de escritório, como vemos hoje,eram naturalmente inexistentes. Terminada a datilografia, punha-me a caminho da outra escola noturna,na avenida Angélica - a 100 metros da Praça Marechal Deodoro -, fazendo o trajeto a pé, durante o qual mastigava um sanduíche trazido de casa. As 23:15, quando as aulas terminavam , voltava para casa,"dormindo" no caminho. Era mais um dia que havia iniciado às sete da manhã e passado com precária alimentação.

Aquele curso noturno era dividido em duas fases: três anos de Propedêutico e outro tanto de Técnico.No fim dos seis anos recebia-se um diploma de Contador,no tempo não considerado universitário. Anos depois, todos os contadorandos formados em 1946, como foi meu caso, foram equiparados,por Lei, aos bacharéis em ciências econômicas.

Terminada a guerra na Europa(Maio de '45),as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo(IRFM) estavam no auge do desenvolvimento e expansão. Aquela guerra tinha grandemente contribuido para isto. Seu edifício-sede,no estilo neoclássico, situado no Viaduto do Chá, imitando aquele que Mussolini havia feito construir na EUR,em Roma(EUR: ainda hoje um bairro moderno) era o símbolo daquela riqueza. O velho Francisco Matarazzo, um imigrante chegado ao Brasil do "meridione" (meridione: regiões do sul da Itália, ainda hoje sub-desenvolvidas), no fim do século XIX, e que segundo minha avó materna, tinha iniciado sua carreira vendendo banha nas ruas, tinha dois filhos muito conhecidos do público.Francisco(chamado Chiquinho, ou Cício, como seu pai o chamava) e Eduardo. Meu pai , "secreto sonhador" das viagens pelo mundo,coisa que nunca pôde fazer além do Uruguay e Argentina, dizia: "... o Eduardo sabe aproveitar a vida! Está sempre viajando pelo mundo !" Ele destas coisas sabia através do Palmeiras, freqüentado, e tantas vezes financiado,pela família

Matarazzo. Penso com saudades e carinho naquelas suas palavras e sinto-me feliz de ter feito o mesmo, embora fôssemos pobres e os Matarazzos ricos...

Todos estes fatos,como tentativamente lembrados nas últimas páginas deste capítulo, formavam o cenário dentro do qual eu ouvia Giulia Cacciari-Bortesi contar coisas da Itália e das suas viagens.

Nos últimos anos da década dos '40, quando pensava já ter completado(!) o inteiro mosaico dos mistérios da vida, como fazem sempre os jovens, que com 18/20 anos pensam ter tudo descoberto... e para quem pais e professores "nada sabem, pois antiquados"(!),fiz um primeiro tentativo para ir à Itália. Procurando dar evasão a uma idéia fixa, construida como as muralhas das cidades Medievais: pedra sobre pedra, altas, longas e sólidas,mas finalmente vulneráveis. Falido aquele tentativo, era preciso esperar tempos melhores.

Na manhã de 9 de maio de 1949, Giulia faleceu nos meus braços. Velha de 86 anos, dos seus sonhos e dos seus sacrifícios.

Eu perdia uma verdadeira amiga.

Nove anos depois, finalmente, eu deixava tudo e todos, movido pela ânsia de explorar o novo, o incerto e o desconhecido. Quase um tributo à memória daquela criatura , que desde os tempos das minhas fraldas, havia construido dentro de mim a vontade de conhecer a sua e outras terras.

*

Foi durante o outono europeu de 1958 que fiz minha primeira viagem à Itália, partindo da "base" que na ocasião era Paris. Um família centro-americana - talvez do Panamá ou Honduras: não lembro-me -, novos ricos, com escasso conhecimento das coisas da Europa, procurava em Paris um chofer-guia para um giro da Suíça e Itália. Através de um negociante, fui contatado para a empresa.

Naquele tempo naturalmente não havia a facilidade que hoje existe para alugar um automóvel.Era um pouco complicado: quase quanto alugar uma casa! Isto valia para a Europa e Brasil. Os Estados Unidos já estavam mais avança

dos nesse campo. Lembro-me que até o início dos anos'50, quando alguém era entrevistado nos microfones das estações de rádio, o espiquér dizia: "...fulano de tal, engenheiro e automobilista...", indicando com esta última, a "qualidade" de quem possuia um automóvel !

Meus clientes para a projetada viagem pela Suíça e Itália, era um casal de recente matrimônio, acompanhado da mãe do marido. Esta era a "gensek" do grupo (pronuncia-se "guensek",e foi o apelido de Stalin durante os seus 35 anos de domínio !). Mulher dos seus 60 anos, cabelos brancos, chapeuzinho à Greta Garbo, óculos pincenê , cheia de corpo; usando uma daquelas cintas que a fazia uma "torre ambulante". Tipo enérgico, de poucas palavras, dando a impressão que viajava com o casal para assegurar-se que nada de "anormal" sucedesse ! Enfim,uma sogra perfeita, como encontram-se poucas nos dias de hoje! Sua nora, dona Ruth, parecia aquela Ruth citada na Bíblia; conhecida pela devoção à sogra.

Foi com a "gensek" que os planos da viagem foram feitos,envolvendo trajetos, horários, visitas,custos de hotéis e restaurantes.

> "...o senhor conhece bem a Itália ?", perguntava ela durante o nosso primeiro encontro na sala de espera de um pequeno hotel do Boulevard de Montmartre, em Paris.

> "...muitíssimo bem !...imagine,minha cara senhora, que eu usava ainda fraldas quando comecei a conhecê-la", respondia.

Na verdade, nunca lá tinha ainda estado, mas na minha fantasia,parecia conhecê-la tão bem quanto a Praça Marechal Deodoro, em S.Paulo! E depois,não era possível perder aquela oportunidade. Além da viagem e da ânsia de finalmente chegar à terra de Giulia Cacciari, havia a importante questão de ganhar algum dinheiro,e poder sobreviver... por quanto tempo, naqueles dias, não tinha a mínima idéia. "Primum vivere deinde philosophari", diziam os antigos Latinos !

A primeira perna da viagem foi aquela entre Paris e a chamada Costa Azul(Cannes,Nice), no norte do Mediterrâneo. No trajeto, com um livro-guia que indicava os melhores restaurantes da chamada "route gourmande"(estrada da

boa cozinha), exploramos o que havia de melhor na cozinha francesa. É justamente na cidade de Lyon, no sudeste da França - e nas suas vizinhanças -, onde a cozinha francesa chega ao auge.

Em seguida, repassando a parte ocidental dos Alpes,entramos na Suíça, onde, segundo tradição, está o melhor serviço de restaurantes,mesmo se não a melhor cozinha . E as Escolas de Hotelaria da Suíça são as melhores da Europa, o que significa "as melhores do mundo". Na Suíça visitamos Basel, Zurich,Luzerne e Lugano, e três semanas depois da nossa partida de Paris, estávamos para entrar na Itália.

Os Europeus do norte, sempre críticos do espírito expansivo, não muito organizado(comparado aos mesmos); um tanto explosivo e rumoroso dos italianos,dizem que a Suíça não poderia ter "escolhido" nome melhor para a cidade que está na fronteira entre esta e a Itália. Chama-se Chiasso(pronuncia-se "quiaço"),a pouca distância do lago de Como. Na língua italiana, "chiasso" significa justamente "grande rumor"!

E assim, depois de trinta anos, eu estava pondo os pés na terra de Giulia Cacciari-Bortesi ! Quanto lembrei-me dela naqueles primeiros quilômetros depois da fronteira! Da sua figurinha irrequieta e combatente. Um "Napoleão" em forma de mulher !

•

Aquela viagem pela Itália nos levou primeiramente à ci
dade de Pistoia, no centro-norte da península,onde havia
um cemitério dos pracinhas da FEB, e onde um irmão da se
nhora "gensek",estava também enterrado. Ele tinha imigra
do para o Brasil nos anos '30, e por circunstâncias que
ora fogem da memória, tinha acabado na FEB.
Em seguida, na direção sul, visitamos Roma e Nápoles .
Não posso deixar de exprimir a forte emoção que agitou
minha mente, quando pela primeira vez cheguei na Ci-
dade Eterna. É impossível descrevê-la aqui.
De Napoles, cito o que dizia Augustin Creuze de Lesser
(1771-1839), historiador francês, no seu diário de via -
gens do início do século XIX: "...a Europa termina em Ná
poles...e termina mal. Como a Calábria, a Sicília e todo
o resto do sul da Itália...é África". Os italia[illegible] do
norte do país, chamados "setentrionali", não vêm a coisa

muito diferentemente !

Subindo novamente na direção norte, visitamos Florença (berço da Renascença),Venezia e Milão,re-entrando na Suíça e desta voltando à França. Juntamente com Roma, Florença é também importante sob os aspectos arquitetônico e artístico. É uma das cidades da Europa onde é possível passar meses,visitando aquilo que de melhor a Renascença produziu nos seus 250 anos de vida(aprox.1350-1600 D.C.). Daquele importantíssimo período da nossa história, lembro alguma coisa num dos próximos capítulos.

•

No tempo daquela minha primeira viagem à Itália, e até anos relativamente recentes, os cidadãos brasileiros não precisavam de "visto" para entrar na França.Foi a partir do meio da década dos '70, que graças à generalizada migração, mas principalmente à migração de homossexuais, e dos problemas que estes criaram - principalmente em Paris, onde iam à procura de um meio-ambiente menos hostil - que um "visto" de entrada iniciou a ser exigido.

A prostituição propriamente dita de homossexuais é um fenômeno relativamente novo para nós do século XX.Nas antigas Grécia e Roma, era largamente difundida, portanto a podemos chamar"uma velha profissão ressuscitada depois de muitos séculos". Na França de trinta e cinco anos atras, assim como no resto da Europa, a prostituição de homossexuais, aberta e disinibida como notamos hoje, era inexistente. A vulgarização do uso das drogas;o contínuo desintegrar-se da família do seu modelo tradicional; a aceitação de atitudes mais liberais em matéria de sexo pelas novas gerações, tudo isto, tenha talvez contribuido à triste re-explosão do fenômeno em quase todos os países; com a possível exceção daqueles onde a religião Muçulmana o conserva sob estrito controle. E não penso que o problema tenha ainda chegado ao extremo! O mundo verá coisas ainda mais estranhas nas décadas vindouras ! Talvez o mundo "oficializará" um terceiro-sexo,e aquilo que parece ser hoje uma anomalia,não mais será no futuro.

Em Venezia, encantados por tudo que aquela maravilhosa cidade oferece, à parte naturalmente o nem sempre perfeito tratamento dos turistas, pois o turismo de massa, ao

qual cidades como Venezia estão sujeitas,tende a ser elemento negativo; a família havia planejado ficar alguns dias.Alugaram dois quartos e sala numa casa particular à beira de um daqueles "rios",nas proximidades da Ponte de Rialto,a qual passa sobre o Canal Grande.A palavra "rio" é empregada no dialeto veneziano com o mesmo sentido que a usamos no português. Eu me tinha acomodado numa modesta pensão.

Venezia foi famosa na antiguidade(Idade Média;tempo de Marco Polo, nativo da cidade)pelas suas atividades mercantis. Era então uma República rica e independente. Até hoje os homens de negócio italianos tomam precauções suplementares quando tratam com venezianos !

Venezia é também a cidade onde na antiguidade foram organizados os primeiros "guetos",na Europa,para hebreus.Existe ainda um bairro chamado "Gheto degli Ebrei"(gueto dos hebreus).

Como um chofer não servia em Venezia - o automóvel havia sido deixado nas grandes garagens públicas que estão no "Piazzale Roma",de onde toma-se lanchas ou barcos que levam à cidade propriamente dita -, fui a Bologna,onde Giulia havia nascido em 1863. A sensação de andar pelas suas ruas e sob seus"pórdici",não pode ser descrita! ("pórdice", plural "pórdici",são calçadas sob edifícios de uma rua,cobertas por aqueles,como de uso em muitas cidades européias, mas principalmente italianas, para amparar-se da neve). Para um sentimental e inveterado saudosista,como sempre fui,essas ocasiões de suposta alegria transformavam-se em sofrimento !

Nos anos sucessivos, fui outras vezes a Bologna. Numa dessas ocasiões, com o auxílio de longínquos parentes vivendo ainda naquela cidade, descobri a casa onde mia avó materna tinha nascido, e depois vivido com o marido e os sete filhos do casal.

Fiquei tempo diante dela. Procurando absorver cada centímetro quadrado daquelas centenárias paredes.

Ali estavam as baixas portas e janelas; o poço d'água; a chaminé da lareira; a escada que levava ao quintal; as pombas esvoaçando pelo telhado ! Tudo como Giulia havia levado na memória quando partiu em 1898,e como a nós descrevia com tantos detalhes e fantasia.

Venezia, Itália 1958

XXI

Bologna, no centro norte da Itália, foi originalmente uma cidade Etrusca. Povo que viveu naquela região da península entre o oitavo e quarto séculos antes de Cristo. Seu nome era então Felsina. Em seguida, sob o Império Romano, foi chamada Bonômia.

A grande maioria dos edifícios e outras obras que vemos hoje em Bologna, datam dos séculos XIV a XVII,e quando seu solo é escavado, aparecem sempre ruínas Etruscas ou Romanas. Até 1903, era circundada de muralhas,como de uso em todas as antigas cidades-estado Européias. Parte delas ainda existe, assim como algumas das grandes "portas" de pedra,que davam acesso. Nos anos que Giulia Cacciari era jovem, a passagem pelas "portas" comportava o pagamento do "dázio"; uma espécie de "imposto alfandegário",sobre os produtos entrados na cidade. As donas de casa que saiam fora das muralhas para comprar alimentos - pois era lá que estavam os agricultores e seus produtos -, pagavam o "dázio",quando de volta,passavam pelas "portas". Depositavam a cestinha com ovos,carnes,verduras sobre o balcão, onde o "alfandegário"fazia seu cálculo e a dona de casa pagava a "taxa". Os últimos,segundo Giulia Cacciari, não tinham direito de revistar as inúmeras,longas(até os pés)e rodeadas saias das mulheres ... e era lá que uma gorda galinha ou um pedaço de queijo era escondido !

Mas as muralhas e "portas" eram principalmente destinadas à defesa, pois saquear uma cidade e trucidar seus habitantes, era fato comum e corrente na antiguidade. Cada cidade era uma entidade territorial e política à parte . Lembro ainda uma vez que o "país Itália", como o conhecemos hoje, existe somente depois de 1861 ! Portanto,mesmo o Brasil, dentro de um dos continentes novos, é mais velho que a Itália de 39 anos !

Ligado às antigas cidades da Europa e suas populações, lembro ao leitor que antes do século XIX,não existiam as megalópoles(e Londres foi a primeira delas)que temos hoje, com milhões de habitantes. A "grande" Roma, no tempo da maior expansão do Império, contava com somente cem

mil habitantes; que era uma enormidade naqueles tempos.A "grande" Paris, quando Bonaparte foi eleito Primeiro Consul, em fevereiro de 1800,tinha somente oitenta mil eleitores. Portanto, as grandes concentrações urbanas, como as conhecemos hoje, é fenômeno relativamente recente.

Com as novas tecnologias destinadas à agricultura/zootecnia, onde a presença física do homem torna-se progressivamente desnecessária, e com o constante aumento da população mundial, as cidades e seus subúrbios tenderão a concentrar sempre maior número de habitantes. Outro fator influenciando este movimento do campo à cidade, são os sempre mais sofisticados meios de comunicação. Se fizermos um salto a um passado recente,sabemos que agricultores - proprietários e manuais para eles trabalhando -, pouco sabiam do conforto , das novidades, dos divertimentos, dos progressos da medicina(tantas vezes não disponíveis nas campanhas,mesmo em países desenvolvidos), e da vida menos sacrificada das cidades, portanto, a atração pelas mesmas era praticamente inexistente.Nos últimos decênios, porém,a TV "levou" à cidade e suas coisas ao campo, despertando interesse a um diferente estilo de vida e provocando o conseqüente esvaziamento do último.

Com exceção de específicas áreas do nosso Planeta,esta migração campo-cidade é internacional,mas os expertos dizem que é fenômeno cíclico,portanto arreversível no futuro. Coisa que nem todos crêem.

Outra lição que podemos aprender a respeito, é que em países como estes Estados Unidos,malgrado a extenção do território e uma avançadíssima agricultura/zootecnia, o "produto fresco" continua desaparecendo. Tudo é empacotado, embrulhado, enlatado, congelado, desidratado,dando a impressão ao consumidor que a fonte de onde provêm(agricultura/zootecnia) seja uma "hipotética abstração"!

Como o autor destas "Notas",milhões não vêm há decênios uma galinha viva, uma laranja ou um pé de alface nas respectivas plantas! E quando chegamos à página dos jornais dedicada à matéria,ela é rapidamente virada , como tratasse de alguma "aporia metafísica aristotélica", ao invés de assunto que tem a ver com nossa sobrevivência !

Enfim, o homem distancia-se sempre mais, física e espiritualmente do campo, do qual não quer saber dos problemas e dos sacrifícios. Aquela exigência (ou quase uma idéia fixa!)do "produto fresco", podemos ainda encontrá-la na Itália, onde o povo parece ter criado um complexo a respeito! Nas feiras de rua, nos supermercados, nas "salumerie" (salames, queijos, azeitonas,etc.), clientes

e balconistas parecem não dizer quatro palavras sem me - ter "fresco" no meio ! É uma preocupação constante. Tem que ser "fresco" ! Absolutamente.

Lembro-me de ocasiões quando, companheiros de mesa, nos restaurantes , pediam licença ao proprietário para ir à cozinha, a fim de controlar se os alimentos eram "fres - cos" e não tirados de latas ou congelados ! Mas também lá o povo está aos poucos adaptando-se à nova realidade do empacotado, embrulhado, enlatado, congelado e desidatrado. Não há alternativas ! Custa menos ! E como disse em alguma outra parte destas "Notas", o "bolso" continua sendo o mais sensível "orgão" do homem...e não sofre declínio com a idade !

Bologna é rica de arte, principalmente concentrada nas suas ultra-centenárias igrejas e ultra-centenários " palazzi". Pinturas, esculturas, afrescos, objetos de ouro e prata; tudo feito por artistas famosos da antiguidade, sob encomenda de Papas, Cardeais e famílias nobres.

Ao vértice da Igreja Católica Apostólica Romana, mal - grado as críticas e malgrado seus pecados - alguns dos quais a Igreja dos nossos dias procura naturalmente deixá-los dormente nos arquivos -, devemos a existência e preservação deste extraordinário patrimônio artístico . Não somente em Bologna, mas em toda a Europa. Sem sua "ingerência" no mundo secular, e principalmente sem o poder e a riqueza que seu ápice comandou no passado - juntamente com o poder e a riqueza dos Príncipes que incentivaram e protegeram as artes -, possivelmente hoje nada mais teríamos, além de algum porrete usado pelos ho - mens das cavernas !

Em Bologna, está também a mais antiga Universidade da Europa, fundada na Idade Média pelo Imperador do Sacro Romano Império, Frederico Barbarossa. Nas suas aulas , no século XIII, iniciou-se a regular e sistemática dissecação de cadáveres a fim científico. Até os nossos dias, a sua Faculdade de Medicina é famosa em todo o continente. Um dos ilustres filhos da cidade foi Guglielmo Marconi (1874-1937).

De algumas coisas boas da Itália, passo agora a comentar algumas menos boas !

"Maffia", "Camorra" e "'ndrânghetа"(esta uma é palavra que somente os calabreses sabem pronunciar corretamente) são atividades conhecidíssimas na Itália e no exterior. Ferem a reputação de um povo, dando impressão que cada italiano seja "maffioso", "camorrista" ou "'ndrânghetaro", e os meios de comunicação, sempre ativos e ávidos de encher espaços , dão uma mão à divulgação do fenômeno. Velho como a cultura dos povos do Mediterrâneo.

Ao contrário daquilo que é falso-conhecimento, não é exato referir-se a tais "organizações do crime" como fossem "multinacionais", empenhadas num objetivo comum. As chamadas "famílias" são grupos de pessoas, que através de meios ilícitos, promovem atividades não aceitas pela sociedade, pela Lei e pela moral. Não são sempre famílias no sentido usual do vocábulo, mesmo se a tendência é congregar parentes, pois deles, segundo a "lógica do ambiente", podem fiar-se.

Como bem sabemos, o geral processo da "repartição da riqueza", sob todos os aspectos, é meio absolutamente seguro para generar desacordos nas normais famílias... e naquelas menos normais também, como são as acima citadas. Daí o fato que os membros daquelas dedicadas à criminalidade são suas principais vítimas. Centenas morrem anualmente. Existem mais "maffiosos"' "camorristas" e "ndrânghetaros" nos cemitérios que em circulação. Mas o suprimento de nova "mão-de-obra" parece infinito. Como pode ser infinita a miséria e a ignorância.

A "Maffia" propriamente dita, isto é, aquela "original", concentrada principalmente na Região(e ilha) italiana chamada Sicília (terra que na antiguidade clássica (Grécia) foi parte das cidades-estado gregas chamadas "Magna Grécia") - mas com "correspondentes"(principalmente) nos Estados Unidos -, "dedica-se", nos dias de hoje, ao comér - cio da droga, ao jogo clandestino e ilegal, à prostituição e ao "pizzo"(extorsão). Num passado não muito remoto, ao contrabando de cigarros, de bebidas alcoólicas (durante a "proibição" nos USA, conseqüência do décimo-oitavo "Amendment"(correção) da Constituição americana), e ao chamado "mercado branco", caído em "desuso" com o alto grau de independência adquirido pela mulher !

No seu senso mais generalizado, "Maffia" significa" hostilidade à Lei", mas significa também " troca de favores". "A" elimina o concorrente de "B"; este, retribuindo,

elimina o concorrente de "A". Simples !

A "Camorra" é "organização doméstica" italiana, sem ligações internacionais, como acontece com a "Maffia". Principalmente concentrada na Região (Estado) da Campânia (capital Nápoles), ela "dedica-se" ao "recolhimento" da chamada "tangente" (igual ao "pizzo" na Sicilia); ou seja, aquela soma que comerciantes, industriais ou pessoas privadas" devem pagar" para serem "protegidas" contra a "criminalidade" (!). Caso contrário, "alguém" poderá provocar um incêndio na loja, na fábrica ou na própria casa. Em casos extremos, pagar com a própria vida.

Se dermos crédito àquilo que diz a polícia italiana, raros são bares, comerciantes e artesãos em todo sul da Itália que não pagam religiosamente sua "tangente" à "Camorra". É uma "tradição regional"! Como são os "concierges" na França ou as medalhas da URSS !

Finalmente, temos a "'ndrângheta" (aproximativamente pronunciada "nhedrânguetá"). Concentrada principalmente na Região italiana da Calábria, ela "especializa-se" no sequestro de pessoas de famílias que têm possibilidade de pagar o resgate. O leitor menos jovem poderá lembrar do famoso caso Lindenbergh. Aviador americano que fez o primeiro vôo solitário entre os USA e Europa, no início da década dos '30. O sequestro de seu filho (infante) foi episódio que apavorou o mundo de então, pois modalidade criminal pouco conhecida. Hoje, na Itália, os sequestros contam-se às dúzias ! Nos últimos decênios, usando "nova modalidade"; aquela de "vender" sequestrados a "concorrentes", portanto livrando-se da "direta responsabilidade".

Como "fundo da cena" de todas estas atividades criminais, está naturalmente a ignorância, a qual, como sabemos é a "mãe absoluta de todos os males. "Trabalhando" com ela, está a mentalidade "maffiosa", "camorrista" ou "ndrânghetara" dos povos de certas áreas do Mediterrâneo. "Mentalidade" é a palavra justa ! Característica incontrastável daqueles povos.

Naquelas áreas da Europa, mesmo o mais "sério" dos homens tem radicada na sua formação psíquica, a falta de seriedade. Felizmente em diversos graus de intensidade, portanto nem todos prontos a usar "meios extremos". Característica que foi e é levada aos continentes novos (Austrália, Américas) através das migrações.

Lembro de um cliente da sociedade para quem trabalhei na Itália, o qual fui visitar numa pequena cidade da Campânia, não distante de Nápoles. Dizia ele : "...estamos tão habituados a pagar a "tangente", que até estranhamos quando o "coletor" não aparece no dia marcado... é assim fazia meu pai e antes dele, meu avô. Que fazer ? Não vou arriscar minha vida e aquela dos meus familiares por cem Dollars por mês...".

Refiro-me aqui ao sul da Itália, mas o fenômeno tem "ligações" também no norte, assim como em outras áreas do Mediterrâneo, como Grécia, Turquia, Líbano, países árabes do norte da África, e mesmo no sul da "super-culturada" França (Marseille, Cannes, Nice, Toulon). Em suma, podemos chamar o fenômeno de "Mal do Mediterrâneo" !

Pensar que devemos às bordas daquele grande mar a civilização ocidental !

A pletora de governos que sucederam-se na Itália depois do fascismo - cinquenta até 1992 ! -, assim como durante o precedente "ventênio" da ditadura de Mussolini, parecem ter feito e continuam fazendo aquilo que podem para combater o problema. Mas sempre com limitado sucesso

Mudar a "mentalidade" de um povo não é coisa fácil !
E não existem remédios que dêm resultados seguros. Ima
gine o leitor, por exemplo, a "importância" que têm as be-
bidas alcoólicas para os Anglo-Saxões; ou o carnaval e o
futebol para os brasileiros; ou o Koran para os Muçulma-
nos; ou o "business" para os norte-americanos, e assim por
diante. Nenhuma hipotética ação para transformar tais "há
bitos" poderia jamais ter sucesso. Mil artimanhas seriam
inventadas para circunscrever dito absurdo !
Portanto, mesma dificuldade com a mentalidade que impe
ra em certas áreas do Mediterrâneo, pois ela está poten-
temente radicada na grande maioria dos seus nativos. Não
há decreto, ação policial ou programa social ou econômi-
co que resista ! E parece não haver esperanças que um
dia - séculos diante de nós -, os problemas da "maffia", da
"camorra" e da "'ndrângheta" serão resolvidos !
Infinitum est.

*

Na "classificação" dos países Europeus - excluídos [illegible]

queles do ex-"socialismo real"(Polônia,Tchecoslováquia , Hungria, Romênia, Bulgária,Juguslávia,Albânia e parte da ex-URSS) -, a Itália ocupa hoje, segundo aceita experiência, lugar num terceiro grupo. Se considerada for uma composição de fatores como (1)riqueza do solo,(2)economia,(3)instrução e educação do povo,(4)prestígio nacional,(5) organização dos governos e serviços públicos,(6) observação de programas ecológicos,(7)vias de comunicação,(8)limpeza das cidades e (9)seriedade do povo, uma classificação prudente indicaria o seguinte:

<u>Primeiro Grupo</u>:
Suíça, França,Alemanha,Gran-Bretanha
<u>Segundo Grupo</u>:
Áustria, Holanda,Bélgica,Luxemburgo,países Escandinavos(Noruega,Suécia,Dinamarca)
<u>Terceiro Grupo</u>:
Itália e Espanha(a última passando do Quarto em anos recentes)
<u>Quarto Grupo</u>:
Portugal, Grécia e Turquia(parte Européia).

E dentro de cada um desses países, estão naturalmente as áreas de maior ou menor desenvolvimento.("Desenvolvimento" no mais amplo sentido). Em alguns casos com grande diversidade, como são os casos de Itália e Espanha.

Como regra geral,no contexto da Europa - sempre excluidos os países do ex-"socialismo real", que se fossem incluidos na classificação,cairiam no "Quarto"e num"Quinto" grupos -, a "direção norte" indica uma classificação melhor; a"direção sul", o contrário.

A Itália, como país, goza hoje, entre as populações da Europa, de uma reputação elevada no que diz respeito sua antiga civilização, às artes;mas acima de tudo,como berço da Renascênça.

Não penso seria demais lembrar que a "italofobia" foi, em outras partes da Europa, um dos temas recorrentes da literatura anti-italiana dos séculos XV e XVI. Contra a cultura da Renascênça, pela sua importância e pelo fato desta ser "estrangeira" a outros países. Um fenômeno que nos dias de hoje poderíamos comparar com a "americanização" de usos e costumes, chamando-o "americanofobia".

Naqueles séculos, para os povos Europeus fora da Itália, os italianos eram associados à adulação, ao ingano e à astúcia. E nem seria preciso lembrar, associados às

teorias de Machiavelli. Tudo isto fazia parte da "italofobia" da época.

Estas reações de caráter xebófobo foram particularmente violentas no mais importante país europeu daqueles séculos: a França, e ainda mais, por razões óbvias, durante o longo reinado do país pela florentina Catarina de Medicis.

Mas a reputação de um país, de uma região ou de um povo, justificada ou não, pode ter raizes antigas e profundas. Se fizermos um salto à antiguidade e da Renascença formos ao império de Carlos Magno (isto é, seis ou sete séculos antes), notamos que a península itálica(como anteriormente lembrado a Itália, como país, existe somente desde 1861), já tinha ganho má reputação.

Cito G.Granzotto, da sua "Biografia de Carlos Magno":

> "...pensavam em Roma como uma cidade de estranhos costumes, habitada por homens em quem não tinham confiança; suspeitos das astúcias,intrigas e traições...tudo estendendo-se aos povos que viviam ao sul dos Alpes...".

Penso que ainda hoje,segundo minhas observações,um forte sentimento anti-italiano(italofobia moderna!), persiste na França, na Suíça, na Inglaterra, na Alemanha e na Áustria. É um sentimento difícil de ser classificado.Talvez um "re-play" dos tempos de Carlos Magno (como citado anteriormente). Talvez um "cocktail"de inveja, de menosprezo e de orgulho, tudo regado com uma boa dose do passado da Itália. Principalmente das glórias da Antiga Roma e da Renascença, que eles - franceses,suíços, ingleses, alemães e austríacos -,hoje olhando os povos da península "de alto a baixo", simplesmente não tiveram.

Não pode ser esquecido que 2.000 atrás,no tempo da Antiga Grécia e depois naquele do Império Romano (durante mais de quatro séculos), uma grandíssima parte das áreas onde estão os países do primeiro e segundo grupos,era habitada por tribos de nômades bárbaros,em tantos casos dados ao canibalismo. Vivendo em cavernas ou espalhados pelas suas grandes florestas.

Mas tudo isto não muda a realidade do presente !

O homem italiano de hoje não goza,absolutamente,na Europa e nos Estados Unidos,do prestígio que a civilização italiana representou no passado. Sob os aspectos previs

mente citados e que serviram à classificação, os italianos não são bem vistos pelos povos do primeiro e segundo grupos. Para estes, a Itália é a terra dos "furbos"; gente com quem é preciso tratar com "sapatos de chumbo", isto é, com muita cautela; apalpando o terreno devagar e sempre ! E é difícil contestar essa realidade.

Quando trata-se de italianos "meridionali"(do sul); de Roma para o sul, incluindo as ilhas da Sicília e da Sardegna, então a má reputação desce ainda muito !

É um fato que pode ser facilmente observado nos demais países da Europa e nos USA, e seria injusto dizer que os italianos,mesmo se na sua minoria, não ganharam plenamente essa má reputação. E o espírito expansivo e bombástico dos mesmos, nunca foi e não é objeto de grande simpatia pelos "frios" norte-europeus e norte-americanos.

Domesticamente,entre norte e sul da própria Itália há muita diversidade, rivalidade, mau humor,segregação e racismo. É fenômeno relativamente novo, mesmo se potencialmente velho.Sob certos aspectos similar aos problemas relativos à migração dos nossos compatriotas nordestinos ao sul do Brasil.

Segundo os expertos, até o meio dos anos '40, os sulistas italianos que migravam ao norte à procura de trabalho, tinham uma atitude servil e humilde, aceitando um trabalho como um "milagre dos céus"; vivendo em "guetos" e mantendo-se afastados dos fatos da vida local. Ou migrando para o exterior.

Com o fim da II Grande Guerra(1945) e com a introdução de um regime democrático, o servil e humilde sulista, como seria natural e justo esperar-se, iniciou "levantar a crista". "Invadindo" as cidades industriais do norte(Gênova,Turin,Milão); envolvendo-se nos fatos da política , dos sindicatos, da vida social; sujando as cidades, pois pouco educados. Tal migração continua nos dias de hoje , mesmo se menos "volumosa" que num recente passado.

Com essa presença maciça e com costumes que nem sempre refletem a melhor das educações (pois o bom senso diz que transformar um "roceiro" em "diplomata"requer tempo e habilidade ; e esta é verdade que aplica-se internacionalmente!), foi inevitável um sentimento de conflitualidade com os nativos do norte. Contava-me um funcionário de uma firma de Bari, o qual tinha vivido em Turin do fim dos anos '50, de ver cartazes na porta de pensões , dizendo : "non accettiamo meridionali o cani"(não aceitamos sulistas ou cães). Mesmo o autor destas "Notas", em Milão, no meio dos anos oitenta, conheceu o proprietário de um bar que não servia sulistas, virtualmente convidando-os fora da porta !

O problema torna-se mais difícil de ser controlado devido à sensibilidade dos sulistas. Não somente na questão norte-sul, mas sensibilidade em tudo.A eles basta dizer "meia-palavra"para que seja interpretada ofensivamente (talvez carregados de grande complexo de inferioridade), enquanto os nortistas são mais frios e realistas.

Mas como lembrado num precedente capítulo, para formar um hipotético "país ideal", seria preciso juntar aquilo que há de positivo em cada homem, em cada grupo,em cada região. Portanto, nem tudo dos italianos sulistas deve ser considerado negativo. Enfim, qualquer definição do temperamento dos italianos...seria imperfeita!

•

Finalmente, para encerrar este longo capítulo, exprimo minha opinião ao turista "a passo-de-lebre", sobre o que há de mais interessante para ser visto na Itália,além do necessário contato com o povo e seus costumes;além da visita às cidades, às catedrais, ruínas e construções medievais; e além da **preparação histórico-artística antecipada (superficial que seja)**, pois a Itália é principalmente História e Arte, e quem destas coisas não se interessa, perderá grande parte dos benefícios que uma visita poderá trazer.

Esta última exigência faz-me lembrar da estória de um potencial visitante da Itália que conheci nos anos passados. Dizia "querer ir à Itália para aproveitar da boa cozinha e dos seus vinhos". Ora, não é preciso ir à Itália para isto! Na verdade,os restaurantes italianos que encontramos pelo mundo afora são tão bons quanto os da Itália... e custam consideravelmente menos também !

Uma visita àquele país deveria incluir, tanto quanto possível, o seguinte:

<u>Em Roma</u>:
(1)Ruínas da cidade imperial,necessariamente incluindo o Forum e Palatino,(2)Campidoglio,(3)Basílica de S.Pedro, Museus Vaticanos, recinto da biblioteca e Capela Sistina,(4)Fontana de Trevi, (5)Anfiteatro Flávio(mais conhecido como Coliseu,(6)Via Appia Antica(atenção:não

confundir com a Via Appia nova) e túmulo, na Via Appia Antica, de Cecília Metela(20 A.C.),(7)Catacumbas de S. Calixto,(8)Muralhas Aurelianas,(9)Termas de Caracalla, (10)Ruínas do Teatro Marcellus(13 A.C.),(11)Centro Histórico e nas imediações de Roma, (12)a ex- Vila do Cardeal Ippólito D'Este, em Tívoli. Mas de todas as construções antigas que podemos ver hoje em Roma,o Pantheon é a mais impressionante, pois melhor conservada.Iniciada em 27 A.C. sob Augustus; reconstruida por Adriano em 120 D.C.

Em Nápoles:
(1)Museu Nacional e nas vizinhanças da cidade,(2) Ruínas das antigas cidades de Pompei, Paestum e Herculanum; e subida à cratera do Monte Visuvius.

Em Pisa:
(1)Duomo, Batisterio e Torre.

Em Venezia:
(1)A cidade em si, procurando "descobri-la"sem a ajuda de um guia.(2)Palazzo Ducale e Catedral de S.Marco, na Praça do mesmo nome,(3)Ponte dos Suspiros e relativa prisão.

Em Siena:
(1)Centro Histórico da cidade.("Centro Histórico"em todas as cidades italianas, é a sua parte antiga).

Em Milão:
(1)Duomo,(2)Pinacoteca Brera,(3)Teatro "alla Scala" e respectivo Museu,(4)Igreja de Santa Maria,onde encontra-se o afresco(pintura numa parede) "Última Ceia",de Leonardo da Vinci.

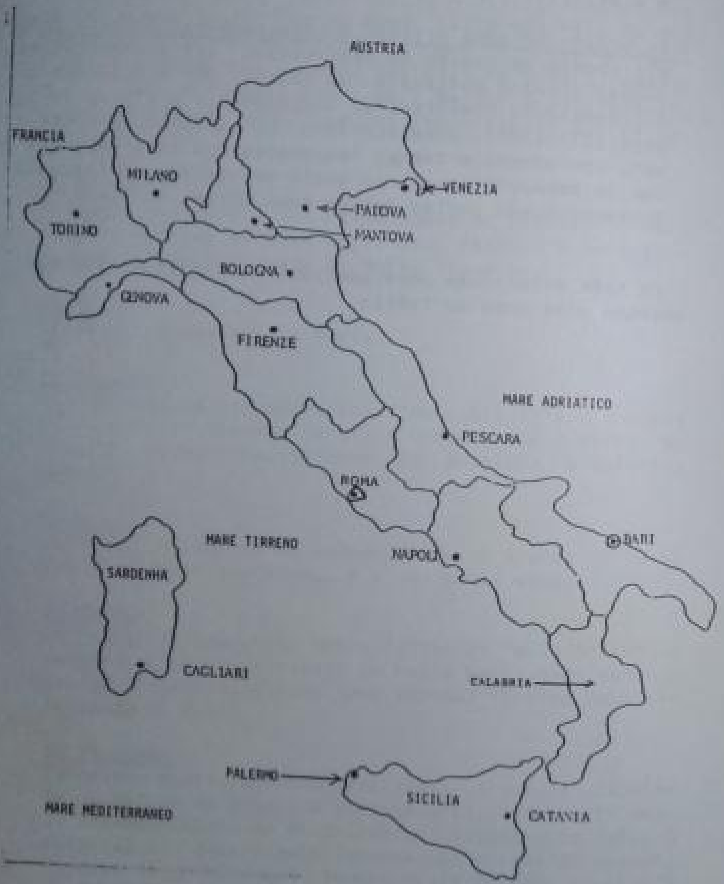
Em Florença:
(1)Centro Histórico(Duomo,Batisterio,Signoria),(2)vista da cidade do Piazzale Michelangelo,(3)Galleria della Academia(obras de Michelangelo),(4)Galleria degli Uffizi(um dos quatro mais importantes museus da Europa) (5)Casa de Michelangelo Buonaroti,(6)Palazzo Pitti,(7) Galleria Palatina(obras de Tiziano e Raphael),(8)Igreja de Santa Croce(obras de Donatello e Giotto).

Em Turin:
(1)Museu Egípcio.

Em Mântova:
(1)Centro Histórico e (2)Palácio dos Gonzagas.(Mântova é a terra do grande poeta Virgílio(70-19 A.C.)

Em Urbino,Bologna,Orvieto,Gúbbio,Spoleto,Assisi e Perúgia (todas no centro da península): (1) a arquitetura dessas cidades Medievais. Em Assisi, ver a Basílica di S.Francesco(S.Francisco de Assis)com as pinturas de Giotto(1237-1337), considerado o "pai da pintura moderna", precedendo a formal descoberta das leis matemáticas da perspectiva,sem as quais os grandes artistas da Renascença não teriam criado suas obras.

Em três diferentes ocasiões(1966 - 1978/83 - 1984/90), moramos onze anos na Itália.



IL PRESIDENTE DELLA REPUBBLICA

CAPO DELL'ORDINE "AL MERITO DELLA REPUBBLICA ITALIANA"

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible] Roma, 2 Giugno 1981

HA CONFERITO

[illegible] Cavaliere

al Dott. Helio SALVADOR

[illegible]
[illegible]
[illegible]

Firmato Pertini Controfirmato Forlani

[illegible]

Il Dott. Helio SALTADOR

[illegible] Nat. [illegible] 10471 [illegible]

Il Cancelliere dell'Ordine

XXII

Uma das viagens que fiz por mar, teve início em Liverpool, na costa ocidental da Inglaterra, nos anos '60. Lá tinha chegado da Escócia, através de um anúncio que procurava um auditor financeiro, para ser baseado no norte do Brasil. Respondendo ao mesmo, fui convocado para uma primeira entrevista em Londres.

O anúncio pedia uma série de coisas, mas a "chave"estava no conhecimento da nossa língua. Apesar da sua conhecida precariedade no exterior, aquela foi uma ocasião em que tornou-se muitíssimo útil ! Não seria fácil encontrar alguém, na Inglaterra, que a falasse, e disposto a transferir-se para a América do Sul. Devo ter sido o único, ou um dos poucos, que responderam àquele anúncio.

A companhia chamava-se B., e meu primeiro trabalho seria aquele de passar alguns meses em Liverpool, aprendendo métodos e sistemas,os quais deveriam servir-me quando chegasse ao destino(norte/nordeste do Brasil e Peru), onde tinham filiais.

*

Os escritórios daquela Companhia em Liverpool, estavam localizados num edifício construido no início deste século, com espessas paredes, tetos altos e grandes escadarias de mármore importado do continente. Seus andares eram ocupados pelas diversas áreas que compreendem a complicada atividade marítima comercial.

No mesmo edifício, estava a mais prestigiosa companhia inglesa de navegação daqueles anos: a "Cunard Line", com a qual a B. tinha acordos na área do "training".

Na época, a frota da Cunard incluia nove grandes transatlânticos, hoje desaparecidos - desmontados ou vendidos(para servirem de hotéis) aos USA e Arábia Saudita - assim como uma dúzia de cargueiros.

Entre os citados transatlânticos, estavam os célebres "Queen Mary", "Queen Elizabeth", "Asconia", "Prince of Wales", "Ivernia", "Britannic" e "Saxonia".Todos de gran

des dimensões. Verdadeiras cidades flutuantes que sulcavam os mares,quando eram o meio usual para viajar entre continentes.

Com exceção das chamadas "cruises", podemos dizer que viajar hoje por mar é coisa do passado, pois não há bastante passageiros para justificar investimentos nessa atividade. Nos últimos decênios, o transporte aéreo apoderou-se do mercado; menos custoso e mais rápido, e os viajantes parecem agora ter menos tempo que no passado.

Pena, pois viajar num daqueles navios era uma experiência sem nada similar nos dias de hoje. Mas a "ditadura" da economia tem mais força que o romanticismo !

Até o início dos anos '60",o transporte aéreo cobria apenas uma pequena parte das viagens transatlânticas.

O então famoso transatlântico "Queen Mary", tinha sido construido na Escócia, fazendo sua primeira viagem em maio de 1936. Sulcava os mares à velocidade de 33 "knots" por hora, iguais a aproximadamente 50 quilómetros. Seu peso total era de 81.000 toneladas; comprido 1.019 pés(iguais a 350 metros). Empregava uma tripulação fixa de 1.174,e tinha acomodação para 1927 passageiros,dos quais 700 na primeira classe. Seus suntuosos salões, magnificamente decorados; suas salas de máquinas,seus conveses!Impossível pensar que alguém construisse hoje tal refinada estrutura. Quando voltamos da nossa recente viagem ao Oriente, ficamos uns dias na Califórnia e lá encontramos o "Queen Mary",servindo de hotel, no porto da cidade de Long Beach, não distante de Los Angeles.

Mas nenhum livro e nenhuma descrição da vida nos grandes transatlânticos do passado, pode ser tão precisa como os cenários do filme sobre o "Titânic"; afundado em abril de 1912, à causa de um "iceberg". A palavra é de origem alemã: "Eis"=gelo ; "berg"=montanha.

•

Parte do meu aprendizado consistia em viajar entre Liverpool e Southampton - porto no sul da Inglaterra -,onde os transatlânticos da "Cunard" atracavam,e depois zarpavam com quase dois mil passageiros. Quando aquela minha visita de trabalho era determinada para um dia útil, seguindo feriados, ou fins de semana, eu arranjava para viajar antes destes, e assim aproveitar a oportu-

nidade para conhecer outras coisas. A distância entre Liverpool e Southampton podia ser coberta em cinco horas de trem. Aquelas pequenas viagens eram em si um divertimento. As paradas nas estações intermediárias consentiam ver algo novo, diferente e interessante. Parte da Inglaterra menos contagiada pelo turismo e pelos modernismos.

Chegado a Southampton, fazia uma caminhada da estação ao porto, não muito distante. Se o transatlântico estava ancorado no cais, bastava mostrar o cartão de identificação ao tripulante de guarda, o qual tomava as providências para que alguém me acompanhasse ao "Chief Steward". Este, nos navios ingleses ocupava-se, juntamente com seus dependentes, de praticamente tudo; designar cabinas , comprar carburante e mantimentos,estocar materiais,assegurar-se que cozinhas e restaurantes funcionassem bem , controlar contas e despesas, e tantas outras coisas que em navios daquela dimensão eram necessárias. Era uma espécie de "fac-totum",do qual podiam depender cerca de duzentos tripulantes.

Os "Chief Stewards" tinham reputação de gente rude,impaciente e explosiva(geralmente eram escoceses ou irlandeses), e com eles era preciso usar muita diplomacia,para evitar desagradáveis conflitos;mormente no meu caso - estrangeiro e novo na "profissão".

Mas podia também acontecer que fosse um homem pacato e simpático,como foi o caso de Mr.Morgan Leith.Nascido praticamente dentro de um transatlântico; filho e neto de gente do mar e nele vivido por 40 anos.

À semelhança de como mencionado num precedente capítulo, o tratamento de Mister(Mr.)era obrigatório, incluindo relações com jovens que ainda cheiravam leite!Na Grã Bretanha era e é assim. Muito respeito e pouco humor.Regra a ser observada e sem alternativas. Somente os íntimos tratavam-se diferentemente, e para chegar a ser íntimo de alguém, requeria um longo e tortuoso "processo". Essa "distância",porém, tinha suas vantagens. Originava menos atritos, e quando chegava o tempo da intimidade - se chegasse ! -, era alguma coisa sólida. Tudo isto poderá parecer estranho a nós Latinos,pois nossa tendência é para rápidas amizades, informalismos e confianças,que em muitos casos sabemos como terminam.

Se ao contrário o transatlântico estivesse ancorado ao largo, porque não havia espaço nas docas, eu esperava a

chegada da lancha trazendo tripulantes à terra, e como passageiro da mesma, encostava na quilha daqueles monstros, de onde subia pela escada externa.

Lembro-me de um fato aborrecido daqueles tempos. Anteriormente, quando morava na Escócia, tinha conhecido um alfaiate, o qual fez-me um terno "domingueiro", com pagamento a prestações. Coisa que na Gran-Bretanha daqueles anos era pouco comum. Tecido pesado de cor azul escura, com listas de gesso e colete. Faltava somente um "chapéu coco" e um bom guarda-chuvas,para parecer um inglês..falsificado !

Subindo a escada externa do"Queen Mary",que era o mais antigo da série, o bolso do peletó daquele rico terno, o qual "estreava" naquela ocasião, ficou preso em algum lugar. Ouvi o ruído do rasgo, longo 20 centímetros. Graças à gentileza de Mr.Leith, o qual deu o paletó ao tripulante encarregado de remendos (naqueles navios havia também disto!), a coisa arranjou-se pelo melhor. Ao tripulante paguei um bom copo de "bitter", que é a cerveja mais apreciada pelos Ingleses(sem gelo e sem espuma,naturalmente!).

Não voltei à terra durante o resto daquele fim de semana. Comi com a tripulação de serviço (somente 20% dela). Alguns simpáticos e conversadores, um dos quais nos visitou anos depois no nosso apartamento de New York. Jogávamos cartas,ríamos, contávamos as nossas estórias alegres e tristes.

O meu programa de aprendizado era naturalmente relacionado com a parte administrativa da atividade. Minha natureza sempre foi guiada para o "lado administrativo" das coisas ! Fui um "apaixonado da escrivaninha",dos papeis, das contas, dos cálculos, dos planos,dos projetos e dos números.Ao mesmo tempo,fui uma catástrofe com coisas que exigiam a destreza das mãos.

A parte administrativa daqueles navios incluia também compras, disposição de materiais durante as viagens, pagamentos e "avanços" a tripulantes - eternamente "prontos" ! -, e outras coisas que diziam respeito a parte econômica daquela atividade marítima.

*

Um tradição da vida no mar é a fartura de comida. Me-

nos, e com controles rigorosos, são as bebidas alcoólicas, principalmente com os britânicos, amantes do álcool como nenhum outro povo que conheci. Nessa área, era preciso manter muita cautela. Os conhecidos e chamados"hooligans"("bagunceiros", torcedores ingleses do futebol), causando vandalismos dentro e fora dos estádios nos dias de hoje, são movidos pela enorme quantidade de álcool ingerida,mais que pelo temperamento agitado.

*

Eram precisas muitas horas para "cobrir" todas as áreas de navios grandes como o "Queen Mary".Nas folgas,para distrair-me, começava pela sua parte mais profunda:as salas de máquinas. Dos 350 metros de comprimento daquele navio, pelos menos 200 correspondiam à sua infra-estrutura. Podia-se facilmente perder-se entre toda aquela maquinaria. Em seguida, subindo os vários convéses, chegava finalmente na "torre de controle", onde alguns tripulantes trabalhavam com cartas náuticas, rotas e instrumentos,que seriam usados na próxima travessia do Atlântico.

A título de curiosidade,passava muito tempo com estes. Fazendo perguntas,cuja maioria das resposta era compreensível somente àqueles que destas coisas tinham uma base; o que não era meu caso. Na minha ignorância,pensava que a bússola fosse o instrumento mestre e absoluto na determinação das direções. Eles explicavam-me que mesmo se a bússola indica o norte,isto não é absolutamente suficiente, pois ela basicamente mostra o "norte magnético"e não aquele "geográfico".

Uma vez deixado o porto, a tripulação da torre iniciava o trabalho de orientação, o qual incluia fatores como a velocidade, correntes marítimas, variações magnéticas da terra, ventos, posição das estrelas e o relativo uso de instrumentos, como o quadrante e o astrolábio. Também o contínuo movimento físico do leito dos oceanos (sempre em transformação), tinha que ser tomado em consideração. Era um trabalho requerendo muito empenho. Mas com o recente uso dos computadores na determinação das direções(aviões e navios, e possivelmente automóveis,num futuro não muito distante), tudo tem sido simplificado.

O objetivo econômico de toda aquela manobra era gastar a menor quantidade possível de carburante na ligação en-

tre portos. Conseguintemente, também a menor quantidade possível de comestíveis e salários. Era motivo de júbilo quando lia-se nos jornais que tal transatlântico havia coberto um trajeto em cinco dias,ao invés dos programados seis, mas era o aspecto econômico que realmente prevalecia! Vinte e quatro horas a menos de viagem,representavam substanciais economias aos armadores!

*

Pela sua posição geográfica e pelos seus antigos interesses comerciais,a Inglaterra foi a pátria natural da orientação marítima e da meteorologia. A história da cartografia(e do orientamento marítimo)é antiga. O primeiro "cartógrafo"do qual têm-se notícia, foi o grego Miletus (VI séc.A.C.). Na cartografia náutica,em particular, foi o português José Abreu de Ribeiro(1489-1556), seu maior maestro durante os chamados anos das descobertas.

O uso da rudimentar bússola(na Europa,a partir dos séculos XI e XII),favoreceu o aperfeiçoamento das cartas náuticas. No fim do séc.XVI,os alemães aperfeiçoaram o uso da trigonometria(método de resolução dos triângulos)e dos cálculos de latitude e longitude. No séc.XVII, o telescópio(cujo primeiro uso prático é atribuído a Galileo (1564-1642), assim como o relógio a pêndulo e tábuas logarítmicas(número a que se deve elevar outro, para obter se um terceiro), foram aperfeiçoados. E no fim do século XIX, os sinais rádio consentiram uma precisão até então desconhecida no cálculo das posições dos navios.

Sucessivamente,as duas grandes guerras(1914-18 e 1939-45) consentiram o aperfeiçoamento da aerofotografia, a qual iniciou a ser usada na cartografia dos litorais e regiões pouco acessíveis ao homem.

Mas de toda a história do orientamento marítimo, dois marcos foram importantíssimos: primeiro a bússola, e cerca de 800 anos depois, o radar(equipamento que usa a emissão de pulsos de microondas para localizar objetos).

Gostaria também de lembrar ao leitor, que a cartografia dos nossos patrícios portugueses dos séculos XV e dezesseis, teve uma característica única: mostrava distâncias, tempos e outras indicações sob falsos nomes e números, conhecidos somente dos seus célebres navegadores. Vasco da Gama(1460-1524) e Fernão de Magalhães (1480 -

1521)(conhecido na Europa e nos USA como Magellan) , são os únicos hoje internacionalmente conhecidos.

*

Voltando à mencionada visita ao"Queen Mary"no porto de Southamptom. Na segunda-feira, às 8 em ponto, depois de duas noites regiamente dormidas numa luxuosa cabina de primeira classe - pois não havia passageiros e assim era possível fazer tais arranjos ! -, lá estava eu em frente da sala do nosso "chief steward",Mr.Morgan Leith. Tinha idade para ser meu pai.Falava com o acento daquela região da Inglaterra chamada Cornwall(Cornovalhia),no extremo sul do país.

Ele havia preparado uma massa de livros e documentos . Perguntava se eu queria uma dose de "scotch" para começar o dia(!). Naquele momento, pensava:"...oito horas da manhã...e estes senhores já começam com o "scotch!", mas os britânicos não têm hora para beber !

Eu preferia uma taça de chá e em seguida, aqueles excelentes cigarros ingleses, que até hoje os encontro na Europa continental:"Senior Service" e "Players".

Mr.Leith explicava-me os gastos feitos na viagem anterior: 2.600 quilos de peixe em Lisboa, 900 quilos de café em New York, suprimento de água doce em Funchal, dispensa de 16 tripulantes em Boston e relativo pagamento ; taxas portuárias; comissões extemporâneas a agentes,e assim por diante. Não faltava,também, documentos indicando pagamento de um"extra"a um chefe de sindicato de estivadores, os quais, na minha experiência no norte/nordeste do Brasil,mas aplicável em toda parte, constituem a pior das "máfias" que podemos encontrar neste mundo !

Eu tomava notas, examinava faturas, lia regulamentos . Em seguida íamos almoçar. De tanto em tanto, Mr.Leith desaparecia detrás de uma cortina. Eram as várias doses diárias de "scotch"...mas ele continuava tão sóbrio como um Papa diante do altar ! À tarde, o trabalho continuava até às 17. A lancha levava-me novamente ao cais, e da estação ferroviária, voltava a Liverpool.

*

Em Liverpool eu morava num quarto da YMCA (no Brasil chamada Associação Cristã de Moços).Organização internacional,administrada pelas Igrejas Protestantes, da qual poucos aproveitam suas vantages. Lá tinha "armado minha tenda";lá fazia as refeições.Ambiente bastante tranqüilo e limpo,e com gente simpática,mesmo se era preciso discutir para obter um segundo pratinho de sobremesa!Meu fraco desde a infância.

O regulamento da YMCA dizia que não era permitido levar visitas aos quartos. Mr. Johnson, o porteiro, homem dos seus 70 anos, arcado e com barba que parecia Napoleão III, quando notava alguém entrando com visita, virava as costas, fingindo procurar alguma coisa no armário. E assim, oficialmente, tudo regular.

Entre os hóspedes da YMCA havia um homem dos seus 40 anos,vindo das Índias Ocidentais(mar das Caraíbas),o qual por razões que eu desconhecia, não ia a gênio com o velho porteiro da noite. Uma vez, noite tarde,eu estava na sala adjacente à portaria lendo um jornal, e Mr.Johnson debruçado sobre o pequeno balcão.

Notando que o homem das Índias Ocidentais entrava com visita, ele os deixou passar e em seguida, quando estavam na porta do elevador, tirou do armário uma toalha e disse ao hóspede: "...mister fulano... o Sr. esqueceu a toalha... pode servir!".

Típico humor inglês. Sem que ninguém risse daquele gesto sem dúvida cômico pela naturalidade imprimida.

•

Três apitos e o "Hubert" zarpava.

Os passageiros, debruçados no convés, diziam adeus àqueles que ficavam no cais. Uma centena de metros, e a neblina já não deixava ver o porto e a cidade de Liverpool. Estava tendo início minha primeira volta(temporaria) ao Brasil, depois de anos na Europa.

Todos recolhiam-se às respectivas cabinas para as primeiras organizações e providências, e à espera da chamada para o jantar: o primeiro da viagem.

Batidas nas portas e um tripulante distribuia um cartão onde estava marcado o lugar que cada passageiro deveria ocupar no restaurante.

"...Mr.e(Mrs.)fulano de tal: os senhores estão convidados para sentar-se na mesa número tal,posição tal. Em Vossa companhia estarão Mr.e Mrs. fulano de tal. Bom apetite !".

Minutos depois, ouvia-se um corneteiro que dava suas voltas, também ele anunciando o jantar. Por que os ingleses tinham que fazer aquele anúncio usando uma corneta , como se fosse uma carga de cavalaria... nunca entendi!

Na minha mesa sentavam-se maduras senhoras, sempre elegantemente vestidas: chapéu, luvas e bolsinha. Chapéus já tinham "caído" de moda em muitos países, mas não na Gran-Bretanha,país conservador. Fazia também parte da mesa um maduro casal. Eram os anos da nossa idade quando consideramos pessoas de 50/60 anos "velhas e antiquadas" sem a faculdade de compreender que cada idade tem suas vantagens, e por que não, também seus sonhos... que podem ser tão galhardos como aqueles da junventude !

Postas as travessas sobre a mesa, todos entreolhavam-se, procurando advinhar a quem coubesse servir-se primeiro. Troca de palavras. Perguntas.Respostas. Comentários sobre o tempo e sobre o balanço do navio.

Obedecendo um certo programa, o qual também fazia parte das tradições das viagens marítimas, os passageiros eram convidados,em turnos,à mesa do Comandante, onde tomavam a refeição.

O "café da manhã" incluia o famoso "bacon and eggs",como de uso na Inglaterra. Às cinco da tarde era servido o chá, do qual fazia parte bandejas de doces e eu,para não perder um velho hábito, supria o estômago adequadamente.

Durante as refeições dos primeiros dias, via-se gente abandonando repentinamente a mesa, e a passos largos,dirigir-se ao convés. Debruçada, alimentava os peixes ! Mas nos dias sucessivos o organismo começa a habituar-se ao balanço do navio e as corridas ao convés cessam.

Às 20 horas, todos reuniam-se no grande salão. Sentados em confortáveis poltronas,formavam grupos, onde cada um contava alguma coisa. A pequena orquestra(um violino, uma viola, um contrabaixo e piano)iniciava o programa.Músicas doces e românticas, e os passageiros pediam o favor das damas.

Bebidas eram servidas. Os garçons destrezavam-se com dificuldade devido ao movimento do navio. Em certos casos, também devido às muitas bebidas que

eles mesmos tomavam !

Das "tradições marítimas", fazia também parte um certo número de senhoras balzaqueanas,à procura de um conforto emocional. Na sua maioria, eram pessoas ricas, que não sabiam como gastar o tempo. Uma ou duas vezes por ano faziam suas viagens por mar. Em tantos casos eram conhecidas da tripulação.

Às 23 horas todas as atividades cessavam. No convés,alguns passageiros, dentro dos seus capotes,chapéus e chales, pois a brisa marinha noturna em alto mar é sempre muito fria, faziam suas caminhadas,às vezes com a lua sobre eles.

•

O "Hubert"era um transatlântico de reduzidas dimensões quando comparadas com aquelas dos grandes(70/80 mil toneladas,como eram os "Queens"). Construido no início dos anos '30, tinha durante a última guerra sido utilizado para o transporte de tropas. Re-adaptado para passageiros, oferecia todos os confortos: 150 cabinas duplas, restaurante,piscina, salas de jogos e leitura. Acima de tudo,aquela maravilhosa atmosfera que somente navios oferecem. Tudo coisas que hoje parecem impossíveis que no passado existiram ! Hoje,nas viagens transatlânticas,somos enfiados como sardinhas nas poltronas apertadas dos aviões , onde é preciso encomodar outros se queremos esticar pernas; ou fazer uma viagem aos cubiculares W.Cs., onde é preciso ser um "acrobata de circo" para livrar-se da roupa !

A nossa primeira escala foi no porto de Leixões, nas proximidades da cidade do Porto, no norte de Portugal. O Porto representa o centro mais importante da região(Beiras,Douro,Minho,Trás-os-Montes),onde a economia é sinônimo de "rural". Seus vinhos,famosos no mundo inteiro, e a produção de cortiça,são os principais produtos.

Ficaríamos atracados um dia,e assim aproveitei para rever a cidade do Porto, viajando de Leixões, dentro de uma lancha, subindo o rio D'Ouro. Panorama belíssimo ! No Porto tinha estado anos antes, mas o contato com portugueses, é sempre um grande prazer.

Sempre gentis e educados; prontos a ajudar.
E se o interlocutor é brasileiro, as delicadezas são maiores.Oxalá tivéssemos a mesma atitude com os portugueses no Brasil !

O leitor poderá estar fazendo um sorrisinho irônico , pois a nossa experiência com portugueses, no Brasil, poderá, em certos casos, ter sido diferente. É preciso todavia lembrar, que aqueles que migram para novas terras - sejam portugueses, italianos, gregos ou brasileiros -, são,em geral,pessoas que viveram nos respectivos países de origem, em áreas depauperadas. Ou aqueles que não tiveram oportunidade de freqüentar muita escola , e quase sempre, saindo de ambientes modestos.

É do contato com essas pessoas que geralmente construimos uma falsa imagem de um povo. É natural que assim seja, e somente uma posterior experiência nos respectivos países de origem desses imigrantes, pode modificá-la.

Em seguida fizemos escala em Funchal,nas ilhas portuguesas da Madeira, na costa ocidental da África e na latitude do Marrocos, onde também tinha estado quando vindo do Brasil, em 1958. Lá tomei um "taxi" local, típico daquelas ilhas.Era constituido de uma carroça puxada por dois bois, e sem rodas. Ia arrastando-se pelas suas estradinhas montanhosas, parando cá e lá para a observação do panorama.

Depois foi a vez da grande travessia do Atlântico.Dias e dias sem ver terra. Somente a visão daquele imenso oceano, na maior parte do tempo com um céu azul anil.

Poderá ser somente impressão pessoal,mas a sensação de isolamento que sentimos hoje dentro dos aviões, quando cruzamos os oceanos,parece ser insignificante,quando comparada com aquela dos navios. Talvez será devido à presença de toda aquela água ao nosso redor;ou devido ao relativo lento movimento. A verdade é que a sensação de isolamento que sentimos em alto mar, principalmente durante a noite, pode ser apavorante.

•

Avisos pregados no convés,anunciavam que no dia seguinte tocaríamos terra nas Índias Ocidentais, que é aquele grupo de ilhas e nações que ficam nas proximidades do golfo do México, ao norte da América do Sul. Mas não era preciso tal aviso ! Já tínhamos notado a presença de gaivotas,a dezenas de quilômetros da terra. Elas seguem

os navios à procura de restos. Animalzinho com incrível resistência.Capaz de ficar no ar por doze horas ou mais, esvoaçando em volta e sobre os navios. Eventualmente"batizando"algum desprevenido passageiro.

Em cada um daqueles portos das chamadas Índias Ocidentais, ficamos dia ou dois. O embarque e desembarque de carga e o suprimento de víveres tomava tempo. Eram feitos nas costas dos carregadores; todos homens de cor. O grande calor - estávamos nas vizinhanças do Equador -, forçava o lento movimento. Das 12 às 17, tudo era paralizado.

À noite, juntamente com passageiros ou tripulantes, eu ia "curiosar"pelas cidades. Nos terraços dos cafés, sentados, saboreando uma imensa variedade de sucos de frutas - muitas das quais conhecia pela primeira vez - tínhamos,à frente,o "desfile" das gordas pretas,que em companhia das filhas(ou supostas filhas!), procuravam"agenciar" clientes para as mesmas. Tudo era feito com a maior naturalidade e sem a menor inibição. A "mercadoria"estava ali, à vista, e os preços eram "tratados" como nos mercados de rua, que eram muitos e em toda parte.

Sabedoras que um navio estava para chegar, elas preparavam aquelas infelizes(para nós,mas perfeitamente felizes para aquelas populações,pois nunca acharam nada de extraordinário na prostituição) criaturas com o cuidado necessário. Tais "agenciamentos"podiam representar um"salário mensal" para as pobres famílias. Depois, era esperar a nova remessa de "clientes",dentro dos próximos navios, os quais não faltavam de atracar naqueles portos.

Do diário de um falecido revolucionário da América Central do século passado:

> "...tínhamos decidido de fazer uma revolução para por fim à miséria e às injustiças. Reunimo-nos na praça principal. Mas chovia. E faltavam os guarda chuvas. Assim voltamos para casa...".

Na passagem do Equador, a cerca de 200 quilômetros ao norte de Belém,dei evasão à minha curiosidade,no que diz respeito à evacuação dos líquidos(nas pias,por exemplo), quando não há intervenção externa. No hemisfério norte, tal movimento de rodamoinho é na direção dos ponteiros do relógio; no hemisfério sul, ao contrário deles. Na altura do Equador, os líquidos descem sem formar o movimento de rodamoinho.

Na chegada da foz do Amazonas, senti grande emoção. Estava de volta no meu país, em territórios a mim desconhecidos. Mas isto não é somente porque o Brasil é imenso, e muitos limitam-se a conhecê-lo parcialmente.Até hoje não conheço, por exemplo, Belo Horizonte, Victória, Florianópolis e Salvador, mesmo se minhas viagens levaram-me a distantes terras. O mesmo acontece com italianos que não conhecem Venezia,Florença ou Roma ! ou americanos do norte que não conhecem New York ou Chicago. E creia o leitor que são milhões deles !

A foz do amazonas impressiona pela sua grandiosidade,e somente uma chegada por mar pode dar seu inteiro efeito. As águas, à medida que subimos o rio, amarelam-se sempre mais. Belém do Pará - a nossa próxima escala -, como sabemos, fica à margem do rio Pará, a qual pode, a todos os efeitos práticos, ser considerada a margem direita do Amazonas.

A condução de um navio, do oceano ou das suas imediações, ao porto de Belém - assim como a navegação pelo Amazonas e seus afluentes -, requer a presença de um piloto local,o qual chegou prontamente com uma lancha. Era o momento quando a tripulação inglesa poderia finalmente descansar. Seria o piloto brasileiro que conduziria o "Hubert"ao largo, onde jogou ancora, pois o movimento da maré impedia a aproximação ao cais do porto.

Um grupo de empregados paraenses da B. estava num rebocador(pequena nave destinada a puxar/empurrar os navios do ou para as docas), que encostou na quilha do"Hubert". Descendo as escadas externas, serramos mãos e trocamos cumprimentos. Muitos deles,naqueles primeiros momentos, diziam: "...como o recem-chegado "inglêe"fala português sem acento !". Brincando, dizia a eles que tinha aprendido português numa escola da Europa !

Eram simpáticos. Pessoas dotadas de uma grandíssima humanidade, como são os nossos compatriotas do norte e nordeste.

Em Belém,aluguei pequeno apartamento na avenida Getulio Vargas, então a via principal da cidade. Com as mesmas malas que havia deixado o Brasil anos antes,instalei-me e comecei sofrer com o grande calor.

Naquela mesma noite voltei ao "Hubert",o qual tinha entretempo encostado no cais. Lembro-me de ter ficado horas vagando pelo convés. Foram momentos dramáticos.Pen-

sava não fosse o caso de voltar imediatamente à Europa ; de ter feito um erro aceitando aquele trabalho. Portanto aquela era minha terra e aqueles meus compatriotas.

Semanas depois o sentimento de inquietude tinha desapa recido, ou era suportável. O intenso trabalho que devia enfrentar ajudou o processo. Os resultados começaram a a parecer e os paraenses colaboravam seriamente, mesmo se nossas "velocidades" divergiam !

As viagens que fazia a Manaus, ao nordeste e ao Peru , foram outros elementos positivos. No seu todo, representando experiência inestimável.

Comecei então a conhecer os brasileiros! Os verdadeiros. Muito diferentes daqueles que havia conhecido no europeizado sul. Mais gentis, menos prepotentes,mais atentos às relações humanas, menos ambiciosos.

Mas sentia que era uma situação que para mim era provisória e que não podia durar. Aquela "íntima necessidade" de continuar explorando o incerto e o desconhecido, não dava-me paz. Era preciso dar seqüência às minhas "andanças", como um peregrino da antiguidade.

Passar o resto dos meus dias ali, mesmo se bem remunerado e usufruindo de certo prestígio,numa Belém ainda pequena e provincial, não era meu objetivo.

Com aqueles companheiros de trabalho mantive correspondência durante os subseqüentes anos.

Extrato de anotações feitas no passado:

"Esta será minha segunda partida do Brasil.
Aqui em Belém deixo boas lembranças. Penso ter conhecido melhor nossos compatriotas desta região do Brasil. Gente boa, inteligente, simpática e humilde. Sempre pronta a ajudar outros; longe da reputação que alguns deles têm no Sul,para onde vão os desesperados,à procura de uma vida melhor e menos sacrificada. Um direito que o homem de todas as terras e de todos os tempos sempre teve.

Fiz muitas viagens ao oeste, subindo o Amazonas e depois,por avião,até a capital do Peru: Lima. Às vezes com os cargueiros da B.;outras dentro de hidro-aviões, que a falta de aeroportos impunha. Manaus, Iquitos(no Peru), cidades onde o hidro-avião desce sobre o rio.
O calor foi uma tortura constante.Os pernilongos, dos quais havia esquecido nos meus anos de Europa, uma tortura noturna. Poucas as horas de sono.

Numa daquelas viagens descemos numa aldeia, nas proximidades de Santarém, para recolher um passageiro, com sua "habitual carga", e para almoçar.
Depois que o hidro-avião achou jeito de encostar na barranca do rio, e que passamos daquela às margens de lama, andamos por uma centena de metros. Crianças semi-nuas rodeavam os passageiros; oito ao todo.
A senhora dona da casa - uma das 5 ou 6 que formavam a aldeia - havia preparado alguns pratos.
Entramos no modesto casebre. A senhora,ao lado da mesa, espantava as moscas; que eram milhares, com um abanador improvisado; querendo assentar sobre as travessas;com lascas nas bordas,onde ela havia posto o feijão, o arroz,a farinha e a carne seca.
Ela nos olhava com abnegação. Contente de receber os hóspedes e ganhar algum dinheiro.

Lavamos as mãos numa velha bacia de louça.Também ela com dezenas de lascas.As enxugamos na própria camisa ou nos bolsos, pois a toalha que ela nos dá é suja e cheira mal.
Sentamos ao redor de uma mesa.
Ela nos conta do susto que passou durante uma precedente noite, quando algum animal selvagem atacou os arredores do casebre,destruindo aqueles domésticos.
Seu irmão desapareceu há dois meses.Tinha ido "seringar", mas a floresta o deve ter surpreendido,e lá ficou; ninguém sabe onde.

Nos arredores vivem alguns índios. Não falam. Não riem. Ficam imóveis, olhando os passageiros. Mandam crianças, produto de uma infeliz promiscuidade, pedir cigarros e se possível,um gole de cachaça. Entre os índios adultos, está Ramon. Parece ser o chefe do grupo. Sentado no chão. Com uma varinha, traça riscos na terra. Olha com desconfiança. Tem seus anos: talvez 40,mas mostra 60. Vestido com um camisa xadrez e um par de calças do exército, talvez ganha de algum passageiro.

O "homem" de dona Berta Fagundes estava na floresta. Saiu às 4 da manhã. Passa o dia ferindo as seringueiras e recolhendo um pouco da seiva,a qual, depois de um sumário processo, é trocada com o"homem do barco",chamado João Caramujo. Este vem pelo rio acima duas vezes por mês, trazendo sal e carne seca.

Subimos novamente no hidro-avião. O motor demora partir. Depois começa o ruído do motor naquele silêncio das árvores e do rio. 150/200 metros e estamos novamente no ar. Próxima etapa, Manaus, a cidade sem luz, onde cada um carrega sua lanterna . Onde não existe criminalidade. Nem assaltos. Onde o Teatro Amazonas - famoso no início do século pelos artistas Europeus que lá exibiram-se,quando a borracha teve seu momento mágico -, jaz agora semi-abandonado.

In Iquitos, no Peru, às margens de um afluente do Amazonas(no Peru ele assim chama-se e não muda de Amazonas a Solimões),não há mais conforto que

nas cidades brasileiras do norte/nordeste.
A única boa notícia é a chegada da grande chuva diária. Entre as 13 e 14, ela chega sem falta,como em Belém. Um refrigério que dura par de horas. E o tormento do calor e da umidade recomeça.
Em Iquitos conheço um casal de norte-americanos da região dos USA chamada New England(Nova Inglaterra), no nordeste do país. No hotel, sob grandes ventiladores pregados no teto,trocamos idéias. Eles lá estão para comprar madeira. Indago sobre a vida nos Estados Unidos. Peço conselhos; descarrego uma avalanche de perguntas a respeito de tudo. Eles respondem com detalhes. Dão indicações. Abrem meus olhos a um mundo que ainda não conheço e para onde estou pensando de fazer minha próxima "campanha",depois daquela primeira experiência na Europa e no nosso norte/nordeste.

*

"Novamente com o pensamento em Belém. O navio parte às 10 da manhã, maré permitindo. É a minha segunda partida do Brasil. Será uma viagem relativamente curta, se considerada a distância,mas excessivamente longa devido as escalas, para carga e descarga em alguns países-ilhas no norte da América do Sul(Índias Ocidentais: Trinidad y Tobago , Barbados, St.Vincent, St.Lucia,Martinica,Point-a-Pitre, Antígua).

Sou o único passageiro a bordo.As duas escalas finais serão Savannah, no Estado norte-americano da Georgia, e New York. A tripulação é inglesa.A maioria daqueles homens é conhecida. Faziam escalas em Belém antes de subir o Amazonas.
Nas longas escalas dos países-ilhas acima citados, tenho sempre a companhia de um ou mais tripulantes. Raros são os brancos entre as populações locais. Negros a maioria; Indianos e Chineses aqueles que dedicam-se ao comércio e aos negócios. Os mercados de rua, na praça principal dessas ilhas, é o ponto de encontro. Tudo é feito ali. Depois parte-se para a próxima escala, com algum "souvenir": uma melancia ou uma garrafa de rum.

A minha é uma das duas cabinas destinadas aos eventuais e raros passageiros. Aqueles que procuram meios de transporte baratos,e que não têm receio da chatice que uma viagem por mar, dentro de um cargueiro,possa reservar. Sou um deles. O único nesta viagem número 253(Belém-New York) da linha B. Ao lado da minha, está a cabina do Comandante. Homem dos seus 50 anos, ríspido e abrutalhado, como pode ser a gente do mar. Dia e noite ao lado da sua garrafa de "scotch". É a única companhia que tem na solidão do mar;longe da família, dos amigos e da sua velha Inglaterra.

Ele conta-me sua história, começada no cais de Liverpool, ajudando o pai a manobrar guindastes e terminada alí, como comandante daquele velho cargueiro, chamado "Valiente", classe 1935.

O resto da tripulação - oito ou dez ao todo -, tem seu "quartel general" nos porões. Também eles solitários do mar. Homens que com 30 anos aparentam 50. Rudes. Com o álcool como companheiro,além dos ratos,que em cada porto,malgrado todas as precauções, não deixam de entrar através das cordas que ligam os navios aos cais. São os mais felizes dos "passageiros"! Não necessitam de passaporte ou passagens. Comem e viajam gratuitamente. E podem descer e subir em qualquer porto. Não têm a preocupação das bagagens !

Também com os tripulantes do "quartel general"procuro estabelecer contato.Alguns respondem com gestos de amizade; outros não apreciam a presença do estranho, num mundo que somente a eles pertence e que somente eles entendem. Com alguns, usando um baralho sujo e gorduroso, jogo "pocker". O único "esporte" que pratico.

Durante a noite, "aproveitando" da minha crônica insônia,caminho pelo convés,entre grandes caixões de madeira , que fazem parte da carga. A claridade vinda da lua projeta-se sobre o oceano. Nada há ao redor senão água e mais água. A distância da terra é grande,mas não tão grande quanto as estrelas que vejo no céu. É possível distinguir algumas constelações. Vejo a galáxia que chamamos "Via Láctea", distante 24.000 "anos luz"da Terra [como visto no Prefácio: a luz, no vácuo (a maior parte da distância entre a Terra e as estrelas está no vácuo) percorre 300.000 quilômetros por se-

gundo]. Lembro-me de uma lição de astronomia elementar dos anos de escola:aquela da estrela mais próxima da Terra,à parte o sol,chamada "Alfa Centauri". Se traçarmos um círculo de um metro de diâmetro; no centro dele imaginarmos o Sol, e ao seu lado imaginarmos a Terra(distante,em média , 153 milhões de quilômetros do Sol), a estrela mais próxima("Alfa Centauri")deste círculo de um metro de diâmetro, estaria 195 quilômetros distante !

•

"Manhã calma esta de sexta-feira, 22 de novembro de 1963. Levanto-me cedo à procura do "bacon and eggs", que pode ser repetido à vontade do(único) passageiro; e das torradas e do chá, que da Índia chegou a este velho cargueiro.

Olho pela janelinha redonda da minha cabina. O mar parece estranhamente tranquilo. Ao redor do navio, a água e o céu encontram-se no horizonte, onde noto manchas escuras.

Pela hora do almoço, o rádio de bordo anuncia a morte de John Fitzgerard Kennedy, 35° Presidente dos USA. Todos grudados no rádio, procurando saber os detalhes da notícia. Pelas 15 horas, o rádio da "U.S.Coast Guard"(Guarda Costeira Ameri
cana)anuncia que um "hurricane"(furacão) está no
tenosso caminho, e que dentro de algumas horas te-
remos ventos de 180 ou mais quilômetros por hora.
Fato normal para o Comandante e para a tripula -
ção. O "scotch"resolve todos os problemas, mesmo
aqueles mais sérios e difíceis ! Mas não é um fa
to normal para mim, que faço minha terceira via-
gem por mar, e que nas precedentes não conheci
ou senti aquilo que representa uma tempestade em
alto mar.
O movimento das ondas começa a intensificar-se.O
céu, cor cinza escuro, dá a sensação que o mundo
acaba-se neste dia ! O volume e a altura das on
das aumenta sempre mais:10/15 metros acima do ní
vel teórico do oceano. A água, depois de ultra-
passar o convés, bate forte na janelinha redonda
da cabina.Difícil ficar em pé.O navio parece uma

caixa de fósforos perdida neste imenso e impressionante mundo de água.
Vou à pequena sala onde o Comandante e a tripulação reunem-se. Alguns grudados no rádio. A morte de Kennedy é o assunto mais importante do dia, e a furiosa tempestade é quase esquecida por eles. O comportamento daqueles tripulantes certamente não honra a tradição da marinha inglesa,e principalmente aquela do seu antigo conterrâneo, Sir Francis Drake(1545-1596) !
Com sacrifício, procurando amparo nos trincos e nas paredes, como um borracho, volto para minha cabina. Encontro tudo que havia dentro(cama,armário, malas, jornais, livros,roupas) "viajando"de uma extremidade a outra. Jogados com fúria pelo movimento do navio, como se tudo fosse um monte de brinquedos. Espetáculo impressionante !
Não podendo ficar na cabina, pois corro o risco de ser amassado por aquele volume de coisas,passo o resto do tempo com a tripulação na acima citada sala, onde os móveis são parafusados no assoalho. Sentado ou estendido no chão. Procurando diminuir o efeito daquele inferno no estômago. E assim foi por dois dias e meio(parte do 22 e 23, 24 novembro de 1963).

"Como descrever uma tempestade em alto mar ? Imitando o assobio do vento entrando pelas frestas; a água do mar e da chuva batendo nas vidraças; o ruído das ondas chocando-se no tombadilho,e o ruído dos mastros, acompanhando o movimento desordenado da nave. Móveis e objetos tombados,arrastando-se pelos corredores e escadas.Homens em luta contra a natureza.

"Na madrugada do dia 25 a borrasca passou. O navio tinha sido deixado com a roda de manobras amarrada e motores desligados, para evitar coisas piores. Contava-me depois um tripulante,que tínhamos corrido sério risco, pois o navio poderia quebrar-se em dois, caso uma daquelas monstruosas ondas o tivesse, pela proa ou popa, deixado uma grande parte do peso suspenso no ar, sem apoio.

"Dois dias depois atracamos no porto de Savannah, onde um funcionário da Imigração americana admitiu-me como imigrante e onde ficamos quatro dias.

A última etapa foi entre Savannah e New York. Na maior cidade americana,chegamos com as primeiras horas do dia. Entrando pelo rio Hudson, vemos a estátua da Liberdade, esculpida por Bartholdi na França,e doada pela França aos USA no fim do século XIX. Vemos também a ilha de Manhattan, onde estão os altos edifícios da cidade.
O "Valiente" atraca nos cais que ficam sob a ponte de Brooklin (ou "brocolino", como chamam os italianos que lá habitam em profusão).
Uma "perua" parada no cais deve levar documentos ao centro. Peço passagem, e o chofer deixa-me na rua 34, onde está a YMCA, e onde alugo um quarto e inicio esta minha nova "campanha".

Fim das anotações feitas naqueles anos.

XXIV

A volta da Itália para os Estados Unidos, em dezembro de 1983, "desenterrou" notas e papeis que foram conservados durante anos, numa das ótimas malas de couro que havia comprado em S.Paulo, vinte e seis anos antes. Digo "ótimas",porque depois de 35 anos de "trabalho forçado", estão ainda em bom estado, mesmo se passadas à reserva , pois não viajam mais.

Entre aqueles papeis e notas, encontrei um "relatório" escrito em Berlin, em abril de 1960, o qual, por razões que desconheço, nunca foi enviado a meus pais; coisa que fazia regularmente. Pena.

Em 1960, a segunda grande guerra havia terminado há 15 anos, e muitas das coisas e nomes daquela catástrofe poderiam estar frescos na memória deles.Como estavam e estão ainda na minha.

Em anos mais recentes, por exemplo, li e reli todos os livros de Albert Speer. Senti muito,quando no começo dos anos '80, soube da sua morte,pois esperava que outras revelações fossem feitas.

Speer era um arquiteto da Organização Todd, e isto explica porque Hitler, cujo "hobby" era justamente a arquitetura, o incluiu no seu Governo, em 1942, como Ministro dos Armamentos. Speer foi condenado, em 1946, a 20 anos pelo Tribunal de Nürnberg. Pena cumprida na prisão de Spandau, um bairro de Berlin. Foi liberado em 1965,e viveu o resto da vida numa pequena cidade centro-meridional da Alemanha, chamada Heildelberg.

No fim dos anos '70, fomos a Heildelberg e lá procuramos a casa de Speer. Paramos no portão e senti uma grande atração na procura de um contato. Mas por um daqueles mistérios difíceis de ser explicados, faltou-me coragem. Seus livros são uma das poucas reais testemunhas do que aconteceu na Alemanha entre janeiro de 1933 e abril de 1945, isto é, da tomada do poder por Hitler ao fim daquela guerra.

Voltando ao "relatório" previamente mencionado,o transcrevo em seguida:

"<u>BERLIN, 16 de abril de 1960</u>

Hoje comprei o "Stadtplan mit Straßenverzeichnis und Verkehrskarten"(mapa da cidade com suas ruas, metrôs e ferrovias).Foi impresso em 1942,portanto mostra tudo como era durante a guerra.

Esta pensão é extremamente barulhenta, com hóspedes que iniciam a tocar trombone às 7 da manhã, e com ele, talvez jarras de cerveja. Não deve ser aquela de Munique(muito "aguada"para esta parte da Alemanha), mas a de Dortmund. Não fosse pela "gut Essen"(boa comida), já me teria mudado !

Há ainda uma porção de ruínas nos arredores.Devem ser casas de gente que morreu durante os bombardeios, ou que foi "expedida" aos campos. Algumas delas foram invadidas por terceiros e transformadas em antros de ladrões e prostitutas. Os donos desapareceram e o governo não teve ainda tempo,ou não está ainda organizado,para tomar providências.

As misérias da guerra estão ainda presentes, apesar dos anos que passaram.

A canção "Lili Marlene" está ainda em voga. Foi a única coisa bonita que a guerra reviveu do passado,e cuja melodia é internacionalmente conhecida, mas não a "letra":

"... VOR DER KASERNE,
VOR DEM GROSSEM TOR,
STAND EINE LATERNE..."

(diante do quartel, em frente da grande porta,havia uma lanterna)

*

Esta semana visitei Plotensee (pronuncia-se como
escrito), famigerada prisão na Heckerdamm(avenida
Hecker), onde centenas de opositores do regime Na
cional Socialista,foram sacrificados. Nela, alemã
es, holandeses, franceses, tchecos e outros foram
enforcados ou guilhotinados,depois de processos
sumários.
Durante os anos 1938/40, o médico Amadeu Schiapa-
relli, filho do nosso farmacêutico da Praça Olavo
Bilac, em S.Paulo,estava aqui em Berlin. Ele deve

ter sido testemunha de muita coisa. Numa só noite, em 8 de dezembro de 1943, 186 prisioneiros foram enforcados em Plotensee, pelos guardas SS(Schultz-Staffen). Durante uma dessas execuções, um cidadão tcheco foi "pendurado" por engano. Ele tinha o mesmo nome daquele que deveria morrer. Para "corrigir" o engano, os guardas SS "penduraram" o condenado justo...fazendo assim justiça(!). A prisão está sendo transformada em Museu. As forcas e guilhotinas estão ainda expostas.
Uma notícia da época, aparecida no jornal "Der Tod Plotensee", aqui exposto, diz que mais de 300 cadáveres estavam amontoados no pátio da prisão, pois não havia transporte. O padre Polschau, na sua testemunha durante o processo de Nürnberg (em 1946), declarou "que os habitantes das ruas adjacentes sofriam com o constante mau cheiro".
Fiquei muito tempo em Plotensee, olhando os muros, os "cabides" no teto, onde as cordas eram penduradas; os fornos que serviam para a cremação, depois que os corpos eram despojados do cabelo e dentes de ouro. Uma edição do jornal Nacional Socialista "Volkischer Beobachter", de dezembro de 1941, publicava na primeira página: "Formas mais severas(!) de interrogação são necessárias".
Como pôde um povo como este cometer tantas barbaridades e tantos crimes ?

*BERLIN, 17 de abril de 1960
Plotensee me está ainda perturbando, mas ninguém pode vir a Berlin sem pagar uma visita àquele lugar, onde tantos mártires pagaram o preço de não concordar com o Nazismo. Tudo começou com Mussolini (nascido nas vizinhanças da cidade de Forlí, na Região(Estado) da Emilia-Romagna, no centro norte da Itália)depois da marcha sobre Roma, em 1922. Onze anos depois, seu grande admirador, Adolf Hitler tomou poder na Alemanha. Doze anos mais tarde, em 1945, tudo havia terminado. Claretta Petacci e Eva Braun foram as respectivas amantes. Ítalo Balbo, Pietro Graziani, Starace e o Conde Ciano, os homens chave de Mussolini. O último acabou sendo genro do ditador italiano. Eda Mussolini Ciano é ainda viva. Goering, Himmler, Martin Borman, Franck, Hess, Ley, Goebbles, Speer, Schacht e Do-

nitz, foram os homens chave de Hitler.

*BERLIN, 18 de abril de 1960
Hoje cedo passei pela Brandenburger Tor(Porta de Brandenburg). Ouve-se vozes que construirão um muro isolando a parte comunista. No lado leste da Tor, está a avenida Unter den Linden (significando "sob as limeiras"). Antes da invasão da Alemanha(primeiros meses de 1945), era a avenida principal da cidade. Entre a Wilhemstraße ("ß" maiúsculo em alemão pode substituir dois "esses") e o Tiergarten(Jardim de Tier), está o terreno, agora baldio, com parte das ruínas da Chancelaria. Hitler suicidou-se no seu "bunker"(fortaleza subterrânea) em 29(30?)de abril de 1945. Com ele, nas mesmas horas, morreram Eva Braun (esposa de Hitler nas últimas 24 horas de ambos), e a famosa cadela Biondi. Todos foram, em seguida, queimados pelo "maggiordomo"de Hitler, Hans Stocker, ainda vivo; como é ainda vivo Erich Temka, chofer pessoal de Hitler.
Quero chegar mais perto das ruínas da Chancelaria e possivelmente entrar nelas, mas guardas da DDR não permitem.
Passando pela Liepziger Platz, volto para a pensão de frau Hedgarda. Durante os bombardeios dos últimos meses de guerra, ela perdeu marido e quatro filhos. No caminho, vejo o teatro construído recentemente, para a Berlinerfilarmoniker(Filarmônica de Berlin). Um dos seus fundadores, no fim dos anos '10, foi o grande Furtwoengler. Hoje é Herbert von Karajan que impera.

*BERLIN, 20 de abril de 1960
Hoje seria o aniversário de Hitler. Se vivo, faria 71 anos. Doente no quarto. Peço à frau Hedgarda um chá de limão ou laranja. Ela traz-me um copo de cerveja ! Diz que o efeito será o mesmo. Penso no Brasil.
A noite passada foi gasta numa cervejaria do lado leste da cidade. Para que servissem um copo de cerveja, precisei deixar meu passaporte na "caixa". Pensei que não sairia de lá inteiro.

*BERLIN, 22 de abril de 1960

Na Prinz Albert Strasse, entre a Wilhem e Anhalter,vejo o terreno onde outrora estava a sede da "Geheime Statspolizei"(Gespapo).Era a polícia civil. Juntamente com a SS, era comandada por Heynrich Himmler. Este foi feito prisioneiro depois do fim da guerra, porém conseguiu suicidar-se antes que o processo de Nürnberg tivesse início.

Hoje, a área de Berlin onde está minha pensão é um monte de ruínas e terrenos baldios. Até 1945, foi o centro da cidade. Este último é agora na zona da Kurfurstendamm(centro da parte ocidental de Berlin). Na parte oriental(leste,comunista), não há centro propriamente dito.Somente a Alexander Platz tem comércio e algum movimento.

Volto amanhã para Paris.De trem de Berlin até Hannover, depois de ônibus até Nancy, na França.Paris no dia seguinte.

É preciso voltar a Berlin."

1.BrandenburgTor
2.Charlottenburgerchaussé
3.Unter den Linden
4.Chancelaria do Reich
* Bunker
5.Gestapo/SS
6.PotsdamerPlatz(Ponto Zero da Cidade)
7.LeipzigerStrasse
8.Reichtag(Parlamento)
9.Tiergarten
10.Min.da Propaganda(Joseph Goebells)
11.PotsdamerStrasse

------ Muro,construido em agosto de 1961.
Escala: 1cm = 100 metros

XXV

> "A finalidade do saber é a procura da verdade; a qual, mais que qualquer outra coisa, apaga a natural curiosidade que diferencia o homem dos outros animais, ou seja, o desejo de conhecer".
>
> Aristoteles,383-322 A.C.

Nos primeiros anos '70, visitamos aquele país que representa o início da civilização e da cultura propriamente ocidental: a Grécia. "Centro do mundo" durante o período que foi dos tempos do poeta e épico Homero(VIII século A.C.)até a queda do Império de Alexandre Magno(fim do século IV A.C.). Intervalo de aproximadamente 400 anos.

Na língua grega hoje em uso,a Grécia é chamada"Hellás" e nós eventualmente nos referimos aos seus habitantes com a palavra"Helênicos".Esta representa, na Grécia, também o intervalo histórico que foi,aproximadamente,do fim do Império de Alexandre Magno ao início da grande Roma.

O antigo e o presente alfabeto grego, são naturalmente diferentes do nosso. "Hellás" e "Helênico" são,portanto, representações fonéticas da pronúncia das letras gregas que formam essas palavras. O mesmo fenômeno filológico citado no primeiro capítulo destas "Notas"(Zhong Guó) A língua grega pertence à família das Indo-Européias.

A arcaica cultura grega, que na história ocidental é a
quela das grandes "fases teóricas", foi o berço de tudo
que conhecemos hoje, e que possivelmente conheceremos no
futuro. Poucas são as formas de atividade mental a nós
conhecidas,que não possam encontrar relações com os anti
gos filósofos gregos. Por esta e por outras razões, pi
sar no solo grego nos faz sentir uma estranha sensação ,
transportando-nos a épocas das quais o homem tem somente

fragmentárias testemunhas.

A Grécia foi também berço da então moderna escultura, a qual procurava a simetria na representação das figuras humanas, com seus grandes artistas: Mirone, Policleto, Prassíteles, Timóteo, Fídias e outros, mostrando aspectos então inéditos da fisiografia do homem. Penso não seja necessário ser um experto em arte para apurar a distinção, por exemplo, entre as figuras produzidas na antiguidade por egípcios e gregos. Mais antigas as primeiras, carecendo totalmente de simetria, como se fossem desenhos feitos por crianças(corpo de frente ; rosto de perfil!).

Muitas esculturas gregas são ainda encontradas nos Museus da Europa, principalmente no Louvre, em Paris; no Museu Nacional de Nápoles e naquele de Atenas.

Fídias foi o construtor do Parthenon, durante o governo Péricles(V séc.A.C.). Mesmo aqueles que nunca foram à Grécia conhecem o Parthenon através de fotos e filmes. É aquele edifício-templo com colunas Dóricas, sobre uma alta rocha(Acrópolis), praticamente no centro de Atenas. Originalmente um Templo grego, foi no século V D.C. - isto é, aproximadamente mil anos depois da sua construção -, convertido em Igreja Cristã. Subseqüentemente, em 1450, convertido em Mosque pelo Império Turco-Ottomano. Hoje somente uma das tantas ruínas que encontramos na Grécia.

Mas lembrando o Parthenon, é interessante notar que por milhares de anos, colunas, arcos e cúpulas foram elementos importantes nas construções. Desaparecidos como tais mas ainda presentes sob diferentes formas, nas construções modernas. Colunas, cúpulas e arcos da antiguidade são ainda encontrados na Grécia, no Egito, na Itália e em outros países da Europa e do Oriente Médio. Destes três elementos da arquitetura, as colunas destacam-se pois mais evidentes e mais numerosas. Três principais estilos de capitéis(arremate superior de uma coluna) dominaram na antiguidade. Ao viajante atento, a variedade no estilo dos capitéis não pode passar despercebida: Dórico, o mais simples(quadrado, sobre uma circunferência); Iônico (imitando um pergaminho parcialmente desenrolado); e finalmente Corinthiano(da cidade grega de Corinth), o mais elaborado, imitando pétalas, folhas e outras ornamentações.

•

Gostaria também de lembrar ao leitor, que os mais antigos povos que floresceram no vale da Mesopotâmia - hoje Iraque -, às margens dos rios Tigris e Eufrates, como foram Assírios(nenhuma relação com os sírios de hoje) e Babilônios; assim como Fenícios, hoje parte da Turquia, Síria e Líbano; e também os egípcios, no vale do Nilo - todos deixando um grande patrimônio de noções -, foram os verdadeiros inspiradores da surpreendente coerência do pensamento grego. No Prefácio destas "Notas" lembrei que o homem aprende dos seus antecessores, e que tudo é produto de precedentes experiências !

Admirar a arquitetura das ruínas dos templos do glorioso passado da Grécia; admirar suas estupendas esculturas e fazer recurso aos livros que nos contam a sua história, procurando assim absorver uma pequeníssima parte dos ensinamentos daqueles séculos, nos pode fazer sonhar com um dos períodos mais importantes da nossa civilização.

Seguindo a Antiga Grécia no tempo, temos a Antiga Roma; "sua herdeira", mas longe daquilo que a primeira ensinou à humanidade. Roma preocupou-se mais com as conquistas e com a política. Os Antigos Romanos não tinham interesses especulativos(como a filosofia exige!); ou por considerações abstratas. Roma era a "expressão moderna" da antiga teoria do filósofo chinês Lao-tse(604-531 A.C.), chamada "Taoismo". Ele pregava simplicidade, "praticabilidade" e pragmatismo. Tudo traduzido em conquistas. avidez e "omnibus dubitandum" !

Todavia, mesmo nos séculos em que Roma esteve no auge do poder, e a Grécia nada mais era que "uma das colônias", os Antigos Romanos mantinham grande respeito e admiração por aquilo que a Grécia tinha respresentado.

•

Na antiguidade não existia um país geo e politicamente unido chamado Hellás ou Grécia. Nós hoje falamos da Antiga Grécia, mas do que estamos realmente falando, é das "cidades que hoje formam a Grécia".

Foram as cidades-estado(Polis) anteriormente citadas nestas "Notas": Tébe, Corinth, Éfeso, Delfi, Rhodes, Platea, Sparta, Atenas -, cujas mútuas relações, durante séculos, foram intermitentemente aflitas por guerras e pela chama da "Koinê Eirene"(paz geral!)...tão efêmera como a vida dos insetos !, que naqueles territórios(e ilhas) formados

ram o país hoje conhecido como Grécia.

Atenas, juntamente com Afrodite,Deméttria e Cibeles,são nomes de antigas divindades femininas da mitologia grega; Apolo, Zeus e Posidon, daquelas masculinas.

No ocidente, as antigas "polis", ou aglomerações organizadas como cidades, nasceram portanto na Antiga Grécia e significaram um ponto de transição, entre a cultura da "sociedade tribal" e as "cidades propriamente ditas".Verdadeiros centros sacros, jurídicos,econômicos e políticos, as "polis" representavam a co-habitação do público e do privado. Antes delas, as "cidades"do ocidente eram somente uma concentração de edifícios e populações. Nos nossos dias - e conheci algumas ! -, temos ainda "cidades" organizadas no estilo daquelas que precederam as "polis" gregas ! E através dos séculos, a palavra grega "polis", começou a ser usada no mundo ocidental,como espécie de sufixo ao nome das cidades: Constantinópolis(cidade de Constantino); Annápolis(cidade de Anna); Florianópolis(cidade de Floriano); Minneápolis(cidade das minas); Neápolis(hoje Nápoles), "cidade nova", e assim por diante.

Platão refere-se às "polis" no seu livro "Res Publica" (República, ou coisa pública),onde o filósofo as imagina como"cidades ideais e perfeitas",precedendo sob certos aspectos, a "Utopia" de Thomas More(1480-1535).

*

Quando comparada com países desenvolvidos, e malgrado sua celebérrima história, a Grécia de hoje mostra-se uma nação medíocre, pobre, pouco organizada e deficiente.Características generalizadas no Mediterrâneo dos nossos dias. Ligar os presentes "defeitos" ao seu glorioso passado, nos põe em embaraço,mas é evidente que não podemos ver os antigos gregos e sua civilização,com os olhos do nosso homem contemporâneo.

Não é tarefa fácil, pois fácil não foi também ao comum grego da antiguidade, compreender aquilo que pregaram poetas, escritores, políticos,oradores,dramaturgos e filósofos como Homero, Sófocles,Anassimandro, Pitágora, Péricles, Eráclito, Epícuro, Sócrates,Anasságora, Empédocle, Platão, Senofonte, Eródoto, Ipócrate, Aristóteles e tantos outros. Tão difícil naquele tempo de compreendê-los

como nos é hoje a relatividade Einsteiniana.

Uma visita à Grécia, porém, curta que seja, nos põe diante de uma quase obrigação de saber alguma coisa daqueles ensinamentos, muitos dos quais em uso até o fim da Idade Média. Outros, até o fim da Renascença. Cobrindo um espaço de tempo de 1.500 a 2.000 anos,sem que o homem pudesse, naqueles intervalos, encontrar respostas mais adequadas a tantas interrogações do Universo cósmico e terrestre.

Ao homem moderno, aqueles ensinamentos não podem ser absorvidos sem sacrifícios.Mas os livros - aqueles bons! - podem ser lidos e relidos; reflexões e análises podem ser feitas ; tentativos de compreensão podem ser estruturados; conclusões chegadas. Mas é preciso lê-los, relê-los e relê-los ainda. Um processo permanente, e não tenho acanhamento no dizer que o incitamento à boa leitura é o maior presente - verdadeiramente o maior de todos ! - que pais e instrutores podem dar às novas geraçoes de todos os tempos.

A propósito dos acima referidos intervalos,durante os quais os ensinamentos da Antiga Grécia permaneceram válidos,penso que a história dos tiranos que o mundo sempre produziu através dos séculos, merece aqui um parêntese e uma reflexão. Dos Ciros e Darios, na Pérsia, a Alexandre Magno, na Macedônia; dos Césares,na Antiga Roma, aos Khans, na Mongólia; dos reis da Inglaterra a Bonaparte, e destes aos Mussolinis, Hitlers e Stalins. Toda uma infinita série de tiranos que dominaram os seus e outros povos, usando imenso poder. Mas quanto efêmera foi a tirania destes personagens quando a comparamos à "tirania" das teorias dos antigos gregos, as quais,por dois mil anos dominaram o saber !

Dou um exemplo. Aristóteles afirmou que "massas com diferentes pesos, caem em diferentes velocidades"(como podem ser uma mecha de algodão e um pedaço de chumbo). Galileu Galilei, dois mil anos depois(!), prova que ambos caem com a mesma velocidade, se a inteferência do ar é eliminada(vácuo).

Podemos então perguntar: o que terá acontecido com o desenvolvimento da cultura durante o intervalo de 2.000 anos, entre o tempo dos antigos gregos e aquele de Galileu ? "Roma, com a sua avidez pelas conquistas e a"escuridão" da Idade Média, com o fanatismo religioso", podem ser a resposta !

*

Mesmo se a filosofia foi para os antigos gregos a "matéria guia", formando a base de tudo,pois nela, a contas feitas tudo está concentrado, representando o conhecimento da verdade primária e última, eles dedicaram-se também às ciências(biologia,astronomia,física,matemática) e também à política e à retórica.

A escola de Alexandria,no norte do Egito, da qual lembrei alguma coisa no capítulo sobre aquele país, foi herança recebida do precedente pensamento grego. Também o sistema político que funda-se nos princípios da soberania popular (ou é assim intencionado!), que chamamos Democracia,o foi. Deriva do vocábulo grego "demos" (povo,com direito de contestar).

Na Antiga Grécia, a poesia, a comédia e a tragédia foram formas comuns para a transmissão das idéias e pensamentos através da literatura e do teatro. Não diferentes daquelas hoje usadas,mesmo se os novos meios de comunicação as obliteraram. A "Ilíade" e a "Odisséia" de Homero são exemplos; vão muito além do próprio significado puramente literário e artístico.

O poeta ou o artista podia então introduzir,através da poesia, da comédia ou da tragédia, problemas políticos , religiosos e éticos, e o público partecipava ativamente às discussões. Destas nasceu justamente o que chamamos "democracia".

O homem moderno é naturalmente avantajado pelo aperfeiçoamento da imprensa(no século XV e XVI); veículo importante na difusão da cultura,mesmo se com a descoberta de outros, a partir deste século XX, a imprensa perdeu o poder que gozava anteriormente. Outro instrumento com o qual não contavam os antigos gregos, era a simples e hoje comum "máquina de cálculos",a qual tomamos como "direito adquirido" e nos é difícil imaginar que na antiguidade não existisse como hoje conhecida; capaz de chegar aos mais complicados resultados em brevíssimo tempo.

No Museu Nacional de Atenas, são reproduzidos pergaminhos e escrituras da antiguidade, mostrando cálculos que ocupavam o espaço de uma toalha de mesa. Tudo feito manualmente e sujeitos a inúmeros erros;com intermináveis adições que substituiam multiplicações, ou subtrações que substituiam divisões, pois os métodos destas eram desconhecidos. "135 vezes 12.456" era operação que consistia em somar 135 vezes 12.456 ! Lembro também ao leitor, que

a primeira "calculadora" que o homem utilizou, foram as próprias mãos; contando os dedos!,e a segunda,foi talvez o "abacus". Inventada pelos árabes muitos séculos antes o nascimento de Cristo,mas não conhecida na Antiga Grécia. Mesmo com o uso desta, os cálculos destinados à astronomia, por exemplo, seriam de uma incrível dificuldade.

O "abacus"é aquela tábua com botões que movem-se de um lado a outro, ainda hoje usada nos países árabes. Nós a vimos em uso também no Egito, na Índia e no Nepal.Na verdade, lembro-me vê-la em uso nas lojas da rua 25 de março,em S.Paulo, nos anos '30 e '40 !

Isto para ilustrar a diferença de meios que há entre a antiguidade e hoje. Pitágoras, possivelmente o maior matemático que a História conheceu (transformando também seus pensamentos filosóficos em "fórmulas matemáticas" e vice-versa), e seus discípulos, talvez sonhassem com um instrumento que os isentassem de tantos sacrifícios nos cálculos !

•

Os "Diálogos" - os quais incluem "A República"; a "Me
tafísica" e a "Política", são alguns dos compêndios (or-
ganizados sucessivamente à vida dos autores),dos "escri-
tos" deixados pelos antigos gregos. Um comum mortal dos
nossos dias,não os pode deixar de ler e reler ! Quanto
tempo perdemos em banalidades, principalmente nos anos
verdes da nossa vida - e não somente neles ! -,sem dar
nos conta que uma grande parte dele,poderia ser emprega-
da nessas leituras, e delas tirar imenso proveito. Abrin
do nossa mente a um mundo superior,menos vulgar e banal.

Arístole(427-347 A.C.), posteriormente chamado Platão,
filho de Aristão e Perictone, foi o autor dos"Diálogos".
Na língua grega,"platão"(platus)significa "costa larga",
portanto o vocábulo "platão" nada mais é que um apelido
da antiguidade.
Filho de Nicomano e Festide, nascido na cidade de Sta-
gira, foi Aristóteles(384-322 A.C.), autor da "Metafísi-
ca" e da "Política"; conhecido na época e hoje com o ape
lido de "Stagirita", ou aquele que vem da cidade de Sta-
gira.
Era comum na antiguidade usar, como sobrenome, o nome

da cidade natal.Um mais recente exemplo foi Leonardo,nascido na cidade de Vinci, nas proximidades de Florença,conhecido como Leonardo da Vinci, mesmo se o nome da cidade já tinha sido adotado pelo pai, Piero. ("da" na língua italiana, corresponde à nossa preposição "de").

Os ensinamentos de Platão foram, como aqueles do seu mestre, Sócrates, dominados por motivos éticos, que são em síntese,comportamento e moral. Convencido, como Sócrates, que "a verdade e o bem existem e são inseparáveis", Platão procurou explicar as contradições do pensamento. Doutrina destinada a ter grande influência nas sucessivas relações com as ciências("especializações",como lembrado mais adiante). A base de todo seu pensamento é conhecida como "doutrina das idéias". Na concepção popular, a "doutrina das idéias" de Platão encontra evasão no "amor platônico"(não material, não físico).

Da "Metafísica" de Aristóteles, transcrevo uma explicação dada pelo mesmo Aristóteles,da "doutrina das idéias" de Platão, de quem foi discípulo mas adversário. Procuro aqui eliminar o que possa ofuscar o sentido, e entre parêntese, junto clarificações ao leitor menos prudente:

> "..."Platão", diz Aristóteles na sua "Metafísica", "familiarizou-se, desde sua juventude, com a doutrina de alguns filósofos,segundo a qual,todas as coisas sensíveis(materiais - que podem ser sentidas, vistas ou tocadas pelo homem), estão em contínuo estado de evolução(portanto não estáticas). E Platão mantém essa posição filosófica até o fim dos seus dias. Socrates(por sua vez mestre de Platão),não ocupou-se do mundo da natureza (tudo que é material),mas de problemas filosóficos,procurando nestes o universal(contrário às "especializações"). Platão aceitou seu ensinamento,mas manteve que tudo que é sensível(em constante estado de evolução) não pode ser definido, pois a ele pareceu impossível definir alguma coisa em movimento. Tudo que não era sensível(não material) e que podia ser definido, foi resumido na "doutrina das idéias".

A propósito, gostaria de lembrar ao leitor,que a filosofia das religiões Cristãs(Ortodoxa,Católica,Protestante, Copta,etc.) é grandemente baseada naquela de Platão.

E não seria necessário lembrar que Platão viveu cerca de 400 anos antes de Cristo !

Quanto a Aristóteles, adicionando sua própria experiência àquela dos seus precedessores - principalmente Sócrates e Platão -, ele é considerado por muitos o maior gênio da Antiga Grécia, porque mais realista,ocupando-se de filosofia, astronomia, biologia e teologia. Seus estudos biológicos,por exemplo,são de uma impressionante profundidade; constantemente citados pelos biólogos dos nossos dias.

•

Como visto anteriormente,Aristóteles foi o autor da"Metafísica". Conjunto de quatorze "livros", nos quais ele procura explicar causa e princípio de tudo, e o vocábulo "metafísica"(acima da física), tem justamente esse significado. Não é uma obra no sentido usual da palavra,pois carece de unidade literária e cronológica, mas toda a grande obra deste célebre fisólosfo grego chegada aos nossos dias,comumente chamada "Corpus Aristotelicum",tem as mesmas características. Aquilo que conhecemos hoje , são episódios raramente relacionados entre si, e no tempo de Aristóteles eram destinados à atividade didática . Modernas pesquisas indicam que tais "episódios"eram ligados ao período quando ensinou na Academia de Atenas, nos seus últimos doze anos de vida.

Foi Andrônico de Rhodes(outro exemplo de nome de cidade como sobrenome), também ele filósofo, que no primeiro século antes de Cristo, isto é, dois séculos depois da morte do Stagirita, publicou aquilo que restava dos "escritos" de Aristóteles, procurando organizá-los por assunto. Assim é que hoje temos à disposição uma coleção de pensamentos juntos aqui e ali.

Mas de um modo geral, a história do que foi pensado e escrito na antiguidade pelos gregos - ou mesmo por pensadores mais recentes -, obedece essa mesma lógica. Lembro ao leitor que os"rótulos"daquilo que chamaríamos hoje "papel", eram conservados individualmente, portanto mais sujeitos a extravios, e que somente na Idade Média, começaram a ser organizados em livros, como os conhecemos hoje. O "Velho Testamento", ou seja a Bíblia segundo os Hebreus; aquela estória de todas as estórias,é um

clássico exemplo. Visto e revisto, alterado, adicionado, eliminado, modificado e substituído de uma forma ou outra, através dos séculos.

•

Aqueles que têm interesse e curiosidade pelos antigos gregos, aprendem logo que mesmo uma superficial compreensão das obras de Aristóteles, por exemplo, e em particular da "Metafísica", representa árdua tarefa. Não somente pela complexidade da matéria, mas pela complicada forma literária. Em relação a esta, porém, não seria preciso voltar aos tempos dos antigos gregos. Bastaria procurar ler e interpretar textos bem mais recentes, como aqueles de Marco Polo(1254-1324), contando das suas viagens e dos seus anos junto da corte dos Khans, na Mongólia; ou Leonardo, ou Machiavelli, durante a Renascença, para tropeçarmos em frases e episódios de não fácil compreensão. Portanto é preciso ler, reler e reler ainda, como um moderno "Philomatés", procurando assimilar pelo menos uma pequena porção do seu imenso todo.

Lembro, finalmente, que Aristóteles foi um dos tutores (entre 343 e 341 A.C.) do pequeno Alexandre, filho de Felipe II da Macedônia, posteriormente chamado Alexandre Magno(356-323 A.C.), o qual, nos seus curtos 33 anos de vida, conquistou territórios e civilizações, que na época, representavam o "mundo que contava": hoje Grécia, Turquia, Líbano, Irak, Síria, Pérsia, Egito e parte da Índia.

•

Mesmo se pouco daquilo que foi originalmente escrito pelos filósofos gregos chegou intato aos nossos dias, a essência do pensamento é conhecida e documentada. Muito foi traduzido do antigo grego ao latim, mas principalmente do grego ao árabe, e posteriormente do árabe ao latim. E deste último, em séculos recentes, amalgamado com as línguas modernas. Mas como aconteceu sempre com as traduções, alguma coisa foi naturalmente perdida no dar uma fiel e exata interpretação do pensamento.

Este foi e é um problema eterno ! Não existem, ou raramente existem, traduções de uma língua a outra que re-

flitam exatamente o sentido dado pelo autor. Mais que "traduções", temos "aproximações de traduções".

Abro outro parêntese para lembrar algo sobre a transmissão da cultura entre diferentes povos, usando diferentes línguas. A conquista árabe da península Ibérica(Espanha e Portugal), iniciada em 711 D.C., por exemplo, e a subseqüente expulsão dos mesmos daqueles territórios, séculos depois, criou uma situação toda particular. As populações árabes, que não obstante a ameaça de expulsão, adotaram a Espanha/Portugal como pátria, serviram à divulgação da língua árabe no mundo Latino(Espanha, França, Itália). Portugal não é incluído, pois este foi, no passado, sempre um "satélite" da Espanha.

Portanto, grande parte da antiga cultura grega não foi passada aos Latinos diretamente, mas através das traduções do árabe ao latino. Fecho o parêntese.

Muito daquilo que lemos dos filósofos gregos pode parecer "óbvio" ao leitor dos nossos dias; e digo que àquele menos prudente, explode logo a questão: "... o que, afinal de contas, ensinaram aqueles gregos ?"

Mas vinte e cinco séculos atrás, eram idéias, pensamentos e teorias inéditas. Com a possível exceção dos chineses, no Oriente, os antigos gregos foram os primeiros, no Ocidente, a interessarem-se pela procura da verdade sobre causas e princípios primários, de tudo aquilo que forma o nosso Universo; e tanto quanto possível, distanciando-se da "tirania do misticismo".

•

Juntamente com as presentes Romênia e Bulgária, e com exceção daquela pequena faixa de território da atual Turquia Européia(onde está a cidade de Istambul), a Grécia é o mais oriental dos países Europeus. Um ponto de encontro entre três continentes.

Durante o chamado período clássico, isto é, aproximadamente entre os séculos VIII e IV A.C., e implicitamente antes das conquistas de Alexandre Magno, os antigos gregos, como Europeus, tiveram a tendência de "voltar-se" ao Ocidente. Daí a conseqüente criação de colônias no sul da península Itálica e Sicília, regiões que passaram então a ser conhecidas como "Megale Hellás"(Magna Grécia).

Também as célebres cidades de Pompei e Herculanum,na Itália de hoje,como anteriormente lembrado,destruidas pelo Vesúvio em 79 D.C., durante o Império Romano de Tito, foram até o III século A.C.cidades gregas. Suas ruínas, as quais tantas vezes visitamos, pois oferecem um espetáculo sem igual,mostram ainda vestígios da cultura grega, mesmo se quando destruidas pelo Vesúvio faziam parte do Império Romano.

A cultura da "Magna Grécia" teve grande importância no desenvolvimento do pensamento grego, e o movimento de maior relevo foi aquele dos chamados Pitagóricos, fundado séculos antes por Pitágoras, na cidade de Crotone (hoje na Calábria,Itália). Pitágoras é considerado o verdadeiro "pai" de todas as"escolas filosóficas",da matemática, e conseqüentemente da primitiva "ciência" na Antiga Grécia. Diz a História, que com "Pitágoras e sua "Escola",a filosofia não é mais um passatempo de ricos comerciantes e navegadores. Pensar começa a ser uma profissão".

Na metade do século V A.C.,tanto a "Escola" grega oriental, isto é, aquela nos territórios da Grécia de hoje (cidades-estado anteriormente citadas), assim como aquela ocidental(Magna Grécia), foram absorvidas por Atenas, a qual transformou-se no centro intelectual do mundo antigo ocidental.

Anasságora, sob a proteção do estadista Péricles, foi seu principal animador. Em Atenas nasceram então as primeiras idéias de"especialização", ao contrário das "generalizações" do saber. Processo que continua até nossos dias. Faço um pequeno e simples gráfico com o intento de lembrar ao leitor o "antes" e o "depois" de Atenas:

A. "<u>Antes</u>"de Atenas como centro intelectual do mundo antigo ocidental; e também sucessivamente,durante a"Scolástica"(fim da Idade Média):

1. FILOSOFIA ("Mãe"de todo o saber)	<u>Apêndices</u>":
	2.Astronomia
	3.Biologia
	4.Física
	5.Matemática
	6. ....
2.3.4.5.6.7.	7. ....

B. "<u>Depois</u>"de Atenas(principalmente depois de Alexandria)(período da "Scolástica" excluido):

1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.

Portanto, com o passar dos séculos, a "especialização" iniciou a fazer parte da "forma mentis" do pensamento ocidental.No fim da Idade Média,todavia,(aprox.1350),quando a Europa finalmente "acordou-se" da longa letargia - que a cobriu durante os séculos iniciados com a queda do Império Romano,em Roma(V séc.) - , uma nova "Escola" de pensamento, chamada "Scolástica", voltou a apoiar o"sistema"dos antigos gregos(pré-Atenas). Um sistema, que como mostrado no gráfico "A", enquadrava tudo sob a universal filosofia. Os adeptos desta nova "Escola"("Scolástica") não acontentavam-se mais de isolar uma esfera do saber de outra, e de considerar cada uma delas em si(gráfico "B"). Limitar o interesse a um ramo do saber,separadamente, foi combatido e considerado anômalo. O homem, o pensador, o estudioso, deviam ser,segundo a "Scolástica" e como chamaríamos hoje,"generalistas".

Com o ressurgir desse comportamento mental, contrário à "especialização", era impossível chegar a uma final definição entre fatos físicos, verdades morais e experiência. A filosofia - aquela dos antigos gregos dos anteriores 1500/1700 anos -,recomeçou,com a "Scolástica", a dominar, ainda uma vez, o pensamento do homem do fim da Idade Média. A Igreja foi a maior"patrocinadora" da "Scolastica", pois a ciência e as suas descobertas - se inpendentes do pensamento filosófico-religioso-, foram tradicionalmente "inimigas" da Cristandade de todos os tempos. E por que não, até os nossos dias !

Cito Charles Singer,do seu livro "Interpretação de Newton do Universo":

> "...o sistema de Newton nada mais é que uma versão mais completa dos precedentes sistemas. Por treze séculos - tempo que passou de (Santo) Agostinho a Newton -, a filosofia da Cristandade reinou soberana. Primeiramente sem oposição;depois com sempre maior dificuldade".

*

Outra página da história da Antiga Grécia que um visitante destas terras não pode esquecer, é a célebre "Apologia"(defesa) de Sócrates(470-399 A.C.),escrita por Platão e parte dos seus "Diálogos".

Através de Meleto, Sócrates é acusado pela cidade de

Atenas, de duvidar e contestar, por princípio, todas as formas de autoridade; e de não crer nos Deuses que a cidade de Atenas crê; e de procurar introduzir"novas divindades", ou sejam, as Alethéias(verdades). Segundo Meleto, Sócrates comete assim o "crime" de corromper as novas gerações, e pede à "Eliéa" da Antiga Grécia - que era um grupo de homens encarregados de interpretar as Leis(versão arcaica das "Cortes Supremas"dos nossos dias), - de condená-lo à morte.

Sócrates é executado em 399 A.C.

Talvez a acusação de Meleto seja um dos primeiros fatos relevantes, que da antiguidade grega, nos leva,cerca de 1600 anos depois, aos não menos célebres fatos da Inquisição, quando ateus, agnósticos e outros; ou aqueles que por mil razões exprimiam idéias contrárias à Igreja, foram perseguidos, postos à masmorra ou queimados vivos. Também esses martires, como Sócrates, procuravam "introduzir" novas verdades !

De relativa fácil leitura e relativa fácil interpretação, a "Apologia" de Sócrates, como escrita por Platão , é página de um profundo valor filosófico e literário,onde o último usa todo o poder da sua retórica. Deve ser lida hoje e sempre,mesmo por jovens aviados a profissões não diretamente relacionadas com a filosofia.É uma lição de civismo, que pode servir a "tapar buracos" da nossa educação escolar, da nossa cultura e às vezes, da nossa precária experiência.

•

No mundo do homem pragmático e empírico de todos os tempos, ou seja aquele mundo em que o homem ocupa-se exclusivamente do que é sensível; da "vida ativa"(fazer) e pouco da "vida contemplativa"(pensar,estudar,saber); naquele mundo onde o homem pode nascer e morrer ignorante da filosofia, os ensinamentos dos antigos gregos podem restar um fator abstrato, sem importância, confuso,supérfluo e tantas vezes, incômodo...como um fantasma do qual ele não toma consciente conhecimento.

Não obstante, a filosofia é o verdadeiro fundamento de todas as invenções.Da simples roda à moderna tecnologia, da qual podemos ainda e seguramente considerá-la "primi-

tiva", se hipoteticamente a compararmos com aquilo que o futuro nos poderá potencialmente reservar.

Penso que os séculos que estarão na nossa frente produzirão pensamentos e fatos que não fazem **sequer** parte dos sonhos e das fantasias do homem contemporâneo. Mesmo se este continua imaginando e explorando as mais "futuristas extravagâncias", como as vemos com frequência na TV, nos filmes e nos livros. Em cada uma daquelas futuras novidades, em todos os campos das mais variadas atividades humanas, e distante estejam no tempo, estará sempre presente a filosofia, pois como diziam Sócrates e Aristóteles, " ela é a ciência da verdade". Universal e suprema, à qual o homem não pode opor-se. Gênese de tudo que conhecemos e que conheceremos no futuro; principalmente aquela verdade universal que está **dentro de cada ser humano.**

Ninguém melhor que o maior filósofo da Igreja Católica Apostólica Romana, e depois por esta feito Santo - Agostinho(354-430 D.C.),quando dizia: "...Noli foras ire, in te ipsom redi; in interiore homine habitat veritas" (não fuja de si mesmo; volte a si mesmo, pois a verdade reside na interioridade do homem).

•

Neste capítulo: da Antiga Grécia e seus filósofos à Antiga Roma; desta ao místico túnel da Idade Média; à Renascença, às "especializações",aos nossos dias e a um futuro imprevisível !

Que pretensão absurda deste insignificante autor lembrar coisas da filosofia da Antiga Grécia ! Assunto inexaurível. Impossível ser afrontado nestas curtas e modestas "Notas". Resta a vontade de lembrar alguma coisa dela, como um desafogo interno. Vontade de lembrar daquele "início de tudo"; de descobrir nos "escritos" de Platão e Aristóteles(e naquilo que dizia Sócrates, pois este, segundo os expertos nada deixou escrito), algo que ajudasse a compreensão de alguns dos mistérios da vida. Daqueles que escondem-se nas entranhas de 2.500 anos de História !

Não era possível deixar de vir à Grécia, pois seu passado representa o primeiro verdadeiro passo no intuito de conhecer, descrever e explicar as coisas do Universo.

As ruínas dos seus Templos, suas esculturas,museus, ti

vros... é tudo que ainda resta de físico. Pouco, absolutamente pouco comparado com aquela parte abstrata, presente no pensamento do homem de hoje e daquele dos séculos futuros.

Mas os fatos da Antiga Grécia, assim como de outras nações, culturas e civilizações hoje desaparecidas, nos levam a refletir sobre aquilo que possivelmente dirão os povos que nos próximos milênios habitarão este nosso Planeta. Seus escritores farão sem falta referências a povos que na "antiguidade"(século XX !), habitaram a Europa, como ingleses, alemães, suecos, húngaros; ou às Américas, como argentinos, canadenses, brasileiros, como hoje nos referimos aos Antigos Egípcios, Fenícios, Assírios e Gregos.

A História nos prova que tais referências foram uma "constante" desde os tempos mais remotos, e nada nos faz pensar que no futuro elas não continuarão, como continuaram, ininterruptamente, dos tempos que o homem de hoje chama "antiguidade".

XXVI

O inverno de 1960/61(22 de dezembro a 21 de março) foi um dos piores que a Europa conheceu nos precedentes onze anos. O intenso frio e a grande quantidade de neve paralizaram muitas atividades: escolas, fábricas, bancos, repartições públicas, transporte. Também a interrupção no fornecimento de água, a qual, virada gelo e conseqüentemente dilatando o volume, fazia estourar canos e tubos.

Apesar de muitas cidades européias estarem geralmente equipadas para combater os problemas que o inverno e a neve causam, com tratores que percorrem ruas, puxando a última sobre as calçadas, a quantidade era tal que os meios viam-se impotentes para resolver o problema. Limpa uma rua, bastavam minutos para que a mesma voltasse ao precedente estado. A neve não cessava de cair;ventos traziam do oceano umidade e esta, encontrando massas de ar muito frio, convertia-se em neve. Mesmo as cidades nas costas, ou nas suas proximidades,onde pelo efeito do mar têm um inverno mais ameno, sofreram muito com a estação de 1960/61.

Como sempre acontece, o frio é mais intenso nas dez/doze horas que precedem e seguem a caída da neve. Nos dias de intervalo entre as nevadas, quando o inverno parece ter desistido de investir, a poeira das ruas e a neve semi-derretida, formam uma lama cor cinza, encharcando sapatos e botas. Os sapatinhos finos e delicados que usamos nos países tropicais, não teriam muito sucesso !

Com o aproximar-se da primavera(22 de março a 21 de junho), a neve amontoada nas calçadas começa a derreter. As árvores, de completamente nuas - excepto algumas espécies que não sofrem aparentes modificações durante o inverno -, passam novamente a brotar e ganhar folhas. As aves, que no outono migraram para o norte da África(Líbia Tunísia, Argélia, Marrocos ; às vezes ultrapassando a faixa do Sahara e infiltrando-se na África negra), voltam à Europa. Refazem seus ninhos e novas vidas aparecem.

Como sabemos, as estações do ano na Europa(principal
mente Europa setentrional), são bastante definidas. Con-
trário dos países tropicais, onde num mesmo dia diversas
delas podem suceder-se.

Em setembro, quando temos o fim do verão e o início do
outono , as famílias fazem uma "operação" chamada "mu-
dança de estação". Trata-se de substituir, nos guarda -
roupas, as leves pelas pesadas. Casacos de pele são reti
rados dos depósitos especializados, os quais,mediante pa
gamento de aluguel, os conservam durante o período Maio-
Setembro. Nesse intervalo, são limpos e tratados com pro
dutos químicos contra traças e outros insetos.

Também o comércio das roupas sofre transformações com
a mudança de estações. O europeu sabe que para encontrar
artigos para a "próxima estação", os deve procurar , ao
mais tardar, no meio da precedente. Fora deste específi-
co período, há escassez na variedade(tamanho,cor,modelo)
assim como é difícil encontrar artigos para o verão du-
rante o inverno e vice-versa, pois a "operação" que fa -
zem as famílias, com a chamada "mudança de estação", é
feita também pelo comércio. Este armazena o pesado no
verão e o leve no inverno, pois como veremos mais adian-
te, o espaço na Europa tem importância relevante.

Ao assunto das estações do ano na Europa e relativas
providências, está ligado o "espaço".

A partir da Renascença(aprox.1350-1600), quando a Euro
pa iniciou a ver sua população crescer, chegando ao pon-
to que conhecemos hoje, o "espaço" ficou sendo elemento
vital naquele continente, principalmente nas cidades. Na
da como o Brasil, Canadá, USA, Austrália, onde ele exis-
te em abundância, e onde as respectivas populações são
proporcionalmente pequenas.

Na Europa - como no Japão e China -, o problema do
"espaço" deve ser afrontado seriamente e diariamente.Nas
casas(minoria) e nos apartamentos(maioria)ele é reduzido
ao absoluto mínimo, e cada palmo aproveitado. Nas cita -
das "mudanças de estação", as famílias usam "espaços mor
tos" - em geral um cubículo na parte alta do edifício
- para armazenar roupas,sapatos e utensílios que não se
rão usados na estação que está para iniciar. Espaço é as
sim criado dentro do apartamento(guarda-roupas,armários)
para o material que será usado na nova estação.

É interessante notar como o ser humano é tantas vezes
condicionado pelo "espaço"! Se na sua moradia ele é abun
dante, ele tende a enchê-lo despropositadamente ! Um exa

me minucioso pode mostrar que ele, na verdade, só preci-
sa de 50% do todo ! Os demais 50% do material, da ele -
tricidade gasta, das despesas de manutenção, poderiam re
presentar capital rendendo juros ! E isto,naturalmente,
sem contar o trabalho que tais "depósitos supérfluos"dão
à dona da casa ! Também nessas "extravagâncias" os nos-
sos amigos americanos (e não somente eles !) são "campe
ões"! Em nome da célebre "economia familiar", são capa-
zes de procurar economizar cinco centavos de Dollar na
compra de um sabonete, enquanto a própria casa é provida
de cômodos, mobílias e objetos não usados há décadas. Ab
solutamente desnecessários(e a falta de uso o prova).Tu-
do em nome do "conforto" e do "espaço"!

*

As florestas Européias que ainda não foram invadidas
pelo homem, são "parques nacionais" (192 deles existem
na Europa),ou áreas de caça. Cada metro quadrado do solo
Europeu é aproveitado e tem dono. Praticamente não exis-
tem áreas selvagens("mato", como nós as chamamos).

As nossas fazendas, com suas imensas dimensões,são des
conhecidas. As famílias de agricultores possuem, em ge -
ral, pequenos lotes de terra - um pegado ao outro - ,
com marcos indicando divisões no terreno, que podem da-
tar de séculos atrás. O Europeu é por natureza,ou neces
sidade, conservador e tradicionalista. É comum encontrar
mos famílias vivendo no mesmo pedaço de terra, ou no mes
mo apartamento, por gerações. Exatamente o contrário dos
USA, onde a população muda-se continuamente. Vendendo e
comprando casas com grande disposição e facilidade.

A questão "espaço" está também ligada aos restauran -
tes da Europa. Na França, por exemplo,onde tomar uma re
feição num restaurante é ainda um acontecimento - não
pela raridade do fato, mas pela importância que os fran-
ceses(e italianos)a ele dão -,as mesas são seguidas uma
a outra, com 20/30 centímetros de intervalo. Longos so-
fás, juntos das paredes, geralmente servem de assento a
uma fileira de clientes. Mesas são arranjadas na frente
deles. O espaço é aproveitado ao máximo. Conversas alhe
ias são ouvidas. O francês adora essa intimidade.

Nos longos invernos, pequeno e não sofisticado seja um
restaurante, aquele "comprimido ambiente", segundo eles,

dá "calor" à atmosfera !

O inverno Europeu modifica também o tratamento que normalmente dá-se aos automóveis nos países tropicais. Com o fim do outono, e tantas vezes antes, dependendo da latitude, o automobilista deve mudar os pneus. Os chamados "pneus neve"são instalados no lugar dos comuns. Os últimos ficam armazenados com o garagista, o qual os reinstalará na primavera.Nas zonas de montanhas, onde a neve pode cair continuamente de outubro a abril, o automobilista deve ter também à disposição as"correntes". Estas são instaladas sobre os pneus,mesmo se estes sejam "penus de neve". Se previdente, ele carrega também no seu auto, a raspadeira e a escova. A primeira serve para raspar o gelo que forma-se nos cristais, às vezes terrivelmente difícil de ser removido; a segunda, para "varrer"a neve acumulada sobre as partes metálicas.

Todo e qualquer auto - moderno e custoso seja e apesar do tratamento químico ao qual metais e plásticos são submetidos durante a construção -,sofre nos meses de inverno. O gelo fica "grudado" na parte inferior da carroçaria,provocando o início do processo de enferrujamento.

Uma última precaução no que concerne autos, é o enceramento das partes pintadas, com pastas especiais, duas vezes antes da chegada do inverno.

A contas feitas, a neve é bonita e pode "pintar" um panorama maravilhoso diante dos nossos olhos,mas causa uma enormidade de problemas.

*

Não penso possa passar despercebido ao Europeu,ou àqueles que lá viveram, a relação existente entre "conceito geral de espaço" e "grandeza territorial" de cada um dos seus países. Naqueles com um pequeno território - como Portugal, Holanda, Bélgica, Suíça,Luxemburgo - tudo tende a ser também pequeno. Casas, ruas, lojas,objetos,restaurantes, automóveis, elevadores e assim por diante. Esta observação poderá parecer absurda ao leitor com pouca experiência na Europa, ou pouco observador. A verdade é que o tamanho de tudo naqueles países, parece ser adequado ao pequeno tamanho dos respectivos territórios.

Naqueles onde o território é maior, como Itália, França, Espanha, Gran Bretanha, Alemanha, nota-se que, pro-

porcionalmente, as coisas são maiores, mesmo se pequenas quando comparadas com países das dimensões do Brasil,Canadá, USA, Austrália e outros.

Essa relação entre "tamanho das coisas" e "grandeza do território" é um fenômeno interessante de ser notado. E não diz somente respeito a coisas materiais,mas vai além delas. A própria filosofia de vida dos seus habitantes , a qual tentarei explicar num dos próximos capítulos, parece ter-se adequada ao tamanho do território.

Uso uma palavra da língua italiana para dar um exemplo do que sentimos nos países de "pequeno território", pois não penso exista na nossa uma que produza seu fiel e exato significado: "pignoleria"(pronuncia-se "pinhoieria").

"Pignolo" é um indivíduo ultra-conservador; sistematicamente pesando,medindo, verificando, investigando ao extremo, cada uma das suas ações. Exatamente o oposto de um "liberal", ou de um "tomador de riscos". Um "super-pignolo" é aquele que dentro do elevador conta a passagem de cada andar para ter certeza que corresponde ao número mostrado;ou aquele que antes de atravessar uma rua olha 17 vezes de cada lado; ou aquele que conserva o recibo do tintureiro por vinte anos...no caso que!

Estranhamente, similar observação pode ser feita dentro de um país com grande território, quando comparamos atitudes dos habitantes dos seus pequenos e grandes Estados ou Regiões. Os americanos, por exemplo, sabem que um cavalo do Texas(grande Estado)tem sete metros de altura! Mesma situação com as cidades, em todo o mundo. O habitante da "grande" é mais liberal; aquele da "pequena" é mais conservador.

Defeito ? Qualidade ? Não sei, mas no caso dos países da Europa, essa diferença de comportamento não deixa de ser uma marcada característica dos seus povos.

Naquele continente,o "fator espaço" está também presente e radicado na valorização que seus habitantes dão ao tamanho das coisas. Digamos que o "pequeno", aquele que ocupa menos espaço,é melhor visto. Tem"melhor reputação" e "mais valor" que o grande. Certas palavras das suas várias línguas("petit","piccolo","pequenino","tiny","kinder",etc.) implicam mais que uma simples descrição de"pequeno". Este é um dos tantos casos em que traduções não refletem fielmente o verdadeiro sentido de uma palavra , frase ou conceito.

No lado oposto, estão países com grandes territórios , ainda como o Brasil,USA,Austrália,Canadá, onde o"vasto"e o "enorme" prevalecem e têm maior valor e importância.

Também a compra de mantimentos feita pela dona de casa
na Europa, tem relação com o "espaço", e o mesmo aconte-
ce com o diminuto tamanho das geladeiras. Nos supermer-
cados ou nas simples "vendas", ainda existentes, os pro-
dutos são oferecidos em reduzidas quantidades. A cliente
compra, por exemplo, três laranjas,duas bananas e uma pe
ra(seis frutas),as quais serão suficientes para seis pes
soas, e para aquele determinado dia. Cada um dos membros
da família comendo uma fruta. Ou seis porções de macar -
rão(100 gramas cada). Ou seis fatias de presunto,ou quei
jo. Ou seis bifes.

Lembro-me dos meus anos no Brasil,os quais não são na-
turalmente os mesmos deste fim de século.Comprava-se uma
inteira caixa de laranjas, ou dois quilos de carne(dos
quais possivelmente 20% era jogada porque sebo);ou um sa
co de feijão. Assim eram e são os países onde há fartu-
ra e a vida é relativamente barata.

A dona de casa na Europa "transforma-se" - aos olhos
de um estranho àquela área do mundo -,num personagem de
teatro, quando faz a sua volta diária à procura de víve-
res ! "Cem gramas" disto " cinqüenta daquilo"... e se -
guem-se as infinitas recomendações ao comerciante...como
se ela estivesse comprando um diamante de doze quilates!

O Brasil, onde passei 29 anos, e penso ter conhecido
costumes do povo, é segundo minha experiência no exteri-
or, exemplo único na questão da fartura. Típico é aquele
de quatro pessoas sentarem-se numa mesa de restaurante e
pedirem pratos "para dois", tal é a quantidade servida .
Não conheci outro país que usasse tal sistema. Na verda-
de o acho um tanto estranho, e pergunto:"por que não ser
vir porções menores e reduzir o preço ?" Não conheci po
vo generoso como o nosso ! Ou outro tão desprovido da"i
déia fixa" de fazer economias! ...e conseqüentemente,pro
vido da "idéia fixa" de estar sempre "pronto" !

A diferença entre as culturas da "fartura" e da "não
fartura", não pode porém ser tomada superficialmente. E-
xistem razões históricas. Os Europeus, ao contrário de
brasileiros e americanos, têm um grande respeito pelo va
lor das coisas. O desperdício, nas suas variadas formas,
é para os primeiros grande "pecado". As cidades Européi
as são já exemplo significativo. Tudo é feito de tijolos
ou pedras, com grossas paredes, para durar séculos.E não
somente aquilo que foi construído no passado,mas a regra
vale também para o presente. Tudo deve durar o máximo ,

e somente aquilo que não oferece outra alternativa... de
pois de ter sido consertado nove vezes...deve ser jogado
ou destruído.

Os fatos da milenária história Européia ensinaram àque
les povos essa fundamental lição. Até tempos relativamen
te recentes, a fome fazia sua "visita" anual ao continen
te. Acresce o fato que a mentalidade hoje difundida da
"Welfare"(programas e políticas endereçados ao bem-estar
social dos pobres), é coisa dos últimos dois séculos. Pa
lavras como "social" e "socialismo" apareceram pela pri-
meira vez no século XVIII,na enciclopédia de Diderot."So
ciologia", por sua vez, foi cunhada por Auguste Comte
(1798-1857),portanto também recente. Na prática, são con
ceitos desenvolvidos como resultado, ou devidos à influ
ência da Revolução de 1917 na Rússia; do Fascismo, na I-
tália; do"New Deal"dos anos '30 e da"Great Society"dos a
nos '60(ambos nos Estados Unidos), e de outros movimen -
tos "sociais". Não fazendo assim parte das ultra-centená
rias tradições tipicamente Européias.

Os chamados "maecenas"(protetores),por exemplo, a par-
tir da Europa Renascentista, ajudaram e incentivaram as
artes, gastando inteiros patrimônios. Mas as "ajudas aos
menos favorecidos"(Welfare), não faziam parte da cultura
Européia. E a rigor, talvez não façam parte nem mesmo ho
je !

Quem na Europa nascia pobre, pobre morria. Quem não ti
nha o que comer, ia aos campos cavar com as unhas alguma
batata. Usava a mesma roupa por 40 anos.Se precisasse de
assistência médica e não tinha com que pagar, a morte e-
ra a próxima etapa. Tudo isto resumindo-se num simples
conceito que pode ser sumariado assim: " cada ser humano
deve aprender, desde a mais tenra infância, que é ele,so
mente ele, que deve construir seu próprio "castelo",gran
de" ou pequeno que seja, sem esperar na ajuda alheia".Os
programas sociais(Welfare), sob certos aspectos,ameniza-
ram este conceito, mas ele não perdeu - e talvez nunca
perderá ! - sua força na Europa e na América do Norte.
Os Anglo-Saxões(ingleses,americanos do norte,alemães,ho-
landeses e outros),por exemplo, fazem um ponto firme no
ensinar seus filhos, desde a mais tenra infância, que na
da é dado ou conseguido de nada. É preciso haver uma com
pensação, um esforço, um trabalho, e tudo, na minha mo -
desta opinião,é importantíssimo na educação dos filhos.
As chamadas "mesadas" ou "diárias" aos infantes, são da-
das em retribuição aos pequenos trabalhos feitos por es-
tes: levar e trazer a lata do lixo, ou cortar a grama,ou

lavar o quintal, ou melhorar as notas da escola.

Gostaria também de lembrar ao leitor, que não obstante o "Welfare" tenha sido um passo adiante na proteção dos menos favorecidos,como são pessoas física ou mentalmente "handicapadas"; ou vítimas de acidentes ou dos caprichos da natureza, ele tem sua parte negativa. Pode ser um absurdo,uma anomalia,um abuso ou falta de bom senso,quando endereçado àqueles que nenhum esforço fizeram para proteger-se contra certas futuras situações; isto é, aqueles que nunca preocuparam-se de pôr tostões à parte,esperando que o "Welfare"deles ocupar-se-ia no futuro. Nos USA há uma grande reação contra tal irresponsável atitude(típica da grande maioria dos negros),pois é com o dinheiro dos nossos(pesados)impostos,que esta categoria espera(injustamente) sobreviver.

Mas voltando à Europa: mesmo se bom número de decênios passou-se, o europeu tem a presença daquelas passadas dificuldades conservada no "próprio sangue". Inclusive famílias ricas, as quais poderiam comprar seis laranjas(ao invés de três),ou um quilo de bananas(ao invés de duas), mas não o fazem, a menos que absolutamente necessário. O contrário, por exemplo, do generoso(e geralmente pouco precavido)Latino Americano.

Há outro aspecto do problema que temos a tendência de esquecer, mesmo se pontualmente vamos à Santa Missa aos domingos! Todos nós, ricos, pobres,brancos,negros, europeus ou não, devemos lembrar - e lembrar sempre! - que neste aparentemente moderno e rico Planeta,há milhões de homens,mulheres e crianças que têm a fome como companheira diária. Portanto, os desperdícios,os exageros... e os absurdos,não importa a forma que tomam,são, além de absurdos, atos imorais.

Lembro-me sempre de um par de estórias contadas por um ex-colega de trabalho que tinha, com a família,passado anos na África negra(ao sul do Sahara).A primeira referiase a férias que fizeram nos USA,deixando na África a casa e um cão policial ao vigilante. Haviam a este dito de alimentar o cão com as latinhas de comida a este destinadas. Na volta da viagem, o cão estava magro e depauperado. A comida tinha sido ingerida pelo vigilante.

A segunda estória foi aquela de observarem, que quando a lata do lixo era depositada na calçada,um certo número de crianças procurava nela o que comer. Dos detritos faziam parte restos de alimentos que nem animais seriam ca-

pazes de ingerir. Inexperientes e com pena daquelas famintas criaturas, começaram a chamá-las dentro da casa e a elas dar comida. Mas quando o número ficou alto - formando filas em frente da porta -,foram obrigados a descontinuar o programa.

Em alguma outra parte destas "Notas" lembrei ao leitor que vivemos num mundo de comparações, pois é a única "unidade de medida" que realmente funciona.

Comparando a cultura da "fartura" com aquela da "não-fartura", alguém poderá pensar que os europeus são avaros. Estes, ao contrário, pensam que os habitantes dos países da "fartura" não dão o devido valor às coisas, e são campeões dos exageros,do gastar,das demonstrações de riqueza e dos desperdícios.

Inverno, espaço e "não-fartura" estão bem radicados na vida européia. Seus povos, uma vez imigrados para zonas de fartura, como o Brasil, América do Norte e outras,carregam na "bagagem espiritual" a própria história; vacinados contra o esbanjar e o desperdício,e como regra geral defendem-se melhor que os nativos; os quais, vistos relegados a uma situação inferior, injustamente acusam os estrangeiros de "dominarem"(!) seu país.

XXVII

"...o grande privilégio dos Americanos do Norte não consiste em serem mais abertos que os Europeus, mas na faculdade que têm de abertamente acusar e procurar corrigir seus defeitos e problemas"

Alexis de Tocqueville (1805-1859), historiador e sociólogo francês, comparando a Europa e a América do Norte, no seu livro "Da democracia nos Estados Unidos".

Algumas observações sobre os Estados Unidos da América, para onde, como disse no primeiro capítulo, imigramos em 1963/4. A partir daqueles anos, fomos admitidos como "residentes", com todas as obrigações e direitos que isto comporta. Como uma adenda a este capítulo, e sem outra intenção senão aquela de ajudar eventuais candidatos a imigrantes para este país, preparei, em 1992, uma lista de sugestões e conselhos.

*

Entre 1964 e '69, depois de um ano em New York, onde moramos no bairro de Flushing(uma hora de "metrô" da "Time Square"), mudamo-nos para a cidade de Akron (o acento é no A), no Estado de Ohio, não longe da fronteira com o Canadá. Através de uma Agência de New York, eu havia encontrado um trabalho de auditor financeiro, numa indústria de borracha daquela pequena cidade.

Akron e o Estado de Ohio estão nos territórios chamados MidWest, onde durante os quase cinco anos que lá moramos, nunca soubemos de um assalto. Gente pacífica, con

servadora, radicada às tradições puramente americanas; ingênua, certamente, quando comparada a Europeus e Latino Americanos; ligada a todas aquelas pequenas coisas que fazem seu mundo. E acima de tudo, silenciosa ! como o resto deste país geralmente é, quando comparamos com os rumores que ouvimos nas ruas da Europa meridional, mas principalmente naquelas das cidades da América Latina.

Continuei, não obstante, viajando nos USA e exterior durante boa parte daqueles anos. Em seguida, de 1969 a'90 (21 anos), estivemos praticamente fora dos USA(África, Europa, Ásia).

Assim como a cidade de Detroit, no Estado de Michigan (o acento é no primeiro "i") é a "capital" dos automóveis(GM, Ford, Chrysler); Milwaukee("miuóki")naquele de Wisconsin("uiscáunssin"), a "capital" da cerveja e dos laticínios; Winston-Salem, no Estado da Carolina do Norte, a "capital" do cigarro; Los Angeles(Hollywood) a "capital" do cinema; Las Vegas, no Estado do Nevada, a "capital"do jogo de azar; New York, no Estado do mesmo nome, a "capital" das finanças; Pittsburgh, no Estado da Pennsylvania a "capital" do aço, Akron é a "capital" da borracha(Goodyear, Firestone, Goodrich, General). Interessante notar que as precedentes "capitais" podem ter razão para estarem localizadas naquelas cidades, mas Akron como "capital"da borracha... é uma aberração dos processos econômicos !

Uma das exigências impostas pelas Leis de Imigração americanas a um estrangeiro-residente, não ainda naturalizado, é de não ausentar-se do país por período, consecutivo, superior a um ano. Como meu trabalho durante os citados 21 anos de ausência exigia contínua presença no exterior, por muitos anos fizemos uma viagem annual aos USA, quebrando assim o período de ausência e conseqüentemente conservando o direito de residência. Em seguida, fizemos apelo ao chamado "Re-Entry Permit"(visto de re-entrada para imigrantes anteriormente e legalmente admitidos). Documento permitindo ausência mais longa, ou 729 dias; aproximadamente dois anos.

Devo dizer, todavia, que nenhum empecilho existia por parte dos empregadores para que fizéssemos viagens anuais, e as condições de trabalho permitiam a ausência pelo necessário tempo. Nenhum problema também com os custos de tais viagens, pois me eram integralmente reembolsados. Mas passar dez horas, entre esperas nos aeroportos e vôos

em si, uma vez por ano, passou a ser uma tortura para mim; homem impaciente e pouco tolerante ! Mesmo considerando que variávamos os itinerários, partindo da Europa de Roma, Londres ou Paris e chegando nos USA em New York, Boston ou Chicago, era sempre um sacrifício. Portanto, o documento chamado "Re-Entry Permit" amenizou a situação.

A naturalização no nosso caso comportaria vantagens e desvantagens. Uma das últimas é a obrigação de desistir da nacionalidade precedente. Não é possível manter dupla nacionalidade e isto segundo as Leis americanas e também segundo aquelas brasileiras. Alguns países permitem tal regalia, como é o caso da Alemanha, Itália e outros. A estes pouco importa se seu cidadão naturalizou-se no exterior; será sempre cidadão alemão ou italiano. As Leis brasileiras, assim como aquelas dos USA, não permitem tal facilidade. E naquilo que concerne às Leis brasileiras, não perdemos a nacionalidade imediatamente após termos sido naturalizados. A burocracia brasileira, como é natural que seja, deve fazer seu trabalho e a perda da nossa nacionalidade tem efeito somente após um processo administrativo, que poderá durar até dois anos, e após que o resultado seja publicado no Diário Oficial. Portanto, nesse período intermediário, o brasileiro, para todos os efeitos, mantém dupla nacionalidade; a sua original e aquela adquirida com a naturalização.

Uma das vantagens da naturalização, é evitar as longas filas e interrogatórios nos aeroportos americanos, quando o residente não naturalizado, volta de uma viagem ao exterior. É experiência que fizemos uma dezena de vezes. Outras vantagens da naturalização no nosso caso: (1) não precisar voltar aos USA uma vez por ano, podendo permanecer o tempo desejado no exterior. Isto é muito importante no nosso caso, pois uma vez desaparecido o "chefe da família", Diva certamente voltará ao Brasil. Apesar dela ter muito apreciado nossos anos de viagens, ela não é de natureza nômade, como é o autor destas "Notas"! Poderá ficar outros cem anos no exterior, mas no seu coração o nosso Brasil falará sempre mais alto. É sentimento que respeito e compreendo. (2) impostos devidos na ocasião do inventário. Como é facilmente intuível, estamos financeiramente ligados a este país. A Lei dos impostos sobre inventários diz " que o patrimônio deixado ao sobrevivente do casal, está isento de impostos se este é cidadão americano ou naturalizado, mas impostos são devidos (de forma substancial) se estrangeiro residente nos USA".

•

As Leis de Imigração nos USA são bastante complicadas e sujeitas a contínuas mudanças.Longe dos anos do começo do século, quando os navios chegavam em New York, da Europa, e após um sumário controle, descarregavam milhares de imigrantes. Assim,é preciso estar atento a essas Leis para evitar problemas.Infelizmente,isto não acontece com uma parte dos imigrantes legalmente admitidos, os quais vêm-se face a toda uma série deles. Por relaxamento - e a mim parece que os relaxados fazem parte de uma numerosíssima categoria deste nosso mundo! -, ou por ignorância. Não somente aquela que diz respeito às Leis de Imigração, mas aquela ignorância generalizada, que infelizmente muitos trazem dos países de origem, e que continuam mantendo. Às vezes terminando seus dias no túmulo! E pensar que é tão fácil esquivar-se dela, mesmo não freqüentando escolas! Basta ler continuamente bons livros. Mas para muitos, isto é uma tortura !

Quanto aos clandestinos, são milhões. Principalmente aqueles que ilegalmente atravessam, continuamente, o rio Grande(mexicanos,guatemaltecos,hondurenhos,nicaraguanos). Muitos são capturados pelos guardas de fronteira,mas parte consegue perder-se no território, exercendo trabalhos manuais na agricultura; mal pagos, maltratados e sempre sujeitos à deportação. Empresas e indivíduos que utilizam tal mão de obra,estão sujeitos a pesadas multas, mas é possível ler nas entrelinhas,que sem ela, grande parte da agricultura americana seria paralizada,pois os americanos não se sujeitariam a ganhar US$2 por hora(menos da metade do salário mínimo)(x 10 horas por dia x 25 dias por mês = US$500 por mês).

Outra categoria de clandestinos - numerosíssima,principalmente concentrada nas grandes cidades das costas : Miami, Houston,New York, Los Angeles, Philadelphia, San Francisco -, é aquela de estudantes, homens de negócio e pseudo-turistas, que no fim do período autorizado no "visto de entrada", permanecem no país, levando uma vida irregular e também sujeitos à deportação.

•

Não foram poucos os jovens que encontrei pelo mundo a

fora que mostraram interesse de viver neste país. É natural que assim seja, pois eles vêm nele oportunidades para fazer carreira, ou acumular um punhado de Dollars, ou livrar-se dos escândalos no país de origem. Muitas vezes iludidos que a coisa nos USA seja mais fácil que realmente é. Também nas nossas viagens ao Oriente, encontrei jovens interessados em transferirem-se para os Estados Unidos. Alguns continuam a escrever-me longas cartas pedindo informações e conselhos.

Leio que em 1986,dos 1.200 hebreus que conseguiram deixar a União Soviética, declarando intenção de estabelecer-se na"sonhada pátria"de Israel, somente 84 deles lá ficaram. Os demais acabaram nos USA.E assim fazem outras raças : à procura de uma "melhor qualidade de vida" que aquela do país de origem. Mas essa almejada " melhor qualidade de vida" nos USA, certamente precisa ser duramente conquistada,e não está, absolutamente, à mercê daqueles que por indolência, falta de ambição, falta de inteligência ou simplesmente ignorância, esperam "milagres dos céus"! O leitor certamente ouviu a estória daquele operário polonês (os poloneses nos USA tem a reputação - errada e injusta em ambos os casos - que têm os portugueses no Brasil), desembarcado pela primeira vez no porto de New York. Caminhando pelo cais,ele viu no chão, por puro caso, uma nota de 5 Dollars. Parou,a observou do alto com tom arrogante, e disse a si mesmo: "... não há pressa ! Começo depois do almoço".

Este fato cômico, pode explicar a concepção errada que muitos novos imigrantes têm dos USA.Mas a grande maioria que para aqui imigra - talvez devido a um fator psicológico -,tem a "bateria" do sucesso financeiro automaticamente carregada !

Quem já passou por essa "ânsia", é possível compreen -
der como tantos jovens sonham com a vida neste país. Sa-
tisfeito e abafado aquele ímpeto, porém, pergunto quanto
agradável seja a vida na América do Norte. Não muito,se-
gundo meu modo de pensar,e se comparada com a Europa.Mui
to, segundo outros. Dependendo da idade do interessado,
da sua construção psíquica, da bagagem cultural,das pre-
cedentes experiências, dos objetivos e interesses, da ca
pacidade de adaptação, e do valor que cada um dá a tudo
que o circunda. Não há regra absoluta nem resposta abso
luta a tal interrogação.

Será porque sinto-me muito ligado a tudo que é histori

co e tradicional, mas a verdade é que os USA, comparados com a Europa, dão-me sensação de um imenso "vazio". Os próprios americanos, ou pelo menos aqueles que fizeram uma experiência de vida na Europa, não fazem disso um segredo. Dizem sentir um complexo de inferioridade, quando devem confrontar-se com tudo aquilo que a Europa representa.

A minha sensação de "imenso vazio" está em quase tudo e em quase todos. Nas suas cidades, com seus altos edifícios, intercalados entre espaços para estacionamento; nos seus bairros, com as casas à vista, sem um mínimo de "privacy", pois não é de uso murar cada uma dentro do próprio terreno; nas famosas casas de pasto, onde tudo parece vulgar; no comportamento da massa, tantas vezes simplória e ingênua; nas manifestações populares, que parecem desprovidas de maturidade; na imensa quantidade de "igrejas" e "cultos", cada um pregando sua fé com um puritanismo visceral, nos fazendo transportar à Idade Média.

Quanto diferente é a Europa! Assim compacta e sólida; assim tão cheia de vida e tradições; onde o mais ignorante dos homens, parece carregar em si todo o patrimônio de milhares de anos de história! Apesar de tudo aquilo que nela encontramos de negativo, a Europa é sempre o "centro do mundo ocidental" E assim, lá não sinto aquele "imenso vazio" que sinto nos USA.

Neste "fim de carreira", porém, quando procuramos a Santa Paz mais que a euforia dos anos verdes, é mais fácil viver nos Estados Unidos que na Europa. Aqui tudo custa sensivelmente menos e tudo funciona muitíssimo melhor, com mais seriedade e cordialidade.

Mesmo se os americanos do norte com experiência de vida na Europa, têm um especial respeito por aquilo que ela representa, o homem europeu dos nossos dias não ganha dos primeiros muito respeito!

Acham os europeus "fechados" nos seus preconceitos. Têm dificuldade em aceitar a importância que os europeus a si dão; fazendo-se "difíceis", como se fossem os "reis do mundo". Complexados, porém, quando devem tratar com americanos. E na variedade dessas relações, os europeus vão de um extremo a outro: "beijando os pés" ou "fabricando mil dificuldades" !

Os americanos reclamam também da carência de espaço na Europa. Acham que os europeus têm o "complexo das sardinhas", pois têm a tendência de viver aglomerados e comprimidos. E acima de tudo - bem acima de tudo! -, os americanos põem-se sempre em guarda contra a reputação que têm

os europeus - e não somente eles! -, de serem "espertinhos" e "passadores de perna". E a generalizada ausência deste problema nos USA , é para mim uma das atrações deste país.

Os americanos criticam também a falta de cortesia dos europeus nas relações interpessoais, entre clientes e comerciantes. E devemos aceitar o fato que o homem, onde quer esteja, passa grandíssima parte da vida fazendo parte destas relações; não passa dia na vida do ser humano que ele não tenha a ver com alguém que compra ou venda !

Reclamam da atitude "dura" dos europeus, ao limite da pouca educação, e dificilmente compreendem as raizes históricas deste e d'outros comportamentos.

Aqueles de nós que conhecemos os dois mundos - dos europeus e dos americanos do norte -, podem entender a reação dos últimos. Nos USA as relações interpessoais são na maioria dos casos simpáticas, com sorrisos e com uma atitude aberta, mesmo entre desconhecidos. Os americanos acham sempre uma palavra para "quebrar o gelo", construindo imediatamente uma atmosfera cordial e dando a impressão de disponibilidade. Verdade que não têm a mesma atitude quando no exterior, pois devem proteger-se, e mesmo assim são sempre vítimas das espertezas daqueles que vêm neles "uma mina de ouro ambulante".

Na Europa, ao contrário dos USA, mesmo se é sempre muito difícil generalizar o comportamento dos seus diversos povos, existe uma atitude áspera, dando a impressão de querer "manter distâncias", como se cada interlocutor (inclusive europeus) fosse um "concorrente", ou um potencial inimigo !

No Brasil e na América Latina em geral, essa experiencia da dureza dos europeus - às vezes passada às gerações futuras, nascidas e criadas na América Latina -, não nos é estranha. O brasileiro - aquele o mais distante possível "geneticamente" do europeu -, é um povo excepcionalmente doce. Qualidade importante e louvavel sob o aspecto humano. Infelizmente, um desastre quando trata-se de sobreviver neste mundo feroz e super-concorrencial em que vivemos. Mesmo problema pude notar em outros países que visitei na América Latina, em alguns deles também trabalhando, como México, Venezuela, Peru, Salvador, Costa Rica, Guatemala, Nicaragua e Panamá.

Apesar de terem-se passado cinco séculos das invasões européias nestes países, são ainda os europeus - representados pelos seus descendentes -, que "comandam o barco". São eles os banqueiros, os políticos, os empresários,

os professores universitários. O homem local, aquele sem ascendência européia, ou cuja ascendência européia foi, através do tempo,perdendo a "pureza" da raça original , continua fazendo parte das camadas inferiores.Resignado, tímido, complexado e tantas vezes humilhado.

*

Aparentemente, insignificantes atitudes refletem a diferença de "temperamento", e conseqüente comportamento , entre europeus e americanos do norte,e os exemplos seriam muitos.Cito alguns dos mais evidentes.

"Dar troco de volta ao cliente",por exemplo, é uma cortesia nos Estados Unidos; uma maneira indireta de agradecer. Ele é contado à vista e dado na mão daquele que o recebe. Na Europa, esta coisa é feita de uma maneira impessoal, para não dizer rude. É praticamente jogado dentro do célebre recipiente que está sempre sobre os balcões ou "caixas", de onde o cliente recolhe como se fosse uma esmola!

Nos USA, a cada encontro, seja nos elevadores,nos corredores, nos estacionamentos, nos restaurantes e assim por diante,há sempre um "gesto de comunicação" (cumprimento, sorriso, acenar com a cabeça ou mãos),mesmo se entre desconhecidos. Na Europa isto é raríssimo. Os desconhecidos restam desconhecidos !

Situação oposta - espécie de exceção que prova a regra -, é aquela dos europeus entrando numa repartição pública, Banco, fábrica, restaurante, ou quando pedem informação ou falam ao telefone. Nestas ocasiões eles iniciam sempre com um cumprimento(bom dia,bom tarde,boa noite). O mesmo não acontece com os americanos; povo para quem isto possa parecer "perda de tempo". Iniciam o contato indo diretamente ao assunto.

Ainda sobre as relações entre clientes e comerciantes, nos USA o cliente é realmente atendido, não importa se compra um lápis ou um autómovel, e muito raramente está sujeito a interrupções(do telefone,dos colegas do vendedor,de outros clientes). Entre os europeus, principalmente nas áreas do Mediterranêo, são freqüentes as interrupções, e tudo é tomado pelos mesmos com naturalidade.

Outro exemplo da acima citada diversidade de comportamento , é a mentalidade do "time" dos americanos, contrária ao super-individualismo dos europeus. Exemplo: se pe-

dimos uma informação a um colega de trabalho nos Estados Unidos (endereço, nome de um médico, conselho sobre um restaurante,etc.), este invariavelmente "chama um colega na conversa", mesmo se aquele bem conhece a resposta. Os europeus, ao contrário, nessas ocasiões, "mantêm a conversa a dois",quase ciumentos da interferência de um terceiro.

O individualismo é certamente uma precisa característica dos últimos. A história da arte, na Europa Renascentista, foi um exemplo importante desse individualismo.No mundo de hoje, o vemos nas intrigas, por exemplo, entre cantores de óperas(intrigas chamadas "primadonismos"),ou entre políticos.

Sempre relacionado ao assunto, cito outras características dos americanos, as quais refletem, acima de tudo , um espírito de "time" no trabalho, nas escolas, nos divertimentos, nas pesquisas. Refiro-me à quase necessidade de pertencer("to belong"); de integrar-se("to join"); de partecipar("to share"). Enfim, é grande o "senso de comunidade" deste povo.

Pertencer, integrar-se,partecipar a um grupo de não importa qual natureza(clubs,associações,Igrejas,pesquisas, esportes). Exatamente oposto dos europeus,em geral, mas particularmente dos Latinos - incluindo "novas culturas", originárias destes,como por exemplo são os brasileiros-europeus -, onde impera o individualismo, e depois dele, ainda o individualismo. Onde o "eu,me,meu,minha" são soberanos !

Quer tudo isto dizer que os norte-americanos são totalmente desprovidos de individualismo ? Não, absolutamente. Mas este é parcimonioso.

Célebre é a pequena estória passada durante a Revolução espanhola dos anos '30. Diz-se que um soldado espanhol, tinha sido observado atirando contra as forças das duas partes em conflito. Interrogado, "qual das partes ele, afinal de contas, apoiava", respondeu: "faço a revolução por conta própria!"

O mesmo Alexis de Tocqueville, anteriormente citado,escreveu em 1830,quando visitou os Estados Unidos pela primeira vez:

> "...surpreso e assombrado de observar a energia que os americanos põem ao fim de pertencer a alguma coisa...e de trabalhar em time".

A questão do "time" tem,por assim dizer,curiosa"seqüên

cia" em anos recentes. A partir da década dos '70, as indústrias japonesas iniciaram um grande programa de investimentos nos USA, trazendo naturalmente com ele, sua "cultura de trabalho"; mais ou menos "impondo-a" aos empregados americanos. Os últimos, descobriram então, que em matéria de "time", os japoneses levam a questão a absurdos extremos, dando motivo a uma série de problemas e insatisfações. Sob os japoneses, novos "patrões", todas decisões começaram a exigir um consenso geral e coletivo. Não importanto a grandeza ou insignificância das mesmas. O consenso do "time" é, segundo eles, necessário em todos os casos !

Os jornais cômicos americanos chegaram a mostrar o desenho de um grupo de japoneses, sentados ao lado de uma mesa, na sala de reuniões de uma firma, procurando decidir, depois de uma longuíssima discussão, a quem caberia ir primeiro ao W.C.!

Portanto, na questão da mentalidade do "time", os japoneses parecem estar em primeiro lugar; os europeus, em último...

Tudo somado, porém, é preciso aceitar o fato, que malgrado a sempre maior universalização deste nosso mundo, onde barreiras tendem a cair - como aconteceu recentemente na URSS; ou como são os planos para uma Europa politicamente unida -, o homem, aquele "um indivíduo", continuará como tal. É inegável que o individualismo é uma das suas precisas características, mas o sucesso das suas relações interpessoais, continuará dependendo da fuga dos perigosos extremos.

•

Os europeus parecem mostrar maior espírito de adaptação a "novas regras" de comportamento. Sofrem menos e têm menor dificuldade quando devem enfrentar, temporariamente, o "mundo dos americanos". O mesmo não acontece com estes quando na Europa. Reclamam continuamente da rudez dos europeus. E tantíssimas vezes com razão.

Defendendo-se, os europeus dizem "que os americanos são muito dóceis porque têm sempre o "business" atrás de cada atitude e de cada relação, portanto nelas há uma dose de hipocrisia". Observação talvez justa se viesse de nós Latino Americanos, mas absurda se vinda dos europeus.

> "...the business of America is business" (a ocupação dos Estados Unidos são os negócios), dizia Theodore Roosevelt (1858-1919), 26º Presidente dos USA.

Podemos ser levados a pensar que a grande influência dos Hebreus nos USA, tenha muito a ver com dito comportamento. Mas como explica-se então, que são justamente os Hebreus, na Europa, que mais distanciam-se de um comportamento cordial !

Mistério.

Uma das tantas explicações para esses diferentes comportamentos, a qual, penso, estará próxima da verdade, está no fato que os Estados Unidos são uma nação rica, com grandes territórios, onde ganhar o Santo pão de cada dia é sem falta menos difícil que na Europa; e onde tudo ou quase funciona de uma maneira "relaxed". Uma espécie (muito aproximativa) de meio-termo entre o "passo doce" das nações Latino Americanas e o "rigor" dos Europeus, mas certamente com uma seriedade superior aos dois grupos.

Os europeus, ao contrário, são psiquicamente "vítimas" de uma milenária história de guerras, de perseguições, de lutas intestinas, de saques, de fome, de invasões, de regimes totalitários; de um excessivo número de habitantes em proporção ao território, e acima de tudo, de uma vida economicamente difícil. E o diferente comportamento e as diferentes atitudes dos povos de cada um destes "dois mundos", refletem justamente todos esses fatores históricos, econômicos e sociais.

Um paralelo, se necessário fosse, poderíamos estabelecer entre o menino-rico e o menino-pobre. Supondo o primeiro com infância e adolescência correndo na mais absoluta "normalidade"; sem sacrifícios. Tudo lhe foi posto aos pés. E este poderia ser o caso dos norte americanos. O segundo, aquele pobre, tais vantagens não teve. A vida o fez um homem "duro", impaciente e pouco tolerante. Mas o quadro poderia ser completado com aquele "outro menino": pobre, mas não obstante, sempre doce. Mas este não sobreviveria nos "mundos" europeu ou americano !

•

Outra típica característica dos americanos do norte, é

aquela de dar grande importância a números, porcentagens e estatísticas. Não há jornal, revista ou programa televisivo que não faça extensivo uso deles:

"...48% da população come carne de gado; 36% de galinha; 16% nenhuma".
"...31% da população de Detroit é branca; 51% é negra, 15% Latinos; 3% índios".
"...crianças de idade até 8 anos, consomem 46% da produção de leite; 21% por adultos; 33% é empregado na confecção de produtos alimentícios".
"...as ações das indústrias de ferro perderam 28% do valor no último ano, mas 7% delas foram negociadas".
"...o Senador tal,falou durante 569 minutos durante as sessões do Senado,representando 56% do tempo usado no ano anterior".
"...o jogador XYZ de "basketball"encestou 21 bolas, ou 57% do jogador ABC, ou 62% do jogador FGH".
"...o preço médio de uma casa em todo o território nacional é $102,000, representando uma perda de 2,5% sobre aquele do ano anterior",

e assim sucessivamente.

Enfim, nos USA, os números, as estatísticas e as porcentagens têm grande importância. Desnecessário lembrar ao leitor, que números, estatísticas e porcentagens significam, acima de tudo, pragmatismo. O contrário dos europeus, os quais tendem a fazer longas issertações, eventualmente semi-abstratas, ao invés de ir diretamente aos números.

Lembro-me das reuniões de negócio na Itália, das quais participavam especialistas externos nas áreas dos Impostos, Jurisprudência, Ecologia,etc. Quando a um destes ilustres especialistas fazíamos perguntas, tais como: "..quanto porcento de possibilidade temos de evitar tal imposto: 20, 50 , 70% ?", eles entreolhavam-se alarmados e com surpresa. Em seguida, iniciavam uma longa exposição, raramente chegando aos números. Devíamos então insistir: "...quanto ? 20,30,50,70%?. Quanto?".

Mas era impossível obter este tipo de resposta. Ou então diziam que não podiam(!)dar um número. Devíamos então fazer um sermão, tentando tirar deles uma porcentagem(entre 1 e 100),que refletisse a opinião dos mesmos.

Em vão ! Raramente tínhamos sucesso.

Sempre na área dos negócios : Também na questão de apurar o resultado das atividades profissionais, europeus e americanos têm opostas filosofias.

Lembro-me de 1966, quando passei o meu primeiro ano na
Itália, trabalhando para a F. Quanto tivemos que bata -
lhar com os membros do grupo local - constituído de i-
talianos, franceses, suíços e alemães -, para convencê-
los da necessidade de apurar balanços e outras contas
mensalmente. Aos olhos deles, um absurdo ! Coisas que so
mente os "bárbaros" americanos poderiam exigir !
Aquilo que eles consideravam"normal",era esperar o fim
do ano(!)para apurar o balanço e contas de resultado.Per
dendo assim a oportunidade de corrigir - mensalmente ,
ou mesmo semanalmente -, a direção dos negócios,como e-
ra e é de praxe nas firmas americanas.
Mas na área dos negócios, o contraste entre as duas fi
losofias e culturas não terminava ali! Se os europeus
tinham uma irrisória diferença no "fechamento dos livros
contábeis", eram capazes de passar uma inteira noite, ou
um inteiro fim de semana, à procura da mesma. Segundo e-
les, tudo tinha que "quadrar" ao último centavo !
De estimativas(vendas, lucros, despesas,etc.), larga -
mente usadas pelos americanos, nem mesmo falar ! Para os
europeus tudo tinha que ser real. E das projeções futu -
ras de balanços, "cash-flows",conta Lucros e Perdas, aos
europeus tais projeções pareciam trabalhos para satisfa-
zer cartomantes !
"Impossível"(!), diziam eles.

Ulterior complicação era a necessidade,segundo as Leis
locais, de manter dois grupos de "livros". O primeiro,pa
ra satisfazer as mediatas super-burocratizadas exigênci-
as fiscais locais, com folhas numeradas, seladas, carim-
badas, registradas, visadas,etc.etc., para que servis -
sem como um "retrato" das atividades da firma. O segun-
do "a la americana", como de uso ainda hoje nos USA, on-
de tudo é mantido na mais informal das formas; escritos
a lápis, em folhas soltas, usando fitas de máquinas de
calcular como documentos, e outros sistemas que faziam
levantar o cabelo dos europeus! Tudo isto possível nos
USA, porque não há aquela generalizada mentalidade das
"espertezas", de lograr o fisco, e assim por diante.

Felizmente, quando voltei a trabalhar na Itália no fim
dos anos '70, isto é, doze anos depois da primeira expe-
riência, os europeus tinham-se adaptado a atitudes mais

pragmáticas e menos "filosóficas". Mas estão longe ainda de aproximar-se dos americanos. São capazes de escrever "relatórios da Diretoria",contendo dezenas de páginas, usando um estilo literário digno dos Petrarcas, Dantes e Boccaccios,mas que devido ao excessivo número de páginas e pela distância que estão dos fatos puros e simples , ninguém os lê !

Portanto,juntamente com o "hotdog" e o "burger",os americanos - através dos investimentos e expatriados -,introduziram novas e práticas "regras de negócio" na Europa.

Mas de uma modo geral, os americanos não estão isentos de críticas por parte dos europeus! Ausentes nos Estados Unidos são certos formalismos,tão importantes na Europa, e por isto os americanos são considerados pelos europeus como os "caipiras"do mundo. Ricos,mas "caipiras"! Excepto,naturalmente,quando precisam deles para abafar conflitos(como as duas últimas grandes guerras) e deixar nos campos de batalha da Europa milhares dos seus filhos!

É interessante notar as observações feitas pelo escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900), durante suas visitas aos USA. Acostumado aos formalismos, "pompas e circunstâncias" da sua Inglaterra, escreveu Wilde: "... não vi nem exibições nem pomposas cerimônias... somente duas paradas. Uma foi o "Corpo de Bombeiros" seguindo a "Polícia"; a segunda, a "Polícia" seguindo o "Corpo de Bombeiros"(!). O mesmo Oscar Wilde, anos depois, "publicizando" seu livro "O retrato de Dorian Grey" e visitando o Oeste americano,em 1882,e conversando com um grupo, cita Benvenuto Cellini(artista italiano da Resnascença). A reação dos interlocutores americanos foi: "...por que você não o trouxe consigo ?"(!!!). Embaraçado com tal absurda questão, Wilde respondeu: "...Cellini morreu 300 anos atrás !", recebendo dos presentes a reação: "...e quem atirou(!) nele ?"(como se fosse o "far-west"). Numa sucessiva cidade do Oeste, Wilde diz ter feito a seguinte observação: "...que bonita está a Lua nesta noite!", recebendo a reação: "...é verdade,mas você devia ver como era bonito o Luar antes da Guerra"(!!!)(Guerra Civil Americana,1861-1865).

•

Os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, assim como o Brasil, países do "mundo novo", são típicos "países de i

migrantes". Imigração antiga e recente. Os americanos chamam seu país de "melting pot"(panela, onde gente de toda parte é misturada). Todos a procura de tantas coi - sas. De liberdade, de oportunidades para satisfazer sonhos e ilusões.Da fuga às perseguições políticas.Mas penso que a primária e verdadeira grande atração, seja aquele pedaço de papel retangular e verde, chamado Dollar!

Nunca tive notícia de um imigrante legalmente admitido que tenha falido nesse propósito. E conheci muitos. Cada um, mesmo se ignorante ou analfabeto, procura trabalhar 25 horas por dia, dez dias por semana e 45 dias por mês! É uma "conditio sine qua non". Portanto, o novo imigrante,se aqui chegado com poucos recursos,deve nos seus primeiros anos, adaptar-se a essa realidade.Ou naufragar. E se a tal extremo não chega, poderá passar o resto dos seus dias a contar os centavos !

Mas é sempre difícil fazer generalizações, principalmente num país vasto, complexo e cosmopolita como são os Estados Unidos. Devo também lembrar ao leitor, que os americanos são um povo que não considera o coração como "matéria pensante",como era o caso dos Antigos Egípcios! Na verdade, tudo aqui é medido em Dollars.

"How much is he(or she)worth it?"(quanto ele(ou ela) vale?), no sentido de "quanto dinheiro tem".

Mas a propósito,quanta hipocrisia há neste mundo a respeito do dinheito ! Quanta gente que não cessa de criticar aqueles para quem o dinheiro tem a importância que tem ! Chamando-os de nomes não disponíveis nos dicionários ! Não obstante,são os primeiros a pular de um trem em movimento, se vêm um montinho dele no chão !

A filosofia americana do ganho e do Dollar, está também, aparentemente,em contraste com aquela dos Europeus. Estes pensam que os primeiros têm o dinheiro como preocupação fixa, enquanto são os próprios europeus que o podem ter. Inversamente, o americano pensa que o europeu, malgrado sua história de privações, toma a vida pouco seriamente. Menos hoje, naturalmente,que somente vinte anos atrás. O turismo, a TV e os satélites têm aproximado estes dois"mundos", os quais, todavia, permanecem sempre "distantes".

•

O leitor menos experimentado, lendo as observações fei

tas nestas últimas paginas, poderá perguntar:"...e o Brasil, e o resto do mundo ocidental... que lugar ocupam nessas considerações ?

Infelizmente, para europeus e americanos do norte, um lugar insignificante. Como aquele que acende e apaga os refletores numa grande partida de futebol;ou aquele que puxa a cortina no final da apresentação de uma ópera num grande teatro ! Este "terceiro mundo", para a tristeza de muitos - e minha também -, ocupa lugar sob as luzes da ribalta, somente quando alguma notícia sensacionalística, como golpes de Estado, escândalos político-financeiros, "impeachment" de Presidentes, epidemias de cólera, recordes de inflação e queimada de florestas, consegue "passar a barreira" e transformar-se justamente em sensacionalismos. Fora disto,o "terceiro mundo" simplesmente não existe para europeus e americanos do norte !

É assim, senhoras e senhores ! Uma realidade amarga , mas que é nua e crua !

•

Se fosse possível dar uma definição instantânea, diria que os Estados Unidos são uma grande concentração de minoridades ; recentes e menos recentes; parte integrada e parte não. Nascidas no exterior ou não, mas sempre imigrantes. Guardando a cultura trazida da "madre pátria" ("from the old country",como dizem os americanos); misturando-a com aquela de outras; formando um grande " cocktail". Daqueles que "barmen" extravagantes preparam, misturando suco de abóbora,leite de camelo,frutas exóticas, vodka "original" da Coréia, pitadas de sais e sementes,e que o "sofisticado" cliente diz: "...ótimo!".

É fato normal e corrente ouvirmos um americano perguntar a outro: "...você é russo ?". A resposta pode ser : "...não, sou grego...e você é francês ? "...não",responde o outro, "sou belga". Ambos os interlocutores são americanos, nascidos nos USA, mas ambos firmemente conscientes das suas origens.

Na mesma ordem de idéias, existe a questão dos nomes e suas mudanças. Os "Dino Martini" que transformam-se em Dean Martin; as "Elizavjeta Prokofvna"que transformam-se em Liz Prona, ou coisa parecida; os "Hélio Salvador" que transformam-se em Sai Vador",. pois o nome Hélio eles

desconhecem e são incapazes de pronunciá-lo corretamente. Há também o costume de intercalar apelido entre nome e sobrenome, fazendo daquele parte do inteiro nome. Exemplos: Al "Scarface"Capone, John "Bigfoot"Smith,Esther "Nicewoman"Ford.

Também os formulários destinados ao requerimento para a naturalização, encontramos uma parte que refer-se à "americanização" do nome, como conseqüência da mesma naturalização. Uma vez vivendo nos USA, por que manter, por exemplo, nomes como Stankaslovitch Rubennovsky,ou Giandomenico Manggialeppre,complicando a sua vida e aquela dos outros,quando as simplificações a Stan Ruben, ou a Gian Mang podem dar o mesmo resultado ?!

Tal ênfase na necessidade de adaptar o próprio nome a uma cultura particular, é fenômeno ligado à necessidade de satisfazer uma marcada característica da cultura americana: "praticidade"(prático,simples,direto). Com uma exceção: não há americano WASP(white,anglo-saxon,protestant / branco,anglo-saxão,protestante),que não tenha, no nome, a chamada "middle initial", ou uma letra intercalada entre nome e sobrenome. Tantas vezes nada significando, além de uma simples letra, e não a abreviação de um nome(John S.Lynn,Pete G.Ross,Louis A.Ruck).

Usa-se muito, também, principalmente no sul do país,as iniciais do nome(tantas vezes nada significando além de iniciais, e não significando abreviações de nomes): J.R. (Geiar), P.C., D.T., R.R.,etc.

Ao problema, junta-se o fato que os americanos são pés
simos lingüistas,e não se interessam por outras línguas.
Isto não significa que são menos aptos que outros no a -
prendizado de outros idiomas.O fato é que em todas as si
tuações que devem enfrentar - doméstica ou internacio-
nalmente -, eles sabem, por experiência, que seus inter-
locutores farão piruetas para mostrar quanto conhecem a
língua inglesa !

A minha própria experiência de atento observador, mos-
tra, porém, que tais piruetas não são sempre feitas por
questões filológicas,ou de simpatia pela língua inglesa.
No fundo do cenário, está a cor verde, ou aquele pedaço
de papel retangular anteriormente referido !

Os sinais nas estradas é outro exemplo do espírito prá
Os sinais nas estradas - à moda japonesa ! -,co
tico deste povo. Mas neste caso - à moda japonesa ! -,co
piado dos ingleses. Trata-se de indicar, em tais sinais,
os pontos cardeais(Leste,Oeste,Norte,Sul),ao invés de ci
tar nomes de cidades, que aos motoristas não familiares

com uma região, servem somente para complicar a tarefa. Mesmo método é usado para indicar o lado de casas, edifícios, pontes, monumentos,etc. Não "a parede verde,lateral à porta marrom, do lado direito da lareira da pequena sala", mas " a parede sul da sala" !

E não procurar nos USA alguém para consertar alguma coisa ! Na maioria dos casos, desastre assegurado! Mais prático, simples, rápido e tantas vezes barato... comprar novo !

Depois temos a cidade de New York,a maior do Estado do mesmo nome, mas não a capital, que é Albany. New York é a menos representativa das cidades americanas, no senso que dificilmente pode representar este povo e esta nação. Como dizem os próprios americanos "é um mundo à parte".

O estrangeiro que visita New York e de lá mesmo toma o avião de volta ao seu país, penso que dos americanos viu e aprendeu pouco, pois somente uma relativamente pequena parte da população é composta de WASPs, ou americanos-americanos(43%, segundo o censo de 1990; baixando de 61%, em 1980).

A mulher da limpeza do hotel, é colombiana; o carregador de malas, juguslavo; o recepcionista,irlandês; o motorista de táxi,indiano; o dono do restaurante,grego; o pessoal da limpeza pública, afros; o negociante de roupas, polonês; o condutor do metrô, russo; o corretor de imóveis, italiano, e assim por diante. Somente por coincidência, podemos encontrar um "americano" em New York!

Cada um dos acima falando a língua inglesa com seu característico acento; falando a própria "língua madre"entre os membros do próprio grupo. Inclusive os áfros(negros americanos), com um inglês todo particular a eles , e facilmente reconhecível.

Sob este grande "cocktail", o qual alastra-se pelo resto do território, como uma sombra que vai perdendo intensidade... re-adquirindo-a novamente quando chegamos na costa do Pacífico...ou em certas partes da Flórida e Texas...,existe um elemento catalisador como "base do alicerce": a cultura WASP.Foram eles que "iniciaram"o país. Não exclusivamente, porém, pois espanhóis (Flórida) , franceses(Louisiana) e russos(Alaska), fizeram parte dos territórios,mas todos sucessivamente integrando-se à cultura WASP. Aqueles que em seguida chegaram e continuam chegando nos USA, integraram-se ou integram-se.Alguns rapidamente, outros menos, outros nunca,a uma filosofia de vida que penso seja única.

*

Em várias ocasiões, nestas longas "Notas", referi-me à "filosofia de vida" de um povo. Devo agora esclarecer aquilo que com isto quis e quero dizer e a tal fim, faço recurso a um vocábulo da língua alemã,que tudo diz em 14 letras: "Weltanschauung". Antes,porém, se quizermos ir mesmo às origens, vamos ver o que diz Aristóteles na sua "Metafísica", Livro Segundo:

> "...a filosofia é a ciência da verdade,porque tem caráter puramente teórico,ou seja, porque tem como fim, não a ação mas o puro observar e o puro compreender...".

Aquilo que os alemães chamam "Weltanschauung" significa uma construção psico-intelectual, que partindo de uma determinada hipótese geral, resolve(bem ou mal) todos os problemas da vida. Conseqüentemente nenhum resta aberto, e tudo que nos interessa, encontra eventual precisa colocação".

Penso seja bastante compreensível que o ser humano aspire, como seu ideal, tal visão geral da vida, e assim sinta-se seguro das metas perseguidas.Aquelas de como resolver seus pequenos e grandes problemas,e colocar no modo mais oportuno, os próprios afetos e sentimentos.

*

Os Estados Unidos da América não são naturalmente uma Utopia ou aproximação desta,como tantos ingenuamente pensam.Anos Luz distantes disto. Existem centenas de pequenos e grandes problemas não resolvidos,ou irresolvíveis. Devemos,todavia, ter sempre presente que a nossa espécie vive num "mundo de comparações", pois é a única "unidade de medida" que realmente funciona e que nos diz alguma coisa. E essa "comparação" diz que este é um país de oportunidades,de gente e instituições basicamente sérias. Certamente diferente de grande parte da Europa e do resto do mundo. Não notamos aqui situações como aquelas existentes no Mediterrâneo,ou na América Latina,África ou Ásia, onde cada um tenta ser mais "esperto"que o seguinte, e todos pagando alto preço por tal comportamento.

Seus vizinhos do norte(Canadá),mesmo se também país de imigrantes, com similar "alicerce" étnico, têm mentalida de levemente diferente. Talvez mais contemplativa. Digo "similar",pois o leste do Canadá(Província do Quebec)foi colonizado por não-WASPs(franceses). E se fosse possível fazer uma comparação entre USA, no seu todo, e Canadá,no seu todo, diria que os USA " movem-se " a 70 quilómetros por hora; o Canadá a 50.

Alguma coisa sobre o isolacionismo e o puritanismo americano;menos evidentes depois da última grande guerra.Um dos poucos exemplos da História, quando uma grande nação participou a um conflito, sem a "tradicional"intenção de conquistar territórios.

O "isolacionismo" americano está radicado na história do país e na mentalidade do seu povo. Não é limitado a questões políticas, mas extensivo à cultura do povo, de uma forma generalizada. É comum que o homem-da-rua nos USA não saiba quem foi Michelangelo, Kant ou Vasco da Gama; ou que não saiba o nome da capital do Brasil (eventualmente chamada Buenos Ayres !), ou da Turquia (eventualmente chamada Istambul) ! Ao mesmo tempo, pode não saber que a moeda da Espanha chama-se Peseta, ou que Melbourne fica no hemisfério sul. Ao contrário,é capaz de responder imediatamente se a Bolsa perdeu ou ganhou pontos, ou se um tal supermercado está vendendo bananas a preço reduzido !

Tudo refletindo diversas formas de isolacionismo. Mas por via dos correntes meios de comunicação, este é menos intenso hoje que no passado, mas está sempre presente na cultura americana.

É um país que nasceu em conseqüência de uma guerra feita a uma potência européia(Guerra Revolucionária, 1775 - 1783,contra a Inglaterra). Foi basicamente populado com imigrantes que deixaram a Europa por aversão a um regime ou pelos efeitos deste. Com um território enorme e relativamente vazio, e com tudo para ser, na época, explorado, os originais imigrantes possivelmente concluiram - e os efeitos permanecem no presente -,que os problemas e coisas dos outros países não interessavam a eles. Podemos traçar um paralelo com uma família que transfere-se ao meio de uma grande floresta, e pouco se interessa do resto.

Essas considerações de caráter material, foram reforçadas pelo ingrediente puritano-moralista daqueles iniciais imigrantes. Um marcado fator do comportamento,derivado das origens puritanas de muitas comunidades,que no início,popularam o país,como os adeptos da Igreja Episcopal, comumente chamada Anglicana, na Inglaterra; da Igreja Presbiteriana, na Escócia e Irlanda;dos Quakers e dos Mormons. Nos séculos XVII-XIX,esses grupos,concentrados no nordeste dos USA, região chamada New England(nova Inglaterra), eram conhecidos como Puritanos.O "Exército da Salvação", fundado no Reino Unido por William Booth, no meio do século passado, e ativo em muitos países, é uma organização de puritanos.

A presença,hoje,de centenas de diferentes "Igrejas"nos
Estados Unidos,as quais são fundadas(ou desaparecem) co-
mo cogumelos,mostra que aquelas antigas raízes do purita
nismo estão sempre presentes.No Estado de North Carolina,
onde presentemente moramos, além das "tradicionais" - co
mo poderiam ser a Católica Apostólica Romana, os vários
ramos tradicionais da Protestante, a Muçulmana e a Hebra
ica -, existem 56 outras "igrejas(ou cultos)"; algumas
das quais iniciando seus dias na garagem de uma casa. Ca
da uma com seu pastor, e com seu sempre presente progra
ma publicitário para atrair novos adeptos.

Referindo-se ao puritanismo americano, dizia Voltaire em 1734:

> "...c'est le pays des sectes. Un americain, comme homme libre, va au ciel par le chemin que lui plait..."
> (...é o país das seitas. O americano, como homem livre, vai ao céu pelo caminho que prefere...")

O leitor que soube ou leu sobre o chamado"proibicionis
mo"dos anos '20 e '30, quando em todo o território ameri
cano foi proibida a fabricação e a venda de produtos al-
coólicos - um fato inédito na história dos países mo -
dernos -, sabe que o"proibicionismo"foi outro "ramo" do
puritanismo. Ainda hoje, em alguns Estados(Arkansas,pro
nuncia-se "arkansó"; Missouri, pronuncia-se "mizura"; A-
labama, e outros), a venda de produtos alcoólicos,em lo-
cais públicos, é ainda proibida em certos "counties"(mu-
nicípios). Neste Estado onde moramos, a venda é proibida
entre meia noite dos sabados e meio dia dos domingos, in
clusive pelos supermercados.E em 50% dos seus"counties",
o transporte, a produção e a venda de produtos alcoóli -
cos é proibida.Isto faz-me lembrar dos nossos anos na Tu

nísia(norte da África),onde, sob pressão dos "múftis", a população muçulmana era proibida de comprar e beber produtos alcoólicos durante todo o ano. Comum era vermos na porta dos supermercados,muçulmanos implorando estrangeiros para que comprassem uma garrafa de vinho para eles.

Mas voltando aos USA, alguns estados, ou mesmo seus Municípios, separadamente,proibem a abertura de bares (onde garçonetes trabalham "topless"),a menos de 500 metros de uma Igreja. Outros exemplos clássicos do puritanismo americano, conhecidos em todo mundo através da TV e jornais: (1)o caso de políticos,que malgrado possam ter mil qualidades,são afastados porque alguém descobre que 20 anos antes tiveram uma amante! Ou porque "forçaram"uma mulher a ter relações. (2) também na área geral do trabalho: candidatos a um simples emprego, são afastados quando descobre-se que dedicam-se ao "womanizing",significando a propensão de "correr atrás das saias",como vulgarmente diríamos.

O fundamento deste puritanismo contra políticos,funcionários, homem-da-rua e assim por diante, é simples: os americanos dizem "que um homem que não é sério com a esposa, e portanto não é sério com a própria família, não pode ser sério na política, no trabalho e nos negócios".

Significa isto que o homem americano é um Santo ?

Absolutamente não! O grande número dos chamados "dead-beat", os quais esquivam-se de pagar alimentos (num país onde há mais divorciados que não!); e o ainda maior número de mulheres maltratadas(batidas,assassinadas)por maridos e conviventes, mostram que a seriedade com a família é ainda carente em tantíssimos casos.

O que temos neste país é um homem menos bombástico sobre suas "proezas"! Ao contrário do homem Latino, que em geral, tem seu "prestígio" aumentado à medida que o número de "proezas" aumenta!

Entre os Latinos, são os italianos que mais se surpreendem com o puritanismo dos americanos. Mas não são os únicos! E a seriedade, sob este ponto de vista, tem certamente "pesos diferentes"segundo o modo de ver de cada povo. A verdade, porém, é que nos USA ela conta um pouquinho mais que entre outros povos, e isto, em geral, parece refletir na grandeza deste país... e na situação não muito brilhante de certos outros !

Voltando um momento ao isolacionismo deste povo, perguntamos: "...por que então os USA estão sempre envolvidos na política de outros países,como se fossem o "santo protetor"ou o "sheriff" do mundo ?

Assim não era até o início da primeira grande guerra , ou pelo menos não era evidente como nos dias de hoje.Antes de 1914, os USA eram um país como os outros.Isolado, puritano, sem ambições políticas ou comerciais, como se seu território e seu povo estivessem num outro Planeta.

O que aconteceu, entretempo, isto é, nos últimos 80 anos,pode acontecer com qualquer outro país. A defesa dos próprios interesses - do simples indivíduo ou das nações -,pequenos ou grandes que sejam,é peculiar característica do ser humano. Aquilo que o indivíduo tem,seja ganho durante 40 anos de sacrifícios, ou com um bilhete da loteria, pertence a ele e não há Lei, moral ou sentimento que mude a situação. As exceções que existem, são assim raras que seria um paradoxo tomá-las em consideração. Ou então produto dos famosos "ilusionistas", anunciando "que se fossem ricos, dariam dinheiro pelas ruas"!

Procuramos, por exemplo, demolir ou tomar a mais miserável "casa" do mais miserável dos favelados; ou instalar uma "banca de amendoim" ao lado daquele que vende pipocas... e sabemos a reação que nos espera!

Semelhante é a reação de um povo e do governo que o representa, no que diz respeito às várias nações. E não é somente o sempre presente fantasma do comunismo/socialismo que apavora americanos e seu governo. A nação inteira sabe que precisa proteger aquilo que tem;que é pouco, muito pouco,mas como lembrei anteriormente, vivemos num mundo de comparações,e isto diz que os USA têm um pouco mais que outros. E naturalmente,são ciumentos desse pouco.Como é ciumento do seu comércio o modesto vendedor de amendoim da esquina !

Por que os USA preocupam-se com os extremistas de esquerda da América Central? Por que preocupam-se com o regime de Fidel Castro? Certamente não é porque os americanos importam-se muito com os problemas internos destes povos; nem tão pouco com suas intrigas e sofrimentos. Da mesma forma que um indivíduo, ou uma família, não importa-se muito com a "favela" que está a dois quarteirões de distância, onde igualmente há problemas,intigras e sofrimentos.

Portanto, a razão da interferência americana, é evitar que aqueles regimes de esquerda,ameacem o capitalismo e o alto nível de vida da própria população. Simples! Da

mesma forma que o indivíduo, ou a família,procurariam in
terferir se os problemas da "favela"os ameaçassem ! Pode
rá parecer grosseira a comparação que tentei fazer aqui,
mas o inteligente leitor a entenderá.

Prosseguindo: por que os USA combateram,em 1990/91, o
Irak, depois que este invadiu o Kwait ? Certamente não
foi pela cor dos olhos dos seus "sheiks"! Mas sim,porque
a invasão do Kwait poderia alastrar-se à Arábia Saudita,
e daí teríamos a falta de petróleo,estrangulando a econo
mia americana. Portanto, também neste caso: proteção da
quilo que têm ! E por que os USA apoiam sempre Israel
nos seus conflitos com os países árabes ? Não é certa -
mente pelo "amor"que o povo americano tem pelos Hebreus,
ou pelo interesse que possa ter em não deixar cair Jeru-
salem, novamente, como aconteceu na Idade Média,nas mãos
dos muçulmanos árabes! É somente porque Israel repre -
senta o único verdadeiro aliado que eles têm naquela par
te do mundo, e onde (e isto é importante !) podem ter
bases para defender o "santo"petróleo, não distante ! E
por que os americanos não mandam tropas para por fim à
guerra civil na ex-Juguslavia ? Simples! Porque os in-
teresses americanos não estão em jogo naquela área. Da
mesma forma que o indivíduo, ou a família, não iria in -
terferir na "favela" do outro extremo da cidade !

Tudo resume-se nisto !

*

Não é demais lembrar, todavia, que nestes últimos 40 a
nos, as várias "ideologias"fizeram passos importantes na
direção daquelas basicamente opostas: a fuga dos perigo-
sos extremos,e a procura daquilo que o homem considera
razoável.

Muitos são os exemplos mostrando que os extremismos(ex
tremamente capitalista e extremamente comunista), perdem
terreno.Basta ver aquilo que aconteceu a partir dos anos
'80 na URSS e na China. Quanto distantes estão hoje es -
tes regimes dos tempos e da política de Stalin e Mao Tse
Tung. Basta ver quanto longe estão hoje os USA do " Mc
Carthismo" e do "direitismo"dos anos 70/80.

Lembro-me de um insignificante caso que serve de exem-
plo: em 1964, quando comecei trabalhar para a F., os em-
pregados receberam uma circular avisando que a companhia
havia integrado na sua política salarial,a concessão de

férias. "Férias ?",diziam os velhos empregados de cabe-
los brancos, "isto é coisa de socialistas e comunistas!"

Até os nossos dias, não há Lei nos USA que obrigue um empregador a conceder férias pagas. Era e é uma decisão que cabe a este tomar, mesmo se nos últimos 20 anos, os contratos entre grandes empresas e sindicatos incluem essa concessão. Nas pequenas firmas(escritórios professionais, consultórios, despachantes), onde não há contrato, o empregador, a seu exclusivo critério, pode ou não conceder tal vantagem.Também naquilo que diz respeito a ausências do trabalho por motivos de gravidez, doenças e outros, as quais, na socializada Europa são objeto, por Lei, de longos períodos com salário integral; tantas vezes renováveis, como é o caso da gravidez(seis meses, em 99% dos casos renováveis por outros seis,e sempre com salário intregral),não é concessão aplicável nos USA. Foi somente neste ano de 1993,que depois de muitas batalhas, Congresso e Presidente concordaram numa Lei obrigando empregadores, com mais de 50 empregados,a conceder seis semanas ao empregado, em caso de comprovada doença,dele ou de um membro da sua família. E isto tudo, sem pagamento de salário. Tais concessões, mais extensas e com pagamento de salário integral, na socializada Europa,existem há quarenta anos!

Nos Estados Unidos, mesma situação no que diz respeito a dispensa do trabalho,depois de "anos de casa", sem alguma compensação. A citada adenda a este capítulo explora estes assuntos com maior detalhes.

Mas estes exemplos mostram que passos na direção de uma "ideologia" oposta(a podemos chamar "populista") foram feitos pelos USA. Do outro da "barreira", ouve-se falar que certas faixas de empregados e dirigentes (na URSS), podem agora perder o lugar ! Coisa inimaginável somente alguns anos atrás.

Tudo isto parece indicar a aproximação de extremos opostos. O "capitalismo" que se "socializa" e o "comunismo" que se "capitaliza". Ambos fugindo dos perigosos extremos,e procurando aquilo que homem considera razoável.

*

"...se você diz a alguém que paga impostos integralmente, ele pensará: "...o que estará errado com este indivíduo ? Será que não tem amigos,ou

é algum estúpido!?...pois,se inteligente, então tem amigos nos lugares justos, e assim não paga impostos, ou não os paga integralmente !"

Assinado:...habitante de país em desenvolvimento.

Diz um velho ditado: duas coisas são absolutamente certas na vida: a morte e os impostos.

A obrigação de satisfazer as exigências dos impostos, nos USA, vale também para os residentes não-naturalizados, como é nosso caso. Além daquilo que é devido na fonte - se dependente de uma firma -, impostos são devidos sobre outras rendas, e daí a obrigação de apresentar declaração em 15 de abril de cada ano. Se nessa ocasião o declarante encontra-se no exterior, tem automaticamente uma extensão de 60 dias. Deve,porém, pagar juros sobre o imposto devido, se devido. Outra obrigação é aquela de pagar o total dos impostos de um determinado ano, em prestações trimestrais. O contribuinte calcula o imposto total devido, o divide por quatro, e paga as prestações. Se não paga tais prestações, incorre em multas. Se não as paga, tem sua conta bancária ou seus imóveis confiscados. E não existe a "tradição" tipicamente italiana, chamada "anistia geral das multas". É justamente o acúmulo destas artimanhas que faz o povo perder(o já pouco!) respeito que tem pelos governos!

Além do imposto federal(IRS), impostos são às vezes devidos ao Estado de residência, ao Município(County) e à Cidade onde vivemos. Portanto, são praticamente quatro. Em alguns Estados, um quinto imposto é devido. Este é sobre o Patrimônio, o qual inclui ações da Bolsa, imóveis, automóveis,etc.etc. Enfim, sobre tudo que constitue o patrimônio do indivíduo. A soma do valor deste, vezes uma certa porcentagem,e temos o"Imposto sobre o Patrimônio". Em relação a este último imposto, cada residente,uma vez por ano,deve preencher uma ficha(chegada pelos correios) onde descreve as eventuais mudanças no patrimônio.Se não o faz, chega sem falta o aviso de multa, e se esta não é paga, o fisco não esquece de sequestrar fundos ou penhorar salários. Se muda de Estado, os chamados "Credit Bureaux" (entidades privadas que recebem uma porcentagem dos impostos recuperados), dão caça ao sonegador.

Funciona tudo isto,sempre,como um perfeito relógio suíço ? Naturalmente que não!... mas ainda uma vez, devemos

voltar ao "mundo das comparações",como anteriormente lembrado.

Até aproximadamente 20 anos atrás, o controle das declarações de impostos(Federal,Estadual,Municipal) podia ser feito por fiscais, que apresentavam-se, de surpresa, à porta do contribuinte. Pediam explicações, ou que a eles fossem mostrados comprovantes e recibos. Hoje esse trabalho é feito por correspondência, convidando o contribuinte a verificar a exatidão da própria declaração e pedindo uma resposta. Juntamente, mandam um panfleto com expressões corteses, informando as penalidades que o contribuinte poderá estar sujeito. O objetivo daquelas é endereçado ao bolso, mais que a uma eventual prisão. Afetando, justamente, o mais sensível "orgão" do homem!

Há naturalmente uma faixa da população que nunca apresentou declaração de renda. Muitos, nesse grupo, podem mesmo não saber que tal coisa exista ! Trata-se principalmente daqueles que vivem nos "slums" e nos "guetos",áreas de grande depressão econômica, moral e intelectual. Gente que infelizmente mal sabe assinar o nome, ou fazer uma simples soma. Imagine o leitor se seriam capazes de ler as instruções dos impostos, ou preencher uma declaração de renda !

É verdade. Nos Estados Unidos, apesar da reputação de ricos que têm seus habitantes, existe disso e muito mais que um estrangeiro possa imaginar. Este último pode ter sido "brainwashed" pelos filmes e pelas estórias ouvidas. Da mesma forma que muitos de nós, no Brasil,fomos "brainwashed" pelos filmes italianos do período "surrealista" (1945-55), e deles formamos uma idéia absolutamente irreal da Itália de hoje.

Contra a acima citada faixa de "sonegadores", pouco ou nada podem fazer os senhores do fisco. Eles sabem que "aceitar" sonegadores relativamente pequenos e sem recursos - e que nada têm a perder! -, como em geral são aqueles das acima citadas áreas,custa menos que procurar recuperar o imposto devido. E como este é um povo prático, o Governo não investe $1,000 para recupera $500 !

O pagamento de impostos é um problema que pode ser traçado às origens da nossa civilização. Em muitos casos, não precisamente nas formas e modalidades hoje conhecidas. Na antiguidade, eram usados métodos cruéis contra

os sonegadores. Em muitas cidades da Europa, é ainda pos sível ver pilastras - dentro do pátio de edifícios ou no centro de praças - , onde os sonegadores eram amar rados e maltratados;em certos casos feitos escravos. Lem bro-me de ter lido sobre um caso ocorrido no tempo de Henrique VIII(1491-1547), rei da Inglaterra, famoso pela coleção de esposas e pelos métodos cruéis usados contra sonegadores. A estória passou-se assim: numa pequena ci- dade da Inglaterra daqueles anos, um marceneiro de nome John Cartright tinha sonegado impostos durante anos. Um dia foi descoberto. A pena era a forca. Mas como o marce neiro era o único dessa profissão na aldeia, e assim in- dispensável,enquanto nela viviam três alfaiates - todos, porém, em dia com a Lei -, o "tribunal" decidiu, que no lugar do marceneiro, fosse enforcado um dos alfaiates. E assim foi feito. E assim, John Cartright continuou a so negar impostos... até que um dia, um segundo marceneiro veio morar na aldeia, e a proteção da qual John gozava , foi abolida. Cartright foi enforcado na Torre de Londres em 16 de junho de 1540.

Outro célebre episódio relacionado com o pagamento de impostos,sempre na Inglaterra,foi aquele da cavalgada da nua Lady Godiva(1040-1080), pelas ruas da cidade de Co - ventry. Ela era esposa do Conde de Mércia, o qual exigia o pagamento dos impostos... mas sem o apoio da esposa... e aquela sua cavalgada nua - coberta somente pelos lon gos cabelos -, foi a sua maneira de protestar !

Cito também do Evangelho segundo Lucas(3:12), Novo Tes tamento:

> "...e os coletores de impostos também vieram ... para serem batizados(por João Batista)... e per- guntaram a este: "...o que devemos fazer? ... e João Batista respondeu: "... não coletem mais que a porcentagem justa".

Portanto, o pagamento de impostos "nasceu" praticamen- te com a nossa civilização; acompanha cada indivíduo du- rante todo o arco da vida,mas nem sempre é enterrado com ele! Companhia mais fiel e perseverante... é impossível encontrar !

Finalmente, chego aqui àquilo que quero dizer depois deste longo prólogo: quando pagamos impostos e vemos que as estradas são boas e bem conservadas; quando vemos que os hospitais verdadeiramente funcionam; quando sabemos

que o excesso recolhido nos é prontamente restituído; quando somos informados como é empregado; quando, enfim, sabemos que o dinheiro do contribuinte realiza uma por - ção de coisas,mesmo se não utopicamente; então sentimos um alívio que parece dar paz à nossa consciência e ao nosso bolso. E isto é o que acontece,basicamente,nos Es tados Unidos, onde a expressão "taxpayer's money"(dinhei ro do contribuinte) tem uma toda particular significân - cia. Ao contrário, quando a situação é inversa, o paga- mento de impostos torna-se um pesado fardo, difícil de ser serenamente digerido !

*

Imaginar que não há sonegação de impostos nos USA é in fantilidade. Nenhum país e nenhum governo, jamais, pôde ser bastante capaz e organizado para evitar a sonegação, completamente. Aquilo que penso existir aqui, é uma gene ralizada mentalidade de seriedade que não existe no exte rior. Mentalidade originalmente trazida pelos anterior - mente citados colonizadores Puritanos. Portanto,mais que controle dos "fiscais" e o risco das salgadas multas, é essa mentalidade que pode manter a sonegação sob um ní - vel razoável.

Os americanos, povo prático, não são "absolutistas" co mo são a maioria dos europeus, mas principalmente Lati - nos. O fisco nos USA sabe que há sonegação, mas sabe tam bém que não a pode eliminar completamente. Aceita assim um compromisso, pisando duro nos sonegadores que caem na rede dos controles, mas sem "puxar os próprios cabelos"e sem tomar providências ou atitudes drásticas e extremis- tas,as quais,como sabemos, raramente resolvem alguma coi sa.Esta concepção de evitar os extremos,faz também parte da cultura e da constituição psíquica dos Anglo-Saxões.

Latinos, Árabes, Gregos,Indianos e tantos outros povos são naturalmente "absolutistas". Senti isto freqüentemen te na Itália, na Espanha, no México, na Tunísia, e tenho lembrança de coisas que via e sentia no Brasil. São po - vos carregados mais pelos instintos e pelo coração, que pela cabeça. Por isso que foram grandes artistas ! Como "absolutistas", fazem grandes ameaças, grande publicida- de, grande barulho, que na maior parte dos casos não pas sam de ameaças, barulho e publicidade... pois entre eles o coração sempre vence ! Nos Estados Unidos - e na ve -

lha tradição dos "frios" Anglo-Saxões -,acontece um fato por tantos versos estranho.Uma voz calma, doce,gentil e suave parece assoprar nos nossos ouvidos, aquilo que não é permtido fazer... e parece ter o efeito de uma bomba ! Os americanos tem uma expressão para esse comportamento: "Speak soft but carry a big stick!"(fale docemente mas carregue uma grande bengala).

•

Como o leitor sabe, ou como refrescou as idéias com as precedentes páginas deste capítulo, é difícil definir um americano. Será aquele que vemos fazendo turismo ou trabalhando no exterior; ou os negros e portorriquenhos que moram nos fétidos cortiços do Harlen, no sul de Chigaco ou Los Angeles;ou será o "red-neck"(Pescoço Vermelho)que no sudeste trabalha na agricultura; ou o operador de títulos na Wall Street; ou o ex-oriental que vive na California; ou o rancheiro do Texas; ou o operário das indústrias de Detroit; ou os ex-Cubanos da Flórida; ou o "divo" ou a "diva" que vemos nos filmes ?

Todos e nenhum. Mas todos à procura de uma "qualidade de vida" materialmente melhor. Do conforto, no mais rigoroso sentido da palavra.De viver num país onde as coisas não funcionam perfeitamente,mas melhor que tantos outros. Eventualmene à procura de fama ou de prestígio; ou daqueles pedaços retangulares de "papel verde", anteriormente mencionados, que tudo pode comprar. Às vezes ! Nem sempre.

Lembro tudo isto ao leitor, porque os filmes,primeiro, depois a TV, levaram ao mundo uma imagem de um americano estereotipado,o qual absolutamente não representa o povo que vive neste país.E depois temos os americanos,que mesmo se nascidos e educados aqui, vão à procura de outros valores da vida. Aqueles que os USA - grandes, potentes e ricos -, não podem dar. Porque não têm.

São os imigrantes americanos,que descendentes eles mesmos de imigrantes, fazem o caminho inverso. Querem viver na "matriz" - pequena, relativamente impotente e menos rica -, onde milhares de anos de História e cultura,servem para completar o homem: a Europa.

Não é indispensável, mas é importante; muito importante !

Todos nós, sem exceção, nada mais somos que o produto

da História.A lógica mais elementar da nossa existência, da nossa moral,da nossa condição de espécie inteligente, sem ela não tem sentido. Sem ela arriscamos voltar às cavernas,à caça dos animais e ao bater dos tambores !

E são muitos os americanos que voltam às origens. Às vezes "esticando" seus Dollars ao máximo,para fazer face aos custos elevados do velho continente. Procurando dar um sentido diferente à vida. Reconhecendo o limite daquele sonho que seus pais, avós ou bisavós, ingenuamente , pensaram ser infinito, nos Estados Unidos.

E muitos deles lá estão. Morando em exíguos apartamentos, comprimidos nos meios comuns de transporte; contando os centavos dos Marcos, dos Francos, das Liras ou das Pesetas. Eventualmente estendendo a família,cujos descendentes, atraidos ainda uma vez por uma vida materialmente mais exuberante, pelo conforto, pelos grandes automóveis na porta, acabam invertendo, mais uma vez,a marcha. Migrando para os USA. Repetindo o sonho dos pais, dos avós e dos bisavós. Também eles pensando ser um sonho infinito.

•

Não como a Europa, os USA não precisaram usar os sistemas filosóficos de Bacon, Descartes,Condorcet e outros , para atingir o atual nível de progresso. Este último, é para os americanos uma questão de experiência diária. A prática prevalecendo sobre a teoria. São um povo pragmático; que vai ao centro dos problemas, sem toda a retórica que faz parte da filosofia de vida dos europeus.E sob certos aspectos, também - entre outros -, daquela dos povos Latino Americanos.

Cito Von Borch, do seu livro "USA, the unfinished society"(Estados Unidos, sociedade inacabada):

> "...com os Estados Unidos, o eterno problema da quantidade foi resolvido. Não pode-se prever ulterior progresso na abilidade daquele povo: 1)de produzir abundância de produtos para o consumo da população, 2)de promover ulterior progresso nos meios de transporte, 3)de inventar sempre um maior número de produtos, os quais as populações os transformam em novas "necessidades", fazendo

engrandecer a economia do país. Agora, pela primeira vez na História, um povo toma a "quantidade" de produtos e serviços como um direito adquirido".

Ao acima, gostaria de juntar: pela primeira vez na História da nossa espécie, um sistema econômico tenta resolver não o problema da escassez, mas aquele da abundância. O povo americano é o primeiro a fazer face à "necessidade" de conviver com a abundância, como "condição normal", pois a tradicional "condição normal" da humanidade foi sempre de pobreza.

Karl Marx(1818-1883) pôde, no passado, professar o "inevitável crescimento da pobreza no mundo... e que a igual (!)distribuição da riqueza era também inevitável". Ele certamente não conheceu os Estados Unidos de hoje !

A pobreza nos USA não foi porém eliminada, pois é, por natureza não-eliminável. Ela aqui existe em situações isoladas: alcoolizados, doentes que, na mocidade, não tomaram precauções econômicas para as eventualidades do futuro; pequenos agricultores que não souberam ou puderam acompanhar a evolução dos meios agrícolas; pessoas vítimas de uma crônica indolência, letargia e ignorância, ou vítimas da desintegração do núcleo familiar. E finalmente, aqueles que são vítimas do racismo(felizmente gradativamente desaparecendo), como são negros, índios e povos da América Central, migrados para cá ilegalmente.Mas toda essa massa, malgrado a grande publicidade que a ela procura os meios de comunicação, é uma minoria.

•

Gostaria de terminar este longo capítulo sobre os Estados Unidos, lembrando alguma coisa sobre o mais célebre europeu que chegou nesta área do mundo. Sem "visto de entrada" e sem ser propriamente um imigrante,mesmo se mais de 500 anos passaram-se da sua primeira "visita": Cristóbal Colon(chamado pelos espanhóis),Critófaro Colombo(chamado pelos italianos),Christopher Columbus(chamado pelos americanos de hoje)(1451-1506).

Em anos recentes, quando na cidade de Gênova, na costa norte-ocidental da Itália, visitei pela segunda vez,a casa onde, segundo tradição, ele nasceu. Feita de pedras ·

com portas e janelas de pequena dimensão, como era hábito na antiguidade. Teto baixo, paredes largas; uma geladeira em forma de casa.Tudo no centro,hoje,de um mal cuidado jardim. De fato,o homem genovês dos nossos dias - não somente porque juntamente com o escocês, tem a fama de ser tacanho e avaro,mas por razões que a luta pela vida talvez o impeça de ser diferente -,parece não ter lá grande admiração pelo célebre filho da cidade. Para aquele,"Colombo foi um espanhol nascido por acaso em Gênova". Injusto, pois seus pais, Domênico e Suzana, eram bem genoveses, como eram seus avós. Verdade que Colombo não foi exatamente um patriota genovês. Na batalha naval na costa do Cabo de S.Vicente, em agosto de 1476, quando Colombo tinha 25 anos, ele bateu-se pelos portugueses,contra os compatriotas genoveses !

Muito foi escrito sobre o suposto primeiro "visitante" europeu das Américas, à parte naturalmente os escandinavos Vikings, povos que entre 800 e 1050,exploraram o mundo e possivelmente estiveram também no continente americano. Filmes romantizando as viagens de Colombo aparecem de tanto em tanto; conferências entre os chamados expertos na Colombo-cultura são organizadas. Particularmente neste passado 1992,quando o 500 aniversário do "12 de outubro" foi comemorado(não mais correspondente ao "12 de outubro de 1492", como lembrado no capítulo sobre o Egito), o navegador genovês-espanhol, segundo alguns; hispano-genovês, segundo outros, ganhou grande atenção.

E tudo, parece, porque Colombo está historicamente ligado aos Estados Unidos da América ! Vamos ver,se entre sete anos, no Ano Santo de 2000, similiares manifestações serão feitas para comemorar o 500 aniversário da chegada ao Brasil, pelo nosso querido, mas não internacionalmente conhecido, Pedro Alvares Cabral(1467-1520).Nascido no povoado de Belmonte e enterrado na cidade de Santarém, num Portugal que não mais existe.

Também Cabral, não menos que Colombo, foi um navegador de primeira grandeza. Não menos intrépido, não menos audaz e não menos preparado ! Mas o "grande mundo"dos nossos dias, aquele internacional - do qual o nosso pequeno-grande Brasil, infelizmente, não faz parte - de Cabral perdeu traços. E assim fez também a "grande História"!

Se Colombo, em 1492, tivesse chegado nas costas do Brasil, e oito anos depois,Cabral chegado na América do Norte - pois ambos sob o aspecto político-cultural perten

ciam ao mesmo "grande mundo" de então(Portugal/Espanha), Colombo teria também "caído em desuso"! E Cabral seria o grande e internacionalmente herói que o mundo vê hoje em Colombo !

Bizarrias da História !

•

Penso que de particular interesse, pois foge ao esquema tradicional das habituais, e às vezes cansativas, biografias de Colombo,são as páginas que escreve Tzvetan Todorov, nascido em Sofia, imigrado para a França e até recentemente catedrático na Sorbonne. Do seu livro "La conquête de l'Amérique"(a conquista da América), transcrevo aquilo que pode ser adaptável ao caráter simples e sem pretenções destas minhas "Notas"; incluindo trechos dos diários do navegador, assim como daqueles de bordo.Todos ciumentamente guardados nos Arquivos Nacionais de Espanha, em Madrid.

Diz Todorov:

> "...não nos devemos admirar que o primeiro e mais célebre dos grandes navegadores da época, não é perfeita encarnação da mentalidade nova da Renascença. Colombo é um personagem que provoca mais novidades que a figura que o ilustra.Pertence ao passado e anuncia o futuro. Na multiplicidade dos motivos que tem para fazer aquela primeira viagem, já está a ambivalência da sua personalidade. A principal força que o leva àquela empresa, nada tem de moderno; trata-se de um projeto religioso. Este motivo é, de uma forma ou outra, embuçado naquele da procura do ouro, símbolo da riqueza, que parece ser um antídoto face às aspirações religiosas.
> Colombo, quando fala aos reis Católicos de Espanha, Isabel e Fernando, refere-se ao ouro. Promete de encontrá-lo em grande quantidade,pois é isto que a ele pedem seus interlocutores;que pedem os marinheiros das suas naves e os ricos armadores que financiam a expedição. E Colombo não erra na apreciação destes fatos. Prova está, que quando resulta que nas terras descobertas não existe grandes quantidades de ouro, ou porque sua

expedição não o encontra, cai imediatamente em desgraça.

O grande motivo de Colombo, como visto, é outro; diferente daquilo que promete. Quer levar a religião Cristã a outras partes do mundo.Sabe,que segundo Marco Polo,que "lá esteve" dois séculos antes, os herdeiros do Grande Khan, imperadores do grande Oriente,querem converter-se ao Cristianismo. E parte da Espanha, "via ocidente", para ajudá-los naquela decisão.

À parte este grandioso projeto, há um mais grandioso ainda: Colombo sonha com a re-conquista de Jerusalém, e graças ao esperado resultado das suas viagens ao "oriente", espera encontrar ouro bastante para financiar uma nova Cruzada (300 anos depois das originais Cruzadas !).

Colombo escreve no seu diário de bordo: "...e isto(ouro) em tal quantidade que os Reis Católicos possam preparar e ativar a re-conquista dos Lugares Santos(Jerusalém).E é isto que manifestei às Suas Majestades... e Suas Majestades riram...".

Colombo lembra desse propósito também nos diários das suas sucessivas viagens, e escreve: " ... devem utilizar a riqueza encontrada para equipar uma armada e re-conquistar o Santo Sepulcro...". (Nota deste autor: na época,Jerusalém estava sob o domínio Muçulmano).

Colombo é também um amante da natureza.Ainda dos diários de bordo: "...quer ver e descobrir tanto quanto possível...basta que uma nova ilha seja vista,que a quer conhecer e explorar... e não viaja de noite,pois tem receio que possa perder alguma...".

Confirmando seu grande afeto pela religião,escreve no seu diário quando volta à Espanha: "... já disse que para a realização da viagem à Índia(!) o raciocínio, a matemática, a orientação marítima e os mapas, não me foram de ajuda... tratava-se somente daquilo que o Profeta Isaías tinha previsto...".

Nas suas viagens,ele está convencido(e morre com este convencimento)de ter chegado, via ocidente, às costas do Catai(China), ou àquelas do Cipango (Japão),assim como está convencido que Cuba , a

qual chama Avana, faça parte do continente.
Talvez devido ao calor e à febre, um diarista de bordo anota, na costa da Venezuela: "... o Almirante(Colombo)diz que ontem, descendo o rio do Ouro, viu homens com rabo..." (macacos).

Nos primeiros contatos com índios, a comunicação é obviamente inexistente, pela boa razão que cada uma das partes ignora a língua da outra.Colombo está convencido que os índios o intendem,quando seus próprios diários provam o contrário.Seus "avances" de amizade são interpretados pelos últimos como atos de guerra, e vice-versa. Quando encalhado na costa da Jamaica, não consegue convencer os índios a continuar fornecendo mantimentos gratuitamente. Mas Colombo conhece a data do próximo eclipse da Lua, e ameaça os interlocutores "que roubará o Astro da Noite se não satisfazerem seus pedidos". Diante do eclipse que começa a ter lugar, os caciques obedecem.

Ainda dos diários de Colombo: "..estes homens escuros(referindo-se aos índios)estão sempre nus ...não conhecem vergonha...talvez estejam mais perto de Adão que estamos nós...talvez seja o Paraíso Terrestre..."
Quando, mais tarde, Colombo se empenha na colonização das novas terras,a ele os índios são então cruéis e vingativos. E quanto à antiga primeira impressão de generosidade daqueles, para Colombo os índios são agora inclinados ao furto.Tomam as coisas de outros com a mesma facilidade que dão as próprias. Não conhecem os direitos de propriedade.
Não confiando no consenso da população local, traz soldados da Espanha e constrói fortalezas.O ouro é raro, assim como são raros os ricos comerciantes-navegadores que trazem mercadorias da Europa, chegando ao Catai(!)depois de meses nos mares. As poucas naves que chegam, suas ou alheias - pois é a ele que cabe a última palavra nas decisões -, não devem voltar vazias.Porões são lotados de índios para venda como escravos na Espanha. Cinqüenta por cento morre nas viagens;os demais com os primeiros frios da Europa.
Colombo escreve ainda no seu diário: "...a tri-

pulação pode receber em pagamento estes escravos...gente feroz mas de boa construção física,e inteligente ... se deles é extraída a parte não-humana...são os melhores escravos do mundo".
Colombo descobre a América mas não seus habitantes !
Podemos dizer que a descoberta da América,reflete todos os aspectos da personalidade de Colombo. Homens do mar mais realistas que ele, professam então que chegar ao Catai, "via ocidente",é perigoso. Para uma tal empresa era preciso a fé Cristã de Colombo"

(fim da citação de Todorov)

*

Ao acima, gostaria de acrescentar o seguinte: por que o continente foi posteriormente chamado América e não Colombia ?
A resposta não é evidente.

Amerigo(sic)Vespucci(1454-1512), italiano de Florença, navegador como Colombo, faz sua primeira viagem ao novo continente cinco anos depois do genovês(1497).Mas ao contrário de Colombo(o religioso, o pragmático, o homem de poucas palavras), Vespucci escreve também livros sobre o "novo mundo"("Mundus Novus" e "Quatuor Navigatione").
Vespucci não conta aos homens importantes do velho continente os fatos nus e crus, no seco, insípido, pobre e lacônico estilo de Colombo, mas aos fatos junta fantasia e cor. Ele escreve ao Duque de Florença: "..mesmo se Vossa Magnificência está continuamente ocupado com os negócios da Pública Administração, poderá conceder-se alguma horas de repouso,e dedicar um pouco do precioso tempo de Vossa Magnificência, a coisas agradáveis... e como a erva-doce come-se depois dos pratos e dos vinhos que Vossa Magnificência tem o prazer de saborear,e assim poderá favorecer melhor digestão, Vossa Magnificência para repousar-se das importantes ocupações de Vossa Magnificência, fazer com que esta minha carta seja lida a Vossa Magnificência..." (e descreve uma das suas viagens ao novo continente).
Sabido - e a História nos conta detalhes ! -, que os Duques de Florença,com o tempo empregado em festins e or

gias, pouco tempo resta para os problemas da Pública Administração... mas a retórica das cartas de Vespucci (no exemplo acima, usando "Vossa Magnificência" nada menos que seis vezes!) tinha mais efeito que a insipidez de Colombo !

É assim que escreve Vespucci, na linguagem floreada, indireta e típica da Renascença. E assim escreve seus livros e novidades das novas terras. E assim fala aos homens de poder. Exemplo perfeito do cortesão, ou como chamaríamos hoje, do perfeito "public relations", ou perfeito político, ou perfeito homem das paralelas convergentes !

Colombo morre seis anos antes de Vespucci. Até nossos dias, não foi plenamente determinado se Colombo foi enterrado na República Domenicana (Mar das Caríbas), ou em Sevilha, Espanha. Dois túmulos existem; cada um reclamando a própria autenticidade.

Após a morte de Colombo, Vespucci dilaga ainda suas qualidades de político. Em 1507, ano que segue a morte de Colombo, Vespucci faz publicar uma obra literário-geográfica. "América" é o nome que dá ao novo continente.

É o triunfo da literatura sobre as descobertas, ou da psicologia sobre o pragmatismo !

Finalmente, podemos perguntar: - será que a reputação de avaros que têm os genoveses terá alguma relação com a reputação de Colombo com as palavras ?

A resposta cabe aos sócio-etnólogos !

Adenda ao capítulo XXVII

AOS JOVENS BRASILEIROS SÉRIA E GENUINAMENTE INTENCIONADOS A IMIGRAR LEGALMENTE PARA OS ESTADOS UNIDOS, E AQUI CONSTRUIR NOVA VIDA

Imigrar de um país a outro, de uma maneira séria e inteligente, nunca foi fácil. Não foi no passado, não é hoje e não será no futuro.

Depende muito também da relação cultural entre o país de origem e aquele de destino. Peruanos que imigram para o Chile, Americanos que imigram para o Canadá, Portugueses que imigram para o Brasil, ou Alemães que imigram para a Áustria, para dar alguns exemplos - cada um desses grupos de nacionais pertencendo basicamente a uma mesma cultura -, têm boas possibilidades de integrar-se à filosofia de vida e aos usos e costumes do novo país eleito.

Nos casos opostos, quando trata-se de "mundos diferentes", como pode ser aquele do jovem brasileiro que imigra para os USA, o sucesso depende muito da maneira como a "bateria filosófica" do indivíduo foi, ou está sendo carregada para tal empresa.

Já fui também jovem e penso conhecer a ânsia, a "bravura", a energia, os impulsos, a agressividade, as ilusões e os sonhos que os jovens carregam na sua bagagem espiritual. Naqueles anos verdes da nossa vida, somos todos modernos Napoleões ! Prontos a "conquistar" o mundo e, se possível, pô-lo aos nossos pés.

E os anciões que têm a ousadia - com palavras e fatos - de lembrar aos jovens que os nossos poucos decênios de vida são coisa séria, e que com o passar deles, as ânsias, as "bravuras", as energias, os impulsos, as ilusões e os sonhos têm um dia suas respectivas Waterloos, são taxados de antiquados. Mas assim é o destino dos jovens e assim é aquele dos velhos. E assim foi desde que o homem deu seus primeiros passos. E assim será na eternidade. E é justamente nesse contraste, que está uma das tantas belezas da nossa vida !

Pertencendo à segunda categoria - aquela dos anciões,

gostaria de dar alguns conselhos práticos baseados na minha condição de velho imigrante, e começo contando uma estória ocorrida no meu primeiríssimo dia nestas terras, em dezembro de 1963. Uma das tantas lições que aprendemos e que jamais podem ser esquecidas.

Desembarquei no porto de Savannah, no Estado da Geórgia, e entrei num bar de baixa reputação, freqüentado por gente rude. À semelhança dos piores "bas-fonds" que podemos encontrar na Europa. Sentando ao meu lado, estava um homem dos seus 60 anos, com quem entabulei conversa e de quem aprendi a acima citada lição. Dizia ele no seu acento de algum país do leste europeu:

> "...neste país, um novo imigrante deve estar mental e fisicamente preparado para um dia, no futuro, ser Deputado, Senador ou um milionário homem de negócios. Deve lutar com todas suas energias ...passar sobre o cadáver de outros, se necessário ! Este deve ser o absoluto objetivo.
> Entretempo, o novo imigrante deve estar também preparado, mental e fisicamente, para lavar pratos em algum restaurante".

Nas palavras daquele homem simples e sem escola, estava toda a filosofia da migração para os USA. Alguém poderá dizer que isto é igual em todo lugar. Posso garantir que não é assim, e penso que nestes trinta e cinco anos fora do Brasil, ganhei a necessária experiência para não ter dúvidas a respeito.

Agora a outros fatos:

1. O primeiro passo que um jovem brasileiro, candidato a imigrante deve fazer, é contatar o Consulado dos USA na sua cidade – ou aquele que tem jurisdição sobre ela –, e informar-se das exigências para obter um "Visto de Imigrante"(Immigrant's Visa). Não é um "Visto" no passaporte, mas sim uma série de documentos (que finalmente serão postos dentro de um envelope lacrado pelo Consulado) que deverão ser apresentados às autoridades de Imigração na ocasião da entrada nos USA.

Lembrar que para a maioria dos países estrangeiros, os Estados Unidos estabelecem uma "cota" anual de imigrantes. Ou seja, um número fixo de imigrantes que podem ser admi-

tidos cada ano. Para cidadãos de alguns selecionados países a "cota" é muito alta ou inexistente. Isto explica-se pelo fato que daqueles selecionados países, há pouca imigração(França, Alemanha, países da Escandinavia, Inglaterra, para dar alguns exemplos). No caso oposto, como pode ser o caso de nacionais da Índia, Egito, México, China e outros, cuja "cota" é baixa e os candidados muitos, a obtenção do "Visto de Imigrante" pode traduzir-se em anos de espera. Eventualmente procrastinando-se até que o candidato desista do objetivo. No que se refere a cidadãos brasileiros, segundo informações que chegam aos meus ouvidos, a situação está localizada num ponto intermediário. Não é fácil, mas também não impossível, se o candidato é "imigrável", isto é, não tenha problemas com a justiça, não seja "handicapado"mental ou físico, e tenha a séria e genuína intenção e a devida paciência.

2. A obtenção do "Visto de Imigrante" é naturalmente mais complexa que aquela relativa a "Vistos Temporários"(turista, estudante, negociante), cujo tempo de permanência é previamente estabelecido(independentemente do fato "se com direito de múltiplas entradas" ou não) . Tais "Vistos Temporários" não permitem o engajar-se em outras atividades além das estabelecidas; como em geral, está excluído o direito de empregar-se ou exercer atividade independente.

3. Uma vez obtido o "Visto de Imigrante", o jovem poderá iniciar a viagem e decidir, ele mesmo, o "porto de entrada". E a partir dessa entrada, ele assume todas as responsabilidades e goza de todos os direitos dos cidadãos americanos, com algumas exceções. Cito as mais evidentes: a)não pode ser Presidente do país (mesmo se um dia naturalizado), b)não pode trabalhar em repartições do governo(Federal, Estadual, Municipal), ou a elas ligadas, como é o caso dos Correios, mas adquire esse direito uma vez naturalizado, c) não pode ausentar-se do território nacional(o qual inclue os Estados do Alaska e Havaí) por um período, inenterrupto, superior a 365 dias. Isto significa, no caso de viagens ao exterior, re-entrar dentro desse período(e se necessário, partir novamente). Se tal limite de ausência não é respeitado, perde os direitos adquiridos com o "Visto de Imigrante", e conseqüentemente, aqueles de "residência".
Existem exceções a esta última exigência: Exemplo: se o imigrante, não ainda naturalizado, passa a ser dependente

de uma firma americana, e esta o transferir a uma sua filial no exterior, cujo capital - da filial -, pertencer à firma americana na proporção mínima de 51%.

4. Um só documento, a chamada "Green Card"(Cartão Verde), o qual é emitido ao novo imigrante subseqüentemente à sua entrada legal no país, prova que o indivíduo está nos USA como "imigrante legal". Documento importante, válido durante toda sua permanência no país, curta ou longa que seja; exigido nos portos e aeroportos na ocasião de partidas e chegadas, quando indo ou voltando a/de viagens no exterior. Se o "imigrande legal", no futuro, requerer a naturalização, a "Green Card" cessa de ter valor.

5. Em poder da "Green Card", o novo imigrante pede o "Social Security Number". "Social Security" corresponde aos nossos IAPs, com a diferença que nos USA um só Instituto, justamente o "Social Security", existe. O "número" dado ao novo imigrante pela "SS" o acompanhará pelo resto dos seus dias no país. Deve ser exibido aos Bancos, repartições dos Governos, hospitais, empregadores, corretores de Bolsa, assim como para a compra e venda de imóveis. Finalmente, por parentes ou amigos à "Funeral Home"(Serviço Funerário), quando chegar o momento da sua "última viagem". Sem este número, o novo residente não poderá pedir "unemployment benefits"(se desempregado), e no futuro, requerer direitos de aposentadoria, e nem muito menos a naturalização. Penso que situação similar existe no Brasil, com a diferença que no Brasil tal número (CIC) parece ser usado somente para fins fiscais, sem relação com os Institutos de Previdência.

6. Notar que nos USA não existem: a)Carteira de Trabalho e b)Carteira de Identidade. O indivíduo identifica-se com a "Driving License"(carteira de motorista, da qual 92% da população maior de 16 anos é titular). Em alguns casos pode ser exigido um segundo documento de identificação, como o "Cartão de Crédito" (83% da população maior de 25 anos é dele titular).

7. Os impostos aos quais um novo imigrante está sujeito, variam de acordo com o Estado de residência, mas em todos os casos não são diferentes daqueles aos quais estão sujeitos os cidadãos americanos. No Estado da

Florida, por exemplo, não há Imposto Estadual; naquele de North Carolina, além do Federal, Estadual, Municipal e "City", o Estado recolhe também o "Intangible", baseado no patrimônio de cada família. Enfim, cada Estado americano tem suas próprias Leis e Regulamentos, gozando de uma "independência" bem maior que, por exemplo, gozam os Estados brasileiros. Exemplos são a "pena de morte" ou Leis que regulam o trânsito, ou aquilo que diz respeito ao funcionamento das escolas.

8. A naturalização(cidadão americano naturalizado), de modo geral, pode ser requerida depois de cinco anos da data da admissão do imigrante, com a condição que dentro desse período, ele possa provar "presença física" no território, igual a pelo menos 30 meses. Quando é requerida e concedida, o novo cidadão pode requerer "passaporte americano". Operação fácil e rápida, feita através das Agências Postais. A obtenção e o uso do "passaporte americano" pode não ser, em todos os casos, uma vantagem, neste mundo onde os americanos parecem ter mais antipatizantes, ou inimigos (muitos deles camuflados) que nenhum outro povo. Também os Romanos, no tempo do Império, ou os franceses, no tempo de Napoleão, os tinham ! Poder e riqueza, a menos que deles participamos, nunca foram motivo de grandes simpatias ! E isto não é novidade para ninguém.

9 . A principal língua local e oficial(inglesa) é uma
barreira cultural que deve ser conquistada plena -
mente. Digo "principal" pois o espanhol é uma espécie de
"segunda língua nacional", usada, eventualmente, em mui-
tas ocasiões oficiosas. Da língua inglesa, não basta ab-
solutamente, aquilo que eventualmente aprendemos nas es-
colas, no Brasil; ou aquele TANTO que pensamos, às vezes
ilusoriamente, conhecer. Um novo residente deve empenhar
se a fundo para conhecê-la, pelo menos tanto quanto o ho
mem-da-rua. E isto ainda não basta, se as ambições do no
vo residente não são limitadas a trabalhos que não exi -
gem o seu razoável conhecimento. É evidente, que como a-
contece em todos os países, não é necessário ser um Ruy
Barbosa para conduzir um táxi ou trabalhar num restauran
te. Mas se as ambições(*)e a carga cultural que o novo
imigrante traz do país de origem, visa empregos ou ativi
dades ao seu próprio nível, o conhecimento da língua in-
glesa(falada, mas principalmente escrita); e o conhecimen
to das justas palavras da química, se for um químico; da

contabilidade e das finanças, se for um administrador;da arquitetura, se for um arquiteto,etc., é absoluta condição para o sucesso. O máximo contato com o povo,a leitura dos livros e jornais, os programas televisivos,e ao mesmo tempo evitando,tanto quanto possível,a convivência com brasileiros(pois a tendência é usar a nossa língua), representam a receita ideal para o aprendizado da língua local. Lembrar também, que em cada cidade americana,pequena que seja, há pelo menos uma "Public Library"(biblioteca pública), onde o novo imigrante pode passar horas do seu tempo,procurando aperfeiçoar o seu conhecimento. Estão abertas também à noite e nos fins de semana.E tudo é gratis.

10. Para este(*)grupo, apresentar-se bem é outro absoluto "must". Isto significa vertir-se e apresentar-se como um perfeito "businessman". Absolutamente excluído o uso de roupas "casual" ou"esporte",e isto é particularmente importante nos primeiros contatos com potenciais empregadores. Mesmo se o novo imigrante é um Gênio, ele poderá acrescer as difucuidades se não observar esta regra.

11. Outro fator importantíssimo refere-se às "maneiras" e "atitudes"do indivíduo. Lembrar-se sempre e jamais esquecer, que o povo americano é "todo especial", apesar da impressão de informal que deixa nos filmes e em outros meios de comunicação. É uma herança dos ingleses, mesmo se não tão formais como estes. "Maneiras" e "atitudes" apropriadas(e necessárias) para este país, não podem naturalmente ser sugeridas nestas modestas páginas. O aprendizado, para um observador atento, é ganho através da própria experiência. Não obstante, dou aqui algumas sugestões que poderão ser úteis:

a) Jamais apressar outros ou mostrar-se impaciente. Os americanos são muito reflexivos e lentos(outra herança da Inglaterra!).Incorrer em situações de"pressa" ou de "impaciência",principalmente se vindas de um "novo chegado", o qual, em 99% dos casos,não pode esconder seu acento - imperceptível que possa ser -, pode somente trazer resultados negativos.

b) Jamais engajar-se em "anedotas" ou "brincadeiras"se o ambiente,as circunstâncias e a atmosfera não permitem. Nós brasileiros temos esta qualidade(ou este

defeito). Uma atitude de seriedade é de suma importância no ambiente do trabalho,lembrando-se sempre de uma realidade que não pode,infelizmente, ser destruida:os Latino Americanos têm nos USA(e na Europa também),malgrado as "máscaras" que possam ser usadas pelos locais, reputação de gente pouco séria . Voltada principalmente aos divertimentos, à "corrida atrás das saias" e a tudo aquilo que justamente é oposto à seriedade dos negócios. E o "business" e a seriedade nos "businesses" são "divindades" tipicamente americanas! Característica mais saliente e importante do povo deste grande país...depois de Moisés,Cristo e Mohamed(...e às vezes,mesmo antes destes!)é a posse do dinheiro. À inteira semelhança de outros povos,com a possível diferença que os americanos são talvez menos hipócritas sob este aspecto. E não seria preciso lembrar ao potencial candidato a imigrante outra realidade da qual dependerá seu sucesso: é ele, aquele UM indivíduo recem-chegado, que deve "adaptar-se" aos 260 milhões de habitantes dos USA, aceitando, mesmo se somente na aparência , as virtudes e os defeitos locais, e absolutamente não esperar que estes adaptem-se a ele ! Portanto!

c) Jamais contar a outros as próprias proezas ou fatos
que reflitam auto-exaltação. "Declarados" super-ho-
mens, "sabidinhos", presuntuosos, "contadores" das
grandezas do país de origem e similares"categorias"
sobrevivem,mas não bem como outras neste país,prin-
cipalmente no ambiente do trabalho(e principalmente
naquele do grupo(*).

d) Finalmente, lembrar-se que uma anterior visita aos
USA, como turista ou uma temporada como estudante ,
não são absolutamente suficientes para conhecer co-
mo as coisas realmente "movem-se" no ambiente do
trabalho.

É escusado lembrar que depois dos primeiros anos da
"nova escola", o ex-novo imigrante absorveu bastan-
te experiência para acantonar muitas dessas "manei-
ras" e "atitudes".

12. A procura de um trabalho requer também uma certa dose de "savoir faire". Como sabemos, cada país tem

suas particulares características nessa área. Um "estratagema" que funciona bem num país, pode ser um desastre noutro.E a procura de um trabalho pode ser uma "arte"! E uma "arte" é nos Estados Unidos, sempre no que diz respeito ao grupo(*).

Uma cuidadosa preparação de um "businesslike" RESUMÉ (ou Curriculum Vitae, como o conhecemos no Brasil), é o primeiro e mais importante passo a ser dado. Cada RESUMÉ,naturalmente, é único, mas deve refletir àquele que o lê,a melhor imagem possível da personalidade, dos conhecimentos e principalmente, das anteriores realizações do candidato(em palavras simples: contribuições no(s)precedente(s)emprego(s). Exemplos: "...promovi a recuperação de tantas contas...", "participei ao lançamento do produto tal...", "preparei um plano e implementei a substituição de 26 empregados com duas máquinas". O olho do potencial empregador, nos USA, é particularmente agredido por ações que denotem "economias feitas",como é o último exemplo.

Enfim, podemos comparar o RESUMÉ com um bom prato da nossa cozinha. Deve ter os ingredientes justos, nas justas proporções,observadas as justas medidas e tempos.Tão perfeito quanto possível, mas não deve ser um documento "estático". Pode e deve ser adaptado aos diversos gostos e às diversas diferentes circunstâncias.

Publicações e livros ajudando o candidato na preparação do RESUMÉ, estão disponíveis, gratuitamente, nas já citadas "Public Libraries"(Bibliotecas Públicas). Nelas também encontramos revistas e jornais,incluindo aqueles que publicam anúncios à procura de empregados. Portanto, freqüentar as "Public Libraries" significa, além de tudo,fazer boas economias.

O primeiro e mais importante objetivo de um RESUMÉ cuidadosamente preparado, é atrair a atenção do leitor. Parece coisa simples, mas não é! Se essa atenção é conquistada entre centenas de outros RESUMÉS, ela pode ser o veículo que conduzirá o candidato ao "interview", durante o qual,terá oportunidade de "vender-se" ao potencial empregador.E daí um dos motivos para comandar a língua tanto quanto possível.

Lembrar-se que a "conquista" do lugar de trabalho, deve passar através da "derrota dos concorrentes".Cada um dos quais obviamente procurando usar diferente técnica na"batalha". Em palavras simples: não serão as qualificações do candidato que finalmente o levarão ao sucesso, mas a

derrota dos concorrentes ! E este é um conceito universal.

A apresentação gráfico-física do RESUMÉ é obviamente muito importante. Em princípio,ninguém dá-se ao trabalho de ler um documento mal apresentado. Deve ser datilografado (ou "word-processed")com perfeição, sem erros; observando margens corretas, papel apropriado(sempre branco), parágrafos distribuidos com gosto,expressões simples e um bom inglês. Não é demais, e serve para dar um "toque de humanidade", inserir no RESUMé, pequena menção de estudos, ou interesses, em outras áreas,mesmo se alheias à preparação necessária para aquele determinado posto de trabalho. Exemplos: "...atendi tal seminário", " escrevi um livro","sou membro do Lyons","interesso-me pela ecologia", etc.

O RESUMé não deve conter mais que duas páginas,e o papel deve ser do tamanho "standard"americano(8½x11 polegadas) e não no formato usado na Europa ou no Brasil(longo e retangular). Ele deve conter o "retrato" do candidato em forma de palavras e expressões.Em nenhum caso incluir fotografia.

Notar também que nos USA, todas as referências a"salário pedido" e "oferecido" pelo empregador, são sempre expressas "por ano" e nunca "por mês". Igualmente,tais importâncias são "brutas",isto é, antes das deduções,que em geral são: IRS(Imposto Federal),Impostos:Estadual, Municipal e da Cidade, "Social Security", Plano de Aposentadoria que o empregador possa ter e oferece ao novo empregado. Em suma, uma total dedução que pode variar entre 25 e 30%.

13. Diferentes estratagemas podem ser usados na distri
buição do RESUMé,a fim que ele produza resultados;
dependendo se endereçado a indústrias, hospitais, firmas
de serviço,etc. Um químico, por exemplo,pode escolher 50
companhias da relativa área de atividade e os envia pelo
correio, e assim para cada área de atividade. Nomes e en
dereços das atividades de cada setor,podem também ser ob
tidos em manuais especializados, sempre disponíveis nas
"Public Libraries". O endereçado, no caso-exemplo da quí
mica, deve ser,por exemplo, o Vice-Presidente encarrega-
do da produção(Vice-President Factory);no caso de um can
didato-administrador,o endereçado pode ser o"Controller"
e assim por diante. Se as informações nos acima citados
manuais não dão tais indicações, pode ser endereçado ao

"Vice-President Human Resources"(se é um grande empregador), ou "Personnel Manager".

Uma "carta de cobertura"(cover letter), onde o candidato informa seu nome,endereço e sempre o número do telefone, pode ser enviada com o RESUMé. Deve ser curta mas incisiva. Quando o RESUMé é enviado em resposta a anúncios de Agências ou dos chamados "Head Hunters", enviar sempre uma "cover letter",e não mencionar no RESUMé, nome, endereço,etc., mas mencioná-los na "cover letter".
O tempo de resposta deve ser estimado entre 4 e 6 semanas, e a maioria das companhias americanas dão uma resposta, informal que seja.

Absoluta perda de tempo enviar RESUMéS do exterior, esperando que o potencial empregador mostre interesse.

Aos candidatos do grupo(*), os seguintes jornais são aconselhados para a localização de anúncios: "New York Times","Wall Street Journal","Los Angeles Times"," Chicago Tribune", e o hebdomadário "National Business Employment Weekly", o qual publica grande parte dos anúncios de outros jornais. Todos os acima sempre disponíveis nas "Public Libraries".

14. Não existem Leis(federais ou estaduais) que obriguem empregadores a conceder férias aos dependentes. "Férias" é uma concessão a critério do empregador, com excessão das grandes indústrias, as quais foram sindicalizadas, e cujos contratos prevêm a concessão de férias. O mesmo acontece com "direitos" teoricamente adquiridos com "anos de casa".O empregador que decide demitir um dependente, por razões que não devem a este ser explicadas, o faz livremente e sem o pagamento de alguma indenização, independentemente do número de "anos de casa " que o dependente possa ter.Existem naturalmente exceções mas não é o caso aqui de elaborá-las.
Mas no que concerne "férias" e "indenizações", existem certas "praxes nacionais" que podem ou não ser aplicadas ao dependente, e sempre segundo critério do empregador. Cito algumas:

a) É "praxe nacional" conceder "uma semana" de férias por ano, durante os três primeiros "anos de casa" ; duas semanas, dos três aos cinco; três, dos cinco ou mais, mas cada empregador estabelece seus próprios regulamentos. Nos contratos entre grandes empregadores e "Unions"(Sindicatos), nos casos em que um ou mais sindicatos foram autorizados(sic)pelo empregador a sindicalizar seus dependentes(ou já tradicionalmente sindicalizados,como acontece com certas indústrias),uma cláusula do mesmo trata do "direito a férias", o qual é contratualmente concedido, geralmente,nas bases(número de semanas)acima citadas. É importante notar que os dependentes chamados "white collars"(colarinhos brancos) - que são aqueles que enquadram-se na categoria(*) - não são sindicalizados ou sindicalizáveis. Isto também é uma"praxe nacional". Sindicalizáveis são os chamados "blue collars "(colarinhos azuis), os quais incluem operários e empregados de nível inferior.

b) No que concerne as "demissões"(impostas pelo empregador) de dependentes com poucos ou muitos "anos de casa", é "praxe nacional" o financiamento, por parte dos grandes empregadores, de programas destinados a ajudar demissionados na procura de nova colocação. Não há absolutamente obrigação da parte dos primeiros de financiar tais programas, mas nos últimos anos tem sido "praxe nacional". Outra "praxe nacional", aplicável aos grandes empregadores, é o expontâneo pagamento de uma certa soma em relação aos "anos de casa". Um empregador pode decidir de dar ½ salário por "ano de casa", ou ¼ ou salário inteiro. Avantajados com grandes somas quando demitidos, são os chamados "brass", ou executivos ocupando os mais elevados cargos de uma empresa. Enfim, a expressão "severance pay"(indenização)mesmo se não desconhecida neste país, está muito longe do peso que tem na Europa e nos países em desenvolvimento.

c) Outra "praxe nacional" diz respeito aos pequenos empregadores(pequenas firmas, consultórios, representantes, corretores de imóveis ou títulos, despachantes), os quais, em geral,são menos generosos na concessão de férias e na ajuda aos dependentes recem-demitidos, mas são, em geral,mais liberais na questão do horário de trabalho e ausências justificadas. Ligado ao assunto,nos Estados Unidos,somente os chamados "blue collars"(colarinhos azuis) "picam o ponto". Os burocratas não assinam ponto ou satisfazem similar exigência.

Portanto, a proteção aos assalariados que existe em pa
íses como o Brasil,mesmo se muito inferior àquela verifi
cada nos países europeus(muitas das quais absurdas e eco
nomicamene contra-produtivas), não existe nos USA. A fi-
losofia americana nessa área,como regra geral,é simples:
se o empregador recebe uma real recompensa do dependente
pelo salário que é a ele pago, e se sua atividade de ne-
gócio traz resultados, a relação empregador-empregado é
natural que exista. No caso oposto, não há razão para e-
xistir. O contrário da Europa e Japão, onde há um vínculo-
lo quase "matrimonial" entre empregador e empregado.
Não é demais lembrar que os Anglo-Saxões raramente dei-
xam-se comandar por pensamentos ou atitudes altruísticas.
O velho e lógico raciocínio que "se não há lucro, não há
firma,e se não ha firma não há emprego",é totalmente res
peitado nestes territórios!

*

Tomando em consideração aquilo que foi dito anterior -
mente, é evidente que o novo imigrante deve endereçar se
us esforços para encontrar colocação com grandes em -
pregadores, mesmo se o salário inicial for inferior àque
le que as leis do mercado oferecem. Deve também tomar em
consideração, que os grandes empregadores têm programas
que protegem seus dependentes contra parte dos custos de
hospitalização, consultas médicas, dentistas e medicamen
tos,e tais programas permanecem em vigor mesmo depois
que o dependente aposenta-se. Parte do financiamento des
tes programas(80 a 90%) é assegurado pelos empregadores.
O saldo, pelos dependentes (deduzido mensalmente do salá
rio).

Portanto, a compensação dos assalariados nos USA é pra
ticamente dividida em duas partes: a)salário propriamen-
te dito e b)benefícios, aqui chamados "Fringe Benefits".
Tais programas, por assim dizer "privados", são um suple
mento àquilo que a "Social Security" oferece nessas áre-
as.

Outras considerações ao potencial imigrante:

15. Se o novo imigrante traz do país de origem impor -
tância igual ou superior a US$10,000.00 (dez mil
US Dollars),os deve declarar na entrada dos USA. Tal li-

mite está sujeito a alterações. Verificar com o Consula-
do. Notar que nos USA, a "vírgula" é usada na separação
dos "milhares" das "centenas",e o "ponto", para separar
a unidade do Dollar das suas frações ("cents"=centavos).
Outro exemplo: US$ 3,587.98. Notar também que o "US" an
tes do cifrão , é usado somente no exterior, para dife -
renciar o Dollar americano daquele canadense(CA$), daque
le australiano(AU$), ou daquele de Hong Kong(HK$).

16. Passadas todas as "barreiras" e uma vez estabeleci
do-se na "nova terra", o novo imigrante inicia "vi
da nova". Abre conta(s) bancária(s); requer um Cartão de
Crédito(Credit Card) e compra à crédito(sempre que possí
vel, significando neste país o pagamento com o "Cartão",
ao invés de "cash"; recebendo o extrato de conta no fim
do mês, e pagando-o integralmente ou pouco por vez, com
um mínimo mensal irrisório, mas com o saldo devido,sujei
to a altos juros).
E se tiver a necessária inteligência, a seriedade, a am-
bição, o sincero desejo, e a energia de arquivar defini-
tivamente a nossa popular"mentalidade dos arranjos e dos
jeitinhos", pode terminar seus dias milionário!
Mas ainda não basta ! É preciso trabalhar "25 horas por
dia", "nove dias por semana" e "45 dias por mês", empre-
gando o tempo que ainda lhe resta, no aperfeiçoamento da
língua e na leitura dos bons livros(emprestados das Pu -
blic Libraries a custo zero). Deve também pesar cada fra
ção de Dollar antes de gastá-la. Economizar cada centa -
vo. Empregar as economias com inteligência.
Tudo absolutamente necessário neste nosso mundo, onde
um homem sem dinheiro,vale menos que uma dúzia de ovos.E
nos Estados Unidos... menos que meia!

Se ao contrário,tentar imigrar para cá ilegalmente(pro
longando ilegalmente um"Visto de Turista ou Estudante"),
esperando e iludindo-se que "as coisas arranjar-se-ão no
futuro", comete um grave erro. Neste país será sempre um
marginal, e enquanto não for expulso(porque cedo ou tar-
de pode acontecer),deverá fazer face a toda uma série de
dificuldades,principalmente se fizer parte do grupo(*).
Enfim, viver e trabalhar nos USA como "ilegal", <u>não é
coisa que possa ser jamais aconselhada</u>.

17. Finalmente, gostaria de fazer as seguintes últimas
recomendações:

a) iniciar a vida nos USA numa <u>grande cidade</u> (Chicago, New York,Los Angeles,Houston,Dallas,Baltimore,Atlanta, Philadelphia,Boston),pois nelas as possibilidades para encontrar trabalho são maiores.

b) trazer nos bolsos um mínimo de US$10.000.00, importante para fazer face às primeiras despesas pessoais incluindo aquelas que certamente terá com a procura de um trabalho,especialmente para o grupo(*),tais como A)compra de um "Word Processor" para a preparação dos RESUMèS; B)papel para o mesmo fim e despesas postais; C)instalação de um telefone e compra da relativa "answer machine" (evitando assim que contatos sejam perdidos devido a ausência do candidato); D) alugueis, alimentação e "utilities",e tantos outros gastos que com o passar dos primeiros 3/6 meses devem ser enfrentados.

*

<u>SUMÁRIO</u>

	Grupo(*)	Outros
1.Obter "Visto de Imigrante"	xxx	xxx
2.Ter US$10,000.00 à disposição antes de entrar nos USA	xxx	xx
3.Viajar para uma grande cidade	xx	x
4.Aperfeiçoar o conhecimento do inglês	xxx	x
5.Preparação e expedição do RESUMè	xxx	x

xxx = absolutamente necessário.
xx = importante.
x = importante,mas dispensável.

*

<u>NOTA IMPORTANTE</u>: As informações e sugestões dadas nesta adenda , **particularmente aquelas relativas à obtenção do "Visto de Imigrante",não substituem,modificam ou anulam aquelas dadas pelo Consulado dos USA** da **sua cidade**. A este, e somente a este,cabe dar informações **oficiais a respeito.**

* *
*

XXVIII

> "...pode o homem liberar-se do sofrimento, do desconforto mental e físico; da dor, da crueldade e do cinismo; dos momentos de solidão e tristeza... ou amenizar o impacto ? Todas as formas de pensamento foram e são continuamente endereçadas à solução do problema. A ele, os grandes pensadores do ocidente - de Platão a Aristóteles; de Goethe a Schopenhauer - dedicaram a existência na procura de uma resposta... que não obstante restou e resta ilusiva".
>
> Thomas Mann (1875-1955)

Nos precedentes capítulos lembrei ao paciente leitor a crueldade e o cinismo dos quais o ser humano foi e é capaz, talvez dando a falsa impressão de um pessimismo exagerado no confronto da nossa espécie. Não penso, porém , ser um daqueles que duvidam da sua vitalidade nem da sua quase indestrutível ânsia pelas descobertas. Milhares de anos da nossa História provam sua capacidade na procura do novo em todos os campos da vida terrestre e cósmica.

E apesar das recentes guerras, das bombas nucleares e do sempre presente, generalizado,dissoluto e voraz egoismo, o homem dos nossos dias é certamente melhor,mais "humano" e mais "doce" daquele do passado. Penso faça parte de um natural processo sócio-biológico endereçado à sua constante e irreversível "bonificação".

Não obstante, e parte de uma das suas mais notas e sinistras caracteristicas, o homem continua ligado ao cinismo e à crueldade. Instintos bastante fortes e universalmente ramificados para cobrirem de vergonha do primeiro ao último dos nossos semelhantes. E nas suas diferentes modalidades e graus de intensidade,acompanhando-o desde sua mais remota existência.

Não há ser humano que não possa contar sua pequena ou

grande experiência no campo do cinismo e da crueldade. Nas escolas, no trabalho, na vida pública, na família, na política, nas outras mais variadas relações e atividades humanas, a nossa experiência diz e confirma essas imperfeições. É uma "regra absoluta". Faz parte da nossa constituição física e mental. Uma das tantas inconfundíveis características da nossa espécie.

*

O holocausto dos Hebreus, principalmente concentrado entre os anos 1938-1945, mesmo se com sólidas raizes num remotíssimo passado - pois foi sempre "de moda" culpá-los pelos "males do mundo"! - foi somente um exemplo da ferocidade da qual o homem é capaz. E não somente daquele homem que chamaríamos incivilizado, inculto, rústico, selvagem, o qual, a rigor, poderia em última analise, ser compreendida.

Não sendo eu mesmo Hebreu, nem descendente, e não tendo amigos nem interesses a eles ligados, penso poder exprimir minha opinião livremente.

Na sua simplicidade, a monstruosidade do relato que segue - uma das tantas testemunhas do livro de Annet Rothschild "Witnesses of the Holocaust"(Testemunhas do Holocausto) - é incluido nestas "Notas", como uma humilde e sincera homenagem aos milhões, que nos anos acima citados, tiveram uma experiência extrema daquela crueldade e daquele cinismo.

Para que possamos realmente senti-los, depois de meio século, é preciso pôr-se mentalmente no lugar daquele, que neste caso específico, foi a sua principal testemunha. Ou no lugar dos seus familiares. Abandonando prejuizos que possamos ter face aos Hebreus. Eles mesmos tão cínicos e tão crueis como são outras raças - nem mais nem menos .

As observações entre parentese, foram juntas pelo autor destas "Notas", com o intuito de esclarecer.

"...meu nome é Renê Goldman. Tenho 59 anos e vivo hoje em Toronto, no Canadá. Nasci na cidade de Mannheim, no centro sul da Alemanha. A minha era uma pacata família

de Hebreus. Meu pai era alfaiate, mas na minha lembrança, era aquilo que chamamos hoje um "eterno desocupado". Para ajudar as despesas da casa; modesta e localizada num daqueles "guetos" que encontramos em todas as grandes cidades, minha mãe trabalhava na cozinha de uma organização Hebraica. Além de meus pais e dos seus três filhos, dos quais ero o mais velho, viviam na nossa casa, meus avós-paternos e uma velha tia solteira. Meu pai, assim como tantos outros Hebreus, estava convencido que as ameaças feitas contra os Hebreus pelos Nazistas, durante as campanhas eleitorais(de '24 a '33), não passassem de ameaças, pois, segundo ele, tratava-se somente de propaganda política. Os habitantes do "gueto", todos Hebreus, estavam porém divididos nesse convencimento. Algumas famílias transferiram-se para o exterior, logo após a tomada do poder por Hitler, em janeiro de 1933. Outras continuavam vivendo em Mannheim, pouco preocupadas com tais ameaças. Dos oito membros da nossa família, fui o primeiro a ter uma experiência que faria parte do prelúdio da catástrofe que estava para penalizar nossa raça. Tinha então 8 ou 9 anos e freqüentava uma escola pública, da qual alunos Hebreus e Gentis faziam parte. Eu tinha amigos de ambas as raças, e como a casa de meus pais incluia um terreno bastante grande, meus colegas de escola lá reuniam-se para brincar e chutar bola. Minha tia chamava todos para dentro, nos dando doces e refrescos. Para nossa grande alegria.

Quando as aulas recomeçaram no outono de 1938 - penso tenha sido nos primeiros dias -, na saída da escola, fui inopinadamente agredido pelas mesmas crianças que até recentemente mostravam-se amigas. Rasgaram-me a roupa, puxaram-me os cabelos, rasgaram meus cadernos, chamando-me de "dirty jew"(judeu sujo). Cheguei em casa terrorizado, sem compreender por que meus coleguinhas tinham-se comportado daquela forma. Somente anos depois compreendi que tinham sido instigados pelos próprios pais e por alguns professores. Naquele trágico dia, que não consigo ainda apagar da memória, foi minha velha tia que tomou-me nos braços e procurou acalmar-me. "Tenha paciência", dizia ela, "ser Hebreu inclue passar por esses vexames". Por uma inteira semana não voltei à escola. Meus dois irmãos, com 7 e 6 anos, tinham tido, até então, melhor sorte, mas foi um intervalo curto, pois foram também maltratados e deveram, como eu, abandonar a escola. Aquele com 7 anos,

lembro-me ainda, tinha precedentemente ganho um daque les prêmios que as escolas geralmente dão como incentivo, mas ao invés de poder retirá-lo, foi mandado à nossa casa, com um bilhete dizendo: "not deserved by a dirty jew"(não merecido por um judeu sujo). Um dia, meu pai recebeu carta da escola dizendo que"alunos judeus não seriam mais aceitos". Na mesma ocasião, o menor dos meus irmãos, com seis anos, recebeu uma chuva de pedras de outras crianças, deixando feridas que levaram semanas para desaparecer. Fomos então matriculados numa escola somente para crianças Hebréias.Mas esta mudança não nos isentou dos vexames. Quase diariamente éramos cercados por crianças nas ruas, obrigando-nos a fugir desesperadamente, muitas vezes deixando pelo caminho cadernos e livros.Algumas crianças Hebréias eram mais agressivas, reagindo e às vezes fazendo os atacantes fugir, mas eram casos raros.

Na mesma ocasião, a "carta de trabalho"de meu pai foi confiscada(porque Hebreu), obrigando-o a procurar os mais variados trabalhos sob os mais variados subterfúgios. Meus avós e minha tia, porque não punham pés fora de casa naqueles anos,foram os que menos sofreram. Lembro-me, porém, de uma ocasião quando meu avô aventurou-se pelo quarteirão e foi agredido.Ele tinha uma longa barba e os agressores o puxaram por ela,até que encostasse no chão.Alguns vizinhos correram ao seu auxílio e o levaram para dentro de uma casa.

No fim do ano de 1938 ou início de '39, não lembro-me precisamente quando, nossa porta de entrada e janelas amanheceram com escritas em tinta amarela, dizendo"Juden"(Judeus, em alemão). E assim foram portas e janelas dos nossos vizinhos.Em fevereiro de 1939,acordei-me uma noite, talvez 3 ou 4 da manhã, com estranhos ruídos e gente que falava em alta voz. Na manhã seguinte encontrei minha mãe, tia e avós num estado de choque. Eu tinha então 10 anos. Meus irmãos 8 e 7.Soubemos então que durante a noite,dois agentes da Geheime Statapolizei(Gestapo), tinham vindo buscar meu pai para interrogá-lo. Era comum naqueles anos, que quando alguém fosse detido por qualquer motivo, acusasse um Hebreu, pois sabia que era meio de ser "dispensado" pela Polícia. Meus irmãos choravam e não compreendiam por que nosso pai não voltasse. O pobre homem era incapaz de fazer mal a alguém. Minha mãe,juntamente com um amigo da família, foram à estação de Polícia e foram informados que ele tinha sido acusado

de "traição do Estado"(!)e o tinham transferido,juntamente com outros Hebreus, para um "isolamento", pois considerado "ameaça política"(!).

Só o vi novamente em 1941, no Lager(Campo de Concentração)de Berger-Belsen,completamente fora de si e incapaz de reconhecer-me. Magro e depauperado, como um cadáver ambulante. O "campo" de Berger-Belsen foi famoso também pela "fabricação" de abat-jours,feitos pelos guardas da SS(Schutz-Staffein) com pele humana.

No fim do ano de 1939, todas as famílias do nosso"gueto" receberam uma carta da Estação Central de Polícia dizendo "que devíamos nos apresentar no dia seguinte, às 7 da manhã, num determinado "ponto de encontro",munidos de documentos e carregando, cada um,não mais de cinco quilos de objetos pessoais". Foi um alvoroço geral. Cada um com sua idéia de como fugir ou esconder-se em algum lugar. Mas naquele ano, depois de tantas perseguições e vexames, os Hebreus sabiam qual era o destino que os esperava. Tínhamos ouvido comentários sobre a vida nos "campos", mas ninguém imaginava que os Nazistas chegassem aos extremos das"câmaras a gás" e dos "crematórios". Meu avô, coitado,velho e arcado, ingenuamente dizia à minha mãe "que estávamos na Europa, berço da civilização,e não na África entre canibais". Câmaras a gás e crematórios estavam longe da nossa imaginação.

Minha mãe, naquela trágica noite que precedeu a partida de Mannheim, preparou trouxas com velhos lençois, onde depositou retratos da família,roupas e principalmente pão. Cada um de nós sete, com a sua trouxa,chegamos ao "ponto de encontro", onde centenas de outros Hebreus organizavam-se em fila.Todos com a famosa faixa no braço esquerdo, com a estrela de David, indicando que éramos Hebreus.Homens,mulheres com criança no colo, velhos. Ao meu irmão menor, com 7 anos,os adultos da nossa família diziam que "voltaríamos para casa nos próximos dias"(!). Na verdade, ele nunca voltou, deixando o seu corpinho magro e a sua ingenuidade,dentro de uma "câmara a gás".

Do "ponto de encontro", escortados pelas SS, as quais faziam todo o possível para evitar alarmes entre aquela massa, nada revelando sobre o trágico destino que a esperava, o grupo foi encaminhado ao pátio da estação ferroviária de Mannheim,onde fomos obrigados a subir em vagões destinados ao transporte de gado.Tantos eram em cada vagão, que era impossível sentar-se no

chão, muito menos deitar. Por dois intermináveis dias e três noites, pois o trajeto do trem era constantemente interrompido - às vezes simplesmente estacionado em pátios ferroviários -, aquela foi "nossa casa"! Defecando e urinando na própria roupa. Pior que animais. Eventualmente, nas longas paradas, os SS permitam que alguém jogasse pedaços de pão dentro dos vagões. Eram agarrados pelos homens mais jovens, às vezes os tirando da mão de mulheres e crianças, tal era o desespero da fome. O pão que minha mãe havia depositado na trouxa, lá ficou até chegarmos ao destino, pois segundo ela deveria ser comido no mais extremo dos casos.
Dentro do nosso vagão, e o mesmo deveria acontecer nos outros, por todo o trajeto ouviam-se gemidos; gente que gritava, outros caiam e eram pisados pelos demais "passageiros".
Finalmente chegamos ao destino, a nós completamente desconhecido. Era tarde da noite e o frio intenso.
Quando as portas dos vagões abriram-se, poucos tinham força de pular para fora. As SS gritavam para que saíssemos dos vagões. Muitos tinham morrido no trajeto e os mais jovens foram obrigados pelas SS, a tirá-los fora. Os mortos eram amontoados ao lado do trem, como sacos de farinha. O mau cheiro era horrível. Tínhamos voltado ao mais selvagem dos estados que a nossa espécie jamais conheceu. Lembro-me de uma mulher carregando no colo o próprio filho, de um ou dois anos, morto durante o trajeto, talvez pisado pelos demais. Ela não queria separar-se dele, mas foi finalmente puxado dos seus braços e depositado na montanha daqueles que tinham tido a "sorte" de não sobreviver.
Um oficial das SS, juntamente com um médico do "campo", acompanhados de SS armadas, faziam a "seleção". Homens jovens de um lado; mulheres jovens para outro; velhos e crianças para outro. Andando algumas centenas de metros, chegamos ao "campo de Buchenwald", onde outro médico fazia ulterior "seleção". Fui posto, com dezenas de outros numa barraca. Não sabia o destino do resto da minha família. Um atentado de fuga no primeiro mês passado naquele "campo", foi motivo para o comandante ordenar que os "hóspedes" ficassem em pé, completamente nus, em posição de sentido, no pátio do campo, sob temperatura de alguns graus abaixo de zero. Alguns desmaiavam e caiam. Quando algum dos prisioneiros procurava acudir, era investido pelos cães (treinados para atacar a genitália), ou então investido

pela baioneta das SS. Um Hebreu que tinha chegado ao "campo" meses antes, contou-me que cada prisioneiro tinha recebido três cartões postais, os quais deviam ser enviados a amigos e parentes, também Hebreus, convidando-os a "visitar o campo", onde a vida era confortavel(!). Aqueles receptores que caiam no engano e os iam visitar, eram imediatamente internados. Havia também um certo número de não-Hebreus nas barracas; políticos, criminais comuns, pervertidos sexuais, cada um com uma faixa no braço esquerdo de cor diferente, indicando a qual "categoria" pertencia, mas os Hebreus constituiam a maioria.
Dentro das barracas, durante a noite, um roubava o pão do outro, principalmente daqueles cujo estado de saúde não permitia que reagissem. Durante o dia éramos levados a um terreno baldio, sempre dentro do recinto do "campo", onde devíamos construir muros e cavar fossas. Terminados, devíamos demolir muros e re-encher fossas novamente. Aqueles que no fim do dia tinham ficado no terreno, semi-mortos, recebiam o "benefício" de uma bala na nuca, "motivada" pelo tentativo de fuga(!).
A minha jovem idade era uma vantagem, pois capaz de suportar aquele martírio melhor que outros. Nossa roupa, uma espécie de pijama listado de azul e cinza, recebido quando chegamos ao "campo", tinha virado trapo. Era remendado com pedaços de barbante. Piolhos, percevejos e outros insetos faziam dele, e do nosso corpo, morada permanente.
Meses depois, penso ter sido no fim de 1941 ou início de '42, um grupo de sobreviventes, do qual eu fazia parte, foi transferido ao "campo" de Berger-Belsen e em seguida ao "Konzentrationlager de Auschwitz-Birkenau", na Polônia. Nada mais tinha sabido de minha mãe, dos meus irmãos, dos meus avós e tia, mas a minha "experiência" no "campo de "Buchenwald" dizia que não poderiam ter sobrevivido àquela tortura e àquelas condições de vida. Na verdade, passaram-se quase 45 anos daqueles tempos e a fisionomia de cada um deles, principalmente dos meus dois irmãos menores, resta ainda fortemente impressa na minha memória. Certamente terminaram nas "câmaras a gás" e sucessivamente postos dentro dos fornos crematórios.
Em Auschwitz-Birkenau conheci o hoje famoso médico SS Doktor Mengele(pronuncia-se "mênguel"). Parecia um homem doce, delicado, cheio de cuidados com seu uniforme. Ele fazia as mais terríveis "experiências cientí-

ficas", usando prisioneiros como cobaias,principalmente gêmeos e retardados mentais. Os "chuveiros coletivos" de Auschwitz, onde os prisioneiros eram conduzidos contentes(!), pois pensavam que finalmente poderiam livrar-se dos insectos, eram na verdade "câmaras a gás". Contava-me um jovem da minha barraca, que fechadas as portas do "chuveiro"(espaço de aproximadamente 6 x8 metros),onde mulheres com criança no colo, homens e velhos tinham entrado completamente nus para o esperado "banho", ouviam-se gritos desesperados quando o gas(Zyklon B) começava invadir o recinto (através de uma dezena de bocas de chuveiro). Depois de alguns minutos os gritos cessavam. A grande maioria tinha morrido ou perdido os sentidos.O gás era então retirado por tubos de sucção e as portas abertas pelos prisioneiros que lá trabalhavam, sempre sob a ameaça dos guardas SS. Era difícil abri-las, pois no desespero,aqueles que lá dentro estavam tinham-se amontoado diante delas,na esperança de poder abri-las.Se alguém ainda movia-se era peremptoriamente eliminado com uma bala na nuca. Em seguida, os cadáveres eram despojados dos cabelos(usados na fabricação de colchas e colchões),dos dentes de ouro, aneis,etc. Cada um desses "sub-produtos da morte" eram amontoados separadamente à espera do "sub-produto da morte" do grupo seguinte. Cadáveres eram então enfiados (individualmente ou em pares)dentro de fornos crematórios,onde eram reduzidos a cinza. Mesmo se os "chuveiros" funcionavam somente durante o dia, os "fornos" funcionavam vinte e quatro horas,sem interrupção.
Sobrevivi àquele inferno, à "câmara a gás" e ao "crematório" como sobreviveram muitos, cada um por uma específica razão.
Quando no fim de 1944 os russos invadiram a Polônia e chegaram nas vizinhanças de Auschwitz-Birkenau, os guardas SS abandonaram o "campo", mas antes fazendo-nos cobrir fossas, onde muitos tinham sido eliminados nos últimos dias com uma bala na nuca. "Processo" mais rápido e prático que as "câmaras a gás"(!). Os portões foram deixados sem sentinelas,mas poucos tinham força para fugir. E depois, fugir para onde ? Os mais fortes invadiram o depósito onde sabiam estar viveres,comendo tudo desesperadamente e muitos morrendo pelo excesso(depois de um longo quase-jejum).
A guerra na Europa terminou nos primeiros dias de maio de 1945. Nos últimos dias de Abril,Hitler tinha-se

suicidado e os soviéticos chegados ao centro de Berlin. A Alemanha, nossa querida Alemanha, pois sempre a consideramos nossa pátria, era um mar de ruínas. Faltava tudo. Nada funcionava, transportes incluidos. Em Agosto daquele mesmo ano de 1945, depois de ter minha saúde parcialmente restabelecida, e usando os mais improvisados meios de transporte, consegui chegar de volta na minha cidade de Mannheim. Esta era somente uma grande montanha de entulhos; com gente vagando sem destino pelas suas; com mulheres de todas as idades prostituindo-se com os soldados que tinham invadido o nosso país em troca de um pedaço de pão.
Nossa casa, a qual tínhamos deixado naquela manhã de quase sete anos antes, tinha parcialmente sobrevivida. Estava vazia. Móveis tinham sido "retirados" por estranhos e usados nas fornalhas, para proteger-se contra o frio dos passados invernos.

Sentado em alguns dos seus degraus, devo ter chorado durante horas, lembrando da minha família.
Daquele bárbaro extermínio, ero o único sobrevivente.
Toda aquela catástrofe porque éramos Hebreus.
Seis milhões da nossa raça sofreram o mesmo destino.

O cinismo e a crueldade do ser humano parecem ser infinitos ! "

XXIX

Aos lados da estrada, entre o centro de Roma e seu aeroporto,chamado"Leonardo da Vinci", mas apelidado "Fiumicino"(pequeno rio)dada a proximidade da povoação do mesmo nome,vejo com tristeza as últimas"trattorias"e"osterias", pois sei que deixamos aqui a boa mesa. Talvez mais que a "boa mesa",em si, aquela paixão, ou aquele cerimonial ou aquela veneração, que os italianos expressam ao sentarem-se em volta de uma mesa. Quase como se estivessem diante do mais sacro dos altares! Quase o mesmo na França, na Espanha e em Portugal,mas talvez com menos entusiasmo e menos calor. E na Suíça, Alemanha, Inglaterra e todo o resto da Europa,como se o sentar-se em volta da mesa para a refeição, fosse quase uma imposta obrigação!

As dez horas de vôo entre Roma e Chicago são longas e intermináveis. Diva não tem problema, pois consegue dormir facilmente. Mas para mim, são horas difíceis de passar, que gasto andando pelos corredores, lendo jornais e à procura de passageiros dispostos a conversar.Nem a leitura de um bom livro é possível,pois é coisa que não consigo fazer senão em ambiante isolado.

Lembro-me quando, anos atrás, as aeromoças primavam pela elegância e beleza. Eram escolhidas com mil cuidados. Então uma profissão de prestígio. Não podiam casar-se , nem fumar, nem usar óculos, nem andar sem maquiagem, nem abandonar os saltos. Por muito favor, a elas era permitido respirar.

Hoje, uma grande parte daquele "charm", dentro dos aviões,parece ter desaparecido. A única condição de emprego é que não sejam muito gordas, caso contrário entravariam os corredores.

Também essa degradação nas exigências,tem sua parte na geral vulgarização do homem !

<u>CHICAGO("windy city")(cidade do vento)</u>

É assim chamada esta cidade do Estado do Illinois (pronuncia-se "ilinoi"), pois não há dia do ano sem forte vento. Durante os meses de inverno então, é um desastre.pois

com o vento, a já baixa temperatura tem efeito dobrado.O lago Michigan(o acento é no primeiro "i"),cuja área co - bre aproximadamente um quinto daquela do Estado de S.Pau lo, e em cuja parte sodoeste está Chicago, transforma-se numa grande pedra de gelo.O povo patina nas suas bordas.

As últimas duas horas de vôo parecem não ter fim. Somos avisados pelo comandante da temperatura e da hora de Chicago. Roma tem 7 horas mais.Saimos de Roma às duas da tarde e chegamos em Chicago às 5 da tarde,hora local,portanto as horas teóricas de vôo são três.

Sinto-me esgotado e só vejo a cama do hotel pela frente! Diva, acordando-se depois de um bom sono, faz suas primeiras propostas. Quer ver as lojas da Avenida Michigan! Quando digo que pode ir sozinha,pois não tenho entusiasmo para andar depois de tantas horas de vôo, a animação passa!

O'Hare, nos arredores de Chicago, é o mais movimentado aeroporto dos USA, mesmo se não o maior. Os serviços de Imigração e Alfândega são sempre meticulosos e cansati - vos, mas não há alternativa. Plantas, carnes, laticínios e tantas outras coisas,não são admitidos nos USA.Tem-se a impressão que os alfandegários criaram um com - plexo, tal a dedicação em tentar descobrir um pedaço de "presunto de Parma" ou de "queijo parmesan",que poderão ter sido postos nas malas... por engano!

Da porta do avião - ligada ao edifício do aeroporto por um tunel móvel em sanfona -, ao posto de táxis,temos cerca de meio quilómetro. Parte da distância pode ser coberta sobre esteiras rolantes, ou pelo "metrô"interno do aeroporto.

De O'Hare ao hotel, são 45 minutos de táxi. O chofer preto, como são quase todos os taxistas de Chicago, tem no interior do veículo tantas medalhas, distintivos,santinhos e penduricalhos, dando a impressão que nos esta - mos dirigindo a uma romaria... ao invés do hotel!

Pagos os 20 Dollars ao chofer Franklin Washington Lincoln - típico nome dos pretos nos USA -,nos encaminhamos ao apartamento do hotel. A próxima etapa é tirar roupa e deitar para um merecido descanso. Diva, sempre pronta para alguma atividade, pois parece nunca saber o que seja canseira!, desarruma as malas e olha a vista do 45º andar.

Chicago é um vocábulo índio,significando"poderoso".Nas nossas Américas encontramos muitas cidades com nomes índios, mas Chicago, para mim, significa Al Capone, dia de S.Valentino, James Cagney, Sears, Bolsa de Mercadorias ; os ex-exploradores-aventureiros La Salle e Père Marquette; os cientistas Enrico Fermi e Emilio Segrê; "jungle", o grande incêndio de 1871,os ex-açougueiros Armour e Swift, e naturalmente,o falecido hoteleiro Conrad Hilton.Todas coisas e nomes ligados a esta cidade.

Com uma grande população negra, mantendo sempre grande rivalidade com os descendentes de europeus(poloneses,alemães,italianos). A primeira, incapaz de levantar-se (com raríssimas exceções)da pobreza, considera-se mais "americana" que os segundos! Fato também comum no Brasil.

Na chamada "jungle" (floresta, no sentido figurado),espécie de Bronx e Harlen de New York,onde negros habitam, juntamente com porto-riquenhos, domenicanos e outros imigrantes da América Central e do Mar das Caraíbas (todos de extração índia, e não européia), temos quilómetros de quarteirões com casas dilapidadas;com lixo amontoado nas calçadas,e o todo infestado de ratos.No meio disto tudo, vive a "massa" dos negros, prevalecendo sobre os demais quanto ao número e quanto à falta de estusiasmo para sair do "túnel". Lá estão, sentados nas calçadas, com a célebre latinha de cerveja ao lado; ocupando-se do "comércio" de drogas.

Nada parecido com este estado de coisas existe nas favelas das nossas grandes cidades, ou nas áreas mais po - bres do nosso Nordeste, pois no Brasil, apesar da pobreza econômica e espiritual que existe em certas áreas,não vemos o ser humano chegar a tal ponto de degeneração men tal e física. As nossas famílias pobres parecem contar com um certo grau de prestimosidade, que não vemos aqui.
E se a esta gente da "jungle" de Chicago(ou de qualquer outra grande cidade americana) fosse posto à disposição prédios novos,mobiliados com o melhor, e recebesse roupa limpa e emprego de 100.000 Dollars por ano,bastariam poucos meses para que tudo precisasse ser refeito !

Portanto, não é precisamente pobreza; não é precisamente falta de lugares para trabalhar. É o estado de meio-bicho-meio-gente destas infelizes populações. Ou se quizermos dar uma explicação científica: "são biologicamente diferentes". É a "matéria prima",que infelizmente,tem dificuldade em evoluir. E portanto, alguns poucos deles conseguem afastar-se do ambiente e ter uma vida civil,assim como conseguem subir a escala sócio-economica,trans-

formando-se em advogados, médicos, arquitetos, industriais, etc.

É verdade que o negro contribuiu com seu trabalho físico, durante a escravidão, para a construção da riqueza neste país, mas os americanos WAS(White, Anglo-Saxon=branco-Anglo-Saxão) perguntam se valeu mesmo a pena apelar-se àquela desumana atividade. Considerando que os problemas das "jungles" e outros mais sérios, estarão sem solução por muitos decênios, para não dizer séculos!

*

Enquanto Diva passeava pelas lojas, pois mulheres e lojas inegavelmente têm um vínculo inseparável!, fui andar pela Clark Street, onde numa garagem abandonada, nos anos '20, houve a célebre matança de "gangsters". Como os jovens de Chicago destas coisas não sabem, mesmo se podem ter ouvido falar, iniciei conversa com o Joe Mitzersky, que com seus 76 anos, vende ainda jornais na esquina das Clark e State Streets. Disse a ele que estava interessado nas velhas coisas da cidade, e precisava da ajuda de um "old-timer".

A reputação da Clark Street, na sua parte norte, onde ainda está concentrada a "malavita", é talvez pior hoje que nos anos '20 e '30, mesmo se aquele "estilo" que vemos nos velhos filmes é naturalmente coisa do passado. Casas, bares e salas de divertimento, com portas fechadas. Locais onde um Cristão entra vivo e alegre, mas pode sair num imperfeito estado. Não são mais "proibicionismo" e "proteção", como no passado, os "temas" prevalentes, mas a venda e uso da grande calamidade do século XX, chamada droga.

> "...é aqui onde estava a garagem", diz Joe, apontando um terreno baldio. "...no dia de S.Valentino (14 de fevereiro de 1929), os "gangsters" entraram vestidos de policiais, puzeram contra a parede sete "gangsters" da outra "banda" que lá estavam, para "revistá-los", e ao invés disto, abriram fogo. O fato ficou conhecido como o "massacre de S. Valentino".

> "...você deveria ter 20/25 anos naquele tempo. Lembra-se dos detalhes ?", pergunto.

> "...não", responde o Joe. "Eu estava em Pedria, onde tinha ido fazer um trabalho, mas foi um fato que mexeu com a consciência da cidade. Estávamos em plena guerra entre bandas rivais. O problema intensificou-se com o "proibicionismo", quando a venda de produtos alcoólicos foi proibida. Era a produção clandestina e a distribuição destes produtos, e o grande lucro que a atividade deixava, que alimentava a guerra entre "gangsters". Entre 1920 e '35, em New York, Cleveland e Chicago, mais de 2.000 pessoas morreram assassinadas, mas como tudo era bem planejado e a polícia facilmente corrompível, os assassinos eram dificilmente identificados...e muito raramente condenados".

O ambiente do local onde tínhamos sentado para um copo de cerveja, estava inquinando-se, e assim decidimos deixá-lo. O Joe parecia contente de ter encontrado alguém que o ouvisse com tanto interesse.

> "...tinha um italiano como você(!)", diz o Joe, "que ganhava 2 milhões de Dollars por ano e andava num automóvel blindado. Mantinha 30 quartos à disposição, sua e dos amigos, num hotel da cidade. O povo o chamava "Scarface Al"(cicatriz Al), mas seu nome era Alfonse Capone..".

De Chicago vamos a New York, de onde voltaremos à Europa.

*

<u>NEW YORK CITY(antiga ilha habitada por índios)</u>

Olhando do avião, penso como foi possível que o Cacique Matzopan e os índios da sua pequena tribo, chamada Canarsees, puderam ter sido assim "cretinos", quando em 1626 venderam esta ilha(Manhattan) aos holandeses, por 25 patacas de ouro !

O avião, vindo de Chicago, com escala em Cleveland, rodeia a cidade de New York por algum tempo. O dia está nublado, mas a vista da cidade, do alto, é magnífica. Nota-se imediatamente o edifício chamado "Empire State", ainda

o mais alto da cidade(102 andares),mas não por muito tem
po, pois estão construindo outros dois, com 110 na zona
das finanças,os quais serão os segundos mais altos edifí
cios dos USA,depois daquele da Sears, em Chicago.
"Empire State"(Estado Imperial) é o apelido dado ao Es
tado de New York, e cada Estado americano tem seu apeli-
do, invariavelmente mostrado na chapa dos autos:New York
(Empire State), New Jersey(Garden State=Estado dos Jar -
dins), Illinois(Land of Lincoln=Terra de Lincoln), North
Carolina(First in Flight=Primeiro na Aviação), Florida
(Sunshine State=Estado do Sol), e assim por diante.
Do avião nota-se também o edifício Chrysler, o segundo
em altura da cidade,assim como as várias pontes e entra-
das de Túneis que ligam a ilha de Manhattan ao continen-
te,inclusive a outras ilhas(sempre parte de New York)cha
madas "Long Island" e "Staten Island".
A Leste temos o East River(Rio Leste) e sobre ele, as
pontes que juntamente com os Túneis sob o rio,ligam Man-
hattan aos bairros de Queens, Brooklin e aos relativos
sub-distritos de Jamaica,Flushing,Corona,Astoria e ou -
tros. A Oeste, outras pontes e Túneis sob o rio Hudson ,
ligando Manhattan ao Estado do New Jersey.
Nota-se também a grande área verde do Central Park,mas
principalmente o traçado geométrico de Manhattan. Aveni-
das correndo de sul a norte; ruas de leste a oeste. Ao
invés de nomes, avenidas e ruas tem números, facilitando
assim a localização , pois sabemos que depois da rua 118
está a 119 e depois da Nona Avenida esta a Décima. Exem-
plo do espírito prático deste povo. Facilitando também a
localização das ruas e avenidas quando viajando com o me
trô(421 quilômetros de linhas,servindo 518 estações).Por
tanto pouca possibilidade de erro e certamente, sob esse
aspecto, pouca similaridade com Tokio, como o leitor ve-
rá num dos próximos capítulos. Algumas ruas e avenidas ,
porém, além do número têm também nome.

A mais conhecida via de Manhattan é a Broadway(broad =
larga/ way=via, ou seja,"via larga"),correndo por aproxi
madamente 26 quilômetros,do sul ao norte da cidade. Ela
tem início no bairro das finanças(Wall St.)terminando já
fora da ilha de Manhattan, no Bronx. No seu longo percur
so, encontramos áreas ricas e pobres; encontramos também
bairros habitados exclusivamente por italianos(Little I-
taly), por chineses(China Town), por hebreus (Israel on
Hudson),por porto-riquenhos(El Bairro) e por negros(The
Jungle= "a floresta").

No bairro de Astória(em Queens), encontramos também on
de os brasileiros concentraram-se nos últimos 20 anos.Em
todas estas citadas áreas, prevalecem inscrições(lumino-
sos,cartazes,anúncios) na "língua local", dando-nos a im
pressão de estarmos num país estrangeiro. Em Astória,on-
de os brasileiros concentraram-se, podemos ler: "Casa da
Dinda", "Caipirinha", "Jeitinho Novo",etc.
Em suma, em New York temos de tudo, inclusive muita su
jeira, velhos edifícios abandonados, ou habitados mas de
cadentes, e para não fazer exceção à regra,ruas mal con-
servadas, estações de metrô imundas e tudo mais que é co
mum às cidades grandes.
Administrativamente, a cidade é dividida em cinco prin
cipais Distritos: Kings(Brooklin),Queens,Manhattan,Bronx
e Staten Island. Ligando esta última com Brooklin, temos
a grande ponte de "Verrazano", que é a "porta de entra-
da" da Baía de New York.Presentemente considerada a mais
longa ponte suspensa do mundo, com seus 4.260 pés(aproxi
madamente 1.500 metros). Giovanni da Verrazano,foi um na
vegador genovês(como Colombo), a soldo da Coroa Espanho-
la(como foi Colombo!). Segundo os historiadores, ele foi
o primeiro homem branco a chegar na ilha de Manhattan, e
talvez o primeiro que comprou a ilha dos Índios Canarse-
es!

Do avião, mostro à Diva o ponto exato,nas docas do Bro
oklin, onde atracou o cargueiro "Valiente", vindo de Be-
lém, onde eu era o único passageiro a bordo. Mais a les-
te, o bairro de Brooklin, no passado quase exclusivamen-
te habitado por italianos e seus descendentes. Hoje divi
dido com negros, Hebreus e Asiáticos. A propósito,no sul
da Itália,ainda há alguém que conta a estória do imigran
te dos anos 1910/20, que em Napoles, foi comprar"due bi-
glietti per Brokolino"!(dois bilhetes para o Brooklin).

Os dias deste abril em New York incluiram visitas a lo
jas e restaurantes brasileiros da Rua 46, onde, andando
por ela, ouvimos a nossa língua mais que outras. Enfim,a
nossa "colônia" em New York deve ser consistente, inclu-
indo pessoal do Consulado, ONU, Banco do Brasil e outras
organizações, assim como grande quantidade de turistas ,
estudantes,imigrantes legais e ilegais e homens de negó-
cio.

*

VOLTA PARA A EUROPA

Do aeroporto "John F.Kennedy" em New York,ao "Heatrow" em Londres, serão oitos sólidas horas de vôo. Vamos dos grandes espaços americanos e da mentalidade informal e aberta deste povo, ao conservantismo da velha Inglaterra.

Desta vez, em Londres, hospedamo-nos num hotel do bairro de Kensington. Tranqüilo e comodamente servido pelo "Tub",como os locais chamam o metrô; onde vê-se outro tipo de gente. Mais formal, mais arrumada,sentada em bancos de veludo; oposto da "marmalia" que podemos ver em New York fora dos horários de entrada e saída do trabalho. Quatro paradas e estamos na principal zona comercial de Londres(Regent, Oxford, Piccadilly,Bond Streets)onde fazemos longas caminhadas, gozando aquela atmosfera única que somente Londres oferece.

Levei Diva para ver duas das casas onde morei mais de vinte anos antes. Aquela da Robert Adam Street está igual como a deixei. Casa de tijolinhos vermelhos,com grade e porta pintadas de preto. Típica casa de Londres. Pagava três Libras por semana pelo meu modesto quarto, mais "six pence" para o uso da banheira.

Ficamos parados em frente dela. Construção do século XVII. Mostrei à Diva onde ficava meu quarto. Parecia um sonho estar novamente diante daquela casa. Nos tempos que lá morei, meus pais eram ainda vivos e muitas cartas escrevi a eles daquela mesa tosca e manca que fazia parte da mobília. Pensando naqueles dias, vinham-me lágrimas aos olhos.

Outra zona que gosto de re-visitar em Londres, é onde está a estação ferroviária de Waterloo,em frente da qual está a ponte do mesmo nome.

Fomos também a dois concertos. Minha paixão pela música clássica não desaparece com o passar dos anos! Este ano "está de moda" o grande Wagner,pois comemora-se o centenário da sua morte, em Venezia.

Um daqueles concertos era em beneficência,contando com a presença de H.R.H.Princesa Margareth,irmã da atual rainha da Inglaterra. Foi interessante, pois pudemos observar como os ingleses comportam-se diante dos membros da família real nessas ocasiões públicas.

Dedicamos também horas à National Gallery, onde estão expostos quadros dos grandes maestros italianos da Renascença.

Um dia fomos rever a Torre de Londres, cuja construção foi iniciada em 1078, e onde grande parte da história da Inglaterra - incluindo aquela das célebres torturas e

intrigas - foi escrita. Lá vimos a exposição das coroas e joias da família real inglesa, desde William I (The Conqueror)(1028-1087). Sir Thomas More, o grande humanista inglês do século XV/XVI, canonizado em 1935,assim como Anna Bolena,uma das esposas de Henrique VIII,foram executados na Torre. Outras dezenas de personagens famosos do passado conheceram o mesmo fim. Os cubículos-celas onde prisionerios eram conservados, são horripilantes. Se o leitor viu o filme "A man for all seasons"(Um homem para todas as estações), terá certamente notado os cenários que refletem a realidade daqueles passados séculos.

Fizemos também um passeio ao castelo de Windsor,nos arredores de Londres,onde a família real inglesa passa parte do ano; assim como aos verdes prados das suas imediações. Tudo limpo, organizado, quieto e solene.

Abril está terminando. Foi um mês que não esqueceremos tão cedo. Devemo-nos agora prepara para a viagem de volta à Itália.

Uma montanha de papeis espera-me !

XXX

<u>A casta dos Bourbons, em França</u>:

- Louis XIV, chamado Rei Sol; de nome Louis Capet;
- seu sobrinho-neto; Louis XV;
- uma das favoritas deste último, a Condessa Madame Marie Jeanne Du Barry;
- o neto de Louis XV; Louis XVI, também ele de nome Louis Capet.

<u>A casta dos Habsburgs, na Áustria</u>:

- a Imperatriz Marie Therese;
- sua filha: a Arquiduquesa Marie Antoinette(Maria Antonieta), futura esposa de Louis XVI e futura Rainha de França.

<u>Época</u>: segunda metade do século XVIII.

Estes são alguns dos personagens e a época que invocam o Palácio de Versailles(Versalhes), nos arredores de Paris. Os francesas o chamam "Chateau de Versailles"(Castelo de Versalhes), mas para o leitor que ainda não o conhece, "castelo" pode dar idéia de uma construção medieval, com muralhas e torres.

Versalhes não é assim.Tem o estilo de um verdadeiro Palácio. Cercado de altas grades e sólidos portões; com arquitetura no estilo "Barroco".Mais antiga na frente; menos antiga e extensa na parte posterior, onde um grande parque, com jardins, lagos, fontes e estátuas, liga o Palácio aos seus anexos: Petit e Grand Trianon, e Hameau.

O Palácio de Versalhes e seus anexos fazem parte das "visitas obrigatórias" de quem vai a Paris. Ali, nos séculos XVII e XVIII,estava a mais refinada e elegante corte da Europa. De todos os seus palácios e castelos, Versalhes é o mais rico de ornamentações, mobílias e história, e naturalmente é o mais visitado.

Hoje, apesar dos 200 e tantos anos passados, o turista vê em Versalhes quase que exatamente aquilo que existia no tempo dos acima citados Louises. Entre suas paredes, majestosamente decoradas; pelos seus jardins e nos seus anexos, uma parte importante da história de França e da Europa teve lugar. A permanência em Versalhes da Arquiduquesa Maria Antonieta(1755-1793) - última dos 16 filhos da Imperatriz Maria Theresa de Áustria(1717-1780), e depois esposa de Louis XVI, o último rei de França antes da Revolução -, deu um significado todo especial àquele belíssimo Palácio.

É dos fatos que ligaram Maria Antonieta à história de França que procuro lembrar alguma coisa ao leitor; àquele leitor que de Versalhes leu, ou ouviu falar; ou que o visitou correndo atrás do guia; ou que não teve, ainda, a oportunidade de chegar até lá.

•

Não são muitos os apaixonados da História, como se os fatos do nosso passado - e o passado de França nos interessa bem mais que uma mente preocupada com as miudezas do dia-a-dia possa imaginar -, representassem episódios que nos tocam superficialmente. Não é assim.

A primeira vez que fui à cidade de Versalhes, sabia que estava para encontrar alguma coisa de muito especial. Chegando ao Palácio, fiquei parado em frente dele. Sentia uma estranha sensação, como quando à vista de um pacote contendo um presente, admiramos invólucro e fitas coloridas, sem ter a coragem de abri-lo. E mesmo conhecendo seu conteúdo, o queremos descobrir !

Por aquele portão que estava para passar, por aquele mesmo portão, dois séculos antes, passaram os Louises, as Pompadours, as DuBarrys, as Maria Antonietas e também, sucessivamente, Napoleão Bonaparte. Todos sobre ricas carruagens, puxadas por magníficos cavalos, também estes magnificamente decorados. Rodeados por lacaios nos seus pomposos uniformes, que a pé, as circundavam, naquele trajeto de cem metros, cobrindo o espaço do portão externo às portas de entrada do Palácio propriamente dito.

Era minha fantasia e minha imaginação que faziam um salto ao passado - somente 200 anos! -, exíguo espaço de tempo na história da nossa civilização !

O Palácio de Versalhes começa sua história na Idade Média, quando no mesmo local, algum déspota havia feito construir uma modesta cabana de caça, nas então florestas que circundavam a antiga cidade de Paris. Assim é o começo da história de muitos dos célebres palácios e castelos da Europa.

Foi Louis XIII(1601-1643), e posteriormente seu filho, Louis XIV(1638-1715), o chamado Rei Sol, que fizeram construir a parte anterior do Palácio que vemos hoje. Aquela menos imponente, obedecendo um estilo arquitetônico típico da época, chamado Barroco. Pouco pretenciosa; quase uma sofisticada casa de campo. Em seguida, durante o longo reinado de Louis XIV, foram juntando-se outras construções, anexas às antigas paredes, para satisfazer as exigências de um novo e maior prestígio, e de um novo e maior poder.

A Louis XV(1710-1774) são atribuidas a maioria das decorações internas vistas hoje, assim como as ricas mobílias, num estilo novo para a época, o qual alastrou-se pelo mundo afora nos séculos seguintes. Com imitações boas e menos boas: o "estilo Louis XV".

Até o Cônsul da Inglaterra, em Iquitos, uma cidade do Peru, mergulhada na selva amazônica, mostrou-me uma vez, com orgulho - quando nos anos sucessivos lá passei alguns meses -, uma peça "estilo Louis XV", vinda da França no começo deste século. Importada por algum antigo ricaço da zona. Do "centro do mundo", no século XVIII, ao "clarão" de uma floresta tropical, no século XX !

•

Da parte posterior do Palácio de Versalhes, obedecendo um desnível de terreno criado pelo homem - para melhor servir as exigências da vista -, sai um vasto jardim "à francesa". Com seus arbustos, canteiros e grama aparados como um bigode otimamente cuidado; misturados com escadarias, terraços, lagos, suntuosas fontes, cascatas e estátuas. Depois dele, no meio daquilo que restou das florestas e bosques do tempo em que a caça era de moda, estão os dois principais anexos: chamados Petit e Grand Trianons. São dois edifícios de construção relativamente recente, mas imponentemente mobiliados.

Hoje o visitante dos Trianons vê três "classes" de mobília - sempre no estilo Louis XV -, estofadas em ce-

tim cinza e rosa. O original,o reconstruido e aquele com-
pletamente novo, imitando naturalmente o original.Mas pa-
ra o visitante não experto em mobílias, como é meu caso,
nenhuma diferença é notada. São os guias que nos chamam
a atenção.
Não longe dos Trianons [em francês, a palavra "tria-
non"vem do verbo "trier"(separar); e os dois Trianons de
Versalhes são de fato separados do edifício principal: o
Palácio(como é aquele de S.Paulo; separado da cidade pro-
priamente dita , quando construido)] , está o Hameau ,
feito construir por Maria Antonieta. Trata-se de um edi-
fício rústico, parcialmente coberto com palha, que lá es-
tá inteiro e imóvel há mais de dois séculos.
Nos seus imediatos arredores, a futura e depois efeti-
va rainha de França, havia instalado gente trazida dos
campos. Roceiros originais, com suas famílias, com suas
roupas campestres, carroças e costumes. Ali estavam para
o divertimento e prazer de Maria Antonieta. Como um cená-
rio de ópera! , com a diferença que os personagens do Ha-
meau eram realmente gente do campo, exercendo uma reduzi-
da e demonstrativa atividade agrícola.
Pensar do que eram capazes as Cortes daqueles tempos!

*

Os reis de França - aqueles a quem faço referência
neste capítulo,isto é, aos últimos Louises antes da Revo-
lução -, mantinham no interior do Palácio de Versalhes,
a Corte. Um grupo de"selecionados personagens"que ali es-
tavam - em permanência ou de passagem -, como abelhas
frente ao mel do poder. Para o prazer do Rei... de ter
companhia com uma chamada de sininho !
Se o leitor destas "Notas" já teve oportunidade de ler
"O Cortesão" de Baldassare Castiglione(1478-1529), terá
certamente feito uma idéia perfeita daquela célebre e fa-
mosa classe social. Na verdade, a França daqueles sécu -
los tinha criado um personagem novo no círculo do poder:
o então moderno cortesão, ou aquele que fazia parte da
Corte,e fazia cortesias. Em volta do Rei e graças a ele!
Nos séculos XVII e XVIII o cortesão estava solidamente
aquarteirado no Palácio de Versalhes!
Figura desaparecida com a caída das monarquias, mas em
nenhum outro país o cortesão foi mais "cortesão" que a-
quele que fez parte das casas reais francesas. Conquista-

vam fineza nas maneiras, no vestir, na linguagem,nas ar-
mas, na conquista das damas; na poesia, na música, na ar-
quitetura. Aprendiam a andar, como comportar-se na mesa,
como dançar, falar, rir e mesmo como mentir! Formando as-
sim uma verdadeira"escola" de prazer e "savoir-faire".
A fineza do ambiente de Corte não os impedia,porém, de
usar uma inaudita brutalidade nas relações com a " gente
comum". Os veludos, os perfumes, as joias, o gosto pela
poesia e pela música,conviviam com os aspectos mais bár-
baros e sinistros dos antigos costumes medievais, com ex-
plosões de sanguinária violência,e naturalmente,com a ma-
nipulação das mais baixas intrigas. Mas os crimes perpe-
trados pelos cortesãos,eram justificados pelo poder; às
vezes glorificados, às vezes santificados!

Gostaria de lembrar ao leitor, que a Corte, o "ato de
cortejar" e a "arte de pedir favores", não foram inven -
ções daqueles séculos! Milhares de anos antes, se temos
paciência e interesse, os encontramos em fontes Hebrai -
cas(Livro de Esther; parte do Velho Testamento); ou em
fontes gregas(Eródoto e Senofonte),ou mesmo em fontes La-
tinas(Tácito). Todas ligadas aos soberanos e aos cerimo-
niais das Cortes; análogos aos rituais religiosos.
Escreve Aristóteles: "... o cortesão é um homem livre,
que por ambição ou necessidade, faz-se escravo (do Rei)
para poder continuar ser livre". E Machiavelli: "..o cor-
tesão é um animal cujo natural habitat é a Corte".
Mas como bem sabemos,a "categoria" não foi extinta ! ,
pois ainda a encontramos,camuflada, na sede dos governos
de todos os países !

*

Da Corte de França faziam parte - todos com títulos no-
biliários - conselheiros, homens das armas, parentes ,
alquimistas (na época chamados "médicos"), charlatães de
classe, eclesiásticos, "favoritas"dos soberanos,as quais
eram eventualmente "passadas" do Rei ao Duque, e deste a
Condes e Barões. Da Corte fazia também parte uma imensa
quantidade de lacaios, vestidos com ricos e coloridos u-
niformes. Alguns tinham a fortuna - ou o contrário des-
ta! - de "herdar" ex-favoritas, cuja "carreira" tinha
chegado ao ocaso.
Versalhes era o coração da França de então. e como tal

– e como acontece nos centros de poder –, era também o centro das intrigas. E os intrigantes, como bem sabemos, exercem a terceira mais antiga atividade do homem !

•

O centro da cidade de Paris dista somente 22 quilômetros de Versalhes. Paris, onde precedentemente a monarquia tinha sede – nos Palácios do Louvre(hoje um dos mais famosos museus do mundo)e das Tuileries(Tulherias), demolido em 1870 –, nada mais era que uma concentração de edifícios e de povo. Ou a "fábrica" onde os desejos e os caprichos da nobreza de Versalhes transformavam-se em realizações.

Louis XIV, o Rei Sol,um soberano de grande prestígio, com seus 72 anos de reinado, dizia: "...onde eu estou... ali está o poder".Diziam as inscrições da época,as quais rimam em francês mas não em português:

"...de la part du Roi:
défense a Dieu
de faire de miracles
en ce lieu..."

(da parte do Rei: proibido a Deus
fazer milagres neste lugar).

Louis XV, um pouco mais modesto: "...aprés moi, le Déluge..."(depois de mim, o dilúvio).
E Louis XVI... uma catástrofe.

A história das monarquias está repleta destes"altos" e "baixos". Na França, na Áustria, na Prússia, na Espanha, em Portugal, na Inglaterra, e assim por diante. Um poderoso soberano quase sempre produzia, ou era seguido, de um moderado. Depois deste, seguiam-se outros mais poderosos ou decadentes. Ou as monarquias, em si, sofriam um intervalo, ou em certos casos, o "fim da linha", desaparecendo dos fatos, da vista e em tantos casos, também da História.

Louis XVI(1754-1793), rei medíocre, "residente" em permanência no Palácio de Versalhes – até que a Revolução

o levou a Paris e depois ao patíbulo –, pertence à categoria dos decadentes. Típico exemplo do homem sem energia, reticente, de lento reflexo, indeciso, incapaz de ser um dominador e de tomar riscos. Feliz quando o deixavam tranqüilo. Exasperado nos momentos que devia comandar. Portador por vinte anos da coroa de França,sem orgulho, sem prazer e sem dignidade. Carente daquela mínima dose de agressividade que é sempre necessária ao homem. Um pouco mais necessária a um Rei. Muito mais a um Rei que enfrentava os fatos que levaram a França da monarquia à república, passando pela Revolução; através de Napoleão e através da volta à monarquia do século XIX.

No Brasil, chamamos um homem como foi Louis XVI, um bonachão, ou talvez um "mosca morta". Muito bom,muito compreensivo e acomodante; adaptável às circunstâncias e àqueles com quem tem a fazer... num mundo infelizmente feroz, às vezes injusto, freqüentemente incompreendido; o qual não perdoa os "losers",pois deles, a contas feitas, ninguém lembra-se além das lápidas nos Templos e Cemitérios !

Mas aquele conjunto de qualidades e defeitos do ser humano, ou aquela coisa assim difícil de definir que chamamos "caráter"ou "temperamento" – de um Rei ou do homem comum –, dificilmente pode ser mudado na sua base. Não importa quais possam ser os fatores e elementos de suposta influência.

•

Cerca de mil quilômetros a leste de Versalhes, está outro famoso Palácio.Naturalmente mais famoso no tempo dos Louises que nos dias de hoje. Mas sempre famoso, pois nele uma outra parte importante da nossa história foi escrita. Trata-se do Palácio de Schönbrunn (Schöner Brunner , significando "Bela Fonte"), situado nos arredores de Viena, na Áustria. Também este, como Versalhes,transformado, através dos séculos, de cabana de caça em centro de poder.

Schönbrunn, como Versalhes,faz parte das "visitas obrigatórias"de quem vai a Viena;o visitamos diversas vezes.

Nele vivia Marie Therese(1717-1780), Imperatriz incontrastável da Áustria e "protetora"do outro meio mundo de então. Mulher super-ativa, arguta, hábil,inteligente,política sapiente, esposa prepotente, mãe, para quem os fi

lhos eram primeiro súditos do Império, e depois, filhos. Famosa por usar as "graças" das Damas de Corte como "esquadrilhas de assalto", para fins diplomáticos e políticos.

Mas como tomei a liberdade de lembrar ao leitor em outras partes destas "Notas", " a política é a arte do possível", e possível para a nossa Imperatriz, era a união - através de um matrimônio arranjado -, com aquela outra"protetora"do outro meio mundo:a França dos Bourbons.

Abro um pequeno parêntese para contar aquilo que foi encontrado escrito num muro da antiga cidade de Pompéia, no sul da Itália de hoje, soterrada pelo Vesúvio em 79 D.C., e cujas ruínas foram trazidas à superfície a partir do século XIX. As circunstâncias da preservação daquela cidade sob as lavas, por 18 séculos, fizeram das suas ruínas um documento único da vida dos Antigos Gregos e Romanos. Diz a inscrição(em Latim,aqui traduzida, e entre parêntese , esclarecimentos deste autor):

> "...Oh! Trébio(que era um político potente), faça do jovem Lólilo Fusco(um candidato).. à nossa "edile"(prefeitura),pois Fusco é homem honesto...".

Penso que a má reputação de uma classe de homens(os políticos), em muitos casos injustificada, parece ter raízes na eternidade dos tempos!

•

O Palácio de Schönbrunn de hoje, ao contrário de Versailhes, é menos original, mas contendo,como aquele,riquíssimas mobílias, tapeçarias e objetos d'arte. Menos original no sentido que nos primeiros anos do século XIX, durante as guerras napoleônicas - quando Maria Theresa já tinha ido juntar-se ao mausoléu dos heróis, e quando a tragédia da Revolução Francesa e da mesma Maria Antonieta,já tinha-se consumada, - , Schönbrunn teve um novo "inquilino" e déspota. Foi aquele homem nascido na ilha de Córsega, que posteriormente,teve o fim da carreira em Waterloo. Filho de uma simplória italiana: Dona Letizia Ramolino Buonaparte.(A Córsega foi cedida pela Itália à França, um ano e três meses antes do nascimento de Napo-

leão). Assim é que desde os portões de ingresso ao Palácio de Schönbrunn até o grande monumento que está no fim dos seus também imensos e magníficos jardins, estão lá , para os turistas verem, as "águias" de bronze (emblema de Bonaparte); as inscrições nas pedras, os fuzis e outros apetrechos das guerras de então. Tudo refletindo a passagem por Viena e pela Áustria, daquele que sucedeu - depois da Revolução Francesa -, os Louises.

•

Entre as mil preocupações de Maria Theresa de Habsburg havia aquela de unir seu poder àquele da França. Não uma união territorial, nem política,mas com o único e absoluto objetivo de evitar uma guerra entre as duas então "super-potências": França e Áustria.

Sua estratégia consistia no matrimônio de sua filha predileta,a arquiduquesa Maria Antonieta de Áustria, com aquele pouco enérgico e bonachão que era Louis Capet,herdeiro do trono de França. E sabe-se que na casa dos Habsburga nunca houve penúria de princesas prontas para matrimônios políticos! Também desta vez,Maria Theresa tem toda uma série delas à disposição, mas pensa que Maria Antonieta seja aquela que melhor "adapta-se à situação".

A tarefa das "negociações" com Louis XV, soberano reinante de França - a quem caberia decidir se o neto devia casar-se, com quem e quando -,foi confiada por Maria Theresa àqueles que tinham a necessária experiência diplomática. E os diplomatas não seriam nem diplomatas se tantas vezes não ocupassem seu zelo e seu tempo, em transformar em difíceis, coisas simples !

A partir daquela intenção e daquela estratégia de Maria Theresa, nasce a tragédia da franzina, graciosa, não particularmente bonita; também ela prepotente, não muito inteligente, sem energias especiais;incapaz de ler um livro do começo ao fim; nem fogo nem gelo;uma mulher média daqueles tempos. Impulsiva, frívola, rebelde e pouco reflexiva;futura rainha de França,que foi Maria Antonieta.

Rainha aos 19 anos, nunca nos subseqüentes dezenove de reinado, rouba uma hora dos seus divertimentos e frivolidades, para dedicá-la a qualquer coisa que pudesse interessar seus súditos.

Louis XIV(Rei Sol) em Versalhes. 1698

Depois de anos de negociações para a realização do "arranjado matrimônio" - cujos dois protagonistas nunca tinham-se encontrado -, Maria Antonieta e Louis Capet são finalmente ligados pelo vínculo, por procuração. E com este, a nossa Imperatriz pensa ter resolvido duas das suas preocupações: a extinção da conflitualidade entre Áustria e França e a acomodação da irrequieta filha.

Mas não é assim.

Maria Theresa, no dia da partida de Schönbrunn de Maria Antonieta, até a morte da mesma Maria Theresa, ocorrida em 1780, passa grande parte do tempo chamando a atenção - através de centenas de cartas e através dos seus embaixadores e enviados especiais(tudo documentado e presente nos Arquivos de Estado da França) -, daquela cabecinha avoada, eternamente voltada aos divertimentos e pouco interessada às coisas sérias, que é Maria Antonieta.

Mas quando, em 1780, a nossa Imperatriz sai da cena da futura tragédia, ela não pode prever o pior. Nem a morte da filha, sucessivamente guilhotinada, nem a invasão da Áustria por Bonaparte. Nos seus retratos e nas tapeçarias que vemos hoje, expostos no Palácio de Schönbrunn, Maria Theresa parece mostrar, na sua enérgica fisionomia, a convicção de ter conseguido os anteriormente citados almejados objetivos.

Não obstante, em 19 de abril de 1770, quando o matrimônio é realizado em Viena, Versalhes com seus Bourbons e Schönbrunn com seus Habsburgs, têm então motivos para esperar numa paz duradora !

*

Quando Maria Antonieta parte para a França para conhecer o marido, é acompanhada por um sem número de Damas de Corte, lacaios, conselheiros, soldados e carruagens ricamente ornamentadas para a ocasião. Na fronteira entre a França de hoje e a Alemanha de hoje(a Alemanha como Estado Unido, aproximadamente como o conhecemos hoje, começou a existir a partir de 1864), numa ilha do rio Reno, Maria Antonieta é recebida com toda a fastuosidade daqueles anos. Um exército de nobres franceses, lacaios, soldados e carruagens ainda mais ricamente decoradas, a espera. Tudo sob a regência de quem representava Louis Capet(futuro Louis XVI) - seu esposo por procuração -,

ocupado em Versalhes com coisas para ele "mais importantes".

Quem a recebe naquela ilha do Reno é um personagem famoso: o cardeal de Rohan, então Primado de França. Aquele mesmo cardeal de Rohan que anos depois, quando Maria Antonieta era rainha de França, foi vítima do conhecido "caso do colar de diamantes", objeto de tantos livros e filmes nos decênios passados. Foi uma trama interessante que o leitor certamente conhece de cor e salteado.

Maria Antonieta e Louis Capet, herdeiro do trono de França, casam-se "definitivamente",em Versalhes,em 16 de maio de 1770. É interessante notar que sete meses depois nasce em Bonn, Alemanha, Ludwig van Beethoven,o gênio da sinfonia "Heróica"(terceira da série),preliminarmente dedicada a Bonaparte. Exemplo em que arte e História confundem-se.

*

Parado em frente do Palácio de Versalhes, como uma múmia egípcia, eu passava em revista, na memória, todos estes fatos - e aqueles que seguem -, ligados ao edifício que estava para entrar pela primeira vez.

Que senso havia uma visita sem conhecer este pouco de História ? Que senso havia andar por aqueles corredores, passar por aquelas portas, penetrar naqueles salões, admirar quadros, tapeçarias, objetos, candelabros,capela e teatro(comédias e dramas de Racine,Corneille e Molière), e a famosa Galeria dos Espelhos, se não fosse possível reviver na memória e na fantasia,aquilo que o Palácio representava ?

*

Louis XV, avô do marido de Maria Antonieta, fez célebres, através de uma das anomalias da nossa psique e dos nossos instintos, aquela da luxúria, primeiramente Madame de Pompadour, e com a morte desta, a Condessa Madame Marie Jeanne DuBarry; ambas suas amantes oficiais... entre outras.

DuBarry é uma mulher do alto "bas-fonds"de Paris. Uma

daquelas atraentes e célebres mulheres, cuja sêde de poder, de prestígio, de riqueza, esquecem um importante vocábulo de todos os dicionários, de todas as línguas, de todas as épocas: "não".

Bem mais jovem que seu protetor e amante - Louis XV,então sexagenário -, ela está entre a multidão de nobres que em 1770 recebe, nos portões de Versalhes, a Arquiduquesa de Áustria; Maria Antonieta,vinda fresca de Schönbrunn, com 15 anos de idade.

Louis XV a apresenta ao neto e esposo. Este faz um simples cumprimento. No seu diário, meticulosamente mantido - também hoje disponível na Biblioteca Nacional de França -, o bonachão Louis Capet anota: "...chegada da Arquiduquesa de Áustria...", e tudo fica naquelas poucas palavras.

Lembro ao leitor, que quarenta anos depois, em 1810,outro soberano de França, Napoleão Bonaparte, recebe no mesmo portão de Versalhes, uma outra Arquiduquesa de Áustria,Maria Luisa, sobrinha de Maria Antonieta. Também ela casada por procuração, em Viena, e também ela destinada a ser soberana de França. Mas Bonaparte, ao contrário do bonachão e indeciso Louis Capet, pergunta ao Bispo presente "se seu casamento por procuração lhe confere imediatamente "direitos matrimoniais". Sem esperar a resposta, carrega a tímida Maria Luisa aos seus apartamentos !

O casamento entre Maria Antonieta e o herdeiro do trono, futuro Louis XVI, não "consuma-se", segundo documentos ainda hoje disponíveis, por sete anos. Louis Capet é um jovem mais preocupado com as partidas de caça e com os trabalhos de marcenaria, que com a "consumação" de um matrimônio. Durante sete anos "matrimonium non consummatum est" ! Não no dia do casamento definitivo(16 de maio de 1770), nem no dia seguinte, nem nos sete anos que seguiram-se.

No seu diário, Louis Capet, da sua primeira noite com
Maria Antonieta, sob um rico baldaquim que ainda hoje po
demos ver em Versalhes - ele com 16 anos, ela com 15 -,
poeticamente anota: "Rien"(em francês = "nada").
É verdade ! Naquele tempo tudo era anotado, e a não
consumação de um matrimônio real, era muito importante
para que não o fosse. Com tanto de referências,dias e ho
ras. Estávamos no século XVIII, com toda sua mórbida e
hipócrita ética sexual. E a virilidade de um futuro sobe
rano,como era Louis Capet, mesmo se com 16 anos; e a fe

cundidade de uma futura rainha, mesmo se com 15 anos,não eram vistas como fatos privados. Mas sim como um problema político, pois tratava-se do processo de sucessão e, por conseguinte, um fato que interessava o poder político e a inteira nação.

Mas que havia de extraordinário para um jovem de 16 anos, inexperiente e tímido, ser incapaz de consumar um matrimônio ? Talvez preocupado e com o pensamento voltado a parentes e cortesãos que esperavam a "boa notícia", ali mesmo, a alguns metros de distância,nos salões do Palácio de Versalhes!

Finalmente, para a grande satisfação da Corte e de Maria Antonieta, os sinos de toda a França anunciavam a "grande novidade". Depois de sete anos a "pequena operação" teve lugar, e Maria Antonieta, um depois d'outro, dá 4 herdeiros ao trono de França.

*

Todos os documentos chegados aos nossos dias - livros, diários, verbais, relações de historiadores - indicam claramente que pouco havia de sentimental entre os nossos dois personagens. Louis XVI,mesmo depois da morte do avô,Louis XV,em 1774,e da sua própria ascensão ao trono, continua a vida de sempre.Não só fisicamente afastado da esposa (35 metros de distância separavam os respectivos apartamentos,dentro de Versalhes), mas afastado das suas obrigações na qualidade de rei da França. Na época, tudo visto como uma catástrofe vestida de rei, de homem e de marido.

Por sua vez, Maria Antonieta dedica-se aos divertimentos. Mas não existem documentos - daqueles citados anteriormente - que indicam a ex-Arquiduquesa como uma mulher libertina, no estilo de uma Messalina (Valéria Messalina, 2-48 D.C.,terceira esposa do Imperador Cláudio), de uma Agripina (chamada Agripina,a Jovem; 16-59 D.C., irmã de Calígula e mãe de Nero; todos Imperadores da Antiga Roma), ou de uma Penélope (na "Odisséia" de Homero, filha de Icarius de Sparta). Nos últimos anos da sua vida,porém - e aqui são também os documentos que falam -, houve uma exceção na sua relação com o Conde sueco Alex de Fersen. Um "affair"do qual o pacífico Louis XVI tinha conhecimento,mas que o "estilo" da nobreza de então impedia a criação de escândalos. O grande pecado de Maria

Antonieta - o qual finalmente a levou à guilhotina -, foi o desperdício do dinheiro público, através do luxo e das aberrações que a natural tendência humana, às vezes não põe limite. A criação e o abuso de todos aqueles "extras", que uma vez criados e sentidos,dificilmente podem sujeitar-se a freios. A famosa criação das "necessidades artificiais".

Quem, nos nossos dias,poderia passar sem uma TV,sem um automóvel, ou sem uma lavadeira elétrica ? Ou sem um daqueles aparelhos eletrônicos com mil botãozinhos...e com mil possibilidades de problemas ?

Nem mesmo pensar ! Quase pior que a morte !

Não obstante,no passado o homem vivia sem todas estas facilidades... e podia ser tão feliz como hoje !

*

Em certas zonas de Paris dos tempos que eu lá morei - zonas que devem ainda hoje ser como eram 30 anos atrás - via-se exemplos dos cortiços e da miséria, que no século XVIII - no tempo de Maria Antonieta -,cobriam a maior parte da cidade. Miséria e riqueza raramente dormem no mesmo leito; assim como não dormem no mesmo leito os jogos da política e a verdade. Por natureza, são extremos opostos! No tempo da monarquia francesa,agora e sempre. E a quem os franceses podiam dar culpa da sua miséria senão àquelas instituições, e àqueles homens que estavam no extremo oposto ? E quando a miséria, os sacrifícios e os altos impostos, aos quais o povo estava sujeito,juntaram-se às idéias revolucionárias de Voltaire, Montesquieu e Russeau,o resultado foi a revolução,que teve como um dos mais salientes marcos, a queda da Bastille(Bastilha), em 14 de julho de 1789.

A fortaleza de Saint Antoine, comumente conhecida como Bastilha, era uma prisão. Na época,fora das muralhas de Paris. Hoje o local é ocupado por uma ampla praça com um obelisco no centro. Zona pouco recomendável;infestada de tudo aquilo que os bairros em decadência sempre produzem. Onde compra-se peças do vestuário a baixo custo e de baixa qualidade. Na estação do metrô que serve hoje aquela praça, podemos ainda ver parte das ruínas dos alicerces da antiga prisão; demolida nos anos sucessivos à revolução, e cujas pedras foram utilizadas na mesma cidade de Paris, na construção de algumas das pontes que cruzam o

rio Sena.

Como o leitor lembrará, por "queda da Bastilha" entende-se o ataque da "canaille"(canalha) - como era então chamada a populaça -,àquela prisão,liberando muitos daqueles que lá estavam por ordem do regime. Isto é, daquele regime de riqueza e das extravagâncias de Versalhes.

Um segundo marco saliente na eliminação da monarquia, durante a revolução(digo "durante a revolução",pois uma vez eliminado Napoleão(1815), a monarquia surgiu novamente), foi o ataque da mesma "canalha" ao Palácio de Versalhes,depois de uma longa marcha partida de Paris. Mas diante da figura de Louis XVI, malgrado sua mediocridade, o povo não passa de gritos e ameaças.Levam porém o soberano, Maria Antonieta e filhos a Paris.

Ao invés das carruagens decoradas, dos lacaios em brilhantes uniformes e de toda a pompa que caracterizava as saídas dos monarcas, é a "canalha" - com suas roupas sujas e mal arranjadas; com o hálito pesado ao vinho e ao mastigar do tabaco -, que circunda uma modesta carruagem.

Louis XVI, sua esposa Maria Antonieta, Madame Elisabeth(irmã do soberano) e filhos, assim como algumas "damas da Corte",são instalados no velho Palácio das Tulherias, hoje desaparecido. No lugar deste,está o jardim do mesmo nome, o qual separa o Museu do Louvre da Praça da Concórdia.

Para o leitor que ainda não visitou Paris,faço mais adiante um pequeno mapa, mostrando a posição destes marcos históricos.

•

Do Palácio das Tulherias,onde eram prisioneiros da Assembléia e dos Jacobinos,mas onde gozavam ainda de certa liberdade, a família real tenta uma desesperada fuga,chegando até a cidade de Varrenes, de onde é escortada de volta a Paris. Desta vez,porém, fechados na fortaleza do Temple, sempre na área urbana da cidade. Lá são instalados em exíguos cômodos húmidos e mal arejados, com mobílias que pouca relação tinha com o luxo de Versalhes.

As "damas de corte", "damas de honra" e "damas de companhia" são eliminadas. A companhia é reduzida a duas mulheres escolhidas entre o piorzinho da "canalha";sem mui

ta etiqueta, sem muita educação e sem muita limpeza.

Um aparelho "corta-cabeça"tinha sido instalado anos antes,em permanência, na Praça da Concórdia. A história daquele sinistro "aparelho", posteriormente chamado guilhotina, começa na Idade Média, naquilo que é hoje a Alemanha. Têm-se notícia que durante o século XVI, foi usado na Escócia sob o nome de "maiden"("solteira" ou " virgem"). Posteriormente, também em outras áreas da Europa, mas foi na França, durante a revolução,que introduzido e aperfeiçoado por um médico de nome Joseph Ignace Guillotin(1738-1807), ganhou a reputação que conhecemos hoje.

Um "sistema rápido e indolor",mesmo se ninguém pôde ainda confirmar esta última "qualidade" da guilhotina!

Nem era perfeito!

Os livros de História nos contam, que durante a mesma Revolução Francesa, o correr da lâmina foi obstruido a dez centímetros da cabeça do condenado.Considerado então um "ato da Providência", um decreto o salvou da morte. O condenado pôde fazer uma descrição daquele quarto de segundo, ouvindo a lâmina escorregar.

•

Levado numa modesta carruagem, fechado e invisível para evitar as ameaças da "canalha",sempre presente, Louis XVI, de nome Louis Capet, soberano de França, marido de Maria Antonieta e último rei antes da revolução, é guilhotinado na Praça da Concórdia,no dia 21 de janeiro de 1793.

Ainda Machiavelli no seu "De Principatibus":

> "...o delito político pode ou não ser racional".
> E prossegue: "...dependendo se a crueldade é bem
> ou mal usada...". E mais adiante:"... a política
> é uma ciência empírica(baseada na experiência),
> sobre fatos que são complexos, polivalentes, incertos, imprevisíveis, mas acima de tudo, observáveis "(!).

Mas para a eliminação da monarquia, a revolução, através dos seus elementos mais extremistas,quer também a eliminação da rainha,na pessoa de Maria Antonieta.
liminação da rainha,na pessoa de Maria Antonieta. que a natu
Penso, a risco de críticas de algum leitor, -, seja
reza da mulher - com compreensíveis exceções

sempre e em todos os tempos, aquela de dar filhos, de dedicar-se à família, de organizar e administrar a casa, de ocupar-se de tudo aquilo que faz parte da sua natureza. O contrário pode ser, repito, pode ser, anômalo e aberratório. Toda a emancipação ganha pela mulher nos últimos decênios - principalmente nos chamados países desenvolvidos, mas não somente neles, onde tantos "depreciados" maridos valem menos que o gato de casa -, nada mais é que a reação a uma condição anômala, existida através dos séculos. Um salto, felizmente passageiro, de um extremo ao outro ! Como o simples soldado, que sempre submisso, freqüentemente incompreendido e tantas vezes injustamente maltratado, transforma-se repentinamente em General... e manda destruir um pernilongo com um tanque de 20 toneladas! Mas penso também que nesse campo das relações humanas, há "calmaria"no horizonte. Pode-se ver luz no fim do túnel !

A mulher, no seu maravilhoso e natural reino, não tem "concorrentes", como não tinha a mulher Maria Antonieta. Naquele outro mundo - aquele ao qual o anômalo recente salto de emancipação a levou -, ela quase sempre transforma-se numa aberração. Se o leitor conhece a mulher norte-americana ou européia, talvez não opor-se-à àquilo que venho dizendo !

•

Maria Antonieta, a "austríaca", como era pejorativamente chamada durante a revolução francesa, é transferida da prisão do Temple àquela da Conciergèrie. Esta, à beira do rio Sena, é hoje um museu, e para o leitor amante da História, é uma das visitas mais interessantes na capital francesa.

Maria Antonieta é então submitida a processo e acusada de libertinagem(movente político,nunca provado).É também acusada de desperdício do dinheiro público, com a fastuosidade de Versalhes(movente provado). É levada,dentro de uma carroça aberta à guilhotina instalada na Praça da Concordia. Tinha 38 anos. Consciente do destino que a espera, nos quarteirões que separam a Conciergèrie da guilhotina, pronuncia aquela frase que os historiadores repetem há duzentos anos:

"..c"est dans le malheur qu'on sent d'avantage ce qu'on est...".

(...é nos momentos de infelicidade que nos conhemos melhor).

Cai a lâmina da guilhotina.Sua cabeça é mostrada ao público... que bate palmas, grita e pula de alegria. O piorzinho da "canalha" está ali representado. Gente que durante a Revolução Francesa(1789-1799)tinha seu "lugar fixo" na assistência daqueles espetáculos. Mulheres que esperavam as várias caídas diárias da lâmina fazendo crochê. Homens que jogavam cartas no chão da praça. Fauna pouco recomendável !

O leitor que já leu a estória de Jean Valjean,no romance de Victor Hugo(1802-1885), "Os Miseráveis", pode imaginar com precisão o ambiente que prevalecia entre a canalha.

Versalhes perde definitivamente seus ex-inquilinos. Começa a pertencer à História, aos livros, aos filmes. Sucessivamente, também aos turistas !

•

Depois daqueles Louises, de Maria Antonieta,da revolução e dos seus homens(Robespierre,Danton,St.Just,Barras, Mirabeau,Marat), e dos chamados "anos do terror" e do Diretório, chega Napoleão, que eventualmente assume todos os poderes tirânicos, e continua o desperdício do dinheiro público...tão bem ou tão mal como faziam seus predecessores. Maria Rose Joseph,a primeira consorte de Bonaparte e por este chamada "Josephine", nada deve a Maria Antonieta na questão de esbanjar dinheiro público !

A velha e eterna ilusão da "canalha",dos pobres, dos emarginados,que a caída de um regime os fará menos pobres e menos emarginados, resta sempre ilusão ! Exatamente como nos dias de hoje,quando esperamos que um novo Governo possa resolver velhos e novos problemas !

Mas assim é o mundo e assim é a nossa espécie.

A grandíssima maioria daqueles que reclamam e protestam contra essas iniqüidades e injustiças, fariam o mesmo se a oportunidade lhes fosse presentada.E os exemplos

dessa realidade os vemos continuamente!

A tragédia de Maria Antonieta foi uma das tantas que o mundo conheceu e conhece, mas devido à época em que teve lugar, ao prestígio dos personagens,ao poder daquelas nações, ao embrião da Revolução Francesa e ao subseqüente período napoleônico,ficou sendo um fato histórico que os séculos na nossa frente continuarão a lembrar. Com novas interpretações,com novos filmes, com novos livros, com eventuais ulteriores descobertas que a História sempre reserva, naquele seu processo contínuo e fascinante.

No seu complexo,aquela tragédia certamente não poderia ser lembrada em meia dúzia de páginas, como tentei fazer nestas "Notas". Resta a intenção.

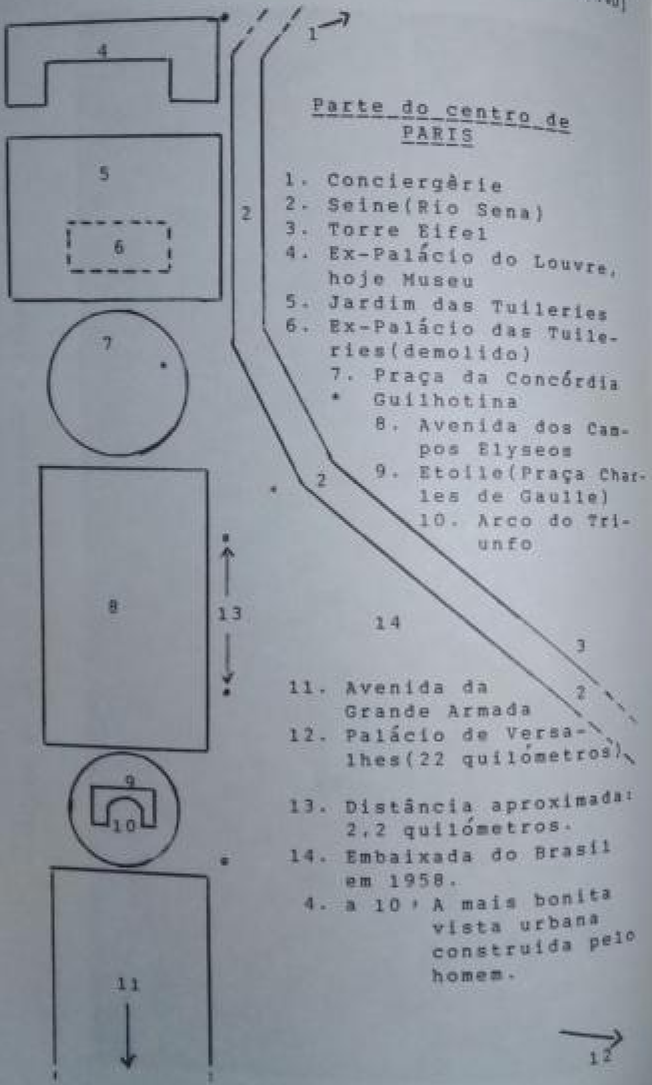
*

Mas o Palácio de Versalhes estava sempre ali, na minha frente, e eu, como uma múmia egípcia, tinha terminado de fazer uma pequena recapitulação mental de parte da sua história. Mas era preciso voltar à realidade do presente e estava então pronto a cruzar o portão ! E a primeira coisa a fazer, era a compra do bilhete de ingresso.

Maria Antonieta com três dos seus filhos. 1785

Palácio de Versalhes. Galeria dos espelhos.

Jardins do Palácio de Schönbrunn - Viena



Parte do centro de PARIS

1. Conciergêrie
2. Seine(Rio Sena)
3. Torre Eifel
4. Ex-Palácio do Louvre, hoje Museu
5. Jardim das Tuileries
6. Ex-Palácio das Tuileries(demolido)
7. Praça da Concórdia
   * Guilhotina
8. Avenida dos Campos Elyseos
9. Etoile(Praça Charles de Gaulle)
10. Arco do Triunfo
11. Avenida da Grande Armada
12. Palácio de Versalhes(22 quilómetros)
13. Distância aproximada: 2,2 quilómetros.
14. Embaixada do Brasil em 1958.

4. a 10 : A mais bonita vista urbana construida pelo homem.

XXXI

Escrevo da cidade de Piacenza, no Vale do Rio Pó, Itália setentrional.

Anos atrás, estava de saída para a Guatemala (América Central) com um grupo de americanos que lá deviam fazer pesquisas sobre a seiva das seringueiras, de cujo latex fabrica-se a borracha natural. Nos anos da última guerra,devido às dificuldades dos transportes(ataque de submarinos)dos países produtores, a ciência encontrou meios para aperfeiçoar a borracha sintética, um sub-produto do petróleo; já conhecida, mas na ocasião mais custosa que a natural. Parte dos produtos de borracha fabricados hoje,são feitos de uma mistura dos dois tipos.

O território daquele país é rico de vulcões - a maioria deles semi ou completamente extintos -,e coberto de florestas, com chuvas fortes e constantes, no estilo da nossa Amazônia.

Tínhamos partido juntos de Chicago e feito uma primeira escala na cidade do México, onde deveríamos tomar outro avião para a cidade do Guatemala; capital do país.

Minha função, juntamente com um companheiro ora desaparecido,era fazer uma auditoria na parte administrativa de uma plantação,de propriedade da F.

Dias antes da partida de Akron, no Estado de Ohio,onde a F. tinha então sua sede, recebi a visita de um jovem que ocupava-se das "public relations" da companhia. Ele dizia que seria de bom auspício, se conosco seguisse uma mala com trinta e dois pares de sandálias, cuja sola, tinha sido produzida, pela nossa companhia, com a latex daquela plantação. Poderia, segundo ele, traduzir-se num gesto de reconhecimento, tanto mais que os semi-índios que lá trabalhavam, eram sensíveis a tais gestos.E assim foi feito.

No nosso trânsito pelo aeroporto da cidade do México , famoso no mundo pelo "desaparecimento" de malas,bolsas e carteiras! , e onde já tinha estado precedentemente, eu e meu companheiro de auditoria tivemos que resolver o"célebre" problema da chamada "mordida", em relação às san-

dálias. "Mordida" na América Central tem o mesmo significado que em português, mas na gíria local significa também "aquela soma que dá-se ao funcionário, ao guarda de trânsito, ou ao alfandegueiro para que fechem os olhos". Particularmente no México, é uma "instituição nacional". Poucas coisas são feitas naquele país sem "la mordidita". Versão Latino-Americana do "backchich" do Egito !

Os pesquisadores - todos marinheiros de primeira viagem fora dos USA - nos rodeavam, boca-abertas, para observar como uma "operação mordida" era levada a termo. Lembro-me de uma precedente viagem àquele país, quando parado em frente do meu hotel, no centro da cidade do México, observava duas motocicletas da Polícia seguirem, sem qualquer motivo, um qualquer motorista. Pediam os documentos e naturalmente encontravam sempre um fato cavilloso, dando ensejo a uma longa conversa até que a "devida contribuição" fosse feita. Na falta desta, segundo os locais, o caso seria resolvido na Estação de Polícia, onde o pobre motorista podia ficar horas tentando desembaraçar-se do problema. Se estrangeiro e previamente advertido, as coisas podiam arranjar-se rapidamente; nunca mostrando documentos, mas fazendo imediatamente a " devida contribuição". Se mexicano, corria também o risco de ser jogado no pátio da Estação, ou engaiolado por alguns dias, e sem direito a apelo! De todas as cidades que visitei, a cidade do México parece ganhar o primado da corrupção nesse tipo de coisa. Felizmente, segundo minha experiência, não encontramos a mesma situação no interior do país.

*

No dia seguinte, embarcamos juntos da cidade do México para a cidade do Guatemala. O avião, um DC-9 produzido no meio dos anos '50, parecia estar fazendo sua última viagem. Não era possível que um veículo naquele estado pudesse levantar vôo novamente! Tudo chacoalhava, como uma vitrina de louças sobre um terremoto.

As cinco da tarde do dia sucessivo partimos da cidade do Guatemala em direção da plantação. Durante a noite, eu tinha sido devorado pelos ferozes pernilongos. Os companheiros que puderam ingerir meia garrafa de "whisky", de

les não tiveram notícia.

Três velhos Chevrolets, "estilo fim de guerra", começaram então driblar as estradas de buracos e lama. Se tudo fosse bem, deveríamos chegar na plantação na manhã do dia seguinte. O hoteleiro da cidade de Guatemala nos tinha preparado sanduíches. Os lugares onde poderíamos eventualmente parar para refeições, não eram seguros. Devido à falta de higiene e a outros fatores que a química do organismo não aceita, comer naquelas paragens significava convidar imediata disenteria. Havia também o risco de assaltos, pois a guerrilha estava por todo lugar.

À nossa chegada a Cierro de la Cruz, um lugarzinho com meia dúzia de casas e a tradicional igrejinha, estavam o diretor da plantação com dois outros americanos que trabalhavam na mesma. Mais um par de horas de caminho, sobre estradas de lama e barrancos, e estávamos entrando na fazenda de Santa Gertrudes, onde centenas de milhares de seringueiras estavam enfileiradas, como um exército de Bonaparte.

No dia seguinte iniciamos o trabalho.

Os pesquisadores foram separados em grupos e tomaram a direção das diversas estações experimentais, que distanciavam-se quilômetros da casa-sede. O objetivo era encontrar meios para aumentar a produtividade da planta, transferindo o "know-how" às grandes plantações da Libéria e Birmânia.

Meu companheiro de auditoria jazia branco e imóvel sobre uma rede. Tinha passado a noite dizendo suas "Ave-Marias"! Havia certamente levado uma mão à boca durante a viagem, de onde o vírus fez o resto do caminho, dando início a uma daquelas tremendas disenterias. Os locais estavam menos sujeitos a ela, pois nascidos alí e parcialmente imunizados.

Nos países da América Central, tal tipo de disenteria é chamada "Montezuma Revenge"(vingança de Montezuma). Montezuma II(aprox.1502-1520), foi o último Imperador dos Aztecas antes da conquista das suas terras pelo espanhol Hernan Cortês(1485-1547). E como Montezuma não podia vingar-se de outra forma, diz a lenda, "pediu aos Deuses que o vírus atacasse cada homem branco que lá pusese os pés"! Eu também conheci tal "vingança" durante uma sucessiva viagem que fiz a Salvador, ao sul da Guatemala.

*

Akron, Chicago e mesmo a cidade do México, pareciam anos-luz distantes daquele fim-de-mundo, onde estava a fazenda de Santa Gertrudes.
Chovia ininterruptamente.

A mulher do diretor da Plantação, uma americana do Estado do Idaho("aidaho", com o 'h' espirado), cuja principal e mais conhecida atividade é a agricultura da batata - por sinal, muito boa -, tinha, por aquelas circunstâncias que movem tanta gente neste mundo, terminado naquela floresta úmida e chuvosa. Ela ofereceu-se para ajudar-me no desfazer das malas. Aquela contendo os 32 pares de sandálias foi posta de lado, aguardando o momento de as distribuir. Mas logo fiquei sabendo que os semi-índios eram 64 e não trinta e dois ! Alguém tinha feito erro no cálculo.
Numa das festas locais - e tudo era motivo para festa naquela selva - , a distribuição das sandálias foi feita. Era gente simples, humilde e sem malícia. De boa índole, e ignorante do mundo perverso, desumano e cruel em que vivemos. Habituada a pedir tudo e a aceitar tudo docemente.

> "...in life there are natural masters and natural slaves..."
>
> Aristoteles
>
> (...na vida existem os naturais mestres e os naturais escravos...)

Pareciam felizes com o pouco que tinham. Muitas das"necessidades"que o homem cria continuamente,não tinham chegado até aquelas longínquas paragens. Para eles, tudo resumia-se no comer, no dormir e no procriar. Médicos,dentistas, sapatos, roupa limpa, livros e tantas outras coisas que o chamado "homem civilizado"toma como direito adquirido, eram praticamente desconhecidos a eles. Se adoeciam - coisa comum entre aquelas populações cronicamente mal alimentadas -,iam visitar o bruxo na sua cabana, localizada às margens da plantação.
A minha curiosidade levou-me também a ele.

Era um homem bastante avançado nos anos. Magro e arcado. Chamava-se Don José. Vivia de algum peixe ou ave caídos nas suas "trápolas". Com ele, sentado sobre um tronco que fazia às vezes de cadeira, passei horas procuran-

do tirá-lo do seu natural acanhamento, diante de um homem branco,vindo de longe; e procurando aprender alguma coisa da sua "função" de bruxo. No passado, havia trabalhado na Plantação. Depois isolou-se naquele canto à espera da morte. Quando, por idiossincrasia, perguntei se podia dar jeito na disenteria do meu companheiro, a resposta foi: "...não, pois nem você nem ele crêm no poder da minha mágica!... e a cura de qualquer moléstia depende dessa disposição".
Palavras sábias !

*

Qualquer trabalho para aqueles semi-índios empregados pela Plantação,era sempre uma imposição! Guardar-se das chuvas era um "trabalho" para evitar outro; aquele de recolher a seiva das plantas. A indolência era "atributo " permanente do físico e da mente daqueles homens. E isto leva-me a exprimir a convicção que o clima quente é certamente fator super-negativo no desenvolvimento das nações. Não é sem razão que todos, ou quase todos os países em desenvolvimento,estão na faixa tropical da Terra.

"Amigos", disse ao grupo dos sessenta e quatro, " não foi possível trazer um par de sandálias a cada um.Assim, cada um receberá somente um pé. Aqueles que querem o pé direito para cá; os demais, para lá".
Palmas !(!)

Durante o tempo que lá ficamos,via aquela pobre gente com um dos pés descalço.Aqueles que ajudavam na casa-sede com os afazeres domésticos, tinham-se mutuamente apelidados "el izquierdo" e "el derecho", segundo o pé em que calçavam a sandália. Espetáculo triste, mas a única solução possível.
Na volta aos USA, logo recebi o telefonema do jovem"public relations", querendo saber se as sandálias tinham chegado a destino. Contei o arranjo que fui obrigado a improvisar... à moda de Salomão.
A Plantação da fazenda de Santa Gertrudes ainda existe. Talvez aqueles apelidos morrerão com sua gente. Melhor teria sido não ter paga a "mordida" no aeroporto do México e lá deixado as sandálias.
Os remorsos fizeram também parte das minhas viagens!

Um dia, da Plantação fomos à vila índia de Patzum, na Província guatemalteca de Chimaltenango.
Índios e alguns dos seus hábitos não eram a mim totalmente estranhos. Tinha aprendido algo sobre eles quando no Amazonas e Peru.
A preguiça, a falta de higiene,a total ausência de ambição, a "filosofia de vida" que "tudo está bem se **hoje** está bem",faz do índio um ser humano similar em toda parte; inclusive índios nos Estados Unidos,representando 6% da população. Se eventualmente dizemos - nem sempre com razão -, que o negro é lento e vagabundo,este precisaria fazer muito menos para chegar ao "nível do índio"! A favor do último, porém, é preciso reconhecer que mesmo inconscientemente,ele faz parte da natureza,enquanto europeus e descendentes procuram dominá-la e às vezes destruí-la.

Mas a razão que nos tinha levado à vila índia de Patzum, era presenciar o funeral do cacique Carujaro,da tribo YacatecMaya. Setenta-e-cinco anos(presumidos)de vida. Outro tanto de repouso,e um terço do número de"esposas".
Contava-me um índio empregado pela Plantação, chamado Yuk-Katan, significando "Água do Céu",o qual tinha abandonado a tribo anos antes, que segundo a lenda, o cacique "recebia" na sua maloca, 25 índias por noite. Número estabelecido de acordo com o"KI", mas 24 delas entravam uma "porta" e saiam imediatamente por outra. A número 25 ocupava seu tempo fazendo as tranças do velho cacique.
Mas era preciso assegurar o "prestígio" de Carujaro!
Seus filhos, cujo número era impreciso, eram chamados Mi-Carujaro,indicando com o prefixo a condição de "filhos do velho cacique".
Os rituais funerários índios variam com costumes de cada grupo. Comum,porém, é ingerir enorme quantidade de aguardente durante a cerimônia; iniciando duas horas antes da procissão do féretro. É tradição e necessidade! pois somente assim "os maus espíritos afastam-se"!
E o aguardente que bebem(tivemos que experimentar para não ofendê-los) é fortíssimo. Destilado e re-destilado.

Lembro aqui ao leitor que também os Dorianos,povos que fizeram parte do arcaico mundo pan-helênico (ca. 1100-

700 A.C.), regavam suas sepulturas com vinho.Isto nos dizem as cerâmicas e esculturas daquele tempo.

Ao fim das citadas duas horas,seis índios,nas suas mantas coloridas,e de um tecido grosso e áspero, arranjaram o morto - embrulhado numa coberta, também ela multi-colorida - sobre um esteira, e o grupo iniciou a caminhada em direção da última morada. Aproximadamente cinqüenta pessoas faziam parte da procissão. Nós, "os da Plantação", seguíamos de auto a uma certa distância,observando os rituais.
Cada vez que uma curva - real ou imaginária! - devia ser afrontada na estrada barrenta, um dos acompanhadores tocava um sino. Depositavam então o morto no chão, e passavam as garrafas de aguardente entre eles. Depois prosseguiam. Muitos caiam no chão pelo efeito do álcool, inclusive crianças aparentando 6/7 anos,mas eram imediatamente socorridos por outros.
E assim, perdendo-se pela ladeira abaixo, até onde nos nos olhos chegavam, o cacique Carujaro foi levado ao"campo dos mortos",com todas as honras da tribo.

Quando o nosso trabalho na Plantação teve fim, fizemos o mesmo tortuoso caminho de volta à cidade do Guatemala, de onde,após alguns dias,tomamos avião para Panamá City, capital do país do mesmo nome.
No Panamá, além do espanhol, fala-se também o inglês , pois a presença dos americanos que trabalham no Canal é maciça. O povo local é de cor parda. Muitos são os índios ou seus descendentes,assim como muitos são os negros.
No passado, o Panamá foi uma província da Colômbia.Por sinal, a província menos avançada de uma país não muito avançado. No século passado,os franceses chegaram no Panamá com a idéia de construir um canal ligando os oceanos Atlântico e Pacífico,aproveitando lagos no território panamenho.
Ambos os oceanos, assim como os lagos, têm diferentes níveis, exigindo a construção de "portas niveladoras",para a passagem dos navios. Ferdinand Marie, Visconde de Lesseps(1805-1894), construtor também do Canal de Suez , foi quem iniciou os trabalhos. Mas não os viu prontos.
Negros foram trazidos da África e índios locais "domesticados",para as escavações, usando picaretas e outros instrumentos que dependiam da força humana. As ações da companhia eram vendidas nas Bolsas de Paris e Londres.

mas quando parecia marchar bem,um "membro da comunidade local, nascido e criado naqueles pântanos, decidiu interromper os trabalhos: o mosquito portador da malária. Documentos conservados hoje no Museu da "Canal Zone Company", o qual tive a curiosidade de visitar, estimam que cerca de 28.000 trabalhadores foram atacados pela malária,num período não superior a uma semana.

A construção do canal ficou assim paralisada por algum tempo. Anos depois, em 1904, o presidente americano Theodore Roosevelt(1858-1919), através de "arranjos políticos", patrocinou a fundação da "Canal Zone Company" e o re-início dos trabalhos.

A obra foi inaugurada em 1914 e presentemente é administrada pelo governo americano. A companhia tem jurisdição sobre a inteira zona do canal, mais oito quilômetros de terra(ou lagos)de cada um dos seus lados.

O canal é a principal "indústria" do Panamá. Toda a economia do país gira em torno dele... além de "ponto de trânsito" da droga vinda da Colômbia, naturalmente! Uma estatística de 1985, mostra que cerca de 25.000 navios transitaram pelo canal naquele ano. O país vive quase exclusivamente dos impostos pagos pela companhia ao governo panamenho. O contrato expirará antes do ano dois mil, mas poucos esperam que os americanos deixarão uma via assim estrategicamente importante,nas mãos dos locais; incapazes de administrar com eficiência,coisas muito menos importantes!

Da cidade do Panamá voltamos à cidade do México, onde ficamos algumas semanas, também por razões de trabalho.

A história desta tem raízes no Império Azteca (1325-1520). A cidade, como a conhecemos hoje, foi fundada pelos conquistadores espanhóis e foi a capital da Nova Espanha por muitos séculos. Hoje é uma das mais populosas do mundo, e também uma das mais pobres.

Como área é também imensa. Comparada com a S.Paulo que conheci 35 anos atrás, mas adicionando a esta áreas adjacentes, que de uma maneira ou outra chegaram aos meus ouvidos, diria que a cidade do México é mais extensa. Tem porém menos edifícios altos(devido ao perigo de terremotos),e tem mais zonas de pobreza. Estas não são exatamente do tipo das nossas favelas, pois devido a altura,a cidade do México tem meses muito frios, daí a necessidade de construções mais sólidas.

O comércio também é sem dúvida mais modesto,pois a proximidade dos USA permite às famílias ricas de lá fazerem

as compras importantes; e o povo mexicano, em geral, menos sofisticado que o brasileiro,em geral. O clima é excelente, sêco, jamais ventanias. Sua altitude é de dois mil e quatrocentos metros.

O México nos faz lembrar Pedro Vargas, Augustin Lara , Maria Felix, Acapulco, Pancho Vila, Mayas, Aztecas, Emiliano Zapata, Diego Rivera,Benito Juarez, Tito Guizar, a virgem de Guadalupe e Cantinflas.

Estas primeira chuvas no Vale do Pó, na Itália setentrional, fizeram-me lembrar daquelas passadas viagens pela América Central.

Faz muitos anos que numa noite de outono, cheguei em Viena. Foram os lixeiros que seguiam, a pé, uma carroça da limpeza pública, puxada por cavalos, que indicaram-me o caminho da Hauptbahnhof(estação ferroviária central), à beira de um dos canais do Donau(Danúbio).

É segredo conhecido de todos, que quando chega-se pela primeira vez numa cidade da Europa, nas condições em que eu viajava naqueles anos, era e é justamente na zona das estações ferroviárias onde nos podemos melhor arranjar. Nada parecido, naturalmente, com as estações ferroviárias e adjacências, que conhecemos nos países em desenvolvimento.

Nas vizinhanças daquelas, encontramos praticamente tudo. Hotéis, restaurantes a bom mercado, locais de divertimento, jornaleiros, informações turísticas e assim por diante. Sempre com a vantagem que tudo, ou quase, permanece aberto noite a fora, assim como nos fins de semana.

Nos anos sucessivos fui outras vezes a Viena. Nas últimas viagens, juntamente com Diva, para quem Viena é a capital da valsa, dos doces de "schokolade"(chocolate), da "Kaiserina "Sissi, Imperatriz dos 1800, casada com o Imperador Franz Josef; e de tantas outras coisas românticas, típicas da capital da Áustria. Esta é chamada pelos seus nacionais de Osterreich("país do leste").

*

Cerca de 2.000 anos atrás, a área onde está hoje Viena foi chamada pelos Antigos Romanos de Vindobona(bom vinho). Era então um "castrum"; espécie de cidade-colônia de Roma, sob Augusto.

Localizada no extremo leste dos Alpes, Viena está sobre uma série de colinas chamadas "Wienerwald"(bosques de Viena). Sobre algumas delas, produz-se ainda bom vinho, daí o nome dado pelos Romanos. E um dos divertimentos dos presentes vienenses, é freqüentar as chamadas "casas do

vinho", instaladas justamente sobre as colinas, onde ficam horas na frente de um copo de vinho branco; "bebida nacional" da Áustria, como a cerveja é na Alemanha.

Nas vizinhanças de Viena, em 1683, os turcos do Império Ottomano, depois de muitas batalhas vitoriosas, tiveram que admitir que a Europa não era assim fácil de ser conquistada, devendo retirar-se com grandes perdas; deixando nos abandonados campos de batalha, sacos de uma estranha "semente", a qual subseqüentemente tornou-se famosíssima em toda Europa: o café. Dizem os historiadores que a introdução do café na Europa, foi produto desse tentativo de invasão dos turcos, sob o grande Suleiman I.

Quando, em 1918, no fim da primeira grande guerra, caiu a monarquia danubiana(Império Austro-Húngaro, do qual fez parte a anteriormente citada imperatriz Maria Theresa), Viena passou então a ser conhecida como a "capital das ciências sociais". Finalmente, o mundo começou a preocupar-se séria e cientificamente, dos problemas dos "médios"... científica e filosoficamente aceitando o fato que as duas classes que tradicionalmente representaram, por milhares de anos, o grosso da nossa espécie - ricos e pobres -, ocupando cada uma um extremo, não tinham caráter exclusivo ou permanente.

*

São muitos os marcos da cidade de Viena conhecidos na Europa, assim como, talvez com menos evidência, em outros continentes. Temos a catedral de Santo Estevão - padroeiro da cidade -, construida em 1385; marco que representa seu principal símbolo. Temos o Schönbrunnerschloss (castelo de Schönbrunn, ao qual referi-me no capítulo sobre Versalhes). Temos a Spanischereitschule(Escola Espanhola de Equitação, chamada espanhola porque os cavalos brancos nela usados, foram trazidos da Espanha; por sua vez descendentes daqueles introduzidos pelos árabes, durante as invasões da Espanha por estes, na Idade Média). Temos a Staatsoper(Ópera de Estado), que é também a sede da Wienerfilarmonik(Orquestra Filarmônica de Viena) e dos Wienersangerknaben (Meninos Cantores de Viena).

A cidade em si, é rica de construções do tardo período

Barroco. É um estilo arquitetônico que prevaleceu, aproximadamente, dos fins do século XVI aos meados do XVIII ("estilo"evidente também na música e na pintura)e que nota-se na fachada de quase todos os edifícios da cidade,e que com maior refinamento, transfere-se dentro dos mesmos.

Felizmente, Viena sofreu pouco durante as duas grandes guerras. É a cidade onde a Europa"ficou parada"nos 1800. Como Paris e Praga, um visitante pode divertir-se somente andando pelas ruas e praças. Observando as construções, e se bastante interessado por arquitetura - como é o subscrito -,fazendo o chamado "facade watching"(observando fachadas). Notando tantas particularidades interessantes,incluindo placas anunciando que "neste prédio viveu (ou morreu) tal personagem do passado".

Assim é que (1)a sua arquitetura, (2)a valsa, e (3) o fato que alguns dos maiores compositores clássicos fizeram de Viena seu local de trabalho, formam a "trindade" das coisas pelas quais a cidade é internacionalmente conhecida.

Vivaldi, Haydn,Mozart,Beethoven,Schubert,Brahms,Bruckner, Mahler, Johann Strauss, Franz Lear e outros, tiveram os anos de maior criatividade em Viena. O ambiente, sempre importante na criação das obras d'arte, teve parte preponderante. Alguns destes gênios morreram e foram aqui enterrados. O "Zentralfriedof"(Cemitério Central) e o "St.Marxerfriedof"(Cemitério de S.Marcos), são atrações turísticas.

Muitas das casas onde aqueles compositores viveram, estão ainda em pé. Na verdade, não são assim velhas,e certamente terão vida mais longa que todos nós! Tomando uma delas como exemplo, onde Beethoven morou, data do fim do século XVII. Visitando-a, sabemos que foi somente uma das tantas onde o gênio de Bonn viveu, pois a surdez o obrigava "martelar" o piano, e os vizinhos certamente reclamavam! Mas a sensação que temos, quando dentro delas, é de emoção, tristeza e euforia. Acima de tudo, sentimos a insignificância do fator tempo. Dentro daqueles muros, tais como se apresentam hoje, talvez com a única exceção de adicionais mãos de cal, muitas obras sinfônicas foram criadas. E se o leitor destas "Notas", não conhecedor da música clássica,quizer sentir a emoção que possa ser sentida, o convido a ouvir uma delas (ver lista no fim deste livro).

Mas Viena não é somente música. É a cidade de Segmund Freud(1856-1939); pai da psicanalise moderna. Digo "moderna", pois os egípcios, já durante as Dinastias,conheciam certos aspectos da psicanalise. Freud,porém,juntamente com alguns dos seus contemporâneos, abriram um campo novo no sempre-presente tabu que é a psique. A psicanalise moderna ficou sendo um marco importante na história do homem, abrindo novos horizontes, num processo que malgrado seus aproximados cem anos, está ainda na mais tenra das infâncias.

Viena nos faz também lembrar da madrugada de 12 de março de 1938, quando as tropas nazistas da Alemanha,iniciaram "uma visita de cortesia", invadindo a Áustria.Arthur Seyss-Inquart, político de tendências nazistas,julgado e condenado à morte no processo de Nürnberg, e que lutava para trazer o nazismo à sua Áustria,havia preparado a invasão, a qual foi chamada "Osterreichsanschluss"(anexação da Áustria). Posso imaginar o centro de Viena, como mostram antigas fotos e documentários, coberto de cartazes, dizendo: "EIN VOLK,EIN REICH,EIN FUHRER" (um homem, um(só)governo(aquele de Berlin) e um só lider(Hitler).

Na Opernring(Boulevard da Opera)está ainda em pé o edifício que hospedou a sede para a Áustria do REICHSSICHERHEITSHAUPTAMPT(Departamento de Alta Segurança do Reich).

Algum leitor destas "Notas" poderá estar perguntando, por que as palavras alemãs são tão longas! A resposta é que trata-se de diversas palavras escritas juntas.Aquela acima é composta de:REICH(governo,país),SICHERHEIT(segurança), HAUPT(alta) e AMPT(departamento,seção). Como se na nossa língua escrevêssemos, numa só palavra :DEPARTAMENTOESTADUALDESEGURANÇAPÚBLICA !

*

Para nós que visitamos Viena "uma vez cada morte de Pa
pa" - para usar uma expressão muito popular na Itália ,
o principal objetivo é caminhar pelas ruas, quando o fri
o é suportável; re-visitando Palácios e Museus. Procu-
rando mentalmente re-construir o retrato de uma His
tória relativamente recente,como foi aquela do Império A
ustro-Húngaro. Tirando ensinamentos novos, ou modifican-
do aqueles que pensávamos definitivos. Em suma, turismo
e viagens, no fim das contas, é o prazer de ganhar ins -

trução !

Um encontro que não perdemos em Viena é com a valsa, num local estilo século XIX, onde passamos horas dançando, comendo, bebendo e ouvindo valsas e trechos e Operetas dos inúmeros Strauss. E naturalmente a famosa"An der Schönen Blauen Donau"(Danúbio Azul), a qual é considerada pelos Vienenses como um "segundo hino nacional",e não permitem a dança ao som dela. Diva diverte-se muito; eu menos. Mas ela merece que eu faça todo o possível para vê-la feliz e contente. São muitas as vias que podem conduzir um homem, como fui nestes últimos 40 anos, pelo menos ao "purgatório"!

Naquela viagem, de Viena fomos a Linz, costeando o Danúbio.Viagem extraordinariamente bela. O Danúbio é um dos grandes rios da Europa. Nasce na Alemanha, atravessa a Áustria, Hungria e Iuguslavia. Separa a Romênia da Bulgária, costeia parte da URSS, e finalmente desemboca no Mar Negro.

Entre Linz e Salzburg, visitamos o KONZENTRATIONLAGER (ex-campo de concentração) de Mauthausen,fazendo-nos lembrar - se preciso fosse ! -, quanto o homem pode ser cruel e mesquinho.

Em seguida,visitamos Salzburg, cidade natal de Mozart, passando depois por Insbruck, de onde cruzamos os Alpes e re-entramos na Itália pelo Passo do Brênero.

XXXIII

Neste capítulo,gostaria de lembrar coisas e fatos da nossa longa experiência no norte da África, contando primeiro uma pequena estória ouvida em S.Luís do Maranhão, onde tinha estado anos antes.

O Maranhão é a terra do nosso grande compatriota Antonio Gonçalves Dias(1823-1864)("Minha terra tem palmeiras...onde canta o sabiá..."). Foi também um dos poucos Estados - talvez o único -,a não aceitar imediatamente a independência do Brasil,em 1822.Coisa que nem todos os brasileiros sabem ! Sua capital - S.Luís -,foi fundada em 1612 por um oficial da marinha francesa, que homenageou assim Louis XIII, rei de França. Em 1615, S.Luís foi capturada pelos portugueses, e no intervalo entre 1641 e '44, passou a ser colônia holandesa. Finalmente , em 1645, voltou sob o domínio de Portugal.

Na época que lá estive, S.Luís era uma cidade feia, miserável, suja, pestilenta e sem recursos. Talvez uma das piores do nosso nordeste. Não era, todavia, concorrente à pior cidade que tinha até então visitado: Port-au-Prince, capital do Haiti;naquela ilha do Mar das Caraíbas dividida entre Haiti e República Domenicana.

O Haiti foi o segundo país, nas três Américas (depois dos Estados Unidos), a tornar-se independente(1804).Deve ser o mais pobre do ocidente,mesmo se lá encontramos uma daquelas anomalias típicas de certos países em desenvolvimento: a existência dos dois extremos sociais, verdadeiramente marcados como jamais observei nas minhas viagens. Extrema pobreza, e ao lado dela, hotéis de grande luxo para estrangeiros.

O turista estrangeiro é "fechado" dentro do recinto murado daqueles hotéis,onde pode usufruir de quase todos os confortos e facilidades. Uma das atrações é o permanente grupo de músicos exibindo,ao ar livre, as alegres melodias daquele país; geralmente ao lado de piscinas . Enfim, fazer turismo no Haiti,significa hospedar-se num daqueles luxuosos hotéis, frequentar bar e piscina e ouvir música... tudo rodeado da mais terrível miséria além dos muros. Uma última recomendação para quem vai ao Hai

ti: não por pés fora do recinto do hotel, a menos que a-
companhado(a pagamento!) pelos ex-"ton-ton macutes"(po-
liciais do ex-regime ditatorial de Doc"Papá"Douvalier).
Digo por experiência, pois não querendo ouvir conselhos
daqueles que destas coisas sabiam,aventurei-me um dia pe-
las ruas de Port-au-Prince. Felizmente, na minha caminha
da,encontrei um refúgio de emergência num restaurante re-
servado a estrangeiros,livrando-me de uma horda de agres
sivos pedintes. Daquela categoria que ousa puxar o "cli-
ente" pela roupa,enfiando mãos nos bolsos e fazendo ame-
aças sérias. Paradoxo, todavia,é o fato que não existem
assaltos como os conhecemos em outros países.

Mas voltando a lembrar S.Luís do Maranhão, devo pensar
na sociedade de Liverpool,na Inglaterra,para quem eu tra
balhava,a qual tinha justamente filial em S.Luís, assim
como em outras cidades do nosso norte/nordeste.
Até aqui, nestas poucas linhas deste capítulo,o leitor
foi mentalmente "levado" do norte da África ao Maranhão;
deste ao Mar das Caraíbas e depois à Inglaterra... final
mente "voltando" ao Maranhão! Um discreteado exercício
de geografia!

•

A filial de S.Luís era uma Agência de navegação funda-
da na década dos '30. Seu pessoal tratava do desembarque
de produtos importados da Inglaterra,e de recolher carga
para a Europa, usando navios da companhia como meio de
transporte. Um dos meus trabalhos consistia em viajar na
quelas regiões do Brasil, fazendo auditorias.

O melhor hotel da S.Luís de então, não muito distante
do improvisado porto - o qual na maioria do tempo não
podia ser utilizado pelo efeito da maré -, era um daque
les que ofereciam pouco conforto. Estava localizado na-
quilo que os locais chamavam "esquina do vento".Único es
paço onde fosse possível respirar naquela tórrida cidade.
Manaus,Belém e Natal tinham a reputação de ser mais quen
tes, mas não pareciam tão quentes quanto S.Luís. Mas o
insuportável calor (do qual sou permanente adversário!),
agregava outro ingrediente: os famosos insetos "lacerdi-
nhas", assim chamados "em homenagem" a um político brasi

leiro muito popular naqueles anos: Carlos Lacerda.
Depois do jantar, durante o qual era preciso espantar
quantidade de moscas - o mais sujo dos insetos, mas que
infelizmente não parece dar grande distúrbio no Brasil e
na América Latina em geral, malgrado o fato que simples
finas redes em portas e janelas evitariam a entrada!-,os
hóspedes sentavam-se na "esquina do vento", à procura de
um pouco de ar. Formava-se uma roda. A maioria dos hós-
pedes eram caixeiros viajantes.
Entre eles, havia um muito falante. Daqueles tipos que
em tais ocasiões dominam a audiência. Era um homem gor -
do, com bigode que chegava ao queixo; calvo, nos seus a-
vançados sessenta anos. Chamava-se Chain.
Aos novos e velhos companheiros de roda, ele contava
ser veterano na zona, onde há 40 anos visitava clientes,
portanto conhecidíssimo, segundo ele. E para confirmar
tal fato, contava a estória de um exercício de caça na
ilha do Marajó(foz do Amazonas). "...a um certo ponto",
dizia ele,"...no meio da densa vegetação da ilha,dei com
um papagaio sobre um galho". Entreolharam-se. "...levan-
tei a espingarda e apontei ao bicho. Este, levantando a
perninha, disse: ' não seu Chain, não é o caso'. A des
crição do fato era feita com seriedade e convicção. Con-
firmava quanto o Chain era conhecido na zona!

Os tunisianos e norte-africanos em geral - e aqui está
a similaridade com o amigo Chain -, têm também grande
propensão aos exageros e às atitudes de fanfarronice.Sem
malícia,sem maldade,mas é precisa característica dos po-
vos que habitam aquela região da África.
Mas com os negócios, que eram os motivos que nos leva-
vam à Tunísia, tal característica nos criou uma contínua
série de problemas. Para mim e para os americanos que fa
ziam parte do grupo de "missionários".
Vindos dos USA, e depois de passarmos algumas semanas
no norte da França, chegamos ao aeroporto de Tunis no co
meço do outono europeu de 1969. Aquela experiência esta-
va destinada a durar nove anos, durante os quais fizemos
longas e menos longas viagens à Europa e aos Estados Uni
dos. Talvez vinte delas.
No avião que estava para aterrisar no aeroporto " La
Goulette",nas proximidades da capital da Tunísia(Tunis),
dizia à Diva "que o pessoal da F. talvez nos esperasse
com um par de camelos,prontos para ser montados". De fa-
to, camelos nas vizinhanças do aeroporto não faltavam.Al
guns sob a guarda dos seus condutores; outros soltos,nos

campos, mastigando o "prato preferido" deste animal: espinhosas folhas de cactus(planta dos deliciosos figos da Índia).

Aos lados dos primeiros, estavam os velhos e maltratados táxis - estilo anos '40 -, cujo taxímetro,por falta de alguém que os reparasse, tantas vezes não funcionavam. Felizmente , os tunisianos carecem daquela agressividade que notamos em outras áreas do mundo. Gente pouco educada e pouco instruida; humildes e complexados face ao estrangeiro.

Aquele nosso espírito alegre da chegada à Tunísia, porém, estava destinado a durar pouco! Entre o Estado de Ohio, nos USA, onde tínhamos morado desde 1964, e de onde tínhamos iniciado a viagem, e a Tunísia,havia naturalmente um "abismo". Da dificuldade em encontrar uma casa ou apartamento decente, aos supermercados mal supridos ; do forte cheiro dos velhos esgotos que invadia constantemente a cidade, ao tórrido clima durante grande parte do ano(de Março a Outubro); da distância que separava a cidade de Tunis do Golfo de Bizerta - onde a fábrica e escritórios da F.estavam localizados -, à mentalidade fatalista do povo. Eram alguns dos problemas que tinham que ser aceitos e enfrentados.

Tantas vezes eu e Diva chegávamos a tal ponto de desespero, sem saber a qual Santo pedir auxílio! Dos mesmos problemas sofriam os demais "missionários"(Americanos e Franceses).

O operário encanador, depois de desmontar uma pia, não sabia como remontá-la! Descobríamos então que o suposto "encanador", na realidade era um sapateiro. O homem que vinha montar redes contra mosquitos, usava um metro torto, e assim as redes nunca podiam ser encaixadas nas janelas. Um dos desesperos da Diva era a pequena caldeira a carvão coke que tínhamos na cozinha. Servia(quando funcionava!) para esquentar o apartamento durante o curto mas úmido inverno. Os Romanos de hoje dizem que "quando você está em Roma...faça como fazem os Romanos". E em Tunis, o sistema de calefação era aquele. O velho e simpático porteiro, chamado Hadge, com seu fez vermelho na cabeça, raramente ocupava-se de alguma coisa.

Mas a Tunísia tinha também um coisa boa: a enorme quantidade de peixe fresco à venda nos mercados. Nunca tínhamos visto(e nunca mais vimos)tal extraordinária fartura. Pescado naquela área do Mediterrâneo menos inquinada , pois menos industrializada,que é o Golfo de Gabés. Nos

nove anos que lá ficamos, devemos ter comido meia tonelada dele! Feito no forno, ao óleo de oliva,e olivas semi tostadas, e tudo regado ao excelente vinho branco local.

*

Eu tinha aceito o cargo e era preciso vencer as dificuldades e adaptar-me àquelas situações. Sabia de antemão que a coisa não seria fácil, mas com o interesse que tinha para conhecer parte do mundo árabe-muçulmano, mais as atraentes vantagens pecuniárias,era oportunidade que não podia ter sido passada. Alguns americanos, colegas na F.,com prioridade para aceitar tal cargo,refutavam-se transferir-se àquele mundo semi-civilizado. Não era meu caso,porém; sempre à procura do novo,do incerto e do desconhecido,onde estão os verdadeiros melhores momentos da vida. Aqueles que realmente contam !

Cerca de um ano antes, um dos irmãos F. tinha encontrado o então presidente da Tunísia, Habib Bourguiba,em Monrovia, durante a festa nacional da Libéria, onde a companhia tinha uma imensa plantação de seringueiras, da qual dependia e depende ainda, a economia do país. A Libéria, na costa ocidental da África, existe como país desde o fim do século passado. Foi fundado e organizado por colonizadores americanos, os quais levaram para lá, dos Estados Unidos, negros, ex-escravos, então recentemente liberados. Para todos os efeitos práticos, a Libéria é considerada como "fundada por ex-escravos americanos". A moeda nacional é o U.S.Dollar e a bandeira, como a americana,mas com uma só estrela.

Do citado encontro,tinha nascido a idéia de montar uma fábrica de pneumáticos na Tunísia,justamente numa zona aflita por alta desocupação, como era o território nas imediações da cidade de Bizerta.

Máquinas dos anos '30 ocuparam os pavilhões de um velho arsenal, que no tempo do domínio francês da Tunísia - do fim do século XIX até 1956,quando o país ganhou sua independência -, tinha também servido como caserna da Legião Estrangeira.Estava localizado na ex-base Naval de Sidí Abdallá.

*

Um dos meios comuns usados por homens de negócio dos países desenvolvidos, era e é aquele de transferir, às filiais em países em desenvolvimento, "Ativo Imobilizado". Deste fazem parte, por exemplo, maquinários totalmente depreciados, pois usados por longos períodos. Superados também tecnicamente, mas faturados a tais filiais a preços que nada têm a ver com o valor dos mesmos(contabilmente: zero). É um "sistema" para ganhar dinheiro que funciona sempre! Faz parte da velha estória das "ajudas" aos países em desenvolvimento, as quais - com exceções -, visam o lucro, a política, ou ambos, como verdadeiros e camuflados objetivos.

No caso aqui em questão, de uma lado a operação daria trabalho a populações cronicamente desocupadas(cujo custo ao homem de negócio fazia simplesmente parte da operação). Do outro lado, para pagar ditos maquinários - que realmente tinham valor "zero"mas eram faturados a 100 -, o país em desenvolvimento(no caso, a Tunísia) mandava ao exterior sua moeda forte. Recolhida com sacrifício, através do Turismo e com a exportação de alguns poucos produtos, como o óleo de olivas, vinhos e tâmaras secas.

O caso em questão, porém, não é exceção nem especial. São fatos que acontecem desde que o mundo é mundo; o fazem todos: americanos, ingleses, franceses, alemães, italianos e talvez hoje, também brasileiros, quando investem no exterior(África Ocidental, por exemplo), independentemente do fato que são eles mesmos vítimas das mesmas "manobras". Similar situações acontecem, por exemplo, com alguns países do leste europeu(Polônia, Hungria, Tchecoslováquia), recentemente encoragiados pelos USA e Europa ocidental a abandonar a ideologia do comunismo, e entrar no mundo do mercado livre capitalista. Aparentemente, foi a ideologia comunista que preocupava americanos e europeus. Na verdade, a real intenção era de conquistar novos mercados.

Dois dos maiores exemplos da "manobra", ocorridos neste século, foram (1) o Plano Dawes, destinado a ajudar a Alemanha, depois da primeira grande guerra(1914-18), e (2) o Plano Marshall, que teve como objetivo a reconstrução da Europa, depois da segunda grande guerra.

"Levantar o doente da cama e o fazer novamente são... para satisfazer uma obrigação "moral"... e ao mesmo tempo...para que ele, no futuro, continue comprando remédios".

A grande verdade é que nos negócios, na política e nas

chamadas "ajudas aos países em desenvolvimento", com raríssimas exceções, ninguém faz nada por nada. Não obstante, uma grandíssima parte da humanidade, devido à falta de experiência ou pura ignorância, continua sendo vítima de tais "manobras". É o preço que os países em desenvolvimento devem pagar para sair - nem sempre, porém -, do buraco, por vezes sem fundo ! É preciso todavia lembrar, que também alguns países hoje desenvolvidos, como os Estados Unidos, por exemplo, quando em desenvolvimento, tiveram que pagar um preço.

Aquilo que venho de lembrar, ao paciente leitor, nos parágrafos acima, a contas feitas não é uma crítica aos países desenvolvidos. Esta seria absurda, como absurda seria a pretensão que todos os homens fossem ricos, ou que tivessem dois metros de altura! Trata-se simplesmente de uma característica da nossa espécie, e uma das suas infinitas imperfeições.

*

A atração que sentia pelo mundo árabe-muçulmano não podia, todavia, ser limitada à sua história, aos seus costumes e filosofia de vida dos seus povos, sem que o interesse fosse também estendido à sua religião: o Islamismo ou Maometismo. Seus adeptos são chamados muçulmanos.

Abro um parêntese para lembrar ao leitor, que no oitavo século D.C., os muçulmanos estavam para invadir a Europa Central, passando pela França, mas foram batidos na batalha de Poitiers. Se tivessem ganho aquela batalha, tal - vez a inteira Europa - hoje preponderantemente Cristã - poderia ter sido feita parte do mundo muçulmano. E assim talvez seriam os países do mundo novo, colonizados por europeus; e assim seríamos nós hoje. Portanto, pertencer a uma religião ou outra, é simplesmente um fato resultante dos fatos da nossa História. Esta também cita exemplos de casos, onde a conquista dos exércitos foi seguida da conquista das religiões. No caso inverso, uma civilização em declínio, significava também aquele da religião.

*

Entre o nosso apartamento,em Tunis,e meu local de tra-
balho, numa pequena cidade do norte da Tunísia, chamada
Menzel Bourguiba, nas imediações do porto de Bizerta, e
relativa volta,havia um espaço diário de tempo de quatro
horas de viagem. Representavam 100 horas ou mais por mês
que deveriam ser aproveitadas. No automóvel,eu levava al
guns funcionários da F. que moravam também em Tunis.
Considerada a importância e a influência do Islamismo
sobre os povos que abraçaram tal religião - às vezes le
vadas aos extremos do fanatismo, mesmo se não exclusivi-
dade deles, pois não nos devemos esquecer da Inquisição
Cristã, nem tão pouco dos Ortodoxos hebreus -,meus com-
panheiros de viagem eram uma rica fonte de informações.
Deles, durante os nove anos que moramos na Tunísia,muito
foi aprendido. Ou pelo menos, dissipadas foram tantas dú
vidas que no arco da vida nos são difíceis resolver.O ca
ráter espontâneo, desprovido de rigor e pouco convencio-
nal daquelas longas trocas de idéias, dentro do automó-
vel, era um instrumento não negligente de aprendizado.Mi
nha curiosidade pelo Islamismo, porém, não era inferior
à curiosidade deles pelo Cristianismo.

As várias "correntes" do Hebraismo - inúmeras e for-
temente contrastantes, principalmente entre aqueles(Orto
doxos) que condenam a criação do Estado de Israel, pois
segundo estes,somente o esperado e futuro Messias poderá
fazê-lo;e aqueles que vêem nela a própria redenção(Sio -
nistas),pois representa re-criação do Império de David;
ou entre aqueles hebreus que absorveram os fatos da Diás
pora (dispersão dos hebreus pelo mundo), como novos cos-
tumes, novas idéias e uma nova concepção do Judaísmo, e
aqueles que combatem tal integração; ou entre aqueles
fieis observantes da Torah,(do Talmud e do Pentateuch),e
aqueles proclamando que as milenárias Leis desses milená
rios documentos religiosos,já não satisfazem as necessi-
dades do mundo moderno(maioria dos Hebreus americanos) ;
ou entre aqueles que observam o Sabatt(Sabado) como dia
Santo e de repouso, e aqueles que ao invés, favorecem o
domingo; para citar somente algumas das profundas diver-
gências entre as várias "correntes" do Hebraismo -,vêem
o Cristianismo como religião "menos importante", pois a-
lém desta ter nascido da primeira, é para eles "nova" -
nascida 2.000 anos depois. O Cristianismo,por sua vez,vê
o Islamismo da mesma forma, pois esta nasce 600 anos de-
pois. E o Islamismo, por sua vez, vê ambas - Judaismo
e Cristianismo -, como antiquadas,pois é a mais "moder-

na" das três ! Diz Antoine Laurent LAVOISIER(1743-1794)
"...mesmo se as religiões continuamente disputam-se qual
entre elas detem a posse da verdade ".
Tudo somado, Judaismo,Cristianismo e Islamismo têm his
tória bastante comum, e todas, através dos séculos, pro-
gressivamente reformando-se e diversificando-se, como os
ramos de uma tronco-mestre. E os conflitos entres elas -
menos ásperos agora que no passado, quando comandavam in
fluência importante sobre o pensamento e ações do homem
- ,são menores que a ignorância e a populaça construi -
ram. Todas três têm comum origem em Abraão, e todas três
são monoteístas; e todos os seus principais profetas:Moi
sés,Cristo e Mohamed,pregaram harmonia entre os homens..
mesmo se com pouco sucesso, quando pensamos naquilo que
a nossa espécie fez nestes últimos 4.000 anos !

O Islamismo, fundado por Mohamed cerca de 200 anos de
pois da queda do Império Romano no Ocidente - e da con
comitente invasão de Roma,em 410 D.C. pelos bárbaros -
foi levado a muitas áreas da Terra então conhecidas.Prin
cipalmente através de meios e métodos similares àqueles
usados pelo mesmo Cristianismo: as guerras de conquista.
O grande e louvado trabalho dos Missionários,em todos os
tempos, teve e tem um menor impacto.
Foi a potência da Antiga Roma, a partir das conquistas
feitas por Caio Júlio César(primeiro século A.C.) - mes
mo se na época em que este dominou Roma o Cristianismo
não existia -, até seus últimos imperadores no ocidente
(quinto século D.C.), o veículo que favoreceu a expansão
do Cristianismo. Não foram eventos sempre concomitantes
sob o ponto de vista do tempo, mas eventualmente sucessi
vos. Em outros casos, como nas conquistas feitas pela An
tiga Pérsia sob os Ciros e Darios,assim como naquelas de
Alexandre Magno, a religião local foi deixada intata. a
fim de favorecer um melhor controle dos súditos. Mas não
por muito ! pois a religião dos conquistadores, através
dos seus intérpretes(ou "intermediários" entre Deus e o
homem),mostrou-se sempre anciosa de conquistar novos a-
deptos, e com estes, maior poder.
Quando Constantino, o primeiro imperador Cristão de Ro
ma, foi eleito pelo Senado, o Império estava feito e con
solidado. Pronto para receber,ou consolidar, a religião
dos conquistadores nas suas mais longínquias Províncias.

À semelhança,tais processos refletiram-se também na ex
pansão do Islamismo. Foram, em todos os casos, fenômenos

que representaram um dos grandes paradoxos de todas as
religiões , e conseguintemente,da nossa civilização;o po
der, os soldados, as guerras, as torturas,as conquistas,
as perseguições e a morte, "aplainando o terreno" para
a introdução daquelas, através de tudo aquilo que as re-
ligiões,elas mesmas, tradicionalmente combateram e comba
tem. Espécie de introdução da fé através da espada!

Podemos tomar o exemplo da América Latina: se ao invés
de portugueses e espanhóis,tivéssemos tido o Império Tur
co-Ottomano como conquistadores, hoje, ao invés de ser-
mos povos prevalentemente Cristãos, poderíamos ser pre-
valentemente Muçulmanos !

Outro exemplo foi a Antiga Roma. Se ao invés dela, ti-
véssemos tido a Espanha como sede de um Império e das
conquistas, o Vaticano poderia estar hoje em Madrid! De
vemos portanto admitir que a sede da religião Católica A
postólica Romana está hoje em Roma,e não em Madrid,ou em
Berlin, ou em Londres, porque Roma representava o poder
no tempo de Cristo. Poder e religião, a última seguindo
o primeiro, foi uma das mais marcadas características da
nossa civilização.

O homem, do comum ao letrado, todavia, não importa a
qual extração social pertença, e não importa se dado ou
não a uma religião ou a supertições,precisou sempre crer
num Ser, ou numa coisa, à qual destinar seus pensamentos
e seus pedidos, nos momentos de ansiedade e sofrimento.

E nós , seres humanos com experiência no calvário da
vida, bem conhecemos quantos são estes momentos !

*

Mohamed(570-632 D.C.),fundador e profeta do Islamismo,
descendia de uma rica tribo(Quarishitas), uma das mais i
lustres famílias árabes, príncipes da Mecca (hoje cidade
da Arabia Saudita). Seus pais chamavam-se Abdallah e Ami
na, nomes que, juntamente com Mohamed,são ainda muito co
muns no mundo árabe, e não somente entre árabes-muçulma-
nos, mas também entre árabes-cristãos.

No linguajar popular da antiguidade, o contrato de ma-
trimônio entre Mohamed e sua esposa, Khadigia, define o
marido "como o mais perfeito da tribo", mesmo se analfa-
beto durante os primeiros vinte anos de vida. Não obstan
te,a natureza do ser humano estava aberta aos seus olhos

como consequência dos ensinamentos e da influência de
seus pais e do ambiente. Mohamed confronta as religiões
existentes - principalmente o Judaismo e o Cristianismo.
Descobre aquilo que nestas,segundo ele, há de negativo ;
observa com indignação a degeneração moral e religiosa
daquele período que seguiu a queda do Império Romano. De
cide de unir sob o Islamismo as virtudes do povo árabe.

A cidade da Mecca era uma concentração de peregrinos ,
e Mohamed pensava que o contato com estes, enriquecia a
inteligência.

Passados quase 1.400 anos dos seus dias, o Islamismo a
trai ainda à Mecca uma imensa quantidade de peregrinos.É
um dever, segundo essa religião, que cada muçulmano de-
ve cumprir pelo menos uma vez na vida. Peregrinação cha-
mada "Hadge". O Santuário da Ka'aba(Cubo), hoje na gran-
de Mosque da Mecca, já existia antes do Islamismo. Na Ka
'aba encontra-se a "grande pedra preta", que é venerada
pelos muçulmanos. A Mecca é para eles aquilo que o Vati-
cano é para os Católicos Apostólicos Romanos, mas obvia-
mente não para toda a Cristandade, pois os vários ramos
do Protestantismo não o reconhece. Os Hebreus não têm e-
quivalente, excepto pelos restos(muro)do Templo,em Jeru-
salem.

Foi Abu-Bakr(outro nome comum no mundo árabe), suces -
sor de Mohamed, que no fim do VII século D.C., recolheu
os "escritos" do Profeta e publicou o Koran,que é um com
pêndio das "Leis Religiosas" do Islamismo. Similar àqui-
lo que a Bíblia(Novo Testamento) representa para os cris
tãos, e a Bíblia(Velho Testamento), Torah (Talmud,Pen-
tateuch),representam para os hebreus.

Como o Hebraismo e o Cristianismo,o Islamismo nos seus
1.400 anos de vida,sofreu uma série de reformas e desmem
bramentos.Nenhuma destas religiões guarda mais que uma a
proximação daquilo que foi ensinado e pregado no início.
E nos próximos séculos distanciar-se-ão sempre mais. Di
zem os expertos na matéria, que se por exemplo os doze A
póstolos visitassem hoje o Vaticano, perguntariam " qual
o nome da divindade adorada naquele rico templo... com a
queles estranhos e misteriosos rituais e liturgias... tu
do tão diferente do Cristianismo primitivo e simples ...
dos mártires e das catacumbas...que eles conheceram".

*

Um dos meses adotados pelo calendário Islâmico é chama
do Ramadam - o nono do calendário. Nele, uma grande par
te dos muçulmanos observa um absoluto jejum entre o nas-
cer e o pôr do sol. Em seguida, principalmente quando o
Ramadam coincide com o verão - pois varia de ano em a
no devido ao calendário lunar usado por eles -, e duran
te todo aquele mês,o povo abusa da mesa,do álcool, do ta
baco e do sexo.

Cansado pelo efeito do precedente longo jejum,pela dis
persão de energias durante a noite e pelo calor, o muçul
mano crente inicia um novo dia, desconcentrado na mente
e o no físico.

Para nós, estangeiros na Tunísia,muito preocupados com o trabalho e pouco com aquela longa festa de sacrifícios e prazeres, o mês de Ramadam nos trazia ulteriores problemas. Os horários da fábrica e escritórios tinham que ser adaptados à realidade da situação; geralmente das 7 às 13. Depois das onze da manhã, pelo efeito do jejum iniciado com o nascer do sol e das extravagâncias noturnas,notava-se que empregados e operários estavam alheios à mais rudimentar realidade. Alguns simplesmente deixavam cair a cabeça sobre a escrivaninha; na fábrica, enfiavam uma mão dentro de uma máquina. A produção e a produtividade eram grandemente reduzidas e não havia alternativas práticas àquela situação anômala (para nós!)-,absolutamente normal para os locais. Quando tínhamos que explicar aos acionistas, nos USA, os resultados daquele fatídico mês, era preciso fazer recurso a toda a nossa imaginação e fantasia. Os americanos,diga-se de passagem, certamente não são "campeões" quando trata-se de compreender e aceitar que existem culturas diferentes da própria !

Nos territórios afastados da cidade de Tunis, como era aquele de Bizerta, o povo era de um extraordinário extremismo no seguir os ditames do Koran,e não havia razão ou motivo que os fizesse aceitar exceções.

Com o aproximar-se do Ramadam e das suas festas, empregados e operários faziam pedido de "adiantado" sobre futuros salários. Deviam comprar a tradicional ovelha para ser sacrificada na grande festa da Aíd-el-Seghir, a qual era celebrada nos últimos dias daquele mês. Era preciso comprá-la com antecedência, para ser engordada, e ao mesmo tempo, como mandava a tradição, servir,por algumas semanas como "pet"das crianças.

No meu primeiro ano na Tunísia, usando toda a diploma-

cia que cada caso requeria, procurei convencer alguns empregados, vítimas de extrema pobreza e ignorância, e com grande número de familiares a cargo, de evitar aquele salário antecipado, procurando explicar seus efeitos negativos. Não tive algum sucesso. Eram capazes de empenhar a própria vida,mas a compra da ovelha tinha que ser feita, mesmo se representasse um inteiro mês de salário. O fanatismo religioso era naturalmente mais potente que as mais basilares leis da economia !

No mês que seguia Ramadam,50% do pessoal"caía doente". Desaparecia da circulação! Pouco preocupados com os planos de produção ,com a preparação das contas e do balanço mensal,com as dívidas que tinham pessoalmente contraído para satisfazer as festas noturnas.Ao diabo com tudo! Em seguida, aos poucos, começavam a reaparecer, como estrelas depois de um temporal! Cada um com sua desculpa pre-confeccionada, como a morte do avô (já falecido nos precedentes dois Ramandans!), ou como o nascimento de um novo filho da prima do cunhado do irmão. E era preciso aceitar tudo com bom humor, pois aquele era o ser humano disponível. Não havia outro.

Sob certos aspectos, porém, o Islamismo, com sua sim -
plicidade, é quase imune de certas suspeitas e ambiguida
des, mesmo se tão místico como Judaísmo e Cristianismo .
O Profeta da Mecca refutava a adoração de ídolos e ima -
gens(mesmo caso com o Judaísmo), inclusive a própria,par
tindo do princípio "que tudo que aparece deve necessaria
mente desaparecer" e "tudo que é corruptível(como são as
imagens) deve decompor-se". A predestinação e o fatalis
mo são algumas das bases características dos ensinamen -
tos de Mohamed.

Mas para nós, na área dos negócios, predestinação e fa
talismo eram fatores absolutamente negativos. A generali
zada atitude dos árabes-muçulmanos "que tudo está escri-
to e nada pode ser feito para mudar aquilo que está es -
crito", está radicada na filosofia de vida deles. A gran
de filosofia(com "F" maiúsculo), inclui essa atitude en
tre aquelas típicas do Estoicismo. O estóico, entre ou -
tras coisas, aprendeu a aceitar passivamente e com resig
nação, os bons e os maus fatos da vida. Em palavras sim-
ples, o fatalismo. Ou como diz a massa: "aquilo que está
escrito". Mas também os nossos Evangelhos(Novo Testamen
to), segundo Matheus, Marco, Lucas e João,referem-se mui
tas vezes à expressão: "...porque está escrito".

Atitude exatamente oposta dos ocidentais,principalmen-

te dos americanos do norte,para quem trabalhávamos; onde
nos negócios,vale a agressividade,a ambição e o otimismo
O problema "predestinação", todavia, teve outro gran-
de e conhecido "profeta" no passado, e por sinal, não á-
rabe-muçulmano: o cristão-reformador Jean Calvin (João
Calvino)(1509-1564). Estamos no século XVI, e a Refor
ma da Igreja Católica Apostólica Romana está na ordem do
tempo. Este "ar de renovação",difuso durante a Renascen-
ça, era quase palpável. A esperança de uma reforma, era
naquele século muito sentida pelo povo,mas o Papado, em
Roma, nada fazia de concreto. Um movimento de reforma au
tuou-se então fora daquele e em oposição àquele,mesmo se
o famoso Conselho de Trento,em 1548,convocado por Papa
Paulo III(da família Farnese de Piacenza,cidade a 80 qui
lómetros de Milão), foi um primeiro e tímido passo. Mar-
tin Luthero(1483-1546), monge alemão e "pai" da Reforma,
da qual nasceu a Igreja Cristã Protestante,e"derivadas",
já tinha convertido os Príncipes alemães à sua doutrina.
Não penso seja aqui o caso de prolongar-se sobre a histó
ria da Reforma - parcialmente comentada num próximo ca
pítulo -, mas para voltar à questão da "predestinação",
devo voltar a Calvino.

O Calvinismo foi uma derivação do processo de reforma
inaugurado por Luthero. Apresenta-se como uma novidade
tipicamente francesa, na cidade de Genebra(hoje na Suí -
ça).A convicção dos Calvinistas é idêntica àquela do mon
ge alemão, mesmo se o "profeta de Genebra" toma posição
mais radical. Diz Calvino: "...o cristão é livre de to-
da responsabilidade pessoal no que diz respeito à vida e
terna, pois mesmo antes de nascer, ele é predestinado à
salvação ou à danação".

Portanto, parece que segundo Calvino," tudo já estava
escrito" !

•

Na prática,a predestinação e o fatalismo eram os pio -
res problemas que tínhamos que enfrentar na Tunísia. En-
tre nós,"missionários",dizíamos que era mais fácil trans
formar um elefante em pulga,que fazer os tunisianos acei
tarem novas idéias, mesmo se aparentemente ávidos de me-
lhorar a própria condição material de vida.

Não eram raros os casos em que usávamos as regras abs-
tratas do Islamismo,para chegar a resultados práticos.Tí

nhamos-nos transformado em muçulmanos "por tabela". Ora
aparentemente aceitando a filosofia deles, ora aparente-
mente combatendo a nossa própria, com o objetivo de che-
gar aos desejados resultados econômicos.

As paredes da fábrica e dos escritórios eram cobertas
com "slogans" que exaltavam as palavras do Koran. Especi
almente escolhidas para motivar a mente e o físico , de
quem pudesse encontrar nelas, razão para trabalhar e pro
duzir melhor. A contas feitas, a nossa atitude nada mais
significava que uma espécie de corrupção da mentalidade
local,e dos seus ingênuos e genuínos sentimentos.Como fi
zeram os nossos Bandeirantes com a introdução da "civili
zação" aos nossos índios ! Tentação demoníaca que usa
a fraqueza do ser humano para dar a ele aquilo que este
ilude-se ser melhor. O mesmo processo que usa a TV, mos
trando fabulosas modelos com vestidos,que ao primeiro mo
vimento, têm bainhas despregadas!

•

A distância entre a cidade de Tunis, onde morávamos, e
o ex-arsenal de Sidí Abdalláh, era de quarenta quilôme -
tros de péssimas estradas. Uma dupla aventura diária. Na
estação das chuvas, os rios que as atravessavam,transfor
mavam-se em lagos. O tempo de viagem era assim obrigato-
riamente dilatado. Com freqüência, tinha-se pela frente
rebanhos de ovelhas,ou caravanas de camelos(em árabe cha
mados "al-mahari"). Seus condutores pouco se importavam
com aquele "objeto estranho" e intruso chamado automó -
vel! Carregavam grandes fardos de mercadorias de uma re-
gião a outra do país.

Nas proximidades das aldeias que costeavam as estra-
das, crianças de 6 a 80 anos as atravessavam sem alguma
preocupação. Incapazes de instintivamente realizar que
um veículo a motor podia caminhar mais rapidamente que
um camelo. Nos meses de inverno,quando os dias eram cur
tos, o trajeto noturno de volta a Tunis era uma "roleta
russa". Acontecia também que éramos parados pela polícia
rodoviária, com o único intento de pedir um par de pneus
gratis para o automóvel do irmão(!). Havia casos quando
era preciso ceder,mas sabíamos que aquele policial, uma
vez satisfeito o pedido, não mais se atreveria a nos im-
portunar. Com freqüência estavam na beira das estradas,
ao lado de motocicletas modelo 1935, bebendo chá com al-

gum pastor ou condutor de camelos. Quando passávamos, punham-se em "posição de sentido", como fôssemos o Presidente da República !

*

Carca de 400 operários trabalhavam na fábrica; 35 nos escritórios,inclusive mulheres. Entre 800 e 1000 pneus eram "esfornados" diariamente. Sete dias por semana; 365 dias por ano. A grande procura que havia para satisfazer o mercado local, assim como parte daqueles da Líbia e Argélia, eliminava automaticamente o problema de recuperar o produto das vendas. Potencial dor-de-cabeça,visto o padrão de vida do povo. Era simples: quem não pagava, não recebia outros pneus, e aqueles que tinham abandonado os camelos em favor dos motores,sem pneus não podiam ficar. O nosso contrato com o Governo proibia a importação e outra fonte de produção não existia.

A grande maioria de operários e empregados pertencia à população local, que até pouco tempo antes de chegarmos na Tunísia, ocupava-se exclusivamente da agricultura ou do transporte cameleiro. Os nossos programas de ensino professional dos operários,incluia a vinda de monitores da França. Da Itália, onde a F. tinha também uma indústria, seria mais perto e prático,mas o problema da língua era importante. O francês, depois do árabe, é a segunda língua naquele país, assim como é na Argélia, seu vizinho ocidental.

Outro dos nossos problemas era naturalmente a questão "tempo", pois os árabes foram sempre célebres procrastinadores! Refiro-me ao tempo que deveria ser empregado na construção das várias partes de cada pneu. Como o leitor poderá saber, esta exige a mão do homem tanto quanto o trabalho das máquinas.

Segundo modo de pensar daquelas populações,era difícil compreender por que um determinado trabalho devia tomar 15 minutos e não uma hora. Olhavam com suspeita os encarregados de "tempos e métodos", cuja obrigação era calcular o custo de cada segmento da mão de obra. Os locais diziam que Allâh tinha construido o mundo sem pressa e o tempo era uma "questão de opinião"!

A vulcanização da borracha,inventada por Charles Goodyear(1800-1860) e aperfeiçoada por André Michelin (1853-

1931) e outros, era um enigma para eles. Enfim, o conflito entre a disciplina do trabalho dos americanos e aquela dos tunisianos, era contínuo e nunca foi completamente sanado.

Entre as coisas curiosas daqueles anos,lembro-me de um caso que fez"história", mostrando o grau de ignorância e ingenuidade daquelas populações. Mais que ingenuidade e ignorância, porém, era um fato cultural.

Um operário dos seus 40/50 anos(pois nunca sabíamos exatamente a idade, devido ao duplo uso dos calendários: Gregoriano e Islâmico), até alguns meses antes trabalhador na roça, tinha tido uma desavença com seu colega. Este, durante uma prolongada discussão (pois as discussões naqueles territórios eram sempre intermináveis!), tinha dito ao outro que"sua avó era uma vaca de cinco pernas". Maneira local de ofender. O operário ofendido, abando -
nando os apetrechos de trabalho, subiu aos escritórios e
pediu uma audiência ao Diretor da Fábrica - um americano do Estado do Oregon, que fazia parte do nosso grupo de "missionários" -, ao qual, sob choque,relatou o fato. Este convenceu o ex-agricultor"não ser verdade que sua avó era uma vaca de cinco pernas...mas somente de quatro". O homem voltou ao interior da fábrica todo satisfeito.

A ofensa tinha sido reparada !

Na parte administrativa, tínhamos também problemas de
todos os tamanhos e cores. Reuniões semanais eram fei
tas com o intuito de passar àquela pobre gente, um míni-
no da nossa lógica e do nosso bom senso,à maneira ociden
tal;que na realidade não era melhor que a local,mas dife
rente.

Havia um moço dos seus 25 anos que tinha a melhor das
boas vontades. Tinha ganho um diploma de escriturário nu
ma escola local. Parecia ambicioso, uma qualidade ou um
defeito pouco cultivado naquelas paragens. Uma vez ele
teve que substituir um colega doente. Como não havia,sob
aquelas circunstâncias, meios mais práticos e rápidos pa
ra dar explicações, disse a ele que "a coluna do Débito
era aquela ao lado da janela; aquela do Crédito, ao lado
de um velho cofre". Uma das citadas viagens que Diva e
eu fazíamos periodicamente à Europa e USA, tinha durado
seis semanas. Nesse intervalo, a água de uma tempestade
invadiu parte dos escritórios. Como conseqüência,a escri
vaninha do "moço de boa vontade" tinha sido removida dos
"marcos" que eu lhe havia indicado. Foi preciso fazer um
longo trabalho extraordinário para por ordem no sistema!

Outro sério problema dizia respeito à higiene pessoal. Não eram raras as vezes que os empregados dos escritórios era convocados, individualmente, para "conselhos"dessa natureza, usando toda a diplomacia que cada caso requeria. Pedíamos a eles - homens e mulheres -, "de não esquecer que pelo menos uma vez por semana era preciso lavar-se e trocar camisa ou blusa". Como as coisas andassem pelo "hemisfério sul"... era somente objeto da nossa imaginação ! E o grande calor certamente não ajudava a solução do problema.

Mas ligado a ele,lembro-me do caso de um jovem auditor americano da F., que improvisamente chegou na Tunísia.Era um moço muito educado, daqueles que chamaríamos "filho de papai". Estava fazendo sua primeira experiência no exterior. Depois de gastar um dia todo com ele na minha sala,ouvindo-o fazer críticas a tantas coisas que eles, nos USA, não compreendiam(!), sugeri que a melhor solução para dissipar certas dúvidas,fosse que ele passasse uma semana ao lado do empregado conhecedor de todos os detalhes da matéria (o qual tinha sua escrivaninha dentro de uma pequena sala, pouco arejada). Assim, disse a ele, os dois poderiam explorar melhor o problema. A sugestão foi aceita e interpretada com satisfação pelo jovem americano.

A pequena sala onde deveriam explorar o problema,cheia de móveis e pouco ventilada, era o "ideal" para dar - de uma maneira à inglesa -, uma pequena lição de vida àquele jovem um tanto arrogante. No meio do primeiro dia passado com o citado empregado local - o qual parecia tomar banho somente cada "chukra", que correspondia a sete semanas(!) -, o jovem americano apresentou-se, informando-me que o problema tinha sido resolvido. Nenhuma palavra foi dita sobre uma assim repentina mudança de atitude por parte do visitante! A "mensagem",todavia, tinha sido passada.

Os acima são exemplos que podem parecer extraidos de uma tragicomédia. Não obstante, representavam uma triste realidade. Mas também daquela miséria, física e mental,e daqueles hábitos, podia-se aprender muito. Na verdade,nós éramos portadores de uma certa dose de infelicidade àquela gente. Destruíamos os "valores", que segundo nossa lógica, deveriam ser substituidos por outros. Porque nós, "homens modernos", pensávamos fossem melhores.

A Tunísia, a Argélia e mesmo o Marrocos, embora ao sul da Europa,portanto geograficamente ocidentais quanto esta, são considerados pelos europeus como países "orientais", devido à cultura e ao Islamismo.

Proporcionalmente ao seu pequeno território, a Tunísia é dotada de uma imensa quantidade de praias. Do lado oposto do Mediterrâneo(Europa), elas são pequenas e a zona de areia pouco espaçosa. Na Tunísia, ao contrário, e principalmente na sua costa oriental, as praias são no estilo brasileiro. Ao lado delas, com a ajuda do governo, e justamente para servir a mais importante fonte externa de moeda convertível (o Dinar Tunisiano não é conversível no exterior), o turismo europeu,bons hotéis tinham sido construidos.Nos fins de semana descíamos à costa, mas nunca tomamos banho de mar ou nos expuesemos ao sol. Não somos grandes amantes do sol e das praias!

Uma ocasião, durante as férias, descemos até o Sahara (em árabe:"Sahrá", signficando "lugar selvagem", ocupando cerca de 30% do continente africano),onde tinham construido um grande hotel, chamado Sahara Palace. Os turistas, 99% estrangeiros, eram atraidos pela visão do deserto,das suas dunas e pelos magníficos nascentes e poentes do sol. No deserto, um espetáculo maravilhoso.

A idéia de descer ao sul da Tunísia,até Neft el-Dejdid, tinha vindo conosco dos USA. Pode parecer estranho o fato que alguém tenha interesse em visitar um deserto,pois sinônimo de isolamento, solidão e ausência de vida.A verdade, porém,é que os desertos são fascinantes!

De Tunis a Neft são 510 quilômetros de estradas pouco convidativas. Parte asfaltadas, parte em terra,parte com buracos, mas sempre estreitas;geralmente o necessário para um veículo,devendo aquele que vem da direção contrária, enfiar-se pela areia a dentro. Com profusão de rebanhos de carneiros, berrando, e cáfilas de camelos, bisterando, capazes de atravancar o caminho por quilômetros.

Naquela viagem visitamos ruínas Romanas do tempo do general Publius Cornelius Scipio(Scipião Africano, 236-184 A.C.).

Durante todo o trajeto, feito em dois dias, nos encontramos bastante isolados do tipo de civilização dentro da qual estávamos habituados.Mas sabíamos de antemão da inexistência de qualquer perigo de animais ou assaltos. Certas fases do "progresso"não tinham ainda chegado na Tunísia! E penso que a situação permaneça a mesma ainda hoje. Na verdade, corremos mais perigos nas ruas das ci

dades do "mundo civilizado", como New York,Rio,Roma e outras, que nestas regiões onde a "civilização" ainda não chegou !

Estávamos também preparados a aceitar a falta de conforto, de gasolina ou de um mecânico. As pequenas aldeias que encontrávamos no caminho, estavam ainda organizadas como na antiguidade. Crianças divertiam-se mostrando, de longe, pendurados pelo rabo,grandes ratos que tinham capturado. Sabendo que o rato não é animal muito simpático aos ocidentais!

•

Na proximidade do nosso hotel em Neft,havia uma aldeia habitada por gente primitiva, vivendo da venda, aos turistas, de tapetes, caldeirões de cobre e suvenires vários do artesanato local; assim como da criação de carneiros, dos quais tosavam a lã para a confecção de tapetes e cobertores. Nos arredores da aldeia,famílias de beduinos semi-nomades, com suas cabras, carneiros e camelos , tinham suas tendas

Onde aqueles animais achassem erva, naquele deserto,era um mistério, mesmo se eventualmente viam-se pequenos ninhos de uma estranha vegetação, típica daquele tipo de terreno. Em volta dela, marcas dos pés de pequenas gazelas que habitam o deserto. Tudo ali parecia estar como no tempo de Cristo.

A aldeia era constituida de duas "ruas" sem calçamento. As casas eram feitas de areia-barro e pedras, com janelas para o pátio interno, e sem telhado, à moda das casas dos antigos Romanos, como vistas em Pompei e Herculanum. No lugar dele,uma espécie de terraço. A ausência de neve e chuva permetia aquele sistema. Lá, as donas de casa estendiam roupas e secavam peles de carneiro.Tudo indicava extrema pobreza. Um cheiro desagradável invadia nossas narinas.

Um dia contratamos charrete com cocheiro para dar uma volta pela aldeia e redondezas, e assim evitar as pobres crianças beduinas que "atacavam" os turistas. Pedindo esmola com agressividade e enfiando a mão nos bolsos de algum turista desprevenido.

O cocheiro, nascido e criado na aldeia, nos dizia com

orgulho: "...aqui temos tudo...temos açougue, empório e tudo mais que o homem precisa"(!). Na realidade, comparado com o ocidente, eles viviam ainda num estado primitivo. Mas aquelas suas palavras não indicavam ironia. Eram sinceras. De alguém que as sente. O homem talvez de lá nunca tinha saído, e o mesmo deveria acontecer com o resto da população; talvez 500 ao todo.

Daquela pobre gente havia também uma grande lição para ser aprendida. Para eles, desconhecendo aquilo que existia fora do deserto, "não faltava realmente nada". Eram felizes assim.

Olhando para dentro do chamado "açougue",via-se pernis de carneiro(único tipo de carne disponível), inteiramente cobertos de moscas.Daquelas que infestam os desertos. Agressivas e grandes quase quanto um besouro.Sub-espécie das Tse-Tse.

Outro dia alugamos, com chofer, um velho "jeep" Land - Rover, talvez abandonado pelos ingleses no fim da campanha da África dos anos '40. Queríamos ver um oásis que distava aproximadamente 30 quilômetros do hotel. Saímos de madrugada, quando a luz do sol começava a aparecer no horizonte. O "jeep" era conduzido por um homem local que ganhava a vida transportando turistas. Para não fugir à regra(!), chamava-se Mohamed, nome que quase todos os muçulmanos têm. Chegados às margens do oasis,o qual tinha dimensão aproximada de 100x100 metros, abandonamos o"jeep" e fizemos uma caminhada entre as tamareiras. No centro havia uma poça, suprida por um olho d'água fresca e límpida. O silêncio era impressionante, mesmo se por vezes quebrado pelo chilrear dos pássaros, ou pelo vento , balançando os ramos das tamareiras. Uma sensação de extrema paz nos invadia. Não devia ter sido por coincidência que as três principais religiões do ocidente - Judaísmo, Cristianismo e Islamismo -, tinham nascido nos desertos, ou em terras áridas !

Na volta ao hotel, sempre rodando a 10/15 quilômetros por hora, sobre os estreitos caminhos, Diva e eu tivemos que ajudar o chofer a tirar o veículo da areia fofa. Pensava então o que aconteceria,se no meio daquele deserto, ele sofresse um ataque cardíaco ! Seríamos incapazes de encontrar o caminho de volta.

Sempre rodando em direção do hotel, costeamos o Shatt-al-Jarid, um imenso lago salgado da pré-História (30x50 quilômetros), plano e seco. Mohamed parou o "jeep" para nos mostrar aquilo que eles chamam"miragens do deserto".

quando os homens das caravanas de camelos, sob o efeito do calor, "vêm" imagens, que nas suas turbadas mentes parecem verdadeiras. Trata-se do vapor exalado da superfície do ex-lago que forma aquelas supostas imagens.

Numa sucessiva ocasião, fizemos uma viagem à Argélia, país mais evoluído que a Tunísia.Visitamos as cidades de Constantine e Ânnaba.

•

Como dito no princípio deste capítulo, ficamos nove anos na África do Norte. Todos os problemas da vida privada e do trabalho,continuaram intatos,mas acabamos nos habituando, como sempre acontece. Tínhamos ficado tão "tunisianos" quanto os locais! O ser humano é feito assim.

Em Tunis morávamos não distante do jardim zoológico, e um dos meus poucos passatempos,era visitar os bichos.Mesmo se não é necessário ir aos zoológicos para os encontrar ! Nos domingos, levava cigarros ao homem que cuidava dos magníficos tigres de Bengala,cujos primeiros exemplares tinham sido importados da Índia. Eram animais de uma beleza extraordinária!

Juntamente com o custódio, entrava por trás do recinto das jaulas e observava seu trabalho de limpeza e alimentação daqueles animais. Provocados pela presença do estranho, os tigres agitavam-se, dando a impressão de afundar tudo. Espetáculo impressionante.

Um segundo passatempo era caminhar pela Casbáh(ou Medina), no centro de Tunis. Dentro dela estava o "souk"(centenas e centenas de pequenos e modestos bazares). Medina ou Casbáh, em árabe, significa "cidadela"ou "núcleo habitado". Podia-se ver parte das muralhas que circundavam a Medina(nome também de uma cidade da Arábia Saudita) e algumas das grandes portas de pedra,que a ela, no passado, davam acesso. Como as antigas muralhas e "portas"das cidades européias.

A Casbáh de Tunis(cada cidade árabe tem sua Casbáh/Medina) cobre uma área aproximada de 500 metros de largura por outro tanto de comprimento. Sua"ruas", curvas e estreitas, por vezes não mais largas que dois metros, concentram o comércio(um dos produtos abertamente oferecido é o "hassich",assim como outras ervas tóxicas); os "minaretes" das Mosques(equivalentes às igrejas e templos da

Cristandade),dos quais ouvia-se a chamada dos "muliáhs", convidando os crentes à oração. Ali encontrava-se também cafés e restaurantes estilo árabe. Nos últimos, à noite, exibiam-se odaliscas com"dança do ventre".Estas eram mostradas também em outros restaurantes da cidade,mas o ambiente da Casbah era inigualável. Enfim, caminhar por aquela área da cidade(dia ou noite, pois o perigo de assalto era inexistente), era um divertimento.

Assim como era divertido discutir com os comerciantes que esperavam os clientes na porta da cada bazar, procurando atraí-los para dentro; vestidos com seus camisolões brancos, chamados "galabyia",e cobertos com o fes(chapeu vermelho, de feltro,em forma de cone). Cada vez que o cliente ameaçava de ir-se, o preço baixava um pouco... até que cansado de ouvir tanto pechinchar, diziam algumas palavras, talvez não muito solenes, mas que o cliente não entendia!

Em algumas daquelas estreitas ruas,estavam também hebreus negociando com ouro e pedras preciosas. A presença deles nos países árabes do norte da África, com exceção da Lybia , não provoca a mesma reação que sabemos existir, por exemplo, nos países asiáticos; como Síria, Iraque, Líbano e outros.

Alguns trechos da Casbáh são cobertos por velhos edifícios de apartamentos que se entrelaçam, cuja entrada não e fácil encontrar. Verdadeiro labirinto ! Construções velhas de séculos; do tempo dos Beys, e isto faz-me contar, em seguida,alguma coisa destes ilustres personagens do passado. A palavra Bey é da língua turca (Atenção ! os turcos não são árabes; são originários de certas regiões asiáticas da ex-União Soviética. Cometemos erro quando,no Brasil,misturamos árabes e turcos! Árabes são Sírios, Libaneses, Iraquenos, Egípcios,Sauditas e outros.Chamar um árabe de turco, ou vice-versa, corresponde a chamar um inglês de japonês! Nenhuma relação. O único fato que pode ligar árabes e turcos, é que a maioria dos habitantes da Turquia e dos países árabes,são muçulmanos. Acresce ainda o fato que a Turquia(e o Império Turco-Otomano do passado) teve relevante importância nos fatos da nossa história. Em tempos mais recentes, o país foi grandemente ocidentalizado durante o governo de Mustafá Kemal Ataturk(1881-1938)(uso do alfabeto romano; regime democrático, numa área do mundo onde é exceção; emancipação da mulher(outra raridade na região); abolição do uso obrigatório do véu, cobrindo o rosto das mulheres; filosofia capitalista do ocidente; campanhas para diminuir

a influência do Islamismo sobre o povo).

Os Beys, na Turquia, eram uma espécie de Governadores de Província, e o antigo Império Turco-Ottomano, no passado, foi um dos grandes dominadores do norte da África e parte da Europa. Iniciado com Ottoman I, em 1326, aquele império alastrou-se por grande parte do Mediterrâneo, incluindo também a Tunísia, onde os Beys sucederam-se uns aos outros, formando, posteriormente, uma casta local.

Diz a tradição que cada Bey "tunisiano" – em tantos casos somente por uma questão de prestígio –, mantinha o seu harém, o qual era, invariavelmente, guardado por eunucos. Todo o mundo muçulmano, e mais em geral, todo o mundo oriental, têm uma velha tradição paternalística e patriarcal, relegando o ser humano mulher e o ser humano criança, a um permanente estado de inferioridade física, mental, intelectual. E a mulher muçulmana, oriental ou de alguma forma ligada a estes tipos de cultura, sempre aceitou com graça tal estado de inferioridade. E os harens nada mais foram que expressões de tal condição.

Estes, porém, não eram privilégio dos Beys. Também o homem das famílias ricas gozava do mesmo privilégio. Tantas vezes dentro da própria casa ou no próprio palácio. A esposa aceitava tal situação como parte dos direitos do marido. O Islamismo, como religião, aceita que um marido tenha quatro esposas. Está escrito no Koran. Preto no branco. E o Koran é silencioso no que diz respeito ao número de concubinas ! E tudo isto nos pode levar à questão: " - o que fazia um homem, ou o marido, com um assim grande número de companhias ?". Pouco, muito pouco, segundo aquilo que nos dizem os livros do passado.

A "concubina chefe"(ou odalisca)do harém de um Bey, geralmente uma matrona passada pelos anos, tinha a função de selecionar as companheiras e também de as dispensar, caso o Bey considerasse uma "prestação" pouco satisfatória. Mesmo se Beys não mais existem, é sempre tradição entre os muçulmanos, orientais em geral, e por que não, também latinos, fanfarronar a própria virilidade!

Um dos mais famosos Beys de Tunis sob tal aspecto(século XVI), foi Uludj Ali, em cujo harém, segundo a História, eram mantidas 31 concubinas. Uludj Ali nunca as tocou, vivendo pacificamente com suas quatro esposas. Morreu com 84 anos.

Seu sucessor, Mohamed el-Khebir era mais liberal, e tinha aumentado o número, mantendo 66, e não parece ter vi-

vido muito pacificamente com suas quatro esposas. Teve vida breve. Faleceu com 34 anos.

Mas na história das tristes anomalias do sexo, os Beys de Tunis tiveram, séculos antes, dois "concorrentes" difíceis de ser igualados. O primeiro foi Commodus, Imperador de Roma durante o III século D.C., filho de Marco Aurélio Antoninus. Ele mantinha uma "equipe" de trezentas concubinas. O segundo, foi Harun el-Rachid(786-809 D.C.), aquele das "Mil e Uma Noites".

As concubinas, no tempo da antiga Roma, assim como naquele dos Beys de Tunis, tinham, porém, ulterior função; a podemos chamar "social", pois estavam à disposição dos visitantes de uma casa ou palácio. Era então praxe oferecer àqueles, os "favores" das mesmas, durante a visita ; da mesma forma que hoje oferecemos um cafezinho ou laranjada.

Voltando agora ao presente: um dos ex-Palácios dos Beys de Tunis, sempre dentro da citada Casbáh, tinha sido cedido ao maior comerciante de tapetes da cidade. Cada um dos seus cômodos revestido de riquíssimos azulejos trabalhados à mão. Chão de mármore. Portas e janelas feitas de madeira selecionada, importada da Europa, minuciosamente escastrada de pastilhas de madrepérola. Em cada um daqueles grandes cômodos, havia montanhas de tapetes à venda. Eram feitos na cidade de Kairouan, no sul da Tunísia, onde geração depois de geração dedicava-se à manufatura.

Uma visita àquele ex-Palácio-virado-loja, fazia parte daquilo que eu mostrava aos nossos hóspedes estrangeiros, principalmente americanos. No passado, num daqueles grandes cômodos, segundo a tradição, os Beys faziam reunir as concubinas para "revista" e escolha. Meus hóspedes lá paravam para examinar os tapetes, mas imagino que a própria fantasia os levasse a outros tempos!

De volta nos Estados Unidos, passavam a estória a outros. Alguns dos novos visitantes, quando chegavam ao aeroporto de Tunis, depois de comentar a presença de tantos camelos na redondeza, pareciam mais curiosos de visitar o ex-Palácio dos Beys que discutir negócios!

*

Sempre dentro da Casbáh, na confluência de duas daque-

las estreitas "ruas", geralmente cobertas, parecendo túneis, havia um espaço chamado pelos locais de "le coin du remords"(o canto dos remorsos). Era outra atração turística !

Tratava-se de lugar destinado a objetos roubados. Se alguém sofresse um roubo na própria residência, era possível lá encontrar o produto do crime. Funcionava depois de certa hora da noite. A vítima tinha a possibilidade de comprar(!)objetos roubados a um "preço conveniente". De toda forma, era mais prático e menos trabalhoso que dar parte à polícia, a qual funcionava mal...e talvez essa velha tradição das Casbáhs, possa ser aplicada a outros países!

No fim da primavera de 1978 nos transferimos para Bari, na costa sul oriental da Itália, onde já tínhamos estado doze anos antes. A longa experiência no mundo árabe-muçulmano foi completada anos depois, quando visitamos o Egito.

Sidí Bu Saíd, Tunísia, África do Norte

XXXIV

Elemento constante e importante nas minhas viagens, foram naturalmente os hotéis. Aquela "casa provisória" que os viajantes raramente podem evitar.

Muito sobre eles foi escrito no passado.As bibliotecas estão repletas de livros a respeito, mas o assunto parece nunca encontrar seu "ponto final".Como nunca encontrarão "ponto final" os viajantes, os quais, juntamente com hotéis e seus "precursores", fazem parte de um mundo tão antigo quanto a presença do homem neste nosso planeta.

Se a nossa imaginação nos leva, por exemplo, aos últimos milênios do Paleolítico,ou Idade da Pedra(de 15 a 25 mil anos atrás); ou mesmo à Idade do Bronze(4.000 anos atrás), encontramos o homem nômade e suas cavernas. Se a estas juntamos nossa fantasia, podemos supô-lo "hospedando-se" em diversas delas, durante o arco da vida. Procurando a mais conveniente, ou a menos úmida, ou a mais defensável contra ataques de animais; ou a mais vizinha de um olho d'água. Ou nas imediações da melhor e abundante caça. Sabemos, que por natureza, a nossa espécie, não importa quanto quente e serena possa ser uma noite, tem a firme tendência de abrigar-se sob alguma coisa.

Enfim, o homem nômade da pré-História, mesmo se por razões nem sempre comparáveis àquelas mais recentes,foi um viajante por natureza, e as cavernas, seus "hotéis".

O passo seguinte, foi a semi-apropriação das últimas e o aparecimento dos primitivos "hoteleiros", possivelmente "alugando" um canto delas em troca de parte do produto da caça ou da pesca. Sucessivamente, através dos séculos, "fabricando" eles mesmos "cavernas", escavando na rocha ou na terra. Fazendo nelas filtrar um fio d'água e adaptando-as ao uso do fogo, como precário meio de iluminação e aquecimento. O resultado, provisoriamente final, daqueles seculares processos evolutivos,foi o "hotel"como o conhecemos hoje.

•

A palavra "hotel" tem origem pouco conhecida,mas segun

... inglês("Hostel"),
cujas primeiras quatro letras(host)significa "aquele que
recebe visitas"; ou do francês "hôte",com o mesmo signi-
ficado. Recentemente,a partir do tempo em que o automó -
vel passou a ser "coisa comum", temos "Motel", abrevia -
ção de "MOtor HoTEL". Ou, à semelhança, um tanto extrava
gante, da palavra usada na França, indicando talvez uma
longínqua similaridade entre"caverna" e "edifício":Hotel
Matignon(Ministério das Relações Exteriores); ou Hotel
de Ville(Prefeitura); ou Hotel Drouot(Museu).Igualmente
à semelhança das diversas palavras significando "incêndi
o" na língua japonesa - cada uma indicando um específico
tipo de incêndio, como visto no capítulo sobre o Japão ,
mais adiante nestas "Notas" -,temos "Grande Hotel", "Pe-
queno Hotel","Hotel a gestão familiar", "Hotel de Luxo",
"Hotel a gestão de terceiros", "Hotel Comercial", "Hotel
de Turismo","Hotel-a-horas","Hotel de Estação","Hotel de
Veraneio","Hotel e restaurante","Hotel tradicional","Ho-
tel de pernoite", "Hotel desconhecido","Hotel de arrabal
de",e assim por diante. Cada uma dessas "casas provisó-
rias" com suas particulares características, eventualmen
te agregando muitas ao mesmo tempo.

A História nos conta, que se nos limitamos ao período
entre o início da verdadeira civilização ocidental(Gré -
cia,a partir de aproximadamente o VIII séc.A.C., e ter
minando nos nossos dias),foram os Romanos, durante o Im-
pério(dos últimos anos de Caio Júlio César, I séc.A.C. à
caída do mesmo Império no ocidente, no V séc.D.C.), que
deram vida a uma possível aproximação daquilo que poderi
a ser chamado "hotel".A expansão territorial de Roma exi
gia a construção de estradas,muitas das quais ainda par-
cialmente em uso na Itália destas vésperas do III milêni
o da Era Cristã, como são as Vias Emília,Flamínia, Lati-
na,Adriática,Áppia,Momentana,Aurélia,Tuscolana e Tiburti
na. Ao lado delas, eram construidas as chamadas "mansio-
nes", ou "locais de repouso",abertas a quem tivesse pos-
sibilidade de pagar, ou tivesse o poder de "exigir" aco-
modação. Sucessivamente,durante a alta Idade Média - na
Europa, de cinco ou mais séculos depois da caída do Impé
rio Romano -,uma "carta de apresentação" era exigida do
prospectivo cliente. Portanto,não bastava ter meios !
Sem esta,dormia-se nos campos,enrolado em cobertas, ou
dentro dos meios de locomoção,malgrado o efeito das in -
temperies ou do ataque de animais. Era ainda um mundo
onde, como regra geral, sobreviviam somente os mais for
tes; aqueles cujo físico aceitava estes e outros sacrifí

cios. Diferente naturalmente dos nossos dias,quando a ci
ência inventou mil artifícios que facultam o prolongamen
to da vida. Na antiguidade, chegar aos 50 anos de idade
era uma formidável empresa !

Nos séculos seguintes, durante a Renascença, o uso dos
"hotéis" popularizou-se. Substituindo assim a então co-
mum prática de hospedar-se em casas particulares, ou nas
chamadas "locande a luce rossa"(locandas a luz vermelha)
onde as três básicas "necessidades" de um misantrópico
viajante, bem ou mal, podiam ser satisfeitas: comida, ca
ma e companhia. Foram talvez os primeiros "pacotes tu
rísticos" que o homem conheceu!

Mais recentemente, a partir do início da Revolução In-
dustrial na Europa, e com a construção das primeiras re-
des ferroviárias,os "hotéis" encontravam-se quase que ex
clusivamente nas imediações das estações, ou dentro de-
las. Na Europa de hoje, os encontramos ainda,em quase to
das as cidades, como parte da própria estrutura das esta
ções. A ênfase aqui "nos hotéis da Europa"explica-se por
si, pois como tantas outras coisas, nós do mundo ociden-
tal devemos a ela. Onde tudo teve início. De onde, nós o
cidentais, através dos séculos, absorvemos virtudes e de
feitos.

*

Além daquilo que o moderno viajante aprende por experi
ência, ou através do seu natural - e tantas vezes incons
ciente - instinto de observação, a "relação"entre clien
tes e hotéis enquadra-se numa toda particular filosofia.
É uma das mais antigas "relações" que nossa espécie co -
nhece. Ultra-milenária e não fácil de ser totalmente ab-
sorvida, mesmo por aqueles que por longos anos dela fize
ram parte. Sob certos aspectos, comparável a velhos ami-
gos, que depois de 40 anos de convivência,continuam apal
pando os "mútuos terrenos", à procura de virtudes e de -
feitos. Descobrindo novos, absolvendo velhos, modifican-
do outros, num processo contínuo, eventualmente indefini
do. Deixando na boca de cada um, aquele sabor de alguma
coisa que não sabemos,com certeza, se doce ou amarga.

O "hoteleiro", antigo ou moderno, independentemente do
tipo de hotel;se ou não gerido por ele ou por terceiros,
é aquele personagem na história social do mundo, que sa-

be, por experiência ou instinto, que os viajantes não podem passar sem seus serviços. Atrás do seu balcãozinho, com chaves penduradas no tabuleiro que tem às costas, ou através de recepcionistas de casaca, ele espera o cliente – sua "presa"! –, como um caçador espera sua perdiz! Não há erro ! Cedo ou tarde, aparece o cliente puxando a bagagem, suado, cansado, dando encontrões nas portas, tropeçando nos tapetes, dizendo mil blasfêmias.

Poucas coisas podem exasperar um viajante tanto quanto a falta de um garantido abrigo noturno. É um estado psicológico que prevalece na grande maioria dos seres humanos. O abrigo da noite,principalmente quando fora do próprio ambiente, ou da sua cidade de moradia, é "conditio sine qua non". Se carrega mulher e filhos, a dose de apreensão é multiplicada. Passar uma noite – somente uma – sentado num banco de jardim ou de estação ferroviária, ou aeroporto, posso garantir por experiência, é uma das coisas que mais terrorizam os viajantes. Naturalmente, aqueles que viajaram ou viajam com grupos organizados, ou individualmente, sob programas pré-estabelecidos , estes pavores não conhecem !

Em anos relativamente recentes, a partir da descoberta da telegrafia e telefonia, uma adição importante ao sistema de hospedagem iniciou a funcionar: "a reserva antecipada da acomodação". Não obstante, e por motivos vários, segundo estatísticas, cerca de 30% delas nos hotéis da Europa são ainda completadas pelos chamados"passants" ou aqueles "que passam",apresentando-se sem reserva. Menor a porcentagem nos USA,onde o povo é por natureza disciplinado e organizado, e raramente apresenta-se a um hotel sem prévia reserva.
Notar que a categoria dos "não reservistas" está quase sempre sujeita à célebre e velhíssima "manobra" dos hoteleiros: "...não há vaga..a menos que você aceite uma suite ao preço(sempre elevado)de..". E assim a"perfeita presa" cai na rede !

Como acima lembrado,os americanos do norte(mas principalmente ingleses) têm a importante mentalidade dos planos e das previsões. A improvisação, tão comum nos países em desenvolvimento, ocupa pouco espaço. Tudo é planejado e esta foi uma das grandes lições que penso ter aprendido viajando pelo mundo. Planejar tudo com antece-

dência e tanto quanto possível, deixando a improvisação aos latinos, árabes,indianos e asiáticos em geral; povos que têm "relação profunda" com a "última hora",com o "esqueci...mas não faz mal", com o "vamos ver que bicho dá" e tantas outras coisas que denotam indisciplina e falta de espírito organizativo.Quase fosse um divertimento deixar coisas e problemas ao acaso! E tantas vezes,sem saber, eles mesmos e os respectivos países,pagando um alto preço. Exemplo típico são os italianos quando devem fazer uma fila! Dizem sentirem-se humilhados quando a devem enfrentar, pois, segundo eles, "é coisa dos fanáticos alemães". No lugar dela,fazem a famosa "amucchiatta" (pronuncia-se "amukiata") na frente dos"guichets",ou seja, um "bolo".Mas manterem-se em fila!..pior que a morte. Ou os árabes, famosos por falar todos ao mesmo tempo, em voz alta, e com zero possibilidade que um ouça aquilo que outros falam. Ou os franceses, famosos por resmungar incessantemente, deixando o interlocutor sem saber do que estão falando, ou se é o prelúdio de um repentino acesso de tosse.
A "cultura dos planos" é também muito em uso em países onde os Anglo-Saxões deixaram a marca dos seus costumes, como Canadá, África do Sul e Austrália. Planejar significa aumentar consideravelmente o possível sucesso das nossas atividades.

*

Na Europa continental, principalmente nas áreas do Mediterrâneo, procurar um hotel na descida do trem,do ônibus ou do avião, é ainda uso comum.
Acima lembrei as diversas categorias de hotel,cada uma com suas particulares características. Na minha modesta opinião,não existem dois hotéis iguais no mundo.mesmo entre aqueles que pertencem a "cadeias", os quais, teoricamente, deveriam ser perfeitas cópias. Há sempre alguma coisa diferente. Observar os hotéis e respectivos funcionamentos – da sua porta de entrada ao "hall"; do comportamento dos recepcionistas à atitude das senhoras da limpeza; da disposição dos quartos e banheiros aos elevadores, foi sempre um divertimento para mim. Enfim, o leitor destas "Notas" poderá pensar, que acima de tudo, fui um "observador"! E não erra. Teria aqui uma dezena de casos curiosos para contar,mas reduzo tudo a poucos,pois

apesar dos anos que passaram-se, voltam sempre à memória
e assim continuo divertindo-me.

Os hotéis de Napoles e da sua Região(Campânia), por e-
xemplo. Na partida de cada cliente, geralmente na parte
da manhã - pois é quando os clientes partem! -,via-se
que o pessoal de serviço - cozinheiros, senhoras da lim
peza, carregadores de malas, recepcionistas,etc. - pu-
nham-se em "fila indiana" na porta. Repetiam ao cliente
o custumeiro "buon viaggio"(boa viagem)na esperança, qua
se sempre satisfeita, de receber a "mância"(gorjeta),não
importando-se se cinco minutos antes, o cliente tivesse
gratificado aqueles, que segundo ele, a tinham merecido.
No caso particular dos carregadores de malas - uma ca-
tegoria praticamente desaparecida nos Estados Unidos,mes
mo nos hotéis de luxo -, era impossível evitar que elas
passassem pelas mãos de dois ou três deles. O primeiro
as depositava na frente do elevador, ficando junto delas
à espera da "mância"; o segundo, do elevador à porta de
entrada, e finalmente, um terceiro, as depositava no por
ta bagagem do auto. Uma lástima ! E a cada um via-se o
brigado dar alguma coisa.

O "pedir" ou "dar entender que espera alguma coisa de
outros", é típica característica dos simpáticos napolita
nos. Não pode ser justificado pelo fato que a Campânia é
uma região pobre, pois outras, como a Calábria, Sicília,
Púglia e Basilicata - todas, como a Campânia,no sul da
Itália, também o são. O fato foi igualmente notado
por soldados e pessoal administrativo, nos anos '40, du-
rante a ocupação americana. Tantas estórias foram conta
das daqueles tempos e as podemos encontrar nos livros
escritos nos anos imediatamente sucessivos ao conflito ;
assim como filmes do período surrealista italiano. Se o
leitor viu " Sciucià"(napolitanização de "shoe shine",ou
lustrar sapatos); ou o "Ouro de Nápoles", uma composição
de três estórias tipicamente napolitanas, deverá ter tam
bém feito tal observação.

É evidente que os napolitanos é povo que vive na espe-
rança de receber ajuda de outros. Ou então é "inventor"
de novos trabalhos ! Quando na Europa vemos alguém fa -
zendo um trabalho novo, diferente, requerendo uma grande
dose de imaginação e fantasia, sabemos que é um napolita
no ! Em favor deles, porém, deve ser dito que é povo in
teligente e astuto, adaptando-se aos mais intricados pro
blemas da vida. Dizem os hoteleiros do norte da Itália,
para fazer graça, que a presença deles num quarto de ho-

tel pode ser rapidamente reconhecida. Amarram uma corda
de um canto a outro, onde penduram queijos, linguiças e
salames, e no banheiro, é possível encontrar um pato ou
uma galinha... ainda vivos !

*

Lembro-me dos pequenos hotéis em Paris e no interior
da França, onde mais de trinta anos atrás - mas ainda
hoje em uso -, o cliente recebia, como parte do "servi-
ço", a costumeira telefonada, assim que se recolhesse ao
quarto: "Monsieur..est-ce-que vous desirez une compagnie
ce soir? Nous avons une petite dame...très gentile et sé
rieuse à votre disposition...! (...o senhor deseja compa
nhia para esta noite? Temos uma dama muito gentil e sé-
ria à sua disposição). Se o cliente aceitasse a "genero
sa oferta", dentro de dois minutos apresentava-se na por
ta do seu quarto uma das "borboletas part-time" agrega -
das ao hotel. E uma segunda telefonada, alguns minutos a
pós a entrada da dama,oferecia uma garrafa de champanhe,
a qual o cliente, sob tais circunstâncias, aceitava ! Em
certos casos, onde o "serviço" era mais "agressivo", a
champanhe chegava de surpresa... pondo o cliente diante
de um "fait accompli"!

O produto desses serviços era naturalmente dividido en
tre a dama e o recepcionista que havia agido de "corre -
tor" na transação. Alguns desses pequenos hotéis eram co
nhecidos pelos "excelentes" serviços nessa área !

Isto faz-me lembrar de um célebre episódio passado com
um colega de trabalho, muitos anos atrás,cujas conseqüên
cias me envolveram. Tal amigo e colega era um homem das
mais elevadas qualidades morais. Casado, com quatro fi -
lhos, membro ativo da Igreja Batista de Toronto, no Cana
dá; atento observador das mais puritanas e escrupulosas
regras de comportamento. Enfim, um potencial Santo !

Uma ocasião ele nos veio visitar na Europa,a fim de in
formar-se sobre certos aspectos da nossa organização. A-
companhando-o uma vez de volta ao seu hotel, eu o havia
prevenido da possibilidade do acima citado tipo de "ofer
ta", para que não se ofendesse caso fosse "vítima"dela.

Baseado na sua reputação, a qual eu tinha conhecido a-
nos antes nos USA, sabia que ele não era dado a tais for
tuitos pecados, e eu não o queria vê-lo embaraçado.

Depois de alguns dias ele partiu da cidade, e do assun

to nem mais uma palavra foi dita. Era um tipo muito sério ; daqueles estranhos a qualquer espécie de humor.

Passadas algumas semanas, quando da visita de tal personagem eu já havia esquecido, apresentou-se à minha secretária, uma senhora dos seus 30 anos. Tipo esbelto,otimamente vestida e com maneiras refinadas. Acompanhada à minha sala,ela disse-me ter sabido da portaria do hotel, que o senhor fulano(o acima citado visitante)tinha tido ligações com nossa firma.

Lembro-me que a primeira reação que tive naquele momento, foi que tal senhora pertencesse à Igreja Batista da cidade,com a qual sabia que o amigo tinha tido contatos.

Para minha surpresa, porém, ela tirou da bolsa um "traveler's check" de 100 Dollars, dizendo que meu amigo tinha com ele pago a companhia... mas esquecido de o assinar!".

Pulei da cadeira!

Parecia impossível estar diante daquela cena "tragicômica" e inesperada! "Quem diria ?", pensei.

Procurei então esquivar-me do problema,gentilmente despachando a senhora. Mas durante os dias que seguiram-se, tive que enfrentá-la na porta da saída, com o "traveler's check" na mão, pedindo que eu(!) o assinasse.

*

Grandes e pequenos hotéis têm uma coisa em comum: possibilidade de sermos roubados pelos seus empregados. Não necessariamente jóias,dinheiro ou similares valores,pois a grande maioria dos viajantes conhece a necessidade de depositá-los na caixa de segurança. Não é o caso com peças do vestuário, ou objetos pouco volumosos, invariavelmente carregados por viajantes.

Tendo eu mesmo trabalho em hotéis na Europa,e tendo minha curiosidade sempre voltada a tudo, penso ter sabido de certas "praticas" usadas por dependentes desonestos.

Uma delas, possivelmente a mais comum, é aquela que os franceses chamam "l'oubli"(esquecimento); os italianos "il colpetto"(pequeno golpe), e os ingleses"the scam"(vigarice). A coisa passa-se assim: sabendo,como sempre sabem, pois o "log" diário do pessoal de serviço assim indica,da partida do cliente,o dependente desonesto do hotel surripia alguma coisa da mala ou das gavetas: uma camisa, uma blusa de seda, uma gravata, uma caneta - even-

tualmente um par de "traveler's checks", enquanto o cliente toma seu banho. Faltas que têm pouca possibilidade de ser prontamente notadas; escondendo o "produto do crime" dentro do próprio quarto do cliente (sob a cama, ou entre cobertores não utilizados, ou no fundo de uma gaveta, ou sob uma peça de mobília). Se o cliente dá pela falta antes da partida, a arrumadeira de turno - supondo seja ela que manobrou o fato -, depois de uma "cuidadosa procura", a qual é unida a expressões de surpresa,acaba por localizar(!) a coisa perdida. O cliente, eventualmente desconfiado; surpreso de ver a coisa completamente fora dos possíveis lugares onde deveria normalmente estar, agradece. Ao mesmo tempo, ele sabe que uma reclamação não encontrará ouvidos,pois tendo sido encontrado dentro do próprio quarto,será difícil provar má intenção. No caso oposto, se o cliente parte sem acusar a falta, fato comum, o objeto obviamente desaparece.

Vítimas desses pequenos roubos, são em geral clientes que durante a estadia deram demonstração de relaxamento e pouco cuidadosos. Fazem parte da "categoria" especial de viajantes, citada num precedente capítulo destas " Notas".

O leitor poderá pensar: "...mas tudo isto por uma camisa ou gravata !". Parece um roubo insignificante,mas uma vez notado pelo cliente, o deixa com uma estranha sensação. E ao dependente desonesto, talvez uma camisa ao marido, ou um par de "collants" a ela mesma.

*

Nestes trinta e cinco anos penso ter-me hospedado em alguns dos piores hotéis, assim como entre os melhores . Entre os últimos, o Carranza, em Amsterdam,Holanda; o Excelsior, em Roma; o Inter-Continental, em Frankfurt(Alemanha); o Maria Isabel, na cidade do México;o Croatia Palace,em Zagreb,Juguslavia; o Montien, em Bangkok,Thailândia; o Ritz, em Madrid; o Waldorf-Astoria, em New York ; o Mandarin, em Hong Kong. Entre os piores(e aqui não cito nomes): hotéis freqüentados em Paris, assim como aqueles de Florença, Marseille, Porto, S.José da Costa Rica e tantíssimos outros. Não que nestas últimas cidades não haja excelentes hotéis. Mas eram meus tempos de miséria que impunham tais sacrifícios!

Entre os piores da "categoria dos piores", ganha a com-

petição um daqueles dos meus primeiros anos na Europa, no fim dos anos '50. Chamava-se "Hotel du Soleil"(Hotel do Sol), não mais existente. Estava localizado nas vizinhanças de uma das tantas"gares"(estações ferroviárias)de Paris.Não seria preciso lembrar que Paris é uma cidade com a maioria dos seus edifícios velhos de séculos,o que,justamente a ela dão aquela maravilhosa atmosfera romântica.

O velho "Hotel du Soleil" era um daqueles que um viajante pobre e desorientado, como fui naqueles anos, pára na frente com suas malas, enxuga o suor do rosto - ou reabotoa o capote -,e decide-se de enfrentar "le concierge"(o porteiro). No fundo de um longo e escuro corredor, com paredes que tinham estranhos odores e não viam mão de cal dos tempos da Revolução, o encontramos, sentado atrás de um pequeno balcão. Sem paletó, sem gravata; com cigarro pendurado nos beiços(à moda francesa); com barba comprida de dias, não respondendo sequer ao cumprimento do pobre cliente,o qual aproxima-se como se estivesse face ao mais alto magistrado da nação !

Conhecido o preço, decidi hospedar-me.

O porteiro pediu então os documentos,examinando-os com tal cautela que faria inveja a um antigo oficial do KGB, aceitando um "convidado" à Lubianka (prisão-sede,em Moscou,daquela "benéfica organização").

Em seguida,me foi exigido um depósito, sem o qual naturalmente não havia quarto disponível !

Naqueles trágicos momentos(hoje parecendo menos trágicos, não obstante muito trágicos na ocasião), vinha à memória a fisionomia de meu pai, o qual dizia nas vésperas da minha primeira viagem à Europa(maio 1958), "que no máximo(!),depois de três meses eu estaria de volta ao Brasil".

Com minhas pesadas malas - pois nunca fui capaz de reduzir o conteúdo -,iniciei então "negociar" as longas escadas que me levariam ao sexto andar, pois era lá que os quartos"au bon marché"encontravam-se. Elevadores,naquele edifício eram naturalmente inexistentes, coisa bastante comum nas velhas construções de muitas cidades européias ...e quando tal facilidade existe, lemos em grandes letras: "ascenseur disponible"(elevador disponível), como fosse a última das novidades em matéria de conforto !

Chegado ao quarto número 64, onde uma grossa e engordurada cortina o dividia do corredor e ao mesmo tempo fazia as vezes da porta(!), depositei as malas no chão e estendi-me sobre a cama; observando, no teto, insetos e teias permanentemente nele radicados. E nessa vi -

são "kafkiana",meus olhos fecharam-se e um merecido sono prevaleceu sobre tudo.

Quando acordei, horas depois, com aquela sensação de "não saber exatamente onde estamos", pensei nas palavras do porteiro: "...vous n'avez pas besoin d'une clef" (você não precisa de uma chave). Pudera! A abertura de uma cortina certamente não requeria uma chave!

O tamanho da "elegante peça"(os franceses chamam um cômodo de "piece"(peça), não era maior que 3x4 metros. Uma pequena cama encostada ao lado da parede, onde dedos pouco higiênicos tinham deixado impressões digitais, dignas da coleção do Inspetor Javert, no romance de Victor Hugo, "Os Miseráveis". Um armário antiquíssimo, sujeito a ser totalmente desmontado, caso o cliente se atrevesse a não tratá-lo com a devida prudência; e dentro dele, um par de velhos e cheirosos sapatos, abandonados por algum precedente hóspede.

A janela, com vidros duplos - como de uso na Europa central e setentrional, para impedir tanto quanto possível a entrada do frio -, tinha alguns deles substituidos por folhas de jornal. Uma pequena pia, no canto, com duas torneiras, em cujas bordas,podia-se ainda notar uma antiga gravação:"Maison Frères LeBugg,1836". Sobre elas, um espelho que tinha perdido os ângulos; também ele velho de pelo menos um século;parecendo uma pintura impressionista de Monet ou Cezane.

A chamada "toilet"(W.C."à la turca",isto é, sem nada acima do nível do soalho), estava localizada - também como de costume nos velhos prédios da França -, num pequeno patamar entre dois andares. Um desinfetante fortíssimo, à moda daqueles usados pelas forças Aliadas de ocupação na Europa, depois da última grande guerra, era um "elemento" que forçava o tempo de uso de tal facilidade, ao absoluto mínimo ! Pouca "diplomacia", também,por parte dos demais clientes do hotel, se precisassem dar evasão aos apertos fisiológicos. Uma forte batida na porta com a célebre expressão: "...allons,allons...vous ête là depuis cinque minutes".(vamos,vamos..você está aí há cinco minutos). E o pobre "original usuário", saia arrumando as calças...com "seu" rolo de papel higiênico na mão, blasfemando em diversas línguas!

Mesmo se tudo naquele hotel estava abandonado ao resultado de séculos de uso,nele havia uma nota romântica que não podia ser desprezada; os clientes tinham o privilé -

gio de voltar ao passado! Exatamente como se estivéssemos vivendo numa habitação e numa atmosfera dos séculos XVII ou XVIII. E para mim, como disse em outras ocasiões nestas "Notas", tudo que liga-se ao passado, sempre foi motivo de atração.

Poucas também as "cerimônias" com o nascer de um novo dia. Fortes batidas nas portas - ou o levantar das cortinas -,anunciavam a chegada da gorda e desengonçada mulher, com seu lenço amarrado na cabeça, a qual ocupava-se da arrumação dos quartos. "Allez...partir"(vamos,partir), dizia ela com sua voz rouca,mostrando na corada fisionomia, o uso exagerado do vinho. Assim, os clientes eram"gentilmente despejados" às 7 da manhã. Quizessem ou não!

Descendo as escadas, lá estava o porteiro à espera de cada hóspede, para recolher a "diária"de um novo dia:400 Francos; na época, iguais a 75 centavos de Dollar. Paga a diária, eu ia diretamente ao vizinho bar,onde uma meia dúzia de homens bebia "le blanc du matin"(copo de vinho branco que os trabalhadores manuais franceses geralmente bebem pela manhã). Mas para mim, era uma taça de café com leite e três ou quatro daqueles deliciosos "croissants", que só encontramos na França. Em seguida, um bom cigarro "Gauloise". E estava novamente em forma, depois de uma noite mal dormida. Pronto para enfrentar a super-maravilhosa cidade de Paris. Sempre um espetáculo sem igual ! Principalmente a visão daqueles bairros populares,com suas estreitas ruas; com suas placas no alto das paredes, anunciando que naquele edifício havia nascido ou morrido tal personagem do passado.Com suas pequenas lojas, tudo num estilo que mentalmente transportava-me aos séculos passados. Com suas "patisseries", onde eu comprava uma "baguette" daquele pão, que também ele, só encontramos na França.

Que importava que as circunstâncias obrigavam-me a acontentar-me daquele hotel! Que importava que dentro de alguns dias as "reservas pecuniárias" encontrariam triste fim! Que importava aceitar refeições onde o pão fazia a parte do leão!

Nada importava! Paris era um permanente presente à vista e ao coração. E a minha constante procura do incerto e do desconhecido, fazia dela uma cidade mágica!

No fim do dia, e de longas caminhadas, voltava ao "luxuoso" Hotel du Soleil. Deitava sobre a cama de roupa e sapatos. Acendia meu cigarro.Passava em revista aquelas

cenas do dia, como o mais maravilhoso dos filmes.Sonhava de olhos abertos. Ria e chorava.

Da "court"(pátio interno), à qual dava minha janela,vinham sons de alguém que improvisava uma harmônica.

À noite,ia vagar pelos "boulevards" conhecidos pela vida boêmia: Saint Germain des Prés, Capucines, Pigalle,Magenta, Saint Michel, Grenelle, Montparnasse, Madeleine , Montmartre. Em seguida, sentava-me naqueles pequenos restaurantes especializados num dos meus pratos preferidos: "Saucisse de Toulouse"(linguiça de puro porco da cidade de Toulouse); apimentada e rica de sabor, acompanhada de batatas fritas. Tudo regado com meia garrafa de Bordeaux ou St.Emilion. Lá encontrava companheiros com quem discutia os fatos do dia. O efeito do vinho nos estimulava a falar e rir. Saíamos depois de algumas horas cantarolando alguma canção de Edith Piaff.

Que maravilhosa sensação de liberdade nos dava a Paris daqueles anos !

*

Hospedar-se num dos chamados hotéis de luxo, na Europa ou nos Estados Unidos, onde os preços são construídos para manter a "massa" ao largo, requer um certo "savoir-faire";uma certa "técnica". Não basta ter o dinheiro para pagar, mesmo se hoteleiros não importam-se muito, em certos casos, quem é o cliente. O homem, porém, sabe por instinto, ou aprende com a experiência, em qual ambiente possa sentir-se à vontade. Também por instinto,ou graças à experiência ganha, evita aquele que não é seu.

Quantas vezes notamos famílias embaraçadas, pois, por circunstâncias várias, hospedam-se em hotéis onde sentem-se "segregadas" e observadas, com certo ar de desprezo. Ou, ao contrário,sentem-se desambientadas naqueles de nível inferior. Infelizmente, o mundo é feito assim!

Nos Estados Unidos tais "diferenças"são menos notadas, pois os americanos, em geral, são aversos a certos tipos de formalismo. Não é assim na Europa, principalmente em países como a Suíça, Áustria, Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, onde o formalismo pode ser rigorosamente observado. A "cultura das classes" é um fenômeno tipicamente europeu, mesmo se não mais aquela dos decênios passados.

A primeira coisa que um potencial cliente dos hotéis

de luxo deve aprender, é de nunca apresentar-se sem prévia reserva. Evitando assim de ser "olhado de alto a baixo" pelos recepcionistas e informado que não há vaga ... mesmo se o hotel está semi-deserto; ou ser impingido um apartamento a alto custo. Se devido a mudanças imprevistas nos planos de viagem,não tivermos tido tempo para reservar, a situação pode ser corrigida em-cima-da-hora,de uma cabina telefônica. Eventualmente,nos casos extremos, mesmo daquelas localizadas dentro do recinto do próprio hotel. Em seguida, nos podemos sentar cômoda e discretamente na sala de espera,apresentando-se à recepção 15/20 minutos depois,como se estivéssemos chegado do outro extremo do mundo.

Aquilo que venho lembrando aqui,pode ser coisa óbvia a um adulto, mas o leitor não deve esquecer, como dito na primeira página deste livro, que ele é endereçado aos jovens.

A reserva, a contas feitas,nada mais é que uma questão de "prestígio", e os hotéis de luxo,observando tradições que perdem-se no passado, mas em uso ainda nos nossos dias, a exigem. Dá importância e respeito à casa, para dizermos de maneira vulgar, e ao mesmo tempo ao cliente.

Acima de tudo, é uma atitude anti-improvisação, com a qual, como anteriormente dito, europeus e americanos do norte,têm difícil relação. Acresce ainda o fato que a boa hotelaria é típico produto da Europa, onde apesar de todas as transformações e modernismos, é ainda espécie de arcaico pavão com penas à mostra. Em palavras simples, faz parte da tradição tipicamente européia da separação das classes. Teoricamente suplantada pela vida prática dos nossos dias, mas na realidade ainda existente. Como os castelos da Idade Média, os quais resistem ainda aos terremotos, incêndios, tempestades e guerras, e talvez continuarão resistindo a estas calamidades pelos decênios na nossa frente.

Sob o ponto de vista do cliente que hospeda-se nos hotéis de luxo, o lado prático e conveniente da reserva, é que dado o nome ao recepcionista, este já sabe tudo - tipo de acomodação, número de pessoas, duração da estadia, modalidade de pagamento. A respeito desta última,o sistema europeu funciona de forma diferente do americano. Em alguns países da Europa, um documento(passaporte, carteira de identidade) é exigido pela recepção e é devolvido ao cliente nas horas seguintes, após ter sido registrado

no "livro de hospedes", como uma exigência das autoridades. Nos Estados Unidos: nada de documentos!

Num país onde não existe "carteira de identidade nacional ou estadual", ou coisa parecida, pois segundo a tradição americana "é coisa de nazistas", é natural que tal documento não seja exigido pelos hotéis. Neste ponto a pergunta vem natural: - como é então que os americanos se identificam ? A resposta é: de uma maneira pouco ortodoxa e diferente de outros povos. Em certos casos,pode bastar uma conta do telefone ou da luz que a pessoa carrega, por acaso,no bolso. Ou uma conta de hotel, ou o recibo do tintureiro, ou um simples cartão de visitas. Mas entre todos os meios de identificação,prevalece a "Driving License"(licença para guiar), dada aos interessados de 16 anos de idade em diante. Mas a obtenção dessa licença é também baseada "no nome e endereço dado". Nomes e endereços nos Estados Unidos não parecem ter a importância que têm em outros países !

Para abrir-se uma conta num Banco, por exemplo, basta dar nome, endereço e o número da "Social Security" (verdadeiros ou falsos!), pois ao Banco não interessa se o cliente chama-se Jim ou John. As conseqüências de falsas declarações é outro assunto!

Sob certos aspectos, estas informalidades fazem parte do espírito prático deste povo,e de não ter as "espertezas" como fundo de cada ação. Ao contrário de tantos outros países, onde sobrevivem os "espertos", e cujos interesses nacionais estão... em muitos casos, no estado que conhecemos!

Não estou bem certo o que aconteceria em países como a Itália, o México, o Brasil, a Tunísia e tantos outros,onde a "esperteza" impera,se tal informal sistema fosse em uso!

Mas voltando à recepção dos hotéis: ao invés do documento,os hotéis americanos invariavelmente exigem um"cartão de crédito". Aqui notamos ainda uma vez a mentalidade prática deste povo: "não importa quem é o cliente ... basta que o pagamento esteja assegurado".E uma vez em poder de uma cópia do "cartão de crédito"(produzida prensando-o sobre um formulário), o pagamento da conta está garantido!

Até anos recentes - talvez 1970, ou por aí -, os apartamentos dos hotéis de luxo(Europa e USA), recebiam uma última visita da arrumadeira noturna, entre 20 e 21

horas, a qual "preparava a cama"(retirando a colcha, dobrando a ponta de lençóis e cobertores, trocando toalhas usadas, depositando sobre o travesseiro uma pastilha de chocolate; acendendo a pequena "lâmpada da noite"). Era um meio para que o cliente sentisse menos a ausência da própria casa. Mesmo se tal tradição persiste ainda em algumas áreas da Europa,ela está aos poucos desaparecendo.

A hotelaria, tudo somado, é uma indústria toda particular e basicamente tradicional,mantendo certas características fixas através dos séculos. Ao mesmo tempo e vagarosamente transformando-se.

Estadias em hotéis, para aqueles que passaram a vida usando-os esporadicamente, ou neles nunca botaram pés, pode ser uma atração. E mesmo se a "vida de hóspede" pode ser imaginada por todos,a grandíssima maioria pode conhecer pouco dela.

Para seus trabalhadores, existem escolas de hotelaria em todos os países europeus, mas como a Suíça tem a reputação de oferecer o melhor serviço, é lá que estão as melhores delas. Alunos aprendem do "A" ao "Z" da hotelaria e da restauração,incluindo um básico aprendizado de algumas línguas(francês,inglês,alemão). A carreira pode levar o aluno a ser um dia diretor de hotel ou restaurante, ganhando ótimo salário e no caso dos diretores de hotéis, tendo à disposição um apartamento mobiliado dentro do hotel que gerenciam.

Mesmo para essas categorias, porém, não é um mar-de-rosas ! É profissão dificilíssima e é preciso ter aquela super-virtude das relações humanas. Aparentemente natural no homem, mas bem poucos a possui.

Terminando este capítulo, não poderia deixar de mencionar o mais luxuoso, cômodo, confortável e maravilhoso de todos os hotéis do mundo. Realmente o melhor, sem concorrentes, na opinião dos expertos ! Com "filiais" em todas as grandes e pequenas cidades. Chama-se : " a nossa própria casa" !

XXXV

Um dos maestros do romantismo sinfônico,nos faz companhia nesta partida de Milão, em direção da União Soviética: Robert Schumann(1810-1856), através da sinfonia número quatro, interpretada pela Filarmônica de Berlin,sob a regência de Wolfang Sawallish.

Schumann foi grande mestre da melodia e da orquestração, e mesmo aqueles que não muito apreciam o gênero sinfônico, podem encontrar grande prazer na sua música.

Vinte e nove anos depois, faço minha segunda viagem à URSS. Desta vez com Diva e desta vez somente na República Russa; uma das quinze. O plano de vôo inclue Zürich, Stuttgart, Nürnberg, Praha, Varsóvia e Moscou; subseqüentemente, Leningrad.

Partimos de Milão com a Alitalia e descemos em Moscou depois de cinco horas. Janta no aeroporto de Sheremetyevo. Em seguida,com a Aeroflot,vamos a Leningrad, ex- St. Petersburg e ex-Petrograd; seicentos e cinqüenta quilômetros ao norte de Moscou.

Em ambos os aeroportos(Moscou e Leningrad) a primeira surpresa: rapazes nos rodeiam abertamente, oferecendo Rublos ao câmbio-negro: dez por um U.S.Dollar! E aos turistas menos previdentes, são passadas notas falsas, sem que a vítima possa reclamar com as autoridades, pois a compra de Rublos fora dos Bancos é ilegal.

Todos na procura do Santo Dollar!

Nas Agências Bancárias, situadas nos hotéis, onde por Lei seríamos obrigados a vender nossos Dollars,são necessários US$1.20 para a compra de um só Rublo!

Tudo isto no país dos Gulags ! E ninguém parece preocupar-se. Passam policiais. Como se nada acontecesse. Devemos estar próximos da caída do Império ! E tudo estranho para mim, que conheceu outra União Soviética: aquela de 1959!

"...liberdade não pode ser posta na mesa! Existem milhões neste mundo que infelizmente não exergam um palmo na frente do nariz...vivendo na mais absoluta ignorância... e que devem ser guiados como um rebanho de ovelhas...".

Joseph Stalin, 1934.

Em Moscou somos transbordados para o aeroporto que serve as linhas domésticas,onde nosso grupo é "estacionado" no salão destinado a estrangeiros. Com mobílias que não podem esconder buracos, rasgos e anos de uso. Tal salão é guardado por policiais mal encarados, procurando assegurar-se que os estrangeiros não se atrevam a zanzar pela redondeza e vejam coisas que "não devem ser vistas".

Mas a minha curiosidade é grande e do nosso salão, através de frestas nas paredes, vejo o salão destinado a locais, com famílias sentadas no chão, com bolos de gente na frente dos "guichets"; com o chão imundo e com o reboque das paredes caído; com lâmpadas queimadas; tudo num estado horripilante. Ali estavam os soviéticos que não tinham privilégios... à espera de poder embarcar, após ter satisfeito a burocracia; mostrando o Passaporte Interno(exigido para quem viaja dentro da URSS),"vistos" e autorizações várias. E naturalmente só embarcavam depois que os estrangeiros tinham-se acomodado dentro do avião,e se para aqueles houvesse sobrado lugar(!). Era a massa para quem(!)a Revolução Bolchevista tinha sido feita(!), mas que devia ser guiada "como um rebanho de ovelhas", como dizia Stalin.

Esta é uma viagem de verdadeiro turismo,longe das aventuras dos anos passados. A segunda, em tanto anos,que viajamos em grupo.Nós que sempre procuramos evitar viagens organizadas, preferindo sair de casa sem programa; parando onde queríamos e por quanto tempo tínhamos vontade ! Mas com o passar dos anos, certos estímulos ficam perdidos pelo caminho;ou escondidos entre os cabelos brancos, que nos lembram,se preciso fosse,que na vida há um tempo para tudo !

Em Leningrad, cidade fundada pelo Czar Pedro, O Grande (1672-1725), às margens do rio Neva, e capital da Rússia

entre 1712 e 1918, fazemos a costumeira visita panorâmica, guiados por Sacha(diminutivo de Alexandre), que dá explicações no seu quase perfeito italiano, pois italianos constituem a maioria do nosso grupo.

Leningrad é uma versão nórdico-eslava de Veneza. Algumas das suas ruas, à beira dos canais do Neva, são flanqueadas por belíssimos edifícios dos séculos 17 e 18,bem conservados externamente. Deviam ter sido habitados pela aristocracia russa antes de 1917, e talvez agora pelos "cappocioni"do Partido. Esta palavra italiana pertence à "hierarquia" da Mafia siciliana, que parte de "Soldato"; depois temos"Cappetto","CappoSquadra","CappoQuartiere" , "CappoRegime","CappoMafia". Finalmente,"Cappi dei Cappi" ou "CappoBoss", também chamado "Mammasantissima". Nada a ver com os "cappocioni" soviéticos, porém !

A arquitetura nessas áreas da cidade já diz alguma coisa do povo eslavo. Partindo da delicadeza da arquitetura veneziana, e através do "duro" estilo de Amsterdam,na Holanda - outra versão de Veneza -, chegamos ao ainda mais duro estilo nórdico-eslavo de Leningrad.Tal "progressão" arquitetônica - do gentil e delicado ao "duro", sério e quadrado -, reflete o temperamento e a filosofia de vida dos respectivos povos.

Vemos o interior de alguns prédios - através dos seus pátios internos -; vemos lojas, automóveis, tudo enfim , em adiantado estado de deterioração e abandono. Ruas e praças por onde passamos,impecavelmente limpas por maciças mulheres com lenço amarrado na cabeça. Em seguida,caminhando por outros cantos, onde os turistas normalmente não vão, como as travessas da Prospectiva Nevsky(principal artéria da cidade),vemos que a limpeza das ruas deixa muito a desejar. O guia nos diz que há falta de mão de obra e que desemprego é zero. Possível! Não obstante, o principal motivo deste estado de coisas, independentemente daquilo que o regime comunista possa ter contribuido, deve ser procurado no povo eslavo, o qual, por natureza,é pouco prestimoso, ordeiro, meticuloso, preciso.

Penso que este estado de abandono dos edifícios, pontes, automóveis e de muitos edifícios(cortiços), num país cujo regime propôs-se, 70 anos atrás, de acabar com tais situações,seja a debitar mais à mentalidade pouco organizada dos eslavos, que à falta de meios. Há naturalmente o velho problema que o comunismo nunca conseguiu resolver, e que pode ser assim sumariado:"...eu cuido e protejo aquilo que é meu...aquilo que é da Comunidade... pode esperar...". E como teoricamente ninguém tem nada

que é seu, pois tudo "pertence" ao Estado, o resultado é
aquilo que vemos !

Visitamos a catedral de Smolny, construida pelo arqui-
teto italiano Bartholomeu Rastrelli(1700-1771). Os artis
tas italianos foram "de casa" no tempo dos Czars. Visita
mos também o ex-Palácio de Inverno dos Czars, à beira do
Neva. Antiga residência da família imperial, que durante
séculos dominou estes territórios,antes da chegada do co
munismo. Hoje abrigando o Museu Ermitage. Caminhando pe-
las suas imensas e suntuosas salas, faz-se idéia bastan-
te aproximada de como vivia a nobreza russa de então. Ao
redor, tudo era miséria, doenças, perseguições e morte .
Visito também pela segunda vez, o cemitério do Conven-
to Aleksandr Nevsky - príncipe e herói do século XIII -
com túmulos de grandes artistas do passado: Dostoevsky ,
Rimsky-Korsakov, Glinka,Borodin,Tchaikovsky. O povo é or
gulhoso dos seus "monstros" da cultura,porém trata-se de
gente que viveu e floriu no tempo dos Czars. Pergunto:on
de estão aqueles que ganharam similar fama depois da re-
volução de 1917 ?
No mesmo Convento, entramos na Igreja Ortodoxa e assis
timos parte do culto. Vamos ao "Mosteiro de S.Pedro e S.
Paulo", onde estão enterrados o Czar Pedro e a Czarina
Catarina II, construtora do teatro Bolchoi, em Moscou.
Uma noite vamos ao Teatro da Academia Malyj,ver um dos
célebres "ballets". Não é o Kirov, mas aqui eles são sem
pre maestros desta arte. Vamos também a um restaurante
típico, o "Troika", decorado como no tempo dos Czars.In-
gresso somente para estrangeiros e para alguns russos ,
que são "mais iguais" que os demais "iguais"! Uma das
tantas anomalias da ideologia local, a qual, "no papel",
eliminou os privilégios do tempo dos Czars ! No restau
rante"Troika"são servidos pratos russos ao som de nostál
gicas músicas. Dançamos. Mais de 120 anos "de idade" ar
rastando os pés depois de um longo intervalo.

*

De Leningrad, voltamos a Moscou com a Aeroflot.
Caminhamos pela Praça Vermelha.Admiramos o Kremlin por
fora. Entramos nas Lojas Gum, que é um conjunto de pequ
nos negócios,administrados naturalmente pelo Estado; ser
vidos por empregadas entrincheiradas atrás de balcões.co

mo nos anos '40, nos países ocidentais.
Visitamos o Kremlin internamente, com seus museus e ca
tedrais.Estas com cúpulas douradas e"icons"internamente.
Nos pátios, canhões abandonados por Napoleão, em 1812.
À noite, vamos ao Teatro Bolchoi. Ainda um magnífico
"ballet".A orquestra inicia com o hino nacional da URSS.
Todos levantam-se. Talvez 80% do público é estrangeiro.A
qui também há lugar para os "mais iguais": políticos,pro
fessores da Universidade, cientistas, artistas.Gente que
de uma forma ou outra faz parte do poder.Operários e cam
pesinos, aqueles para quem a Revolução foi feita, vêm o
Bolchoi de fora. Ou porque não têm meios, ou porque não
se interessam por tais espetáculos.

Parece um sonho estar novamente aqui no Bolchoi depois
de 29 anos. Desta vez com Diva. Toda contente. Admirando
as decorações em ouro; o veludo vermelho importado da
França e o ex-camarote da família imperial. Seus olhos
brilham.Talvez lembrando dos bancos da Praça da Repúbli-
ca, em S.Paulo, estilo anos'50; quando alguém tinha pro-
metido mundos e fundos! Será verdade que ela está aqui,
sentada num camarote do Bolchoi !

Outro dia vamos almoçar numa "datcha",nos arredores de
Moscou. Construção dos 1700,feita de troncos.Frio e chu-
va.Os campos que vemos pelas pequenas janelas com duplos
vidros, são os mesmos dos séculos passados. No inverno,
quando tudo fica coberto de neve, são as "troikas", puxa
das por cavalos, que servem de transporte.
Velhinhas com lenço amarrado na cabeça, vendem flores
aos turistas. Não querem ser fotografadas. Medo da"máqui
na"? Alguém, brincando, diz que elas têm medo do KGB.
Vodka à vontade. Garçons vestidos como nos velhos tem-
pos da Santa Madre Rússia. Camisa branca bordada,fora da
calça, presa com um largo cinto. Botas.
"Otchen Karachô! Pajalustá! Spassibo!"

Sempre em Moscou,passamos em frente do Hotel Metropol,
em reforma, onde eu tinha sido hospedado,pela Intourist,
num passado que parece ter cem anos.
Nos Museus,minhas pernas dão o prego, depois de cami-
nhar alguns metros. "La vecchiaia é bruta!",dizem os i-
talianos. Procuro lugar para sentar, às vezes "roubando"
a cadeira de uma "djournayá"; velhas senhoras que ali es
tão como guardas das várias salas. Compramos "matrios-
kas"; aquelas graciosas bonequinhas de madeira; tudo con

tra moeda estrangeira. O Rublo não vale ! Desprezado. Para os turistas, pior que o Cruzeiro fora do Brasil.

Se nos países desenvolvidos do ocidente temos o "paraíso do consumismo", a URSS é o "inferno". Lojas mal supridas; qualidade decadente; filas para tudo,nas quais o povo entra automaticamente... sem saber o que vendem!

Com aqueles russos que converso, capazes de uma segunda língua, está clara a vontade de imigrar para o ocidente. Para a sociedade do consumismo. Alguns fazendo críticas pesadas ao regime; reclamando que depois de 70 anos de comunismo, não há futuro para eles. Os jovens querendo abandonar a URSS; os velhos, abituados ao "dolce far niente" do regime, onde não existe o "patrão", como o conhecemos, pois o "patrão" é o Estado, e este é um "patrão" abstrato, não querem mudanças. Ambos talvez esquecendo que antes do presente regime;no tempo dos Czars, o povo sofria mais que hoje;vendido como escravo, maltratado e explorado pelos nobres. Mas os jovens não conheceram aqueles tempos,e os velhos talvez deles esqueceram . Conhecem o atual regime e sabem, por diversos meios, da vida no ocidente;tantas vezes iludidos que o ocidente seja um "mar de rosas". E os jovens com este sonham. Como sonham todos os jovens. Sempre.

Se o atual regime pudesse introduzir na URSS somente aquilo que há de positivo na sociedade do consumismo, deixando para fora o negativo! Tarefa difícil.

Com a chegada da pretendida "liberalização" de Gorbachov, muitos ocidentais pensaram que na URSS existisse uma ampla camada da população, esperando com ansiedade , para poder jogar-se em atividades próprias, estilo capitalista: comércio, indústria, agricultura. As notícias que aqueles sempre tiveram, eram que agricultores, por exemplo, trabalhavam bem aquele pedaço de terra privado,e dele tiravam bons frutos. Justamente o contrário que faziam com as terras da comunidade. Bastaria então dar mão livre a eles para que o mercado fosse inundado,como acontece no ocidente.

Vemos que não é assim! A grande maioria dos agricultores quer continuar sob a tutela e proteção das fazendas coletivas(Colcos)do Estado, com um salário garantido. Os técnicos e dirigentes de indústrias, talvez porque não preparados depois de 70 anos de comunismo, evitam jogar-se na aventura dos negócios, à moda capitalista ocidental. Também eles preferindo o salário garantido. Portan-

to, é possível que tais reformas terão mil dificuldades no seu caminho, e ninguém deveria ficar surpreso se houver uma "marcha-a-ré" geral e tudo continuará como dantes.

As reformas de Gorbachov estão encontrando dificuldade justamente a causa disto. O espírito capitalista, empreenditorial, de mercado, de concorrência,ou seja aquele que conhecemos no ocidente, parece ter sido destruido em 70 anos de "ditadura do proletariado". Enfim, o regime conseguiu criar um "homem novo", incapaz de qualquer vício ou virtude.

Tudo isto faz-me lembrar de uma estória lida num jornal a respeito de um Hebreu russo,o qual, durante vinte anos, lutou para obter um "visto de imigrante"para os Estados Unidos. Obtido, para lá imigrou e depois de um par de meses, pedia a volta à URSS. Motivo:o homem dizia que o Estado(USA) não ocupava-se de dar a ele um emprego,uma casa e assim por diante(!). Típica atitude de alguém nascido sob um regime onde a iniciativa pessoal, o espírito emprenditorial e a ambição, tinham "desaparecido da circulação" depois da Revolução Bolchevista de 1917.

*

O guia Sacha, seguro que em redor não há russos, conta a "última".Diz que Gorbachov,encontrando dificuldades na introdução da "perestroika"(abertura) e da "glasnost" (transparência), foi visitar no inferno Iosif Vissariongvich, chamado Stalin,e a este pedir conselhos. Stalin,no seu acento Giorgiano (Giorgia uma das quinze Repúblicas, onde ele nasceu),talvez pensando nos seus dias em Tiflis, quando foi seminarista por cinco anos,deu a seguinte resposta a Gorbachov: "...você precisa fazer duas coisas para conseguir seus objetivos na URSS: primeira, pintar de verde a cúpula de todas as Igrejas; segunda, mandar uma porção de gente aos"gulags" da Sibéria".

Gorbachov,pensativo e perplexo diante daquela resposta do velho camarada Stalin,perguntou então e ele: "por que camarada, pintar a cúpula das Igrejas de verde?"

Stalin responde:"..eu sabia que voce não tinha dúvidas sobre a minha segunda recomendação...".

Desta vez, no avião da Alitalia que nos leva de volta ao ocidente, ouço "Uma noite sobre o Monte Calvo",de Mu-

dest Mussorgsky(1839-1881).

A Santa Madre Rússia é eterna através da arte.

Convento Aleksandr Nevesky,Leningrad

XXXVI

Crianças nem sempre têm seus primeiros contatos com uma religião nos anos da infância. Por motivos vários, algumas são deixadas amadurecer e então decidir, elas mesmas, a qual religião optar. Às vezes a nenhuma; às vezes a muitas.

Não é novidade dos tempos modernos. Já na antiguidade, pertencer de uma maneira automática àquela dos pais, ou da família, nunca foi regra absoluta. Em todos os tempos, adultos, depois de terem abraçado uma religião - ou de a ter herdada da família -, moveram-se por outros caminhos. Crentes transformaram-se em ateus; ateus em crentes ou agnósticos. Homens de qualquer uma destas preferências, habitaram este nosso Planeta desde tempos imemoráveis. E a nenhuma delas jamais coube a exclusividade de ter bons cidadãos, honestos patriotas, dedicados cônjuges e responsáveis pessoas face à família e à comunidade.

No Oriente, o homem em tantos casos optou pela "pluralidade" das fés. O caso do Japão, para dar um exemplo, aprendido durante nossa viagem àquele país, é emblemático desse comportamento. O japonês de religião Xintoista (Xintoismo: a primeira em ordem de número de adeptos naquele país), pode também decidir de fazer suas orações num Templo Buddista (a segunda), e vice-versa. Isto, porém, não o impede, ao aproximar-se do nosso Natal, visitar também uma Igreja Cristã, e lá depositar suas esperanças.

Similar comportamento tem parte dos Hebreus americanos. Sete milhões deles, pertencendo às várias denominações do Judaísmo, vivem nos Estados Unidos, principalmente no Estado de New York, onde existem mais Hebreus que no inteiro Israel; assim como nos territórios do nordeste, chamados New England (Estados de Vermont, Maine, New Hampshire, Connecticut, Massassuchets e Rhode Island); igualmente neste nosso Estado de North Carolina, onde estão concentradas as indústrias do vestuário.

Além das festas Hebraicas, parte destas populações Hebraicas comemoram também o nosso Natal.

Que pecado podem cometer japoneses, Hebreus americanos

e outros povos optando pela pluralidade das fés ?
Na minha opinião, nenhum.

*

Foi durante a minha infância que recebi,juntamente com meu irmão, as primeiras noções sobre o Cristianismo.

Minha mãe era uma sincera devota da Igreja Católica Apostólica Romana, e dela aprendemos orações e ritos. A presença numa Missa de domingo e a freqüência nas aulas de catecismo, então obrigatórias nas escolas públicas do Brasil, completavam, por assim dizer, nossa educação religiosa. Alunos de outras fés eram autorizados a abandonar a classe,sem uma alternativa.Ou permaneciam em silêncio.

Nas escolas públicas da Europa dos nossos dias, a tendência é de oferecer instrução religiosa a adeptos de várias religiões, ou pelo menos àqueles de fé Cristã,Hebraica e Islamita.

Com o passar dos anos e com os naturais problemas que a adolescência trás, afastei-me gradativamente daquele mundo, acantonando seus preciosos ensinamentos. A fé, ou a principal pilastra daquela construção,iniciada na infância, todavia,deve ter resistido ao "processo de degradação". Não mais manifestada,porém,àqueles com quem convivemos, ou exteriorizada a estranhos, transformando-se num objeto privado,íntimo e quase um segredo.E com o passar de outros anos, e com o contínuo acúmulo de problemas que o adulto, queria ou não, deve enfrentar, ela passou a constituir parte obrigatória dos meus pensamentos e das minha ações.

Nestes meus anos de viagens, quando chegava a uma nova cidade,fosse para uma simples visita ou demorada permanência, sentia a necessidade de entrar, pelo menos, numa das suas Igrejas. Confesso, porém, que não era somente a fé que me levava a elas. A curiosidade pela arquitetura interna e pela arte que geralmente nelas está concentrada,principalmente nas Igrejas da Europa; assim como a música dos orgãos e dos coros, eram ulteriores atrações.Enfim,encontrava naqueles recintos uma série de coisas que a mim tinham importância: o contato com o mundo místico, a arquitetura, as obras de arte e eventualmente, também

a música. Nas nossas viagens ao Oriente - Egito,Índia, Nepal, Thailândia, China,Japão -,não deixamos também de visitar Templos e Santuários de outras religiões, onde grande parte da arte daquelas civilizações é igualmente conservada.

*

A Igreja(do grego: Ekklesia) Católica(universal)Apostólica(dos apóstolos) Romana(de Roma),como a conhecemos hoje , com a sua sempre permanente natureza político-religiosa,e como todas as milenárias instituições, teve suas fases de grande glória e de profundas crises. Fundindo-se eventualmente entre elas, como aconteceu durante os séculos da Renascença, que é aquele período da história ocidental que pode ser localizado, aproximadamente, entre 1350 e o fim do século XVI.

A palavra Renascença, e o sentido que a ela damos,é naturalmente uma designação dos homens dos séculos a ela sucessivos,por conseguinte inexistente durante aquele período. Similar situação poderá acontecer com este nosso século XX, período que poderá, no futuro,ser chamado "século technológico","ou século das duas grandes guerras", dependendo como o homem do ano 3.000, por exemplo, julgará a nossa época. Da mesma forma que nós, hoje,julgamos a Renascença e outros períodos da História.

Com seus quase 2.000 anos de vida, não seria possível que a história da Igreja Católica Apostólica Romana fosse isenta de glórias e crises. O exemplo do que acontece com cada indivíduo, quando dentro de uma simples semana pode transformar-se de herói em falido,ou vice-versa,nos faz aceitar, com resignação, as naturais transformações que podem ocorrer em milenárias instituições como é a Igreja.

Sua história pode ser cronologicamente dividida em vários períodos, os quais, mesmo se eventualmente sobrepuseram-se uns aos outros, são geralmente separados em cinco principais grupos. O primeiro,é aquele historicamente nebuloso e contraditório que seguiu a morte de Cristo (e o exato ano do seu nascimento,como lembrado no capítulo sobre o Egito, é exemplo), chamado pelos historiadores de "período do Cristianismo primitivo", quando pouco ou nada daquilo da Igreja que conhecemos hoje - como ing

tituição propriamente dita -,existia.

O segundo, pode ser limitado entre Constantino(Flavius Valerius Constantinus,280-337 D.C.), primeiro Imperador Cristão da Antiga Roma,e a caída do Império no ocidente, continuado na cidade originalmente chamada Bizâncio pelos gregos,depois Constantinópolis e presentemente Istambul, na parte européia da Turquia de hoje.

O terceiro é representado pelos longos séculos da Idade Média(grosso modo:da caída do Império ao início da Renascença), o qual envolveu o nascimento de um segundo grande e direto "concorrente" ao Cristianismo (Mohamed e o mundo Islamítico,séc.VI-VII). O quarto, pode ser definido pelos dois e meio séculos da Renascença; e o quinto e provisoriamente último, do fim daquela ao presente. Outros naturalmente seguirão na infinita marcha das evoluções.

Cada um destes grupos de anos ou séculos,teve suas histórias de crises e glórias. Seria preciso muitas páginas para dar somente uma superficial idéia das mesmas, o que certamente não é o objetivo destas "Notas".

Do quarto dos citados grupos,porém(anos da Renascença) lembro ao leitor alguma coisa, pois a Renascença está ainda vigorosamente "presente" na Europa dos nossos dias, e tendo lá vivido muitos anos, é natural que fosse atraído pelas coisas e fatos daquele importante período da nossa história.

A Renascença revela a maior das crises da Igreja. Paradoxalmente, também o período do seu maior poder. Significa tempo de transformação,e como a própria palavra indica, o mundo ocidental então conhecido - ou aquele que no passado foi o berço da civilização da qual fazemos parte -,renasce da escuridão e da letargia da Idade Média. Renasce a filosofia, a escultura, a pintura, a literatura, o artesanato popular, a arquitetura, a ciência, a política, o interesse pelo mundo cósmico e por aquele geograficamente desconhecido deste nosso Planeta. Renasce também a filologia(as traduções,interpretações e críticas dos textos da antiguidade grego/romana,já não dão toda aquela ênfase ao aspecto "divino",mas sim ao homem e às coisas terrenas). E paralelamente,renasce a língua Latina. Podemos ainda ler hoje no frontispício da edição de 1554 das obras completas de Petrarca(poeta e humanista italiano,1304-1374): "...restaurada(a língua Latina), inquinada e quase destruida,durante séculos(Idade Média) de uma horrenda barbárie". Renasce igualmente a Igreja,

assim como o homem, pois é ele, que a contas feitas, faz a Renascença. Como se a sua história despertasse de um longo sono levado séculos(Idade Média),durante o qual tivesse sonhado com aquilo que somente ele é capaz de realizar. Renascimento chamado pelos filósofos e historiadores de Humanismo.

A Igreja, porém, mesmo se participou inteiramente às glórias da Renascença, principalmente incentivando e patrocinando as artes, pois tinha os necessários poderes e meios,foi paralelamente vítima da mais profunda das suas próprias crises. Sobre estas, a Igreja que conhecemos hoje não se manifesta. E isto é natural.

Ao chamado homem-do-povo, desprovido de escola e experiência: pouco alerta aos fatos da História, a Igreja pode dar a impressão de ter sido, desde os tempos de Cristo, e ininterruptamente, uma instituição de Santos, mártires e de gente que dedicou a vida a outros. E este retrato não é inteiramente falso. Se temos interesse em nos mergulhar na sua história,sabemos que a Igreja foi e é uma instituição basicamente sã; tanto quanto seja possível esperar de dois mil anos de vida, com centenas de milhões de imperfeitos seres humanos,que dela participaram. É então natural aceitar que suas fases de crise foram exceções. Mas porque aquelas da Renascença foram as mais graves, merecem ser postas em evidência,mesmo se foram, não obstante, mais adaptas ao mundo laico dos governantes comuns, que a uma instituição,cujo objetivo foi e é aquele de ulteriormente humanizar o homem.

*

Penso que não nos devemos, portanto, admirar das reações do mundo Cristão de então - geograficamente afastado de Roma -, liderados por homens como Erasmo (1466-1536), Luthero(1483-1546), Zwingli (1484-1531), Calvino (1509-1564) e tantos outros. Provocando divisões,cisões, duplicidade de Papas, perseguições e finalmente, o movimento Protestante e relativa criação de um outro ramo do Cristianismo. Aquele que "protestou" contra os abusos do poder(principalmente político),e contra os escândalos de Roma. E foram muitos! e dos quais lembrarei alguma coisa nas páginas seguintes. No tosco linguajar da Alemanha renascentista,e como exemplo típico das acima citadas re

ações,dizia publicamente Martin Luthero,em 1520: " muito me admiro que a nação alemã tenha ainda algum dinheiro ...por culpa dos corruptos e irresponsáveis da Igreja de Roma". Cito também J.Lortz,do seu livro "Die Reformation in Deutschland"(A Reforma na Alemanha): "... durante a Renascença, a Cúria Romana mostrou uma tal secularização dos costumes, que a Igreja primitiva a teria certamente denunciada como um movimento Anti-Cristo".

Paralelamente,durante a Renascença, também na Inglaterra, a Igreja local separou-se daquela de Roma, mas neste caso,não como produto de um movimento protestatório,como aconteceu na Alemanha de Luthero. Tratou-se de um ato de independência de Henrique VIII (rei da Inglaterra entre 1509 e 1547), quando o Papa,em 1534,negou uma ação de divórcio contra uma das suas esposas; ocasião em que ele declarou-se chefe da Igreja da Inglaterra, conhecida até hoje como Igreja Anglicana.

A pergunta vem então natural: " - o que de tanto extraordinário,grave e pecaminoso poderiam ter feito os homens da Igreja, em Roma, para motivar o sucessivo desmembramento e laceração da Cristandade ?"

Muito, mas para dar-se uma resposta, seria preciso,antes de tudo, refazer o cenário dentro do qual moveram-se as figuras do tempo. Deve também incluir uma certa dose da nossa imaginação e fantasia,pois mesmo se os fatos da Renascença, e da Igreja, estão abundantemente documentados, a nossa imaginação e fantasia são necessárias para dar a eles um complemento.

Devemos assim nos transportar, mentalmente, àqueles anos. Procurar conhecer, através da literatura, como era então o homem; como pensava, quais os valores que a ele tinham importância e quanto diferente era daquele dos nossos dias. Em suma, "fabricar" na nossa mente o homem renascentista, e partindo dele,desenhar o cenário da época. Como se pintássemos no centro de uma tela, um homem que já conhecemos, e em seguida, o seu ambiente, as coisas que o circundavam e a sua cultura.

> "...o que fazia Deus antes de criar o mundo?", perguntou o homem no fundo do Templo Protestante. Responde Luthero:"...antes de criar o mundo,Deus sentava-se sob uma arvore de Birch (chorão) e preparava seus finos galhos, para ser usados como chicotes, naqueles que faziam perguntas cretinas".

Largamente usada, a expressão bastante ambígua " homem da Renascença",está justamente presente na literatura sobre aquele bem determinado período histórico. A origem do "movimento renascentista" está basicamente localizada nas cidades-estado italianas, difundindo-se posteriormente por grande parte da Europa. A Itália então não existia como a conhecemos hoje(unida depois de 1861), mas existiam os italianos,os quais faziam parte de uma única entidade religiosa, cultural e geográfica.

Quase como se naqueles dois e meio séculos da Renascença, tivesse circulado no velho continente, um número relevante de "extraordinários exemplares"da nossa espécie, com características singulares. Com atitudes,dotes e funções novas. O nascer de uma "nova vida", de um novo "estilo"; como se um computador destes nossos dias programasse e desse origem a um homem extraordinário - fora do ordinário-; ambicioso, tantas vezes genial e generoso, e tantas vezes cruel.

Outra das características do homem renascentista, bem definida naqueles séculos, e talvez não somente neles - mas neste caso a História não deixa dúvidas -,foi a inexistência daquilo que hoje chamamos "to make money"(ganhar dinheiro, no sentido de o acumular, passando de uma condição de pobreza àquela de riqueza).

Durante aquele período,na Europa, o homem enquadrava-se, com barreiras bem definidas, em uma de duas categorias: aquela dos ricos e aquela dos pobres. Raros aqueles que da última passassem à primeira, ou da primeira à última.

Se pensamos hoje que uma tal afirmação, no que concerne a extraordinariedade do homem renascentista, seja produto da fantasia, devemos ter presente que aquilo que renasce, não é somente o mundo dos valores antigos, clássicos(gregos/romanos), os quais à Renascença voltam depois da escuridão da Idade Média. É acima de tudo uma afirmação do ser humano,em si, e dos seus valores, nos campos da cultura e da vida civil.

No Latim vulgar do homem de então - aquele que poderíamos chamar "língua de todos os dias" - assim como naquele usado pelos homens de cultura -,uma expressão impera entre o povo: "Magnum miraculum est homo" (o grande milagre(da Renascença) é o homem). Em outras palavras, expressão do Humanismo,quando o ser humano - ao invés do mundo místico e cósmico -, está então no "centro do universo".

Antes da Renascença,com exceções que representam um pequeníssimo número em relação aos milhões de homens que precedentemente habitaram este nosso Planeta, o ser humano, como indivíduo, em si, e não como grupo, mereceu pouco ressalto. Relativamente breve quando comparado com aquele longo e obscuro que o precedeu,o qual chamamos Idade Média, quando o homem transformou-se numa espécie de "supporting actor", deixando o "papel principal"ao mundo místico(talvez com a única exceção dos breves anos dominados pela imponente figura de Carlos Magno(VIII-IX séc. D.C.), a Renascença o põe sob as luzes da ribalta.

De nenhuma das primeiras grandes descobertas da antiguidade que proporcionaram a vida social, o nome dos descobridores chegou até nossos dias. Também os "inventores" e sucessivos experimentadores dos processos para acender o fogo, para a construção da cerâmica,da roda, do martelo, do arco(como parte das construções);dos metais, e respectivos artesanatos, nos são desconhecidos. Possuimos amplas testemunhas das instituições religiosas e éticas dos povos da mais remota antiguidade, mas pouco sabemos dos indivíduos que a elas deram vida. E assim foi também com os primeiros pensadores.Nada sabemos daqueles indivíduos que foram os primeiros a dedicar-se à filosofia, certamente séculos antes dos antigos gregos. Enfim, o ser humano, como "entidade individual", foi por milhares de anos um "ilustre desconhecido". Secundário aos fatos por ele criados. Similar às inscrições que freqüentemente lemos nos Museus sob uma obra de arte:"autor desconhecido". Acresce ainda o poder do Judaísmo(de onde o Cristianismo tem origem) e do Islamismo. Religiões sem imagens, pois segundo elas, "o homem nada pode criar,pois este é privilégio de Deus".

Os anos da Renascença, finalmente, põem o indivíduo,como tal, no "centro do mundo". É ele, então, o "criador"!

•

Mas voltando ao assunto principal deste capítulo, o qual diz respeito aos fatos da Igreja Católica Apostólica Romana durante a Renascença,podemos continuá-lo afrontando primeiramente seu ápice: o Papado.

Se limitarmos aquele período entre 1350 e 1600 (250 anos),pois como lembrei no Prefácio,todas as divisões cronológicas da História são aproximativas – às vezes con-

vencionais –, quarenta Papas reinaram durante aqueles 250 anos: de Clemente VI,entre 1342 e '52,ao segundo Clemente VIII, entre 1592 e 1605. Digo "segundo", pois um precedente Papa, com a mesma denominação, havia reinado a partir de 1423.

Já Clemente VI e seu sucessor, Inocêncio VI,não são Papas em Roma, pois a Sede Pontifícia está em Avignon, no sul da França. De 1362 a '89, com Urbano V, Gregorio XI e Urbano VI, o Papado volta provisoriamente a Roma, mas em 1378 tem início o verdadeiro período das cisões, durando 52 anos(de 1378 a 1430), com Sedes Pontifícias intercaladas, ou justapostas, quando a Igreja é vítima de uma acentuada interna luta político-religiosa. Com diversos Papas, cada um reclamando o direito de, somente ele, representar a Cristandade. Refletindo-se também nos baixos escalões da hierarquia eclesiástica: bispos, abades,monges,superiores de Ordens Religiosas,cada um optando pelo apoio de uma das facções; criando situações onde conflitos armados não foram raros. Os "escritos" de Machiavelli,contemporâneos de tantos daqueles acontecimentos, refletem uma realidade que inclue também a Igreja!

Vamos ver em seguida e em detalhe, o que aconteceu com os Papas nas suas diversas Sedes. Mais que uma luta de caráter religioso, é o poder no mundo laico e as relativas discordias políticas,que dominam a citada fase de 52 anos. Afinal,podemos pensar, "um Papa é um homem como outros,e não está isento de ambições e de sêde de poder".

Urbano VI é Papa em Roma de 1378 a '89. A partir do mesmo 1378 e até 1394, outro Papa,Clemente VII,reina também na cidade francesa de Avignon. O sucessor de Urbano VI, naquela que podemos chamar a Santa Sede de Roma,é Bonifacio IX, o qual tem também seu "concorrente" reinando em Avignon. Este é o espanhol Pedro de Luna, coroado com o nome de Benedito XIII.

Durante o período que Benedito XIII reina em Avignon (de 1389 a 1423), dois outros Papas sucedem-se a Bonifacio IX, na Sede de Roma: Inocêncio VII e Gregorio XII; e outros dois, paralelamente, sudecem-se,durante parte dos mesmo anos, dando vida a uma terceira laceração da Igreja. Estes últimos são Alexandre V e primeiro João XXIII nas cidades-estado italianas de Pisa e Bologna. Digo o "primeiro", pois o segundo, é aquele João XXIII que conhecemos recentemente, entre 1958 e '63.

Excepcionalmente,como uma curta trégua na luta pela su

premacia, Martinho V sucede Gregório XII, em Roma, e por seis anos (de 1417 a '23), é o único máximo representante da Igreja... e os homens desta iludem-se então tê-la levada novamente ao "bom caminho", mas em 1423, outro espanhol, Gil Sanchez de Munhoz, é coroado Papa em Avignon, com a denominação de Clemente VIII, o qual é sucedido, em 1425, pelo francês Bernard Garnier (Benedito XIV).

A partir de 1431, com o longo reinado de Eugênio IV (de 1431 a '47), Papa em Roma, a santa paz finalmente volta à turbulenta "sucessão" papal durante a Renascença. E assim foi até nossos dias, com uma única exceção durante o Império Napoleônico (1804-1815), quando Pio VI é exilado. Mas já estamos longe da Renascença o os problemas da Igreja, no que concerne estas "Notas", ja não nos interessam.

•

Não seria preciso mais que a progressão das acima citadas cisões no ápice da Igreja - e relativa luta pelo poder, incluido aquele secular -, para mostrar quanto dramática a sua história foi durante aqueles anos. Mas a Renascença "tinha ainda 150 anos de vida", e sanado o problema das disputas no seu ápice, a Igreja deve fazer face a duas outras grandes e sérias crises.

A primeira, e talvez a menos importante, pois o passar do tempo encarregou-se de saná-la - ou pelo menos fazê-la esquecida nos séculos futuros -, diz respeito à corrupção, às lutas pela riqueza, às extorsões através da venda das "indulgências"; aos escândalos com concubinas e filhos ilegítimos de Papas e Cardeais; ao uso injustificado da excumunhão, às torturas e os assassínios.

A segunda, não pode ser sanada com o passar do tempo. Representa a verdadeira grande cisão do Cristianismo, com a Reforma e a criação do Protestantismo, com todos seus subseqüentes ramos e variações.

A História trás aos nossos dias, depois de mais de 400 anos, alguns fatos da primeira das acima citadas crises. Todos devidamente documentados e à disposição dos estudiosos nos Arquivos do Vaticano, assim como através de biografias, diários, correspondência diplomática e epistolar, existentes nas bibliotecas públicas e privadas.

Ocupando-nos aqui da primeira daquelas crises, sabemos que se a reputação dos Senhores (ou Príncipes, como os chama Machiavelli), das cidades-estado italianas, foi de intrigantes, violentos, corruptos e conquistadores de damas; aquela dos homens da Igreja - Papas, Cardeais ou simples sacerdotes -, não devia ser considerada menos significativa. Os primeiros, eventualmente sempre laicos ou eventualmente passados de laicos a Cardeais - em muitos casos a Papas -, e malgrado a laceração e os escândalos da Igreja, continuam pedindo, às vezes implorando, a benção dos segundos. Um Príncipe laico das cidades-estado italianas, durante a Renascença, não pode naturalmente e "moralmente" reinar sobre seus súditos e sobre suas riquezas, sem o beneplácito dos vértices da Igreja. Paralelamente, esta não pode dispor de poder e prestígio sem a riqueza dos laicos. Deste "implícito acordo", ambos resultam potentes!

Quando um Príncipe manifesta o desejo de ver ele mesmo, ou um dos seus parentes ou amigos, dignificado com um chapéu cardinalício, lá estão os outros príncipes - aqueles das Santas Sedes -, prontos a satisfazê-lo. Se o candidato é um rapazola de 14 anos, como foi Ippólito D'Este, ou um renomado corrupto, membro da alta casta, como foi Giovanni Battista Ferrari, o vértice da Igreja tem meios para encontrar justificações e sanar feridas. A acima citada "venda das Indulgências" resolve praticamente tudo!

Compensativamente, quando Papas e Cardeais necessitam
auxílio para reencher suas vazias caixas - das Santas
Sedes ou pessoais -, ou através de intrigas políticas,
desejam conquistar o poder numa cidade-estado, eles podem
contar com a ajuda dos laicos potentes e ricos. Estes pa
trocinam também a construção de palácios a muitos Carde-
ais, fazendo-os decorar pelos melhores artistas da época.
Muitos destes palácios podem ser ainda vistos na Itália
de hoje. Exemplo de fastuosidade são o "Palazzo Venezia",
no centro de Roma, e a "Villa D'Este", em Tívoli, ex-resi -
dência do Cardeal Ippólito D'Este. Cada um destes e outros "palácios cardinalícios", constituía, de fato, uma espécie de pequena Corte, dotada de influência política so-
bre a cena Romana e internacional. Dela faziam parte a-
migos, colaboradores, secretários, servos, cozinheiros,
soldados, músicos, pintores, astrólogos e um número consa-
pícuo de parentes e parasitas de todo tipo. E disfarçadas
como esposas dos últimos, estavam também as amantes dos
altos dignatários eclesiásticos. Pois, como sabemos, po

der e riqueza carecem de um "terceiro elemento" para formar um quase-perfeito triângulo no "mundo masculino". O mundo, que feliz ou infelizmente, sempre prevaleceu...na Igreja e fora.

Este terceiro elemento é o menos difícil de ser conquistado: as "damas das mil virtudes". Elas estão à disposição de Papas e Cardeais; a eles dão filhos, e estes netos. Parte desta larga progênie, como a História nos conta com documentos e detalhes, é sucessivamente elevada ao Cardinalato. Alguns são eleitos Papas.

Gostaria de listar alguns exemplos de fatos - entre as dezenas e dezenas profusamente documentados na literatura renascentista -, chegados aos nossos dias,que somados às cisões no ápice da Igreja(vários Papas em várias Sedes), completam o quadro. São todos fatos históricos que não podem ser refutados. Na verdade, a própria Igreja os reconhece, mesmo se, como há pouco lembrado,são pouco conhecidos fora do ambiente; ou fora daqueles que nunca deram-se ao prazer dos livros.

- Papa Alexandre VI(1431-1503), nascido da célebre família espanhola,Borja, concede o chapéu cardinalício a seu filho ilegítimo(César Borgia), conhecido em Roma como "famigerado Valentino"(o nome Valentino é um neologismo: César Borgia era também Duque de Valência, na Espanha, daí o "valentino"),pelas suas proezas amorosas e cruéis,as quais, naturalmente,nada tinham a ver com os ensinamentos da Igreja.
- O mesmo Papa Alexandre VI dilata o Sacro Colégio com cinco dos seus sobrinhos, três primos e um sem número de personagens que tinham a possibilidade de "comprar"o título de Cardeal,contra o pagamento de substanciais doações. Estas não vão aos cofres da Igreja mas aos cofres privados de Alexandre VI. Durante seu reinado, nomeia um número recorde de Cardeais(43) e amassa, ele mesmo, uma considerável fortuna.
- O Cardeal Alexandre Farnese, da célebre e nobre família das cidades-estado italianas de Parma/ Piacenza, homem não exemplarmente casto, obriga a irmã (Giulia Farnese) a "ligar-se" a Alexandre VI,quem o tinha nomeado Cardeal. Entre outras, Giulia Farnese é a"amante oficial" do Papa.
- O mesmo Cardeal Farnese tem diversos filhos ilegítimos, dois dos quais são nomeados Duques nas cidades-estado, onde em alguns anos esvaziam os cofres.

- Ippólito D'Este(aquele da famosíssima residência em Tívoli, nas imediações de Roma), membro de outra das ilustres famílias nobres italianas(cidade-estado de Ferrara), é nomeado Cardeal com 14 anos, compensando assim uma contribuição feita pela sua família à Igreja. Posteriormente, já adulto, manda torturar até a morte o próprio irmão,pois este era preferido a ele, por uma dama quem ele queria sua.
- Luis de Aragon, nomeado Cardeal aos 20 anos,para compensar a contribuição feita às caixas da Santa Sede, tem uma de suas amantes confinada num Convento, quando esta ameaça de o deixar.
- Os Cardeais Giuliano Cesarini e Atanieu d'Albert são conhecidos na Roma dos anos da Renascença, pelo respectivo número de amantes. Os cronistas da época deixaram "escritos", com relativos nomes e endereços de tais damas, inclusive nomes de uma numerosa prole de filhos ilegítimos. Todos "Filius notus Cardenalis".
- O Cardeal Francisco Remolins tem o marido da sua amante confinado por três anos no Castelo de San Angelo(ainda existente, a meio quilómetro do Vaticano) , quando este revolta-se contra aquela situação.
- Giovanni Battista Ferrari, nomeado Cardeal aos 18 anos contra o já citado tipo de contribuição, é posteriormente envenenado pelos homens de Papa Alexandre VI,quando este descobre que o Cardeal tinha posto as mãos na sua fortuna: acumulada "vendendo" Indulgências e chapéus cardinalícios por muitos anos.
- O Papa Júlio II(1445-1513), de nome Giulio della Rôvere(ainda hoje uma potente família em Roma), nomeia Cardeal quatro dos seus próximos parentes, dois dos quais reconhecidos corruptos em toda a Roma da época.
- Papa Inocêncio VIII(1432-1492) chama à Santa Sede um dos seus filhos ilegítimos, o qual dá ordens como se fosse ele mesmo o Papa.
- Os Cardeais Ércole Gonzaga, da célebre e nobre família de Mântova, e Inocêncio Cibo(posteriormente Papa Inocêncio VIII), são conhecidos por dedicarem-se aos prazeres mundanos em grande estilo. Uma das amantes do Cardeal Gonzaga, Isidora Pomerini, quando menina de 15 anos, tinha sido "importada" por ele da cidade-estado de Ravena.
- O Cardeal Marco Vigeri,colaborador do Papa Júlio II, quando morre, deixa três amantes e quatro filhos ilegítimos. Um "diarista"(aquele que mantinha os diários privados na Santa Sede), anota em 1506,"que a mor

te do Cardeal Vigeri é atribuida a exageros eróticos ("ex Nimio, ut Dicunt,Coitu").

- Os Cardeais Luigi Rossi e Benedetto Accolto,nomeados pelo Papa Leão X(1461-1521), morrem, segundo os médicos,"devido desordens provocadas pelo álcool e pelo sexo".
- O frade Giròlamo(Jerônimo)Savonarola,em fevereiro de 1498, por ter abertamente criticado os escândalos da Igreja, em Roma, é excomungado. Indignado, pois nada mais dizia que uma verdade conhecida há decênios por todo o mundo Cristão, diz no seu último sermão(documento no Vaticano), usando a "Parlata Volgare(Latim do povo) e a "Volgare Ilustre" (Latim usado por Dante, aos doutos): "...(Papas e Cardeais) vendem os benefícios(indulgências); vendem a Igreja de Cristo! Quando chega a noite, os "senhores"de Roma vão ao divertimento; alguns às orgias públicas, outros às próprias concubinas... chegados a uma tal vergonha,onde a corrupção, as intrigas, as amantes e o desperdício do dinheiro da Igreja são comuns...".
  Três meses depois, em 23 de maio de 1498, o frade Savonarola é pendurado pela cabeça e queimado por desconhecidos(!), na Praça della Signoria, em Florença.
- Enquanto todos esses escândalos acontecem em Roma, o Inquisidor Geral na Espanha,Tomás de Torquemada(1420-1498), sinônimo de crueldade e de um fanático bigotismo religioso, manobra os Tribunais de Aragon, Sevilha, Jaen, Córdoba e Saragosa para a condenação à morte(pelo fogo quando ainda vivos;outros através da tortura), daqueles que não obedecem os ditames da Igreja. Tudo sob a proteção dos Reis Católicos de Espanha, Fernando e Isabel.

  E a lista poderia continuar por tantas outras páginas...

Estes são somente alguns poucos exemplos entre aqueles que a História trouxe até nossos dias. Nos anos da Renascença, um clima de violência, avidez,escândalos e corrupção generalizada, havia investido a Igreja. O caso particular da escandalosa "venda das Induigências" e da abominável "Inquisição", continuaram nos séculos sucessivos.

Cardeais eram nomeados segundo quem oferecia melhor recompensa; pessoalmente ao Papa ou à sua Cúria. Aqueles, em seguida, amontoavam fortunas, as distribuiam a paren-

tes, amigos e amantes. Cobertos por jogos políticos, dividiam-se castelos, poder nas cidades-estado, dioceses , legações diplomáticas. De tudo tirando proveito.

Capítulo à parte na história da Igreja durante a Renascença, diz respeito à mais célebre família espanhola que a Itália jamais conheceu: os Borjas(na Itália dos séculos XV e XVI,o nome começou a ser escrito Borgia).

O primeiro deles, chegado na Itália, foi o ex-Secretário do rei de Espanha Alfonso V(1396-1458),Alonso Borja. Sucessivamente Cardeal e Papa Calixto III. Seu filho ilegítimo, Rodrigo Borja, sob a proteção do pai,foi primeiro Cardeal e em seguida, Papa Alexandre VI; o mais famoso Papa da Reanscença; político e"homem de negócios"acima de tudo. Entre os filhos ilegítimos deste último,nascidos entre 1475 e '81,estavam os famigerados César e Lucrézia Borgia.

*

Sobretudo, foram as vitais exigências que Papas e Cardeais tinham, e têm ainda, de dispor de conselheiros em quem depositar confiança; e ao mesmo tempo, circunscrever as desvantagens de um poder não-hereditário - assim como a exigência de defender-se da secular oposição do Sacro Colégio -, que deram vida a um desenfreado nepotismo. Em favor de parentes e amigos, os quais conquistaram poder político e acumularam imensas riquezas.

Cito Francisco Guicciardini(1483-1540),estadista e historiador durante a Renascença, do seu livro "História da Itália": "...(Papas e Cardeais)exaltados à potência terrena, abandonando lentamente a memória da saúde da alma e dos preceitos divinos; voltando o pensamento à grandeza mundana... não usando a autoridade espiritual, mas a (autoridade) temporal-secular, começam a parecer mais comuns Príncipes que Papas e Cardeais. Neles, a atenção aos próprios prazeres e aos próprios negócios, prevalece sobre a santidade da vida".

Os séculos da Renascença,todavia,devido ao fato que poder e riqueza devem necessariamente produzir resultados outros,pois em si poder e riqueza são finalmente passageiros,podemos dizer - um tanto cinicamente ! -, que eles deram ao mundo também o mais espetacular grupo de artis-

tas, conquistadores de novas terras, protetores das artes, cientistas, políticos, banqueiros, decoradores, joalheiros, escritores, arquitetos, soberanos, humanistas e Santos que a história ocidental conheceu. Homens que a cultura da nossa civilização levou ao pináculo da glória, como Leonardo da Vinci, Donatello, Bramante, Tintoretto, Francis Bacon, Mathias Grunewald, De Soto, Albrecht, Tycho Brahe, Ximenes de Cisneros, Lucas Carnach, Rubens, Raphael Sanzio, Fernão de Magalhães(conhecido como Magellan), Michelangelo Buonaroti, Copérnico, Gallileu, Piero della Francesca, Tiziano, Veronese, Petrarca, Guttenberg, Colombo, Vasco da Gama, Amérigo Vespucci, Cabral, Pizzaro, Hernan Cortês, Camões, Walter Raleigh, Colonna, Orsini, Doria, Sforza, Erasmo de Rotterdam, Ponce de Leon, Caravaggio, Thomas More, Luthero, Calvino, Kepler, Rabelais, Francis Drake, Inigo Lopes de Recalde(conhecido como Ignacio de Loyola), Shakespeare, Cervantes, Felipe II de Espanha; Benvenuto Cellini, Castiglione, Holbein, Dürer, Teresa D'Avila, El Greco, Francisco de Sales, Bernini, Andrea del Sarto, Verrochio, Filippo Lippi, Botticelli, Mantegna, Fra Angélico, Perugino, Pinturicchio, Cornélio Ágripa, Isabel D'Este, Santa Catarina de Siena, Elisabeth Tudor, Joana D'Arc, Bocaccio, Gil Vicente, Bruneleschi, Torquato Tasso, Palladio, Bellini, Bruno Giordano, Machiavelli, Francisco Xavier e tantos outros que fogem agora da minha memória.

Gostaria, todavia, de lembrar ao leitor - representante da nossa espécie neste fim do II milênio Cristão -, que ele não deve orgulhar-se excessivamente da glória do acima citado número de grandes personagens !

Já durante a Renascença e nos séculos sucessivos, a nossa espécie "descobriu" três fatos que a chocaram profundamente no seu "amor próprio" !

Primeiro: que a Terra não é o centro do mundo(Copérnico/Gallileu), portanto o homem também não é. Segundo: a nossa origem animal; produto de originais microrganismos como provam as teorias da evolução através da seleção natural de Darwin, e não produto de um ato divino. Terceiro e último: o fato que não somos "donos" nem mesmo da nossa psique, como prova Segmund Freud.

Na verdade, nem mesmo "donos" do nosso próprio nome... escolhido por outros !

Portanto...

Mesmo se a criação daqueles homens e dos seus feitos, não foram direto resultado do poder e da riqueza dos Príncipes laicos e eclesiásticos da Renascença, sem estes não teríamos recebido a maravilhosa herança daqueles séculos. Quase tudo vigorosamente presente na Europa e ainda à disposição dos estudiosos e de simples curiosos.

Presentes nos livros, nos objetos, nos documentos, nas Igrejas, capelas e catedrais, museus e palácios.

O poder e a riqueza, a corrupção, as intrigas, o "tráfego" das Indulgências, as artes, as lutas pela supremacia na Igreja e no mundo laico; a introdução na Europa dos números árabes(1,2,3...)e da formalização da contabilidade, do seguro, das letras de câmbio; a expansão territorial do mundo então conhecido(Américas); as descobertas científicas; a laceração do Cristianismo(Reforma Protestante); a exploração do mundo cósmico e os gênios.

Duzentos e cinqüenta anos de "humanismo", com o homem no "centro do universo"!

Tudo isto foi a Renascença. E segundo este autor, o período mais interessante e rico da nossa História.

Em cada cidade européia que visitei, fui pagar meu modesto tributo. Entrando nas Igrejas - onde as heranças da Renascença estão maiormente concentradas. Em ponta-de-pés. Com os olhos na sua arquitetura, na sua arte, na sua história, na sua música. E finalmente, com os olhos pregados no Altar, dizendo minhas orações, como nos tempos de uma longínqua infância.

Trajes da Renascença(1350-1600)

A nossa viagem à Índia e ao Nepal havia sido originalmente programada para o caminho de volta (via oriente),da Europa aos Estados Unidos. Resolvemos porém modificar os planos, para evitar que tal volta tomasse muito tempo, caso uma visita àqueles países fosse incluída no itinerário. Assim é que estamos fazendo Itália-Índia-Nepal-Índia-Itália. Uma viagem longa no tempo e no espaço. Custosa também, mas tudo somado,uma experiência como poucas feitas nestes longos anos.

O nosso plano de vôo inclue: Milão, Frankfurt, na Alemanha, onde passamos da Alitalia à Lufthansa; Zagreb e Belgrado, na Juguslávia; Istambul e os territórios da Anatólia - como é chamada a parte asiática da Turquia;Teheran, no Irã, e finalmente Delhi, na Índia.

No "jumbo" da Lufthansa, é o "KronungsKorzert"para clavicórdio e orquestra de Mozart, que além da Diva, faz-me companhia. Maurizio Pollini e a orquestra sinfônica de Cleveland, sob a regência de Karl Bohm, interpretam esta superba página do mestre de Salzburg. O programa também inclue a sexta sinfonia(Patética) de Tchaikovsky.Uma das mais românticas obras de toda a história sinfônica,magistralmente interpretada pela Orquestra de Estado da URSS, sob a regência de Eugenyi Svetlanov. E quem melhor que uma orquestra russa poderia interpretar Tchaikovsky ? E quem melhor que ele poderia ter composto uma assim estupenda música ?

É com tristeza que ouço estas composições,pois sei que milhões de seres humanos não as conhecem; perdendo assim uma das maravilhas desta nossa curta existência.

Dentro do avião da Lufthansa, penso que hoje é um dia importante na geografia das minhas viagens. Gorki,na União Soviética,foi nos precedentes anos,o ponto mais a oriente chegado até aqui. Hoje,essa "barreira"será passada!

Chegamos em Delhi depois de nove horas de vôo,mas devido a diferença de horário, "passaram-se" treze. Quando em Milão é meio-dia,em Delhi são 4 da tarde;quando em S.

Paulo é meio-dia, em Delhi são 8 da noite (horários legais excluídos).

A visita à Índia incluirá as cidades de Delhi, fundada em 1526, anexa a qual está New Delhi (Nova Delhi), capital do país. Incluirá também Agra e Benares - a última, cidade Santa, chamada Varanasi pelos indianos -, ambas no Estado do Uttar Pradesh. Incluirá também Khajuharo e Jaipur, no Rajasthan; Fatehpur-Sikri, Fort Amber, Sarnath, Aurangabad e Ajanta. Finalmente, Bombay, no Maharashtra. Alguns trajetos serão feitos de ônibus, dando-nos assim oportunidade de ver parte da campanha. E viajar de ônibus pelas estradas da Índia, como sucessivamente notado, é experiência que não pode ser esquecida!

À semelhança da China, cujo nome para os chineses, como mencionado na primeira página destas "Notas", é Zhong-Guò, o nome que os indianos dão ao seu país é Bharatjuktarashtra.

É o segundo mais populoso país da Terra.

No Nepal, uma monarquia ao norte da Índia, aos pés da cordilheira do Himalaia, visitaremos Kathmandu, sua capital, assim como Patan, Pachupatinah, Bodhnath e Bhagdan.

*

A curiosidade do homem pelo novo e desconhecido tem raízes profundas. Certamente precedentes ao tempo que ele iniciou a caminhar com dois membros.

Como era feita a caverna do vizinho ? O que haveria atrás daqueles montes, daqueles rios, daqueles mares ? E o céu onde terminaria ? Haveria gente como ele nas estrelas, na Lua, no Sol ?

Por que ? Por que ? Por que ?...e o homem então transformava-se num "primitivo cientista" !

Curiosidade, curiosidade e mais curiosidade ! E as viagens, em grande parte, são também produto dessa curiosidade. O "motorzinho" inocente que move nossa vida, pois quando não há mais curiosidade, a vida perde o melhor dos sensos; do homem primitivo das cavernas àquele de hoje ; com seus dez ou mais anos de escola.

Um processo fascinante e sem fim. A eterna curiosidade pelos nossos semelhantes e por aquilo que nos circunda.

Volto a citar Santo Agostinho. Juntamente com Tomás de Aquino (1227-1274), foram os dois maiores filósofos da Igreja Cristã. Agostinho, dominante figura da Cristandade depois de Cristo e S.Paulo, nasce em 354, em Ippôna, hoje Ánnaba, na Argélia; antiga província Romana da Numídia. Está enterrado na cripta da Igreja de San Pietro in Ciel na cidade de Pavía, a 35 quilômetros ao sul de Milão.

Diz Agostinho:

> "...et eunt homines admirai alta montium et ingentes fluctum maris et latissimus lapsus flumium et oceani ambitum et gyros siderum et reliquunt sieg sos...".

> "...e os homens querem admirar o pico da montanhas as ondas dos mares, as cachoeiras, o amplo oceano e a órbita dos astros... e acabam desconhecendo eles mesmos...".

*

Numerosos são os aspectos da milenária civilização indiana (Indu, Buddhista, Muçulmana, colonial), e da sua profunda religiosidade, a qual manifesta-se principalmente nas incessantes procissões pelo sagrado rio Gânges; mas também na magia, na arte, nos monumentos e nos templos. Estes, verdadeiros tesouros artísticos; quase lendas esculpidas na rocha.

Mas sob certos aspectos, quase todos nós "conhecemos" a Índia através dos livros e dos filmes ! O leitor poderá lembrar de filmes como "As chuvas de Ranchipur", "Lanceiros da Índia" e "Gunga Din". Filmes dos anos '30 e '40, continuamente mostrados nas TVs de todo mundo. Neles é mostrada uma Índia colonial, dominada pela Inglaterra, a qual deixou neste distante país, tradições e cultura que o passar dos anos não consegue destruir.

O domínio inglês agrupou, assim, duas civilizações. Arrogante e racional aquela trazida pelos conquistadores. Ingênua, sentimental e filosófica, aquela dos conquistados indianos. Portanto, o visitante deve ter a abilidade de mentalmente separar a Índia-Índia da Índia por assim dizer "britânica"; ou Anglo-Índia, como era então chamada.

Para os indianos, a língua trazida pelos seus ex-conquistadores, e eventualmente ainda hoje usada pelos pri-

meiros, não reflete somente um meio prático de comunicação com o mundo externo. Ela tem escondida nas suas raizes,um modo de vida que o indiano não pode totalmente esconder ou liberar-se. Este meio de comunicação, todavia, não reflete uma imitação do modo de pensar ou agir percebido na Inglaterra,nem ao contrário, o refuta. Talvez seja um misto de emoções, o qual o indiano produz nas suas atitudes. Uma situação por tantos versos anômala e raramente igualada em países com a dimensão e tradições deste.

A língua nacional é o Hindi, oficialmente decretada em 1947, quando da independência da Inglaterra. Ela é "circundada",segundo recenseamento , de 845 diferentes dialetos,muitos dos quais incompreensíveis aos próprios indianos. Usa-se "senhor" e "senhora" nas relações entre membros da família. "Você"é usado nas orações, quando referindo-se às divindades. A filosofia deste comportamento, é que "nenhuma pessoa pode estar chegada a outra como pode estar chegada às divindades", portanto "você" aplica-se somente a elas.

A complicadíssima escritura indiana, reflete uma variação fonética do original Sanscrito(língua já usada quinze séculos antes de Cristo); e faz parte das línguas Indo-Européias, as quais incluem naturalmente o nosso português.

O modo de escrever é único. Como se as letras estivessem "penduradas" sob um fio de arame! Mas o traço que as sobrepõem é somente um meio de uni-las, como nós as unimos na parte inferior.

	Indiano	Chinês
Brasil:		

A respeito das línguas, gostaria de acrescentar algo mais. Alguns antigos sistemas de expressão - escrita ou falada -,como são as línguas indiana e chinesa, ainda hoje em uso - , assim como foram no passado os hieróglifos no Antigo Egito -,consentiam e consentem muitas incertezas e ambigüidades,não permitidas,por exemplo, nas modernas línguas européias.

Assim é que naqueles antigos sistemas foi e é comum(em tantíssimos casos), somente o uso das consoantes. As vogais deviam e devem ser "subentendidas"(inseridas mentalmente pelo leitor ou por quem ouve),usando a própria experiência. Isto explica, em parte, porque a pronúncia

dos hieróglifos é desconhecida. O seu significado é, mas não sabemos como os antigos egípcios os pronunciavam. A escritura deles tinha também outras ambigüidades.Era deixado ao arbítrio de quem escrevia,se colocar os símbolos da direita para a esquerda ou vice-versa. Estes seguiam-se a igual distância; difícil assim saber se pertenciam à palavra que precedia ou àquela que seguia.

Dou dois exemplos simples e práticos da seqüência dos hieróglifos. O símbolo(desenho)de uma árvore significa"árvore", mas dois deles juntos, não significa "duas árvores, mas "floresta". O símbolo de um homem em pé significa "homem", mas dois deles, "homem forte". Se o segundo símbolo mostra um homem sentado, significa"homem fraco".

Uma antiga língua e relativa escritura, ainda hoje em uso por mais de um bilhão de homens, mesmo se gradualmente simplificada(mormente depois da chegada do comunismo naquele país), é a chinesa. Suas ambigüidades podem alarmar um ocidental que se proponha de aprendê-la.Ela é praticamente composta de monossílabos que podem ser pronunciados, e interpretados, independentemente ou combinados entre eles. Cada um deles pode ser pronunciado,em média, de dez diferentes maneiras, e cada pronúncia - cuja diferença pode ser imperceptível ao ouvido de um ocidental -, tem significado diferente. As palavras-monossílabos podem também não ser identificáveis se substantivo, verbo, advérbio, adjetivo,etc., assim como faltam as variações através das quais seria possível reconhecer o gênero, o tempo e o modo. Resumindo, podemos dizer que línguas como a chinesa e indiana, são compostas estritamente da "matéria prima" necessária à compreensão.

Similar situação com a língua japonesa, a qual não tem raizes naquela chinesa,mas dela emprestou um sem número de vocábulos (Japoneses: mestres em copiar tudo de outros!). Relativo ao uso da "matéria prima",nós no Brasil temos experiência de como os japoneses recem-chegados(ou às vezes aí por 40 anos), ainda ignorantes da nossa língua, compõem as frases. Isto faz-me lembrar de um simpático chofer da nossa firma em Bari, na Itália, o qual,na sua simplicidade,dizia falar alemão e russo. Aqueles que não o conheciam o tinham por pessoa douta. Posto à prova numa destas línguas, ele dizia: "...eu ir passear crianças parque ver bichos...". Segundo ele - e o fazia conscientemente -,estava falando aquela língua estrangeira, pois era assim que ele ouvia russos e alemães falarem!

Oposto ao uso da "matéria prima" das línguas chinesa e

indiana, temos a "matéria prima trabalhada" das línguas européias modernas. Estas são, por assim dizer, "sofisticadas","retóricas","adornadas" e "empoladas", portanto opostas à "rudimentalidade" da chinesa, indiana, japonesa e outras. Como se, no caso fosse usada somente a "matéria prima" pura e simples, faltasse às modernas línguas européias alguma coisa! Ou como se os seus meios de expressão - escrito e falado -,ao invés de simples meios de comunicação, fossem uma arte !

Tais características filológicas das línguas européias refletem-se, também,em outras áreas das próprias culturas: na pintura, na arquitetura, na música, no comportamento, nas atitudes. Isto explica, também,porque certos usuários das línguas européias,como podem ser franceses, espanhóis e italianos, por exemplo, são excessivamente prolixos, "dilatando" um simples pensamento de maneira extravagante. Não basta a estes a pura e simples comunicação ! Esta "deve" ser "ornamentada" e longa:quase fastidiosa !

Durante nossos anos na Europa,divertíamos muito nas ocasiões que era necessário pedir informações. Lembro-me particularmente de três delas. A primeira em Milão, quando perguntei a um idoso senhor onde encontrava-se a Igreja onde estava pintada a "Última Ceia" de Da Vinci.O homem iniciou contando dos tempos de Leonardo como aprendiz do pintor florentino Andrea del Verrocchio; continuando sobre a bomba, que na segunda grande guerra,destruiu três das quatro paredes do refeitório,onde a "Última Ceia" foi pintada, mas não aquela da pintura; e terminando pela descrição dos reparos da mesma pintura,iniciados anos antes, mas ainda não terminados devido ao poder da burocracia. Lembrado por mim sobre a localização da Igreja, deu um grande suspiro e então apontou o caminho!

Uma segunda ocasião foi dentro de um trem que viajava entre Milão e Lugano,na Suíça. Lembro-me que fizemos uma simples pergunta a uma senhora que também sentava-se no nosso compartimento. Antes de dar a resposta, precisamos ouvir a estória da sua família!

Um terceiro caso que me vem à mente, foi aquele de um advogado que tinha sido contratado pela firma,para conselhos legais. Nada que fosse "direto" e simples(à moda americana!) era possível ouvir dele. As citações de Petrarca seguiam-se àquelas de Dante e destas,àquelas de Shakespeare, até que alguém o lembrou do nosso interesse pelos possíveis problemas que o escorrimento das águas da nossa

fábrica pudessem causar àquela vizinha.

Mas a "arte da prolixidade" leva-me aqui a recontar uma velha lenda árabe, chamada "A'LF LAYLA WA LAYLA"("Noites da Arábia", mas conhecida no ocidente como "Mil e Uma Noites"), talvez já ouvida muitas vezes pelo leitor. A estória passou-se assim: A cena é a Ásia Central, justamente onde está a Índia. O rei Shahryar descobre que sua esposa o tem regularmente traído durante suas ausências do Palácio. Ele a manda executar e sucessivamente, casa-se, uma a uma, com todas as candidatas da Corte, e uma a uma, as manda executar pela mesma razão. O"vizir" do rei (espécie de Primeiro Ministro)tinha duas filhas:Dunyazad e Scherazade. Scherazade(a mesma sobre a qual foi escrita a música de Rimsky-Korsakov)convence seu pai para que ela seja dada em matrimônio ao rei. Casados, ela inicia a contar uma estória ao rei,prometendo o fim da mesma no dia seguinte. E assim sucessivamente, dia após dia, infinitamente, evitando assim que o rei a fizesse executar , como tinha acontecido com todas as suas precedentes esposas !

*

Adicional consideração pode ser feita a respeito de outra língua européia, a qual também reflete-se na própria cultura: a inglesa. As artes na Gran-Bretanha respeitam as características desta língua(ou vice-versa!): pobres, não-sofisticadas, diretas, quadradas,simples. E assim explica-se, em parte, porque a língua inglesa é tanto usada. O homem, em geral, tem a natural tendência de procurar aquilo que é simples, rápido, prático e direto.Ou seja, aquilo que requer menos esforço físico. E o falar, o escrever...e o ouvir, são naturalmene esforços físicos !

E não somente no uso das línguas caminhamos vagarosamente para a "economia"dos esforços físicos e para a imobilidade. O homem nunca passou tanto tempo descansando (ver horários de trabalho, sempre mais reduzidos); ou atrás de uma escrivaninha.

O esforço físico perde importância à vista d'olhos e a sua cotação na "bolsa dos valores humanos", continuará a perder pontos. Somente o cérebro terá um "futuro"nos séculos diante de nós ! Posso imaginar o homem do século XXII, por exemplo, sentado diante de um aparelho - que

possivelmente não mais chamar-se-á computador -,apertando
do botãozinhos,e o movimento de um dedo será o único esforço físico ! E ele terá à disposição alimentos, sono,
livros, luz, ar fresco e quente...e possivelmente também
um ou uma "partner"! Em suma, será quase uma"obrigação"
que a vida futura - mas já bastante evidente nestes nossos dias -, imporá. E já observável nas áreas do vestuário, dos negócios, da religião, das relações humanas,nas
curtas visitas a amigos e parentes e na procura do "partner"! ...que no passado exigia uma série de "estratagemas", mas que nestes tempos modernos limita-se a uma simples pergunta: "...em que Motel vamos?"
Ainda uma vez, tudo fazendo parte do processo de "vulgarização" da nossa espécie.

*

Mas voltando à Índia: durante o tempo colonial, este país incluía aquilo que é hoje o Paquistão e o Bangladesh. Com aqueles territórios, a Índia de então representava uma área igual a 50% do território brasileiro,mas com uma população seis vezes maior. Como a China, e possivelmente como o Brasil, num futuro não muito distante, a população indiana tende sempre a crescer. Oposto ao caso dos países desenvolvidos da Europa,onde ela mantem-se geralmente inalterada. Em certos casos diminuindo, como é o caso da França, da Inglaterra, da Suécia e outros.

Na Índia, o sacro e o profano misturam-se magistralmente. Vêm-se ratos e macacos nos templos, alguns dos quais dedicados especificamente a eles. Vê-se gente dormindo um pesado sono ao lado de estátuas de divindades,com seus inúmeros braços.
A religião materializa-se também nas artes, nas escrituras dos templos, nos objetos caseiros, na dança, na música, na grande variedade de pedras semi-preciosas artisticamente trabalhadas;no estampado das belíssimas sedas.
Tudo é relacionado com as principais religiões locais:Induismo e Buddismo.
Brahma, Vishnu e Shiva, na teologia Indu,representam a "trindade", similarmente como no Cristianismo temos Pai, Filho e Espirito Santo.
Os templos centenários,espalhados por todo o país, são sempre adorados com estusiasmo. Os "gurus"misturam o som

das suas vozes com aquele dos comerciantes e com o tráfe
go eternamente caótico, barulhento,desorganizado e indis
plinado. E com um inferno de buzinas.
Ônibus e caminhões têm escrito na trazeira, em grandes
letras","Horn,Please"(buzinar,por favor), como se fosse
necessário fazer tal apelo ! A "mão esquerda" do trân-
sito(como na Inglaterra) pode na Índia ser também "a di-
reita"! Carroças, sagradas e intocáveis vacas e sagra -
dos macacos - e eventualmente camelos e elefantes -,va
gueiam livremente pelas ruas das cidades. Os ônibus,api-
nhados de gente, poderiam ser úteis a um estrangeiro, se
fosse possível saber onde vão! Tal é a quantidade de ins
crições por toda a carroçaria.

É o Oriente! Com seu misticismo, com seus mistérios e com seus costumes exóticos. E para divertir-se, um estranho a este mundo nada mais precisa fazer que parar numa esquina e observar...

Na confusão, que é "confusão" para nós, pois o conceito ocidental de disciplina é diferente; mas não é absolutamente confusão ao homem-da-rua indiano, estão mendigos às centenas de milhares. Uma "classe" toda especial. Talvez organizada por algum "sindicato"(!), pois não apre - sentam-se aos passantes, jamais dois cegos ou dois aleijados em seguida. Um "tipo" de mendigo segue outro, para que o coração do passante, mormente se estrangeiro, comova-se e seja generoso com cada "categoria". Paradoxalmente, assaltos são raríssimos. E isto pode demonstrar que não são pobreza e miséria, somente elas , que criam ladrões e assaltantes.
Sempre sobre os mendigos da Índia, nota-se também os "fixos". Sentados no chão, enfileirados às dúzias. E nota-se também os "móveis". Estes, "categoria" que vi somente na Índia, são capazes de seguir um "potencial doador" por inteiros quarteirões, às vezes puxando as moletas. Em grupos.

*

Na vastidade mística-histórica-cultural deste interessantíssimo país, descobre-se um enorme mosaico de raças, tradições, dialetos, supertições, costumes e religiões.
Diversas são as nações que formam um país extremamente

complexo e difícil de ser entendido como é a Índia. Referir-se a ela e aos seus problemas, quase sempre significa referir-se à miséria e à morte. Quando disso falamos aos indianos, estes sacodem a cabeça e sorriem. Dizem que " a Índia é tudo isto; é a Mãe do Universo e contém, em si, todos os segredos, todas as paisagens e todos os climas da Terra. Dos picos do Himalaia e dos vales do Kashmir, ao norte, aos lagos de Kerala, no sul. Do rio Gânges aos desertos e às costas sul-ocidentais (freqüentadas no fim do século XV e início do seguinte por Vasco da Gama (1469-1524), aquele nosso conhecido grande navegador, celebrado tantas vezes nos "Luzíadas" de Luís de Camões (1524-1580), e enterrado no Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa).

> "...o homem, por natureza, tende ao saber. Exemplo é o amor pelos cinco sentidos.. independentemente da sua utilidade... e mais que tudo, o homem ama o sentido da vista, pois prefere ver...pois a vista faz ele conhecer mais que os demais sentidos!".
>
> Aristóteles(384-322 A.C.), do Livro I . da "Metafísica".

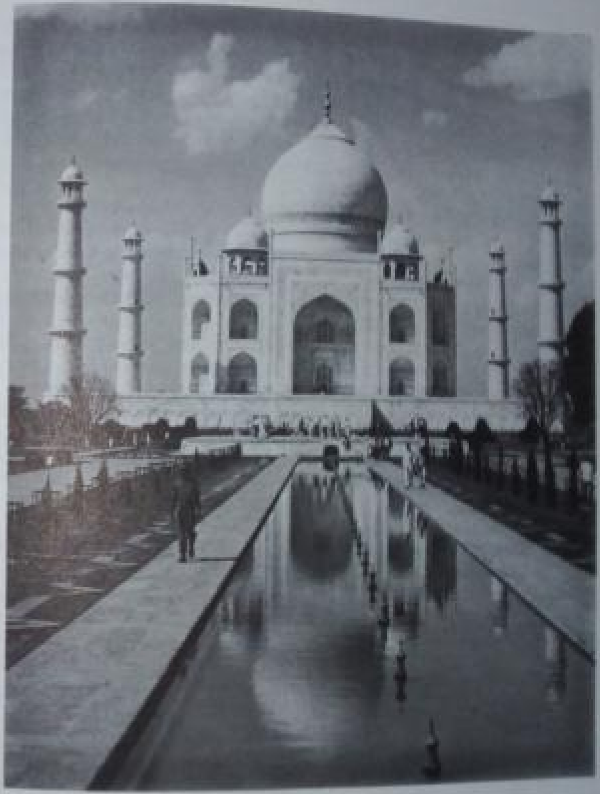
Mas a Índia é acima de tudo cor!

A cor rosa do Rajasthan; aquela dos templos religiosos; aquela dos "sarís" de seda usados pelas mulheres; aquele pontinho vermelho desenhado na testa das mesmas, indicando que não estão disponíveis; aquela das roupas e turbantes usados pelos homens; aquela dos chifres do gado, pintados de verde e amarelo; aquela das danças, das festas populares e do famoso Taj Mahal.

Tudo é cor na Índia! Como se tudo fosse dominado por ela. E quando a vemos ao som da sempre presente e estupenda música local, torna-se um espetáculo verdadeiramente extraordinário.

•

De todos os seus Templos e monumentos, o mais conhecido - e não somente na Índia -, é o Taj Mahal, nas proximidades da cidade de Agra, no centro norte do país.



TAJ MAHAL

"Taj" na língua Hindi significa "coroa","real","magnífico", e "Mahal" foi o sobrenome da esposa de um dos antigos Imperadores da Índia.

O "Taj Mahal" é um mausoléu de grandes dimensões, com uma arquitetura única e sem semelhantes no mundo. Única como aquela da basílica de Hágia Sophia, em Istambul, na Turquia. Está localizado numa "posição estratégica" sob o ponto de vista de espetáculo aos nossos olhos. Construido em mármore branco-rosa. É acima de tudo um monumento ao amor eterno de um homem por uma mulher. Versão oriental da não menos famosa estória de amor entre Romeu e Julieta, no ocidente.

Foi o Imperador Shan Jahan que o fez construir em 1631 D.C.,em homenagem ao seu amor eterno pela adorada esposa Muntaz Mahal. Muntaz faleceu dando vida ao seu 14 filho.

No subterrâneo do mausoléu, o qual pode ser visitado à condição que os sapatos sejam deixados na entrada, Muntaz está enterrada sob um magnífico túmulo de mármore.Ao seu lado, numa posição menos proeminente e menos prestigiosa, está seu marido, o Imperador Shan Jahan.

Quatro minaretes foram construidos em cada extremidade do mausoléu. Todos levemente inclinados para o exterior, a fim que,em caso de terremoto ou natural deterioração , não corram o risco de cair sobre o edifício principal. Foi uma ulterior precaução tomada pelo Imperador na proteção da sua eterna e amada esposa.

Ao visitante ocidental, porém, pode parecer um paradoxo saber que sob um dos quatro minaretes - aquele da direita, olhando o mausoléu de frente -, estão também enterradas uma dezena de concubinas do Imperador Shan. Mas no Oriente, foi e é sempre um fato normal e aceito, que o sexo masculino tenha certas prerrogativas negadas ao oposto.

*

Como acontece com as borboletas, o tempo de vida de uma grandíssima parte da população indiana é geralmente efêmero. Quem não morre de peste, morre de lepra; quem não morre de malária, morre de cólera, e quem desta escapa,morre sob as rodas do infernal trânsito. Não exatamente por culpa deste, pois é fácil observar que ele move-se lentamente, mas porque os indianos nos dão impressão de estar eternamente adormecidos. Com o pensamento em al

go misterioso!
Também isto é o Oriente.

Esta calamidade faz-me lembrar de um velho filme surrealista(anos '40) do grande ator e diretor italiano Vittorio de Sica. Visitando pela primeira vez uma cidadezinha no sul da Itália,onde deveria desempenhar o cargo de Chefe de Polícia, ele pergunta ao Prefeito, se uma casa que vê em ruínas tinha sido o resultado da guerra."Não" diz o Prefeito, "foi o terremoto".
Prosseguindo a caminhada que os dois faziam juntos,ele vê outra casa em ruínas e pergunta ao Prefeito se é outra vítima do terremoto: "Não" diz o Prefeito, " foi a guerra".

Na Índia há também uma porcentagem da população que destas misérias não sabe ou não sente. Gente que elevou-se na escala sócio-econômica; que viaja ao exterior; que freqüentou escolas e universidades; que vive em luxuosas casas. É todavia uma pequeníssima minoria.
Os ensinamentos do Hinduismo, que é entre as várias religiões a mais seguida - cerca 80% da população -,dominam o senso existencial do povo, cuja filosofia é que "tudo é incerto com exceção da morte". Não são somente palavras, pois também no ocidente as ouvimos. Aqui elas estão radicadas na cultura, como está o "curry", famoso prato da cozinha indiana.
A filosofia de vida indiana não é exatamente criação deste povo, mas o reflexo de culturas mais antigas, principalmente aquelas dos pensadores gregos dos séculos antecedentes ao nascimento de Cristo. Volto a citar Aristóteles: "...se quizermos resolver nossos profundos problemas espirituais, a ciência não nos ajuda. Devemos nos endereçar portanto à filosofia.Mesma àquela rudimentar e primária, à qual também o mais ignorante dos homens tem acesso".

*

A Índia é terra de Mohandas Karamchand, chamado Mahatma Ghandi(1869-1948). Personagem inteligente,pitoresco e extravagante. Conhecido pelo mundo afora como "pregador das rebeliões através de meios não-violentos".Morreu ele mesmo por uma ação violenta, assassinado em 1948. Enterrado em Delhi, onde milhões dos seus compatriotas, e turistas também, continuam pagando homenagem à memória.

Ghandi foi um dos arquitetos da independência da Índia e da sua separação - para evitar conflitos até hoje não sanados -,entre adeptos do Hinduísmo e aqueles de fé Muçulmana, com a criação de um novo Estado(Pakistão, depois desmembrado com o Bangladesh).

Mas como lembrado anteriormente, é a nossa vista, mais que os fatos históricos que é fascinada por esta civilização. Por aquilo que vemos ao nosso redor de manhã à noite; como um contínuo "desfile" de exotismo e cor. Com perfumes de essências que o nosso olfato não consegue distinguir.

O cumprimento entre indianos não toca o corpo, como fazemos nós no ocidente, com apertos de mão e abraços.Tudo resume-se a um leve inclino reverencial, com as mãos juntas como quando rezamos, dizendo: "Namastê",que pode ser traduzido por "melhores votos",substituindo também o nosso"bom dia","boa tarde","boa noite","adeus","até logo".

*

Faço aqui um passo a um passado relativamente recente. Talvez 25 anos. Lia um relatório preparado por um par de auditores da F., os quais tinham ido a Bombay projetar a re-estruturação de uma fábrica, empregando 2.200 indianos. Nele havia uma observação que transcendia o caráter puramente especulativo dos negócios. Dizia: "...a demissão forçada de (tantos) empregados,os condena praticamente à morte, pois outras possibilidades de emprego são absolutamente inexistentes". Observação ainda válida,mesmo se a Índia dos anos '60 não é mais aquela de hoje.Tem havido,como acontece em todos os países em desenvolvimento, um substancial melhoramento no nível de vida material da população.
Quem no Brasil, por exemplo, nos anos '40 e '50, tinha uma geladeira, uma TV ou um auto ? Poucos,muito poucos.
Não obstante, para aquela faixa da população indiana que só pode usar as mãos para sobreviver, representando 87% dela, perder o emprego continua tendo o mesmo trágico efeito de então. Basta ver a quantidade de gente dormindo nas calçadas e alimentando-se, quase exclusivamente

de um ar extremamente poluido, para sentir que malgrado grandes progressos, o problema da simples sobrevivência está hoje longe de ser resolvido.

Quando de uma visita ao Brasil, em 1987, Diva contava que pelas calçadas do Rio e S.Paulo via-se"alguns"passando a noite.Mas a situação na Índia não pode,absolutamente, ser comparada, por exemplo,com a brasileira(mesmo se isto, absolutamente,não pode representar uma consolação aos nossos problemas!). Aqui são milhões. E através "mãe de todos os males", a ignorância,é justamente a faixa que tende a crescer mais rapidamente.

Nas suas grandes cidades, há a "colheita matutina" dos infelizes, que sobre alguma calçada,deram o último suspiro. Recolhidos pela Prefeitura e arrumados dentro de veículos apropriados, como uma pilha de sacos de farinha. E na manhã seguinte, uma nova "colheita" é feita.

A nossa experiência mostra, todavia, que não há um único padrão de miséria e de ignorância. O homem é um animal estranho também sob este aspecto!

Pergunto se aqueles miseráveis, que vi no passado, dormindo sobre as calçadas dos bairros de "La Merced" e "Xoximilco", na cidade do México, sentiam a miséria e a desgraça da mesma forma destes que vejo agora na Índia?

Não penso ambos experimentam os mesmos sofrimentos,sensações e sentimentos. É uma "questão de filosofia inata" que cada homem, ou cada cultura,carrega dentro de si.Talvez o indiano sinta que dormir sobre as calçadas e passar os dias sem um pedaço de pão,não seja assim trágico. Pode ser interpretado pelos mesmos, como "condição normal", através da renúncia de confortos, pois portadores de uma filosofia de vida conformista. Aparentemente,eles apegam-se a outros valores, mesmo se para muitos de nós, isto possa parecer estranho e incompreensível. "Nirvana" (paraíso terrestre)é palavra essencial para os indianos. Indica "o destino ao qual adaptar-se, sem lutar para obter um melhor". Um"divino estado mental"que afugenta as preocupações materiais da vida.

Mas na Índia existe também uma reduzida classe média, assim como uma reduzidíssima classe de ricos.Podemos chamar "antigos ricos",aqueles que pertencem a famílias tradicionais, incluindo aquelas dos Marajás(na Índia pronuncia-se Marájas, com o acento no segundo "a").

A partir da independência(1947), os 560 Principados indianos administrados por Marájas, perderam direitos, que

eram iguais aos nobres da Idade Média. Em muitos casos, porém, continuam conservando formidáveis riquezas.

"Novos ricos", podemos chamar aqueles, que por várias vias,às vezes misteriosas - num mundo como o indiano, onde o misticismo é uma das pilastras da cultura -,"levantaram-se" das calçadas e passaram a uma vida relativamente confortável. Dessa "metamorfose", se de metamorfose trata-se, certamente fazem também parte os ex-esquerdistas,os quais representam grande parte da população. Estes, como acontece em todos os países, uma vez elevados aos graus superiores da escala sócio-economica, são, através dos mistérios da natureza humana, os primeiros a chamar a polícia, quando aqueles que permaneceram na pobreza e nos "esquerdismos",ameaçam seus haveres, seu bem estar e sua tranquilidade! Para os ex-esquerdistas,ora burguêses-novos-ricos, o esquerdismo já não serve! Mesmo se foi importante no passado. Uma "ideologia" que a eles parecia tão sólida como as rochas das grutas indianas de Marabar!

Assim é feito o homem.

*

A nossa viagem a este exótico país inclue um pequeno (felizmente!) trajeto sobre elefante. Curto(par de quilômetros); e não penso haja alguma coisa mais desconfortável! Sobre o dorso dos elefantes são montados os"howdaw", ou acentos retangulares de madeira e ferro. Na cabeça do animal, monta o "chuprassi", que o conduz usando uma curta espada, para feri-lo. Tem a mesma função que esporas nos cavaleiros. Aquele que montamos,chamado"Bagtan" tem, segundo o "chuprassi", aproximadamente 90 anos de idade. Caminha lentamente, talvez cansado do destino de ter no dorso gordos turistas!

"Chuprassi" são também chamados os "servos" que trabalham nas casas das famílias ricas. Seu número pode chegar a três para cada membro da família. Um tipo de "escravidão camuflada",mas que o espiritualismo indiano não atrai ódio ou rebelião. Ao contrário, é categoria privilegiada, pois goza de um conforto, que alternativamente não podia ter.

Nas questões trabalhistas, contava-me um rico comerciante de Bombay que conheci em Delhi, os "Tribunais" são

raramente chamados em causa(a menos que tratando-se de estrangeiros ou firmas estrangeiras, onde o máximo é sempre pedido!). A Índole do comum indiano tende a aceitar tudo com resignação. Mas quando chamados em causa,os"Tribunais" tendem,segundo meu interlocutor,aceitar qual das duas falsas versões é a menos falsa,e sobre tal base pronuncia-se, pois na Índia,como em todo o Oriente, a mentira é aceita com certa benevolência! E os recintos onde estão os "Tribunais" nas cidades da Índia,nada têm a ver com aqueles do ocidente. São verdadeiros galpões onde dezenas de casos são julgados; com mesas coladas umas às outras, e com centenas de participantes discutindo.

Estranho mundo !

*

Nos arredores de Delhi, e praticamente ligada a esta, como um bairro moderno, está a cidade de New Delhi(Nova Delhi), cuja construção foi iniciada pelos ingleses em 1911, para fugir às misérias e aos monstruosos cortiços da velha Delhi. E andar pelas ruelas da velha Delhi, é experiência que não esquecemos tão cedo!

Como Bombay e Calcúta(na Índia o acento é no "u"), Delhi abriga milhões de habitantes, em condições que em alguns casos,fariam as favelas do Rio e S.Paulo parecer "elegantes".

Em New Delhi, enquanto visitamos um dos parques que rodeiam os palácios que abrigam os Ministérios, vemos dois macaquinhos dançando ao som do tambor e da viola do seu mestre. Um espetáculo de rua sem pretensões,mas cheio de fantasia. É a primeira demonstração que notamos a respeito da relação especial que existe na Índia, assim como no Nepal, entre homem e animal.

*

Cinco horas da manhã nas vizinhanças de Kathmandu,capital do Nepal. Do quintal dos casebres que circundam nosso hotel(uma ilha de conforto num mar de miséria!), ouço um galo cantar. A "resposta" vem de outro que deve estar, talvez, a meio quilômetro de distância, e que o si-

lêncio da madrugada permite ouvir com distinção. Pergunto: "- por que esta troca de "cumprimentos"entre dois galos assim distantes, quando do nosso hotel vejo outros nos quintais vizinhos ? Qual é a "relação" que existe entre aqueles dois animais ? Será que cresceram juntos? E o que estarão dizendo um ao outro?"

O exotismo do Oriente parece contagiante !

A um quilômetro deste hotel, está o centro de Kathmandu, onde vemos templos religiosos,atos de superstição,extrema pobreza, crianças semi-nuas pedindo esmola ou vendendo objetos vários; bruxos vestidos de vermelho, macacos pulando pelos telhados das casas e Templos, ratos atravessando comodamente as ruas, "rickshaws" de três rodas montados em velhas bicicletas, os quais funcionam como"táxis";"sherpas" desempregados, esperando algum aventureiro que os engaje para uma subida às montanhas do Himalaia, em cujas fraldas está Kathmandu; "fakirs" e suas cobras; pequenos comerciantes vendendo objetos nas calçadas, terraços de velhas casas virados galinheiro; gente tomando seu tranqüilo banho nas bicas de rua; encantadores de serpentes Naja Naja, venenosíssimas, cujo movimento do homem que improvisa a flauta(e não o som da mesma, pois elas são surdas por natureza),as faz permanecer com a cabeça erguida. Onde vemos barbeiros e "dentistas"que não pagam aluguel... pois trabalhar na calçada nada custa ! Vê-se os últimos usando dois caixões, aparentemente de sabão. Num deles sentam-se. No outro, expoem dentaduras de diversos "modelos" e "tamanhos". São experimentadas pelos potenciais clientes que passam pela rua,"sem compromisso!".E sem água ou desinfetante para que sejam higienizadas...depois dos diversos "ensaios".

Aqui no Nepal vê-se também remanentes "hippies" ocidentais, que no fim da década dos '60, "invadiram" o país à procura dos "gurus" e da droga barata. Mas hoje, poucos deles restam. Não é mais necessário vir tão longe!

Vemos também turistas europeus e americanos, mas também alguns brasileiros. Talvez funcionários de embaixada ou consulado.

Vemos mendigos, mulheres feias e bonitas,com seus "sarís" coloridos e de seda pura. Vemos vacas sagradas no meio das poucas ruas que poderiam ser comparadas, na aparência,com aquelas do ocidente. Aqui e ali, uma vaca dando de mamar ao bezerro.Interrompendo o trânsito, sem que ninguém ouse espantá-los. São magras, com as costelas a-

parecendo, como são magros e de pequena estatura a grande maioria dos nepaleses.

Em Pachupatináh, outra cidade do Nepal; pequena e no interior do país, vemos uma série de importantes Templos Buddhistas. No meio deles, passa um riacho, afluente do Brahmaputra, rio sagrado do país, como é o Gânges na Índia. Nas suas margens, estão diversas plataformas de cimento que servem para a cremação de cadáveres, "ao céu aberto", como é de uso aqui e na Índia. Uma mulher, aparentando 30/40 anos, está sendo cremada durante o tempo que nosso grupo pára nas vizinhanças. Olhos curiosos dos turistas ao ver aquele espatáculo público. Olhos curiosos dos locais, ao ver os turistas perplexos diante de uma coisa comum e diária para eles.

O corpo da mulher tem bem à vista os pés e a cabeça. O resto já foi coberto de lenha, a qual começa estalar com as primeiras chamas. Alguns rapazes, cuja profissão poderia ser chamada "cremadores part-time", e que são pagos pelas famílias dos defuntos, encarregam-se de manter o fogo vivo, adicionando lenha.

Enquanto o resto do nosso grupo afasta-se - alguns apavorados com aquela cena macabra -, noto que o fogo devora também pés e cabeça, mas não inteiramente, pois não há mais lenha para completar a cerimônia. Assim é que o corpo fica parcialmente queimado, e quem é pobre, como parece ser os familiares desta mulher, deve acontentar-se que os restos, semi-queimados, sejam jogados no riacho sagrado. Notar que neste último, a população toma banho e limpa os dentes!

As famílias daqueles mortos cuja pobreza é extrema, e para quem a cremação, mesmo parcial, seria um impossível luxo, abandonam seus mortos num campo; à disposição dos urubus. São aves negras, bem maiores que as comuns gralhas que conhecemos no Brasil.

Ao contrário, aqueles que podem suprir lenha em continuação, têm "seu" cadáver completamente cremado. Sobram os ossos negros da fumaça da lenha. Em alguns casos, somente a cinza. Em seguida, é o leito do riacho sagrado que encarrega-se de absorver ossos ou cinza, os quais, aparentemente, devem ser benévolos aos dentes... pois poucos têm problemas com estes!

E assim a cerimônia completa-se. Sem cemitérios. Sem loteamentos ditados pela Prefeitura. Sem papeis e práticas burucráticas. Sem pagamento para a manutenção de túmulos. Sem flores em Finados, o qual aqui não existe.

Também na Índia o "processo" para a disposição dos mortos é o mesmo; o vimos às margens do sagrado Gânges, na cidade de Benares, no Estado do Uttar Pradesh.

A visita que fizemos a Benares, cidade Santa da Índia, foi verdadeiramente extraordinária! Levantamo-nos às cinco da manhã, quando a noite era ainda patroa. Com um ônibus de turismo, fomos do hotel ao centro da cidade. Ruas desertas e silenciosas para o "standard" indiano. Sobre as calçadas, milhares de indianos dormindo. Entre eles, vacas, bezerros e relativos estercos.

Espetáculo impressionante!

Depois de uma caminhada observando aquela barbaridade, chegamos às margens do Gânges, onde subimos numa pequena embarcação para apreciar o banho dos fiéis, o qual é feito ao nascer do sol. Nas suas margens, sobre plataformas de cimento, cadáveres estavam sendo cremados. Fotos eram proibidas, pois consideradas ofensivas.

Desembarcados, iniciamos a caminhada de volta ao centro, mas variando o itinerário. O guia local nos acompanhou através de ruelas não mais largas que três metros, apinhadas de gente; e nas suas beiras, colunas de mendigos sentados. Era preciso caminhar em fila, pois o espaço era exíguo. Junto dos pedrestes locais, mendigos e turistas, estavam também as vacas-vira-lata; abandonadas à sorte, mas porque sagradas, intocáveis. Faziam naturalmente suas "necessidades" sem pedir licença aos bazares, aos vendedores ambulantes, às portas das casas, e naturalmente aos turistas. Muitos dos quais pisando nos excrementos ainda frescos. Mulheres o recolhiam. Segundo o guia, é deixado secar e usado como carvão; ou, desde que a vaca é animal sagrado, esfregado no corpo, como meio purificante. Na Índia, a vaca é o mais importante dos animais sacros, mesmo se não o único.

No fim daquelas estreitas ruelas, os mendigos "móveis" nos esperavam. Às vezes procurando nos cercar para implorar uma esmola. Outros nos seguindo, em bando, por quarteirões, até que chegássemos onde o nosso ônibus nos esperava.

Benares e o Ganges não podem deixar de ser vistos. Um espetáculo triste (para nós ocidentais), mas único !

•

Voltando ao Nepal: nesta pequena cidade de Bhagdan, com

construções e Templos de uma magnífica beleza arquitetônica, os quais nos fazem pensar estarmos vivendo na Europa dos séculos XIV e XV, vê-se macacos pulando livremente entre as casas. Elefantes, camelos, cobras, corvos-azul-furta-cor, vacas, búfalos e ratos, parecem misturar-se com a população com a mesma naturalidade e "pouco caso" quanto faz o nosso gato de casa !

Percebe-se que não é uma relação à ocidental, quando o homem vê em certos animais um ser estranho ao seu meio , ou os admira atrás das grades dos jardins zoológicos.

Aqui nestas terras há uma substancial integração entre animal e ser humano. É uma relação quase íntima,sem prejuizos, espontânea, natural. Homem e animal fazem parte do mesmo "mundo", dividindo problemas e prazeres; espaço e natureza.

É observação que talvez nem todos os visitantes fazem, mas resta um fato importante. Novo e inédito para um ocidental; certamente motivo de muita reflexão.

Tal relação é sem dúvida reminiscência de um passado remoto, e os hieróglifos e Templos do antigo Egito são exemplos. Mas não somente eles. Também na Europa dos tempos dos antigos gregos e romanos os animais, através da mitologia e das superstições, tiveram papel importante . Sobraram alguns exemplos. Nomes de cidades, como Lyon(leão),na França; Turin(pequeno touro),na Itália; Lowe (leão),na Alemanha; Elephant, na Inglaterra e outros.

•

Na Índia e no Nepal, não importa onde estamos,somos rodeados por uma imensidade de crianças que propõem a venda de objetos vários, principalmente cópias de Templos , de divindades e de animais sacros. Alguns desses objetos são artisticamente trabalhados; em madeira, marfim , ou pedras semi-preciosas.Outros são produzidos em série; estampados e sem valor artístico, mas todos, segundo os infantes comerciantes de rua, "raridades". E não são poucos os turistas que partindo destes países pensam ter adquirido preciosos objetos d'arte !

Há também muita coisa interessante e barata para o poder aquisitivo do Dollar e das moedas européias. Belíssimos tecidos em seda pura. Ou artigos de jade ou de mar-

fim . Mas é preciso estar muito atento, visto que a filosofia oriental dos negócios, chamada "bazaar",não é aquela que conhecemos no ocidente,principalmente nos Estados Unidos e Europa central e do norte. Aqui o preço de tudo começa, por exemplo,a 200 Rúpias(a moeda do Nepal também chama-se Rúpia, mas vale cerca metade daquela indiana). Depois de muito discutir, ele é baixado para 100.Se o cliente ameaça de partir, é baixado para 70. A moral da estória é que o preço justo seria 40 ou 50 Rúpias! Assim o cliente sai iludido ter feito um grande negócio pagando 70. Na verdade,pagou mais que o devido! Os orientais dizem que os ocidentais chegam no Oriente com a "idéia fixa" da pechincha, portanto os locais devem defender-se! Os ocidentais, ao contrário, dizem que os orientais têm a "idéia fixa" de lograr outros.

Mas a atitude dos orientais faz parte de um "modus vivendi" próprio deles, onde o "sim" o "não", os "preços", as "promessas",as "horas",a "palavra", são coisas extremamente flexíveis! Em tantos casos,abstratas. E esta filosofia é aceita como um fato natural pelos mesmos. A eles, aquilo que não é natural é a nossa rigides (dos americanos e dos europeus centrais e nortistas). "Somos muito rígidos",dizem eles. Quando dizemos 100 é 100;quando dizemos "às 4 da tarde" são às 4 e não às seis. A mesma dificuldade que temos para compreender e aceitar a "flexibilidade" dos orientais, eles têm para compreender a nossa rigidez.

No Brasil, por exemplo,conhecemos a filosofia da barganha de árabes e hebreus. Os últimos, porém, pelos fatos da Diáspora(dispersão dos hebreus pelo mundo), conseqüentemente absorvendo,através dos séculos, certos aspectos da nossa cultura, não chegam aos extremos dos povos verdadeiramente orientais.

Adicional observação diz respeito à facilidade com a qual as crianças anteriormente citadas,têm com o aprendizado das línguas estrangeiras. Na maioria dos casos,analfabetas da própria.Incapazes de escrever um simples "a", são todavia capazes de absorver o som das diversas línguas dos turistas. Inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, e muitas vezes também o japonês,são "línguas correntes" para elas!

Como aprendem ?

Somente com o contato com turistas.Uma palavra aqui,ou

tra ali, e conseguem formar frases e arranjar-se na língua do cliente, o qual, elas bem sabem, são pechincheiros e prevenidos, mas que, a contas feitas, acabarão pagando 70 Rúpias pelo objeto originalmente "preçado"a 40 ou 50 !

Nada de estranho quando vemos no sul da Itália, Grécia e África do norte, crianças analfabetas que fazem rápido aprendizado de línguas estrangeiras. Mas aqui, neste fim de mundo!... tudo parece assim extraordinário.

Outro aprendizado que aquelas crianças fazem é a instantânea conversão das várias moedas estrangeiras à Rúpia. Aceitam qualquer moeda e fazem logo os cálculos, se o cliente, como desculpa, diz não ter Rúpias. Resta o fato que o cliente sai sempre logrado na conversão. Mas à vista daquelas miseráveis criaturas, algumas das quais com quatro/cinco anos, com belíssimos traços somáticos; imundas mas simpáticas, o turista cede à tentação e acaba aceitando o ditame. E se um negócio não é feito, vem o pedido de uma Rúpia de gorjeta, o que é invariavelmente satisfeito.

Outra curiosidade no Nepal são os Templos do Macaco,do Rato, assim como aquele Buddhista da Menina Deusa.Aquele do Rato é naturalmente dedicado a ele, e lá estão em profusão. O Rato é também animal sacro, portanto mereceu um magnífico Templo. Terror das senhoras ocidentais, mas não das locais.

O Templo Buddhista da Menina Deusa(religião fundada na Índia por Gautama Buddha(563-483 A.C.)("buddha",particípio p.do verbo saber, na língua Sanscrita),abriga uma menina de idade pré-puberdade. É escolhida entre as filhas dos monges. Ela deve ser "perfeita" e não deve temer os animais,principalmente grandes búfalos. Deve passar uma inteira noite na cocheira destes animais, sem chorar e sem lamentar-se. Passada esta prova, é vestida de vermelho e passa habitar o Templo por um determinado período. É guardada por mulheres devotas e tem a companhia de outras crianças.

Os visitantes do Templo, em Kathmandu, a podem ver na janela do pátio, onde ela aparece por alguns segundos em determinadas horas do dia. Na ocasião da nossa visita,havia também um grupo de japoneses, país onde o Buddhismo é largamente difuso. Todos contentes de poder ver,talvez uma vez na vida, aquela divindade. Como os cristãos vão ao Vaticano ver o Papa!

*

Ainda sobre o trânsito na Índia e no Nepal. É um fato que pode divertir mais que muitas outras coisas que observamos. Ônibus, trens, "rickshaws", mini e grandes caminhões,todos aparentando mau estado de conservação e todos carregando gente em todas suas partes. Somente as rodas parecem ficar isentas de passageiros! Em todo caso, absolutamente nada há de vazio nestes países.

Em alguns ônibus - velhos e mal conservados, pintados em diversas cores -,inclusive o nosso que carrega um pequeno número de turistas, há o "ajudante-chofer".Uma das suas funções é por a cabeça para fora de uma janela dianteira, e gritar "rack-rack-rack". Expressão que no dialeto local significa "sai da frente",pois o meio das ruas está sempre apinhadíssimo de pedestres, de condutores de "rickshaws" e de animais. E se é uma vaca que decidiu parar no meio do trânsito e dali não mover-se, será um sério problema ao funcionário bancário que deve estar no trabalho às 9 de manhã! Mas pode também servir como desculpa que ninguém ousará contestar!

No meio das ruas - pois indianos e nepaleses não fazem distinção entre "meio da rua" e "calçada" -,todos movem-se naquilo que Diva e eu chamamos "passo do Otto".Isto é, lentamente, apesar das buzinas infernais e dos ajudantes de chofer gritando "rack-rack-rack". Nós, estrangeiros, não habituados a um trânsito assim indisciplinado,temos a impressão que alguém acaba debaixo das rodas.

A expressão "passo do Otto" é uma daquelas de uso "privado".Somente Diva e eu a usamos! Foi nossa "criação"(!) nos anos passados. Fazendo uma viagem entre Viena,na Áustria e Budapest, na Hungria, tínhamos como condutor do ônibus um tal de Otto. Homem dos seus 60 anos, simples e simpático. O problema era que ele viajava a 30 e 40 quilômetros por hora, mesmo se as estradas(na Hungria)estavam completamente vazias, como de uso nos países comunistas.

*

Sempre com as "antenas" prontas a captar o máximo, mesmo coisas aparentemente sem importância,estávamos um dia esperando a chegada de um avião que nos levaria de Benares a Agra,na Índia. Era o único vôo do dia. Se um turista sofresse ataque do coração, ou coisa parecida e perdesse aquele vôo,estaria praticamente condenado,pois não havia outros meios modernos de transporte. Nenhum pro-

blema para os indianos,pois podiam sempre recorrer ao"guru" da zona, o qual providenciaria a chamada das divindades para uma "cura de emergência".

O edifício do aeroporto era aproximadamente igual àqueles que no início dos anos'60,vi no nosso nordeste,ou em alguma parte da América Central. Praticamente um mal conservado galpão;talvez construido ainda pelos ingleses durante o domínio destes. Mas as palavras "conservação" e "manutenção" não parecem fazer parte dos dicionários destes territórios! Mas não é somente nesta área do mundo onde são abstratas, pois o problema é também evidente em países que mandam astronautas ao espaço e vantam-se super-potências,como é o caso da URSS! Uma vez construido um edifício, uma fábrica, uma mobília; ou montada uma máquina, estas coisas ficam "como estão" até que o último pedaço caia!

Voltando ao caso do galpão do aeroporto de Benares. No recinto havia duas dezenas de turistas japoneses,a quem, como demonstração da tradicional disciplina deste povo , tinha sido distribuida, pelo respectivo acompanhador,uma caixinha de papelão com comestíveis. Cada um deles,uma vez terminado o "lunch" , e como não havia um recipiente nas proximidades, amontoava sua caixinha, vazia, num canto da parede. Isto era feito com timidez, como se estivessem cometendo um pecado. E assim, como uma procissão, vinham todos depositar as caixinhas de papelão no mesmo cantinho. Uma em cima da outra, perfeitamente empilhadas.

De repente, uma matilha de cães famintos da redondeza do galpão, o invade e "ataca" as caixinhas; à procura de restos. A mulher que cuida do W.C. feminino,descalsa,com um "sarí",que dado os anos de uso devia ser "histórico", corre atrás dos cães. Estes procuram perder-se entre os passageiros. Alguns fogem com uma caixinha nos dentes,enquanto chega um dos soldados de guarda,para ajudar a "caça". Este move-se lentamente, pois carrega um mosquetão modelo 1894, ou talvez do tempo do ante-penúltimo Vice - Rei da Índia.

Pandemônio!

Uma filmadora teria feito um trabalho digno de Federico Fellini.

*

Penso poder terminar aqui estas "Notas"sobre a Índia e

Nepal. Visitar estes países é fazer uma experiência que não pode ser esquecida. Aqui os contos-de-fada e realidade podem confundir-se a cada passo que fazemos. Onde cada acontecimento do passado vive, todos os dias, seu presente. Uma sensação comparável àquela que nos deixa "Alice no país das maravilhas". Ou como diz Shakespeare na primeira cena do terceiro ato de "Hamlet":"...países ainda não descobertos... de cujas fronteiras nunhum viajante volta".

Cores, cores e mais cores... ao som daquela misteriosa música!

"Namastê, namastê", com nossas mãos juntas,como quando rezamos!

Fatehpur-Sikri, Índia

XXXVIII

Viagens interessantes foram aquelas feitas ao redor do fim de 1959, por conta da família P. A primeira, na França; a segunda, pela Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Alemanha. Sempre partindo de Paris.

Foi o correspondente das "Folhas" na França de então, cujo nome foge agora à memória, que indicou-me aos clientes. Tratava-se de um trabalho a ser feito em duas etapas. A primeira, consistia em conduzir um auto de Paris a Toulon, onde a família P. o havia tomado emprestado de amigos, residentes naquela cidade francesa do norte do Mediterrâneo. Viajei sozinho; passei uma noite em Toulon e voltei de trem a Paris no dia seguinte. Despesas pagas e uma boa recompensa, ajudaram a manter o estômago cheio e a moral alta, por alguns dias.

Em seguida, acompanhando a família P. - mãe e duas filhas, todas em idade avançada -, iniciamos a volta pela Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Alemanha.

Eram pessoas com boa experiência da Europa. Lá tinham estado pela primeira vez nos anos '20. Conheciam línguas e estavam habituadas ao refinamento dos grandes hotéis e dos bons restaurantes. Pessoas extraordinariamente educadas e gentis; reservadas ao extremo. Membros de famílias cuja classe eu não tinha conhecido no Brasil, mesmo se soubesse da existência, como sabia cada habitante da cidade de S.Paulo de então.

Minha presença, além de servir de chofer e guia, justificava-se pela necessidade da "presença de um homem". As senhoras não eram certamente daquelas dispostas a aventurar-se, sozinhas, em viagens daquele tipo. Hoje talvez seria normal, mas não era normal naqueles anos.

Depois de alguns dias de viagem no norte da França, fomos à Bélgica. Quando no caminho parávamos à porta dos restaurantes, eu apressava-me a providenciar mesa para elas; e ter confirmação que a minha refeição - geralmente numa mesa da cozinha - , me fosse dada gratuitamente. Era uma tradição, naqueles anos, fornecer refeição gratuita ao chofer acompanhando clientes.

Acomodada a família no restaurante e estacionado o au-

to no devido recinto, sentava-me na cozinha, onde os empregados com seus uniformes brancos, sabendo que eu era um "trabalhador"(!) como eles, davam-me o que havia de melhor. Inclusive bom vinho.
Que momentos de grande alegria eram aqueles !

Terminada a refeição, abria a caixa dos meus valentes charutos holandeses que sempre carregava, e oferecia aos "colegas trabalhadores".E lá ficava esparramado e feliz, até que o "maitre d'hotel" viesse avisar que as senhoras estavam prontas para partir.

•

A fina restauração na França,na Itália e no sul da Bélgica, é uma arte.Tudo preparado com excelentes molhos; e é na preparação destes que a arte consiste!
Sentar-se à mesa naqueles países é um dos grandes prazeres da vida,mas é preciso apreciar os bons pratos e saber saboreá-los também. É coisa que aprende-se, como tantas outras; mesmo problema com a boa música clássica ou com um bom livro; ou como a apreciação da arquitetura de um "palazzo" da Renascença!

Os chamados "restaurantes de estrela" na Europa(uma,duas ou três, segundo classificação dada anualmente pelos especialistas,através dos "Guias Turísticos"; pequenos livros que mostram hotéis e restaurantes), estão presentes nas grandes e pequenas cidades. Ou isolados nas estradas. Ou em lugarejos onde, à primeira vista, ninguém diria que neles podemos encontrar um "restaurante de estrela". E que o cliente esteja preparado a desembolsar uma salgadíssima conta ! Além dos excelentes pratos,encontramos selecionados vinhos; e esta também é uma arte que aprende-se.
Tais restaurantes servem o que há de melhor na região; pode ser o peixe,ou a caça ou mesmo a carne de boi, como o famoso filé "a la fiorentina". Frutas e doces rematam uma boa refeição neste tipo de restaurantes. Os últimos invariavelmente regados com ótimos licores (Grand Marnier, Tia Maria, Porto Fonseca, Courvoisier, Maraschino, Borsci e outros), e naturalmente são acompanhados com aqueles produtos que são abundantes e relativamente baratos na Europa(chantilly,laticínios,queijos

e manteiga),assim como é pouco abundante e custosa a carne de boi.
Mas a boa cozinha não a encontramos em todos os países europeus. Na Alemanha, Áustria, Holanda e países escandinavos,prima a quantidade. Na Gran Bretanha, a cozinha local(se existe uma !) é um desastre.

De volta ao auto, e depois de consultar as informações que tinham, as senhoras P. indicavam a próxima parada.Podia ser um castelo, um museu, uma casa de agricultores.Íamos juntos fazer as visitas e delas aprender alguma coisa. Lembro-me particularmente de um castelo construído no século XVII,no sul da Bélgica, que havia pertencido a uma nobre família.Mais que pela mobília, pelos quadros , pelos objetos de arte,era pela arquitetura que o interesse era voltado. Colunas, escadarias, arcos, entradas secretas, ornamentações, "affrescos" nos forros e paredes. Um guia local dava as necessárias explicações, referindo-se a nomes, datas e acontecimentos ligados àquela luxuosa residência. Lembro-me também de um gentil "fermier " (agricultor) que depois de mostrar parte da terra,nos ofereceu vários queijos e um ótimo vinho "frizzante".
Na Europa, porém, as zonas onde os mais célebres castelos estão concentrados, são a "Vallée de la Loire" , na França, e o "Scholsslande",na Bavária(Alemanha).

Mais algum tempo de trajeto, e as senhoras começavam a discutir onde deveríamos jantar. E as minhas providências repetiam-se como no almoço. Geralmente onde parávamos para jantar, era o hotel-restaurante onde devíamos pernoitar. Preferência era dada a locais nas pequenas cidades, as quais, na Europa, seguem-se umas às outras, quase sem interrupção. Tais hotéis-restaurantes estavam instalados em antigas construções, com espessas paredes; com mobílias,cortinas e tapetes dos séculos passados. Substituindo a normal pintura, as paredes eram empapeladas, como usa-se ainda e muito na Europa. Tudo dava àqueles locais uma atmosfera romântica.
Neles também tinha meu quarto a "bom mercado". Eventualmente, gratis,dependendo das despesas que a família P. fizesse.Havia também a recomendação do hoteleiro-restaurador "para eu levasse outros clientes".

As supostas horas de sono foram sempre um eterno suplício para mim. No lugar dele, os bons livros, centenas e centenas deles, foram lidos nestes anos. E mudar constan

temente de cama, nunca foi minha predileção. Ou a cama era muito fofa, ou muito dura, ou muito alta. Ou o travesseiro era alto ou baixo, ou não havia o simples "lençol" de cima, pois o uso na Europa central e do norte era e é de cobrir-se com uma colcha-lençol, cheia de penas. Ou porque havia claridade, vento ou barulho. Enfim, o sono numa cama estranha - e todas eram naturalmente estranhas ! -, foi para mim uma eterna penitência, não importando quanto cansado estivesse.

•

Ex-Província espanhola e sucessivamente francesa,a Bélgica, como a Suíça, é um estranho país. No sul temos a cultura e a língua francesa, e seus habitantes são chamados Valons. Ao norte,é a cultura e a língua Flamand(Flamenga) que predominam. A leste prevalece a língua alemã e na sua costa(oeste),devido à proximidade do Reino Unido, é a língua inglesa que domina. Portanto, definir um belga não é coisa fácil!

As quatro culturas vivem num eterno conflito de palavras, acusando-se mutuamente pelos problemas do país.Mas isto é normal para a Europa..."continente das rivalidades".

Pior é a Suíça, onde culturas e línguas são também quatro, mas as diferenças mais acentuadas:italiano no sul, (9% da população); francês a oeste(20%); alemão no centro e no norte(70%), e um caso todo especial a leste(1%) (Romansh), uma espécie de "latim moderno". E também no caso da Suíça, as regiões acusam-se mutuamente pelos problemas domésticos.

Nestes países multi-nacionais, o dinheiro e as Leis federais são escritos nas diversas línguas oficiais,e seus nacionais, apesar da proximidade entre as diversas regiões, geralmente não apreciam as línguas "alheias", mesmo se as conhecem;insistindo que o interlocutor fale a sua. Nos tribunais, nos debates políticos e em tantas outras ocasiões oficiais, onde oriundos das diversas regiões devem congregar-se, os debates são conduzidos em diversas línguas.

Sob certos aspectos, também a Alemanha tem similares características, com os seus vários "Lande"(Estados), cada um mantendo sua particular cultura. Temos o Estado da Baviera, no sul (parte da Alemanha unida somente desde 1918), capital München(Munique),terra de um povo aberto, extravagante e expansivo;com comportamento não muito distante dos latinos; e não muito bem visto pelo resto dos alemães ; por estes chamado "os palhaços do país". Temos os "Lande" de Wurttemberg e Palatinato, a sudoeste ; capitais Sttutgart e Mainz, respectivamente; com seus povos tímido e "punctiforme". Temos o "Lande" de Hessen,no centro sul, capital Frankfurt, onde prevalece a mentalidade dos negócios. A oeste, o "Lande" da Westphalia, capital Dusseldorf, que com as cidades de Köln(Colônia) e Bonn, é o centro comercial e artístico do país, e onde o "Hochdeustsche"(língua oficial alemã) é melhor falada.No centro-norte os "Lande"da Baixa Saxonia e Schleswig-Holstein, capitais Hannover e Kiel, respectivamente; terras das minas de carvão e ferro,assim como dos dois mais importantes portos da Alemanha(Bremem e Hamburg). As áreas destas últimas duas "Lande" são habitadas por povos super-conservadores e super-sérios(oposto dos bavareses!), com pouco senso de humor e eternamente voltados ao trabalho. E devido à grande influência da religião Protestante e sua rigorosa moral,suas mulheres são chamadas pelos habitantes das outras "Lande", de "KKKK"(Kirche=Igreja); (Krankenhaus=Hospital); (Kinder=Criança) e (Kuche=Cozinha)!

•

Nos dias que paramos em Bruxelas, capital da Bélgica, cidade muito interessante sob diversos pontos de vista,aproveitei as horas noturnas para ganhar dinheiro extra. Trabalhando na estação ferroviária, carregando malas dos viajantes. Alguns "clientes" eram generosos, pagando bem o serviço. No fim da noite acumulava uma boa soma.Quando de volta a Paris, ganhava também no câmbio,convertendo a receita à moeda local. Alguns tinham pago em Marcos, outros em Libras Esterlinas, outros em Coroas Suecas. Não faltavam também as Libras Turcas e os Dinars Juguslavos.

Nas proximidades da capital belga visitamos Waterloo.

Para o leitor que esqueceu parte da História, Waterloo é o nome de uma pequena cidade belga, onde os exércitos de Wellington e Bonaparte, "jogaram" uma decisiva batalha(15 a 18 de Junho de 1815). Praticamente a última na carreira do Imperador de França. Filho de italianos, nas

cido na ilha de Córsega. Após ter dominado quase toda a Europa, foi nesta batalha derrotado e com ele, parte da sua legenda. Foi a segunda séria derrota de Bonaparte. A primeira, marítima, dez anos antes, em Trafálgar, na costa sul da Espanha.

Ao contrário daquilo que possa parecer à primeira vista, Waterloo é palavra da língua flamenga, e para nós de língua portuguesa, é pronunciada como escrita. Significa "água do Loo". Um riacho que corre na zona onde a batalha teve lugar.

É estupendo poder caminhar naqueles campos, imaginando um fato que tanto efeito teve na história da Europa. Lembrando que Wellington, antes dela, temendo o exército de Napoleão, havia dado ordens de embarcar os ingleses de volta à Inglaterra, pois a chegada do marechal prussiano Blücher, aliado dos ingleses, tinha sido retardada. Sem ela, a história de Waterloo, de Napoleão e da Europa poderia ser diferente daquela que conhecemos.

•

De Bruxelas, tomando a direção norte, fomos à Holanda, cujos habitantes a chamam Nederland (Países Baixos), visto que grande parte do seu território fica abaixo do nível do mar. Amsterdam, sua capital, devido aos seus canais e pontes, é chamada "a Venezia do Norte". Cidade belíssima. Característica de Amsterdam é a pouca largura dos antigos edifícios, na grande maioria - como é sempre comum na Europa -, velhos de séculos. Devido à estreiteza dos mesmos, as mudanças são feitas através das janelas. Cada prédio, no seu topo e como parte da estrutura, tem um pequeno guincho fixo, para o transporte de móveis.

Os holandeses, na minha opinião e naquela de outros, não são o povo mais simpático da Europa; nem o mais fácil com quem tratar. Temperamento explosivo, sorriem pouco. Nos negócios, são inflexíveis, mesmo se têm na Europa, a reputação de fazer outros usufruir das "virtudes" da própria esposa, para conduzir um negócio ao sucesso!

Em Amsterdam existe uma versão sofisticada da Repeerbahn, no bairro de St.Paul, na cidade alemã de Hamburg. Trata-se de diversas ruas à beira dos canais, onde prostitutas expõem-se em luxuosas vitrinas. Construídas no cômodo das casas que faz frente à rua. Dia e noite, do pri

meiro ao último dia do ano, e sem interrupção, lá estão as "damas das mil virtudes", e o povo passeia pelas calçadas para apreciar a exposição. A "profissão" na Holanda dis ser bem organizada; com Agências que ocupam-se exclusivamente de encontrar novas "vitrinas"; com um Sindicato que as protege e com o governo que não deixa de recolher os impostos, baseados no presumido "movimento" feito. Todo super-legalizado. O ambiente é também freqüentado por famílias: marido, mulher e filhos menores. Enquanto o primeiro faz uma "visita", mulher e filhos esperam na calçada. Numa terra onde o sexo é tão natural como a luz de um novo dia, aquele espetáculo oferece nada de extraordinário.

Tais ruas e suas "vitrinas" fazem parte das excursões turísticas da capital holandesa. Também no anteriormente citado bairro de St.Paul, em Hamburg, o sistema é idêntico, mas o ambiente "pesado". Hamburg é o maior porto da Alemanha e em St.Paul concentra-se o que há de pior. Lá as famílias não aparecem com muita freqüência!

•

Na Holanda, visitamos também Den Haag (Haya), onde o nosso Ruy Barbosa (1849-1923) levou alto o nome do Brasil. No interior do país visitamos aldeias com casas infinitamente pequenas e graciosas, parecendo de bonecas; com seus moinhos a vento, os quais fornecem eletricidade e força às máquinas utilizadas na fabricação de excelentes queijos. Durante o inverno, nas estradas do interior da Holanda, como uma das tantas estranhas manifestações da natureza, toda a vegetação fica branca, coberta de neve, oferecendo um espetáculo inédito e maravilhoso. O gelo noturno veste os ramos das árvores, como uma luva de cristal, e os campos de um manto branco e brilhante. Parecendo o trabalho mágico de uma miniatura. Entre as árvores, à beira das estradas, os esquilos ficam à espera da comida jogada pelos autos que passam, sob um "túnel" que a neve, uma vez solidificada, forma na união dos galhos das árvores de cada lado da estrada.

Chalets habitados por famílias, espalhados por todo o país, oferecem acomodação para a noite. Os sinais de "Zimmer Frei", "Chambres à Louer", "Câmere Líbere" e "Bed and Breakfast" estão por todo lugar. Custam menos que hotéis e são lugares românticos. À noite, os hóspedes sentam-se

em volta da lareira, bebem cognac ou ouvem música.Outros lêem ou jogam cartas. Fora, onde a temperatura pode estar entre zero e 30 graus abaixo, vê-se a gentil e preguiçosa caída dos flocos de neve,através das janelas a duplos vidros.

Da Holanda fomos ao Gran Ducado do Luxemburgo,onde as senhoras P. tinham um parente trabalhando na nossa Embaixada. O que fazem os diplomatas das nossas embaixadas e consulados em pequenos países como este,é difícil saber! Devemos presumir que mais que a diplomacia propriamente dita, eles dedicam-se ao incentivo do comércio com o nosso país,procurando lançar novos produtos. Flores, por exemplo. Pode ser difícil compreender alguém importando flores do Brasil, principalmente em áreas como esta, onde elas existem em profusão. A justificação é dupla:primeiro,porque na Europa consuma-se muita flor, pois o hábito de "mandar flores" é ainda muito de moda, mesmo se não ao nível do passado. Segundo: porque as flores brasileiras,mesmo considerando o custo do transporte aéreo, chegam aqui a preços inferiores aos locais. O leitor deve porém lembrar-se que estas são coisas de 30 ou mais anos atrás, quando existia um abismo entre o custo de vida brasileiro e aquele europeu. Não obstante, a diferença continua consistente. Viver no Brasil, à moda brasileira da família da classe média,com um salário dos USA ou da Europa, de uma família da classe média destas áreas, é ainda grande vantagem.
Mas voltando ao incentivo do comércio entre o nosso país e exterior, penso que se o nosso governo adotasse uma política mais agressiva, poderíamos, através das representações diplomáticas, aumentar a exportação dos nossos produtos.Usufruindo assim de uma maior entrada de moedas fortes. Mas o brasileiro é por temperamento pacato e pouco agressivo! E isto talvez explica também o fato que estrangeiros chegando ao nosso país,fazem logo fortuna!

Ao assunto está ligado o chamado "under billing".Um ardil usado internacionalmente pelos exportadores dos países em desenvolvimento. As faturas oficiais mostram um valor inferior ao real, como resultado de prévios acordos entre exportador e comprador no exterior. A diferença entre o "valor real da venda" e "aquele faturado" - o último obrigatoriamente entrado no país de origem, pois as leis que regulam tais transações nos países em desenvolvimento são geralmente severas - é paga pelo importador no exterior. Com este meio ilegal, o exportador do país em desenvolvimento é duplamente avantajado: acumula moeda forte no exterior e geralmente não está sujeito a impostos sobre sua renda. Bancos em países como o Luxemburgo, Suíça e Liechtenstein "acomodam" tais fundos com uma quase absoluta garantia, contra eventuais incursões do fisco e da justiça dos países estrangeiros. Na mesma ordem de idéia, por exemplo,é segredo publicamente conhecido, que nos países em desenvolvimento, os agentes dos Bancos dos países acima citados, recolhem capitais em U. S. Dollars de indivíduos ou firmas; os quais rendem juros que são também depositados no exterior. Assim fazendo, protegem seus capitais e o produto dos juros, da desvalorização da moeda local.

•

Do Luxemburgo entramos na Alemanha, chamada pelos seus habitantes de "Deutschland"; fazendo uma pequena volta para visitar Aachen, ou Aix-de-la-Chapelle, como chamam os franceses; ou Aken, como chamam os holandeses; ou Aquisgrana, como chamam os italianos. É um fato, que grande parte das cidades européias tem diversos "nomes", dependendo da língua empregada. Outros exemplos: Roma,para franceses e ingleses é "Rome";para alemães e "Rom". Viena, para aqueles de língua alemã, é chamada "Wien"; para aqueles de língua inglesa:"Vienna"; para os tchecoslovacos: "Viden"; para os húngaros, "Béca". Ou Milão, chamada "Milano" pelos italianos; "Milan", pelos ingleses; ou "Mainland" pelos alemães.
Não é o caso, por exemplo, de algumas cidades dos continentes novos (Américas,Austrália), quando mencionados por outros povos: Rio é sempre Rio,Buenos Ayres é sempre Buenos Ayres; Chicago é sempre Chicago; Melbourne é sempre Melbourne. Mas existem exceções, como São Paulo; chamada "San Paolo del Brasile" pelos italianos; ou St.Pauli, pelos alemães; ou Sao Paulo(sem til) por aqueles que usam a língua inglesa.

Aachen é uma pequena cidade alemã no "Lande" da Westphalia, célebre pela sua arquitetura gótica e pelas ruínas dos castelos de Carlos Magno(séc.VIII-IX).
Nos territórios alemães da Rhineland, que são aqueles às margens do rio Rhine(Reno)(economica, cultural e his-

toricamente uma das regiões mais importantes de toda Europa) e do vale do Ruhr, afluente do Reno, está concentrada a indústria pesada. Foi lá que foram fabricados os armamentos alemães usados durante as duas grandes guerras.

O povo alemão,principalmente aquele das zonas altamente industrializadas,não é bem visto no resto do continente, pois considerados prepotentes e arrogantes. Diferentes são aqueles da Baviera. Mas todos os alemães,de norte a sul e de leste a oeste, têm o complexo de"dar-se importância" face aos demais europeus, assim como aquele dos títulos: "Herr Professor"(senhor professor);"Herr Doktor"(senhor doutor); "Herr Passagier"(senhor passageiro); "Frau Krankenschwester"(senhora enfermeira), "Fraulein Braut"(senhorita noiva), "Ihre Magnifizenz"(sua magnificência)!

Como regra geral, onde a natureza oferece menos, como são as áreas de clima frio, o homem tende a ser rude, sério, quadrado, fechado, mal-humorado e reflexivo. E assim são os alemães das áreas industrializadas. Ao contrário, onde o clima é ameno e a natureza oferece muito, o homem é mais aberto e sorridente. E assim é a população da Baviera.

Não confundir nem interpretar, todavia, as características dos últimos com leviandade! E mais fácil sermos logrados por estes ! Na Alemanha, na Itália, na França e em todo lugar.

*

A segunda cidade alemã visitada com a família P., foi Koblenz. Em seguida, fomos a Frankfurt-am-Main (Frankfurt-sobre-o-rio Main), que é a capital econômica da Alemanha, onde estão concentradas as sedes das grandes indústrias e dos principais Bancos. Nenhuma relação entre esta característica da cidade de Frankfurt, com o fato que as senhoras P. fizeram lá uma enormidade de compras. Abarrotando o automóvel. Pensava comigo: "por que todas estas compras,quando o mesmo encontramos no Brasil à metade do preço!". Mas aquilo que vem de fora, ou quando lemos"Importado", parece(!) sempre melhor. O mesmo acontece com modistas que vão a Paris comprar vestidos(e copiar modelos) da mais baixa "carregação"! No país de origem, pelo fato de serem "de Paris",faz grande efeito !

*

Em todos os países da Europa ocidental, a palavra francesa "restaurant"(do verbo "restaurer" = restaurar), com suas várias adaptações a outras línguas, pode ser vista nas cidades, aldeias e estradas. Na Alemanha, porém, não a vemos. Ao invés,temos "Gasthof",que pode ser traduzida por "taberna" ou "locanda". No centro de cada cidade alemã, instalado dentro da "Ratshaus"(Prefeitura), encontramos sempre o "Ratskeller", uma espécie de"restaurante oficial da cidade". Não impressionar-se, porém, com tantos "rats"!, palavra que na língua alemã significa "concelho" ou "junta".

A cozinha alemã prima pela quantidade. O refinamento é exigência secundária. O exato contrário da França,onde a refinada e saborosa cozinha, com seus famosos e excelentes molhos, necessita um microscópio para ser vista no prato!

A variedade das cervejas nas "Gasthof" é extraordinária. Existem marcas e tipos para satisfazer os mais exigentes paladares. Não exatamente!...pois nunca encontrei a minha preferida. E fazem agora mais de vinte anos que não sinto o sabor: "Malzbier". Alguem disse-me que é somente fabricada na América do Sul, onde o povo tem um especial paladar pelas coisas doces.

A atmosfera nas "Gasthof", na maioria dos casos, é do século passado. Pouca claridade, paredes escuras, mesas toscas, garçonetes com seus vestidos pretos e acessórios brancos. Além das cervejas, servem pratos simples:salada de batatas(deliciosa), repolho e salsichas de vários tipos. Um deplorável hábito das "Gasthof", e das cervejarias alemãs em geral, é aquele de aproveitar o resto da cerveja deixada nos copos. Uma vez transportados de volta ao balcão, os restos são despejados num barril. É vendido a preço inferior ao normal, geralmente a marginais e alcoólatras. Talvez os alemães considerem pecado jogar fora restos de cerveja!

*

A próxima etapa da viagem com a família P. foi Bonn,capital da Alemanha Ocidental. "Capital"por modo de dizer, pois os "Lande" alemães têm tal independência, que Bonn é praticamente relegada às relações exteriores. Nos fins de semana,como acontecia - ou acontece ainda - com Brasilia, os representantes dos "Lande"(Estados) no "Bundestag" e no "Bundesrat"(equivalentes à Câmara Federal dos Deputados e Senado), assim como quase toda a burocracia do Governo Federal, desaparece de Bonn. Voltam aos respectivos "Lande",fazendo de Bonn a cidade provincial que sempre foi. "Bunde"é outra estranha palavra para nós de língua portuguesa: significa "federal".

Na graciosa Bonn, à beira do Reno, em 16 de dezembro de 1770, quando a cidade era somente uma aldeia, sem calçamento, sem eletricidade, sem telefones, sem esgotos ; com suas casas esquentadas por um forno a carvão em cada cômodo,nasceu o menino Ludwig. Primeiro dos três filhos de Johann e Maria-Magdalena van Beethoven. Ainda existe a casa onde Ludwig nasceu, na Bonngasse("gasse"= ruela), hoje no centro histórico da cidade. Funciona como Museu. Administrado pela "Sociedade van Beethoven"; organização de pessoas amantes da sua música. No lado externo é pintada de rosa e branco; tem três andares e uma entrada usada,no passado,pelas carruagens. No fundo, um pequeno jardim. Em cada um dos cômodos, temos portas baixas,pois 200 e mais anos atrás o ser humano, em geral, não tinha a altura que tem hoje. Ao lado das suas pequenas janelas de duplos vidros, e sobre o assoalho de madeira que geme a cada passo, está um membro da "Sociedade" pronto a dar explicações.

Exemplos de instrumentos da época, alguns móveis,vitrinas organizadas para mostrar objetos pessoais do gênio de Bonn, completam o ambiente. Uma grandíssima parte de todo esse material, chegou ao Museu, de Viena, onde Beethoven passou a maior parte da sua vida.

Aquela visita - a primeira que fiz - , foi um momento extraordinário. As senhoras P., embora não particularmente amantes da música clássica, apreciaram a sugestão daquela visita, e penso que quando deixaram o local,eram pessoas diferentes daquelas que, duas horas antes,tinham lá entrado.

Usando as "Autobahn"(autoestradas), de Bonn fomos à cidade de Köln(Colônia), fundada pelos antigos romanos com o nome de "Oppidum Ubiorum". Parte das "Autobahn" alemãs (pois na Áustria e Suíça elas são também assim chamadas) foi construida nos doze anos do governo de Hitler. Foram as primeiras verdadeiras autoestradas do mundo,antecipando também aquelas norte-americanas. Aquelas construidas na Alemanha em anos mais recentes são as melhores da Europa, podendo ter até seis faixas de cada lado; magnificamente conservadas e sinalizadas. Fora das áreas adjacentes às cidades, não há limite de velocidade e os motoristas usam a potência dos seus Mercedes,Porsches e BMWs (Bavarian Motoren Werk) ao extremo.

Tudo na Alemanha nos dá impressão de sólido, quadrado, pesado e materialista; às vezes rude. Não sentimos a graça e a delicadeza da arquitetura das cidades italianas , francesas e mesmo tchecoslovacas. Também as cores podem dizer muito do homem, das cidades e dos países.

Talvez uma relação com a mentalidade de um povo ?

Talvez, no caso dos germânicos, significando predileção pelos extremos(branco e preto), e ao mesmo tempo relutância à flexibilidade, parcimônia, moderação e pontos de encontro ?

Não são questões fáceis de serem respondidas ! Talvez a História nos possa dizer alguma coisa.

Em Köln visitamos o Museu Histórico, a Pontifícia Universidade Católica e naturalmente o principal marco da cidade: sua famosa catedral em estilo gótico. Também Colônia está às margens do Reno,o qual a divide em duas.

Juntamente com Nürnberg, esta no leste do país, foram arrazadas durante o último conflito. Ambas subseqüentemente reconstruidas no original estilo arquitetônico,dando a impressão que os edifícios são os mesmos dos séculos passados. Famoso produto da cidade é a "Kölnwasser" (Água de Colônia).

*

Neste ponto da viagem as senhoras P. mostravam-se mais amigas. Tinham talvez perdido o receio natural que temos por desconhecidos, como tinha sido eu no início da viagem. De Köln fomos a Strasburg, na Alsácia,região do leste da França, onde o dialeto, baseado na língua alemã, é de corrente uso, ao invés do francês. Habitantes locais

falam naturalmente o francês... quando obrigados. Sabe-se que se a eles fosse dada a escolha, prefeririam que a Alsácia voltasse a pertencer à Alemanha.

Strasburg é a terra do "pâté-de-foie-gras"(patê de fígado), feito com o fígado de gansos quimicamente engordados. É uma delícia! Caríssimo, porém, mesmo para os europeus.

A catedral de Notre Dame(não aquela de Paris)no seu estilo gótico,construida entre os séculos XI e XV,é um dos marcos da cidade de Strasburg. Devido à arquitetura local, se de repente abrirmos os olhos,pensamos estar numa cidade alemã e não francesa.

Em 1792,Rouget de Lille compôs em Strasburg o atual hino nacional francês: "La Marseillaise"(A Marselhesa).

A última etapa da viagem feita com a família P.,foi entre Strasburg e Paris. Durante seis semanas eu tinha vivido como um príncipe da Renascença! Chegados em Paris, recebi a recompensa monetária pelo trabalho, acompanhada do convite a voltar ao Brasil(!).

Despedimo-nos com a promessa que enviariam outros clientes,e a promessa foi mantida;mas quando recebi uma gentil carta da família P., avisando da chegada de potenciais clientes, eu já me havia transferido para a Inglaterra.

XXXIX

As cidades sulistas de Atlanta, no Estado da Georgia ; Dallas, no Texas; Columbia, naquele de South Carolina;Nashville, no Tennessee...sim, mas de Greensboro, no Estado de North Carolina, eu nunca tinha ouvido falar! Foi preciso correr os olhos no mapa,para localizá-la no meio de uma área até então desconhecida.

Nos meus anos no norte dos Estados Unidos (New York e Ohio), influenciado pelos prejuizos que os nordestinos e nortistas americanos têm pelos povos do sul do seu país (como alguns brasileiros sulistas têm,ao contrário,pelos nossos compatriotas do norte e nordeste), o sulista norte americano, segundo aquela impressão ganha dos nordestinos e nortistas, deveria ser apático, excessivamente lento e fleumático - três vezes mais que os ingleses! Acima de tudo, falando a língua de uma maneira quase incompreensível aos "super-homens" do norte e nordeste.Tão diferente quanto é a "falada" de um catarinense daquela de um paraibano; ou tão diferente quanto a "falada"de um milanês daquela de um siciliano; ou entre o espanhol falado na América do Sul e aquele da Espanha;ou mesmo entre argentinos e venezuelanos.

Mesmo se já tivesse aprendido um pouco sobre os sulistas norte-americanos durante precedentes viagens, estas foram de curta duração, sem possibilidade de muito saber sobre eles. Portanto,prevalecia sempre a influência dos prejuizos absorvidos em New York e sucessivamente no Estado de Ohio. Os sulistas chamam os nortistas e nordestinos americanos de "Yankees", com uma pontinha de ironia. Eles ainda não esqueceram da Guerra Civil(1861-65),quando nortistas e nordestinos quizeram e finalmente conseguiram, liberar os negros da escravidão.

Vinte anos e alguns meses depois da nossa primeira chegada nos Estados Unidos, fomos "descobrir" aquela até então desconhecida cidade de Greensboro, no Estado da Carolina do Norte. Espremido entre aqueles da Virgínia, Carolina do Sul, Georgia e Tennessee; e na sua parte leste, pelo oceano Atlântico. E assim constatamos que de fato,

o sulista norte-americano é pouco ativo, excessivamente lento, fleumático e falando a língua,em certos casos,com um sotaque incompreensível.Mas o verde de toda a região, com parques nacionais a noroeste;com lagos e pássaros de várias espécies em todo o território;com ar pouco poluido e clima sem extremos,compensou aquilo que poderia ser considerado negativo.

•

O Estado do North Carolina faz parte dos originais treze Estados dos Estados Unidos da América, país que, como o conhecemos hoje,sucessivamente completou-se com as cessões de territórios feitas: 1)pela Espanha(Florida), 2) pela França(representando cerca de 40% do território americano de hoje; área então chamada "Louisiana",em homenagem aos Louises de França), 3)pelo México (Texas e parte da California;e aqui não foi cessão,mas resultado de uma guerra), 4)pela Inglaterra(Estado do Oregon) e 5) pela Rússia(Alaska). Enfim, um país formado de ex-colônias, e esta "tradição cosmopolita" vive até hoje.

"Carolina"é nome que não parece adequar-se muito à lingua inglesa! É o feminino de Carol(Latim para Carlos),e "Carolinas"(pois são duas; norte e sul), foi originalmente usada, em 1629, para designar "as terras de Charles" (Carlos I), rei da Inglaterra. Quanto a "Greensboro",originalmente "Greeneborough", pode parecer uma referência a "green"(verde),pois o inteiro Estado é rico de vegetação. Sem ser, porém, selvagem como nos países tropicais, mas nem por isto deixando de contar com considerável fauna, incluindo ursos. Mais com as características de bosques que florestas.

O nome da cidade de Greensboro é ligado ao general Nathaniel Greene(1742-1786),herói da Guerra Revolucionária Americana, a qual deu aos USA a independência da Inglaterra. Ela é largamente lembrada em Greensboro, com marcos, estátuas e mapas indicando locais de batalhas entre ingleses e seus colonos americanos. Enfim, sob certos aspectos, o general Greene foi uma espécie do nosso Luís Alves de Lima e Silva,Duque de Caxias(1803-1880). O leitor não deve porém confundir a Guerra Revolucionária com a precedentemente mencionada Guerra Civil. A última foi um tentativo querido pelos Estados do sul, de separar-se daqueles do norte; ou entre o norte industrializado e o

sul agrícola(e daí a mão de obra escrava dos negros). Se o leitor viu o filme "Gone with the wind"(..e o vento levou), deve ter refrescado a memória sobre a Guerra Civil americana.

Como há pouco visto, o clima nesta região é sem excessivos extremos. A primavera(Março/Junho) muito florida e com temperaturas entre 10 e 15 graus. O magnífico outono (Setembro/Dezembro)com a mudança das cores na vegetação (amarelo, depois vermelho, tornando-se progressivamente marron).O inverno(Dezembro/Março) com temperaturas de 10 a 15 negativos, a 10 acima,mas raramente um dia sem sol. Exceção ao bom clima são algumas semanas durante o verão (Junho/Setembro), quando o termômetro pode chegar ao extremo de 32/35 graus.

Correria, pressa, impaciência e excessiva ambição, notas características dos habitantes do norte e nordeste , são pouco cultivadas nesta região, assim como nos demais Estados do sudeste do país(South Carolina,Georgia, Florida,Alabama,Mississipi,Lousiana,Texas e Arkansas).Aqui temos a impressão que há sempre o dia seguinte para a solução dos problemas! Este "passo doce" pode não ser preferência dos jovens,os quais têm ainda na frente a conquista dos objetivos, mas certamente ideal às pessoas da nossa madura idade, quando pouco ou nada deve ou pode ser ainda conquistado !

Greensboro e suas duas "cidades irmãs" (High Point e Winston-Salem),todas na região chamada Piedmont ("pé-do-monte, como Turin, na Itália: Piemonte),oferecem o conforto e as facilidades das grandes cidades. Ao mesmo tempo não concorrendo com estas em matéria de criminalidade, droga e poluição. No lado negativo, a massa da população é pouco sofisticada, constituida de gente simples, e que pouco sabe ou se interessa daquilo que acontece fora da área.

Também o custo de vida é sensivelmente inferior daquele do norte/nordeste. Mesmo se a compra da casa própria faz sempre parte do chamado "sonho americano",alugar casas e apartamentos é marcada preferência do povo, o qual muda de casa ou apartamento constantemente.

Exatamente o contrário dos europeus, os quais têm tendência de nascer e morrer no mesmo local e na mesma área do país. Nada disto acontece com grande parte dos americanos em geral, os quais mudam-se, compram casas , ou

mudam de um apartamento,com a mesma facilidade que divorciam-se!

Naturalmente que em todo o Piedmont não podemos encontrar espetáculos teatrais nas dimensões das grandes cidades do norte, mas há uma profusão de concertos,óperas, bons cinemas e bibliotecas. A região é também suprida de bons médicos, dentistas e hospitais,assim como de universidades. Enfim, nada falta neste Estado da Carolina do Norte,cujos habitantes são folcloricamente chamados "Tar Heels"(tacos de nicotina), pois as plantações de tabaco prevalecem na agricultura, e como é óbvio, eles sobre elas pisam, daí o apelido.

Indústrias importantes são aquelas de roupas-feita(casual), cigarros e principalmente móveis. A última muito ativa, devido à grande quantidade de madeira disponível na região, com seus vastos bosques espalhados por todo o Estado.

Greensboro é também servida por um moderno aeroporto internacional, com vários vôos diários para todas as regiões do país e para o exterior. Das autoestradas não é necessário lembrar, pois o país inteiro é bem servido.Algumas distância de Greensboro: Washington,DC(400 quilômetros); New York(700), Atlanta(420), Miami(1400).

Mas como um andarilho como eu, acaba numa cidade e região pouco conhecida como esta ?

A resposta é simples: da mesma forma que acabei um dia em Dundee, na Escócia; ou em Milão, na Itália; ou em Tunis, no norte da África. Trabalho e procura do novo.

XL

"Wise men learn more from fools
than fools from wise men".
Chinese saying.

("Sabidos aprendem mais dos tontos, que tontos dos sabidos")
(Ditado chinês).

Volto novamente a lembrar coisas do Zhong Guó(China)de onde, como disse no início, escrevo parte destas"Notas". Antes, porém, gostaria de lembrar alguma coisa sobre as teorias de Darwin, as quais, como o leitor verá em seguida, têm certa relação com o Zhong Guó.

A contribuição que Charles Darwin(1809-1882),naturalista inglês, deu à construção da ciência moderna,não precisa introdução. Não existe na história desta - mesmo considerando Newton e Einstein -, um acontecimento com conseqüências assim profundas, como a sua "teoria da evolução através da selação natural". Mas foi Lamarck (1774-1829), naturalista francês e precursor de Darwin, a quem deve-se a "paternidade" da teoria. Mas se procurássemos mesmo sua raiz, a encontramos na "De natura rerum",de Lucrezio(95-55 A.C.).

Darwin, portanto, não foi um inovador. Antes dele e mesmo durante seu tempo, outros dedicaram-se à matéria, como dedicaram-se à matéria centenas d'outros, através dos séculos, mas o poder da religião foi no passado barreira intransponível. Mas é Darwin que põe o problema numa forma compreensível ao homem-comum. Ou pelo menos a uma parte destes. Dando explicações rigorosamente científicas à "evolução através da seleção natural", enquanto seus predecessores a apresentaram com ligações místicas.

O conceito filosófico-místico/religioso da criação do homem,dos outros animais e do mundo vegetal,que tinha sobrevivido às "revoluções" dos séculos XV,XVI e XVII, com Copérnico,Galileu e outros, não pôde sobreviver às teorias de Darwin. É justo dizer que depois destas,e ciência

não mais precisou recorrer à intervenção divina para explicar a criação dos animais e das plantas. Os teólogos do tempo de Darwin, até aqueles dos nossos dias continuam, todavia, dando batalha,pois a ciência,tradicionalmente, foi constante ameaça às religiões e relativo poder.

A propósito e para curiosidade do leitor, cito aqui um episódio famoso dessa contínua batalha, referindo-me ao puritanismo dos americanos do norte,como mencionado num anterior capítulo; exemplo que explica-se por si.

Em julho de 1925, na cidade de Dayton, no Estado americano do Tennessee, um professor de ciências,chamado John Thomas Scope, foi processado por ter violado uma Lei Estadual que proibia o ensino nas escolas públicas, de teorias que negassem a criação divina do homem. Citada Lei, aprovada alguns anos antes pela grande maioria dos Deputados Estaduais, dizia: "... é proibido aos professores de todas as escolas públicas e da Universidade, ensinar qualquer teoria que nege a divina criação do homem,e que no lugar dela, ensine que o homem descende de outras espécies de animais". Scope foi condenado a três anos de prisão, perdeu a cadeira na Universidade e foi pesadamente multado.

Revivescência da Inquisição dos séculos passados!

•

Nos seus dois principais livros["The Origin of the Species"(a origem das espécies,1859) e "The Descent of Man" (a ascendência do homem, 1874)], a teoria da evolução através da seleção natural, transforma-se num monumento que na história da ciência ocupa posição única. Mas como acontece com o desenvolvimento da ciência e da sua história, aquelas de Darwin não foram teorias definitivas.

Nos cem e tantos anos que delas nos separamos, os homens de ciência, na procura do novo; com suas descobertas, modificaram muita coisa.Exemplo são os fósseis (na Paleontologia:vestígios de seres vivos que habitaram a Terra na pré-história,conservando-se sem perder as características essenciais)de microrganismos descobertos em 1993 na Austrália,presumivelmente velhos de 3,5 bilhões de anos,dos quais(ou de microrganismos mais antigos) teve início a vida neste nosso planeta.

Não obstante, o pensamento de Darwin resta um marco insuperável. E não é naturalmente a palavra final, pois o

homem,com a sua infinita curiosidade pelo novo, poderá descobrir meios que possam estagnar ou modificar o ritmo da evolução. Talvez ele descubra como prolongar a vida(além dos processos científicos a nós conhecidos). Talvez ele descubra como ressuscitar organismos, modificando assim o ritmo da seleção natural,como hoje o conhecemos.

•

Se fosse aqui útil, necessário e possível explicar em meia dúzia de palavras o "suco" das teorias de Darwin, lembraria ao leitor que segundo elas, baseadas num grande número de provas, indiretas mas muito persuasíveis , **"todas as formas de vida hoje conhecidas - ou que existiram no passado e entretempo extinguiram-se -, não foram criadas, no princípio,independentemente uma da outra,mas são originárias de primários microrganismos"**. E isto,nem é necessário lembrar, entra em direto conflito com a teologia.

Segundo Darwin, tais formas de vida evoluiram-se,através da seleção natural, de formas de vida mais antigas , as quais, por sua vez, evoluiram-se de outras mais antigas ainda. A "cadeia" estende-se ao mais remoto passado, e o processo da evolução e da seleção natural vem, continuamente transmitido, num ritmo extremamente lento e não linear, de gerações a gerações.

A "seleção natural" - guia da evolução - significa, segundo Darwin,"sobrevivência e domínio(este último também significando sobrevivência) do "ser" (animal ou vegetal) **mais idôneo e melhor concebido** sobre o inferiormente idôneo e concebido. Em palavras simples, sobrevive o mais forte, e o mais forte gera o mais forte, e assim sucessivamente.

Penso que o leitor estará de acordo, que tudo isto nos põe imediatamente diante de três interrogações: 1)"é então o homem de hoje melhor e fisicamente mais forte que aquele da antiguidade ?". Se dermos crédito às teorias de Darwin e usarmos a História como meio de ligação entre passado e presente,a resposta não pode ser que um grande "sim". 2)"e será o homem dos séculos futuros melhor e mais forte que o presente ?". Aqui não temos a História para nos apoiar! mas se seguirmos a passada evolução da nossa espécie, a resposta tem que ser novamen -

te "sim". Finalmente, 3)"podemos então assumir que o presente "homo sapienz sapienz"(ver "Filogenia"no final destas "Notas"),é simplesmente parte de um dos "estágios"da sua própria evolução, e por conseguinte, teremos no futuro,um "homem novo", "diferente do presente" ? Similarmente, a resposta deverá ser ainda "sim".

O contraste fundamental entre as religiões e as teorias de Darwin, está naquilo escrito acima,em **"orator"**.Graficamente, poderia ser representado como segue:

```
DARWIN(evolução progres.dos microrganismos):    +
                                               + +
                                              + + +
                                             + + + +

TEOLOGIAS(criação individual):        +    homem
                                     ++    outros animais
                                    +++    plantas
```

*

Em 1981, ou '82,foi produzido um filme para a TV em diversos episódios, que na Europa e nos USA apareceu sob o nome de "Beagle". Nele é contada a viagem(Dez.1831- Out. 1836)feita por Charles Darwin às ilhas de Santa Helena e Fernando de Noronha, assim como à Baía,Rio,Patagônia,Terra do Fogo e ao arquipélago de Galapagos,o qual encontra se a 800 quilômetros a oeste do Equador, e a este pertence. Foi um dos melhores trabalhos que a TV de todo o mundo produziu, e como a tendência é de traduzir esses filmes em diversos idiomas, e de os repetir, o recomendo ao leitor, sem reservas. É possível, todavia,que este já o tenha visto e apreciado. "Beagle" era o nome do navio no qual Darwin fez a citada viagem.

Mais sobre a evolução do homem,no final destas"Notas", sob "Filogenia".

*

Diante das teorias de Darwin, é também natural perguntarmos: "...mas quem,então, criou ou como foram criados

aqueles primários microrganismos a quem Darwin atribui o
início da vida neste nosso Planeta?"
A resposta que as religiões nos poderiam dar, já a co
nhecemos. A ciência nos diz que "foi parte da formação
do Universo". "...e quem criou, ou como foi criado o U
niverso?", replicam as religiões. E como não há **ainda**
uma resposta científica que satisfaça tal interrogação ,
é aqui onde as religiões têm sua"roccaforte",ou sua for-
taleza! Não mais, é evidente, na criação individual do
homem, dos outros animais e da natureza em geral.

Mas a filosofia (e tantas vezes também a ciência!),ao contrário das religiões , não tem influência direta sobre a massa. Sabemos que o interesse pela filosofia e pela ciência,é limitado a um exíguo número de seres humanos. Para a massa, a filosofia e a ciência, são em geral de difícil compreensão.

As religiões, ao contrário,constituem um imenso poder, pois têm à disposição as mais fortes emoções do homem. É sabido que desde quando a história deste começou ser escrita, as religiões englobaram todos os fatos da vida humana, assim como substituíram as ciências, quando estas praticamente não existiam.Criando assim uma visão do nosso mundo com uma incomparável coesão, a qual, mesmo se nos dias de hoje foi enfraquecida, subsiste ainda forte entre a massa.

Se quizermos nos render conta do poder das religiões,é preciso pensar àquilo que elas tentam de oferecer ao ser humano. Defendem a Providência e "explicam" a genesis do Universo. Fornecem proteção contra os mais variados fatos da vida,prometendo, no fim de tudo, felicidade.Guiam as ações e os pensamentos do homem com a autoridade que todos conhecemos, principalmente,mas não exclusivamente, entre grande parte das populações dos chamados "terceiro e quarto mundos". Em síntese, elas imperam sobre três grandes poderes: primeiro, aquele de explicar e satisfazer, através do misticismo, a sêde natural que o ser humano tem pelo desconhecido, fazendo aquilo que a ciência tenta de fazer com os próprios meios, e sobre este ponto entram em conflito. O segundo daqueles três poderes, é
de influenciar o homem, acalmando a tensão deste frente
aos perigos; dando a ele a "certeza"que no fim, tudo ter
minará bem; e ao mesmo tempo, ensinando como podemos evi
tá-los. Ensinando também como combater alguns dos nossos
sofrimentos, mesmo se em muitos casos deve deixar o ser
humano à mercê deles, e não podendo fazer mais que acon-

selhar a resignação ! E a ciência não pode competir com isto. O terceiro e último dos grandes poderes das religiões, é procurar guiar o comportamento do homem (Mandamentos na Cristã; Leis na Hebraica e Islâmica,etc.).

Conhecedoras da psicologia humana como nenhuma outra instituição, elas foram e vão, todavia,adaptando-se a fatos científicos que não podem mais ignorar. E as teorias de Darwin são exemplo. Não é preciso ir muito longe na história do homem,para constatarmos o "progresso" feito pelas religiões na gradual fuga de um antigo radicalismo. Mesmo as gerações mais modernas, inclusive as contemporâneas, são testemunhas desse "progresso".

•

Darwin ficaria certamente contente de saber que muitos anos depois da sua morte,outra prova das suas teorias encontrava - se preciso fosse ! -, ulterior confirmação. Apoximadamente 500 mil anos atrás, durante a pré-História, na área onde encontra-se hoje Beijing (Pekim), já existiam os"chineses".Os restos dos chamados "Sinanthropus Pekinesis", encontrados em 1929 pelo padre Jesuita Pierre Teilhard de Chardin, na localidade chamada Chou K'ou Tien, mostram as características morfológicas daqueles "quase homens",que foram os precursores do chinês de hoje.

Mas a história do Zhong-Guò é antes de tudo a história da"arte da sobrevivência",e é também uma das mais complexas. A sua principal fonte teórica é tratada nos chamados "24 volumes", os quais cobrem um longo espaço de tempo. Não seria preciso lembrar que o Oriente não conheceu a Idade Média nem tão pouco a Renascença. As fases da civilização ocidental não o tocaram.

Aqueles "24 volumes"tratam de política, economia,arte, literatura, relações internacionais, guerras,leis, divisões geográficas, filosofia, ritos religiosos, invenções e descobertas astronômicas. Vinte e quatro grossos volumes quase impossíveis de serem absorvidos durante uma vida! Historiadores e filósofos deles tentaram fazer "sumários". Outros fizeram "sumário dos sumários",chegando a espremer o que há de mais significativo.

Juntamente com uma viagem à China, o comum mortal pode traçar um quadro geral, certamente aproximativo, da filosofia que rege esta velha civilização.

Quando pensamos na China ou noutro qualquer país hoje conhecido, devemos ter presente que as fronteiras foram continuamente modificando-se através dos séculos.Em muitos casos,países conhecidos hoje não existiam de vez; outros existiam dentro de fronteiras diferentes, pois as fronteiras são "invenções" dos homens !

A política e os matrimônios de interesse político; as similares origens étnicas ; as guerras de conquista;o interesse pelas artes e pela ciência e o comércio,foram alguns dos elementos de coesão na antiguidade, assim como em épocas mais recentes, dando origem à formação das primeiras cidades-estado(polis) e depois aos países.Sob certos aspectos, o chamado "mundo novo"(Américas,Austrália) ficou isento deste processo.

De modo geral, eram as aldeias e depois as cidades, o núcleo principal. Fora dos seus limites e além das suas muralhas, era "terra de ninguém". A atividade agrícola era desempenhada por gente das aldeias ou cidades, de onde iam, diariamente, tratar das propriedades, sem porém nelas habitar; como começou a ser de freqüente uso a partir de séculos mais recentes.

Um segundo passo na formação dos países foi o domínio de uma cidade sobre outra, e quase sempre, a respectiva integração do espaço entre elas. As fronteiras naturais (rios,montanhas,mares,oceanos)dividiam povos étnicamente diferentes; os Francos dos Saxões; os Normandos dos Francos; os Macedônios dos Dardânios; os Latinos dos Gregos; os Vândalos dos Gothos, e assim por diante.

No extremo oriente a situação não foi diferente,mas a civilização chinesa é a mais antiga, e suas fronteiras também. Por milhares de anos foi um império agrícola e feudal. Ainda hoje o Zhong Guò mantém intata uma marcada propensão à agricultura. Como dizem os franceses : "c'est le pays des paysans"(é o país dos lavradores).

O Zhong Guò é também exemplo de como a cultura e a civilização nas diversas áreas da Terra,movem-se em ciclos (o "desenvolvimento de outrora" verso o "atraso dos nossos dias", e vice-versa).

No século XI da nossa Era, por exemplo, quando a Europa estava ainda mergulhada na escuridão da Idade Média , e quando aquilo que são hoje os Estados Unidos eram dominados por índios, ignorantes da agricultura, no Zhong

Guò já usava-se a pólvora; existia a imprensa, mesmo se rudimentar, assim como o papel moeda; existiam a bússola e instrumentos que permitiam estudos astronômicos. No século sucessivo (XII D.C.), o primeiro "serviço médico público" foi organizado na China, o qual possivelmente funcionava melhor que alguns que tenho visto neste mundo afora!

Também durante o longo período da sua relativa decadência, o Zhong Guò foi um capítulo à parte. Estendendo-se por uma grande área do Oriente, ele estabeleceu, através dos séculos,normas, costumes, tradições e cultura similares - sob o ponto de vista histórico -, àquilo que a Antiga Roma estabeleceu no Ocidente, durante os séculos que precederam e seguiram o nascimento de Cristo.

Tradicionalmente, a Ásia oriental nunca teve um sistema de relações entre seus países. Assim é que em volta da China, giravam uma série de nações, como se fossem satélites.Durante milhares de anos essa foi a situação.Presentemente, a China faz fronteira com o maior número de outros: 16 países.

E assim foi até recentemente (meados do século XIX), quando o Zhong Guò encontrava-se à beira de um dos períodos críticos da sua história. Ao redor de 1850, a maior ameaça que a China estava para enfrentar, era o impacto da civilização ocidental, que como visto em seguida, lhe foi imposta.

Pela primeira vez, o país via-se em "direto contato" com as grandes potências do ocidente,as quais tinham tradições e cultura completamente diferentes. Estas, politicamente bem organizadas,não estavam dispostas, todavia,a reconhecer aquilo que o Zhong Guò representava no contexto da humanidade. Durante quase cem anos ele foi saqueada por aquelas potências.Estas tinham-se projetado no extremo Oriente graças às suas frotas e às suas idéias de comércio; do ganho fácil e rápido.

Tais comunidades estrangeiras instalaram-se nas melhores áreas do país, e o governo chinês era impotente para contrastar essas ingerências.

A mim parece que a História nos ensina que o homem deve temer mais o seu semelhante que as convulsões da natureza ! Os efeitos dos terremotos, das tempestades, dos vulcões, são bem pouca coisa diante das calamidades que a nossa espécie é capaz de produzir!

Ainda Machiavelli no seu "Principatibus", escrito nos

primeiros anos(1503) depois da descoberta do Brasil:"... a conquista(de um país)é somente a política levada ao extremo. A política pode ser imoral; a conquista não".

As áreas do território chinês conquistadas pelas potências ocidentais,foram conhecidas como "Ports Treaty"(Tratado dos Portos). Igualmente, os mesmos "direitos de invasão"foram concedidos aos missionários daqueles países, os quais tinham como objetivo - boas intenções à parte ! -,influenciar o antigo sistema Confuciano. Mas não a introdução do Catolicismo, pois este já tinha sido introduzido na China por Matteus Ricci, em 1583;mas sim do Cristianismo sob diversas outras denominações. Produtos da Reforma de Erasmo,Luthero,Calvino e outros.

Mas a China de então não devia temer somente os estrangeiros vindos do mar, como eram as citadas potências ocidentais. Do norte havia a constante ameaça da Rússia Czarista,da Mandchúria e da Mongólia. A lembrança das invasões de Gengis Khan(1167-1227 D.C.)e de seu filho,Kublai Khan(1216-1294),era um "fantasma" que os chineses não podiam esquecer, apesar de passados muitos séculos.

Interessante foi notarmos nas antigas muralhas da China,nas proximidade de Beijing,quando as visitamos nos anos passados,que somente no seu lado norte(Mongólia/Mandchúria)havia espaço para o uso de armas,pois era de onde vinham os bárbaros!

Os chineses que durante o "Tratado" coloboravam com as comunidades estrangeiras ocidentais, como agentes ou intérpretes, provocaram grande ressentimento entre o resto da população. Aquela classe de chineses foi chamada"compradores", palavra do português que a língua local absorveu. É ainda usada em certas áreas da China. Uma segunda palavra da mesma origem é "mandarin",levada pelos portugueses quando a ilha de Macau foi conquistada, em 1533.

Significa "ministro", ou "alto funcionário", ou "aquele que manda". Mandarin é também o nome da língua chinesa usada no norte do país.

Foi no terceiro século A.C. que um sistema de selecionar"mandarins"(então chamados diferentemente), foi iniciado pela dinastia Qin. O ingresso no "mandarina o" estava sujeito à prestação de exames.. como se hoje os políticos tivessem que"prestar exame"para provar serem(bons) políticos ! Aqueles que almejavam ser nomeados"mandarin"

deviam estudar os mencionados "24 volumes", todos da "escola de Confúcio", a qual constituiu, até recentemente, a base da educação nas escolas da China.

O presente regime comunista não perde oportunidade para referir-se, com desdém, àqueles anos de colonialismo, mas as novas gerações parecem pagar pouca atenção a tais ensinamentos. Seria preciso aqui dar novamente razão a Otto von Bismarck(1815-1898), grande estadista alemão : "...a política é a arte do possível...",significando que todos os meios são bons... e justos, para chegar aos objetivos. E os políticos não precisam ler Bismarck, pois sabem essas coisas por instinto!

Com o "Tratado",enfim,tinha-se de fato estabelecido no Zhong Guò aquilo que conhecemos hoje como "apartheid".Do tipo norte-americano e brasileiro, onde a segregação das raças(ou procedências) existe em formas camufladas,ao invés do tipo existido na África do Sul.

Mais sobre o "apartheid" num capítulo seguinte.

•

Algumas linhas sobre Confúcio, que na China é chamado Kongfuz; o mais venerado homem de toda a história chinesa; decididamente influenciando a filosofia de vida dos povos vizinhos, japoneses incluídos.

Confúcio nasce em 551 A.C., na Província do Shandong, na costa leste do Zhong Guò, a noroeste de Shang-Hai. Vive 72 anos.

Mais uma filosofia de vida que propriamente uma religião, seus ensinamentos são fundados na capacidade moral do homem. Segundo Confúcio,o governo só é garantido se a moral é sua base. Refuta as tendências de governar com Leis, ou fundar um Estado sob a força militar.

Não existem livros ou escritos deixados por ele. Discípulos recolheram os pensamentos do filósofo através dos seus diálogos. Ele não interessou-se por problemas religiosos. Não obstante, suas idéias foram e são consideradas pelos chineses como uma "religião". O Confucionismo deu ao povo uma ética de comportamento, ao contrário do Induismo(Índia)e do Buddismo(Índia,China,Japão) que são "cocktails"de velhas religiões e de velhas superstições.

Para os chineses, o Zhong Guò foi sempre uma entidade

espiritual, mais que de espaço. Ainda hoje o atual regime(comunista),tem dificuldade em suplantar certas idéias ligadas à filosofia Confuciana. Filosofia de vida baseada naquilo que o homem naturalmente pensa e naturalmente faz, quando é capaz de dominar seus instintos;a ética da razão. Ou a capacidade de distinguir o"importante" do"menos importante". Também por isto, explica-se porque para o povo chinês,o Zhong Guò nunca foi um país como outros, mas o "centro do Universo".

Depois do "Tratado" e do seu fim, e mais recentemente, pouco antes da primeira grande guerra na Europa, nasceu na China o Nacionalismo(Kuomitang)de Sun Yet-sen e Chang Kai Check, e sucessivamente, o movimento e a "grande marcha" dos anos '30 e '40 de Mao Tse Tung, a qual levou a moderna China ao atual regime.

Uma das idéias de Mao foi modernizar o Zhong Guò sem o ocidentalizar. Ao mesmo tempo, evitar a urbanização,dando prioridade às chamadas "comunes", que podemos traduzir por "núcleos agrícolas". O comunismo velho-estilo de Mao, porém, teve um novo protagonista em anos recentes : Deng Xiao Ping, cuja política foi e continua sendo menos radical. Endereçada a reformas de tipo semi-capitalista, ou tímido-capitalista, já em grande parte introduzidas nas províncias do sudeste do país(KwangTung,Fukien, Kwangsi).

Sob certos aspectos, as reformas de Deng precederam de um decênio aquelas potenciais de Gorbachov, na União Soviética. De toda forma, estamos hoje na China muito distantes daquilo que foi professado no início,por Mao e outros. Tudo indica que será uma nova geração de políticos: Zhao Ziang, Li Peng, Qiao Shi, Hu Qili, Yao Yilin e outros,que levarão o Zhong Guò ao início do terceiro milênio da Era Cristã.

A partir do fim dos anos '70,a China operou uma tímida abertura ao turismo. Importante fonte de renda,mesmo se, sob o aspecto de uma estrutura turística propriamente dita, o Zhong Guò está ainda na adolescência.

Há todavia grande empenho do Governo nesse sentido.e o país, e a sua cultura, foram e são grandes atrações.

XLI

No trem,entre Hong Kong e a Província chinesa do Kwang tung, faço reviver na memória uma lembrança velha de meio século. Estamos na S.Paulo de 1941. O senhor Chang,conhecido como "o chinês",tem sua casa na rua Bresser. Uma vez por semana levo a ele colares de falsas-pérolas para serem consertados. Faz parte do meu trabalho de "office-boy" que tenho com um representante de bijuterias.

A casa do senhor Chang é uma daquelas onde imperam o desmazelo, os montinhos de lixo nos cantinhos da sala,as cortinas rasgadas e os engordurados trincos de portas e janelas.

Ele abre a porta. Tem um cigarro-feito-a-mão pendurado na boca. Seu cabelo parece não ter visto um pente há dias.

Chang apronta uma cadeira manca, onde o menino de 13 anos senta-se; espera e observa.

Com um par de velhos óculos trazidos da China, ele ajeita-se num improvisado banco, e começa o trabalho. Ao mesmo tempo, resmunga: "...pelolas luim...mulel gastal dinelo vestido... não complal colal novo Chang".

Depois, conta-me um velho ditado chinês, o qual até hoje lembro-me muitíssimo bem, pois sábio: "...não entrar na jaula de um leão somente com uma flor na mão". Significando que neste mundo feroz, injusto e pouco generoso em que vivemos,é preciso fazer nossas batalhas com armas adequadas.

Foi aquela a minha primeira "imagem" da China e do seu povo que tive. Tão superficial e precária que possa ser. Fica gravada na memória.

•

Nos séculos XI,XII e XIII D.C.,a cultura ocidental entrou em contato com a oriental. As viagens do veneziano Marco Polo(1254-1324), são um exemplo. E a relação entre as duas culturas,era na época, inversa daquela que conhecemos hoje. Nos nossos dias, os povos orientais admiram

e apreciam a nossa civilização. Reconhecem os progressos feitos na ciência, assim como a potência militar do ocidente. Admiram o nosso sistema de organização e a nossa iniciativa econômica. A respeito desta última,sabemos como chineses, japoneses, coreanos e outros,nos últimos decênios , dela fizeram tesouro. Copiando, imitando, trabalhando com a nota disciplina, entusiasmo e fanatismo. Elementos que já faziam parte da formação psíquica destes povos, mas aparentemente em estado latente.

O acima citado presente reconhecimento pela superioridade ocidental, porém, não estende-se, por exemplo,à esfera filosófica-religiosa. O oriental que aceitou o modelo ocidental dos sistemas econômicos, da técnica, das ciências, repudia com vigor, as religiões, a filosofia de vida e muitas das concessões sociais do ocidente, como por exemplo: (1)o feminismo, como fenômeno que tende a elevar a mulher ao nível do homem, (2)a decadência da autoridade dos anciães sobre as subseqüentes gerações.

Inversa foi a situação na Europa dos mesmos séculos XI XII e XIII D.C., e digo Europa, pois naqueles tempos a Europa era a única representante do mundo ocidental. O homem ocidental reconhecia então, plenamente, que o Islamismo(para os europeus um fato sempre oriental), criado por Mohamed séculos antes, assim como os povos do extremo Oriente, eram depositários da ciência e da cultura da antiguidade. Reconhecia, também, aos orientais, o alto nível de progresso atingido na técnica bélica e na administração da coisa pública. Tantas das palavras de origem semita que usamos hoje, como "arsenal", "almirante", "tarifa", "alfândega", "avaria" e outras,mostram a importância da cultura Islâmica daqueles séculos.

Mas àquela então admiração dos ocidentais pela conquista do patrimônio intelectual,pelos orientais, correspondia, porém, a repugnância pelas religiões e pela filosofia de vida dos mesmos, como nos dias de hoje os orientais repudiam as nossas.

•

A vida dos chineses no Zhong Guó, ou aquela que comumente chamamos de "todos os dias", foi naturalmente objeto da minha curiosidade e observação, ao ponto de provocar situações intencionais e sentir reações. Muitas vezes desliguei-me do grupo, o qual ia visitar um Museu ou

um local histórico,para dedicar-me a elas. Este foi sempre meu velho hábito(não compreendido e visto como deplorável por muitos!),o qual,todavia, faz parte da série de estratagemas, que podemos usar para conhecer como vivem nossos semelhantes. Eu o vi e o vejo do lado positivo. Não foi um método infalível, nem isentou-me de situações de embaraço - na China e em outros países -, mas tudo somado,deu-me plena satisfação. Penso que depois de 35 anos desse "processo investigativo",aprendi alguma coisa dos meus semelhantes e de mim mesmo.

*

Outro pensamento que nos vem imediatamente à mente na China,é a sua imensa população. E a impressão que temos quando visitamos este país, é que aquela "idéia fixa" da população é mesmo uma realidade. Diferentes são os números lidos numa estatística dos números reais! Os últimos não nos podem surpreender, pois teoricamente encontramos o esperado. Como quando entramos num quarto escuro e levamos um susto, mesmo se fomos anteriormente informados que dentro dele está nosso irmão, com um lençol embrulhado no corpo!

Gente, gente e mais gente enchendo cada espaço disponível. E no Zhong Guò não temos a oportunidade(ou distração), como acontece no ocidente, de ver gente diferente. Parecem estampados como um jornal de grande circulação.É verdade que eles podem também ter a mesma impressão dos ocidentais !

Lembro-me quando perguntei a uma secretária oriental de uma firma na Itália, se havia portugueses e espanhóis trabalhando nas linhas de produção. Sua resposta foi: "...não sei, para mim, voces ocidentais tem todos a mesma cara !".

Nas avenidas, nas ruas, nos becos e nas praças das cidades chinesas, vemos varredores às dúzias, pois o povo parece ter o "complexo de varrer" locais públicos. Não obstante, estes não parecem limpos aos olhos do estrangeiro. Vê-se também uma imensa quantidade de "dwellers", ou seja, gente que está aparentemente zanzando sem destino. Como a porcentagem oficial de desemprego é muitíssimo baixa, esses "dwellers" devem estar no dia de folga ou então, imagino, as estatísticas oficiais - um dra-

gão de sete cabeças nos países comunistas! -, não dizem a verdade.

Alguns raríssimos esmoleiros podem ser vistos nos becos e ruelas, mas proporcionalmente à população, o número destes é insignificante.

Nas primeiras horas do dia, em cada calçada, jardim ou pátio, vê-se um exército de ginastas. Homens, mulheres e crianças de todas as idades, fazendo movimentos lentos , em silêncio; às vezes guidados por um líder. Comum também é a passagem de batalhões de jovens cantando hinos tradicionais da China.

Uma madrugada, numa cidade do centro do país, fui procurar bananas. No dia anterior havia visto uma "banca"de rua vendendo esta simples mas importante fruta da nossa dieta. Como a cozinha chinesa, repetida dia após dia,tinha-se tornada enjoada, as bananas começaram a substituir o café da manhã, almoço e jantar.

O trajeto do hotel à "banca" era relativamente longo , para um homem como eu, que pela idade, por problemas de saúde, mas principalmente devido aos efeitos da nicotina, caminha lentamente. Os "rickshaws" parados em frente do hotel estavam à disposição, mas preferi fazer uma caminhada com meus pensamentos.

Os ginastas já estavam pelas ruas onde passava.Olhavam-me com curiosidade, mas sempre à distância. Os chineses, no Zhong Guò, raramente "encaram" um ocidental.Talvez um milenário complexo de inferioridade, ou talvez aquela atitude de mistério que faz parte do Oriente.

Em frente de uma escola primária, onde crianças cantavam, em coro, um dos tantos hinos da velha China,parei e comecei eu também fazer ginástica. Imitando aqueles, que na mesma calçada, faziam movimentos lentos. Como se, com a minha atitude, passasse a fazer parte deles. Primeiro um, depois um par d'outros, sorriam. Arriscando uma palavra de inglês aqui outra ali, conseguiam fazer-se entender e assim o "gelo foi quebrado". Em seguida outros juntaram-se ao grupo. Um auto da "Gong An"(polícia), diminuiu a marcha, talvez pensando que houvesse um acidente!

Quando re-tomei a direção onde pensava estar a"banca", cada um deles procurou explicar-me o caminho mais curto. Foi uma experiência insignificante,mas importante no contato com o povo.

*

As horas na China, como acontece em todo o Oriente,são "relativas e flexíveis". Pontualidade é uma estranha,pou co compreendida e talvez absurda "invenção" de certos o- cidentais! Os árabes, segundo minha experiência, são cam peões internacionais da falta de pontualidade.Latinos eu ropeus e latino-americanos não ficam atrás, mas o fenôme no, como sabemos,é generalizado nos países em desenvolvi mento. Na China,assim como(estranhamente)no Japão, 8:15 pode "representar" 8:45 ou 9:15! Infelizmente,nestes paí ses não há vacas e bezerros sagrados no meio das ruas,co mo na Índia, para servir de desculpa !

No extremo oposto estão os Anglo-Saxões.

Na Europa da Itália meridional, sul da França,Espanha, Portugal e Grécia,chegar atrazado a um encontro é " de- ver"! Quem chega no horário naquelas regiões perde parte do prestígio. Ou então imediatamente faz um auto-elogio pela proeza. Quando trata-se de reuniões,conferências ou outras coisas organizadas pelos respectivos Governos, o atrazo nunca é inferior a um par de horas. E se alguém a treve-se a iniciar alguma coisa no horário, pode ser vis to como fosse habitante de outro Planeta.

Os americanos quando têm negócios a tratar naquelas re giões da Europa, ficam furiosos com tal costume, o qual faz parte da idéia geral dos europeus de "dar-se impor - tância". Coisa que funciona bem entre eles mas com os a- mericanos do norte transforma-se num desastre.

Lembro-me de uma "hora marcada" que eu e colegas tínha mos com um funcionário do Ministério da Fazenda,em Roma. O encontro estava marcado para as 11. Sentados em confor táveis poltronas e servidos de café é água mineral,fomos atendidos às 13. Talvez o atraso por parte do funcionári o representava duas horas gastas num passeio pela redon- deza...mas atender na hora marcada representava perda de prestígio !

Outro exemplo de não-hábito dos orientais,observado em Hong Kong, na Índia, na China, na Tailândia e no Japão,é aquele que chamamos "pedir licença",quando alguém deve o cupar o espaço que outros já ocupam.

Nos corredores dos trens,nas lojas, nos metrôs,nas cal çadas, nos restaurantes, nas comuns aglomerações de todo tipo - e aglomerações fazem sempre parte do Oriente! - tal gentileza parece desconhecida. E a sempre presente grande concentração de gente certamente não ajuda a pecu liaridade deste hábito ocidental. Seria injusto dizer

que trata-se de falta de educação, pois aquilo que pode ser educado para eles, é não-educado para os ocidentais, e vice-versa. Resta o fato que no Oriente, no lugar do pedido de licença, vale um empurrão. Com a barriga, se é respeitável como a minha; ou com mãos ou cotovelos. Não há regra fixa para um empurrão docemente dado. Se este é mais "robusto" que o necessário, o oriental pode virar - se e dar um sorriso... que nós ocidentais não o tomamos como um tentativo de "pedir desculpas" - como é a inten ção do "empurrante oriental" -, mas como um ulterior ato de pouco-caso!

Relacionado ao assunto de educação, ou falta desta,dos diferentes povos do Oriente, dou o exemplo dos trens no Japão. Para nós ocidentais é normal, e não falta de edu cação, que o condutor(picotador de bilhetes), ou pessoal de serviço,vendendo bebidas e petiscos nos corredores,en trem nos vagões sem cumprimentar os passageiros.

No Japão tal atitude representa rudeza e falta de edu- cação. Condutores de trem e relativo pessoal de serviço, uma vez entrados no vagão, fazem as devidas reverências. Levando a cabeça quase à altura dos joelhos. E não fazem isto somente quando entram, mas repetem o gesto quando o deixam. Se ao vagão voltam,como é natural que aconteça, a cena repete-se, tantas vezes quantas forem as novas en tradas e saídas. Não é o mesmo na China, onde eles devem ter outras preocupações!

No Zhong Guò compra-se e vende-se tudo. O tempo de uso ou o estado da "mercadoria" é indiferente. Nas ruas das grandes ou pequenas cidades, ou nas aldeias,improvisados comerciantes expõem de pedaços de cano usado a pneus fu- rados; de livros faltando páginas a sapatos esburacados; de pedaços de arame enferrujado a pedaços de tábua. Tudo tem valor comercial no Zhong Guò. Nada é jogado. Tudo é aproveitado.

Este grande espírito de fazer comércio(na Europa e nos Estados Unidos, os chineses são chamados "hebreus do Ori ente), não isenta também seus trens. Eu os chamo "trens quilométricos", assim como são aqueles que fazem a tra - vessia de toda a URSS(de Moscou a Vladivostok), chamados "Transiberianos". Estes últimos os conhecemos quando da nossa viagem ao Estado americano do Alaska e sucessiva - mente à Sibéria.

Os trens chineses são puxados por duas ou três locomo- tivas a óleo "diesel". São de proveniência russa, chega-

dos nestes territórios quando os dois países tinham boas relações. Estão sempre apinhados de ponta a ponta.Quando os olhamos do lado de fora,vemos através das janelas, chineses que comem, com os olhos pregados no exterior e movimentando rapidamente os "pauzinhos". Este povo nos dá a impressão que passa a vida ingerindo alguma coisa!

Enquanto os trens do Japão são limpos, bem organizados e rápidos, com suas estruturas bem conservadas, aqueles do Zhong Guò nada disso oferecem. Os vagões são, ou de uso exclusivo dos chineses(1a.e 2a.classes), ou de uso misto("luxo")para chineses e estrangeiros. Estes, mesmo se teoricamente os melhores, deixam muito a desejar; e sem querer naturalmente compará-los com os trens europeus, pois não seria mesmo o caso! Não obstante seus problemas, viajar de trem na China é uma experiência extraordinária; às vezes divertida; às vezes aborrecida.

Nos vagões de classe "luxo" , as cortinas das suas janelas são de renda, as quais, mais que impedir a entrada do sol,servem de enfeite. Milhares de mãos as puxaram de um lado a outro, deixando a marca da sua presença. O mesmo vale para o encosto das poltronas, também revestidos de renda, onde milhares de cabeças deixaram o sinal.

Nos corredores,entre os assentos, os tapetes dos anos '50, já gastos, sujos, enrugados e rasgados, não impedem a passagem das vendedoras ambulantes improvisadas. Trata-se de famílias chinesas, que aproveitam a viagem para pagar parte dela, vendendo bolinhos de carne, bichinhos de pano, frango ao molho de tomate, fatias de melão,etc.

"Preparar bolinhos,ou frango ao molho dentro do trem?" perguntará o leitor.

Nenhum problema! Tais famílias levam um pequeno fogareiro, que dentro dos cubículos que estão no início e no fim de cada vagão, é aceso. Misturam bem o frango com o molho, esquentam o recepiente, adicionam pitadinhas várias, e passam pelos corredores do vagão,oferecendo aos demais viajantes. Com o balanço do trem, alguém pode levar uma espirrada de molho, como foi meu caso! Mas assim é a China.

E das "privadas a la turca"(ao nível do solo)que estão em frente dos citados cubículos, o que pode ser dito ?

Difícil dar uma "nota" pela limpeza e higiene! Uma catástrofe. Um ocidental faz um ato de bravura entrando em tal recinto ! Mas as piores dessa "categoria" eu as vi na Índia,nas imediações de Jaipur. Aquelas dos trens do Zhong Guò, porém, não ganham nota superior.

O Partido Comunista Chinês, fundado em 1921(um dos fundadores foi Mao Tse Tung), é o guia ideológico e organizativo de todas as atividades políticas e sociais do país. Além dele, existem uma dezena d'outros(Democrático , Nacional, Justicialista, Liberal,etc.), os quais aceitam (!) a guia do PCC. Este é considerado o único partido legal na China. Diz a constituição chinesa no seu Artigo Primeiro:

> "...a República Popular da China é um Estado socialista, de ditadura democrática popular, guiada pela classe operária e baseada sobre a aliança operário-rural. Na substância, uma ditadura do proletariado".

A estrutura do Governo Federal do Zhong Guò, é formada (1)pela Assembléia Nacional do Povo, renovada cada cinco anos; eleita pelas 30 Assembléias Provinciais(uma Província corresponde,grosso modo, a um dos nossos Estados).Uma das funções da Assembléia Nacional é de eleger os membros do Conselho de Ministros; (2) pela Comissão Permanente, que é um orgão Legislativo(similar aos nossos Senado e Câmara Federal dos Deputados). Uma das suas funções, é eleger o Presidente da República,o qual tem função puramente representativa. O poder resta com o Secretário do Partido Comunista, que é também o Chefe das Forças Armadas.

Falando de Forças Armadas, é difícil fazer dez passos na China sem encontrar um homem ou uma mulher usando farda.Enquanto na URSS a farda parece ser feita sob medida, no Zhong Guò temos a impressão que é de tamanho único ! Geralmente maior que o corpo que deve vestir. A cor é verde-azulada; colarinhos prussianos(fechados, sem gravata). Nos quepes,uma larga faixa vermelha, amarela, azul ou branca, indica a Arma. Os sapatos são na maioria pretos,mas vemos também militares usando sapatos marrons; eventualmente um simples tênis. Os oficiais usam ombreiras douradas com estrelas e outros distintivos.

A observação das fardas nos diversos países que visitei, foi sempre um dos meus passa-tempos.Penso que o formato de um quepe, por exemplo, mesmo sem distintivos ou decorações, já indique a qual país pertença. Inconfundíveis são aqueles usados na URSS, na Gran Bretanha,na Itália, no Japão, na China, na França ou nos países da América Latina. A farda dos seus militares - suas cores ,

seu talho e modelo -, diz muito também da personalidade e mesmo da filosofia de vida de um povo.

Viajando de ônibus numa estrada no interior da China - sempre a baixa velocidade, pois é hábito nacional, inclusive trens -, paramos para visitar uma isolada aldeia agrícola. As casas, muito modestas, feitas de pau e barro, sem água corrente ou luz elétrica, eram ocupadas por famílias de pequenos agricultores independentes. Ou seja, aquelas que não fazem parte das colônias agrícolas controladas pelo regime. Passamos algumas horas andando pelas suas ruelas sem calçamento, procurando observar quanto possível, como seus habitantes viviam. Crianças e adolescentes nos observavam com curiosidade; semi-escondidos entre arbusto e cercas. Riam. Um nosso movimento que indicasse intenção de nos aproximar, era suficiente para fazê-los fugir. Quando um dos nossos companheiros de viagem levou ao ombro um pedaço de bambu - em cujas extremidades os chineses carregam cestos com fruta e verdura -, ouvia-se uma grande algazarra. Riam de ver um ocidental naquela situação. O agradável e sereno som de uma longínqua flauta chegava aos nossos ouvidos.

Nenhum contato possível com os adultos daquela aldeia. Escondiam-se dentro das casas. Alguns, nos vendo aproximar, fechavam precipitadamente a porta, sobre as quais via-se faixas vermelhas com ideogramas amarelos, exaltando as virtudes do comunismo. Entre as casas, enormes búfalos pretos pastavam. Outros, amarrados aos poços d'água. Com uma varinha, eram tocados por crianças em volta deles. 85% da população chinesa dedica-se à agricultura.

*

"Cê-tchê" (pronunciado rapidamente), dizem os chineses. Significando "obrigado". A resposta é invariavelmente: "Bu KaDgi" (também pronunciado rapidamente), significando "não há de que".

Se necessitamos de uma informação nas ruas do Zhong Guò, é preciso dirigir-se às novas gerações. De preferência a estudantes, os quais arranjam-se relativamente bem numa língua ocidental. É imensa a curiosidade destes pelo Ocidente. Fazem mil perguntas e eu "os pago" com a mesma moeda. Na grande maioria dos casos, sou eu que os procuro, "fabricando" uma desculpa, e de preferência quando es-

tão em grupos, pois a experiência diz que há sempre um entre eles que quer mostrar aos amigos quanto conhece uma língua estrangeira !

Alguns destes contatos resultaram em troca de correspondência.

O "teenager" na China é desprovido da malícia que seus contemporâneos têm no ocidente. Parecem menos prepotentes e mais humildes. Em geral mostrando atitude séria e sem sombra de dúvida, muito menos barulhenta e menos expansiva. Talvez porque poucos têm os infernais rádios portáteis ou as mais ainda infernais motocicletas.

Mas os jovens de todos os tempos usaram sempre o rumor como meio camuflado e inconsciente, para chamar a atenção dos adultos. Segundo Segmund Freud: "..é meio que têm para dizer aos adultos: olhem que também nós existimos e fazemos parte do vosso mundo!". Ainda segundo Freud: "crianças e adolescentes que gozaram de pouca atenção dos pais, ou como resultado de divórcio, tendem a encontrar no excessivo rumor um natural desabafo".

Malgrado todas minhas interrogações aos jovens e menos jovens sobre coisas do Zhong Guò, parti daquele país sem uma resposta adequada sobre uma curiosidade. É esta: os autos da polícia são pintados de verde bandeira na parte inferior e branco no resto. Nas portas dianteiras têm escrito "Gong An" em grandes letras.

"Por que", perguntava, "tudo na China é escrito na ideografia local, como é natural que seja, e não obstante nota-se esta exceção nos autos da polícia ?"

Recebia respostas sempre diferentes e nenhuma convincente. Percebia que tentavam advinhar. Entre aquelas recebidas, ouvi "que significava Segurança Pública" (o que era óbvio!), mas não respondia a minha questão. Outros diziam que "usar o alfabeto romano naquela toda particular circunstância, era uma tradição dos tempos da Dinastia Ming(1368-1644 D.C.), e que aquelas letras ocidentais tinham sido introduzidas pelo Imperador Tien Chi(1621-47)". Outros ainda, diziam "que o povo chinês é por temperamento adverso à repressão, e que estando escrito "Gong An" ao invés de "Segurança Pública" na ideografia, poucos se riam agredidos pela repressão que tais letras ocidentais representam, pois desconhecidas ao comum chinês. Outros diziam "que aquelas letras representavam uma deformação da expressão da língua inglesa "Go on", usada pelas autoridades dos países que fizeram parte do "Tratado dos Portos" (a partir do meio do século XIX)quando interrogavam

os chineses.

Toda uma série de respostas, sem que somente uma pudes se convencer-me da verdade. Um mistério no Oriente dos mistérios !

Mas a questão em si não tinha valor prático, e talvez poucos no Zhong Guò conhecem o verdadeiro motivo desta a berração filológica. Como se, por exemplo, na portão de um dos nossos Ministérios,em Brasília,o nome do mesmo es tivesse escrito na ideografia chinesa!..e ninguém soubes se explicar o porquê.

Mas a intenção de aqui relatar esse fato, vai além da curiosidade , em si. Pergunto: como explica-se que nenhum outro membro do nosso grupo levantou a questão,sobre um coisa assim evidente, e que devia ter certamente chamado a atenção de muitos ?

A resposta dou a mim mesmo. Acusando-me de ter uma mente extremamente especulativa. De ser um curioso e observador inveterado e persistente.Daqueles da pior espécie! Mas se assim não fosse , estaria talvez ainda trabalhando em S.Paulo, seguindo a "grande praxe", e vivendo como tantos outros milhões! ...muitos dos quais, contando os centavos no fim de cada mês!

•

Noto que o uso de roupas remendadas entre chineses da terceira idade, é fato comum. Às vezes com "placas"de fazenda diferente,tapando buracos. Costuradas à mão com um grosso fio... como eu, na adolescência, quando uma roupa "devia durar" o resto da vida!

Mesmo se presentemente os chineses já não necessitam usar roupas remendadas, as velhas gerações guardam ainda a lembrança de um passado de privações e de misérias. É ainda de uso entre elas, o tradicional cumprimento "Ni Baôle Mã", que substitue os nossos "bom dia","boa noite" etc., e que significa: "você comeu hoje?".

Ainda sobre roupas: as crianças de 1 a 3 anos de idade usam calças com uma grande abertura no fundo. À primeira vista parecem rasgadas,mas aprende-se depois, que a abertura tem uma função prática. Basta abaixar-se e livrar-se do aperto! Também no Japão o sistema é idêntico.

A gorjeta, até recentemente um hábito desconhecido no Zhong Guò,vai aos poucos introduzindo-se.Paradoxalmente,

ela é mais comum na China que no Japão,apesar deste ter
absorvido, nos últimos decênios, muitos dos costumes oci
dentais.
Na China, a gorjeta é usada em tudo aquilo que é liga-
do ao turismo. Um chofer de táxi,um porteiro de hotel ou
um garçon de restaurante nunca espera gorjeta de um chi-
nês. É coisa que não existe entre eles. Quando, porém,
tais serviços são prestados a ocidentais, justamente por
que sabem ser hábito destes, a gorjeta é esperada. Feliz
mente não com a agressividade que notamos na França,na I
tália e Suíça, onde "le service", "la mancia" e "die Be-
diennung" são quase questão de vida ou morte !

Uma noite fria e chuvosa, em Beijing, fui com um companheiro americano explorar uma parte da cidade. Uma daquelas zonas onde o turismo oficial não chega. Andamos por ruelas estreitas,mal iluminadas, cheias de buracos, com as "águas" nem sempre correndo pelos tubos de esgoto.Com casas baixas, unidas entre elas; com ar suspeito;com roupas penduradas em portas e janelas.

Os poucos passantes locais nos olhavam com curiosidade e talvez pensassem: "...o que estarão fazendo estes ocidentais nesta zona da cidade a estas horas da noite ?".

No dia anterior, expressando minha intenção de explorar tal zona, o "maitre d'hotel"me havia desaconselhado, dizendo que poderia virar salsichas... sem mesmo ter a intenção de sofrer tal metamorfose !

Não dei ouvidos a ele e assim, juntamente com o companheiro americano, vagamos por aquela zona da cidade. Finalmente entrando num restaurante tipicamente chinês,onde, possivelmente nenhum outro ocidental havia anteriormente posto pés.Era um cubículo mal iluminado,com pequenas mesas, onde alguns chineses, com boné na cabeça,devoravam macarrão ensopado na água de frango; usando pauzinhos e levando o recipiente à altura da boca, como é de costume no Zhong Guò.

Cada povo tem seus usos e costumes, e é preciso aceitá-los com graça e respeito.

Lavar mãos antes de sentar-se à mesa, por exemplo, não
é de uso na China.Uma vez sentado, recebemos da dona da
casa,ou do garçon,uma pequena toalha úmida e quente. De-
vemos lembrar que costumes ofensivos a um povo podem não
ser a outro, e vice-versa. Portanto, não é justo criti -
car o comportamento dos chineses quando tomam a refeição.
Mas comparado com o comportamento ocidental . É um

desastre ! Poucas coisas podem dar pior impressão a
um ocidental, que ver um grupo de chineses sentados
frente de pratos de comida. Vê-los, é um "espetáculo" em
si! Aquele comportamento que chamamos "ter modos", é
última coisa que os preocupa. Um ouvido bem afinado e a
tento,pode registrar uma dúzia de diferentes dissonânci
as harmônicas e estranhos ruídos !

Aqueles chineses sentados no pequeno e humilde restau
te de Pekim, naquela noite fria e chuvosa, faziam-se lem
brar de uma cena da qual Diva e eu participamos, nos a
nos passados, e que sempre lembramos. Estávamos na Ingla
terra, visitando Stratford-on-Avon, cidade natal de Wil-
liam Shakespeare(1564-1616), e por qualquer razão - ou
mesmo sem razão alguma! -,tínhamos uma fome de leões.Na
nossa mesa do restaurante, na velha tradição britânica,
estava também um casal da alta burguesia. Tremendamente
sofisticado. Pessoas que contavam cada meia grama para
não engordar e não perder a linha. A senhora, nas suas
refinadas maneiras,servia-se de um quarto de batata,meia
folha de alface e um pedacinho invisível de peixe.E cada
vez que levava o garfo à boca, dizia ao marido: "delici-
ous,delicious"(delicioso,delicioso). E assim fazia o ma-
rido.

Diva e eu, de natureza bons-garfos,para não dar má im-
pressão, instintivamente nos adaptamos ao "passo"dos com
panheiros de mesa. Foi a primeira e última vez que fize-
mos dieta involuntária!

Eu gostaria de ver aquele simpático casal inglês senta
do com os chineses, naquele pequeno e super-modesto res-
taurante de Beijing!

*

Meu companheiro de aventura naquela noite em Pekim,era
um homem tímido; 50 anos, americano, professor de ginási
o numa escola da Arábia Saudita. Para fazê-lo entrar no
restaurante, tinha sido preciso puxá-lo para dentro. Ti-
nha os olhos arregalados, como se estivesse para entrar
no túmulo de Tutmosis III, no Vale dos Reis, no Egito! A
palpava o bolso continuamente, para assegurar-se que a
carteira estava ainda no lugar!

Como ler um menu,em chinês(engordurado e com anos de u

so), e como comunicar-se com o jovem patrão,que todo sor
ridente, nos veio atender? Este falava somente chinês e
talvez pensasse, na sua simplicidade, que tivéssemos "o-
brigação" de falar chinês... pois lá, afinal de contas,
era a China !

Acabei indo à cozinha para apontar aquilo que quería -
mos. A mulher que lá estava, era simpática e sorriden -
te. O chão , as panelas, a mesa e os apetrechos culinári
os... menos. Percebia-se a inexistência das mais elemen-
tares regras sanitárias. Num canto, uma escarradeira es-
maltada, como encontramos em todos os recintos do Zhong
Guò.

Em seguida,enquanto comíamos,sob os olhos curiosos dos
chineses,que lá já estavam quando entramos, e que possi-
velmente diminuiram o ritmo,para observar o"espetáculo",
a mulher da cozinha nos veio rodear, também ela curiosa.
Usava avental e boné, cuja cor original, tinha sido bran
ca.

Em certas partes da China não é costume chamar a pes-
soa que atende uma mesa de restaurante. Falta de educa -
ção ! Basta virar do avesso a tampa do bule de chá.

Quando nos preparamos para sair, o patrão escreveu os
custos num pedaço de papel de embrulho. Os números podía
mos ler ! Naquele ponto, meu companheiro fez gestos que
indicavam elogios(!) à comida, apontando a mulher da co-
zinha,cuja curiosidade por aquela dupla de estrangeiros,
a havia trazido, ainda uma vez, às imediações da nossa
mesa.

O jovem patrão, com outros dois ou três,aparecidos não
sei de onde, nos rodearam, com uma atitude séria e todos
falando ao mesmo tempo,alguma coisa que não entendíamos.
Não era difícil perceber que estavam exaltados. Pensava
comigo "este é o exato momento que precede a transforma-
ção em salsichas!"

Era evidente que aqueles sinais de elogio feitos pelo
companheiro à mulher da cozinha, tinham sido mal inter -
pretados. Talvez pensassem estarmos à procura de aven
turas ! Finalmente, conseguimos convencê-los(não sei co
mo) que o nosso objetivo era somente pagar a conta e de-
saparecer. Não houve meios, também, de os fazer aceitar
a devida gorjeta. Não entendiam por que queríamos deixar
mais dinheiro que a soma da conta.

Aquela nossa experiência mostrou que fora das coisas
ligadas ao turismo - e aquela zona da cidade certamente
não era zona turística-, a gorjeta não é uma "institui -
ção nacional" no Zhong Guò". Mais meia hora de caminho,

sempre por misteriosas ruelas mal iluminadas, e chegamos finalmente na praça Tien-an-Men, onde um táxi nos levou de volta ao hotel.

Talvez outra oportunidade para "virar salsichas", foi perdida na costa ocidental do Zhong Guò. Do nosso pequeno grupo, além da Diva, faziam parte duas senhoras americanas e um jovem ainda carente de experiência, para enfrentar certas situações. Uma noite, tínhamos chegado de uma viagem, na sinistra estação ferroviária de Shang-Hai. Uma das senhoras americanas era daquelas feministas da "avant-garde"! Segundo o que ela nos dizia na viagem, o sexo feminino estava tão habilitado como o oposto, para fazer face a qualquer situação. Pensamento grandemente difundido entre as mulheres norte-americanas.

A pessoa da Agência de viagens, quem, como combinado, deveria nos esperar na estação, não apareceu. Não era a primeira vez que acontecia! Os chineses não são compeões em materia de organização; tive também a sensação que entre as novas gerações, há um camuflado sentimento de revolta contra o estrangeiro, talvez visto por elas como o "rico do ocidente". Coisa que não acontece com as velhas, pois já passadas pela peneira da humildade e das misérias do passado.

Assim é que estávamos completamente desorientados no recinto da estação. Rodeados de não-bem-encarados chineses, mostrando uma atitude semelhante a um bando de urubus diante de uma carcaça! E não sabíamos como voltar ao hotel, localizado nos arrabaldes de Shang-Hai. Coube então ao subscrito tomar uma iniciativa, e encontrar solução ao inesperado problema, procurando "contratar" um meio de transporte, dado que táxis não viam-se nas imediações. Uma velha "perua" dos anos '40, com motorista e ajudante(!), como de uso, foi o meio encontrado. Estes, se quizessem, poderiam nos levar a um destino não muito alegre! "Será que estamos indo na direção do hotel?", preocupavam-se as senhoras, durante o tortuoso trajeto noturno pela zona do "Bund", área de Shang-Hai adjacente ao rio Whangpoo, e pela zona do "Sang Chow Te" (mercado dos três ângulos). E assim foi por algum tempo, numa cidade onde todas as ruas têm a mesma aparência. Finalmente chegamos ao hotel. À americana feminista, não restou confessar "que no futuro teria uma atitude mais moderada na questão da igualdade entre sexos(!)".

Pekim foi fundada entre os séculos onze e treze D.C.

Nos países dos chamados continentes novos, têm-se quase sempre a data certa, ou histórica, da fundação das cidades. Não é assim nos velhos continentes, como são a Ásia, África e Europa. Nestes, uma cidade pode ter sido iniciada com a existência, no local, de cavernas, ou com a concentração de nômades, vivendo da caça; ou como um ponto de reunião de pescadores, comerciantes ou navegadores. Assim começava uma cidade nos velhos continentes.

As Washingtons, Brasílias, Melbournes, S.Paulos só existem nos continentes novos. "...no dia 25 de janeiro de 1554, o português padre José de Anchieta...".

*

Na língua chinesa, Beijing(Pekim)significa "capital do norte", como Nanjing(Nanquim), "capital do sul". "Bei" igual a norte; "Nan" igual a sul, e "jing", igual a capital, sede, cidade, corte.

Na antiguidade, Beijing era uma cidade de fronteira, a 50 quilômetros ao sul da Grande Muralha, ainda hoje existente, em parte. Poucas foram as cidades da antiguidade protegidas por uma tão imponente fortificação, como foi a Grande Muralha. Uma das tantas iniciadas no norte da China desde o império de Shi Huangi(221-206 A.C.), mas a construção que vemos hoje data do tempo da Dinastia Ming (1368-1644 D.C.), portanto relativamente recente.

Todas as muralhas construidas no norte da China, desde o terceiro século A.C., tiveram o objetivo de dividir o mundo civilizado (chinês) dos (então) bárbaros da Mongólia. Populações estas essencialmente nômades, que viviam nas estepes.

Originalmente comprida de 5.760 quilômetros, larga de 5 a oito metros, com uma torre cada 200/300 metros, a Grande Muralha faz parte das visitas "obrigatórias" de quem vem ao Zhong Guò. As pirâmides do Egito e a Grande Muralha da China, são duas das mais volumosas construções fei

tas pelo homem da antiguidade.

Partindo do norte/noroeste da muralha, os bárbaros da Mongólia - com Gengis Khan,primeiro,e depois com Kublai Khan -, invadiram grande parte do mundo então conhecido; inclusive a China. Levaram também um misto de devastações, novos costumes e cultura até o Egito e vizinhanças daquilo que é hoje a Alemanha. No seu auge(1259 D.C.),Kublai Khan, o mais poderoso dos dois, na língua mongol "khan" significando "líder", formou o maior império(em extensão territorial) que a História jamais conheceu, indo do mar do Japão até a Europa oriental. Naturalmente não um império organizado como foi aquele dos Romanos, mil anos antes; nem como aquele de Carlos Magno(500 anos antes),mas sim territórios que eram de tanto em tanto saqueados e vandalizados. É também atribuída a tais invasões a abertura de vias de comunicação - parcialmente conhecidas como "Via da Seda". Elas levaram do Oriente à Europa,também, e através das caravanas, a tristemente famosa "Pasteurela Pestis"(transportada pelas pulgas, inseto que em muitos países existe em profusão e infelizmente "aceito" como parte dos "habitantes"de casas e locais públicos).Foi conhecida como "peste negra"(ou bubônica), chegando em 1347 a Constantinopolis e alastrando-se por toda Europa,eliminando um terço da sua população. Escassas regras sanitárias e a promiscuidade na antiguidade - infelizmente ainda presentes em muitas partes da Terra -, foram o veículo ideal para tal propagação.

Diz a História, que uma vez passada a Grande Muralha , os antigos mongóis aceitavam a civilização chinesa como própria. Era certamente um "salto de qualidade" para aqueles bárbaros !

*

Pekim é pura geometria. Cidade traçada como nenhuma outra na antiguidade.Era e é a cidade dos muros,muitos dos quais ainda existem. Muros e sempre muros. Muros que dividem, muros que juntam, muros que circundam. Como se acima de tudo existisse aquela eterna vontade de isolamento. Acentuada característica dos povos orientais em geral.

Charles Edouard Jeanneret(1887-1965),conhecido como"Le Corbusier", arquiteto e urbanista francês de fama inter-

nacional, traça uma comparação interessante entre Paris, a cidade das ruas curvas, com Beijing,das ruas e ângulos retos.

Para os nativos, Beijing é a cidade da ordem; a capital construída segundo equilíbrio e harmonia; entre o homem e o Cosmo; entre a natureza e aquilo que é construído pelo homem. A antiga cosmologia chinesa explica o "porquê" de uma cidade como Beijing, e a sua sublime geometria. O quadrado dos quadrados.Uma cidade dentro de outra; tantos quadrados,um dentro do outro. Segundo os antigos chineses "o céu era redondo e a Terra quadrada", portanto pensaram imitar a Terra.

O centro de Pekim é um quadrado limitado,com muros vermelho-violeta, pela Cidade Proibida e pela grande Praça Tien-An-Men, que em chinês significa "Porta da Paz Celeste". A Cidade Proibida é também chamada "cidade de cor violeta", ou Tzu-chin-ch'eng. Tien-An-Men é considerada a maior praça do mundo. Na Europa e nas Américas,certamente não há maiores. Em "segundo lugar" talvez esteja a Praça da Concórdia, em Paris; ou a Praça Vermelha, em Moscou. O imenso Central Park, em New York,certamente maior que Tien-An-Men, não pode ser considerado uma praça.

Ao norte, Tien-An-Men é limitada por um longo muro que a separa da Cidade Proibida. Paralela àquele , corre a avenida principal da cidade,chamada"Ch'ang An Chieh", ou seja, "Avenida da Longa Paz". Ao sul da praça, foi construído, nos anos '70, o Mausoléu de Mao Tse Tung. Lá está exposto dentro de um caixão de cristal, imóvel e eterno como o próprio Zhong Guò. Os turistas passam diante dele em fila e em silêncio. Seu rosto parece ter sido coberto com uma camada de cera;como aquele de Lenin,em Moscou, pois ambos têm uma aparência muito natural.

Tudo na China,iniciando pelas pessoas e terminando com ruas, praças, cidades,pontes,hotéis,etc.tem nomes que parecem estranhos a nós ocidentais. Eles dizem muito da filosofia de vida do povo. Exemplos: Rua dos Muros dos Sete Dragões, Colina da Longa Vida, Templo dos Mil Buddhas, Pagoda do Perfume Celeste,Avenida da Longa Paz, Pavilhão da Harmonia Suprema,Palácio da Imensa Claridão, Ponte dos Mil Invernos, Jardim das Nuvens de Outono. E nomes de pessoas: Rosa da Primavera,Luz da Madrugada,Moinho dos Ventos Felizes, e assim por diante.

A nossa História, porém, conta outros casos de nomes

extravagantes. Cito o exemplo de Ottaviano Thúricus, primeiro imperador da Antiga Roma a partir de 27 antes de Cristo: durante o nascimento deste e até quando Cristo tinha 14 anos. Ottaviano tinha recebido do padrasto (Caio Julio Cesar, comumente chamado Júlio César), o nome César. Em seguida, o Senado Romano, num gesto adulatório o chamou "augustus"(respeitável, venerando). Palavra (augusto) não muito usada no português-brasileiro. Assim é que Ottaviano ficou conhecido como Imperador Augustus(ou César Augusto). O sobrenome César, ao contrário, passou a ser usado como substantivo e adjetivo, significando "líder. Do vocábulo "césar", são originários "Kaiser", do alemão, e "Czar", do russo.

Durante os séculos IV e V D.C., quando o império romano caminhava a passos largos para o declínio, existiam diversos "cesares" e diversos "augustus", os quais reinaram ao mesmo tempo, ocupando-se de parte diferentes do Império. Segundo tradição, também o vocábulo "cesariana"(abertura do abdome), foi a maneira que deu vida ao general, depois Consul e finalmente ditador de Roma, até sua morte em 44 A.C. De 44 a 26 temos o Triunvirato, e a partir de 27 A.C. Augustus como primeiro imperador.

*

Beijing, como vista e descrita por Marco Polo, um viajante e comerciante de Veneza - o qual por 27 anos fez parte da corte dos Khans, na Mongólia -, era uma cidade cheia de vida. Mais recentemente, durante os anos do "Tratado dos Portos", ela foi o paraíso do prazer, com as chamadas "casas do ópio", onde o cliente, numa atmosfera hoje desaparecida, tinha à disposição as mais variadas extravagâncias do sexo. Hoje, e principalmente desde a introdução do presente regime, Beijing é uma cidade "morta" sob este ponto de vista, mas o chinês(e esta é outra característica dos orientais)tem grande incilinação às extravagâncias, portanto muita coisa ainda existe mas o visitante não vê.

Pouco resta da Pekim das velhas "glórias" do passado. O comunismo encarregou-se de "apagar" tudo, ou quase tudo, da China da miséria, da fome, das pestes, dos "rickshaws" puxados pelo homem, das prostitutas em troca de um cigarro; do incilino diante dos estrangeiros, dos traços deixados pelos imperialistas do "Tratado"; da obrigação que

tinham as mulheres de usar apertadíssimas formas nos pés, conservando-os pequenos (para a satisfação dos olhos do marido!). Enfim, tudo que representava uma injusta condição humana.

Andando pelas cidades da China à procura do antigo, podemos encontrar o novo: um antigo Templo confuciano transformado em fábrica de chinelos; uma pagoda do fim do milênio, transformada em hospital.

Além de Beijing, visitamos as cidades de Guangzhou, na Província do Guangdong; Xian, naquela do Shaanxí; Guilin, naquela do Guanxí; Shang-Hai, na Província do Jiangsu e Hangzhou, naquela do Zhejiang.

Nas proximidades de Guilin, no vale do rio Li, fizemos uma interessantíssima viagem fluvial, observando as montanhas cuneiformes que margeiam aquele rio. Nelas, segundo os antropólogos, pode ainda viver um homem selvagem de dimensão dupla do comum, chamado Gigantopitécicus. E nas proximidades de Xian, vimos uma das mais magníficas descobertas arqueológicas de todos os tempos: seis mil soldados em terracota, tamanho do homem, cada um com diferente fisionomia, construídos no tempo do imperador Chin-Su(220 A.C.). Somente um milhar deles trazidos à superfície até 1990.

*

A área onde está hoje a cidade de Pekim era um importante centro durante o domínio Mongol. Com a morte de Gengis Khan, deveria ser aqui construída a capital de um império. Mas o primeiro ato de Kubilai Khan, seu sucessor, foi transferir tal prerrogativa ao sul (Nankin), e Beijing foi "rebaixada" a simples Prefeitura. Ficou chamada "Beijing Fu"(outra palavra chinesa: "Fu" = Prefeitura, Município).

A História nos diz que chegou também o tempo dos mongóis abandonarem o Zhong Guô. A revolução de 1368 D.C., guiada por Chu Youn-chang, um monge budhista, fez com que os herdeiros de Kubilai voltassem às estepes da Mongólia. Chu foi o fundador da famosa Dinastia Ming.

Parece justo acrescentar que a verdade sobre as invasões, guerras e revoluções, é que os povos - praticamente todos - estão eternamente em conflito. Não há interrupção! A única diferença é que durante os chamados "períodos de paz", as armas ficam temporariamente silenciosas

Faz parte da natureza humana !
Esse "processo conflituoso" tem início já na mais tenra idade, quando o infante "luta" pela posse de um brinquedo, que uma vez em posse dele, o joga num canto; até que seu irmãozinho ou seu companheirinho atreva-se a tomar posse. Naquela idade, é um "processo" incosciente, mas movido pelo natural instinto de sobrevivência, de concorrência, de domínio e de ambição.

Segue-se a quase imperceptível rivalidade com o colega do primeiro ano de escola. Passa depois aos estágios da verdadeira competição, que não é exclusivamente competição, mas também parte do inato "processo conflituoso": nos esportes, na família, no estudo, no emprego, na conquista do ou da "partner". Em seguida, chega a luta pela conquista do poder: de "chefe" da pequena seção na firma, ao posto de diretor, e deste ao de Presidente da República.

São todos pequenos ou grandes estágios de um "processo conflituoso" movido pelos nossos naturais instintos de sobrevivência, e pelo processo de evolução através da seleção natural. E quando o homem mostra "piedade" pelo semelhante, que durante esse longo "processo conflituoso" perdeu a batalha, nada mais usa que a melhor das hipocrisias.

É justamente nesse "terreno de cultura" do imperfeito ser humano, que tantas vezes nasceram e nascem as frívolas "necessidades", que equipam e encorajam os homens a mutuamente massacrar-se nas guerras, e a criar os holocaustos.

Entre os viajantes, é interessante notar certos aspectos do natural "processo conflituoso" do ser humano. Nas viagens em grupo, por exemplo, geralmente todos seus membros são desconhecidos e estranhos até a chegada no ponto de encontro, no aeroporto. O primeiro comportamento dos participantes, é de reserva. Seguem-se os primeiros "sinais de abertura". Em seguida, desaparece a inibição. O próximo passo, são os casos de fricção, explícita ou dissimulada.

*

Há uma grande área de Pekim, onde estão casas baixas e perdidas nas "hutangs" (rueias), sem calçamento e cheias de poeira, como aquelas onde estava o restaurante precedentemente lembrado. Nelas, vêm-se alguns portões distig

guirem-se de outros por decorações. São ex-casas de ri -
cos(antes do comunismo). Depois de cada portão, uma casa
pode ter outro muro, interno e paralelo àquele da rua, fa
zendo assim o caminho de entrada em "T". Segundo uma ve-
lha superstição os "maus espíritos" caminham somente em
linha reta, e assim não podem penetrar na casa !

Mas Beijing é também uma cidade moderna. É estimado que nela hoje vivem nove milhões. Este número, porém, está sujeito a interpretações; talvez sejam sete, talvez onze ! Mesmo problema com a inteira população do Zhong Guó; alguns dizem ser de um bilhão e cem milhões; outros, novecentos milhões. Seria preciso ressuscitar Servius Tulius (578-534 AC.), rei de Roma quem, segundo a História, mandou fazer o primeiro recenseamento que conhecemos ! Mas num país como a China, uma centena de milhões a mais ou a menos, parece fazer pouca diferença! E o mesmo podemos dizer no que concerne a Índia.

Pergunto: quanta gente ainda este nosso Planeta poderá absorver nos séculos futuros ? Seria aqui necessário fazer uma séria reflexão sobre as teorias de Thomas Maltus (1766-1834), segundo as quais o "aumento da população é a maior causa da pobreza, da ignorância e das guerras".

Mas quando pensamos na existência da floresta amazônica, nos grandes territórios vazios da Sibéria e da Austrália, temos a impressão que há ainda muito espaço! Não é assim. Segundo cálculos feitos por aqueles que das estatísticas demográficas entendem, e tomando em consideração a presente porcentagem de crescimento da população, em 2105, isto é, dentro de 98 anos, salvo catástrofes naturais ou provocadas pelo homem, todo o espaço estará saturado.

*

Mesmo se na latitude de Nápoles, na Itália, Beijing é
muito fria no inverno, pois localizada no interior do ter
ritório e recebendo massas de ar frio do deserto de Gobi.
O termômetro pode chegar a menos 20, e a grande maioria
das habitações não têm calefação ou ar condicionado. A
defesa contra as intempéries é ainda feita como na anti-
guidade.

A grande maioria das mulheres das idades maduras ves -
te-se com o tradicional macacão verde-azul, muito desele-

gante,mas prático. As novas gerações ocidentalizaram-se.

É quase impossível encontrar uma bebida gelada na China. A tradição local considera o gelado danoso à saúde. A água quente, ao invés, previamente fervida, é uma "instituição nacional", mesmo no verão. É dada gratuitamente nas lojas, nos trens, em todo lugar. Os chineses juntam a ela folhas esmiuçadas de chá. Nos meses de verão, dizem que nada há de melhor que um copo de água quente com uma pitada de sal. Enquanto a bebida fria encontra no corpo imediata reação(mais suor!), a água quente com sal constitue um verdadeiro refrigerante.

As garrafas térmicas são um dos produtos mais à vista nas lojas. Existem de todos os tipos; revestidas de palha, com decorações, com "slogans" revolucionários. Aparentemente,não é possível viver no Zhong Guò sem uma garrafa térmica!

Uma das tantas curiosidades: o turista não precisa levar chinelos quando visita a China(mesmo caso no Japão), pois todos os hotéis oferecem um par(feito de pano)gratuitamente a cada hospede, para ser usado durante a permanência. Um peso a menos nas malas!

A "rua Augusta"(SP)de Beijing, chama-se Wang-Fu Chien, que significa "Poço do Príncipe Wang". Dela chega-se à Tang Feng Ch'an,ou Mercado do Vento do Leste;lugar característico da antiga Pekim. Uma espécie de "bazaar" coberto à oriental. Encontramos alimentos, tecidos,peles, sapatos, livros usados. Um velho chinês que tem sua banca naquele "bazaar", diz: "...o Presidente Mao tinha sempre razão, pois entendia certos fatos da vida... Eu e as minhas esposas somos velhos, mas nos queremos bem... Mesmo se os negócios agora não dão bons resultados... não posso mandar embora três delas e ficar somente com uma. Seria injusto".

No Café da Paz, um aviso diz: "..os clientes estrangeiros devem usar o segundo andar". Ordem para os chineses significa também separação.

Na Wang-Fu há bastante tráfego. Ônibus,caminhões, alguns automóveis,geralmente usados por funcionários importantes do Partido. Muitíssimas bicicletas e "rickshaws" montados sobre bicicletas de três rodas. Em chinês,chamam-se "San lun-ch'é" (veículo a três rodas).Os antigos "rickshaws" - praticamente desaparecidos hoje -, ou se

ja, aquele que o leitor possivelmente viu nos filmes, puxado pelo homem -, chamam-se Jen-li-ch'e (veículo à tração humana).

Em Paris, Londres, Chicago ou outra qualquer cidade do ocidente,seria estranho que um turista fosse levado para visitar uma fábrica. Não é o mesmo na China. Nos programas de visitas - também aquelas feitas pelos chineses de outras regiões do país -,está sempre incluída uma fábrica. Eles têm orgulho em mostrar que a China de hoje é o país do trabalho, das inovações, dos engenheiros,dos operários e não mais das misérias e das humilhações do passado.

Estudantes, professores,funcionários públicos,todos enfim, devem passar um mês por ano numa fábrica ou numa colônia agrícola. A idéia é de não criar privilégios entre aqueles que trabalham com a cabeça,sobre aqueles que trabalham com as mãos. O burguês não é bem visto no Zhong Guò, e isto não é novidade introduzida pelo comunismo.

A maioria dos sinais de trânsito são manobrados por um guarda, que além das luzes, usa um altofalante: "...deixem passar o San-lun-ch'e que carrega um doente",ou "... mulher com criança no colo, não fique no meio da rua conversando".

No rabo das pombas que infestam praças e parques(notar que as pombas chinesas não têm olhos puxados!), os chineses amarram um assobio. Assim, quando voam, ouve-se uma "sinfonia" de assobios.

Por todo lugar vê-se retratos de Marx, Engels, Lenin e Mao. Os dois primeiros,teóricos alemães do comunismo. Altofalantes fazem continuamente propaganda política, exaltando as vantagens do comunismo, como se não fizessem o regime seria substituído por outro! Há também uma tímida oposição, através dos chamados "tze-baos"(cartazes escritos à mão), pregados em lugares apropriados, manifestando contra certas medidas do governo.

*

Algumas linhas sobre a cozinha chinesa, ou melhor sobre aquela Pekinesa, que é menos conhecida no exterior. A grande maioria dos chineses que
mas de boa qualidade.

imigram e abrem restaurantes no exterior, são do sul da China(Canton). Esta é tendência internacional,pois envolve povos deixando áreas de clima quente em direção daquelas de clima frio,ou pelo menos temperado.Exemplos são italianos que imigram para o norte do seu país ou os nossos nordestinos que imigram para o sul. Podemos dizer que pobreza e clima quente são "aliados"!

Nas cidades do norte do Zhong Guò, como é Beijing, massas são soberanas. Um prato de "mantu"(ravioli)é quase o nosso feijão-arroz. Sabemos que foi no tempo de Marco Polo que a receita das massas foi levada para a Itália.Também os "ravioli in brodo"(ravioli ao caldo de galinha), chamados "tangpao",são muito populares na China. A diferença entre a massa cozida na China e Itália, está no ponto quando retirada da fervura. Penso que os italianos a sabem cozinhar melhor, pois a retiram da água "al dente"(ao dente), isto é, bastante dura para ser mastigada. Na China e no Brasil ela é excessivamente cozida.

A falta de higiene nas cozinhas chinesas é um fato conhecido em todo mundo. Essa reputação, todavia, pode ser exagerada, mas certamente as regras sanitárias - e não somente nas cozinhas! -, não é o "forte" dos orientais. Talvez com exceção do Japão, pois é uma "ilha" isolada e diferente do resto do Oriente.Também os restaurantes chinheses fora da China, onde regras sanitárias são controladas pelas autoridades locais, podem ser exceções.

No campo da gastronomia refinada,a cozinha chinesa tem certo prestígio. Não é verdade que o chinês contenta-se com um prato de arroz,o qual no Zhong Guò faz a parte do pão. Mesmo se a grande maioria da população usa o arroz como alimento base(às vezes temperado com os pensamentos de Mao!; ou como dizem os norte-africanos,"le plat de résistance"(prato de resistência),eles apreciam certas carnes, como aquela de frango e porco(a de boi é relativamente nova na mesa).

Foi com a descoberta das Américas que a batata começou fazer parte da dieta de europeus e orientais. No Zhong Guò ela é ainda pouquíssimo usada. No lugar da "batatinha frita", o chinês frita gafanhotos - fartos em certas partes do ano -,passando diretamente do ar à frigideira. Dizem que bem torradinhos são uma delícia.

A carne de cachorro é usada nas grandes ocasiões.Custa muito e não é facilmente encontrada.O gato,assado na bra-

sa ou cozido com molho, à caçadora, é outra especialidade. Mesmo acontece com a carne de cobra,cortada em pequenas porções e misturada na salada.

Quando o assunto "comer carne de gato",por exemplo, é mencionado aos chineses, eles parecem mostrar certo embaraço. Nota-se, todavia,pouquíssimos gatos em circulação. Não sei se isto indica que acabam nas panelas.

É interessante notar que a cozinha chinesa do sul(Canton), onde o clima é quente, tem muitos dos seus pratos bastante picantes; a pimenta é usada generosamente. Mesmo caso com os pratos do nosso norte/nordeste, onde também o clima é quente e muitos dos seus pratos são apimentados.

O filé de camondongo é outra especialidade, principalmente no sul da China. É preparado com um forte molho à base de ervas. "Camondongos", dizem os chineses,"alimentam-se somente de bons produtos e são animais limpos. Pior o porco, muito amado no ocidente".

Os alimentos postos na mesa já vêm cortados na medida justa, e assim o uso dos "pauzinhos" é menos complicado. A propósito, se o leitor nunca freqüentou um restaurante chinês, é interessante fazer tal experiência. No meu tempo, no Brasil, eram raros e havia sempre a suspeita de pratos "desconhecidos",pois os baixos preços deixavam essa impressão. Nós os usamos de vez em quando na Europa, e com freqüência nos USA. Desaconselhados, porém,àqueles que querem perder peso, pois a fritura impera. Posso recomendar os seguintes:

shrimp egg roll		espécie de empadinha com camarões.
egg drop soup		sopa com ovo cru ; cozido com o calor do caldo
shrimp fried rice		arroz frito com camarões
chicken w/ cashew nuts		frango ao molho de castanhas de cajú.

E depois de cada refeição tomada num restaurante chinês,o cliente recebe um "fortune cookie"(doce da sorte).

Um dos melhores pratos que os chineses preparam,també
muito popular do exterior, é o "Pato de Pekim".Cozido in
teiro(previamente limpo). Como o leitor sabe, a carne de
pato e d'outras aves da mesma família, é dura por nature
za. Para amaciá-la, é preciso,que uma vez a ave abatida,
fique largada por um ou dois dias num ambiente preferi -
velmente quente. Durante tal período, a carne é natural-
mente atacada por bactérias, as quais, se a carne não é
usada em tempo, a fazem atingir o ponto de putrefação.Es
se natural processo químico, no seu ponto intermediário,
amacia a carne.

Não seria necessário lembrar que Louis Pasteur (1822-
1895), químico e bacteriologista francês,determinou "que
a fermentação, decomposição e putrefação, são processos
vitais, dos quais são responsáveis microrganismos que en
contram-se no ar". Portanto, nada de extraordinário quan
do amaciamos o pato.

Uma vez no ponto justo para ser cozido, o pato é "in -
chado" com água ou ar, entre a pele e a carcaça propria-
mente dita. Em seguida, é pendurado pelos pés sobre um
brazeiro. O calor faz ferver a água(ou esquentar o ar) e
a carne é assim cozida, enquanto a pele fica levemente
tostada. Na mesa, ela é misturada com diversos molhos. É
de uso na China,quando o cliente pede o"Pato de Pequim",
ser mostrado pelo garçom um pato já cozido. Mas não é do
pato mostrado que o cliente será servido! pois este ser-
ve somente como exposição, e é mostrado a todos os dema-
is clientes.

Um vinho branco, morno, acompanha uma boa refeição. A
cerveja na China é de boa qualidade, mas diferente das o
cidentais, e naturalmente servida sem gelo. Como diges-
tivo bebe-se um cálice de "maotai"(morno). Espécie de a-
guardente pouco alcoólico.

You are better off not knowing
how sausages and laws are made.

(Você estará melhor não sabendo
como salsichas e leis são fei-
tas).

Ditado chinês.

Sete mil soldados em terracota, 230 A.C., Xian

Concluindo o assunto "China", gostaria de resumir minha opinião sobre o nível de vida material do povo.

Quando comparado com Europa,USA e Canadá,aquele da China é sem dúvida baixo, e penso que continuará assim nos decênios que estão na nossa frente.

Não existe aqui a "grande-vida" das classes ricas do mundo ocidental. Refiro-me essencialmente àquilo que vi em certas áreas da Europa,em certas áreas da América do Norte, e não de menos, em certas áreas de alguns países em desenvolvimento.No que diz respeito às abomináveis demonstrações de riqueza, típicas de ignorantes (num mundo onde milhões morrem ainda de fome!), elas estão absolutamente ausentes no Zhong Guò.

E aqui devo retornar ao nosso sempre querido Brasil.

Quando sob meus olhos caem jornais ou revistas brasileiras, os quais sempre refletem certas mentalidades de um povo, nunca faltam...nunca!...artigos e fotos de bárbaros imbecis,anunciando e exaltando ao mundo a própria riqueza !

Vergonha, vergonha e mais vergonha ! Principalmente quando rodeada de miséria, ignorância e fome. Com milhões de seres humanos vivendo em condições que o mundo inteiro conhece. Bem-aventurados sejam os ricos hebreus ! Estas barbaridades eles não cometem, pois sabem quanto ofendem a dignidade daqueles que nada têm.

Não existe na China, também,a difundida pobreza de certas áreas dos acima citados. Refiro-me essencialmente,como exemplos, a casos como o Haiti,no Mar das Caraíbas; à certas zonas do nordeste brasileiro; à África negra e à Índia; sem esquecer certas áreas do Oriente Próximo, assim como àquelas às margens dos Andes. Especificamente, às malocas, favelas e cortiços que em tais áreas encontramos em abundância.

Na China, temos a impressão, salvo casos extremos, que a vida econômica do homem-da-rua baseia-se no "essencial e no necessário", sem com isto querer dizer que o presente regime fez do Zhong Guò uma Utopia, ou mesmo aproximação desta. Tal objetivo, visto sua história e a gran -

deza da sua população,assim como o baixo nível de instrução do seu povo, seria tarefa de gigantes, considerando os curtos 44 anos passados desde 1949.

Segundo estatísticas, existem ainda no Zhong Guò entre 700 mil e um milhão de mendigos (ou seja, entre 0,07 e 0,1% da população). Existem 150 milhões (ou cerca de um sexto da mesma) de analfabetos, ou quase.

Fato menos econômico que psicológico,avantajando a população, é que o chinês não tem diante dos olhos as constantes ostentações pessoas de riqueza. Pela simples razão que se há ricos, estão camulfados. E assim, favorecido por este fator psicológico, sofre certamente menos. É fator importantíssimo, mesmo se nem sempre compreendido por aqueles que criticam tais idéias.

Se o homem, através do seu trabalho e esforço tem o essencial e o necessário,ele psiquicamente aceita a riqueza alheia e talvez almeje, também ele,chegar lá.Mas quando o essencial e o necessário são a ele negados, as exibições de riqueza o ofendem no mais profundo do seu íntimo.

É também importante notar, que para um povo como o chinês, com uma longa história de tiranias, de misérias, de pestes, de superstições, de super-população, de falta daquele mínimo necessário à sobrevivência,o regime comunista, instaurado aqui em 1949, favoreceu um equilíbrio.Evitando quanto possível os extremos da miséria e da riqueza. E com riqueza, refiro-me a todos aqueles "extras" e "excessos" materiais, que tantos de nós criamos e não podemos mais deles nos livrar !

O leitor lembrará das cozinhas coletivas de Moscou !

Portanto, para o homem comum chinês vivendo no seu país, se a coisa é vista exclusivamente sob o aspecto da subsistência material,o regime fez aquilo que talvez nenhum outro poderia ter feito. "Encheu" aquele grande vácuo entre os extremos, e ao mesmo tempo, eliminou grande parte dos últimos. Não foi um processo fácil e indolor. Um preço foi e continua sendo pago. O tanto louvado sistema político chamado democracia, teria sido um "extravagante luxo" para as Repúblicas que formaram a URSS, em 1922, assim como para a China de 1949.

"Ah !",dirá algum leitor destas "Notas", "mas desde a instauração do presente regime,o povo chinês perdeu a liberdade política e os direitos civis!".

Certíssimo, pois liberdade política e direitos civis

são importantes e não podem sofrer tal destino. Mas não seria demais lembrar que postos "sobre a mesa", não têm as propriedades necessárias para satisfazer o estômago ! Nem tão pouco resolver os mais elementares problemas de um povo, mormente numeroso, pobre, basicamente não-sofisticado e ignorante, que deve - até que tais condições sejam parcialmente sanadas -, ser conduzido como um rebanho de ovelhas !

*

Problema ligado ao econômico e que aflige o povo chinês, mas certamente não somente ele, é a incapacidade de trabalhar em "time", a que são adversos, como nós latinos. Cada um por si e contra todos! Mesmo se tal comportamento, que tem raízes na psique da nossa raça,é em tantos casos camuflado. Diz um velho ditado: "...um monge chinês carrega um barril de água e com ela sacia-se.Dois monges chineses carregam um barril de água, juntos, mas disputam por todo o caminho o direito de propriedade da mesma. Três monges chineses carregam um barril de água.. mas morrem de sede!

*

Finalizando este capítulo, transfiro meu pensamento ao Brasil, cujos problemas, malgrado o tempo passado, mantêm-se inalterados. Penso ser bastante razoável com aquilo que devemos enfrentar na vida, e se não inteiramente resultado deles, estes 35 anos no exterior ensinaram-me alguma coisa.

Sei que o fantasma do "ateísmo"(característica do comunismo; não porque parte da sua própria ideologia,mas porque as religiões,de todas as fés, tradicionalmente estiveram sempre do lado do poder, e exemplo foi a Igreja no tempo dos Czars), é um sério problema que o generoso e crente povo brasileiro terá que um dia enfrentar. E reconheço que neste fim de milênio, o nosso povo, referindo-me à massa, não está ainda totalmente preparado a fazer face. De uma maneira inteligente, pois a ignorância em países como o nosso, e em tantíssimos outros deste nosso mundo, impera na sua mais elevada glória! Não obstante,

se uma "fórmula" pudesse ser encontrada, a qual deixasse crença e tradições da nossa gente intatas,e ao mesmo tem po definitivamente afastadas dos problemas políticos e e conômicos, penso que o Brasil poderia ganhar muito se um regime similar a este que temos no Zhong Guò, fosse ins taurado, por um determinado período. Como uma operação dolorosa mas necessária. Deixo o resto da reflexão àque les que têm tido a paciência de ler estas minhas"Notas". Se estão satisfeitos como as coisas no nosso país funcio naram até aqui... à parte naturalmente aqueles brasilei- ros que estão no "pináculo da glória", e que beberiam o sangue de sete dragões para não perder privilégios ... então retiro minha sugestão !

Outra observação que poderia ser feita, aparentemente impugnando parte daquilo que venho dizendo,é a seguinte: o ser humano, seja chinês ou brasileiro, indiano ou abo- rígene, ou outra qualquer raça da nossa espécie, tem uma característica inata que nenhum regime ou ideologia, pas sada, presente ou futura, pode ou poderá jamais abafar. Faz parte da natureza do homem, como o amor, o ódio, a saudade, a inveja, o remorso, a bondade. Tal caracterís- tica chama-se "ambição". Uns mais, outros menos,mas a am bição não pode ser sufocada, como o comunismo tenta fa- zer apelando à teoria da "igualdade fundamental". E tal- vez este extremismo seja um dos seus aspectos negativos.

Por isso, penso que o regime comunista na China, assim como em outros países, tem certamente dias contados. Não digo com isto que tal regime, ou similar(menos extremis- ta:mais racional), não possa ser posto em prática em ou- tras situações, durante um período intermediário. Com o objetivo de sanar anomalias que tão bem conhecemos. Como um "doente" que é hospitalizado, tratado e retornado à circulação.

No que se refere à China, a reflexão pode ser esta: "Ó timo aquilo que o regime fez nestes 44 anos e continuará fazendo ainda por um período indeterminado,mas em nenhum caso o comunismo pode ser uma eterna filosofia de vida". Serve porém para "por ordem" em certos sistemas!

A "ambição" de "ser mais" e/ou "ter mais",em todos os campos, não pode ser sufocada. É o primeiro "motor" que o homem conheceu. É ele que o tirou das cavernas e o transferiu aos edifícios de 100 andares! É impossível e fora de questão querer por freio à ambição! Como é im - possível "decretar" um freio ao amor, à saudade, à inve-

ja, à bondade, ao medo.

Vejo na China dos séculos futuros,o tempo da volta aos extremos. Poderá ser uma experiência inédita na história da civilização. Até hoje o homem somente conheceu o pro- cesso inverso,pois mesmo aquele que visa o retorno ao ca pitalismo, e que estamos observando presentemente na Uni ão Soviética e na Europa oriental,não pode ainda ser con siderado definitivo. No Zhong Guò será a volta à "sele- ção natural" do homem. Do melhor concebido, do melhor preparado, sobre aquele desprovido de tudo isto. Um soci al-darwinismo aplicado à "matéria prima" de cada indiví- duo. Boa ou má, exuberante ou deficiente.

É sempre o "motor" que produziu ricos e potentes(infe- lizmente também exibicionistas!), os quais ajudaram,enco rajaram, estimularam e apoiaram a cultura, o saber e as artes. Tirando a espécie, ou parte dela, da mediocrida - de. É a própria História que assim nos ensina. Não é ra- zoável e seria uma ofensa à nossa inteligência, pensar que possa haver "igualdade"(ou repartição de bens ou dos produtos da inteligência) entre todos.Tal "igualdade"não existe entre os membros de um simples núcleo famili- ar! como pode existir num grupo de milhões de homens,com características humanas tão diferentes !

É também verdade que o fator "ambição" tem maior impac to nas sociedades pluri-raciais, como são casos,por exem plo dos USA e Brasil,que naquelas onde o fator históriа- tradição-raça-cultura é mais linear, como pode ser o ca- so do Zhong Guò.

Mas o homem nunca imigrou e nunca viajou tanto como a- gora. Mesmo nas sociedades "fechadas" - ainda como pode- ria ser o caso da China -, a tendência é para a "abertu ra" e para integração. Para a conseqüente absorção de e- lementos novos; desenvolvidos internamente ou trazidos de fora. Através da competição e do "superamento" da ma- téria prima humana melhor concebida e melhor preparada , sobre aquela de nível inferior.

Isto tudo não pode e não deve ser visto como uma ques- tão política ou de "racismo barato",como aquele gritado por tantos de nós. Aquele ser humano,que por razões vári as, como a constituição física,mental, filosófica, ou de inteligência,não tem propriedades necessárias para sair do túnel da mediocridade,não pode, infelizmente, esperar da vida mais que a própria mediocridade.

É somente uma realidade; talvez injusta,talvez imoral, talvez cruel, mas que não deixa de ser uma reali-

dade da nossa espécie. Não aceitar um conceito assim natural,confirmado e re-confirmado pelos fatos de milhares de anos da história da nossa imperfeita espécie, é insistir na mais crônica das obtusidades.

XLIV

Visitar o Zhong Guò,significa aproveitar para ver Hong Kong, e para brasileiros e portugueses, também as ilhas-colônia portuguesa de Macau.

A colônia(desde 1842) inglesa de Hong Kong (em chinês chamada Xianggang), composta de cerca de 200 pequenas ilhas, mais uma parte do território continental chinês, constitue, juntamente com Macau, as últimas testemunhas do domínio ocidental no Oriente.

Xianggang tem um governo formado de ingleses - inclusive o Governador, que representa a coroa britânica - e cidadãos de Hong Kong, os quais, para todos os efeitos, são chineses. É a principal porta de entrada da China.O dialeto falado é o chinês-cantonênse.A língua oficial da China é chamada Putonghua, adotada em 1949, quando da comunização do Zhong Guò.

Extrema riqueza e extrema pobreza, convivem em Hong Kong. Suntuosas casas, suntuosos hotéis,mas também uma imensidade de horripilantes cortiços,com uma densidade demográfica de 145.000 mil habitantes por quilômetro quadrado(New York: 7.000, Londres 13.000).

Como no caso de Macau, o governo chinês considera Hong Kong "território chinês temporariamente administrado pela Gran Bretanha". Segundo os acordos(sempre sujeitos a correções de última hora) entre Gran Bretanha e a República Popular da China, à meia noite de 30 de junho de 1997, Hong Kong será anexada ao Zhong Guò. Pelos sucessivos 50 anos, porém, a China diz empenhar-se em conservar intata sua estrutura econômica(capitalista). Embora uma colônia inglesa, nestes territórios vivem mais americanos que ingleses!

•

Ambas as partes de Hong Kong(Victoria e ilhas de um lado, e Kawloon, chamada "novos territórios") são um formigueiro de gente, de prédios, de casas, de hotéis, de co-

merciantes, de Bancos, de linhas de "bondes" e ônibus e de locais de divertimento. A impressão que temos aqui,é que o mundo acaba-se amanhã...portanto é preciso gastar e aproveitar hoje !

A colônia é um porto-franco, onde não há barreira alfandegária. Paraíso do livre comércio(às vezes sem escrúpulos),onde tudo é comprado e tudo é vendido.Vale somente a"lei" da oferta e da procura. A "venda" de seres humanos(crianças ou mulheres jovens) faz também parte do mercado. No que concerne jovens mulheres, o "cliente"tem a possibilidade,como estipulado nos contratos, de re-venda, se e quando as "prestações" já não correspondem ao esperado. É naturalmente um comércio tórpido,antigo no Oriente como a descoberta da roda! Não obstante,em uso em Hong Kong e no Zhong Guò(agora proibido pelo comunismo, mas não de menos em prática).

O nome de uma cidade do norte da Escócia(Aberdeen),foi dado àquela que em Hong Kong é chamada "cidade flutuante". Formada de jangadas cobertas, sobre as quais vivem milhares de pescadores,prostitutas,traficantes de droga, comerciantes ainda menos escrupulosos, foragidos da polícia e assim por diante.Ao lado delas,temos um par de Casinos flutuantes, localizados sobre velhos navios. Daqueles que, como na Marseille de trinta anos atrás, é"proibido ganhar"; ou quando o cliente desprevenido ganha,pode terminar sua história nas águas, após ter sido despojado do dinheiro! Um passeio pela "cidade flutuante", como o fizemos durante nossa visita, à luz do dia, pode revelar muitas coisas interessantes !

A economia de Hong Kong gira em torno de indústrias de tecidos, roupas feitas, brinquedos, aparelhos eletrônicos e construção de navios de pesca. Na parte moderna da cidade (Victoria), encontramos grandes Bancos, luxuosos hotéis, edifícios de 50 andares, "shopping centers"e elegantes lojas.

*

Praticamente também Macau,no delta do rio das Pérolas, a 65 quilômetros de Hong Kong, faz parte da China. São três pequenas ilhas com somente 17 quilômetros quadrados, hoje com uma população de 600.000. A grandíssima maioria é chinesa, com nomes tais como Hui Ferreira ou Silva Zou Yen. Parece evidente que os nossos patrícios têm uma mar-

cada preferência por não-caucasianas!

Em 1516,quando Portugal era uma grande potência, as ilhas de Macau eram usadas como posto de fornecimento para naves. Em seguida, Portugal tomou posse das mesmas. O primeiro nome dado pelos portugueses,foi "Cidade do Nome de Deus". É a mais antiga colônia européia no extremo Oriente.

No recente 1951,Macau ficou sendo,segundo o Governo do Zhong Guò, "Território Chinês sob Administração Provisória Portuguesa". Não há dúvida que se a China decidisse, Macau seria invadida num fechar d'olhos, mas a esta convém(por motivos econômicos) manter estas "portas abertas ao ocidente",como é também o caso de Hong Kong.

Macau vive da pesca, da fabricação de tecidos e fogos de artifício, assim como do turismo.Também dos Cassinos, onde a moeda local, chamada Pataca, é aceita juntamente com o Dollar de Hong Kong(sete deles = US$1).E também do tráfego de drogas e de outras coisas que com o progresso propriamente dito, parecem ter pouca relação!

Como Angola na África, e como o Brasil antes da independência, os antigos colonizadores portugueses pareciam ter sempre a "propensão" de tirar tudo, deixando pouco. Não é exatamente assim que pensam os portugueses dos nossos dias(!),pois dizem que se não fosse por eles, os"brasileiros" estariam ainda usando tambores como meio de comunicação e caçando com arco e flexa! Mas tudo resume-se numa questão filosófica, difícil de ser reconciliada, como o diálogo entre Sócrates e Eutifrone, a respeito daquilo que é Sacro e daquilo que é Bárbaro, como descrito por Platão nos seus "Diálogos"!

Mesma "política" em Gôa(na costa ocidental da Índia,hoje parte daquele país), e outro tanto para Macau.

Estranho ! pois Portugal tem na sua história grandes escritores,grandes navegadores e grandes matemáticos.Não obstante, não ganhou "nota alta" na questão das colonizações. Não existe ex-colônia de Portugal onde eles deixaram uma civilização propriamente dita. O caso do Brasil é menos penoso, pois após a independência, o país contou com grande fluxo migratório de outros povos. Enfim, é um ponto negativo em desfavor dos nossos antigos e simpáticos ex-colonizadores.

"Nota" pouco mais alta - mas não muito! -,ganharam os espanhóis,quando da "passagem" destes, nos séculos passados, pela Filipinas e pelas Américas. Em suma,Portugal e Espanha não foram muito brilhantes na"escola das coloni-

zações. A Itália certamente não teria feito melhor, mas à parte os antigos Romanos - e esta é outra estória! - ela nunca conquistou nada de importância.

Quem chega em Macau e espera encontrar lá, colônia portuguesa, a nossa língua e um restaurante português em cada esquina, fica logo decepcionado. Com 98% da população constituida de asiáticos,o Cantonense é a língua corrente. Quanto aos restaurantes, dois ou três deles,muito modestos, não muito limpos e mal conservados, os encontramos nun canto de uma das três ilhas.

Mas é possível(!) encontrar alguém que fale português, se o interessado planta-se numa esquina e espera pescar um que não tenha olhos puxados! Coisa difícil,mas possível. Estes são funcionários da Alfândega, da Prefeitura ou do Palácio do Governo. E não falam exatamente a nossa língua - brasileira e muito menos o português de Portugal. E um "português" todo especial, chamado Pataqueiro ou Patacado.

A verdade é que nota-se que os portugueses lá estão para recolher os últimos centavos, através dos impostos, e enviá-los à Madre Pátria; antes que a gigante China tome posse ! Principalmente neste últimos anos, quando a colônia está para ser perdida. Mas não posso aqui esquivar-me de confirmar,que malgrado tudo, os portugueses para mim são o povo mais simpático do mundo.

São os chineses residentes em Macau, que praticamente governam estas ilhas. Vê-se traços da arquitetura portuguesa, nas Igrejas e em alguns velhos edifícios. Todos os anúncios de publicidade, nomes de ruas e casas de comércio,levam escritas na ideografia chinesa.

Enfim, têm-se a impressão que Portugal já abandonou tudo. Deixando pouco da sua cultura. Muito pouco - nem mesmo a língua! Ao contrário dos ingleses e franceses que foram menos "gulosos" e deixaram nas ex-colônias, forte cultura.

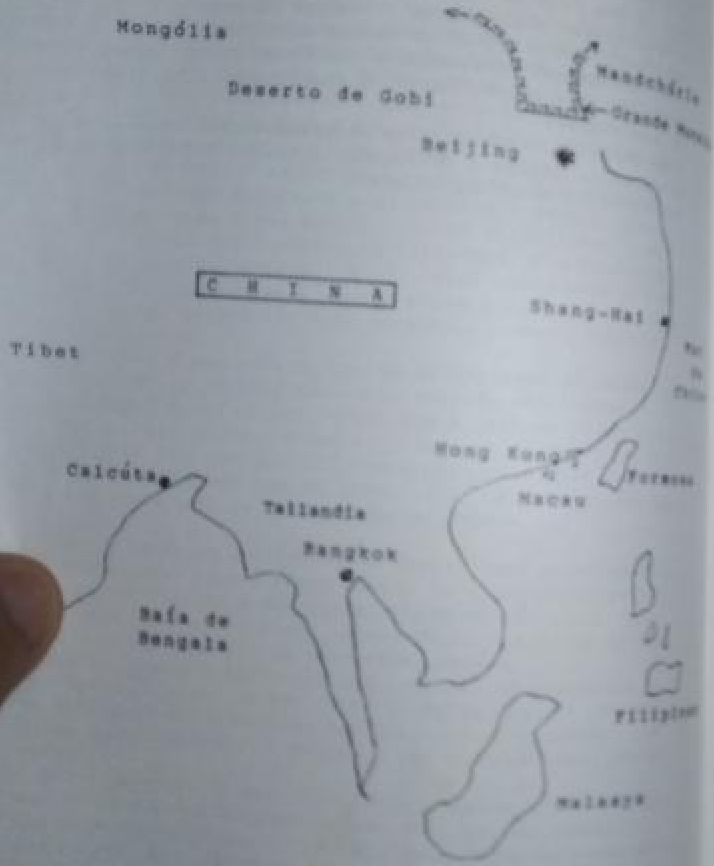
Mas o paradoxo de tudo isto, é que nestes quase 500 anos de conquistas e colonizações, e apesar de transferirem tudo das colônias a Portugal, este continua sendo um dos países mais pobres da Europa. Espero que estas observações não sejam tomadas como uma crítica fria e cruel pelos nossos ex-colonizadores,pois os considero um povo verdadeiramente amigo.

Uma visita a Macau pode ser facilmente feita. São duas

horas de navio de Hong Kong; ou uma hora de lancha. Entrada livre! Nenhum "visto" exigido.

O primeiro contato que um visitante tem chegando a Macau, é uma fila de "rickshaws" bicicletados por chineses e funcionando como "táxis". Contra pagamento de 20 Patacas, carregam clientes ao centro da cidade. Cerca de quatro quilômetros de subidas e descidas, quando vemos e ouvimos o pobre chinês suando e suspirando, e blasfemiando na sua língua.

No caminho, vemos grandes cartazes,talvez os únicos na ideografia, inglês e português, dizendo: "Visite o Cassino Lisboa: o maior da cidade".



Num dos precedentes capítulos toquei no assunto "apartheid"(palavra da língua oficial da África do Sul,chamada "Afrikaans"),significando "separação". Em outras,usamos "segregação", ligada às raças, e nossa comumente a conhece como "racismo".

Gostaria de lembrar algumas coisas sobre o assunto,visto que trata-se de problema sentido em todos os países que visitei, sem uma única exceção.

Separação, segregação, racismo fazem parte do fenômeno social radicado na base moral, intelectual e espiritual da nossa espécie. Faz parte da sua condição de "Ser Inteligente", como nossa espécie é. Mas não somente nela.

Não deixa de estar presente também em outras formas de vida animal, assim como na vegetação em geral.Não sendo também certas formas de minerais, como o ouro, o diamante, a esmeralda, os quais encontramos segregados no mundo mineral.

No que concerne a vida animal(homem excluído), cito o exemplo dado por G.de LaRue, no seu livro "As Raças", no qual é relatada uma experiência feita em 1938 e que pode ser sumariada como segue: "...várias formas de vida animal(aves de várias espécies,cães, coelhos, gado,ovelhas, lagartos,etc.),que precedentemente não conviviam no mesmo recinto, são misturadas num campo cercado,onde a observação podia ser facilmente feita por zoólogos. Estes constataram que depois de alguns dias,cada espécie tendia a auto-isolar-se".

Se vamos atrás no tempo, encontramos Galeno de Pérgamo (131-201 D.C.), biólogo que elaborou um sistema no qual estava implícita a tendência dos animais a isolar-se por grupos de espécies ou sub-espécies.

No mundo vegetal, sabemos que o clima,a natureza do solo e o espargimento do sêmen das flores no ar, criam unidades da mesma espécie, na mesma região. E sob uma precisa lei da natureza, isolam-se nos vários territórios: as seringueiras naqueles tropicais e úmidos; as oliveiras nos áridos e frios; as macieiras nos terrenos ricos e onde as estações do ano são definidas; os pinheiros ...

zonas frias e montanhosas, e assim sucessivamente.) Exceções a esta "regra" da natureza, naturalmente ocorrem , mas são anomalias.

No homem da idade pré-cônscio(como regra geral,até 4/5 anos de idade), tal condição de isolamento não existe (ver crianças da idade pré-cônscio que divertem-se juntas,embora pertencentes a diferentes raças da nossa espécie). Não obstante, a condição de isolamento resta latente, desenvolvendo-se posteriormente. A contas feitas, é aquela rivalidade, ou aquela soma de circunstâncias, com todas as suas nuanças, de "ganhar a competição" pela sobrevivência que manifesta-se.

Penso seja justo concluir que cada um de nós é, por natureza, um "apartheista", e na minha modesta opinião, vale também para aqueles que dizem não o ser ! Não é um "defeito"; não é uma "qualidade".É simplesmente uma das tantas características das espécies.E o objetivo último, é aquele de, subjetivamente, "proteger o grupo", a raça, e cada espécie; e em última análise, a própria. Usando um modo mais cru de expressão, podemos dizer que cada espécie tem dificuldade em aceitar o diferente; o "geneticamente diferente".

As "doses" dessa natural condição, ou desse sentimento no ser humano, variam, assim como variam as condições e circunstâncias da nossa vida. Pondo-nos face a um problema extremamente complexo,como complexa é a nossa base moral, intelectual e espiritual. E não importa qual poderia ser sua potencial solução, seria sempre imperfeita.

No Brasil - para dar um exemplo entre muitos -,no chamado "homem branco"(ou brasileiros-europeus)de certas áreas do país, o racismo,camuflado ou não, é particularmente endereçado ao homem de descendência africana. Não digo "de cor", pois amarelos, índios e mestiços são também assim considerados, mas o problema parece menos acentuado. E não refiro-me aos nortistas e nordestinos pobres,migrados para o sul,pois na minha opinião o problema do "apartheid", neste caso, é passageiro. Tal condição não pode ser considerada um problema de racismo, mas de repulsão - tantas vezes de repugnância -, que o burguês tem por aqueles que estão,durante um determinado período da história, nos degraus inferiores da escala sócio-econômica. Mesmo sentimento que a nobreza do passado tinha pelos lacaios;ou se vamos a uma época mais remota,

dos Patrícios pelos Plebeus. Ou dos Spartanos pelos "helots", que eram membros da mais baixa casta de escravos; aqueles que eram vendidos "dois por um boi"!

No que diz respeito aos descendentes de africanos-negros, penso que o problema seja diferente. Ao contrário daquilo que temos hoje nos USA, a "unidade de medida" em força hoje no Brasil, é o nível sócio-econômico dos ex-africanos e não a raça em si. À medida que dito nível do negro brasileiro ganha terreno, como foi o caso dos USA - conseqüências da "great society" de Lyndon Johnson e introdução das Leis sobre os Direitos Civis -, a "unidade de medida" no Brasil,será a raça negra, como tal. Em palavras simples: hoje temos ainda no Brasil um negro segregado e submisso, pois na sua grande maioria, social e economicamente "inferior" ao branco. À medida que este desnível sócio-econômico diminue - tendência felizmente inarredável -, então o racismo passa a um segundo estágio. Será o negro,como raça,sujeito à segregação.Rico ou pobre; instruido ou não. O mesmo processo de transformação do racismo ocorrido nos USA.

Sob certos aspectos, o problema do racismo no Brasil e na América Latina em geral, é único. Estes são povos generosos, de índole doce,como nenhum dos outros que conheci. Onde certos grupos isolam-se "sob o manto da camuflagem" para não ofender outros!

*

No exterior temos diversos exemplos do problema: eslavos são segregados quando migram para a Alemanha; guatemaltecos e nicaraguanos quando migram para a Costa Rica; Latino-Americanos, principalmente quando seus traços somáticos são evidentes, quando migram para os USA ou para certas áreas da Europa;egípcios quando migram para o Marrocos, ou mesmo para a Tunísia;chineses quando migram para o Japão ou mesmo para a Coréia; brasileiros-não-europeus,quando migram para a Argentina; italianos do sul e alemães do sul quando migram para o norte dos respectivos países. Mesmo entre Hebreus há segregação e racismo. Aqueles da Europa oriental(poloneses,tchecos, lituanos, russos,ucrãinos) são considerados "inferiores" pelos Hebreus da Europa ocidental e dos USA; e são por estes mal

tidos distantes.

Em todos os casos o isolamento pode desaparecer se quando o migrante atinge um nível sócio-econômico e comporta-se ao nível do povo que o hospeda.

Estendo a questão também ao célebre caso Israel-Palestina, onde o falso-problema racial-religioso é ainda um tabu e pouco compreendido por muitos.

Árabes e hebreus têm raizes étnicas comuns. Ambos são semitas.De fato, poucas raças têm o mesmo número de similaridades como árabes e hebreus, e as respectivas principais religiões têm a mesma origem, portanto, teoricamente, deveriam viver em Santa Paz! Mas como sabemos, não é assim.

Não é o hebreu local- chamado Sabra -,que puxa o burrinho ou tem sua vendinha no"souk"das cidades da Palestina/Israel que é mal visto e combatido pelos árabes.Mas o hebreu sionista(na religião Hebraica significando: "volta à Terra Prometida")imigrado da Europa(Ashkenasis,Bundists,Sephardic) depois da II Grande Guerra e depois do holocausto. Isto é, aquele hebreu social, cultural e economicamente mais evoluido - conseqüentemente em posição de tomar as rédeas do poder político e econômico - que é o verdadeiro motivo de atrito.Podemos,outrossim,excluir a intolerância do hebraismo por outras religiões, coisa que nem sempre acontece com o Islamismo.

E esta "tomada das rédeas do poder político e econômico" por aqueles que são mais capazes(ou mais astutos, ou mais instruidos, ou mais ambiciosos) é um fato mais que natural. Acontece todos os dias, em todas as partes do mundo ! Em tantos casos, dentro das nossas próprias famílias.

Portanto, é a figura do dominador (no sentido rigoroso do vocábulo) que não é aceito pelos árabes. Não o hebreu em si, o qual pode ser odiado ou amado como qualquer outro indivíduo. Existe um recente fato histórico - pois a História faz-se todos os dias -, que convém lembrar.O exclusivismo dos hebreus, a sua pureza racial (pois raramente misturam-se com outras); a consciência de ser um povo eleito"(segundo a religião dos mesmos); a insistência que mostram na luta pelos objetivos e a inteligência (artistas,cientistas,banqueiros,negociantes), são qualidades que foram motivo de elogios por parte de um recente campeão do anti-semitismo:Adolf Hitler !

Cito Simon Wiesenthal,o"caçador de ex-nazistas",do seu livro "Justiça, não vingança": "...a componente mais im-

portante deste incitamento à segregação é ainda hoje a xenofobia(aversão a pessoas e coisas estrangeiras). Não importa onde ela aparece - na Inglaterra, na França,na América Latina, nos Estados Unidos -,os neo-facistas convidam o povo a defender-se da "invasão estrangeira", incluindo contra povos do mesmo país. Os Hebreus não são mencionados, mas dois mil anos de História mostram que são sempre eles a sofrer as conseqüências".

Outro argumento contra o Estado de Israel,explorado pelos palestinos e pelos países árabes, é aquele que a Palestina pertence ao mundo árabe. Os israelitas o combatem lembrando àqueles, que muito antes da chegada dos árabes, aquela foi terra de Israel (Saul(1035-1000 antes de Cristo, rei de Israel;seguido de David (999-963 A.C.) e de seu filho Salomão(960-922 A.C.).

*

Outro aspecto do racismo-segregação,tão bem exposto no "Essai sur l'Inegalitè des Races Humaines" (estudo sobre a iniguladade das raças humanas), escrito por Gobinau no meio do século passado, diz respeito a presença dos Africanos-negros na Europa dequele tempo, mas penso aplique-se igualmente aos nossos dias.

Por que o europeu tem dificuldade em compreender o problema do racismo nos USA ? Isto é, o racismo contra homens de não descendência européia(negros,portoriquenhos, mexicanos, etc.)

O negro visto na Europa até alguns decênios atrás, representava, por assim dizer, a "nata". Diplomatas,filhos de famílias ricas em turismo; estudantes e artistas. Enfim, gente que tinha aprendido a comportar-se de uma maneira civil;pelo menos na aparência, e a aparência,neste nosso estranho mundo! conta e conta muito.Era a única imagem que os europeus, em geral, tinham então diante dos olhos. E foi a partir do comportamento dessa"nata" que eles tiravam suas conclusões, não entendendo o problema do racismo nos USA. Conseqüentemente,a crítica que os europeus faziam então aos norte-americanos WASP(White, Anglo-Saxon,Protestant = branco,anglo-saxão,protestante),era sem dúvida uma falsa-crítica, pois na realidade, não conheciam a profundidade do problema. Explico:tomamos, por exemplo,um dos clássicos problemas que os americanos WASP conhecem de cor e salteado, e que malgrado a má von-

tade que um indivíduo possa ter face a eles,não pode dei
xar de lhes dar razão. O leitor poderá assim imaginar u
ma família de brancos americanos,que com o sacrifício de
anos(pois aqui também faz-se sacrifício), consegue com -
prar uma casa por 100 (número somente indicativo). Imagi
nar também que ao lado dessa casa estabeleça-se em segui
da, uma família com "hábitos diferentes", típicos da ma-
ioria dos negros, mas não somente deles, naturalmente.

Os últimos não cortam a grama do jardim da própria ca-
sa, o qual é exposto à comunidade, como de uso neste pa-
ís(ao contrário, por exemplo, do Brasil e Europa,onde as
casas estão sempre dentro de terrenos murados e cerca -
dos). Jogam lixo na calçada ou é amontoado num canto
do próprio jardim. Deixam a própria casa deteriorar-se ;
até que o último pedaço caia. Abrigam, na mesma, uma e -
normidade de pessoas, incluindo crianças, que infelizmen
te, não são treinadas em separar aquilo que "pode" e não
pode ser feito. Provocam toda uma série de problemas de
mau comportamento, e assim sucessivamente.

O efeito prático desses "hábitos diferentes" traduz-se
simplesmente num fato econômico. A casa da família dos
brancos, comprada por 100, é através das leis locais da
economia, usos e costumes,automaticamente desvalorizada.
Parte do sacrifício feito durante anos, é perdido.

O leitor poderá dizer que isto acontece somente nos Es
tados Unidos, mas não é verdade. No Brasil, por exemplo,
o problema não deve ainda ser enfrentado, pois existe um
abismo entre aquilo que o branco pode fazer e aquilo que
pode fazer o negro. Acresce ainda o fato que os america-
nos preocupam-se com os arredores de onde moram,mais que
outros povos, e sobre isto não pode-se ter dúvidas. No
lado oposto são os exemplos da falta de interesse pelos
arredores que outros povos, inclusive europeus, mostram.
Lá,um edifício bem conservado e habitado pela burguesia,
pode estar ao lado de um cortiço... e ninguém parece pre
ocupar-se!

De todo resta todavia o fato que o imóvel dos brancos
americanos, comprado por 100, sofreu uma perda de valor,
e ninguém, americano, brasileiro ou europeu,ninguém,acei
ta de perder o sacrifício de anos. Não é possível ter dú
a respeito.

acionado também à falsa-crítica que a massa dos eu-
faz ao racismo americano,está o fato que uma gran
ma maioria deles não conhece, por exemplo, a chama-
jungle"(floresta) no sul de Chicago; ou o Harlem, em
York; ou certas áreas do Estado do New Jersey.Na ver

dade, cada pequena ou grande cidade americana tem sua
"jungle",significando uma concentração de casas-cortiços
habitadas por negros. Conseqüentemente, aquela massa de
europeus não conhece o problema dos "hábitos diferentes"
dos negros, pois durante séculos, foi a imagem da citada
"nata" que prevaleceu na Europa.

Recentemente,porém,a partir do início dos anos '80, a
Europa tem sido "invadida" por uma enorme quantidade de
africanos-negros. Gente que foge da fome e que na Europa
vive sob pontes, ou dentro de vagões ferroviários estaci
onados nas estações, ou em fétidas "mannerheim". Arran -
jando-se como podem.

Não é uma crítica a estes fatos em si,pois críticas a
tais condições de vida não podem ser feitas. Resta o fa-
to que a presença deste recente fenômeno migratório, es-
tá finalmente mudando o modo dos europeus verem o proble
ma, convidando-os a mais cautela no criticar os america-
nos. É possível notar essa mudança nos jornais, TV e na
atitude do povo. Em suma, as críticas que os europeus fa
ziam aos norte-americanos,estão aos poucos desaparecen -
do. Nestes últimos anos eles estão conhecendo o problema
diante da própria porta !

Mesmo se o brasileiro-europeu, em geral, não é tão ra-
cista quanto o americano do norte - pois a componente ra
cial do homem português é importante, e este, por nature
za, não é racista -, o problema dos "hábitos diferentes"
chegará também no Brasil no século que está para ter iní
cio. No presente, a vastíssima maioria dos negros brasi-
leiros não tem condições para comprar ou alugar uma casa
nos chamados "bairros ricos", portanto a questão não po-
de ser posta. Nem misturam-se socialmente com os brasi -
leiros-europeus, e quando há mistura, geralmente indica
que o negro elevou-se ao nível do branco. Mas com a con
tínua tendência ao progresso sócio-econômico que eles(em
massa) certamente farão, como fizeram nos USA, o proble-
ma deverá ser enfrentado no futuro.

Há também um fator psicológico ligado a isto tudo.Aqui
no negro,principalmente aquele do norte do país,onde ele
ganhou maior"independência", nota-se numa grande parte
dos jovens, uma atitude de desforra, como se quisessem
vingar-se pelos séculos de humilhação. Talvez serão ne -
cessários séculos antes que esse sentimento encontre paz
no íntimo da população negra.

Ligada ao assunto deste capítulo, está a minha primei-

ra experiência nos USA,quando aqui cheguei trinta anos atrás. O navio que trazia-me do Brasil - aquele da tempestade em alto mar! -,ancorou alguns dias no porto de Savannah, no sul do Estado sulista da Georgia. Naquele tempo, a segregação do homem de cor era a mesma dos tempos da Guerra Civil(1861-65). No que dizia respeito aos negros, a única diferença era que a escravidão havia sido, entretempo, "oficialmente abolida". Lembro-me de ver lojas, restaurantes, cafés e outros locais públicos, com duas portas. Uma dizia "Whites Only"(somente brancos), a outra, "Non-Whites"(não-brancos). Esta última categoria nos Estados Unidos de então e de hoje,inclue pessoas que não sejam absolutamente brancas(caucasianas), como mulatos,mestiços, índios, orientais e assim por diante. Também as igrejas,meios de transporte,barbeiros e cinemas eram segregados. Nos últimos , a admissão era permitida , ou exclusivamente a brancos ou exclusivamente a não-brancos. Segundo se fosse uma igreja, barbeiro ou cinema destinado somente a brancos ou somente a não-brancos.

Lembro-me de quando, na mesma Savannah, parei um táxi para levar-me do porto ao centro da cidade. Posso ainda ver o rosto do simpático e sorridente motorista quem, no sotaque característico dos negros, com cortesia, disse-me: "...não estou autorizado a carregar passageiros brancos...não porque a mim faça diferença,mas posso ser multado".

Também a socialização entre brancos e não-brancos absolutamente não existia no sul dos USA. Parece que estamos falando do século passado,mas trata-se de somente alguns decênios atrás!

Se uma mulher branca fosse vista com um não-branco,mesmo tratando-se de um simples cumprimento, imediatamente ganhava a pior das reputações. Nos dias de hoje(1993) é possível ver no sul dos USA - mesmo se muito raramente - um homem não-branco com uma mulher branca. Ao contrário, um homem branco com mulher não-branca não vê-se, a menos que façam parte de um grupo misto, onde a relação pode ser dissimulada. São casos raríssimos.

Voltando a lembrar a Savannah do passado: nos ônibus urbanos ou não, havia bancos reservados a não-brancos na traseira de cada veículo. Eles não podiam sentar-se em outros.Se não houvesse lugar naqueles a eles reservados, mesmo se o veículo estivesse vazio, tinham que viajar em pé, ou esperar o próximo. Coisas que lembram as crianças hebréias nas escolas da Polônia dos anos que precederam a II Grande Guerra,quando eram obrigadas a sentar-se

nos últimos bancos dos ônibus. Ou as famílias hebraicas sob o Império Austro-Húngaro, quando somente o mais velho dos filhos tinha permissão para casar-se, a fim de conter o crescimento da população judaica.

Nos balcões dos cafés localizados dentro das lojas das cidades americanas do sul, os não-brancos só podiam ser servidos em pé. Em alguns desses locais,fora das grandes lojas, onde vendiam sanduíches, bebidas não-alcoólicas e petisqueiras, os não-brancos eram servidos pela"porta de serviço". Sob um aspecto, porém, e com o risco de parecer aqui uma observação cínica, não era finalmente desvantagem. Sendo os empregados das cozinhas também não-brancos, eram servidos com volumosos sanduíches pelo preço normal!

O terror da famigerada Ku-Klux-Kan,uma"organização"fundada em 1885 na cidade de Pulaski, no Estado sulista do Tennessee,sempre a favor da independência dos Estados do sul do resto dos USA, e sempre contra não-brancos, fazia e faz parte da cultura destes Estados. É ativa ainda hoje, mesmo se alguns Municípios a baniram como "contra a Lei". Não obstante, ocasionalmente lemos nos jornais que uma cruz foi "plantada", durante a noite, no jardim de uma família de negros, e a ela dado fogo. É um meio ilegal e terrorista usado pela KKK para ameaçar os negros. Felizmente, o fenômeno está desaparecendo à vista d'olhos.

Hoje, nos Estados do sul,sente-se que o americano branco ainda não aceitou completamente os não-brancos,como iguais, apesar das Leis que os fazem iguais. Mas estamos longe das rivalidades existidas até recentemente. No negro sulista, nota-se ainda aqueles traços da personalidade do "antigo escravo", pois o complexo de inferioridade persiste. Portanto, não liberaram-se, eles mesmos,das humilhações do passado. Diferente é a situação nos Estados do norte(principalmente nas grandes cidades:New York, Chicago, Philadelphia,Boston) onde o negro não somente parece ter-se liberado dos complexos, mas ao contrário tornou-se prepotente e agressivo.

São relativamente poucos os negros que freqüentam Universidades ou que embarcam em carreiras que não sejam as tradicionais para eles, como aquelas de servir mesas, lavar pratos, trabalhar na agricultura, limpeza de firmas e nas estradas de ferro. Mas nota-se que há uma "mudan-

ça de marcha" nestes últimos anos, através das ajudas do governo.

Também a pequena criminalidade - e isto no sul como no norte -, é quase uma exclusividade do negro. No passado, quando os jornais relatavam fatos de criminalidade, diziam: "...fulano de tal, de raça negra,etc.". Hoje o detalhe da cor é omitido, pois considerado ato segregacionista. Não obstante,basta ler os nomes para identificá-los. Quando lê-se nomes como Washington, Madison,Jefferson, Adams, Jackson e outros da história americana, sabemos tratar-se de negros.

Mas é preciso também lembrar que nos Estados Unidos existem hoje(1993) cerca de 500 firmas de propriedade de negros. Algumas com milhares de empregados. Existem também milhares de médicos, engenheiros, banqueiros, economistas, jornalistas, advogados, deputados e senadores negros, e o número parece estar em contínuo aumento. Portanto nenhuma comparação pode ser feita com o " abismo" que existe entre a massa dos negros e os brancos no Brasil, tanto nas atitudes como no poder econômico.

*

Em suma, o "apartheid", a segregação e o racismo são problemas que encontramos em todos os países e entre todos os povos. Poucas coisas são tão "universais"!

Podemos já encontrá-los no mundo arcaico; na história dos povos da Mesopotâmia, do Nilo, ou entre os antigos gregos e romanos. É uma - somente uma! -,das tantas imperfeições do homem. A sua complexidade e certamente a sua solução, estão estreitamente ligadas ao comportamento do indivíduo. "Comportamento" é a palavra chave!

Se o homem de qualquer raça tem a condição moral, espiritual,cultural e econômica para comportar-se de maneira civil, não elimina o problema, mas raça, cor e proveniência podem perder a componente que promove a conflitualidade.

XLVI

Parte da nossa segunda viagem ao Oriente foi dedicada à Tailândia,país que fica ao sul da China e que faz fronteira com Birmânia,Cambodgia, Laos e Malasya. No passado era chamado Sião e seus habitantes siameses. Os famosos gatos, segundo os zoólogos, são também originários da região.

Contrário aos nossos planos e devido a circunstâncias nem sempre controláveis, nossa viagem coincidiu com o período das grandes chuvas, internacionalmente conhecidas como "monsoon", significando "estação de chuvas com ventos soprando dos mares do sul da Ásia". Serviram, todavia, para nos aliviar do intenso calor.

No aeroporto de Bangkok, uma vez passados controles da Polícia de Imigração e da Alfândega, o visitante é encontrado por graciosas e sorridentes moças,as quais após depositar um coroa de flores no nosso pescoço, oferecem os serviços de turismo.

Ao preço de US$40 por dia, um casal tem à disposição : automóvel com ar condicionado (um luxo nestes territórios), quilometragem ilimitada, chofer e guia-intérprete assim como uma das refeições diárias. Comparado com custos no Japão, USA e Europa, são uma verdadeira bagatela!

Além da capital,Krungthep, conhecida no ocidente como Bangkok, fizemos visitas ao norte do país, acompanhados de chofer e guia-intérprete. Somente um deles certamente bastaria, mas no Oriente e nos países em desenvolvimento em geral, a tendência é dar trabalho ao maior número possível de pessoas. É comum vermos cinco fazendo o trabalho de um! Um trabalha e quatro olham. Mas um guia-intérprete que conduza também o auto, é todavia necessário para mover-se de uma maneira civilizada neste país. Aqui temos outro exemplo de clima quente conjugado com baixo nível de vida do povo,que parece ser regra absoluta neste nosso Planeta

Somvut é o nome do nosso simpático e sorridente guia - intérprete. Perfeito como Leporello,na ópera "Don Giovanni" de Mozart ! Homem dos seus 50 anos,olhos puxados, ca-

belos pretos engraxados com brilhantina; usando paletó e gravata neste tórrido clima. Veterano nos contatos com estrangeiros visitando seu país. Desdobra-se em quatro para satisfazer os nossos pedidos, inclusive respondendo uma montanha de perguntas, que ininterruptamente faço durante os trajetos. Um homem genuinamente humano. Coisa não muito comum entre chineses e japoneses. Um daqueles personagens que nos Estados Unidos, seria capaz de vender livros em lata !

Não estava excluída, porém, a final intenção de receber boa gratificação no fim do seu trabalho, o qual incluia contar anedotas tailandesas, de tipo especial, pois somente ele ria.

Segundo Somvut, a Tailândia sobreviveu como país independente, porque seus governantes tiveram o "bom-senso" de aceitar, com graça, seus muitos passageiros conquistadores. Observando a personalidade de Somvut e dos tailandeses em geral, percebe-se que a aceitação do domínio estrangeiro não deve ter sido um grande sacrifício!

Somvut insistia para que eu experimentasse os pratos da cozinha local. Não compreendia por que no lugar deles eu comesse tanta fruta...ou sonhasse com um bom prato de "spaghetti aglio e olio". Uma vez, durante a nossa viagem ao norte, paramos à beira de uma estrada, onde casebres de palha abrigavam fogões à lenha, e mulheres preparando especialidades da região. Tudo parecia muito limpo e apetitoso. Ensopadinho de carne de elefante com pedaços de abacaxi, ou sopa de rabo de crocodilo. Peles de cobra, penduradas no exterior dos casebres, podiam indicar que também ela fosse especialidade do cardápio. Também alguns insetos são especialidades culinárias tailandesas: formigas, borboletas, gafanhotos e aquela super-especialidade que são as taturanas(marrons ou verdes). Bem temperadinhas, naturalmente!

Diva e chofer dirigiram-se às mesas revestidas de toalhas e talheres, expostas ao ar livre. Quando soube que eu não iria deixar o conforto do ar condicionado do auto por aquelas mesas ao ar livre, Somvut não deu-se por vencido. Apareceu de um lado do auto, fazendo sinais para que eu fosse juntar-me a eles. De repente, lá estava ele do outro lado, batendo na janela. Novamente do lado oposto. Para mim um espetáculo cômico, mas Somvut não fazia tudo aquilo como graça, mas como método local de convencer alguém a fazer aquilo que não quer.

Em seguida, rodando por modestas estradas, flanqueadas

de luxuriante vegetação, seguindo o vale do rio Ping, chegamos nas proximidades da fronteira da Birmânia, onde uma das curiosidades é a grande floresta. Elefantes, tigres, leões asiáticos vivem ainda no seu ambiente natural.

Naquela região, visitamos a ferrovia e a ponte sobre o rio Kwai, construídas, destruídas, reconstruídas ainda, por japoneses e ingleses durante a II Grande Guerra. Fizemos também uma viagem de trem, e os trens na Tailândia não são menos abarrotados que aqueles chineses !

Mas a navegação fluvial é ainda o mais importante meio de comunicação e transporte no antigo Sião, onde rios e canais - supridos de enormes crocodilos -, existem por toda parte. Fizemos uma viagem de lancha pelos canais, observando o comércio tipicamente fluvial, onde vende-se e compra-se tudo, inclusive comida preparada dentro de pequenos barcos.

*

Bangkok, onde calor e umidade no ar são constantes, é uma típica cidade caótica do Oriente. Ruas sempre apinhadas, dia e noite. Gente fugindo do calor, da falta de conforto e da exigüidade de espaço nas casas. Mas não é somente no Oriente que vê-se muita gente nas ruas. O mesmo acontece nas cidades da Europa, assim como em outras áreas da Terra, com exceção dos Estados Unidos.

A propósito, lembro-me que no meu quarto de século de contatos com americanos, dentro e fora dos USA, muitas vezes tive que ouvir deles a seguinte pergunta: "..que faz todo este povo andando pelas ruas ?". Para os americanos é um fato incompreensível, principalmente àqueles com nenhuma experiência no exterior.

A ausência de pedestres nas cidades americanas é um fenômeno relativamente recente. Nos filmes americanos dos anos '30, '40 e mesmo do início dos '50, embora tratando-se de cenários - os quais refletem a realidade de uma época -, são mostradas ruas apinhadas de gente. Em seguida, a partir do fim dos anos '50, com o uso generalizado do automóvel, o qual inclue, sem dele sair, operações bancárias, tintureiros, derrubada de cartas nas caixas dos correios, compra de jornais, e na costa oeste também compras nos super-mercados, o pedestre desapareceu. De fato,

quando o motorista vê um pedestre, pode perguntar a si mesmo: "...que terá acontecido? Terá problema com o automóvel ? Ou será um foragido da prisão?". Somente nas grandes cidades do norte o pedestre ainda existe,mas também lá está desaparecendo. Outra razão que explica a ausência de pedestres nos USA concerne a ausência daquele "exército"de gente que circula em outros países para pagamento de contas(água,luz,telefone,lojas,impostos,etc). Nos USA tais pagamentos são sempre feitos com cheque,enviados ao creditor,repartição,etc.pelo correio. E o recibo? Nada de recibos nos USA. Os próprios cheques,uma vez devolvidos ao cliente(pelo Banco)no fim do mês,juntamente com o extrato-conta,provam que pagamentos foram feitos. Quando recebemos uma conta(sempre pelos correios), com ela vem um envelope já endereçado ao creditor,repartição,etc. Portanto, é selar o envelope(com selo mantendo o mesmo valor por anos:agora 29 cents),preparar o cheque e expedir pelo correio. O "sistema medieval" das filas para o pagamento de contas usado na Itália e em tantos outros países, nos USA caiu em desuso há 30 anos.

Também o maior conforto e espaço das casas nos USA, impele menos o povo a procurá-los fora delas.

•

A Tailândia é também conhecida pelos seus magníficos Templos e palácios,alguns dos quais estupendamente decorados, como o grande recinto onde está o antigo Palácio Real,em Bangkok. A impressão que temos dentro daquele recinto - área aproximada de quatro quarteirões - é que estamos num mundo irreal,completamente absorvidos pela fantasia.

Também pelo sexo fácil e abundante a Tailândia é conhecida, e a cidade de Bangkok é seu centro. As Agências de Turismo européias, principalmente italianas(quem podia ser senão os italianos!) organizam viagens "turísticas" somente para homens a um país como a Tailândia, onde o sexo nada tem de especial,extraordinário ou "pecaminoso" como visto por certos ocidentais.

O antigo Sião é certamente um exótico país ! Juntamente com os domadores de crocodilos e elefantes, Somvut é um personagem difícil de ser esquecido.

XLVII

"...recentes pesquisas feitas pelos físicos Enrico Fermi e L.Sziland , levam-me a concluir que o elemento Uranium pode ser transformado numa nova e importante fonte de energia num futuro não distante".

(começo da carta endereçada, em agosto de 1939,por Albert Einstein(Ulm,Alemanha,1879-Princeton,USA,1955), ao Presidente Franklin D. Roosevelt, sobre a possibilidade que uma bomba atômica fosse construida. Seis anos depois, em 6 de agosto de 1945, a primeira foi jogada sobre uma cidade japonesa).

A grande migração japonesa para as Américas é relativamente recente. Foram nos anos que seguiram a primeira grande guerra, e subseqüentemente à segunda, que os japoneses chegaram em massa na costa ocidental dos Estados Unidos, no centro sul do Brasil, e com menos intensidade, na costa oeste da América do Sul. Estas foram as áreas das Américas onde o migrante japonês concentrou-se principalmente.

Mas a migração de asiáticos para as Américas, não foi um fenômeno novo. Milhares de anos atrás,atravessando o Estreito de Behring(entre o Estado americano do Alaska e a Sibéria), eles infiltraram-se em todas as três Américas. Incas,Aztecas,Mayas e Tupis foram já os sucessores daquela pré-histórica migração, e os índios ainda hoje presentes nestes continentes, representam os sucessores dos últimos.

É interessante ler a história das migrações desde os mais remotos tempos.Ela tenta explicar por que certos povos migraram para uma região e não a outra, eventualmente dentro do mesmo país. Ou por que uma determinada mi-

migração foi incentivada ou interrompida;ou integrada,ou não, com a população do país hóspede. Ou por que os imigrantes chineses concentraram-se nas costas dos USA e não no seu interior;ou por que os italianos preferiram a Argentina ao invés do Chile;ou por que os indianos preferiram a Inglaterra e não a Alemanha.Ou por que os alemães concentraram-se em Sta.Catarina e Paraná, assim como no Paraguay,ao invés de outras regiões;ou porque os portugueses migraram e concentraram-se no nordeste dos USA e não no Texas, Oklahoma ou Idaho. Ou por que os brasileiros concentraram-se no bairro nova-iorquino de Astória, ao invés do Bronx, Flushing ou Bowery.

Há naturalmente um sem número de causas que podem explicar cada específico episódio da história das migrações. Acima de tudo, porém, as concentrações de migrantes parecem ter obedecido à "Lei do Fortuito", mais que economia, clima ou religiões. Tal "Lei do Fortuito" diz que a inicial migração de um simples indivíduo, ou de uma simples família, foi e é o "semem" que originou e origina a concentração numa determinada área. E aqui voltamos ao anteriormente citado problema do "apartheid", talvez em forma eufemística, mas sempre "apartheid" é.

*

Enquanto nos USA não houve uma verdadeira integração - nem com o povo, no sentido social, nem com a cultura;nem tão pouco japoneses-imigrantes alastraram-se pelo resto do território,o japonês-brasileiro faz hoje parte integrante do Brasil. Mesmo se mais na aparência que na realidade. Dois "mundos" assim distantes, com culturas,histórias e tradições tão diferentes, podem levar séculos para chegarem a uma verdadeira integração. Mais fácil naturalmente no Brasil, onde o povo é menos vítima dos prejuizos raciais que existem nos USA e em certas áreas da Europa.

Parece que quanto maior é o número de imigrantes de um dado país, maior pode ser a curiosidade do povo do país-hóspede, de conhecer aquele do imigrante. Visitar o Japão, chamado pelos seus habitantes de Nippon, pode ser o objetivo de milhões dos nossos compatriotas.A distância, a falta de tempo e meios, poêm freio à grande maioria. Alguns afortunados passam a "barreira", e um dia acabam

chegando no aeroporto de Narita, nas vizinhanças de Tokio, onde têm o primeiro impacto com as virtudes e defeitos de um povo, que no Brasil, devido à efemeridade das relações, podem escapar à sensibilidade e percepção das nossas "antenas". E isto é um fato natural, pois o imigrante, onde quer que esteja e a qualquer raça pertença, forja, inconscientemente, uma pseuda-personalidade que melhor possa adaptar-se ao povo do país-hóspede. Exatamente como, por exemplo, por respeito ou cortesia - ou pelas duas coisas juntas -,aceitamos na casa do visitado, um copo de refrigerante, quando bem mais preferiríamos um café ! Alguns chamam este comportamento hipocrisia, mas é somente uma das tantas características da nossa espécie. Como ter cinco dedos em cada mão, ou poder distinguir um violino de um elefante.

Cito Charles Darwin, do seu livro "A origem das Espécies", capítulo III - 'A luta pela existência':

> "...constatamos que quando uma planta ou animal devem afrontar,num novo ambiente, novos concorrentes, verifica-se uma mudança radical no respectivo comportamento e nas respectivas condições de vida".

Darwin dá também exemplos:1) os animais domésticos têm as orelhas pendentes, porque menos alarmados pelos perigos que normalmente correriam no estado selvagem; 2)a luta pela sobrevivência é mais dura entre indivíduos (homens, outros animais,plantas)da mesma espécie, pois freqüentam os mesmos lugares e ambientes, exigem o mesmo tipo de alimentos e estão expostos aos mesmos tipos de perigo ; 3)as azas do pato selvagem são mais potentes que aquelas do doméstico(este não precisa voar); o último,ao contrário do selvagem, tem os pés mais fortes; 4)o negro das planícies da África é extremamente alto, porque deve ver longe.

*

Do aeroporto de Narita, somos levados por ônibus que o liga à Terminal Aeroportuária da cidade de Tokio. Distância enorme para um país de pequenas dimensões como é o Nippon.

Da Terminal, através de um táxi, cujo motorista usa lu-

vas brancas, boné, paletó e gravata, como é de uso neste país, mas que não conhece outra língua senão a própria, chegamos ao "hoteru"(hotel) no centro da capital japonesa.

Também a língua japonesa empresta e adapta palavras estrangeiras e "hoteru" é exemplo. Outros são: "restoran" (restaurante), "apaato"(apartamento). Diretamente da língua inglesa, depois da última guerra, eles iniciaram a usar "sosu"("sauce=salsa"); "tchizu"("cheese=queijo");"sarada"("salad=salada"); "tenisu"(tenis); "butta"("butter=manteiga"); "bazu"("bus=ônibus"). Do português/espanhol: "pan"(pão); "shabon"(sabão). E diretamente do Latim:"tempura"("quottuor tempora"=camarões fritos).

Penso que o impacto de uma civilização sobre outra possa ser medido por uma multiplicidade de fatores: descobertas arqueológicas, estilo de vida, alimentação,moeda, habitação, literatura, religiões, ciências, invenções, guerras,etc. Muitos desses impactos refletem-se também sobre a língua. Palavras "emprestadas" de outras é a mais segura indicação do impacto de uma civilização, ou de uma cultura,sobre outra. Isto verificamos aqui na nossa própria casa, onde, entre eu e Diva,intercalamos quase sem perceber, palavras de outras línguas. Como mencionado num precedente capítulo, o homem tende a preferir o simples no lugar do complicado(pois o simples requer menor esforço), e tantas das palavras estrangeiras que intercalamos,transmitem o mesmo pensamento de uma maneira mais simples.

No caso específico dos japoneses, porém,devo dizer que talvez todos os citados fatores são de menor importância pois é uma "tradição nacional" deste povo, copiar dos outros. E não o fazem somente no Japão !
É a "pátria dos copiadores", e se houvesse um Prêmio Nobel ao povo, que continuamente procura imitar tudo do ocidente, os japoneses não teriam concorrentes. O problema, em tantos casos,é que eles fazem da cópia um produto melhor que o original! E para isto contribui, de maneira importante, a nota disciplina e uma certa dose de fanatismo.

Mesmo se eles não têm exclusividade no copiar, os vemos durante todo o ano tirando fotos das vitrinas das lojas elegantes da Europa. Sorridentes, dando a impressão que querem levar um suvenir daquelas vitrinas. Na verdade, estão copiando os produtos expostos.

Lembro-me de um casal de japoneses, em Bari, na costa

sul-oriental da Itália. Tinha-se mostrado curioso pela confecção da "pizza". O ingênuo proprietário do local, todo orgulhoso, mostrava os detalhes do trabalho, convencido que era a curiosidade que atraía o casal ao seu balcão. Atrás dos sorrisos e dos Ahs! e dos Ohs!,quando Don Cicilo jogava a massa ao ar,na sua exibição de destreza, estava o interesse de saber os "truques" do "mestiere", e eventualmente usá-los no Nippon. Não foi surpresa, portanto, quando nesta nossa visita comemos macarrão otimamente preparado num restaurante de Tokio !

Na minha opinião, a qual parece bastante difundida, o japonês não é absolutamente um povo inteligente. Trabalhador, perseverante, sério, esforçado, mas não inteligente. Se não fosse por aquilo que copiaram do ocidente, depois da II grande guerra, talvez o Japão poderia ser ainda um "avançado país do terceiro mundo".

Este povo dá a mim a impressão que tem dificuldade em "captar" coisas e pensamentos com a facilidade que temos nós Latinos. São "maquinosos", como se o cérebro estivesse um tanto enferrujado, e tivesse dificuldade em moverse com agilidade no pensar. Talvez seja o reflexo de uma notíssima característica da raça: desconfiadíssimos. Mas a realidade, todavia, é que aquela qualidade de inteligência que eles parecem carecer, pouco valeria sem aquelas que eles possuem, quase com exclusividade. E quanto vale a inteligência dos Latinos, se não há disciplina, nem perseverança, nem, principalmente,seriedade ?

*

Mesmo a quem seja de hábito ver a vitalidade e o movimento das grandes cidades, Tokio dá logo a impressão de um grande formigueiro.Talvez não grande como notamos nas cidades da China...mas quase! Gente às dezenas de milhares parece sair de todo lugar. Felizmente muito disciplinada, ordeira, bem arrumada e muito séria. Pedintes, esmoleiros, sem-teto e similares, absolutamente inexistentes em Tokio e nas demais cidades japonesas que visitamos.

Mas o japonês eternamente sorridente que via no Brasil durante meus anos, aqui é "objeto" raro. Isto não significa que não sejam corteses e atenciosos, mas aqui eles estão na própria terra.Somos nós,os estrangeiros,que sor

rimos !

O que encontramos no Japão é naturalmente outra classe
de japoneses, pois aqueles que imigram(japoneses ou não)
na grande maioria dos casos, pertencem às faixas baixas
de uma população, portanto,tendem a ser mais doces e re-
signados ao "patrão da sua nova terra".

Como S.Paulo ou cidade do México, ou El Qahira, Tokio
é imensa; também devido à grande concentração da popula-
ção nas cidades satélites, formando um todo compacto, e
assim dando a impressão que não possa haver maior cidade
que Tokio. Não obstante , sente-se na capital do Ja-
pão - e com mais intensidade nas cidades menores -, uma
forte sensação de provincialismo. Como se o inteiro país
fosse "uma grande cidade do interior", e carecesse daque
la sensação de "centro do mundo" que nos dão New York,Pa
ris ou Londres.

Tokio é caótica, mas ao mesmo tempo disciplinada. Cres
cida sem um plano regulador. Vítima dos problemas da mo-
radia e do trânsito, o qual corre pela mão esquerda, co-
mo na Inglaterra e Índia. Longe do idílico Japão mostra
do na "Madama Butterfly" de Giácomo Puccini, mesmo se a-
quele idílico Japão ainda o podemos encontrar,"escondi -
do",nas Províncias,longe dos grandes centros.
Na área metropolitana de Tokio pode-se caminhar um dia
todo sem ver o fim, ou guiar um automóvel durante muito
tempo antes de ver seu limite. Sua superfície é de a-
proximadamente 2.300 quilômetros quadrados.Como S.Paulo,
nos últimos cem anos,Tokio continua a alastrar-se, inte-
grando cidades satélites; entre estas, Yokohama.
2,300 quilómetros quadrados é um número que nada diz ,
a menos que comparado com outros. Baseado nos mapas,ane-
xos aos guias de S.Paulo, que Diva trouxe do Brasil em
1988, esta última tem uma área metropolitana de 975 qui-
lômetros quadradados. Mas comparar a "grandeza" das ci
dades é assunto muito sério! e na maioria dos casos,nos
induz a erro. Isto porque a extensão do território,o nú-
merode habitantes e de altos edifícios de uma cidade, ou
de uma área metropolitana, quase sempre dizem pouco,mui-
to pouco, da sua verdadeira grandeza.
Elementos como eficiência dos serviços públicos, disci
plina do trânsito, vastas áreas de pobreza - como as fa
velas no Brasil ou os "slums" nos USA -, podem dar falsa
impressão de quanto uma cidade é verdadeiramente grande.
Enfim, é preciso fazer distinção entre "grande concentra
ção de habitantes e edifícios" e "grande cidade". Tokio
parece ser ambas.

Ainda sobre a grande concentração de certas cidades: é
um fenômeno muito recente;ligado sim à migração vinda do
campo e ao crescimento da população da inteira Terra,mas
típico dos países em desenvolvimento; e o Nippon,sob cer
tos aspectos, pode ser considerado um país em desenvolvi
mento. New York, Paris, Roma,Londres têm o número dos se
us habitantes em contínuo declínio.Nos séculos passados,
por exemplo,malgrado a fama da "grande Roma Imperial",no
tempo da sua maior expansão contava somente cem mil habi
tantes. Outro exemplo foi Paris,quando Bonaparte foi e-
leito Consul, contava com somente 60.000 eleitores.

Geograficamente, hoje a capital do Japão compõe-se de
núcleo central, correspondente à área ocupada no passado
pela antiga Edo, e seus antigos subúrbios. De fato,antes
de 1868, a cidade chamava-se Edo,que na língua local sig
nifica "porta do rio ou do estuário". Como Tokio, hoje ,
Edo estava localizada onde o rio Sumida desemboca no oce
ano.
Na antiga língua japonesa,Tokio significa "capital do
Oriente", e foi dado à cidade quando elevada a capital
do país, em contraposição àquela que representa a antiga
sede Imperial: Kyoto, localizada a 400 quilômetros a su-
doeste.

Além do núcleo central, o qual divide-se em 23 "bair -
ros", que na língua japonesa são chamados com uma sílaba
não muito"diplomática"na nossa(Ku),existe uma faixa ex -
terna que compreende as cidades satélites. Quanto aos 23
"Ku" de Tokio, o leitor poderá estar tranqüilo que tam -
bém no português existem vocábulos que soam estranhamen-
te em algumas línguas estrangeiras !

À primeira vista, todos os bairros de Tokio parecem i-
guais. Na realidade,aqueles mais antigos,não obstante as
destruições dos terremotos, dos incêndios e da última
grande guerra,conservam características particulares,dis
tinguindo-se do resto.
Do seu primeiro grande incêndio, em 1601, a cidade co-
nheceu outros piores. No tempo que chamava-se Edo, nada
mais sendo que uma concentração de casas feitas de madei
ra, papelão e palha - para resistir aos terremotos -,
esteve sujeita a fáceis incêndios. O último grande ter
remoto foi aquele de setembro de 1923, ao qual seguiu-se

vasto incêndio, causando 60.000 mortos e 370.000 edifícios destruidos. Mas foi em março de 1945, que um bombardeio americano causou o maior incêndio de todos: mais de 100.000 mortos e 700.000 edifícios destruidos. Até hoje os japoneses dizem que as coisas que devem ser temidas na vida são três: o pai, os terremotos e os incêndios! e não é sem razão que eles parecem ter o complexo dos últimos. Isto reflete-se também na própria língua: "tsubi"(incêndio doloso); "sosobi"(incêndio fortuito); "morabi"(incêndio que vem da casa do vizinho); "shitabi"(incêndio que está sendo dominado).

•

Nomes dos bairros de Tokio incluem: Bairro da Literatura(Bunkyo-Ku); Bairro do Novo Dormitório(Shinju-Ku), que é um dos centros de negócios e divertimentos; Bairro de Sumida(Sumida-Ku),nome do rio que corta a cidade e onde estão concentradas as fábricas; Bairro do Porto (Minato-Ku), zona essencialmente residencial da classe média,com apartamentos tão pequenos como casas de bonecas; Bairro dos Ministérios(Chiyoda-Ku).

A única zona de Tokio que goza de fama internacional,é a chamada Guinza, significando "fundição de prata",e onde, em 1602, estava a Casa da Moeda Japonesa. Hoje a Guinza é a área onde estão as sedes dos Bancos,dos escritórios das grandes firmas, teatros,cinemas,restaurantes, bares elegantes,locais de divertimento noturno e as grandes lojas. Enfim, pouca gente tem residência, pois todo o espaço é destinado às atividades comerciais e similares. Mas a Guinza não foge também a uma "regra internacional"! Japonesas bem vestidas nas esquinas, dando a impressão que estão esperando a passagem de um táxi. Geralmente com sacolas das lojas na mão.Uma prudente observação, porém, revela que estão à espera de um "cliente", mas com toda aquela reserva e aparente timidez deste povo.

Durante o dia, e por algumas horas da noite, o "tokyoita"(habitante de Tokio)vai "guimbura",um pseudo-verbo da língua local, significando "passear pela Guinza",como os parisienses usam"boulevarder"(passear pelos Boulevards). Não é certamente um passeio à carioca ou à romana! pois os habitantes de Tokio parecem mover-se na velocidade ne-

cessária para tirar o pai da forca... e no meio da aglomeração, se há "encontro", ouve-se : O-Ku-da-sai! O-Ku-da-sai! (por favor,desculpe).

Em Tokio não vemos cafés com mesinhas no exterior, como vemos, por exemplo, na Via Vêneto, em Roma; na Gran Via, em Madrid; no Rossío, em Lisboa; na Marienplatz, em Munique; nos Campos Elyseos, em Paris. Nas ruelas secundárias da Guinza,estão as casas onde os japoneses vão divertir-se depois do horário de trabalho. Justamente o oposto dos americanos, que às cinco da tarde saem correndo para unir-se à família. Mas no Japão...a esposa é ainda considerada um "anexo" pouco importante do marido!

São locais que para os ocidentais têm aparência misteriosa. Com nomes emprestados do ocidente: Club Mon Ami , Café Píccolo, Club Mon Amour e assim por diante. Entre 16 e 17 horas,vê-se um grande número de moças saindo das "bocas" de metrô da zona da Guinza. Vistosamente maquiadas e vestidas um tanto "osée". São as"hostesses", ou "gueishas" dos locais noturnos que vão ao trabalho. À meia-noite, quando aqueles locais fecham as portas, elas fazem o trajeto inverso, sozinhas ou em companhia de eventuais "clientes". Fora da Guinza, esses locais são facilmente reconhecíveis, pois situados em casas construidas em puro estilo japonês,com grades de bambu e lanternas de pedra no pequeno jardim.

Depois da meia-noite a Guinza parece uma cidade deserta. A vida noturna de Tokio concentra-se entre as 18 e as 24, mas não somente na Guinza, pois nos bairros de Shinju-Ku, Akasaka e Asakusa, há também muita atividade, onde as casas públicas de jogo(máquinas onde deposita-se moedas) estão em profusão.

O japonês reconcilia assim as exigências do trabalho e dos divertimentos. Encerrando estes à meia-noite,ele terá energias suficientes para enfrentar o novo dia de trabalho.

A"indústria das gueishas",porém,está em declínio.Com o recente "boom" econômico e conseqüentes oportunidades de encontrar outros trabalhos, assim como devido ao movimento feminista, algumas dessas casas têm dificuldade em encontrar a "matéria prima". Em muitos casos, são as estrangeiras que estão vagarosamente inserindo-se na"profissão". Alemãs, suecas,francesas e também brasileiras, todas vestidas de "gueisha"! Ganham, segundo aquilo que soube, até o equivalente de US$3,500 por mês, para entreter clientes entre as 18 e 24. Nada mal, mesmo conside -

rando o alto custo de vida no Japão, onde uma taça de ca fé custa 750 Yens(seis U.S.Dollars)e um simples prato de macarrão, num modesto restaurante, 1.500 Yens (doze U.S. Dollars). O trabalho das "gueishas" - nacionais ou es - trangeiras - consiste em passar de uma mesa a outra,dis- tribuindo sorrisos e bebendo com os clientes (a maioria homens facultosos da terceira idade), dando a cada um a esperança - geralmente ilusória - de novos e mais subs tanciais favores depois do horário de trabalho.

No Japão existem também muitos locais de "massagens" e "banhos turcos", chamados "toruko". Outro empréstimo e a daptação de palavra ocidental.

*

Tokio representa a vitalidade da recente expansão eco- nômica japonesa, país que até o século passado, estava mergulhado num fechado feudalismo agrícola. A aceitação dos modernos mecanismos econômicos e dos sistemas de pro dução dos países ocidentais,algumas vezes levados ao ex- tremo do fanatismo, fizeram deste país, em algumas déca- das, uma das maiores potências industriais e financeiras do mundo. Foi a partir dos anos que seguiram o fim da II Grande Guerra, que o Japão iniciou a ser aquilo que é ho je. Daquele tremendo conflito,nasceu praticamente um pa- ís novo e rico, como aconteceu com a Alemanha, também es ta vítima do mesmo destino. Os cínicos dizem que as guer ras, a contas feitas, servem para alguma coisa!

No Japão, este progresso e esta transformação,todavia, não cancelaram os aspectos e os valores tradicionais da vida do seu povo. É justamente nisto que está o fascínio de Tokio; na coincidência de dois mundos; aquele contem- porâneo, das indústrias,do comércio, da super-população e do ar inquinado, com aquele do passado; das religiões (principalmente Buddismo e Shintoismo); das tradições , da família, da natureza.

Se no Zhong Guò tudo parece estar firmemente ancorado ao passado, no Japão prevalece um misto de passado e pre sente. Vivendo juntos e ao mesmo tempo separados , não obstante os terremotos, incêndios e o efeito dos pesados e contínuos bombardeios da última guerra.

Outras pequenas observações: em Tokio, onde o ar é bas

tante inquinado, o oxigênio está a venda nas lojas.Um je tão que custa uma centena de Yens,compra dois minutos de le. Espécie de aparelho telefônico, o qual o cliente le- va à boca.

<u>O pequeno tamanho das coisas</u>: (casas,automóveis,lojas, móveis,ônibus,portas e janelas). Das portas e janelas o alto ocidental não pode esquecer, pois deixa a marca da sua cabeça numa porção delas.

<u>Os telefones públicos</u>: são dezenas de milhares, de cor vermelha e muito sólidos - à prova de vandalismo -,dos quais o passante pelas ruas ouve os japoneses repetirem uma porção de vezes: "Moshi,moshi,moshi,moshi"(alô,alô).

<u>Os choferes de táxi</u>: para o leitor menos jovem,não se- rá difícil lembrar dos "kamikases" durante a última gran de guerra no oriente, iniciada pelo Japão em 7 de dezem- bro de 1941,quando a palavra ficou internacionalmente co nhecida. Assim eram chamados os aviadores japoneses que morriam junto dos seus aviões quando estes iam ao encon- tro dos navios americanos. "Kamikase" em japonês signi- fica "vento dos Deuses". Diz a história, que em 1281,du rante o império dos Khans, a frota da Mongolia que prepa rava-se para invadir o Japão, foi justamente destruida por um "kamikase".

Nos dias de hoje, quando não mais existe o perigo das invasões da Mongólia e os navios de guerra americanos es tão tranqüilos nas suas bases, são os motoristas de táxi de Tokio que são chamados "kamikases".

Cada táxi tem, no painel, um sinal que indica "quanto bem o motorista sabe conduzir". "Yu", para aquele que du rante os últimos três anos não sofreu acidente. "Kojin", indidica aquele que é proprietário do veículo, portanto é uma "garantia", pois fará o necessário para evitar aci dentes. Os demais sentem-se como campeões da Formula Um !

Quando toma-se um táxi em Tokio,e antes que o nosso"Se na" inicie a "corrida", é preciso ter certeza que ele te nha bem entendido onde queremos ir! Lembro ao leitor que somente uma certa classe conhece uma língua estrangeira, portanto esta é uma constante barreira. Se possível, devemos mostrar ao motorista o endereço no mapa(se o co- nhecemos). Se assim não for feito, corremos o risco que depois de alguns quilômetros, ele pare o veículo e coçan do a cabeça à moda japonesa, comece a pronunciar "aaaa aaaa...", significando que ele não entendeu bem o endere ço que procuramos !

A crédito dos motoristas de táxi do Japão, porém,é pre

...,e devolvem ao ...em barbeados; ...emamente gentis e apresentam-se
O costume das gorjetas não existe.

sempre com boné e luvas bra...
ao cliente até o último centavo de troco.
A propósito, um dia tomei um táxi para levar-me do ho-
tel a uma Agência de viagens. O motorista não encontrava
o endereço, pois como visto mais adiante,as ruas não têm
nome(raras as que têm), e as casas não têm número. O re-
sultado foi que rodamos bem mais que o necessário.Quando
chegou o momento de pagar a corrida,o motorista não acei-
tou aquilo que marcava o taxímetro. Apontando o dedo ao
próprio peito,fez-me entender que a culpa era sua de ter-
mos rodado mais que o necessário. Assim é que paguei so-
mente uma parte do mostrado no taxímetro.
Até parecia estar na Itália ou no Brasil !!!

Ruas sem nome, casas sem número: as ruas de Tokio e de
algumas outras cidades do Japão, não têm nome e as casas
não têm número. Tudo é completamente anônimo e isto con-
tribui para complicar a vida dos motoristas de taxi e de
seus clientes,principalmente estrangeiros, os quais não
sabem, sequer(!) ler os ideogramas da língua local!
Para achar um endereço o povo baseia-se numa série de
coisas: primeiro, o nome do Bairro(Ku); segundo, a se -
ção do mesmo; terceiro, o número do quarteirão (que não
está marcado em nenhum lugar!, mas nos mapas); quarto, a
localização do lote de terreno onde está a construção !
A coisa é complicada.
Dou o exemplo do endereço do Consulado da Itália em To
kio: Minato-Ku(Bairro do Porto); Mita (seção do bairro);
2-chome(segundo quarteirão); 4-banchi(quarto lote de ter
reno). Se o endereço está dentro de um edifício, sabemos
que não há indicação de andar, conjunto, apartamento,sa-
la, etc. É preciso procurar e perguntar !
Os endereços no Japão fazem-me lembrar aqueles da In -
glaterra, país conservador por excelência.Sempre adverso
a mudanças e novidades, onde encontra-se na mesma rua, o
número 296, depois o 15, e em seguida o 174! Eram núme-
ros dados quando os edifícios foram construidos, séculos
antes. Ou fazem-me lembrar do romance de Victor Hugo(Os
Miseráveis), onde a fantasia confundia-se com a realida-
de da Paris de então(século XIX), citando endereços tais
como: rua tal, lado esquerdo, quarta arvore à direita!
Mas em Tokio, também devido aos ideogramas,é dificílis
simo encontrar um endereço, principalmente para não-japo
neses.

A carne de boi: o feijão-arroz dos japoneses é o arroz
com peixe.Arroz papudo e sem tempero,parecendo polenta.
O mercado dos peixes de Tokio faz parte das visitas tu
rísticas. Ao invés do café da manhã - ou da"primeira co
lação", como chamam os portugueses,em Portugal -,os ja-
poneses comem peixe cru com um punhadinho de arroz. Nos
hotéis de estilo ocidental,porém, os clientes são servi-
dos o normal café da manhã que conhecemos.
A carne de boi, como na China, é pouco usada.
Diz a lenda que foi o primeiro Cônsul americano,em To-
kio, em 1856, que cansado de peixe, mandou matar um boi.
Na época uma séria afronta às tradições locais, e o Côn-
sul foi pesadamente criticado por aquele "bárbaro ato".
Setenta e cinco anos depois, os japoneses construiram
um monumento em memoria daquele boi. Ele mostra um Budda
de bronze, sentado sobre uma pedra. Lê-se : "Este monu -
mento, erguido pelos "tokyioitas", em 1931, marca o lu -
gar onde o primeiro boi foi sacrificado para o consumo
humano. Foi comido pelos senhores Harris e Heusken".
O último era o secretário do Cônsul.

Os nomes nas listas telefônicas: achar um número tele-
fônico nas listas, pode também ser uma empresa difícil ,
principalmente devido à grande quantidade de sobrenomes
iguais. Segundo cálculo aproximado que fiz, contando as
páginas da lista, existem 160.000 Suzukis, e milhares de
Tanakas, Takahashi, Watanabe, Sato e Fujiwara. O último,
de uma das mais antigas e aristocráticas famílias que do
minaram a Corte Imperial por muitos séculos.

Hotéis e "Ryokans": mais acima dizia que hotel à oci-
dental é chamado "hoteru" em japonês. Tokio é riquíssima
de hotéis modernos,eficientes e com um serviço quase per
feito. Nada disto é porém dado a baixo preço. Custam ca-
ríssimo, deixando os preços da Europa e dos USA muito a-
trás. Anos-luz daqueles do nosso bem-aventurado Brasil.
A construção de novos hotéis continua,pois não há que
chegue para satisfazer o número sempre crescente de cli-
entes. Chegar no Japão sem uma reserva pode ser um pro -
blema sério. O maior deles é o Keio Plaza, com seus cin-
qüenta andares, construidos com estrutura flexível,à pro
va de terremotos.
Para turistas que querem experimentar um típico hotel
à japonesa, existem as "Ryokans"(assim chamadas na cida-
des; e fora delas, "minshukú"). São casas onde o hóspede
é recebido e tratado à japonesa,e nelas ele encontra a

atmosfera do próprio lar.

Para um estrangeiro, hospedar-se numa "ryokan" ou "minshukú", pode ser uma experiência interessante; às vezes inoportuna, mas sempre a altíssimo custo.

As surpresas começam no ingresso, quando depois de ter atravessado o pequeno jardim com as tradicionais lanternas de pedra e aquários, o hóspede é recebido na porta pela proprietária e pelo pessoal de serviço. Com inclinos, sorrisos e muitos "irassai", significando "benvindo".

É logo convidado a tirar os sapatos e enfiar um par de chinelos de pano ou plástico, quase sempre de tamanho inferior aos pés do "bárbaro ocidental". Na verdade, o chão da "ryokan" não aceita sapatos, pois muito delicado, feito de fina madeira, impecavelmente limpa e lustrosa. Chegando à porta do quarto, é convidado a tirar também os chinelos e usar as meias para pisar, pois o chão é ainda mais delicado; feito de palha trançada.

À primeira vista, o quarto parece desprovido de móveis. Somente uma baixa mesa no centro, algumas almofadas e um abat-jour na altura do chão. Todo o resto que um mortal deve ter, está "escondido" em armários embutidos, com portas que correm sobre silenciosos trilhos: colchões, lençóis, cobertores, travesseiros. Através de uma dessas portas com trilhos, entra-se no banheiro, onde encontram-se dentifrício e sabonetes para vários gostos; aparelho para barba, perfumes e assim por diante. O papel-higiênico parece um pergaminho da Antiga Mesopotâmia levado à devida espessura e delicadeza.

A camareira, se bem instruida na arte do "tatami"(hospedagem à japonesa sobre um chão de palha), depois de "manobras" complicadas, inclinos e sorrisos, pede para entrar no quarto e serve a refeição. Enorme quantidade de pequenos pratos, postos sobre a baixa mesa de centro, e o cliente senta-se no chão, sobre uma almofada.

A um certo ponto do "cerimonial", o hóspede é convidado pela mesma camareira, a entrar no banheiro, onde encontra-se uma banheira de madeira estupendamente limpa e brilhante; cheia de água quente, ao limite que um normal corpo humano possa suportar. Mas antes de mergulhar-se nela, deve tomar um banho de chuveiro e lavar-se à perfeição. A imersão na banheira constitue o "ato final". Serve para relaxar os músculos e nervos. Lá fica imóvel como um antigo "shogun".

Enquanto o cliente está sendo "cozido a lesso", a camareira prepara a cama(fino colchão sobre o assoalho de palha), e na cabeceira desta, põe um rolo(travesseiro)cheio

de grãos de arroz. Segundo tradição, o arroz conserva a cabeça fresca e favorece sono tranqüilo... sempre que os vizinhos não sejam rumorosos, pois as "paredes" divisórias são de fina madeira, e assim não à prova de ruídos.

A impressão que um hóspede leva de uma "ryokan" é de delicadeza, limpesa, gestos que tocam o coração. Mas a experiência não será também esquecida pela salgadíssima conta. Esta "inclue" todos os "irassais", inclinos, sorrisos e sabonetes perfumados!

As "cápsulas": nas cidades principais do Nippon, o viajante encontra acomodação nas chamadas "cápsulas", ou cubículos(80 centímentros de altura, outro tanto de largura e metro de setenta de comprimento). São "organizadas" dentro de edifícios como se fossem ninhos de abelha. Uma "cápsula" seguindo outra, com saída para corredores internos. Como facilmente intuível, cada uma "hospeda" uma pessoa, a qual deve naturalmente fazer certa ginástica para nela introduzir-se. Não há porta, mas uma simples cortina. Dentro encontra-se um fino colchão, cobertor e no fundo, uma pequena TV. Banheiros no fundo do corredor. Preços módicos(média US$30 por noite).

As empregadas domésticas: não é somente no Brasil, ou pelo menos nas grandes cidades, onde é difícil encontrar uma boa empregada doméstica. O problema é internacional.
Na Europa, nos USA e aqui no Nippon, é ainda mais sério e complicado... ou complicado e caro. Quando encontrada, com ela podem vir as mil e uma exigências, as quais fari am a patroa feliz se pudesse inverter as posições ! Felizmente, o problema está sendo auto-resolvido, pois as moradias são sempre menores, as famílias menos preocupadas com as perfeições da limpeza, e as máquinas substituindo a mão de obra. Nos USA, restam ainda algumas casas que dependem do trabalho das empregadas, mas ao invés de tê-las em permanência, chamam empresas especializadas um par de vezes por mês. E nas construções modernas, aspiradores invisíveis, instalados pelos quatro cantos, levam a poeira. Acresce o fato que os americanos raramente abrem janelas como é de uso nos países tropicais. O ar condicionado incumbe-se do trabalho. Na Europa, onde o uso do ar condicionado não é popular como nos USA e os aspiradores de poeira raros, o emprego de domésticas ainda persiste nas grandes casas, mas em evidente declínio.

Japonesas e estrangeiras que vivem no Nippon, e que

estão à procura deste"objeto sempre mais raro",dizem que ao invés de anunciar nos jornais ou pedir auxílio às agências,é mais conveniente,seguro e prático fazer uma novena .Esta é feita no Templo de Shinko-In, o qual foi erguido em memória de uma moça chamada O-Take; protetora de empregadas domésticas... e de patroas também.

Diz a lenda, que O-Take era da cidade de Yamagata e tinha-se empregada na casa dos Sakunas. Ótima empregada.Levantava-se cedo e era a última a recolher-se ao seu modesto quarto. Comia o resto dos pratos dos patrões e jamais reclamava ou pedia aumento de salário. Mas um dia apareceu na casa dos Sakunas um "bonze" do Templo de Shinko-In,dizendo que do Templo tinha desaparecido uma estátua,e corria a voz que aquela estátua transformara-se em empregada doméstica, justamente chamada O-Take. Somente uma estátua poderia ter dado uma assim boa empregada e a levou de volta ao Templo.

Daquele dia em diante, japonesas e estrangeiras começaram fazer novenas no Templo de Shinko-In,pedindo que aparecesse outra O-Take.

Oitenta e sete anos passaram-se daquele tempo, mas de outra O-Take as patroas do japão não tiveram mais notícias !

Esta lenda japonesa, refletindo uma situação real - como é real na Europa e nos USA -, mesmo se nestas áreas o povo aprendeu,ou está aprendendo a arranjar-se sem domésticas, faz-me lembrar de um episódio na casa de uma família americana, vivendo na cidade do México,anos atrás.

Dizia a senhora que domésticas lá encontravam-se em abundância. O problema era evitar a subseqüente"invasão" dos seus familiares. Primeiro chegava a irmãzinha, graciosa pecorrucha que dava alegria à casa. Depois a prima, que tendo perdido o trabalho anterior por misteriosas causas, vinha ajudar aquela que os americanos empregavam. Passadas algumas semanas, por encanto aparecia a mãe que sentia-se só e desamparada. Todas ajudavam nas tarefas e todas aproveitavam dos bons alimentos,até que um dia,cansada daquela população pela casa, a nossa americana propôs ao grupo de assumir os empenhos, oferecendo-se como doméstica do mesmo !

Não foi aceita.

Do Japão, depois de termos visitado também Yokohama,Kyoto, Nikko e Nara; em algumas destas viagens usando como

meio de transporte os "Shinkansens"(trens a alta velocidade), prosseguimos para a costa oeste dos Estados Unidos, onde passamos uns dias na California. Finalmente,para casa, na costa oposta, completando assim a volta da Terra, iniciada em Santos, naquela tarde quente de 20 de maio de 1958.

Cinco horas da manhã em Greensboro,NC,USA, e está para ter início mais uma das nossas longas viagens.Desta vez ao Alaska e à Sibir, como os russos chamam a Sibéria.

Um sem número de providências foram tomadas nos dias que precederam esta partida. Viajar,com o passar dos anos, torna-se sempre mais cansativo e complicado ! Bem mais fácil no passado, quando fomos tantas vezes guiados pela improvisação, pois a idade assim consentia. Hoje, tudo tem que ser "perfeito", "justo" e "tempestivo". "Pecado mortal" esquecer alguma providência ou esquecer alguma coisa.Roupas variadas,pois frio e calor intercalam-se sem prévio-aviso e independente da latitude que nos possamos encontrar. "Farmácia ambulante", pois não é sempre fácil - às vezes impossível - ,encontrar certos medicamentos,mesmo comuns como aspirina, antiácido e antidisenteria.

E depois há a avalanche de papeis e documentos que nos deve acompanhar... alguns amarrados à cintura(sob camisa ou blusa), pois o extravio ou roubo,significaria desastre. E com o aumento do número de turistas, aumentou igualmente o número dos ladrões.

E as malas! As benditas malas que parecem pesar sempre mais ! E não esquecer das suas chaves em duplicata ... cada um de nós carregando um molho. Impossível não usar nelas cadeados,pois tudo pode acontecer nos aeroportos. Exemplos são aqueles italianos, onde malas destinadas ao exterior, mas principalmente à Suíça, são ilegalmente forçadas,mexidas e remexidas pelos empregados que as transportam para dentro dos aviões. Eles procuram dinheiro nelas escondido; tentativa e ilegalmente transportado fora da Itália. E quando encontrado, desaparece,sem que o viajante possa reclamar !

O trajeto de casa ao aeroporto de Greensboro, deve ser feito com táxi, pois o estacionamento do próprio veículo por diversas semanas, custaria uma pequena fortuna.

Finalmente nos desembaraçamos das malas no aeroporto. Que alívio! E assim podemos caminhar pelos seus largos e atapetados corredores, iniciando a saborear uma viagem

que ainda não teve início. Na passagem do"controle de segurança",onde a bagagem-de-mão é submetida ao Raio X, lemos: "Atenção! A segurança no aeroporto de Ezeiza(Buenos Ayres)é deficiente". Assim , os passageiros eventualmente destinados àquelas paragens, sabem de antemão o risco que podem correr. O "terrorismo" nos aviões,fenômeno relativamente recente, é outro "produto" do eterno conflito entre Árabes e Israelitas.

Em seguida, são as longas horas nos aviões que nos levam, primeiramente, ao imenso aeroporto O'Hare, em Chicago, onde é preciso ser um semi-maratonista para mover-se dentro dele. E de Chicago,à belíssima cidade de Seattle no Estado de Washington, no extremo noroeste do país, cuja economia gira em torno da fábrica de aviões Boeing.

De Seattle, sobrevoando parte do Canadá e parte da costa do Estado do Alaska - admitido como Estado da União somente em 1958 -,chegamos em Anchorage(pronunciado "âncorage"), sua maior cidade. Nesse trajeto de algumas horas,temos a vista das montanhas de gelo e dos "icebergs".

O Alaska é o maior, em área, entre os 50 Estados americanos, e a palavra é de origem Eskimó, significando "continente". Como as demais áreas deste Estado, devido à sua grandeza territorial, e à precariedade das pouquíssimas estradas existentes(80% do ano não-transitáveis devido ao acúmulo de neve e gelo),a locomoção depende principalmente de pequenos hidroaviões mono-motor. A presença destes em todo lugar - em tantos casos estacionados em quintais -, é a primeira observação que fazemos nas cidades do Alaska. São dezenas de milhares. Para cada cinco "cartas de motorista",existem três para pilotar os hidroaviões "mosquito". Pequenos, apertados, mas aparentemente seguros. Na maioria são "Cessnas",mas vê-se também alguns fabricados no Brasil.Fizemos uma experiência num deles(nós dois e o piloto, comprimidos como sardinhas),sobrevoando as montanhas de gelo e observando as espetáculares vistas.

O número deles aumenta constantemente, dado que a construção de estradas não pode ter futuro nestes territórios, pois os chamados "glaciers"(geleiras,ou montanhas móveis de gelo), impedem sua construção. Tais "glaciers" vão avançando até esfacelarem-se no oceano ou nos lagos.

Caminhando pelas ruas das cidades do Alaska, nota-se a conspícua presença de uma população com características

asiáticas(Índios,Eskimôs,Aleuts). Constituem 90% da região , e a história destes povos não é muito rica de pontos positivos. Pouco ambiciosos e menos ainda inteligentes: pouco organizados e menos ainda voluntariosos, prevalecendo a indolência e o "laisser-aller". Vivem sob a filosofia do dia-a-dia, e esta é característica que reconhecemos nos nossos próprios índios. São de pequena estatura, pele chocolate, cabelo preto e liso; olhos puxados, pouco sorridentes,como se o homem branco estivesse nestes territórios para destruir aquilo que os locais não têm. Como lembrado num precedente capítulo, milhares de anos atrás, segundo etnólogos e historiadores , seus antecedentes atravessaram o Estreito de Behring(70 quilómetros entre o Alaska e Sibéria) – talvez passando sobre geleiras ou através de pequenos e improvisados barcos –, e alastraram-se por todas as três Américas.

A menos que estamos dispostos a viver ao nível de vida dos acima,o custo de vida no Alaska é caríssimo, e altos são os salários do homem-branco. Segundo aquilo que soube,operários especializados(torneiros, mecânicos,encanadores,etc.) ganham em média, incluindo extraordinários , pois nada há para fazer durante o longo inverno; entre 5 e 6 mil U.S.Dollars por mês. Aqueles que usam parcimônia, conseguem amealhar uma pequena fortuna em alguns anos. Outros, cujo isolamento e clima os levam ao descontrole,deixam o dinheiro ao álcool e nas casas "a luz vermelha", freqüentadas por jovens índias ou eskimôs.

Tudo, ou quase tudo,chega de fora no Alaska.Diz-se que as únicas coisas baratas são o gelo e o salmão. O último parte também da dieta dos ursos. Marrom ou brancos. Os últimos são enormes, pesando até 800 quilos;mal humorados e prontos a arrancar(com uma patada), o braço de alguém que atreva-se a provocá-los. Mas são animais tímidos, que evitam o contato com o homem.

Entre as coisas baratas, temos os terrenos,fora do centro das pequenas cidades(todas pequenas: Anchorage, a maior delas, conta com 70.000 habitantes). Tais terrenos custam menos que zero, pois cobertos de gelo durante a maior parte do ano. Mas quem queira, não obstante,construir uma cabana de lenha e desafiar o clima, não precisa preocupar-se com o custo do terreno!

Isto leva-me a lembrar do mau negócio feito pelo Czar da Rússia, em 1867,o qual vendeu aos Estados Unidos o inteiro território do Alaska(então chamado Rússia Americana e aproximadamente com a mesma área do nosso Estado do Amazonas), pela bagatela de 7.200.000 U.S.Dollars. Tanto é recuperado hoje cada quinze dias com a extração do petróleo!

Do Alaska, onde nesta época do ano estamos sob pleno sol até às 23 ou 23:30, e a claridade do dia nunca desaparece completamente do horizonte, voamos a uma pequena cidade da Sibéria, chamada Magadan, nas proximidades do Mar de Ohostk. Em Magadan, somos obrigados – por uma daquelas misteriosas razões que somente o regime comunista poderia explicar! –, a nos submeter ao controle da Polícia de Imigração e Alfândega. Por que esta parada inoportuna em Magadan, quando o nosso destino é a cidade de Khabarovsk ? Minha impressão – apoiada por outros companheiros de viagem –,é que alguém decidiu dar ocupação aos militares aqui estacionados.

E a maneira "zelótica" que usam para entrevistar passageiros! Como se as notícias da caída do comunismo não tivessem ainda chegado nestas paragens ! e o excessivo rigor com o qual os questionam, servisse ao prestígio do país !

Primeiro passamos por um apertado corredor(como o gado destinado à matança), onde é quase impossível girar-se . Um espelho colocado do lado oposto do oficial de imigração, serve para controlar qualquer movimento suspeito do visitante,que aqui veio deixar seus Dollars.

Depois de uma calma e prolongada verificação do Passaporte e Visto, e depois do controle sobre um grosso livro que mostra nomes de"inimigos da pátria", somos endereçados aos oficiais da Alfândega. Estes, sem uniforme , mostrando uma aparência horrível, quase nos revoltando o fato de termos de dar explicações a esse grupo de jovens relaxados, esgadelhados, com roupas menos que limpas.Tudo somado, é difícil ter por eles algum respeito.

Destes devemos ouvir as tradicionais perguntas, principalmente sobre objetos de ouro, pedras preciosas, medicamentos. É preciso listar tudo num formulário...e mostrar que o "listado" está realmente com o passageiro. Quanto às moedas convertíveis, devem ser contadas com precisão na frente do alfandegueiro; e aquelas escondidas dentro dos não-mencionáveis das damas(medida de segurança!), devem ser removidas pelas mesmas através de ginástica e [illegible] "soutien [illegible]" baraços. Contadas, são repostas entre [illegible] e outros acessórios.

Na modestíssima sala de espera, vemos um balcão [illegible]

do refrigerantes e vodka; mais adiante, outro, vendendo postais e "souvenirs". Os preços,todos mostrados em grandes letras, são naturalmente em Dollars! O Rúblo deve ser desconhecido por aqui!

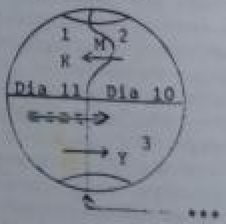
Não é verdade. Assim que o nosso avião parte,alguém deve imediatamente substituir os preços por Rúblos.

Gostaria aqui de desabafar minha revolta contra a exploração que americanos(+aqueles que vivem nos USA)devem estar sujeitos no exterior. Absurdo! Cem vezes,absurdo. Por que devemos pagar sempre dez, vinte vezes mais que outros ? Exemplo está aqui, neste aeroporto de Magadan. Um postal e respectivo selo para o exterior, custa aos russos cinco centavos de Dollar. Para americanos, o preço é um Dollar, isto é, somente 20 vezes mais!

Da limpeza e aparência dos banheiros públicos deste aeroporto, não farei comentários, pois não quero ser taxado de anti-russo, coisa que absolutamente não sou.

•

O nosso vôo do Alaska à Sibéria,incluiu também a passagem pela Linha(imaginária,fixa)Internacional das Datas,e no processo, "perdemos" um dia, pois se a leste da Linha temos o dia 10, ao passá-la estamos automaticamente no dia 11. Processo inverso quando da Sibéria vamos ao Alaska. Neste caso, chegamos ao Alaska no dia anterior. A este respeito, algum leitor destas "Notas" poderá ter esquecido certas coisas do nosso Planeta, e tento ilustrá-las em seguida:



Movimento de rotação da Terra (ao redor do seu eixo). Da esquerda para a direita.Velocidade de rotação:aprox. 500 metros por segundo,ou 30 quilômetros por minuto,ou 1.800 por hora.

(1)Sibéria (2)Alaska Atravessando na direção de (K),chega-se no dia seguinte; atravessando na direção de (Y),chega-se no dia anterior. (M)Estreito de Behring. (3) América do Sul. *** Linha(imaginária,fixa) Internacional das Datas.

De Magadan voamos a Khabarovsk, nas proximidades da fronteira entre Rússia(Sibéria) e a Mandchúria.A última parte da China e aqui inicia-se a nossa "aventura siberiana" propriamente dita.

A primeira lembrança que me vem à mente é a imponente figura de Gregori(chamado Gresha)Emifovich Rasputin(1870 1916), pseudo-monge, nascido e vivido parte da sua vida nestes territórios. Rasputin teve grande influência sobre a família do último Czar,Nicolau II, por ter, segundo superstição, "salvo" de uma doença o pequeno Czarvich (diminuitivo de Czar) Alexis, filho de Nicolau e Alexandra Romanov. Doença chamada hemofilia, ou seja, contínua hemorragia causada pela não-coagulação do sangue.

Rasputin foi um homenzarrão: metro e noventa de altura. Frequentou pouca escola, mas tinha uma extraordinária e magnética personalidade. As fotos do seu rosto não deixam qualquer dúvida a respeito. Peregrinando de uma aldeia a outra - primeiro aqui na Sibéria;em seguida na Rússia ocidental -,ele chegou,em 1903, na mais importante cidade da Rússia de então: St.Petersburg(depois Leningrad e hoje novamente St.Petersburg). Dois anos depois,Rasputin já tinha sido introduzido no círculo da Casa Imperial Russa, dominada então pelo forte temperamento da Czarina Alexandra,a qual via naquele pseudo-monge, um homem Santo, por ter salvo(!) seu filho Alexis.

Nos anos que seguiram-se, de "curandeiro part-time" do pequeno Czarvich Alexis, Rasputin passou a fortemente influenciar todas as decisões políticas do governo russo , inclusive nomeação e eliminação de Ministros. Em 1916,vítima das intrigas por ele mesmo criadas, foi assassinado por membros da Casa Imperial,em circunstâncias pitorescas, segundo a História, motivadas pela sua grande força física. Atacado com vários instrumentos pelos membros da Casa Imperial, Rasputin parecia resistir a tudo; morrendo depois de horas. Em seguida,o corpo foi autopsiado para determinar como era feito aquele assim infernal indivíduo. Sua genitália foi separada do resto do corpo(enorme, segundo aqueles que a viram), posta numa caixa de veludo e pelo resto dos dias do Império,foi passada entre os membros da família imperial,como objeto de curiosidade. No fim da Revolução Bolchevista(iniciada em 1905 e terminada em 1918),toda a família Romanov,incluindo o pequeno Czarvich Alexis, foi exterminada pelos comunistas.

•

A forte impressão que tinha tido no oeste da ex-União
Soviética no fim dos anos '50, quando viajando entre a
fronteira da Polônia e Moscou, onde a vastidão do terri-
tório parecia dominar tudo(como as cores na Índia!),repe
te-se ainda, com maior ênfase, aqui na Sibéria.
Neste longo trajeto, dentro do trem "Transiberiano",en
tre as cidades de Khabarovsk e Irtkusk, a vastidão prati
camente inabitada do território é impressionante. Horas
e horas sem a vista de uma casa, de um campo arado,de um
animal doméstico, de um barco nos rios. Somos dominados
por um sentimento de profunda desolação. Como se o plane
ta Terra fosse desabitado e a única presença de vida,fos
se constituida deste "quilométrico" trem,e dos postes de
força aos lados da via férrea. O resto são imensas
planícies,intercaladas de montanhas. É a chamada "taiga"
(floresta siberiana). Verde e luxuriante nesta época;co
berta de neve e gelo durante a maior parte do ano.
Esta vastidão faz-me pensar nas aglomerações das gran-
des cidades, onde o homem vive apertado e abusado. Mas
contra a bondade do espaço da Sibéria, está o isolamento
e o clima rude. Oito meses por ano sob neve e frio; ou-
tros dois sem neve mas sempre frio.Os restantes dois,com
um "verão" que nada tem de parecido com aquele das lati-
tudes mais baixas. Faz-me também pensar no eterno con -
flito entre árabes/palestinos e israelitas,por uma insig
nificante área de terra, enquanto aqui há tanta !
Ligado ao problema do Médio-Oriente, durante uma cami-
nhada que fiz pelo parque adjacente ao nosso hotel,na ci
dade de Khabarovsk, encontrei um grupo de jovens e com
eles procurei um contato. Eram hebreus russos, estudan-
tes, pertencentes à organização internacional hebraica
chamada B'nai B'rith. Tão curioso pelas coisas da Sibé-
ria como eles pelo ocidente,passamos horas falando de tu
do. "Por que",perguntavam, "os USA não nos ajudam a sair
da Rússia, onde somos malvistos e perseguidos ?".
"Não seria muito diferente lá", respondo. "Lembrem-se
que o principal motivo das boas relações entre USA e Is-
rael, está no fato que Israel é o único aliado americano
no Médio-Oriente, pois os países arabes - tradicionalmen
te -, nunca mostraram-se muito amigos. Lembrem-se também
que a presença de um considerável número de hebreus nos
USA(três vezes mais que em Israel), contribui para estas
boas relações... mas os hebreus nos USA são tão bem ou
tão mal vistos pelos gentis, como em qualquer outro lu
gar". "Por que...por que ?", replicavam eles. "Não co -
nheço a resposta. Talvez seja por questão de simpatia ;

talvez por uma questão de tradição, pois odiar os hebre-
us foi sempre "de moda". Talvez pelas profissões de usu-
rários,coletores de impostos,penhoradores de mercadorias
alheias em troca de juros, que os hebreus, desde tempos
remotos,exerceram na Europa. Talvez pelo vosso isolacio-
nismo, o qual, apesar do fenômeno da Diáspora(dispersão
pelo mundo, durante séculos),o vosso povo nunca integrou
se com aqueles dos países hóspedes, mantendo-se sempre a
partado e considerando-se primeiro hebreus, depois ale -
mães; primeiro hebreus, depois franceses e assim por di-
ante.Talvez pelos segmentos ortodoxo e super-ortodoxo da
vossa raça, contrários à integração e mesmo contrários à
criação do Estado de Israel, a qual, segundo tal ortodo-
xia, deveria ser um "ato divino",comandado por "YHWH"(De
us)e não como a realidade que nos é hoje conhecida. Tal-
vez pela tradição do vosso povo de ganhar 10 e gastar 5,
portanto construindo riqueza, enquanto a massa ganha 10
e gasta 11, portanto vítima da inveja, pois tem menos; e
tradicionalmente inimiga daqueles(hebreus ou não)que têm
mais que ela. Talvez porque homens como Hitler e Stalin
usaram este tradicional sentimento da massa para à raça
vossa dar culpa de todos os males do mundo.Talvez porque
um segmento fanático da Cristandade considera vosso
povo como os assassinos de Cristo, quando ele mesmo,como
está claramente demonstrado nos Evangelhos,era ele mesmo
considerado o rei dos hebreus. Talvez porque o vosso po-
vo deu ao mundo homens de grande inteligência, e també
disto a massa tem antipatia,pois queria todos vulgares ,
medíocres e ignorantes como ela. Finalmente, por uma pe
quena dose de cada um de todos estes fatores. Lembrem -
se, acima de tudo,que neste mundo feroz e injusto,não é
preciso ser hebreu para ser malvisto e tantas vezes odia
do.Tenho o exemplo no meu próprio país, onde habitantes
do nosso norte/nordeste,imigrados ao sul,podem ser víti-
mas do racismo e odiados tanto quanto os hebreus. E mui
tos daqueles que exercem tal racismo, vão religiosamente
à missa nos domingos, como prova da própria piedade! Por
tanto, caros amigos, não conheço uma resposta precisa à
vossa questão. Talvez somente as lições da nossa Histór
a poderão dizer alguma coisa parecida com a verdade. E
esta nunca será simples ou límpida".

*

Foi um grande acontecimento internacional, quando no a

no de 1896, o Czar Nicolau II inaugurou a estrada de fer
ro chamada "Transiberiana", cujos trens, na ocasião e ao
contrário do presente, eram puxados com locomotivas a va
por. Vinte anos depois,ela cobriu a inteira distância en
tre Moscou, na Europa oriental e Vladivostok, no mar do
Japão. 5787 milhas de ferrovia, ou aproximadamente no-
ve mil e seiscentos quilômetros. Na sua grande maioria ,
com uma só via. O inteiro trajeto é feito entre 6 e seis
e meio dias, dependendo das condições atmosféricas.

A nossa viagem no extremo leste da Rússia incluiu dois
dias e meio e duas noite a bordo do "Transiberiano".

A composição, formada de vinte vagões-dormitório,um va
gão restaurante e uma ou duas locomotivas, dependendo do
trajeto, media aproximadamente meio quilômetro. Velocida
de máxima estimada em 50/60 quilômetros por hora, devido
à nem sempre perfeita manutenção, motivada também pelas
condições do clima. A via parece suportar com dificulda-
de o peso da composição.

Os dois vagões reservados aos estrangeiros são bastan-
te modernos e limpos, oferecendo razoável conforto. Suas
cabinas, com quatro camas sobrepostas,em dois grupos,são
usadas por um só casal,deixando assim bastante espaço pa
ra malas. A simples passagem pelos corredores dos vagõ-
es reservados aos estrangeiros, é proibida aos viajantes
russos,os quais são mantidos à distância(!),como se fos-
sem portadores de moléstia contagiosa! Presenciamos um
episódio quando dois jovens russos introduziram-se nos
vagões reservados aos estrangeiros - talvez movidos pela
curiosidade -, e foram imediatamente e sem cerimônia en-
xotados pela segurança! Coisas que para nós ocidentais
pareceram estranhas e não podem ser facilmente aceitas .
Nas paradas, quando os passageiros - russos e estrangei-
ros - têm permissão para descer para esticar as pernas ,
a segurança fica de plantão, diante da entrada dos nos-
sos vagões, para evitar a entrada de russos. A explica -
ção que nos foi subseqüentemente dada, é que o contraste
entre a aparente pobreza dos locais e a aparente riqueza
dos estrangeiros, convida o surripiu,pelos primeiros, de
tudo que esteja abandonado à vista nas cabinas dos es-
trangeiros.

Foi sempre assim na ex-URSS, e assim é ainda hoje. Os
estrangeiros e seus haveres foram sempre vistos como "su
periores"(!), pois lembro de episódios semelhantes quan-
do da minha viagem em 1959.

A reputação da Rússia desde os mais remotos tempos e
não somente devido aos 75 anos de comunismo,e quando com

parada com o oeste europeu, foi de um país atrasado, ine
ficiente e habitado por povos indolentes. Talvez tudo is
to tenha criado um secular complexo de inferioridade no
seu povo.

Situação oposta nos vagões destinados aos locais. Is-
to observamos quando os atravessamos, indo em direção do
vagão-restaurante. Seus passageiros passam dias e dias a
montoados como sardinhas, num ambiente de semi-promiscui
dade. Os vagões parecem ser constantemente vandalizados,
sujos e com um odor revoltante. Alguns passageiros dos
vagões-para-locais são simpáticos, procurando responder
aos nossos tentativos de contato. Outros, carrancudos,co
mo se nada na vida fosse a eles agradável.E naquelas con
dições, era difícil culpá-los pela falta de verniz!

O vagão-restaurante, comum a locais e estrangeiros,mas
quando sentam-se os estrangeiros os russos estão au-
sentes, e vice-versa, pois também aqui vale a separação;
ganha nota muito baixa na "escala sanitária", e o servi-
ço é de "quarta ordem". Cozinheiros e garções sem unifor
me , usando roupa pouco limpa. Cozinha indecentemente su
ja,com apetrechos que devem ter servido os Czars cem a-
nos antes ! Mas sob as circunstâncias da viagem, os es -
trangeiros não têm alternativa, senão fazer uma semi-di-
eta, como foi meu caso. Estes,previamente advertidos des
sas condições e da alimentação disponível, levam na baga
gem um sem número de petisqueiras para tapear o estômago
(doces, chocolates,biscoitos). Nas paradas,ao lado de al
deias aparentando um atraso centenário, mas não obstante
objeto da nossa curiosidade:muitas das quais devendo sua
atividade à proximidade de "gulags"(campos de concentra-
ção,tão bem descritos por Aleksandr Solgenytzin no seu
livro"Arquipelago dos Gulags"),vemos pequenos agriculto-
res-negociantes . São representados por mulheres,pois na
Sibéria, principalmente, mas em geral em toda a ex-URSS,
são elas que fazem os trabalhos pesados. Vendem bolinhos
de repolho, pão de cereais, leite e outras coisinhas.

Durante o nosso trajeto,com exceção dos pontos de par-
tida e chegada (respectivamente,cidades de Khabarovsk
e Irtkusk), paradas não são feitas em estações ferroviá-
rias propriamente ditas,mas ao lado de pobres e miseráve
is aldeias,cujos habitantes devem ver o nosso grupo como
"milionários chegados do ocidente"(!). Tais al-
deias são constituídas de pequenos grupos de casas de ma
deira, modestíssimas e mal conservadas, mas sempre - co-
mo é tradição em toda a Rússia -,com flores nas janelas.
Ao redor de cada casa, pilhas de lenha que será usada pa

ra a calefação, durante o inverno.

É também"tradição"em todo o Oriente(exceção:Japão) que tudo seja deixado à mercê da passagem dos anos...até que o último pedaço caia! Exceção a esta regra são os monumentos de mármore e alabastro, construidos pelo regime (nos países comunistas), para comemorar os "grandes feitos do comunismo". São impecavelmente conservados, formando um tremendo contraste com a pobreza - sempre comparada com a Europa ocidental -,que espalha-se ao redor. Dizem as inscrições: "Glória ao Partido! Glória a Lenin! Glória a Stalin! Glória às grandes vitórias do povo sobre o imperialismo!"... mas quando olhamos ao redor, vemos que toda aquela glória pouco serviu às básicas necessidades do povo! O capital e esforço empregues naquelas grandiosas obras, seriam melhor aproveitados na construção de decentes moradias. Mas as populações locais, vividas 75 anos sob o regime,e principalmente porque desconhecem o padrão de vida da Europa ocidental e dos USA (e mesmo de algumas áreas da América Latina), parecem aceitar a situação com resignação. Na verdade, o único "prazer" que possivelmente têm, é aquele de não ver ricos, nem ostentações de riqueza ao redor, o que, a contas feitas, é já alguma coisa !

Voltando às paradas do "Transiberiano",foi motivo para divertimento a ação de uma velha senhora do nosso grupo, que queria a todo custo,comprar leite de uma mulher-agricultora. Esta tinha seu leite em pequenas garrafas.A língua era naturalmente uma barreira intransponível. A nossa companheira de viagem usou então um método prático de comunicação. Apontou às garrafas e fez à vendedora:"Bééééé...". E a vendora respondeu: "Muuuuuu....". Tinha assim sido estabelecido que o leite era de vaca e não de cabra. Negócio feito!

Este fato faz-me lembrar dos meus primeiros dias na França(1958), quando uma noite acordei-me com uma terrível dor de estômago, sabendo que um copo de leite resolveria o problema. Desci as escadas do super-modesto hotel, em pijamas, e procurei explicar ao semi-adormecido porteiro da noite, com gestos, que queria um copo de leite. Ele não entendia, pois não conhecia o português e eu não o francês. Depois de dez minutos de uma absoluta e desesperada incomunicabilidade, decidi desenhar um homem mungindo uma vaca. Ah! Ah! gritou ele:"du lait, du lait ...du lait", e lá veio ele com o tanto esperado copo de leite.

As paradas noturnas são longas,fazendo-me pensar que o
maquinista foi fazer suas necessidades em algum campo ad
jacente. Ponho a cabeça fora da janela mas nada vejo, a-
lém dos infinitos trilhos na nossa frente, e imediatamen
te vem a interrogação: "por que terá parado?".Mas não há
resposta! Ando pelos corredores dos vagões à procura de
alguém com quem falar,mas às 3 da manhã, quando a minha
vontade de dormir desapareceu, ninguém encontro. Nem mes
mo a gorda funcionária das ferrovias,encarregada da segu
rança. No segundo vagão destinado aos estrangeiros , o
qual e utilizado a 50%; não obstante, não disponível aos
russos, que mais além estão amontoados como sardinhas ,
encontro Ivan Mikahilovich(indicando com o "vich" ser fi
lho de Mikahil), espécie de guarda-noturno ferroviário ,
também ele vagueando pelos vagões. Na solidão da noi-
te siberiana,ele prepara um pote de "tchai"(chá). Acende
mos dois "papiroskis"(cigarros russos, onde tudo é papel
e pouco é tabaco). Falamos de tantas coisas. Finalmente
trocamos endereços.

Esta troca de endereços faz-me lembrar de um fato curi
oso do passado. Daqueles impossíveis de ser esquecidos ,
e aqui vai aquilo que dele lembro.

Anos atrás, na cidade italiana de Gênova, encontrei um
daqueles personagens que pela simplicidade, dão colorido
à nossa espécie. Ao mesmo tempo, nascem e desaparecem na
quele imenso "caldeirão", mencionado no Prefácio destas
"Notas", onde fervem ilusões, lutas, remorsos, ambições,
intrigas, amor, sonhos e esperanças... e que finalmente
desaparecem sem deixar traço.

Chamava-se Indelicato Segamiglio.Típico nome da Região
Campânia,onde está Napoles. Homem maduro nos anos.Ocupa-
va-se da lavagem de "machinas"(pronuncia-se "máquinas" ;
no italiano significando "automóveis"), às bordas do por
to daquela cidade do noroeste da Itália. Ele era o re -
trato da simplicidade. Exuberante simpatia, como são em
geral os napolitanos. Como sempre acontecia(e acontece
ainda), a minha curiosidade levou-me a estabelecer uma
relação, transformando-se em poucos dias numa quase-ami-
zade.

Quando o vi pela última vez, Indelicato contou-me que
queria voltar à sua terra(Nápoles), para estar junto dos
seus familiares. Ele tinha ido ao norte da Itália para
fugir à pobreza do sul, e acumular algumas Liras, mas a
solidão o estava destruindo.

Quando serrei sua mão, despedindo-me,ele tirou do bol-
so, num gesto instantâneo, um cantinho de papel, dizendo

que ali estava seu endereço e pedindo-me que escrevesse. Dias depois, encontrei aquele pedacinho de papel perdido no bolso. "...o que será isto ?",foi a minha reação. Desdobrando-o com cuidado, como se dentro pudesse estar um dente caído,e que na próxima etapa planejamos repô-lo no lugar,notei uma caligrafia difícil de ser compreendida.O simpático Indelicato era certamente um semi-analfabeto,e os ganchos e garranchos da sua caligrafia, pareciam um monte de guarda-chuvas mal arrumado. Finalmente, consegui decifrar o endereço. Aqui está a tradução para o português:

> "Indelicato Segamiglio, segunda travessa da Via(rua)Ippólito; Bassa(favela)Del Monte. Portão verde. Os cães latem três vezes, mas não mordem.Não confundir com o cão preto do vizinho. Napoles."

Como os correios italianos pudessem jamais encontrar um assim exótico endereço, estava além da minha compreensão ! Era o mais exuberante endereço que tinha até então conhecido!

Meses depois, escrevi umas linhas ao Indelicato, encorajando-o a lutar pelos seus objetivos; não dando trégua à solução dos seus problemas.

Para minha grande surpresa, recebi sua resposta, requerendo um moderno Champollion para decifrá-la. Mas no fim da cartinha, dizia Indelicato: "...o cão preto do vizinho morreu. Favor eliminá-lo do endereço".

•

Improvisamente, sente-se a puxada das locomotivas e a composição põe-se novamente em marcha. Recolho-me à nossa cabina, onde Diva continua seu abençoado sono,como se o trem tivesse prosseguido a viagem sem interrupção.Vejo as primeiras luzes do dia, e ao mesmo tempo, o ruído das portas das demais cabinas,que abrem-se e fecham-se, indicando a "corrida" dos passageiros aos WCs. Aventuro-me também pelo corredor,onde encontro um pequeno grupo de americanos, nossos companheiros de viagem. Cada um com sua toalha e sabonete, esperando a vez. E o trem continua rodando, como se seu destino fosse o infinito.

Na nossa idade, dois dias e meio dentro de um trem,por

mais confortável que seja, não é coisa fácil de ser enfrentada.Mas foi uma grande e interessante experiência , pois nenhum trajeto ferroviário oferece tanta diversidade na paisagem como este feito pelo "Transiberiano". E cada dia éramos avisados da"nova hora". Atrasando os relógios quando indo na direção oeste(direção de Moscou) e os adiantando quando na direção oposta.

O nome das aldeias e pequenas cidades onde fizemos parada, nunca mais que 15/20 minutos, na parte da Sibéria costeando Mandchúria e Mongólia, era já motivo de curiosidade: Mogocha, Chernyshevsk, Shilka Petrovich,Ulanude, Birobidzhan, Karymskaya, Chita, Erofey Pavlovich,Amazar, Petrovsky e Slyoyanka. Na Província de Irkurtsk,numa pequena aldeia chamada Novaja Uda,Stalin esteve exilado em 1903.

•

Na volta à cidade de Khabarovsk, desta vez por avião,a minha curiosidade levou-me uma noite a conhecer o apartamento de um casal, nos grandes edifícios construídos pelo governo. O casal,contatado por acaso(!)na sala de espera do nosso hotel, apresentava-se com roupas e maneiras da média-burguesia. Mas que desastre quando chegamos no edifício onde moravam! Considerado um dos melhores da cidade. Escadas quebradas,parecendo ter sobrevivido aos efeitos de um terremoto; elevadores para chegar ao nono andar, inexistentes. Paredes num estado de conservação horripilante. Dentro do apartamento, onde a mobília era praticamente amontoada no pequeno espaço disponível, chamava a atenção o assoalho. Grandes brechas, por onde(podia imaginar) deveriam entrar insetos de todas as variedades, e talvez algum rato. O banheiro (um cubículo de metro quadrado), não dispunha de caixa-d'água (arrancada e possivelmente jogada em algum canto), portanto,sua limpeza devia depender de baldes d'água trazidos do andar inferior.A pequena pia,também esta num estado lamentável e esperando (segundo o casal) o reparador do governo - que tinha sido chamado seis meses antes -, não contava com água corrente.

O aspecto verdadeiramente interessante daquilo tudo, o qual mostra quanto este povo é ainda ignorante do que temos no ocidente, está no fato que, normalmente, uma família do ocidente, vivendo em tais condições,teria vergo

nha de expor tal habitação a estranhos. Não parece ser o caso aqui !

Entre as coisas objeto da conversação,entrou a questão salários. Eu, procurando fugir do assunto, pois se mencionasse aqueles da Europa ocidental e USA, poderia ofendê-los. O casal, porém, não fez mistérios. Ele, funcionário público ganhava(traduzidos Rúblos em Dollars),o equivalente de US$42 por mês; ela, funcionária da Intourist(Agência de Turismo Nacional),US$32. Setenta e quatro U.S.Dollars por mês, ou 888 por ano. Considerado aqui uma boa receita para um casal sem filhos. Aluguel 12 Dollars por mês. Manutenção do apartamento...gratis,desde que o inquilino esteja disposto a esperar meses pelo reparador do governo! Manutenção das áreas comuns do edifício:certamente inexistente.

Serveria tal exemplo para formular uma regra geral ?

Não é fácil responder,mas se a observação da parte externa daquele e d'outros edifícios indicasse alguma coisa, era difícil ter dúvidas que aquele estado de coisas não fosse generalizado.

Mas a propósito do assunto,lembro aqui de uma velha estória contada nos países comunistas.Tratava-se de uma família que tinha pedido ao governo de instalar um telefone na própria residência. Foi avisada pelo funcionário que haveria demora, mas que seria instalado 14 anos depois. Um dos membros da família perguntou então ao funcionário "se a instalação seria feita na parte da manhã ou na parte da tarde".

O funcionário, exaltado e surpreso com tal absurda pergunta, respondeu: "...que diferença isto faz ? " , recebendo a seguinte resposta: "...precisamos saber, pois na parte da tarde vem o encanador do governo reparar um cano furado".

Há uma coisa nas cidades da Sibéria que mereceria um filme. Refiro-me a certos grupos de casas,possivelmente datando da época pré-comunista,e então habitadas por famílias de "kulaks"(proprietários de glebas).

São magníficas! Não vi em outra parte do mundo tanto bom gosto na combinação das cores e na simetria arquitetônica. Feitas de madeira, entalhadas à mão, parecendo obras d'arte.

Foi na cidade de Irkustk e nas proximidades do Lago Baikal que as notei. Quando possível, parei diante de um grupo delas, observando também os quintais; abrigando algum cavalo; pombos que esvoaçavam pelos telhados;escadas

que dos quintais levam diretamente às açotéias.

Impossível desfazer-se da impressão que certas casas da Sibéria nos deixa !

A nossa viagem nos levou também ao Lago Baikal,cuja extremidade sul encontra-se a 150 quilômetros da fronteira da Mongólia. É o mais profundo lago do mundo (1.900 metros), absorvendo água de 36 rios e dando vida somente a um: o rio Angará. Durante o inverno,toda sua superfície congela-se e os seus 651 quilômetros de comprimento podem ser transitados.

Da Sibéria, refazendo o mesmo itinerário, voltamos de avião ao Alaska. Depois de uma noite em Anchorage, prosseguimos para o porto de Seward, onde iniciamos a penúltima etapa da nossa viagem; pela costa daquele Estado,inserindo-se pelos estreitos para a observação dos "glaciers".

*

Este transatlântico holandês,chamado "SS Rotterdam"foi lançado no fim dos anos '50, quando ainda havia uma certa solidez nas construções; precedentemente ao subseqüente domínio do plástico. Mesmo problema com automóveis. Àqueles de hoje esfacelando-se com a primeira batida!, ou com a construção das casas. Hoje tudo é feito para durar pouco tempo... assim os clientes voltam com maior freqüência; mas se fossem sólidos como no passado, alto seria o custo e somente uma pequena porcentagem da população poderia comprá-los. Outro exemplo da vulgarização do homem !

Seus diversos salões,teatro, bares, biblioteca, restaurantes, pequeno hospital, salas de conferência,lojas,cassino e tantas outras dependências, são distribuídos entre oito convéses(andares),servidos por seis elevadores. Tudo atapetado e ricamente decorado,pois nos anos da sua construção não havia economia de detalhes.

Ao embarcar,a nossa cabina nos espera com flores e garrafa de champanhe. Cortesia da Agência de viagens que organizou a inteira viagem.

As cabinas, das mais luxuosas nos convéses superiores,

às menos prestigiosas naqueles inferiores, oferecem todo conforto possível. Suprido de estabilizadores, os quais têm a função de evitar que a nave sofra balanços provoca dos pelo oceano, o "SS Rotterdam", com suas 38.000 tone- ladas de peso e 225 metros de comprimento, navega doce - mente. Parando aqui e ali para que os passageiros possam olhar e fotografar os "glaciers" da costa do Alaska.

A tripulação de bordo é composta de 615.Juntamente com os 1.200 passageiros,formam uma população flutuante de 1.815 pessoas. A maioria dos tripulantes é representada por indonésios, os quais ocupam-se dos serviços de cabi- na, restaurantes e manutenção. A Indonésia(no sud-este a siático) foi até 1945, colônia da Holanda, e sendo esta Linha holandesa, é natural que dê preferência a este po- vo doce e afável. Os indonésios, como outros povos daque la região da Ásia, são de pequena estatura, pele choco- late, cabelos lisos e sempre sorridentes. Aqueles empre- gues por esta Linha,têm entre 18 e 22 anos. Humildes e bem uniformizados, servem os passageiros com grande pro- fissionalidade, tendo previamente freqüentado escolas da hotelaria no país de origem.

Menos numerosos mas igualmente eficientes, são os fili pinos. Ocupam-se da cozinha e da limpeza das áreas co - muns.

As sete mil ilhas que formam o país hoje chamado Fili- pinas,foram por trezentos anos dominadas pela Espanha. O nome Filipinas têm origem no rei da Espanha,Felipe II.Es ta influência espanhola, explica porque os filipinos são menos doces e humildes que os indonésios. Os espanhóis não são conhecidos pela paciência e humildade! Eterna- mente explosivos, como são também italianos, gregos e ou tros caucasianos do Mediterrâneo.

É uma antiga tradição marítima, aquela de não misturar raças entre os tripulantes, e quando isto não pode ser e vitado - como parece ser o caso presente -, devem ser mantidas quanto possível separadas. Experiência mostra que tal segregação ajuda a minimizar conflitos, e os tri pulantes de navios, diga-se de passagem,são campeões da provocação deles!

Nos primeiros anos que seguiram o fim da segunda gran- de guerra, aproximadamente entre 1945 e 60,foi da Itália que as tripulações dos navios foram contratadas em blo - co.Aquela nação estava destruida e quando isto acontece, seus habitantes tornam-se mais doces, humildes e menos

prepotentes. Aconteceu no passado com a Babilônia, Assí- ria, Fenícia, Grécia e Roma, quando aquelas antigas na- ções tiveram que subjugar-se a outras! E assim aconteceu com a Itália. Mas quando, a partir do início dos anos'60 o país conheceu o grande "boom" econômico,durado até re- centemente, seus habitantes perderam a docilidade e a hu mildade, e voltaram a ser aquilo que os povos do Mediter râneo sempre foram;usando a prepotência do caráter e tan tas vezes a falta de educação. Altos e baixos, portanto. Caso oposto com anglo-saxões; mais frios,mais realistas, menos conflituosos e menos vítimas dessas intempestivas "transformações"!

Ambos grupos de tripulantes(indonésios e filipinos) a- presentam,como parte do próprio trabalho e com grande or gulho, um "show" noturno,com música e trajes dos respec- tivos países.

Os oficiais de bordo(aproximidamente 20 deles), do Co- mandante aos Aspirantes a Oficial, são naturalmente ho - landeses. A Holanda, este pequeno país europeu, tem uma população total igual àquela da nossa cidade de S.Paulo, e um território, cuja área caberia sete vezes dentro do mesmo Estado. Mas é um país altamente desenvolvido. Tem também grande e longa tradição marítima. Seus navegado - res foram célebres já nos séculos das descobertas.Não há continente onde não tenham baixado âncora; em tantos ca- sos dominando parte do território, como foi o caso do nosso nordeste.

Durante os meses de primavera/verão, o "SS Rotterdam" faz a rota da costa do Alaska e parte daquela canadense. Nos meses invernais, quando os turistas desta zona desa- parecem, faz a rota da Flórida, Caraíbas, Canal do Pana- má e Havai; ou a costa leste da América do Sul, chegando até Buenos Ayres.

Muitos dos tripulantes indonésios e filipinos com quem conversei, estiveram em Belém, Recife,Salvador,Santos e Rio, e lembram com saudade dos nossos portos, onde, se- gundo eles, "a vida é barata". Um indonésio, cuja princi pal religião do seu país é o Islamismo, contou-me ter su bido numa montanha do Rio "onde há um homem de braços a- bertos"(!).

Segundo meus cálculos aproximados (pois queira ou não devo sempre fazer cálculos, pois amante dos números), a

Linha, nesta "cruise" do Alaska, deve ter aproximadamente mil Dollars de lucro líquido por passageiro. Portanto, seus 1.200 passageiros contribuem, cada sete dias, com um milhão e duzentos mil Dollars para os cofres da companhia. É um caso especial, pois o navio deve estar completamente amortizado, depois de 33 anos de uso. Certamente um ótimo negócio.

Da comida de bordo, seria preciso escrever um capítulo à parte! Outra tradição marítima é a abundância de comida. Das 6:30 da manhã à meia noite, é um contínuo servir aquilo que o mais exigente dos paladares possa exigir. E não trata-se somente de quantidade, mas da melhor qualidade, incluindo especialidades, como "salmon fumè", queijos de diversos países, caviar, chocolates;também de diversos países. Tudo incluido no preço da passagem.

Foi interessante observar que uma grande parte dos passageiros americanos, ao invés de aproveitar estas especialidades, concentravam-se diante da seção onde eram servidos "hot dogs" e "humburgers"! É difícil separar-se da tradição e dos costumes do próprio país. Conheci italianos, já avançados na idade, que nunca tinham passado um só dia sem comer "la pasta"; ou ingleses que nunca souberam passar sem o "kidney pie"(torta salgada de rim) ou mexicanos, sem a "tortilla"; ou franceses sem "les pommes de terre frites"(batatas fritas); ou alemães sem a "kartoffel salat"(salada de batatas); ou portugueses sem o "bacalhau espiritual"(bacalhau esmiuçado e preparado como uma pasta); ou brasileiros sem o feijão e arroz.

Nesta viagem temos um pianista de fama internacional,uma orquestra e dois conjuntos. Como a maioria dos passageiros é da terceira-idade,prevalece a música romântica. Alguns preferem perder seus Dollars no Cassino, onde vê-se gente completamente absorvida pelo pocker, roleta ou "black jack".

Durante o dia, com exceção do tempo das paradas (de 3 a 6 horas), temos vários esportes,lições de culinária , desfile de modas, aulas de ginástica. Segundo minha observação os passageiros são etnicamente distribuidos assim: 50% americanos cristãos, 35% americanos hebreus,5% europeus, 5% asiáticos e os demais 5% de outras áreas.

O nosso trajeto marítimo de sete dias terminou no porto canadense de Vancouver, no seu extremo sodoeste: be-

líssima cidade, de onde prosseguimos, via rodoviária, para a cidade de Seattle,no Estado americano de Washington.

Depois de alguns dias visitando os Parques Nacionais da área,voamos para Chicago e sucessivamente para Greensboro.

Tinha fim mais uma das nossas viagens.

A bordo do "SS Rotterdam", na costa do Alaska.

E agora, aonde ? ...pois o verdadeiro viajante é aquele que nunca chega!

Repitir, talvez,a "grande viagem" feita 50 anos atrás, de S.Paulo ao Rio Grande do Sul,quando tinha quinze anos incompletos !

Se uma recompensa é devida ao meu "nomadismo", é aquela de poder continuar viajando,procurando sempre o novo, o incerto e o desconhecido.

Em todos estes anos, nunca moramos em casa própria.Fui continuamente refratário à idéia de "fixar residência" , ou de "por raízes" em algum lugar. Sentir-me-ia "condenado" a uma cidade ou a um país... e a vida é assim curta e efêmera,que é quase impossível acharmos tempo para tal extravagância!

Os anos,porém, passam com uma incrível rapidez e falta-me a energia e o entusiasmo de outrora. Malgrado esta condição, cada vez que entro num aeroporto, ou estação ferroviária,ou vejo um navio, sinto a pele arrepiar-se! num misto de emoção, alegria e também tristeza.

De tanto em tanto me vem à mente as palavras daquele bom Salesiano, companheiro de cabina , em 1958, no "Conte Biancamano", e sinto a grande satisfação de ter sobrevivido aos "invernos europeus" e a outras coisas mais sérias, difíceis e penosas.

Sem filhos e sem nada que nos ligue aqui ou ali, o problema de onde terminar nossos dias é debatido com Diva . Foi nesta criatura,boa e honesta, que encontrei um salutar freio à minha expansividade e à minha tendência a tomar riscos. Os nossos temperamentos são diametralmente opostos ! Com sua compreensão, com sua paciência, com a sua moderação, foi talvez a única mulher que poderia ter suportado, por mais de 40 anos, um temperamento e uma agressividade como foi a minha no passado. Mesmo se nem sempre no sentido pejorativo,mas aquela agressividade positiva que penso seja necessária neste mundo, tantas vezes feroz, injusto e hipócrita, e que não perdoa os "losers". Fui um homem solitário,ambicioso, controverso e

pragmático, e talvez, acima de tudo, um romântico,no seu
rigoroso sentido. Incapaz de fazer marcha-a-ré diante de
problemas e adversidades. E tantas vezes, por esta atitu
te, paguei um altíssimo preço!

Se não fosse pelo clima excessivamente quente,pela di-
ficuldade que certamente encontraria em readaptar-me ao
pouco ortodoxo estilo de vida da nossa gente - onde é
preciso ter uma "carga toda especial"de energia, para fa
zer face ao "bombardeio" de escândalos políticos e finan
ceiros; à inflação, ao bombástico temperamento e princi-
palmente à pouca seriedade do nosso povo -, o Brasil po
deria bem ser a "meta final". Mas não é o caso; ou pelo
menos não o é sob as presentes circunstâncias, mesmo se
considero sempre o Brasil como minha pátria;palavra hoje
fora de moda para tantos. E este de "patriotismo" é um
sentimento,que no meu caso pode parecer contraditório e
inepto. Mas é leal.

Meu sonho não seria ver hoje um Brasil com menos daque
les problemas típicos dos países em desenvolvimento,pois
a contas feitas, é um estágio que alguns dos países no -
vos devem passar. Resta portanto a esperança que os anos
futuros consagrarão ao nosso povo,a solução daquele nos-
so verdadeiro grande drama: a falta de seriedade.

Uma país de gente verdadeiramente séria,sem ser neces-
sariamente utópica ou fanática. Disposta a"enterrar" uma
vez por todas, aquela nossa tendência à improvisação. Sé
ria nos estudos, séria no negócios, séria nos atos dos
nossos governos, séria nas relações humanas,séria nos ho
rários, séria na construção da família, séria no traba -
lho. Pronta a trabalhar 25 horas(sic) por dia e dedicar
as demais ao estudo, à leitura dos bons livros. Não im -
portando se temos 20 ou 60 anos !

Deixando final e definitivamente de lado aquele nosso
abominável espírito de caçoadas, de deboche,de brincadei
ras e da celebérrima mentalidade do "jeitinho", com tudo
aquilo onde caçoadas,deboches,brincadeiras e "jeitinhos"
não tem absolutamente lugar. Um povo que pusesse corpo
e alma à disposição do trabalho, em todas suas formas, e
da obtenção da riqueza - no seu sentido justo,e não na
sua vulgar e pejorativa interpretação. Deixando de lado,
definitivamente, o costumeiro objetivo de endereçar as a
ções à procura do divertimento,em todas aquelas modalida
des em que somos maestros.

É com este Brasil que sonho !

Este meu julgamento naturalmente não concerne todos os
brasileiros. Longe disto. É inegável que uma porcentagem
da nossa população, a qual inclue todas as categorias so
ciais, raças e religiões, não carece das qualidades e da
seriedade que possamos encontrar em qualquer outro povo.
Mas concerne, não de menos, a sua grande maioria. Onde
a ignorância impera. Onde ao invés de comprar um livro,
ou tratar dos dentes, ou assistir a um concerto de músi-
ca séria, ou frequentar escolas, ou fazer economias , à
aos divertimentos, ao carnaval, ao samba, ao futebol, à
sonegação dos impostos (e relativo público auto-elogio
pela esperteza!), que as energias são endereçadas.
Que desastre !

Mesmo se devemos considerar que o território do nosso
país não teve a melhor das sortes, no que concerne seus
primeiros e mais recentes colonizadores. O país foi basi
camente colonizado por povos, cujos países de origem são
ainda hoje considerados de "segunda série", por aqueles
de "primeira"(Europa do norte, USA,Canadá, Japão). E a
corrupção e a falta de seriedade em países como o nosso,
nada mais são que a transplantação da corrupção e da fal
ta de seriedade dos países de origem, onde tudo isto con
tinua ainda em "grande voga"!

Mas não é este o único fator do nosso drama.

Um segundo, importantíssimo elemento negativo, é o nos
so clima. E os países(ou áreas) de clima quente, parecem
ter exclusividade em englobar "países em desenvolvimento
ou em eterno desenvolvimento". Os fatos da História são
absolutamente claros nisto.

Mas aos acima devemos juntar outros fatores. À seme-
lhança dos povos do Mediterrâneo e adjacências(portugue-
ses,espanhóis,italianos,gregos,árabes), somos vítimas de
um excessivo "emocionalismo" e "sentimentalismo", e por
estes somos tantas vezes guidados e dominados à não-solu
ção dos nossos problemas.

Mesmo se, em si,"emocionalismo" e "sentimentalismo"pos
sam ser grandes qualidades humanas... mas não muito além
disto, neste mundo cruel,injusto e hipócrita,onde impera
o poder e a força do dinheiro.

Finalmente,temos a conspícua presença do negro,ao qual
é impossível negar grande abilidade nos esportes, nas ar
tes da dança e do canto. Infelizmente,também neste caso,
não muito além disto.

Diante de todos este fatores negativos, o que podemos
esperar do Brasil nos decênios futuros ? É uma interro

gação difícil de responder.
Gostaria de juntar a estes comentários,uma questão que
nestes anos me tem perturbado e que não consigo "dige-
rir"; parada no estômago como uma grande e pesada pedra.
Inicialmente nos cinemas, depois nas TVs dos inúmeros
países visitados, quando um documentário sobre nossa ter
ra é mostrado, a coisa é sempre - repito: sempre ! -, a
respeito do carnaval, dos garimpeiros(sujos, pois o tra-
balho é aquele que é; miseráveis, pois abusados e explo-
rados; mal nutridos e semi-nus, porque pobres e infeliz-
mente ignorantes); a respeito das favelas das grandes
cidades, mostrando esgotos correndo entre "cômodos"; cri
anças nuas; paredes de lata. A respeito da migração, ao
sul, dos nossos compatriotas nordestinos, desembarcando
de caminhões com um saco nas costas; desdenhados, ignora
dos e humilhados por aqueles com condições sócio-econômi
cas superiores. A respeito dos índios, com enfeites nos
lábios, nariz e orelhas. A respeito do eterno futebol ,
mostrando o retângulo do campo coberto de papeis,indican
do um povo pouco civil. A respeito das "matanças" de cri
anças abandonadas que dedicam-se à criminalidade. Nestes
últimos anos, para completar o quadro,também fotografias
de alguns destes nossos dramas, nas Igrejas da Europa ,
sob as quais está sempre uma caixa recolhendo doações.
Penso então aos cem e mais Consulados e Embaixadas que
o nosso governo mantém no exterior, empregando milhares
dos nossos co-nacionais quem, como eu e pelo menos duran
te um mesmo número de anos, vêm tais documentários nos
cinemas e TVs, aparentamente não movendo palha ! Ou se
movem, o poder não os escuta.
E assim, faço a seguinte reflexão: por que o nosso go-
verno, mesmo se os meios são parcos, não faz,por uma só
vez - repito: por uma só vez! -,filmar e distribuir gra-
tuitamente no exterior,documentários que mostrem a parte
civil, moderna, limpa e organizada das nossas cidades.As
nossas Universidades, os nossos Bancos, as nossas Igre -
jas, os nossos monumentos, a nossa moderna arquitetura ,
os nossos "Shopping Centers",as nossas belezas naturais?
Por que deve ser eternamente mostrado no exterior so -
mente aquilo que faz parte do nosso drama; refletindo a-
quela imagem negativa, e sempre mais negativa, da nossa
terra e do nosso povo aos estrangeiros ? Como se fôsse-
mos somente o país do carnaval, das favelas, do samba ,
do futebol, da alegria, da sonegação dos impostos, dos
escândalos políticos e financeiros, da inflação, das es-
pertezas, da miséria do nordeste, das mulatas semi-nuas,

da super-dívida externa e assim por diante! Corando-nos
de vergonha.
Não sou o mau brasileiro das críticas superficiais. É
somente aquele sentimento de revolta e de desilusão, men
cionado nas primeiras páginas destas"Notas", que apesar
de passados trinta e cinco anos, continua perturbando.
Mas raramente a ele encontro eco.
Devo ter uma imagem falsa das coisas do nosso país! E
possivelmente, apesar dos trinta anos aí passados, nunca
o conheci. E não o conheço.

Ligado ao assunto: nestes anos fiz uma daquelas obser
vações que não era possível passar despercebida, pois de
extraordinária marcada evidência. Trata-se do seguinte:
em algumas das principais cidades da América Latina (Li
ma,no Peru; Caracas,na Venezuela; S.José, na Costa Rica;
cidade do México), assim como nas cidades da Europa ori-
ental,e mesmo em certas áreas da Europa ocidental; ou no
Cairo ou em Atenas, entre outras, não nota-se o marcato
contraste que notamos nas grandes cidades brasileiras,en
tre (1)a grande riqueza(luxuosos "Shopping Centers", lu-
xuosas moradias, magníficos edifícios, estupendas lojas
e "boutiques", riquíssimos hotéis e restaurantes) e (2)
a grande pobreza das favelas e similares.
Não que as últimas estejam ausentes das cidades e paí-
ses acima citados,pois são características que podem, em
tantos casos,ter em comum com as cidades brasileiras.
Aquilo que não notamos nas primeiras - e aqui está a
observação que não pode passar despercebida -, é o exube
rante desfile de riqueza que notamos nas nossas grandes
cidades. Como se houvesse um abismo entre "grande rique-
za" e "grande pobreza".
Um visitante desprevenido, a quem fosse possível mos -
trar somente os nossos "Shopping Centers", modernos edi-
fícios, elegantes lojas, luxuosas residências, riquíssi-
mos hotéis e restaurantes, poderia ter a falsa impressão
que o Brasil é um país com um nível de vida igual ou su-
perior a qualquer outro !... quando na verdade, somente
uma pequeníssima parte da população goza dessa riqueza !
e depois do abismo, encontramos a grandíssima maioria vi
vendo sob os eternos "malabarismos" diários, ou na mais
absoluta miséria.

Portanto, como conciliar no meu íntimo todos estes pro
blemas, com a possibilidade de voltar a viver no Brasil?
Difícil! Traumatizante !

L

Neste 1993, completo 65 anos, e se possível, recomeçaria novamente meus anos de viagens.

Sessenta e cinco anos é uma estranha idade !

Pode ser somente um número; certamente mais "baixo" que foi na antiguidade, quando o tempo de vida do homem era muito inferior àquele dos nossos dias.

Será que nos próximos séculos a ciência conseguirá dilatar ainda mais os anos de vida dos membros da nossa espécie ? Talvez 120 ! Talvez 150 ! ou talvez 200 !

Nada é impossível à capacidade inovativa do homem.

Nos anos que imediatamente precederam a passagem do milênio anterior(entre os anos de 999 e 1000), o homem da Idade Média pensava e escrevia, que o ano 1000 significava o"fim do mundo"e que a humanidade não teria condições para sobreviver outros mil anos".

Mas aqui estamos, nestas vésperas do 2000 !

E quando pensamos o que a nossa espécie descobriu e realizou nestes mil anos, sabemos que ela descobriu e realizou somente uma gota,do oceano que representará as descobertas e realizações dos próximos mil !

Em 2999, o homem possivelmente não verá a passagem do nosso milênio(1999)como nós hoje vemos o ano de 999,pois malgrado as descobertas e realizações destes últimos mil anos, estas representarão um grande nada, comparadas com aquilo que será descoberto e realizado nos próximos mil!

Em 2999,as viagens a todos os Planetas serão já coisa velha e antiquada,como nós hoje vemos os aviões no ar,ou os trens elétricos ou os veículos a motor.

A ciência já terá também encontrado, há séculos, remédios seguros para a completa cura do cancer,da Aids e de tantas outras moléstias a nós hoje conhecidas. Entretempo,terão surgidas outras dos mistérios das coisas do Universo; "novas em folha".

E os membros da nossa espécie que em 999 eram considerados velhos com 40 anos, e que nesta nossa passagem de milênio o são com 80,em 2999, possivelmente o serão quando atingirem 120 ou 150 anos !

Também os últimos vestígios do tabu do sexo terão já desaparecido há séculos,pois a nossa espécie terá outras

coisas mais excitantes que o sexo com que ocupar-se. Novas gerações terão vida através de processos químicos trabalhados em laboratórios, e os casais, ordenarão filhos, filhas ou mistos, na quantidade desejada,indicando cor, caráter, grau de inteligência e altura quando adultos.Como hoje vamos aos supermercados escolher e comprar bananas, queijos e vinhos !

Em 2999, também as escolas e universidades já terão desaparecido há séculos. Diante de um terminal de computador, ou outro mais aperfeiçoado instrumento, o jovem tomará suas lições, prestará seus exames e no fim, apertando um botão, terá seu diploma.

*

Dizia que "sessenta e cinco anos podem ser somente um número", mas não importa quanta saúde possamos ter - ou quanto possamos ter mantido conservada nossa aparência - o véu frio da velhice começa a descer no nosso corpo e nos nossos sentimentos. Aquele frio quase imperceptível do tempo que passa. Sempre mais longo e sempre mais longe atrás de nós. Sempre mais breve na frente dos anos que ainda nos restam. Aqueles que chamo "anos improváveis".

Não obstante, sessenta e cinco anos é uma idade quando o homem tende a"tirar uma soma"da própria vida. Uma espécie de "balanço", à moda de Luca Pacioli, que no século XVI, inventou a contabilidade !

Todos nós o fazemos. Alguns inconscientemente; outros ponderando sobre tantas coisas e fatos pelos quais passaram.

No meu caso, somando os "débitos", que foram os anos difíceis da infância e da adolescência; os desgostos, a miséria, os remorsos, a lembrança das pessoas caras que já não existem; os erros cometidos,as ocasiões perdidas. Somando também os créditos, que foram os anos alegres e falsamente despreocupados da tarda juventude; o resultado conseguido no longo processo de autodidata e no trabalho; os anos de viagens e os ensinamentos deles recebidos; o sucesso na escolha da companheira, com quem, juntos, repartimos problemas, esperanças, alegrias, emoções - e pecados. Também o crédito de ter conseguido - apesar das dificuldades dos meus primeiros anos no exterior - pôr alguns tostões à parte, permitindo a continuação das

viagens e a tranqüilidade de uma velhice confortável.

Mas acima de tudo, como a cúpula das catedrais, a qual engloba e torna insignificante o resto da estrutura, aquela suprema satisfação de ter conseguido fugir do tradicional ritmo de vida, que milhões de homens seguem do berço ao túmulo.

Resta também em mim a lembrança de tantas coisas impossíveis de ser apagadas da memória. Um vasto patrimônio de impressões e experiências, como se tivesse passado trinta e cinco anos caminhando pelas salas de um imenso Museu. Trocando idéias com outros visitantes; procurando conhecê-los tanto quanto possível fosse conhecer o próprio Museu.

- A lembrança da primeira viagem à Europa, em 1958;
- dos anos vividos em Paris;
- da visão dos lagos e montanhas da Escócia;
- de Odessa e Yalta, no Mar Negro;
- dos jardins do Palácio de Alhambra, em Granada, na Espanha; construido pelos Sultões durante o domínio árabe-muçulmano;
- das ruínas dos Templos Dóricos da Grécia, como o Parthenon, construido no V séc.A.C., na Acrópolis de Atenas, durante o governo de Péricles;
- dos Alpes brancos e eternos, imaginando Annibal Barca, que os atravessou no outono de 215 A.C., pelo Passo de Moncenisio, a 80 quilómetros a oeste de Augusta Taurinorum, hoje Turin; com um exército parcialmente montado em elefantes;
- dos mesmos Alpes, que 900 anos depois, foram atravessados pelos exércitos de Carlos Magno(742-814 D.C.);
- de Stockholm, de Oslo e de Copenhaguem, na Escandinavia;
- da gente doce e meiga da América Central;
- de Bologna, Siena e Florença, na Itália setentrional, com toda a riqueza arquitetônica e artística dos anos da Renascença e daqueles que esta precederam;
- da Basílica de Santa Sophia, em Kiev, URSS, uma das primeiras construidas na Rússia Ucraína(séc.XI D.C.), representando o início da conversão da população local à religião Cristã-Ortodoxa;
- da séria reflexão que fazemos diante dos ex-campos de concentração de Buchenwald, Treblinka, Dachau, Sobibor, Auschwitz-Birkenau, Berger-Belsen, Mauthausen, Maidanek, Chelmo, Ravensbruck e Theresinstadt, onde milhões foram marterizados;

- de Bayreuth, na Alemanha, e do seu histórico teatro das óperas de Richard Wagner("O Ouro do Reno","Lohengrin", "O Navio Fantasma","Tannhauser","Walkirias", "O Crepúsculo dos Deuses", "Rienzi", "Parsifal", "Os Mestres Cantores de Nürnberg","Tristão e Isolda");
- de Waterloo, na Bélgica;
- da filosofia de vida, assim como expressa pelos ribeirinhos dos afluentes do Amazonas e Negro, homens que ignoravam a existência de jornais e rádio;
- de Lugano, Luzerna e de Genebra, na Suiça;
- da arquitetura Barroca de Praha, na Tchecoslováquia;
- daquelas pequenas cidades da Inglaterra, longes do turismo, onde temos a impressão que tudo continua como nos séculos passados;
- do Egito, com a visão das suas grandes Pirâmides, da navegação pelo Nilo, do Vale dos Reis e da sua riqueza hitórico-arquitetônica, principalmente representada pelos Templos Karnak, Saqqara, Gizeh, Luxor e Abou-Simbel; pelos túmulos de Tutmosis III e Tutankhamen, assim como pelo estupendo Museu das Antiguidades do Cairo;
- das touradas em Sevilha, Madrid e Granada; ou a vitória da inteligência sobre a força bruta, mas que a reflexeção acima citada, deixa dentro de nós um grande ponto de interrogação;
- da primeira viagem ao leste europeu (Polônia, Tchecoslováquia, Hungria, URSS, Áustria), explorando territórios a mim desconhecidos;
- de Cumboto, na Venezuela;
- do Palácio de Versalhes e da história a ele ligada;
- dos magníficos jardins de Kyoto, no Japão;
- da vitalidade do espírito de emprendimento do povo norte-americano, e das lições que dele aprendemos;
- de Berlin, ainda semi-destruida pela guerra;
- do Palácio das Conferências em Den Haag(Haya), na Holanda, onde o nosso Ruy Barbosa levou alto o nome do Brasil;
- da catedral da cidade de Clermont, na França, onde Papa Urbano II, em 1095, proclamou o início da primeira Cruzada contra a instalação do Islamismo em Jerusalem;
- das ruínas do Teatro Pompeo, na Antiga Roma, onde reunia-se o Senado, e onde Caio Júlio César foi assassinado em 44 A.C.;
- do mesmo Senado, que em 476 D.C., na última fase da decadência do Império Romano no ocidente, depôs Romu

lo Augústolo,o último imperador de Roma no ocidente, depois do qual o poder passou aos "basileus" de Constantinópolis;

- da baía de Sorrento e de Capri, na Itália, e das ruínas das cidades de Stabiae, Herculanum e Pompéia,destruidas pelas lavas do Vesúvio em 24 de agosto de 79 D.C.;cidades que morrendo, ficaram imortais;
- de Amsterdam, na Holanda; a "Venezia" do norte;
- das planícies verdes do Kentucky;
- das longas caminhadas solitárias e noturnas numa Londres embrulhada na neblina;
- dos grandes lagos entre o Canadá e os USA;
- da remota Sibéria, com suas estepes e com sua gente semi-primitiva;
- da sensação de sentir a presença de Deus, no impressionante silêncio de um oásis, no deserto do Sahara;
- da gruta de Lascaux, na Dordogna,França, onde os nossos antenados da Era Paleolítica, deixaram sugestivas pinturas nas suas paredes,como testemunha de uma arte primitiva; gruta descoberta em 1940 e chamada a "Capela Sistina da Antiguidade";
- da Veneza dos Dodges; da Florença dos Medicis;da Milão dos Sforzas; da Mântova dos Gonzagas; da Parma dos Farnesi; da Gênova dos Dórias; da Roma dos Bórgias, Colonnas e Orsinis, e da Ferrara dos D'Estes;
- da cidade Inca de Macchu-Picchu(Cuzco),nos Andes,nunca descoberta pelo conquistador espanhol Francisco Pizzaro(séc.XVI); ignorada também pelo resto do mundo até 1912;
- das ruínas da Antiga Roma,primeiro monárquica,depois republicana e finalmente imperial; e do prazer de caminhar sobre a Via Appia Antiga, chamada "Regina Viarium",iniciada em 312 A.C.por Appio Cláudio Cieco.Tocando as pedras no chão; lembrando que sobre aquelas mesmas pedras, somente menos gastas, passaram as Legiões Romanas,assim como os imperadores da Antiga Roma;
- da mesma Via Appia e da Igreja de "Quo Vadis"onde,segundo tradição, Jesus apareceu ao Apóstolo Pedro, fugindo de Roma, convidando-o a voltar sobre seus passos;
- da costa do Estado americano do Alaska,por sete dias dentro de um grande transatlântico, admirando as montanhas de gelo;
- da influência do domínio árabe nas cidades do sul da Espanha (Cadiz, Málaga, Almeria, Toledo, Cartage-

na, Córdoba,Sevilha); na arquitetura,na sua música e nos seus costumes, ainda hoje preponderante ;
- de Budapest, na Hungria;
- da viagem fluvial pelo Li, na China, com suas montanhas cuneiformes;
- de Viena e das casas onde Mozart,Beethoven, Schubert criaram aquelas maravilhosas obras sinfônicas;
- de Lisboa e das suas casas de fado, assim como das graciosas cidades de Estoril, Sintra e Queluz;
- das cachoeiras do Niágara, entre os USA e o Canadá;
- da imensa história e da imensa arte e ciência da velha Europa, marchando juntas e tantas vezes confundindo-se entre elas, antes de Copérnico,Tycho Brahe, Gallileu,Kepler, Bernini, Christopher Wren, Descartes, Newton e tantos outros;
- da descida à cratera do Vesúvio, deixando um documento com o guarda, para não o responsabilizar no caso de acidente;
- das noites alegres na cidade do México;
- daquela tremenda tempestade em alto mar entre a ilha de Antígua(mar das Caraíbas)e Savannah, no Estado americano da Georgia; naquele cargueiro onde fui o único passageiro; tempestade com ondas que elevavam-se a muitos metros do nível teórico do mar; violenta quanto a Iconoclastia do século VIII D.C.,quando os "basileus" de Constantinópolis mandaram destruir as imagens da Igreja Cristã;
- de Quebec, de Ottawa e de Montreal, no Canadá;
- do "bas-fonds"de Marseiha, cheio de perigos, mas que o espírito de aventuras não via nem sentia;
- da Capela Sistina, na cidade do Vaticano, com os "afrecos" de Michelangelo; e da visão dos adjacentes muros, salas e museus, que no seu todo representam a ma instituição como a Igreja Católica Apostólica Romana, a qual resistiu, através do seu profundo conhecimento da psique humana, a quase 2000 anos da nossa história. Sobrevivendo aos primeiros imperadores romanos, ao impacto do Islamismo, aos abusos e escândalos por ela mesmo produzidos durante a Renascença;ao movimento reformador-protestante de Erasmo de Rotterdam, Martin Luthero e João Calvino; a Napoleão; a todas as guerras, a todas as intrigas, assim como àquela sua página sem glória que foi a Inquisição (séculos XII-XIV), quando seus opositores foram suprimidos pelas perseguições, pela masmorra e pelo fogo; e

principalmente sobrevivendo às suas próprias pequenas e grandes contradições; implícitas na sua natureza político-religiosa;

- da Universidade de Bologna, na Itália, a mais antiga do continente; fundada em 1158 D.C.por Frederico Barbarossa, Imperador do Sacro Romano Império;
- dos concertos ouvidos em teatros,tais como o Covent Garden(Londres); Carnegie Hall(New York); alla Scala (Milão);Salle Pleyel e Palais Garnier(Opera)(Paris); Muzikvereinssaal e Statsopera(Viena);Bolchoi(Moscou) Liederhall(Stuttgart), assim como nos parques de Praga, Tchecoslováquia, ouvindo música dos grandes compositores Boêmios(Smetana e Dvorak);
- do prazer de hospedar-se nos melhores hotéis da Europa, dos USA, da América Central e do Oriente, assim como de freqüentar seus melhores restaurantes,depois dos primeiros anos de privações e sacrifícios;
- da Basílica de S.Francisco, em Assisi, na Itália,com os famosos "affrescos"de Giotto(séc.XIII-XIV);o grande gênio inovador da técnica da pintura e um dos inventores das leis matemáticas da "perspectiva"na pintura,sem a qual os grandes artistas da Renascença e seguintes, como da Vinci, Michelangelo, Botticelli, Van Eick, Piero della Francesca, Holbein, Tiziano Vecello, Paolo Veronese, Pinturicchio,Bellini,Tintoretto,Raphael Sanzio,Mathias Grunewald, Goya,Velazques, Paul Rubens, Rembrandt van Rijn e tantos outros, possivelmente não teriam sido grandes;
- do Kremlin,em Moscou, antiga fortaleza, reconstruída por arquitetos italianos(séc.XV D.C.), na qual estão capelas e catedrais ricamente decoradas de magníficos ícons;
- do mesmo Kremlin, onde em 1812,Bonaparte passou seis semanas antes da catastrófica retirada, batido pelo célebre "general inverno";
- de Gênova, cidade natal de Cristóforo Colombo e Nicoló Paganini;
- dos museus, das pinacotecas, dos castelos e dos palácios que encontramos através da Europa, com toda sua riqueza artística-arquitetônica, que o turista comum, apressado, tantas vezes impreparado, ou simplesmente ignorante daquela riqueza, não vê, ou visita como uma fábrica de cervejas;
- das noites em branco nos cais de Hamburgo, no norte da Alemanha, quando as alegres companhias faziam- me voltar aos vinte anos;

- da arquitetura e dos "vitreux" das grandes catedrais romanescas, góticas e normandas da França(Chartres , Bourges, Laon, Angouleme, Rennes, Orleans, Tours,Reims, Notre Dame e Sainte Chapelle,em Paris),assim como da basílica de Santiago de Compostella(Espanha) ; da Abadia de Westminster e Torre(Londres); e da Basílica de San Marco, em Venezia, tudo construído entre os séculos X e XIII D.C., quando a Europa saía da escuridão de Idade Média, e preparava-se a entrar naquele período de luz e gênios que foi a Renascença;
- dos Templos da Índia e do Nepal, e de sentir-me perto daquelas exóticas civilizações;
- do Museu Ermitage, no antigo Palácio de Inverno , assim como do Palácio de Tsarskoye Selo, ambos em Leningrad (hoje St.Petersbourg);
- das viagens a Hong Kong, China, Thailândia e Japão , tomando contato com os respectivos povos, no seu próprio ambiente;
- dos momentos de saudade do nosso querido Brasil; de um Brasil que não mais conheço,depois de um "exílio" longo e complexo;
- mas acima de tudo, da lembrança daquela maravilhosa sensação de liberdade; de poder mudar de uma cidade e de um país a outro,quase como faziam os antigos ciganos, quando dobravam suas tendas.

Como seria possível apagar tudo isto da memória !

Aquilo que senti e sinto, certamente não tem preço.

Continuamente movido por uma natureza especulativa; sentindo aquele desejo de ver, de observar, de estudar , de criticar; procurando assimilar tudo como um jovem estudante, e não poupando tempo e esforço naquele grandíssimo prazer que foi e é a leitura dos bons livros.

Sinto-me na condição de um privilegiado - que talvez não mereceu tanto -, mas não o digo com excessiva humildade, pois penso ter pago, através da coragem, cada momento de tal condição. Penso ser um dos raros, pois não conheci outros nestes meus sessenta e cinco anos,que sem bolsas de estudo, sem empregos públicos no exterior, sem viagens pagas pelo governo ou por entidades e ele afiliadas; sem a proteção ou favores de terceiros e sem o auxílio de parentes ricos, pôde realizar um maravilhoso sonho. Nascido durante uma infância e uma adolescência eco

nômica e emocionalmente difíceis. Cheias de sacrifícios e humilhações; carregando pesados embrulhos pela velha rua 25 de março, em S.Paulo, quando não tinha ainda doze anos de idade !

Mas aqueles das viagens, não foram anos somente de prazeres. Não faltaram também, principalmente durante o período inicial,momentos de grande solidão e tristeza. De grandes preocupações pelos poucos tostões que tantas vezes sobravam nos bolsos;de momentos de abatimento moral, quando tudo parecia irremediavelmente perdido. Junto da sombra de um "perpétuo fantasma", que perseguia-me naqueles primeiros anos: aquele de precisar voltar ao Brasil sem ter realizado meu sonho.

Mas era preciso reagir. Sempre e sem condições. Com aquele instinto natural e empírico do homem, o qual diz que o passar do tempo, se há reação e luta, é remédio para todas as desventuras da vida.

Naqueles anos difíceis, vinha-me à mente a visão do famoso quadro de Wilhem von Kaulbach(1805-1874), visto no Museu Histórico de Berlin.Representando a batalha de Chalons(França), em 451 D.C., na qual Áttila foi batido pelos Visigodos. Nele,os combatentes são configurados como se continuassem a bater-se mesmo depois de mortos!

Mas o ser humano, com o seu natural egoismo;na sua pretendida vontade de independência, e na sua ilusão de ser sempre capaz de pintar de rosa os momentos negros da vida, pode também encontrar-se à beira do abismo. Reconhece então quanto é insignificante e quanto é efêmero.

Todavia, quando a hora do inevitável ocaso chegar, não prevalecerá na minha mente,somente uma lista dos sacrifícios feitos e das ocasiões perdidas. Se naqueles últimos momentos sente-se uma sensação de desamparo e tristeza , será aquele de não poder ouvir,ainda e ainda,a maravilhosa música dos séculos 18 e 19. Aquela que nos pode transportar a um mundo verdadeiramente celestial; que nos faz sentir menos insignificantes e menos efêmeros.

Ficou também na minha memória, um diálogo que tive, anos atrás, com um velho beduino enrolado no seu manto e turbante, que caminhava solitário entre as ruínas da antiga Carthago(do Fenício: Kart Hadesht:"cidade nova"),no norte da África.

Era um fim de tarde com um pôr-do-sol que parecia irre

al, como o Mediterrâneo oferece frequentemente. Com as ruínas de Carthago projetadas no espaço,como descrito no "Paradiso" de Dante Alighieri(1265-1321).

Não era difícil imaginar o que os Carthagineses tinham diante dos olhos no tempo de Annibal Barca,filho de Amilcar, quando o nascimento de Cristo estava ainda dois séculos no futuro.

Carthago,fundada em 815 A.C.,uma das tantas cidades fenícias fora da própria Fenícia (na antiguidade parte do Líbano,Israel e Síria de hoje),era então rica e famosa. Abrigava um povo inteiramente dedicado ao mar e ao comércio. As campanhas militares de Amilcar e Annibal, foram exceções que os historiadores, de Políbio a Tito Lívio ; de Cornélio Lépore a Flório, até aqueles dos nossos tempos, tiveram e têm dificuldade de explicar completamente.

A presença das ruínas do teatro e das termas, construídos pelos antigos Romanos; daquelas dezenas de pequenos túmulos, onde tinham sido enterradas crianças martirizadas pelos Carthagineses,para satisfazer seus Deuses; das pedras, naquelas ruas de então, onde a marca das rodas das carruagens puxadas a boi ou a cavalo, era ainda visível depois de mais de 2000 anos; dos restos dos muros, que até uma determinada altura pertenciam à Carthago dos Carthagineses e, em seguida, continuados pelos Romanos , depois que a cidade foi conquistada e queimada(146 A.C.) pelos últimos; a presença de todos aqueles vestígios de um passado milenário,que a História trazia aos nossos dias... tudo parecia imprimido na fisionomia do velho beduino, caminhando solitário pelas ruínas da ex-cidade fenícia. Transfigurado como na ópera "Tristão e Isolda" de Wagner, e ao mesmo tempo, mostrando a graça, a poesia e a transparência daquelas maravilhosas sonatas de Domênico Scarlatti, escritas entre 1738 e 48.

Durante a nossa longa troca de idéias, o velho beduino abaixou-se e colheu uma simples pedrinha, das muitas que estavam no solo, onde tinham posto os pés os soldados de Annibal e do general romano Públio Cornélio Scipione,que conhecemos como o "Scipião Africano".

Mostrando-a na palma da mão, ele dizia:

"...às vezes o homem sente-se forte e potente,mas passado o relativamente curto período de vida, é devorado pela natureza e dele resta bem pouco. Somente a

paz e a serenidade interna podem fazer feliz o homem. Todo o resto é relativo, temporâneo e ilusório! Veja por exemplo, esta simples e insignificante pedrinha! Certamente estará nesta zona há milhares de anos, e quando de nós não restará mais traço, ela continuará nestas paragens... talvez eternamente".

E assim, as palavras escritas por Santo Agostinho, o grande filósofo da Igreja Cristã, nos podem servir, tantas vezes como guia, independentemente se crentes, agnósticos ou ateus: "Prava corrigere, recta corroborare, sancta sublimae"(corrigir aquilo que é errado;revigorar aquilo que é bom; glorificar aquilo que é sublime).

*

Então para onde depois da Carolina do Norte ?

Não sabemos, mas não deve ser um drama da indecisão, como no "Hamlet" de William Shakespeare(1564-1616), onde o problema foi "de ser ou não ser"!

O incerto e o desconhecido,apesar da idade e apesar de tudo aquilo que o coração não poderá jamais esquecer,continuam tendo para mim a mesma atração que tinham meio século atrás!

Mas como disse Winston Churchill durante a última guerra, no seu discurso de 30 de maio de 1942, quando os fatos da guerra começavam já a desenhar um destino diferente para a Inglaterra: "...não é ainda o fim. Nem mesmo o início do fim, mesmo se pode ser o fim do início".

"Fim do início...?"

Não certamente para mim! Mas o poderá ser para jovens, que guiados pela curiosidade do novo, queiram dar um sentido diferente e fascinante à vida; fugindo dos "esquemas tradicionais" seguidos por milhões.

O nosso pequeno Planeta aqui está, diante dos nossos olhos e sob nossos pés.Pronto para ser re-descoberto,oferecendo mil oportunidades culturais e financeiras, àqueles genuinamente atraidos pelo incerto e pelo desconhecido.

* * *

1958 - 1993

1. não incluidas todas as cidades visitadas.
2. quando possível, nomes de países e cidades mostra - dos também na língua local.
3. alguns países e algumas cidades mostram dois ou ma- is nomes oficiais; referindo-se às línguas oficiais usadas.

ANDORRA
ALGERIE(Argélia): Constantine,Annaba.
BARBADOS: Bridgetown.
BELGIQUE,BELGIE(Bélgica): Bruxelas,Liege,Ostende,Antwer- pen.
BHARAT JUKTARASHTRA(Índia): Bombay,Delhi,Benares,Khajura ho,Agra,Jaipur,Fatehpur Si - kri,Fort Amber,Aurangabad,A- janta,Sarnath.
BOLÍVIA: La Paz.
BUNDESREPUBLIKDEUTSCHLAND(Alemanha Federal): Munchen,Bay reuth,Nürnberg,Bonn,Köln,Dussel dorf,Frankfurt,Frieburg,Hamburg
CANADÁ: Montreal,Quebec,Toronto,Hamilton,Ottawa.
CCCP(URSS): Minsky,Smolensk,Leningrad,Kiev,Odessa,Yalta, Gorky,Kursk,Moscou,Irtkusk,Khabarovsk.
CESKOSLOVENSKO(Tchecoslováquia): Pilsen,Phaha,Ceske Bude jovice,Brno.
COSTA RICA: San José,Limon,Puntarenas.
DANMARK(Dinamarca): Kobenhåvn
DEUTSCHEDEMOKRATICHEREPUBLIK(Alemanha Democrática):Ber - lin.
DOMENICANA(República): San Domingo.
EL SALVADOR(Salvador): San Salvador.
ENGLAND(Inglaterra): Liverpool,Manchester,York,London,Ox ford,Birmingham,Sheffield,Leeds,Bla ckpool,Dover,Porthsmuth,Cambridge , Newcastle,Plymouth,Cantenbury,Wind- sor.
ESPAñA(Espanha): Málaga, Alicante,Córdoba,Valência,Zara- gosa,Bilbao,Madrid,Cadiz,Sevilla,Burgos Granada.

FRANCE(França): Bordeaux,Nantes,Tours,Orleans,Rennes,Pa-
ris,Nancy,Nice,Marseille,Cannes,Brest,Ly
ô,Strasburg,Troyes,Reims,Rouen,Saint Ma
lô,Le Havre,Lille,St.Etienne,Limoges,Tou
louse,Grennoble,Sedan,Chartres,Amiens,Be
thune,Lourdes.
GRENADA(Granada): St.Georges.
GUATEMALA: Ciudad de Guatemala.
HAITI: Port-au-Prince,Cap Haitien.
HELLÁS(Grécia): Athinae.
HONDURAS: Tegucigalpa.
ITÁLIA: Roma,Firenze,Napoli,Bari,Bologna,Milano,Môdena ,
Parma,Torino,Gênova,Venezia,Ferrara,Pádova,Anco-
na,Siena,Catânia,Lucca,Verona,Pescara,Bergamo,Co
mo,Capri,Brescia,Livorno.
JAMAICA: Kingston.
LIECHTENSTEIN: Vaduz.
LUXEMBOURG: Luxembourg,Arlon.
MAGYARORSZAG(Hungria): Budapest.
MASR(Egito): El-Qahíra,El-Iksandariya,El-Uksor,Asvan,Ed-
fu,Komambo.
MéXICO: México City,Puebla,Guadalajara,Toluca,Cuernava -
ca,Tampico.
MÔNACO(Principautè): Monte Carlo.
NEDERLAND(Holanda): Amsterdam,Utrecht,Den Haag,Rotterdam
Haarlen, Eindhoven.
NEPAL: Kathmandu,Patan,Pachupatinah,Bodhnath,Bhadgan.
NICARAGUA: Managua.
NIPPON,NIHON(Japão): Tokio,Kyoto,Nara,Nikko,Yokohama.
NORGE(Noruega): Oslo.
OSTERREICH(Áustria): Baden,Wien,Wiener Neustadt,St.Polen,
Linz,Salzburg,Klagenfurt,Graz,Inns-
bruck.
PANAMÁ: Panamá City.
PERU: Lima,Iquitos,Callao.
POLSKA(Polônia): Warszawa,Lodz,Poznan,Cracovia.
PORTUGAL: Porto,Lisboa,Setubal,Coimbra,Sintra,Leiria,Évo
ra,Queluz,Estoril.
SAN MARINO(República de)
SCOTLAND(Escócia): Dundee,Aberdeen,Glasgow,Edinburgh.
SENEGAL: Dakar.
SUISSE,SVIZZERA,SVIZR,SCHEWEIZ(Suíça): Geneve,Zurich,Lu-
zern,Locarno,Basel,Bern.
SVERIGE(Suécia): Stockholm.
TAILÂNDIA: Bangkok.
TRINIDAD Y TOBAGO: Port-of-Spain.

TUNISIA,TUNISIE(Tunísia): Sfax,Tunís,Sousse,Gabés,Kairu-
an,Bizerte,Hammamet.
UNITED STATES OF AMERICA(USA): Chicago,Ill., Cleveland ,
Oh.,Washington,DC, New York,NY.,
Philadelphia,Pa.,Boston,Mass.,De
troit,Mich.,Toledo,Oh., Charlot-
te,NC, Cincinnati,Oh.,Milwaukee,
Wis.,Columbus,Oh.,St.Louis,Mis.,
Louisville,Ky.,New Bedford,Mass.
Syracuse,NY,Rochester,NY,Charles
ton,Va.,Albany,NY,Seattle,Wash.,
Raleigh,NC.,Los Angeles,Ca.,Pit-
tsburg,Pa.
VENEZUELA: Caracas,Maracáibo,Valência.
WALES(País de Gales): Cardiff.
XIANGGANG(Hong Kong).
YUGUSLAVIA: Zagreb,Beograd,Sarajevo.
ZHONG GUò(República Popular da China): Beijing,Shang-Hai
Hangzhow,Kuangchow,Guilin.

COMPOSIÇÕES CÉLEBRES

Àqueles que não conhecem esta maravilhosa forma d'arte, portanto perdendo um dos verdadeiros grandes prazeres da vida, recomendo o seguinte:

(nota:algumas palavras em língua estrangeira, pois não as conheço em português).

(abreviações:CPO(concerto para piano e orquestra); CVO (concerto para violino e orquestra) S(sinfonia); SO(sonata);OU(ouverture).

ALBENIZ,Isaac(1860-1909): "Ibéria".
ALBINONI,Tomaso(1671-1750): Adágio para Arcos e Orgão ; Concerto em Dó para Trompa e Orquestra.
BACH,Johann Sebastian(1685-1750): Concertos Brandenburgueses n.2,3,4 e 6; Suite n.3 em Ré-Maior para orquestra; CVO em Lá; Coral e Cantata n.147;Paixão segundo S.Matheus; Missa em Si-Menor.
BEETHOVEN,Ludwig van(1770-1827): S n.3(Eróica),5(Destino),7(Dança),9(Coral);SO "Waldstein","Kreuzer" "Apassionata","Les Adieux","Primavera","Luar"; OU "Coroliano","Eleonora","Egmont"; CPO n. 3,4 e 5; CVO (unico); "15 variações e fuga para piano"; SO n.17 em Fá para Piano e Corno".
BERLIOZ,Hector(1803-1869): S "Dramática" e "Fantástica".
BIZET,Georges(1838-1875): "L'Arlesiana"(intermezzo e suite).
BORODIN,Aleksandr Porfirevich(1834-1887): S n.2.
BRAHMS,Johannes(1833-1897): Todas as 4 S; "Quarteto em Fá-Menor,opus 34";"Ein DeutscheRequein";CPO n.1 e 2; OU Trágica; Duplo Concerto para violino e violoncelo.
BRUCH,Max(1838-1920): "Fantasia Escocesa para violino e orquestra"; CPO n.1 em Sol.
CHAUSSON,Ernest(1855-1899): "Poema opus n.25".
CHOPIN,Frederic François(1810-1849): CPO n.1;"Silphide".

DEBUSSY,Claude(1862-1918): "La Mer", " Prelude a l'aprés midi d'une faune".
DE FALLA,Manuel(1876-1946): "Noites nos Jardins de Espanha", "Sombrero de Tres Picos".
DVORAK,Antonin(1841-1904): S n.8 e 9; "Concerto em Si para Violoncelo e Orquestra"; "Dança Slava em Mi n. 2, opus 72"," CVO n.2 em Lá".
FRANCK,Cesar(1822-1890): S em Ré-Menor; "Poema sinfônico Psyche".
GLUCK, Christopher Willibald(1714-1787): "Che faró senza Euridice", da ópera "Orpheu e Euridice"; OU da ópera "Ifigênia in Áulide".
GRIEG,Edvard(1843-1907): CPO em Lá; "Pier Gynt"; "Marcha opus 56".
HANDEL,Georg Frederick(1685-1769): "Música para Fogos de Artifícios";"Concerto para Corno";"Messiah";e todas as demais composições de Handel.
HAYDN,Franz Joseph(1732-1809): CVO em Ré; S em Dó (dos brinquedos); S n.44,82,94 e 101; S concertante opus 84; Concerto n.1 para Trompa.
LISZT,Ferenc(1811-1886): "Os prelúdios", CPO n.1.
MAHLER,Gustav(1860-1911): S n.4 e 5.
MASSENET,Jules(1842-1912): "Meditação da Ópera Thais".
MENDHELSSON-BARTOLDY,Felix(1809-1847): S n.3(Escocesa), n.4(Italiana);CVO em Mi-Menor; "Música para um drama de Shakespeare " (sonho para uma noite de verão).
MOZART,Wolfgang Amadeus(1756-1791): S n.39,40 e 41; Concerto em Dó para flauta e orquestra;Concerto para Corno; CVO em Sol-Maior K.216; Concerto em Lá-Maior para clarinete e orquestra K.622; Serenata em Si-Bemol K.361";"Ein Kleine Musik"; S Hafner";Óperas: "Don Giovanni","Rapto del Serraglio","Matrimonio di Figaro","Cosi fan tutte","A Flauta Mágica"; CPO K.467; "Missa Solemnis".
MUSSORGSKY,Modest(1839-1881): "Uma noite sobre o Monte Calvo", "Quadros de uma Exposição".
PAGANINI,Nicoló(1782-1840): "CVO n.1 e 2.
PROKOFIEF,Serghei(1891-1953): "Sinfonia Clássica","Suite Sinfônica Tenente Kize".
PUCCINI,Giacomo(1858-1924): Ópera "Madama Butterfly".
RAKHMANINOV,Serghei(1873-1943): CPO n.2.
RAVEL,Maurice(1875-1937): "Daphne Chloé".
RESPIGHI,Ottorino(1879-1936): "Os Pássaros"; "I Pini di Roma".
RIMSKY-KORSAKOV,Nicolai(1844-1908): "Suite Scherazade" , "Grande Pascoa Russa".

SAINT-SENS,Camille(1835-1921): S n.3; "Introdução e Rondó Caprichoso".

SALIERI,Antonio(1750-1825): Concerto em Dó para flauta e Orquestra.

SCHUBERT,Franz(1797-1828): S "Inacabada" e "Grande".

SCHUMANN,Robert(1810-1856): Todas as quatro sinfonias.

SHOSTAKOVICH,Dimitri(1906-1975): S n.5 e 7(Leningrad).

SIBELIUS,Jan(1865-1957): "Finlândia"(poema sinfônico), CVO em Ré-Menor; S n.2; "Love Scene"(Romeu e Julieta).

STRAUSS,Richard(1864-1949): Poemas sinfônicos: "Assim falou Zaratrusta" e "Don Giovanni".

STRAVINSKY,Igor(1882-1971): "Sagra da Primavera", "Suite do Ballet Petrushka".

TCHAICOVSKY,Petr Illich(1840-1893): S n.4,5 e 6; CVO em Ré-Menor,opus 35; OU Francesca da Rimini; OU Fantasia(Romeu e Julieta); CPO n.1;"Lago dos Cisnes"; "Suite Quebra Noses","Capricho Italiano"; OU 1812; OU ópera "Eugen Onegin".

TELEMANN,Georg Phillip(1681-1767): OU suite para trompa; todas as demais composições de Telemann.

VERDI,Giuseppe(1813-1901): Coro "Va pensiero"da ópera Nabuco; Coro "Glória ao Egito"da ópera Aida.

VIVALDI,Antonio(1678-1741): "As quatro estações"; Concerto para dois violinos; todas as demais composições de Vivaldi.

WAGNER,Richard(1813-1883): OU das óperas:Rienzi, O navio Fantasma, Tannhauser, Lohengrin,Parsifal, Tristão e Isolda, O Crepúsculo dos Deuses, Walkírias; Prelúdio e Morte de Isolda(ópera Tristão e Isolda); "Murmurio da Floresta" e "Idílio de Sigfried", da ópera "Sigfried"; Coro nupcial da ópera "Lohengrin".

WEBER,Karl Maria von(1786-1828): OU Oberon; Concerto em Fá para fagoto e orquestra.

* * *

FILOGENIA

(do grego: "Philogenesis"(evolução das espécies)

Daquilo que sei, um dos problemas nas escolas, principalmente naquelas de nível superior,é o complicado - não prático -,sistema de ensinamento. É um problema na Europa,nos Estados Unidos e certamente nos países em desen - volvimento.

Ao invés de expor as matérias aos estudantes de um modo simples, prático, direto e esquemático - como estou tentando fazer com a "Filogenia do homem" -, a tendência generalizada é fazer longas dissertações, portanto difíceis de ser assimiladas na memória. Se o estudante vê uma fórmula química, ou uma árvore genealógica, ou um específico programa do computador eletrônico, ou a fotografia de uma cidade, e partindo destas procura aprofundar-se - ao invés de longas dissertações -,ele tem melhor sorte na assimilação do assunto ou do problema.

Felizmente, sempre segundo aquilo que sei, o mundo da escola - em todos os níveis -,caminha, mesmo se vagarosamente, na direção de evitar desnecessárias complicações, simplificando assim a transmissão da cultura de uma geração a outra. Em palavras simples, usando métodos simples, práticos, diretos e esquemáticos; ou,para dizer de uma maneira realmente vulgar, "à prova de cretinos".

Nada há de novo nisto.

Aquele que ensina, porém, seja a física, ou a astronomia, ou uma língua, ou a arte culinária, ou um simples jogo de cartas, enfim, tudo, tem a tendência - consciente ou não -, de mostrar ao aprendiz, "aquilo que sabe e quanto sabe", e assim, eventualmente, ganhar prestígio , mas tantas vezes falindo no processo de separar o essencial do acidental. Tal tendência, naturalmente, faz parte da natureza humana.

Ligados à "metamorfose" da "forma complicada" à "forma simples, prática,direta e esquemática", estão, por exemplo, os textos de alguns livros didáticos,os quais foram e são os meios indiretos para a transmissão da cultura. A descrição de um animal, de uma casa ou de uma estrela, feita durante os "séculos das especializações" - para não ir muito atrás no tempo -,de um lado, e a descrição

feita hoje, do outro; já mostram uma considerável dife - rença no volume de palavras e na forma de apresentação . Àqueles que aprendiam nos séculos passados, a descrição e a apresentação usadas nos nossos dias, pareceriam su - perficiais e incompletas. Inversamente, para os estudan tes dos nossos dias, as formas usadas naqueles séculos parecem complicadas e "inflacionistas".

Experiência diz que o objetivo natural e racional do homem a nós contemporâneo, em todos os campos, é aquele de procurar o simples, o prático, o direto e o esquemáti co. Como na simples geometria, a qual diz que " a menor distância entre dois pontos é uma linha reta".

Não somente porque o simples, prático, direto e esque- mático podem causar ao estudante menor esforço - preo- cupação constante dos jovens de todos os níveis no mundo da escola -, mas porque usando tal diretriz, ele pode ab sorver mais(e mais rapidamente),e assim robustecendo sua bagagem de conhecimentos com um mínimo possível de esfor ço.

Sob o aspecto filosófico, é o efeito do Espaço - sem pre menor e sempre menos disponível nesse nosso mundo su per populado -, e o efeito do Tempo -, sempre mais curto na "corrida pela sobrevivência" -, que forçam o homem na procura do simples, do prático, do direto e do esquemáti co. Não é mais "amanhã" que as novas gerações querem ob- ter novos conhecimentos, nem tão pouco "agora"... mas "ontem" !

*

Alguns nomes/palavras usados nos modestos esquemas que preparei podem ser imperfeitos ou aproximativos; ou na nossa língua podem ser outros, pois não tenho em mãos di cionário científico em português; e infelizmente, pouco conheço nossa língua.

Conflitos de opinião entre velhas e novas teorias cien tíficas sobre a Filogenia do homem (processo de divergên cias iniciado em tempos remotos), continuam e continua rão por um futuro indefinido, assim como continuarão no- vas pesquisas, novas descobertas e novas teorias. E pos sivelmente a "palavra final" nunca será dada !

Somente a teologia nos deu no passado,nos pode dar ho- je e continuará tentando dar no futuro, porém...

Bibliografia usada na preparação do seguinte prático e conciso esquema, inclue: Vratislav Mazak,"O homem histórico"; Bernard Grzimek, "Vida dos animais"; Charles Darvin: os dois livros citados anteriormente nestas "Notas" num dos capítulos sobre a China; J. Pivetau,"A origem da forma humana";Joseph Kleibl, "Os primeiros homens"; Beverly Halstead, "A evolução dos mamíferos"; e Clark J. Gramme, "Europa Pré-Histórica".

FILOGENIA DO HOMEM

Primeiras formas de vida(animal,vegetal),estimado em: de 4 a 6 bilhões de anos atrás.

No desenvolvimento deste "processo evolutivo", há um vácuo que a ciência não conseguiu , **ainda**, explicar de forma persuasível, pois não foram ainda encontrados, **em alguns casos**, fósseis mostrando exemplos de **estágios intermediários** do processo evolutivo.

Evolução de microrganismos de um ÚNICO: **V I D A.**

REINO AMIMAL

MAMÍFEROS

PRIMADOS ← Início: Era Terciária (60 milhões de anos atrás).

ORDEM DOS PRIMADOS

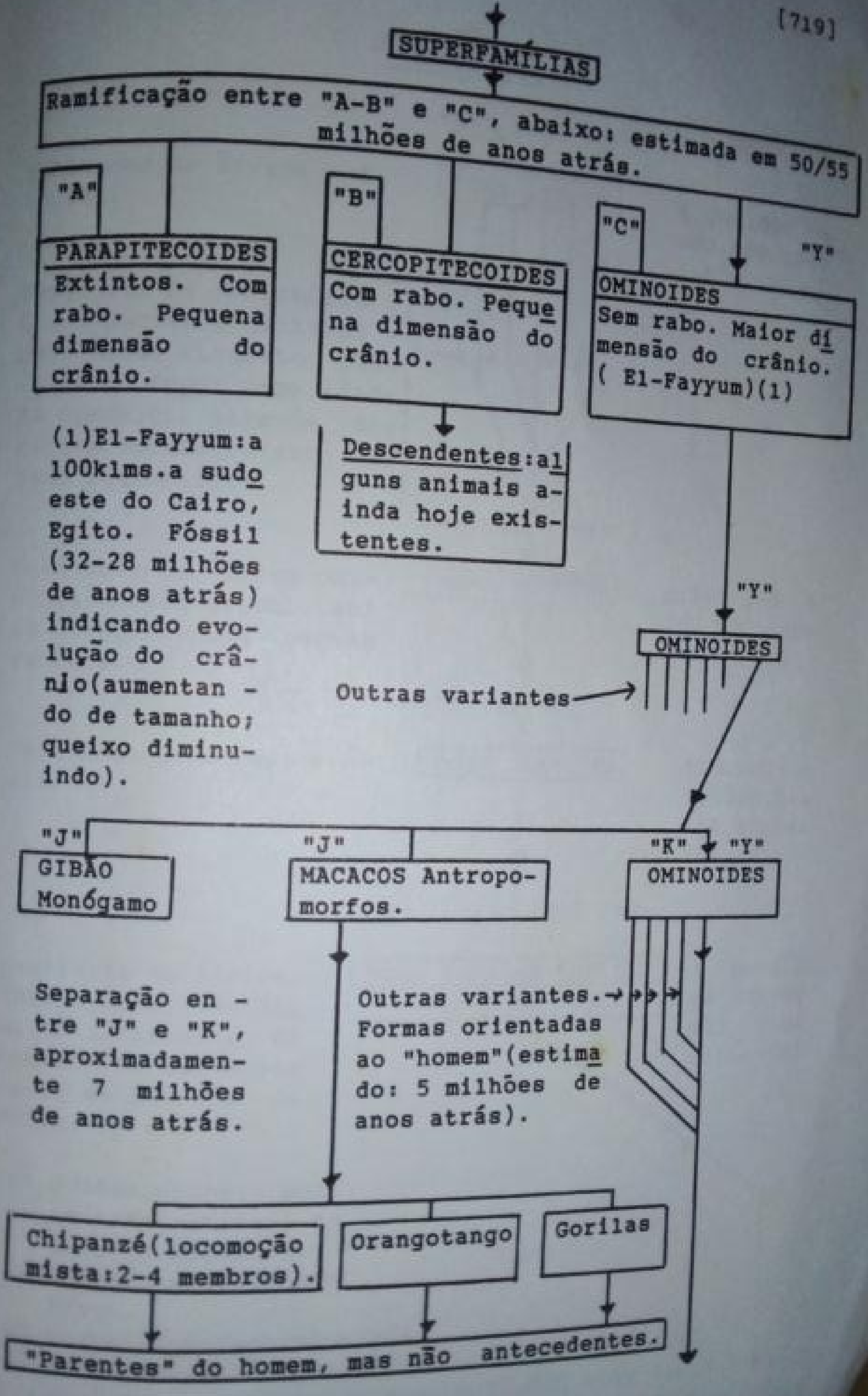
PROSIMAE

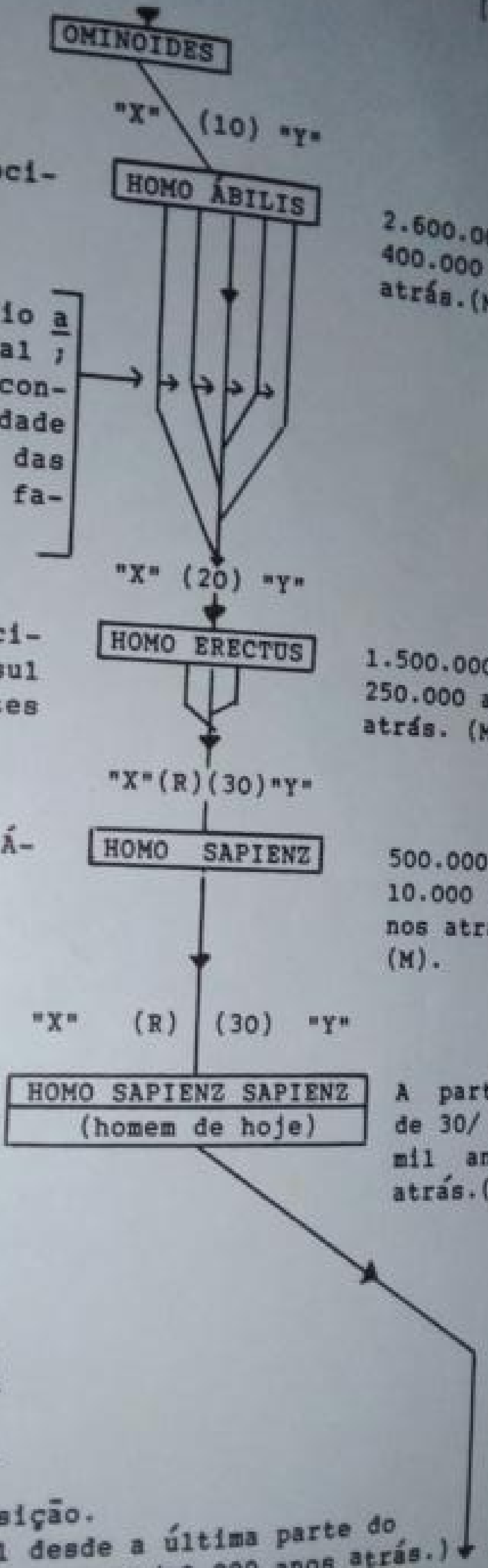
SIMIAE

36 PLATIRRINE
- Dentes
- Nariz Chato
- Pequena dimensão do corpo.
- Narinas afastadas.
- **AMÉRICAS/AUSTRÁLIA**

32 CATARRINE
- Dentes
- Nariz Longilíneo.
- Maior dimensão do corpo.
- Narinas juntas.
- **EUROPA,ÁSIA,ÁFRICA**

SUPERFAMÍLIAS


SUPERFAMÍLIAS
Ramificação entre "A-B" e "C", abaixo: estimada em 50/55 milhões de anos atrás.
"A"
PARAPITECOIDES
Extintos. Com rabo. Pequena dimensão do crânio.
"B"
CERCOPITECOIDES
Com rabo. Pequena dimensão do crânio.
"C"
"Y"
OMINOIDES
Sem rabo. Maior dimensão do crânio. (El-Fayyum)(1)
(1)El-Fayyum:a 100klms.a sudoeste do Cairo, Egito. Fóssil (32-28 milhões de anos atrás) indicando evolução do crânio(aumentando de tamanho; queixo diminuindo).
Descendentes:alguns animais ainda hoje existentes.
"Y"
OMINOIDES
Outras variantes
"J"
GIBÃO Monógamo
"J"
MACACOS Antropomorfos.
"K"
"Y"
OMINOIDES
Separação entre "J" e "K", aproximadamente 7 milhões de anos atrás.
Outras variantes. Formas orientadas ao "homem"(estimado: 5 milhões de anos atrás).
Chipanzé(locomoção mista:2-4 membros).
Orangotango
Gorilas
"Parentes" do homem, mas não antecedentes.



Habitante da África ocidental.

2.600.000 a 400.000 anos atrás.(M)

Conquista do patrimônio animal-social e cultural; pensamento abstrato; controle do fogo; capacidade de comunicar através das cordas vocais(palavra falada rudimentar).

Habitante da África ocidental/setentrional, sul da Europa,certas partes da Ásia.

1.500.000 a 250.000 anos atrás. (M)

Habitante da Europa e Ásia.

500.000 a 10.000 anos atrás. (M).

Habitante da África, Europa,Ásia,Austrália,costa noroeste da América do Sul,costa oeste da América do Norte.

A partir de 30/ 40 mil anos atrás.(M)

"X" Contemporâneos por um indeterminado número de milênios.
"Y" Seleção natural contínua.
(M) Aproximação/sobreposição.
(R) Biologicamente igual desde a última parte do período Paleolítico(aprox.50/10.000 anos atrás.)

CONTÍNUA EVOLUÇÃO não aceita por uma parte da filosofia/ ciência/teologia contemporânea, indicando, sem nada que possa justificar, que o"Homo Sapienz Sapienz"é o "fim da linha"(!).

---

(10) <u>HOMO ÁBILIS</u>: Capacidade média do crânio: 500 cm3.Altura: 1m25/35. Peso:30/42 kls. Pouco difuso sobre a superfície terrestre. Em alguns casos, já mantinha a posição ereta.

(20) <u>HOMO ERECTUS</u>: Capacidade média do crânio: 900/ 1200 cm3. Primeiro construtor de "casas".Altura:1m55/60. Peso: 45/60 kls. Muito difuso; não encontrado somente em determinadas zonas da superfície terrestre. Principais variantes: HOMO HEILDELBERGNESIS, HOMO MAURITANICUS, HOMO PEKINENSIS.

(30) <u>HOMO SAPIENZ</u> e <u>SAPIENZ SAPIENZ</u>: Capacidade média do crânio 1325/1500 cm3. Principais variantes: NEANDERTAL, CRO-MAGNON. Vida média até"milênio"recentes : 20 anos. Primeiro fóssil do homem de NEANDERTAL, encontrado numa gruta perto do rio Neander (Dussel - dorf,Alemanha). Primeiro fóssil do homem CRO-MAGNON encontrado na Dordogna,França.

* * *